

A Correspondência Completa de

SIGMUND
FREUD

para

WILHELM
FLIESS

1887 - 1904

Editado por

Jeffrey Moussaieff Masson



IMAGO EDITORA LTDA.



**A CORRESPONDÊNCIA
COMPLETA DE
SIGMUND FREUD PARA
WILHELM FLIESS
1887-1904**

É provável que as cartas de Sigmund Freud a seu amigo mais íntimo, Wilhelm Fliess, constituam, isoladamente, o mais importante conjunto de documentos da história da psicanálise. Sem que jamais houvesse intenção de publicá-las, as cartas vão de 1887 a 1904, período que abarca o nascimento e desenvolvimento da psicanálise. Durante os dezessete anos da correspondência, Freud escreveu algumas de suas obras mais revolucionárias: *Estudos sobre a Histeria*, *A Interpretação dos Sonhos*, *A Etiologia da Histeria* e o famoso caso clínico de Dora. Aqui apresentados, sem nenhum corte, acham-se 133 documentos nunca trazidos a público anteriormente, e mais 139 antes publicados apenas em parte. A tradução se baseia num texto alemão novo e corrigido e as notas discretas auxiliam o leitor nas alusões difíceis, mas permitem uma interpretação individual do material apresentado.

É raro o criador de um campo totalmente novo do conhecimento humano revelar, tão abertamente e com tantos detalhes, os processos de pensamento que conduziram a suas descobertas. Nenhum dos escritos posteriores tem o imediatismo e o impacto dessas primeiras cartas, nem tampouco revela tão dramaticamente os pensamentos mais profundos de Freud em pleno ato da criação. Aqui vemos Freud esboçar e aperfeiçoar suas teorias, sentir a rejei-

A CORRESPONDÊNCIA COMPLETA DE SIGMUND FREUD PARA WILHELM FLIESS

1887-1904

É provável que as cartas de Sigmund Freud a seu amigo mais íntimo, Wilhelm Fliess, constituam, isoladamente, o mais importante conjunto de documentos da história da psicanálise. Sem que jamais houvesse intenção de publicá-las, as cartas vão de 1887 a 1904, período que abarca o nascimento e desenvolvimento da psicanálise. Durante os dezessete anos da correspondência, Freud escreveu algumas de suas obras mais revolucionárias: *Estudos sobre a Histeria*, *A Interpretação dos Sonhos*, “A Etiologia da Histeria” e o famoso caso clínico de Dora. Aqui apresentados, sem nenhum corte, acham-se 133 documentos nunca trazidos a público anteriormente, e mais 139 antes publicados apenas em parte. A tradução se baseia num texto alemão novo e corrigido e as notas discretas auxiliam o leitor nas alusões difíceis, mas permitem uma interpretação individual do material apresentado.

É raro o criador de um campo totalmente novo do conhecimento humano revelar, tão abertamente e com tantos detalhes, os processos de pensamento que conduziram a suas descobertas. Nenhum dos escritos posteriores tem o imediatismo e o impacto dessas primeiras cartas, nem tampouco revela tão dramaticamente os pensamentos mais profundos de Freud em pleno ato da criação. Aqui vemos Freud esboçar e aperfeiçoar suas teorias, sentir a rejeição dos colegas de ciência e vivenciar seu isolamento profissional. A medida que a amizade com Fliess cresce e se aprofunda, *os dois homens se encontram periodicamente para trocar idéias e apoiar-se mutuamente em seus esforços*. Freud se volta cada vez mais para o amigo enquanto “platéia de uma só pessoa”, mas, no final, é desdenhado também por Fliess.

Entremeados nas atividades intelectuais de Freud acham-se trechos referentes aos acontecimentos do cotidiano — as artimanhas de seus filhos, suas férias de longas caminhadas, suas preocupações financeiras e seus esforços para deixar de fumar. Nenhuma biografia conseguiria retratar tão integralmente o homem multifacetado que ganha vida no texto dessas cartas.

Jeffrey Moussaief Masson é ex-Diretor de Projetos dos Arquivos Sigmund Freud. Suas publicações anteriores incluem *The Assault on Truth*.

Foto da capa posterior: Sigmund Freud e Wilhelm Fliess na década de 1890 (cortesia de Sigmund Freud Copyrights).

**A CORRESPONDÊNCIA COMPLETA DE
SIGMUND FREUD PARA WILHELM FLIESS
1887-1904**

Masson, Jeffrey Moussaieff, - 1 .

M372c

A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess — 1887-1904 / Jeffrey Moussaieff Masson; tradução de Vera Ribeiro. — Rio de Janeiro: Imago, 1986.

(Coleção Psicologia Psicanalítica)

Tradução de: The Freud/Fliess correspondence.

Apêndice.

Bibliografia.

1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Fliess, Wilhelm, 1858-1928.

I. Título. II. Série.

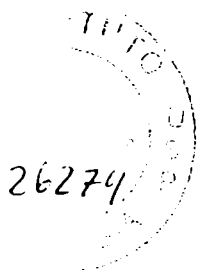
86-0179

CDD — 150.1952

CDU — 159.0 -05

A Correspondência Completa de
SIGMUND FREUD
para
WILHELM FLIESS

1887 — 1904



Editado por
Jeffrey Moussaieff Masson

Coleção Analytica

Direção de
Jayme Salomão

IMAGO EDITORA LTDA.
Rio de Janeiro

THE FREUD/FLIESS CORRESPONDENCE

© 1985 under the Berne Convention Sigmund Freud Copyrights Ltd.

© 1985 J. M. Masson for the editorial matter

Editoração

Coordenação editorial e gráfica: Márcia Salomão Pech e

Iza Marques da Silva

Tradução: Dra. Vera Ribeiro

1986

Direitos adquiridos por IMAGO EDITORA LTDA.

Rua Santos Rodrigues, 201-A — Estácio

Rio de Janeiro — RJ

Tels.: 293-1098 — 293-1092

Todos os direitos de reprodução, divulgação e tradução são reservados.
Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme ou outro processo fotomecânico.

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

Sumário

Prefácio	I
Observações sobre o método	XIII
Abreviaturas das obras citadas	XV
Introdução	1
Primórdios da amizade	15
Tratamento da histeria	49
A intensificação da amizade	73
O episódio de Emma Eckstein	107
Redefinição das neuroses	155
Isolamento da comunidade científica	184
Periodicidade e auto-análise	208
A teoria transformada	265
<i>A Interpretação dos Sonhos</i>	304
O declínio da amizade	403
Fantasia ou realidade?	341
Dora e <i>A Psicopatologia da Vida Cotidiana</i>	427
O fim do relacionamento	450
Conclusão	460
Apêndice	473
Principais obras citadas	483
Índice	493

Ilustrações

Após a página n.º

Lista de cartas de Marie Bonaparte. (Pertencente à coleção do organizador; encontrada na escrivaninha de Freud em Maresfield Gardens, Londres)	10
Freud e sua noiva, Martha Bernays. (Cortesia de Mary Evans/ Sigmund Freud Copyrights)	16
Mathilde Freud, a primeira filha. (Cortesia de Mary Evans/Sigmund Freud Copyrights)	
Ida Bondy Fliess em 1892. (Foto da coleção do organizador, presente de Elenore Fliess)	30
Jacob Fliess, pai de Wilhelm. (Foto da coleção do organizador, presente de Elenore Fliess)	
O filho de Fliess, Robert Wilhelm (Foto da coleção do organizador, presente de Elenore Fliess)	
Emma Eckstein em 1895 (Cortesia da Sigmund Freud Copyrights e da Biblioteca do Congresso)	114
Freud e Fliess na década de 1890 (Cortesia da Sigmund Freud Copyrights)	
Amalie Nathanson Freud (Cortesia da Sigmund Freud Copyrights e da Biblioteca do Congresso)	196
Jacob Freud em seu último ano de vida (Cortesia da Sigmund Freud Copyrights e da Biblioteca do Congresso)	
A carta de 21 de setembro de 1897 (Cortesia da Sigmund Freud Copyrights e da Biblioteca do Congresso)	268
Alguns ângulos da casa de IX, Berggasse n.º 19 (Foto do vestíbulo por cortesia de Lee Miller Archives; foto do exterior por cortesia de Basic Books e Mary Evans/Sigmund Freud Copyrights)	314
A família Freud no jardim da casa (Cortesia da Sigmund Freud Copyrights)	
Wilhelm Fliess na velhice (Cortesia de Mary Evans/Sigmund Freud Copyrights)	374
Josef e Mathilde Breuer (Da coleção da família)	
Duas das três filhas de Freud (Cortesia da Sigmund Freud Copyrights e da Biblioteca do Congresso)	440
Os três filhos de Freud (Cortesia da Sigmund Freud Copyrights e da Biblioteca do Congresso)	

Prefácio

A publicação de *As Origens da Psicanálise*, primeiro em alemão, em 1950, e depois em inglês, em 1954, como uma edição selecionada das cartas de Sigmund Freud a Wilhelm Fliess, estimulou o desejo de todos os leitores — inclusive o meu — de contar com uma edição completa e não abreviada desses documentos extraordinários. Procurei uma das filhas de Freud, Anna, em 1978, e falei-lhe sobre meu interesse e minha certeza de que as cartas não publicadas conteriam informações valiosas. Ela me facultou o acesso aos documentos datados a partir de 1897 e, quando consegui mostrar-lhe que de fato continham um material significativo para os historiadores da psicanálise, ela se dispôs a considerar a idéia de permitir que fosse publicada uma versão completa das cartas. Mas foi somente quando K. R. Eissler, amigo íntimo e assessor de confiança da Srta. Freud, uniu sua voz à minha que ela acedeu inteiramente e concordou em me deixar preparar uma nova edição. Na época, não me apercebi de quão complicada se tornaria essa tarefa, de quanto esforço implicaria, quantos países teriam que ser visitados, quantas bibliotecas vasculhadas e quantos documentos pesquisados. Quando cheguei ao término do trabalho, 133 itens da correspondência, não publicados anteriormente, tinham-se acrescentado aos 168 documentos apresentados, na íntegra ou em parte, nas *Origens*.

É um empreendimento arriscado organizar uma obra dessa magnitude, que tende a modificar a imagem de um grande homem. Mesmo assim, penso que a maioria dos leitores concordará em que um Sigmund Freud mais humano e mais passível de ser benquistado emerge desta versão completa de suas cartas a Fliess. É também fato que a exposição mais integral das idéias dele sobre algumas de suas principais teorias contrasta nitidamente com a versão que Freud apresentou à posteridade, muitos anos depois, em suas obras publicadas. Talvez isso seja inevitável. É igualmente inevitável que o acesso a obras que nunca se destinaram à publicação imponha ao historiador imparcial algumas conclusões difíceis e, por vezes, impopulares. Nesta nova edição, tentei apresentar as cartas tão

objetivamente quanto possível e me absteve de fazer quaisquer interpretações ou julgamentos pessoais.

Anna Freud, uma vez tomada a decisão de permitir a publicação das cartas, cedeu seu tempo e conhecimentos com generosidade infalível. Passei grande parte do tempo em sua casa, em Maresfield Gardens, Londres (que fora também a casa do pai dela no último ano de vida), lendo na biblioteca particular de Freud e vasculhando gavetas e armários, em busca de documentos que pudessem esclarecer algumas das alusões constantes das cartas de Freud a Fliess. Tive muitas conversas com Anna Freud sobre as cartas e seu conteúdo. Ambos fomos rapidamente tomados pela excitação de esquadriñar meticulosamente a escrivainha de Freud e ali encontrar documentos que há muito se considerava perdidos. Creio que a Srta. Freud se apercebeu de quanto material estava ainda por ser descoberto e da alegria que havia em localizar parte dele. Ela decerto compartilhou comigo o prazer considerável que se podia vivenciar na espécie de trabalho detetivesco envolvido na compilação dessas cartas.

Minha gratidão primordial, portanto, vai para a falecida Anna Freud, por suas muitas gentilezas para comigo. Além disso, sem a assistência de K. R. Eissler este projeto nunca poderia ter-se iniciado. Ele doou generosamente seu tempo e energia e facilitou-me o acesso, na Biblioteca do Congresso e em outros locais, a um vasto reservatório de documentos originais, muitos dos quais enriqueceram os comentários do presente volume.

Todos os que se interessam por essas cartas têm uma dívida especial de gratidão para com Marie Bonaparte, por ter ela resgatado os documentos originais, e para com Ernst Kris, juntamente com Anna Freud, pela primeira edição delas.

Lottie Newman, escolhida como tradutora por Anna Freud, preparou o primeiro rascunho da íntegra da tradução e o comparou com todas as traduções já existentes. Fez também muitas sugestões valiosas e críticas excelentes dos rascunhos posteriores. Gerhard Fichtner é responsável pelo texto alemão em que se baseia a nova tradução. É desnecessário dizer que, sem a ajuda dele, este volume não teria sido possível. Fichtner arranhou tempo, em sua agenda repleta na Universidade de Tübingen, para vir a Berkeley, na Califórnia, onde eu estava trabalhando, oferecer-me seu apoio abalizado. Marianne Loring, minha assistente de pesquisa, merece grande parcela do crédito pela versão final. Da mesma forma, inúmeras notas devem muito a sua habilidade como pesquisadora. Ela foi minha parceira intelectual durante os seis anos da compilação deste trabalho e não é exagero dizer que eu não teria conseguido efetuá-lo sem a ajuda estimulante, desprendida e habilidosa de Marianne. O livro, portanto, deve sua forma atual à ajuda dessas três pessoas: Lottie Newman, Gerhard Fichtner e Marianne Loring. Sou mais grato a todos eles do que me é possível expressar em palavras.

Ao longo de toda esta obra, recebi o apoio de Mark Paterson, diretor executivo da Sigmund Freud Copyrights. Ilse Grubrich-Simitis esteve sem-

pre pronta a dar-me uma orientação valiosa. Muriel Gardiner mostrou-se entusiasmada com o projeto desde o início. E a falecida Elenore Fliess, viúva de Robert, filho de Wilhelm Fliess, transformou-se numa amiga pessoal durante a redação deste livro. Lamento que não tenha vivido o bastante para ver a obra impressa; sei que isso lhe teria dado um grande prazer.

Arthur Rosenthal, diretor da Harvard University Press, forneceu-me um apoio firme e sistemático ao longo de toda a compilação desta nova edição. Vivian Wheeler foi a revisora ideal — diplomática, prestativa e sensata — e foi um privilégio trabalhar com ela.

Algumas das cartas incluídas neste volume vieram da Biblioteca Nacional e Universitária Judaica, em Jerusalém, onde tinham sido depositadas pela filha de Fliess, Pauline Fliess Jacobsohn. Peter Swales chamou-me a atenção para elas e sou grato à Sra. Jacobsohn pela permissão de usá-las. A Princesa Eugênia, da Grécia, teve a bondade de facultar-me o uso de trechos do caderno de notas de Marie Bonaparte.

John Broderick, Paul Hefron e, em especial, Ronald Wilkinson e a equipe da Divisão de Manuscritos da Biblioteca do Congresso mostraram-se permanentemente dispostos a ajudar-me a localizar materiais de difícil acesso e a fornecer-me cópias de tudo aquilo de que precisei.

Albert Dickson, Allan Keiler e Michael Schröter fizeram diversas correções proveitosas na tradução final.

Gostaria também de agradecer às seguintes pessoas, que me assistiram de diversas maneiras: Angela Harris, Susan Mango, Annie Urbach, Robert Wallerstein e Trude Weisskopf.

Um trabalho dessa magnitude não poderia ser executado sem assistência financeira. Pela ajuda generosa que me foi prestada, agradeço à Fundação New Land, ao Fundo de Pesquisa Psicanalítica da Associação Psicanalítica Norte-Americana, à Biblioteca Nacional de Medicina e ao Fundo Nacional de Ciências Humanas.

J.M.M.

Nota da Tradutora

Com enorme interesse e não menor apreensão recebi a incumbência de verter para a língua portuguesa, pela primeira vez, a íntegra das cartas dirigidas por Freud a Wilhelm Fliess. O interesse nasceu de minha profunda convicção da riqueza e do valor clínico do saber psicanalítico, bem como da importância desses documentos, partejados que foram, paralela e entremeadamente, ao tempo do nascimento mesmo da psicanálise. A apreensão nasceu da incerteza de poder reproduzir numa língua tão diversa, e partindo já de uma tradução para o inglês, os enunciados de um sujeito humano que tão extraordinária contribuição trouxe para uma visão do homem. Os que lerem esta obra estarão em melhores condições que eu de julgar como me saí nessa tarefa.

Os leitores poderão observar que os documentos aqui apresentados não trazem, em sua totalidade, a marca do célebre talento literário de Freud. Afinal, trata-se das cartas informais de um homem a seu amigo mais íntimo, escritas, muita vez, em meio a um cansaço intenso, a toda sorte de apreensões do cotidiano, nos mais variáveis estados de ânimo e em pleno processo de uma estupenda produção científica, mas sempre sem qualquer intenção de seu autor de que fossem publicadas.

A linguagem das cartas difere aqui da encontrada em traduções de trechos delas já existentes em língua portuguesa, como na biografia de Freud escrita por Ernest Jones, na de autoria de Max Schur e na própria Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Em grande parte, isso se deve à nova transcrição e tradução dos manuscritos para o inglês, organizada por Moussaieff Masson (ver Observações sobre o Método, adiante). Em parte, porém, deve-se às decisões exigidas pela própria tarefa de traduzir, que são tomadas segundo as possibilidades e limitações estilísticas, a maior ou menor intimidade com as línguas usadas, os conhecimentos formais e informais e a própria estrutura psíquica de cada tradutor. Salvo por gritantes deturpações do sentido, não há certo e errado numa tradução — a menos, é claro, que se pressu-

ponha que a comunicação é possível e que a palavra é igual à coisa em si, unívoca na direcionalidade de sua significação e estritamente contida, ou, a rigor, idêntica às definições cruidas do saber dicionarizado, tanto mais arrogante quanto mais pomposo o título do dicionário empregado e quanto menos o estudioso se aperceba de que os verbetes são uma infindável cascata de remissões, fluindo no leito vivo daquilo que é singularmente característico e estruturante do sujeito humano: a linguagem.

Traduzir é, desde certa perspectiva, uma busca de articulação do sentido (então não estamos sempre a nos indagar o que um autor *quer dizer* com isto ou aquilo?). Mas ná que adotar certos critérios. O de Strachey, por exemplo, ao escolher *instinct* como tradução de *Trieb*, foi a inexistência de uma certa acepção da palavra *drive* no *Oxford Dictionary*, em sua edição completa, bem como a inexistência, em língua inglesa, de uma forma adjetiva para esse substantivo. Mas o *Oxford Dictionary* de um século atrás também não registraria termos como “circuito integrado”, “megabyte” e “interface”, tal como hoje usados pela informática, e pela simples razão de que ainda não existiam, naqueles dias, as coisas em lugar das quais se enunciam essas palavras. Quando a tecnologia, produto das chamadas ciências “exatas”, cria um novo equipamento, cria-se para ele um novo nome, que há de seguir, possivelmente, as regras etimológicas de formação de vocábulos numa dada língua. O mesmo deve ocorrer, segundo entendo, quando se cria um novo conceito, e *Trieb* sem dúvida o foi na formulação freudiana. Daí eu optar por traduzi-lo como *pulsão*, ainda que o termo tenha sido “inventado” pelos franceses e não tenha registro no vernáculo português. E um bom termo, porque não se confunde com a penumbra de significados que envolve os já existentes e ajuda a desbiologizar (e desetologizar) a psicanálise, como pareceu pretender Freud. Para o termo alemão *Instinkt* reservei “instinto”, e para *Angst* (inglês *anxiety*) escolhi a tradução “angústia”. Quanto a *repression* (alemão *Verdrängung*), o termo vai aqui traduzido por “recalcamento” ou “recalque” (dos representantes da pulsão), reservando-se os termos “repressão” ou “supressão” para aquilo que diz respeito ao destino do afeto, ali onde Freud escolheu usar *Unterdrückung*. A orientação seguida, como já terá ficado claro aos leitores, é a de Laplanche e Pontalis em seu *Vocabulário da Psicanálise*, a meu ver um trabalho de grande rigor e seriedade.

No cômputo final, porém, leitores haverá que encontrarão no texto em português maiores ou menores motivos de insatisfação, e cujas possibilidades pessoais facultariam uma fluência mais plena e uma precisão terminológica mais abalizada. As falhas de tradução aqui encontradas são de minha inteira responsabilidade, ainda que me hajam escapado à intenção, e conta desde logo com meu agradecimento todo aquele que se disponha a encaminhar sugestões e correções que possam ser incorporadas em reedições futuras do presente trabalho.

Vera Ribeiro

Fevereiro de 1986

Rio de Janeiro

Observações sobre o Método

Esta tradução das cartas de Freud a Fliess baseia-se num texto inteiramente novo em alemão e é importante compreender as origens das versões em alemão e em inglês.

Anna Freud colocou a meu dispor a transcrição original das cópias holográficas de todas as cartas em alemão, tal como corrigidas por ela e Ernst Kris e publicadas, com omissões, em *Sigmund Freud, Aus den Anfängen der Psychoanalyse*. Consegui fotocópias de todas as cartas originais guardadas na Biblioteca do Congresso e de várias outras que se encontram entre os papéis do falecido James Strachey. Depois disso, minha colega Mariane Loring comparou essas 284 cartas originais com a transcrição. Ela e eu fizemos várias correções na transcrição, diversas das quais discuti com Anna Freud. Posteriormente, Gerhard Fichtner, diretor do Instituto de História da Medicina da Universidade de Tübingen e eminente autoridade sobre Freud, releu mais uma vez todo o conjunto de cartas e descobriu erros adicionais, tanto em *Anfänge* quanto na transcrição aperfeiçoada. Fichtner preparou uma nova transcrição, que Loring e eu revimos e corrigimos mais uma vez. Fichtner comparou o resultado pela terceira vez com as cartas originais e preparou uma transcrição final. É desse documento que deriva a atual tradução.

Lottie Newman preparou o primeiro rascunho dessa tradução, que Marianne Loring e eu revisamos diversas vezes antes de chegarmos à presente versão. Salvo por algumas emendas ocasionais, segui as excelentes revisões de Strachey no primeiro volume da *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*.

Uma comparação da presente tradução com as anteriormente publicadas em *The Origins of Psycho-Analysis* e na *Standard Edition* mostrará

que meu texto varia em alguns aspectos que sugerem mais do que uma compreensão diferente da língua alemã (embora isso também ocorra algumas vezes). Com frequência, o texto alemão estabelecido por Fichtner difere do que foi impresso em *Anfänge*. Nos casos em que essa discrepância parece particularmente importante, o trecho é assinalado; amiúde, porém, limitei-me simplesmente a usar a versão correta. O leitor poderá verificar as mudanças através da consulta ao novo texto em alemão, pois uma edição alemã revista das cartas está sendo publicada, simultaneamente ao presente volume, pela S. Fischer Verlag, em Frankfurt, sob o título de *Sigmund Freud, Briefe an Wilhelm Fliess, 1887-1904. Vollständige Ausgabe. Herausgegeben von Jeffrey Moussaieff Masson; Bearbeitung der deutschen Fassung von Michael Schröter; Transkription von Gerhard Fichtner*.

Em meus comentários, tentei não me estender no óbvio, nem citar informações facilmente obtíveis pelo leitor (por exemplo, através da consulta à biografia de Freud, em três volumes, de autoria de Ernest Jones). Por essa razão, deixei, muitas vezes, de reproduzir o material disponível nos comentários de Ernst Kris à edição anterior das cartas, limitando-me a encaminhar o leitor àquela edição. Tampouco fiz uma duplicação dos esforços de Strachey; o primeiro volume de Strachey para a *Standard Edition* é particularmente útil para indicar ao leitor as obras posteriores de Freud que ampliam as idéias inicialmente mencionadas nestas cartas.

As notas de rodapé do próprio Freud são assinaladas por asteriscos e outros símbolos; os números indicam os comentários feitos por mim. Tentei reduzir esses comentários ao mínimo possível, evitando a tentação de especular ou interpretar. Basicamente, o leitor ali encontrará identificações de pessoas, lugares e acontecimentos familiares, sempre que forem conhecidos; explicações sobre alusões obscuras, ocorrências políticas ou eventos literários; e breves comentários sobre resenhas contemporâneas das obras de Freud e Fliess. Michael Schroter redigiu diversas notas adicionais para a edição alemã destas cartas e as colocou a meu dispor. Nos pontos em que fiz uso delas na presente edição, isso foi indicado.

Uma ou outra Nota do Editor serve para explicar incertezas quanto a datas ou descrever material pouco comum. O nome e o horário de consultório de Freud, indicados em seu papel timbrado, foram aqui omitidos por serem repetitivos; foram preservados o endereço para correspondência e a data. Os nomes de pacientes foram encobertos, salvo nos casos em que se haviam tornado públicos anteriormente. As inserções de informações entre colchetes nas cartas envolvem explicações de expressões em língua estrangeira, acréscimos exigidos pela conversão do alemão para o inglês, ou alternativas para algumas leituras duvidosas.

Fiz algumas correções sem comentário: nos pontos em que Freud cometeu erros de gramática ou pontuação, por exemplo, não os deixei

passar. Além disso, pareceu-me pedante usar colchetes para indicar que a tradução para o inglês exigiu mais palavras do que a versão alemã. Assim, os pronomes, freqüentemente omitidos em alemão, foram incluídos no texto em inglês sem nenhum comentário. As lacunas e palavras ilegíveis na cópia holográfica original foram assinaladas, mas não se tomou nenhuma liberdade com o tom do texto freudiano. As pequeninas alterações havidas foram feitas a bem da clareza.

A seção apresentada ao final do livro, sob o título **Principais Obras Citadas**, contém todas as publicações de Freud e Fliess mencionadas na correspondência, bem como quaisquer resenhas delas que tenham sido citadas. A relação de obras de outros autores é seletiva e inclui, em sua maioria, autores da atualidade cujas opiniões são aqui mencionadas ou discutidas. Os escritores contemporâneos de Freud e Fliess, mencionados, de hábito, apenas de passagem, são citados na íntegra nas notas.

**A CORRESPONDÊNCIA COMPLETA DE
SIGMUND FREUD PARA WILHELM FLIESS
1887-1904**

ABREVIATURAS DAS OBRAS CITADAS

- Anfänge* Sigmund Freud, *Aus den Anfängen der Psychoanalyse. Briefe an Wilhelm Fliess, Abhandlungen und Notizen aus den Jahren 1887-1902*. Organização de Marie Bonaparte, Anna Freud e Ernst Kris, com introdução de Ernst Kris. Londres: Imago Publishing Company, 1950.
- G.W.* Sigmund Freud, *Gesammelte Werke*. 18 vols. Organização de Anna Freud, com a colaboração de Marie Bonaparte, E. Bibring, W. Hoffer, E. Kris e O. Isakower. Londres: Imago Publishing Company, 1940-1952.
- Jones, Life* Ernest Jones, *Sigmund Freud: Life and Work*. 3 vols. Nova Iorque: Basic Books, 1954-1957.
- Letters* *Letters of Sigmund Freud, 1873-1939*. Organização de Ernst L. Freud; tradução de Tania Stern e James Stern. Londres: Hogarth Press, 1961.
- Origins* *The Origins of Psycho-Analysis: Letters to Wilhelm Fliess, Drafts and Notes, 1887-1902, by Sigmund Freud*. Organização de Marie Bonaparte, Anna Freud e Ernst Kris; tradução de Eric Mosbacher e James Strachey; introdução de Ernst Kris. Nova Iorque: Basic Books; Londres: Imago Publishing Company, 1954.
- S.E.* *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*. 24 vols. Organização de James Strachey; tradução feita em colaboração com Anna Freud, com a assistência de Alix Strachey e Alan Tyson. Londres: Hogarth Press and the Institute of Psycho-Analysis, 1953-1974.

Introdução

É provável que as cartas de Sigmund Freud a seu amigo mais íntimo, Wilhelm Fliess, constituam, isoladamente, o grupo de documentos mais importantes da história da psicanálise. Sem que jamais se pretendesse publicá-las, as cartas vão de 1887 a 1904, período este que cobre o nascimento e desenvolvimento da psicanálise. Durante os dezessete anos da correspondência, Freud escreveu alguns de seus trabalhos mais revolucionários: *Estudos sobre a Histeria*, *A Interpretação dos Sonhos*, “A Etiologia da Histeria” e o famoso caso clínico de Dora. Em nenhuma época o criador de um campo totalmente novo do conhecimento humano revelou tão abertamente e com tantos detalhes os processos de raciocínio que conduziram a suas descobertas. Nenhum dos textos posteriores tem o imediatismo e o impacto dessas primeiras cartas, nem tampouco revela tão dramaticamente os pensamentos mais íntimos de Freud no decorrer do próprio ato de criação. O resultado é um conjunto de escritos extraordinariamente notáveis. Eles são aqui apresentados, pela primeira vez, sem nenhum corte.

Na época em que se iniciou a correspondência, Freud era um professor de neuropatologia de trinta e um anos, lecionando na Universidade de Viena. Recém-casado com Martha Bernays, acabara de montar seu consultório de clínica neurológica, depois de estudar em Paris, durante seis meses, com o eminente neurologista Jean Martin Charcot. Fliess, de vinte e nove anos, era já um otorrinolaringologista de sucesso em Berlim. No outono de 1887, foi a Viena estudar com alguns especialistas e, ao que parece, o célebre médico Josef Breuer (1842-1925), então mentor, colega e amigo de Freud, sugeriu que Fliess assistisse às aulas de Freud na uni-

versidade. Poucos meses depois, quando Fliess já havia retornado a Berlim, Freud escreveu a primeira de uma longa série de cartas que iriam mapear as origens e a evolução da psicanálise.

Passados cinco anos, Freud e Fliess eram correspondentes regulares. Em 1890, começaram a se encontrar em Berlim, Viena (onde morou a noiva de Fliess, Ida Bondy, até casar-se com ele em 1892) e várias cidades austríacas e alemãs, para realizar o que os dois homens chamavam de seus "congressos" particulares. O relacionamento cresceu e se aprofundou: Fliess tornou-se o amigo mais íntimo de Freud, e este foi mais franco com Fliess do que com qualquer outra pessoa na expressão de seus sentimentos e idéias sobre assuntos profissionais e pessoais.

Não se sabe ao certo o que foi que aproximou esses dois homens. Existem algumas semelhanças óbvias: ambos eram judeus, ambos eram médicos e ambos estavam empenhados na pesquisa médica. O mais importante, provavelmente, é que logo descobriram estar ambos interessados em alguns aspectos da ciência médica que se situavam fora dos canais costumeiros de pesquisa. Por exemplo, os dois visitaram Paris para trabalhar com Charcot. O amor pela aventura e investigação científicas pareceu uni-los profissionalmente. Além disso, seus encontros demonstraram uma disposição incomum de conversar em nível pessoal e revelar pormenores da vida em família. O incessante esmiuçamento que Freud fazia das consequências psicológicas das experiências sexuais primitivas de seus pacientes não era bem recebido por seus colegas de medicina mais conservadores, e o isolamento daí decorrente explica, sem dúvida, a frequência crescente das cartas. Durante muitos anos, Fliess foi a única platéia de Freud.

Numa carta não publicada de 7 de abril de 1893, endereçada a sua cunhada, Minna Bernays, Freud assim descreveu a admiração e afeto que nutria por Fliess: "Ele é uma pessoa extremamente incomum, a personificação da boa índole; e creio, se chegássemos a tanto, apesar de toda sua genialidade, que seria a bondade em pessoa. Daí sua clareza esplendorosa e sua garra."⁽¹⁾

Freud era quase reverente em relação a Fliess. No dia 1.º de janeiro de 1896, escreveu: "Gente de sua natureza não deve acabar, meu querido amigo; o restante de nós precisa demais de pessoas como você. Quantas coisas lhe devo: consolo, compreensão, estímulo em minha solidão, o sentido de minha vida, que adquiro por seu intermédio e, por fim, até mesmo a saúde, que ninguém mais poderia ter-me restituído!"

Não é nada esclarecedor afirmar, como fizeram alguns, que esse relacionamento intenso era transferencial e que foi um precursor necessário da auto-análise de Freud. Toda relação amorosa, e essa certamente o era,

(1) Essa carta, que me foi fornecida por Anna, uma das filhas de Freud, foi encontrada em Maresfield Gardens, Londres, última residência de Freud. As traduções de todas as cartas não publicadas ao longo da presente Introdução são de minha autoria.

contém um mistério essencial que ultrapassa a compreensão. O próprio Freudalaria, mais tarde, no componente homossexual dessa amizade⁽²⁾ e, de fato, os dois homens acreditavam que os elementos da bissexualidade são inerentes a todos os indivíduos.

Um comentário de Robert Fliess, filho de Wilhelm, lança alguma luz sobre esse ponto. Assim escreveu ele a um estudioso de Freud, Siegfried Bernfeld (a carta não publicada, em inglês, acha-se nos Arquivos Bernfeld, na Biblioteca do Congresso), em 28 de agosto de 1944:

O Sr. está perfeitamente certo em mencionar o caráter intensamente emocional do significado desses dois homens um para o outro. Escutei de ambos muitas coisas a esse respeito — de meu pai, é claro, ao longo de muitos anos, e numa longa conversa com Freud em 1929, na qual ele falou com uma franqueza que não lhe parece ter sido muito costumeira no tocante a assuntos pessoais.

Evidencia-se na correspondência que Freud era o mais generoso entre os dois amigos, entregando-se ao relacionamento quase sem reservas, enquanto Fliess era mais resguardado. Com efeito, Freud estava tão preocupado em comunicar suas descobertas que não parece ter-se apercebido de que, mais ou menos a partir da passagem para o século atual, Fliess começou a se afastar dele e a dissolver gradativamente a amizade.

Marie Bonaparte (1882-1962), uma das alunas e analisandas favoritas de Freud, deixou um relato da deterioração do relacionamento em seu caderno de notas não publicado:

A amizade com Fliess começou a declinar já em 1900, ... quando Freud publicou o livro sobre os sonhos. Freud não se apercebera disso! Eu o fiz vê-lo. A amizade por Fliess o fazia relutar em imputar inveja a ele. Fliess não podia suportar a superioridade do amigo. Tampouco tolerava, e isso segundo Freud, as críticas científicas de Freud. ... Ida Fliess, ademais, ... por ciúme, fez todo o possível para semear a discórdia entre os dois amigos, ao passo que Martha Freud compreendia muito bem que Fliess conseguia dar a seu marido algo além do que estava ao alcance dela. Fliess, de acordo com Freud, teve por este uma amizade tão apaixonada quanto a de Freud por Fliess.

(2) Ernest Jones (*Life* 2:92) cita uma carta de Freud a seu amigo e colega Sándor Ferenczi, datada de 6 de outubro de 1910: "Você não apenas observou, mas também compreendeu que *já não tenho* nenhuma necessidade de desvendar minha personalidade por completo, e rastreou esse fato acertadamente até sua razão traumática. Desde o caso com Fliess, em cuja superação você me viu ocupado recentemente, essa necessidade se extinguiu. Parte da catexia homossexual foi retirada e empregada para ampliar meu próprio ego. Logrei êxito onde o paranóico fracassa" (grifo no original).

Parte das dificuldades que emergiram residia na obstinação e na possessividade de Fliess a respeito de suas teorias. Ele se agarrava a seu esquema de periodicidade, segundo o qual, supostamente, os principais acontecimentos da vida do homem seriam predeterminados. Freud, a rigor, deu algum crédito às afirmações de Fliess sobre o significado do nariz. Marie Bonaparte, num outro ponto de seu caderno de notas, diz:

Quanto à ligação entre o nariz e o restante do organismo, há alguma verdade nisso. O próprio Freud a experimentou com respeito a sua azia, que costumava desaparecer repentinamente após tratamento nasal. Teve ocasião de observar Fliess aliviar dessa maneira as dores do parto. Quanto à bissexualidade, se Fliess foi o primeiro a falar nela com Freud, não lhe seria possível reclamar prioridade nessa idéia da biologia. "E, se ele me deu a bissexualidade, dei-lhe a sexualidade antes disso." Eis aí o que me disse Freud.

A consciência de Freud de que, afinal, sua dívida para com Fliess não era tão grande assim, só lhe veio na velhice, e podemos presumir que não tenha sido transmitida a ninguém senão Marie Bonaparte. Durante os anos de amizade com Fliess, Freud acreditava que os dois estivessem igualmente interessados nas idéias teóricas sobre a sexualidade. Mas a verdade é que havia uma divergência marcante, particularmente na área crucial das emoções provocadas pela sexualidade humana. Freud estava certo ao dizer a Bonaparte que ele é quem havia esclarecido a Fliess, não importa com que grau de imperfeição, a importância da sexualidade para a psicologia médica.

O término efetivo da amizade foi particularmente difícil para Freud, e, nos últimos anos de vida, ele raramente falava em Fliess. Há alguns indícios, nas cartas de Freud a seus colegas Carl Jung, Karl Abraham e, em especial, Sándor Ferenczi (algumas não publicadas), de que ele teria discutido Fliess com eles — mas só raramente, e nunca com os detalhes que Ferenczi, pelo menos, desejaria ter.⁽³⁾ A falecida Anna Freud, numa carta endereçada a mim, escreveu que seu pai nunca lhe falou sobre Fliess, exceto de maneira muito parcimoniosa e já no fim da vida, depois que suas cartas a Fliess foram descobertas. Na opinião dela, a razão disso estaria em que o rompimento era ainda doloroso para Freud, mesmo decorridos tantos anos.

(3) Numa carta não publicada a Ferenczi, de 17 de outubro de 1910, Freud escreveu: "Você provavelmente imagina que tenho segredos bem diferentes dos que venho guardando comigo, ou crê que meus segredos estejam ligados a algum desgosto especial, ao passo que me sinto capaz de lidar com todas as coisas e estou satisfeito com a maior independência decorrente da superação de meu homossexualismo." No dia 16 de dezembro seguinte, novamente numa carta não publicada a Ferenczi, Freud menciona Fliess pela última vez: "Agora já superei Fliess, sobre quem você tinha tanta curiosidade."

Desde a época em que foram escritas até sua publicação, as cartas de Freud a Fliess percorreram uma trilha longa e complicada. Nos Arquivos de Fliess, em Jerusalém, há cópias de duas cartas não publicadas de Ida Fliess a Freud, bem como de duas cartas não publicadas de Freud para ela.⁽⁴⁾ Ida Fliess foi quem escreveu primeiro, a 6 de dezembro de 1928, logo após a morte do marido:

Prezado professor:

Admito não saber se o Sr. me concederá esse privilégio, mas há um pedido que, mesmo assim, gostaria de fazer-lhe. Talvez haja em seu poder cartas endereçadas por Wilhelm ao Sr. antes que suas relações se turvassem. É provável que não tenham sido destruídas, embora tenham perdido o significado para o Sr. Se for esse o caso, poderia ter a bondade e a confiança, caro professor, de colocá-las em minhas mãos? Pois, dentre todas as pessoas, sou eu a que tem o mais profundo interesse nelas. Não as quero para nenhuma outra finalidade, asseguro-lhe. Se isso não for possível, será que poderia ao menos emprestá-las a mim por um breve período?

Este pedido abriu-me um acesso ao Sr. que há muito me estava vedado. Espero poder abordá-lo mais uma vez para dar-lhe meus calorosos agradecimentos.

Atenciosamente,
Ida Fliess

Freud respondeu de imediato, no dia 17 de dezembro:

Prezada Senhora,

Apresso-me a responder a sua carta, embora não possa, no momento, comunicar-lhe nada de decisivo acerca do atendimento de seu pedido. Minha memória me diz que destruí a maior parte de nossa correspondência em algum momento após 1904. Mas persiste a possibilidade de que um número seletivo de cartas tenha sido preservado e venha a aparecer, após uma busca cuidadosa dos aposentos em que tenho morado nos últimos trinta e sete anos. Rogo-lhe, portanto, que me conceda algum tempo, até depois do Natal. O que quer que eu venha a encontrar estará à sua disposição, incondicionalmente. Caso não encontre nada, a Sra. terá que presumir que nada escapou à destruição. Naturalmente, ficaria satisfeito em saber que minhas cartas a seu marido, que foi por tantos anos meu amigo íntimo, tiveram um destino que lhes garanta proteção contra qualquer utili-

(4) Os originais encontram-se na Biblioteca Judaica Nacional e Universitária, também em Jerusalém.

zação futura. Em vista das circunstâncias, expresso humildemente minha solidariedade.

Atenciosamente,
Freud

Essa carta sugere que talvez Freud não tivesse destruído toda a correspondência recebida de Fliess.⁽⁵⁾ No dia 30 de dezembro, porém, ele fez a seguinte comunicação:

Cara Senhora,

Não encontrei nada até agora e estou muito inclinado a presumir que toda a correspondência tenha sido destruída. No entanto, como também não encontrei outras coisas que certamente tencionava preservar, como, por exemplo, as cartas de Charcot, não considero o assunto encerrado. Naturalmente, caso venha a encontrar alguma coisa, minha promessa permanece a mesma.

Atenciosamente,
Freud

Ida Fliess respondeu no dia 5 de janeiro de 1929, agradecendo a Freud por deixá-la “com um vislumbre de esperança de que, algum dia, uma ou mais das cartas possam ser encontradas”.

Posteriormente, Ida Fliess vendeu as cartas de Freud a seu marido, como ficamos sabendo através de uma série de cartas de Marie Bonaparte a Freud.⁽⁶⁾ A primeira delas, datada de 30 de dezembro de 1936, diz, em parte:

Hoje veio procurar-me um certo Sr. Stahl, de Berlim. Há via conseguido com a viúva de Fliess as cartas e manuscritos enviados por você, que estavam na residência de Fliess. A viúva

(5) Anna Freud assegurou-me que muitas buscas cuidadosas, levadas a efeito em Maresfield Gardens, não tinham revelado nenhum documento adicional. No entanto, no momento mesmo em que ela me dizia isso, encontrei entre as cartas ali existentes uma comunicação antes desconhecida de Fliess para Freud. É-me difícil crer que Freud pudesse ter destruído as cartas e não se lembrar de tê-lo feito, dados a importância dessa amizade para ele e o fato de que somente em 1910, segundo seu próprio depoimento, foi que ele conseguiu “superar” o relacionamento.

(6) Essas cartas foram publicadas (embora com algumas omissões, aqui reinseridas) por Max Schur, em sua introdução do editor ao volume 2 de *Drives, Affects, Behavior*, nos *Essays in Memory of Marie Bonaparte*. Não pude examinar as cartas originais, que se encontram nos Arquivos de Marie Bonaparte na Biblioteca do Congresso e estão selados até o ano de 2020. Entretanto, examinei as cópias enviadas (supostamente por Bonaparte) a Ernest Jones, que hoje se acham nos Arquivos de Jones, em Londres.

tencionava, a princípio, doar tudo à Biblioteca Nacional da Prússia, mas, visto que suas obras foram queimadas na Alemanha, ela desistiu da idéia e vendeu os manuscritos a esse Sr. Stahl. Ele é escritor e negociante de obras de arte e causa uma ótima impressão pessoal. Ao que parece, recebeu ofertas da América por essa coleção de textos seus, mas, antes de resignar-se a ver esses documentos valiosos partirem para a América, entrou em contato comigo, e resolvi comprar tudo dele. Para que permaneçam na Europa e em minhas mãos, ele chegou até a conceder-me um preço mais baixo — 12.000 francos ao todo — por 250 cartas suas (diversas de Breuer) e esboços teóricos muito longos, manuscritos por você, em quantidade bastante considerável. Estou contentíssima por ter podido fazer isso, pois lamentaria ver tudo exposto ao mundo em geral. Não há dúvida de que o material é seu. Afinal, conheço sua letra!

A resposta de Freud (3 de janeiro de 1937) reiterou que ele havia perdido ou destruído as cartas de Fliess e, ao mesmo tempo, confirmou a importância delas.

Minha cara Marie,

A questão da correspondência com Fliess afetou-me profundamente. Depois da morte dele, a viúva pediu-me que devolvesse suas cartas. Concordei incondicionalmente, mas não consegui encontrá-las. Não sei, até hoje, se as destruí, ou se apenas as escondi engenhosamente. ... Nossa correspondência foi a mais íntima que você possa imaginar. Seria altamente embaraçoso que viesse a cair nas mãos de estranhos. Assim, é uma extraordinária obra de amor que você as tenha conseguido e livrado do perigo. Lamento apenas a despesa que teve. Posso oferecer-me para dividir metade do custo com você? Afinal, eu mesmo teria tido que comprar as cartas, caso o homem tivesse entrado em contato comigo diretamente. Não quero que nenhuma delas seja conhecida pela chamada posteridade...

Mais uma vez, um sincero agradecimento de seu,
Freud

Quatro dias depois, Marie Bonaparte respondeu de Paris:

O Sr. Stahl acaba de chegar e de entregar-me a primeira parte dos papéis de Fliess: ensaios científicos que estavam dispersos ao longo de suas cartas, que ele selecionou separadamente e reuniu. Quanto ao resto, às cartas propriamente ditas, que somam cerca de 200 a 250, elas ainda estão na Alemanha. Ele pretende fazer com que alguém as traga a Paris dentro de poucas

semanas. As cartas e manuscritos foram-me oferecidos sob a condição de que eu nunca os venda, direta ou indiretamente, à família Freud, pois teme-se que esse material, tão importante para a história da psicanálise, seja destruído. Essa não seria uma razão definitiva para eu não discutir o assunto com você. Apesar disso, você não há de ficar surpreso, já que conhece meus sentimentos e idéias a respeito, com o fato de eu ter, *personalmente*, uma imensa aversão à destruição de suas cartas e manuscritos ...

Minha idéia foi a seguinte: adquirir as cartas, para que não sejam publicadas por qualquer pessoa, e conservá-las por alguns anos, por exemplo, numa biblioteca nacional — em Genebra, digamos, onde há menos razões para temermos revoluções ou os riscos de uma guerra — com a estipulação de que não sejam examinadas durante oitenta ou cem anos após sua morte. Quem poderia então ser prejudicado, mesmo em sua própria família, caso haja alguma coisa nas cartas?

Além disso, não sei o que há nas cartas. Não lerei suas cartas, se é esse seu desejo — nada em absoluto. Só dei uma olhadela numa carta, que acompanhava um dos ensaios; não havia nela nada de muito comprometedor!

Você realmente se lembra, passado tanto tempo, do que há nessas cartas? Afinal, chegou até a esquecer se destruiu as cartas de Fliess ou se as escondeu ... O rompimento dessa amizade deve ter sido muito penoso.

Você provavelmente falava com muita liberdade sobre muitas pessoas, até sobre sua família ... possivelmente, disse muitas coisas [também] sobre você mesmo.

Ademais, ainda não estou com as cartas. Só as receberei dentro de algumas semanas. Será que eu poderia, no início de março, a caminho da Grécia, passar um ou dois dias em Viena para discutir o assunto com você?

Eu o amo ... e reverencio, e foi por isso que lhe escrevi da maneira como fiz.

Marie

P.S. Quero adquirir as cartas sozinha. Isso nos permitirá conversar mais livremente sobre elas.

Frisando a necessidade de que Bonaparte ficasse de posse das cartas, Freud enfatizou que elas revelavam um grau notável de intimidade (10 de janeiro de 1937):

É decepcionante que minhas cartas a Fliess ainda não estejam em suas mãos, permanecendo ainda em Berlim ... Contudo, fico dizendo a mim mesmo que, daqui a oitenta ou cem anos,

o interesse no conteúdo dessa correspondência será marcadamente menor do que é hoje.

Naturalmente, ficarei satisfeito se você não ler as cartas, mas não deve supor que elas consistam apenas em graves indiscrições. Considerando a natureza muito íntima de nosso relacionamento, é claro que essas cartas versam sobre tudo e nada, sobre questões factuais e pessoais. As questões factuais dizem respeito a todos os palpites e pistas falsas ligados ao nascimento da análise e, desse modo, são também bastante pessoais. ... Por essas razões, eu ficaria contente em saber que o material está em seu poder.

Aceito e agradeço sua oferta de vir a Viena em março, mesmo que seja apenas por alguns dias.

Cordialmente.

Freud

Bonaparte logo informou a Freud que as cartas estavam em segurança (12 de janeiro):

Quero tranquilizá-lo de imediato quanto às cartas a Fliess. Apesar de ainda estarem na Alemanha, já não se encontram em poder da "bruxa" |Ida Fliess| e já pertencem ao Sr. Stahl, que as comprou dela, juntamente com toda a biblioteca. Estão agora em poder dele e um amigo dele irá trazê-las até aqui.

Em fevereiro, ela tornou a escrever:

Hoje as cartas me deverão ser entregues. Uma mulher as levou até Londres; agora, estão em Paris e vou recebê-las hoje à noite.

No caderno de anotações de Marie Bonaparte, que encontrei na escrivaninha de Freud em Maresfield Gardens, Londres,⁽⁷⁾ ela escreveu:

Freud, quando lhe informei de Paris que Ida Fliess tinha vendido suas cartas e que eu as havia comprado de Reinhold Stahl, ficou muito comovido. Julgou esse ato como sendo altamente inamistoso por parte da viúva de Fliess. Ficou contente em saber que, pelo menos, as cartas estavam em minhas mãos, em vez de terem sido enviadas para algum lugar na América, onde sem dúvida seriam publicadas de imediato ... Ida Fliess estava

(7) O caderno de notas, com a letra de Marie Bonaparte (datado de 24 de novembro de 1937), arrola as cartas a Fliess e fornece um breve resumo em francês (em geral, não mais de um ou dois parágrafos) do conteúdo de cada uma delas. Ao final do caderno há várias páginas que relatam as conversas de Marie Bonaparte com Freud a respeito de Fliess.

decidida a não permitir que as cartas chegassem às mãos de Freud ... Escrevi a Freud, pedindo permissão para lê-las. A princípio, ele escreveu dizendo preferir que eu não as lesse. Mas quando, mais tarde, no final de fevereiro ou início de março de 1937, encontrei-o em Viena e ele me disse querer que as cartas fossem queimadas, recusei-me a fazê-lo. Pedi para lê-las, a fim de poder julgar seu conteúdo, e Freud concordou. Certo dia, disse-me: "Espero ter convencido você a destruí-las." Martin e Anna [dois dos filhos de Freud] acham, tal como eu, que as cartas devem ser preservadas e publicadas posteriormente. Freud estava ... interessado na carta de Thumsee [um recanto alpino às margens de um lago], que eu lhe havia mostrado antes, e disse que era uma carta muito importante [a data é 7 de agosto de 1901]. Vou mostrar-lhe outras cartas selecionadas.⁽⁸⁾ Ele me fez ver que algumas cartas estavam faltando: todas as que se referiam ao rompimento com Fliess ... e uma sobre um sonho relacionado com Martha Freud. Além disso, quatro envelopes estão vazios.⁽⁹⁾

A última parte desse trecho é particularmente significativa: de fato, a maioria das cartas relativas ao rompimento com Fliess (que, sem dúvida, faziam parte do conjunto em poder de Stahl) acabou sendo enviada à Biblioteca do Congresso. Algumas delas chegaram a Maresfield Gardens; presumivelmente, Freud as teria conservado ao sair de Viena. Todas são integralmente reproduzidas neste volume. A carta referente ao sonho sobre Martha é uma espécie de mistério e nunca foi localizada. Provavelmente, é a carta que descreve o "sonho perdido", o sonho que Fliess convenceu Freud a retirar da *Interpretação dos Sonhos* e que é freqüentemente citado nas cartas subseqüentes. Como teria Freud sabido que essa carta estava faltando? Será que examinou todas as cartas compradas por Marie Bonaparte? Ou será que, muito antes disso, pedira a Fliess que a devolvesse, ou até que a destruísse? Existe ainda uma vaga esperança de que ela seja encontrada algum dia. Sem dúvida, seria a carta mais impor-

(8) Bonaparte tem duas páginas intituladas "Lista das Cartas a Serem Mostradas" a Freud ou Anna Freud em Viena, Outono de 1937". Não se sabe ao certo quais das cartas Freud efetivamente examinou. Escreve Marie Bonaparte: "Freud examinou apenas as que estão marcadas em ———, e Anna viu as que estão em azul." A palavra ilegível é, provavelmente, "vermelho", porquanto algumas das cartas estão assinaladas com um traço em vermelho e outras, com uma cruz em azul.

(9) Numa folha de papel separada, encontrada na escrivaninha de Freud, Bonaparte fornece a lista dos envelopes vazios (com as datas do carimbo postal) como se segue:

- 2 de agosto de 1896 (de Aussee)
- 12 de fevereiro de 1898 (envelope grande)
- 17 de julho de 1899 (de Viena)
- 24 de dezembro de 1899 (de Viena)

1^{er} 12^{er} 1874, à 12^{er} 1875
 2^{es} 12^{er} 1875, à 12^{er} 1876
 3^{es} 12^{er} 1876, à 12^{er} 1877
 4^{es} 12^{er} 1877, à 12^{er} 1878
 5^{es} 12^{er} 1878, à 12^{er} 1879
 6^{es} 12^{er} 1879, à 12^{er} 1880
 7^{es} 12^{er} 1880, à 12^{er} 1881
 8^{es} 12^{er} 1881, à 12^{er} 1882
 9^{es} 12^{er} 1882, à 12^{er} 1883
 10^{es} 12^{er} 1883, à 12^{er} 1884
 11^{es} 12^{er} 1884, à 12^{er} 1885
 12^{es} 12^{er} 1885, à 12^{er} 1886
 13^{es} 12^{er} 1886, à 12^{er} 1887
 14^{es} 12^{er} 1887, à 12^{er} 1888
 15^{es} 12^{er} 1888, à 12^{er} 1889
 16^{es} 12^{er} 1889, à 12^{er} 1890
 17^{es} 12^{er} 1890, à 12^{er} 1891
 18^{es} 12^{er} 1891, à 12^{er} 1892
 19^{es} 12^{er} 1892, à 12^{er} 1893
 20^{es} 12^{er} 1893, à 12^{er} 1894
 21^{es} 12^{er} 1894, à 12^{er} 1895
 22^{es} 12^{er} 1895, à 12^{er} 1896
 23^{es} 12^{er} 1896, à 12^{er} 1897
 24^{es} 12^{er} 1897, à 12^{er} 1898
 25^{es} 12^{er} 1898, à 12^{er} 1899
 26^{es} 12^{er} 1899, à 12^{er} 1900
 27^{es} 12^{er} 1900, à 12^{er} 1901
 28^{es} 12^{er} 1901, à 12^{er} 1902
 29^{es} 12^{er} 1902, à 12^{er} 1903
 30^{es} 12^{er} 1903, à 12^{er} 1904
 31^{es} 12^{er} 1904, à 12^{er} 1905
 32^{es} 12^{er} 1905, à 12^{er} 1906
 33^{es} 12^{er} 1906, à 12^{er} 1907
 34^{es} 12^{er} 1907, à 12^{er} 1908
 35^{es} 12^{er} 1908, à 12^{er} 1909
 36^{es} 12^{er} 1909, à 12^{er} 1910
 37^{es} 12^{er} 1910, à 12^{er} 1911
 38^{es} 12^{er} 1911, à 12^{er} 1912
 39^{es} 12^{er} 1912, à 12^{er} 1913
 40^{es} 12^{er} 1913, à 12^{er} 1914
 41^{es} 12^{er} 1914, à 12^{er} 1915
 42^{es} 12^{er} 1915, à 12^{er} 1916
 43^{es} 12^{er} 1916, à 12^{er} 1917
 44^{es} 12^{er} 1917, à 12^{er} 1918
 45^{es} 12^{er} 1918, à 12^{er} 1919
 46^{es} 12^{er} 1919, à 12^{er} 1920
 47^{es} 12^{er} 1920, à 12^{er} 1921
 48^{es} 12^{er} 1921, à 12^{er} 1922
 49^{es} 12^{er} 1922, à 12^{er} 1923
 50^{es} 12^{er} 1923, à 12^{er} 1924
 51^{es} 12^{er} 1924, à 12^{er} 1925
 52^{es} 12^{er} 1925, à 12^{er} 1926
 53^{es} 12^{er} 1926, à 12^{er} 1927
 54^{es} 12^{er} 1927, à 12^{er} 1928
 55^{es} 12^{er} 1928, à 12^{er} 1929
 56^{es} 12^{er} 1929, à 12^{er} 1930
 57^{es} 12^{er} 1930, à 12^{er} 1931
 58^{es} 12^{er} 1931, à 12^{er} 1932
 59^{es} 12^{er} 1932, à 12^{er} 1933
 60^{es} 12^{er} 1933, à 12^{er} 1934
 61^{es} 12^{er} 1934, à 12^{er} 1935
 62^{es} 12^{er} 1935, à 12^{er} 1936
 63^{es} 12^{er} 1936, à 12^{er} 1937
 64^{es} 12^{er} 1937, à 12^{er} 1938
 65^{es} 12^{er} 1938, à 12^{er} 1939
 66^{es} 12^{er} 1939, à 12^{er} 1940
 67^{es} 12^{er} 1940, à 12^{er} 1941
 68^{es} 12^{er} 1941, à 12^{er} 1942
 69^{es} 12^{er} 1942, à 12^{er} 1943
 70^{es} 12^{er} 1943, à 12^{er} 1944
 71^{es} 12^{er} 1944, à 12^{er} 1945
 72^{es} 12^{er} 1945, à 12^{er} 1946
 73^{es} 12^{er} 1946, à 12^{er} 1947
 74^{es} 12^{er} 1947, à 12^{er} 1948
 75^{es} 12^{er} 1948, à 12^{er} 1949
 76^{es} 12^{er} 1949, à 12^{er} 1950
 77^{es} 12^{er} 1950, à 12^{er} 1951
 78^{es} 12^{er} 1951, à 12^{er} 1952
 79^{es} 12^{er} 1952, à 12^{er} 1953
 80^{es} 12^{er} 1953, à 12^{er} 1954
 81^{es} 12^{er} 1954, à 12^{er} 1955
 82^{es} 12^{er} 1955, à 12^{er} 1956
 83^{es} 12^{er} 1956, à 12^{er} 1957
 84^{es} 12^{er} 1957, à 12^{er} 1958
 85^{es} 12^{er} 1958, à 12^{er} 1959
 86^{es} 12^{er} 1959, à 12^{er} 1960
 87^{es} 12^{er} 1960, à 12^{er} 1961
 88^{es} 12^{er} 1961, à 12^{er} 1962
 89^{es} 12^{er} 1962, à 12^{er} 1963
 90^{es}

Lista de cartas que Marie Bonnaparte pretendia mostrar a Sigmund ou Anna Freud. Posteriormente fez anotações na lista para indicar que cartas eles realmente viram.

1899 { 20 mai 1899 (Thérèse à Paris 2 lettres
à Paris de Paris)
1 Août 1899 (Remise de la lettre de Paris au Paris)
4 novembre 1899 (Paris de Paris après l'arrivée de Paris
à Paris, 12 jours après l'arrivée)

1900 { 20 Janvier 1900 (Paris pour l'été de Paris)
1 février 1900 (Paris pour l'été de Paris)
11 mars 1900 (Paris pour l'été de Paris, après
1 mois de Paris)
23 mars 1900 (Paris pour l'été de Paris...)
4 mars 1900 (Paris pour l'été de Paris, après
1 mois de Paris)
12 juin 1900 (La maison de la place de Paris)
à Paris

1901 { 1 Janvier 1901 (Paris pour l'été de Paris)
7 août 1901 (Paris pour l'été de Paris)
19 septembre 1901 (Paris pour l'été de Paris)

1914 10 novembre - 10 décembre 1914 : Paris de Paris, de Paris au Paris.

5 juillet 1915 : Paris de Paris, de Paris au Paris.

rante da coleção, já que contém o único sonho que Freud analisou completamente.

A extraordinária saga das cartas prossegue nas palavras de Ernest Jones, no início do capítulo a que ele intitulou "O Período com Fliess":

Felizmente, ela [Marie Bonaparte] teve a coragem de desafiar seu analista e mestre e as depositou no Banco Rothschild, em Viena, durante o inverno de 1937-1938, com a intenção de estudá-las melhor quando retornasse no verão seguinte.

Quando Hitler invadiu a Áustria, em março, havia o perigo de que esse banco judeu fosse saqueado, e a Sra. Bonaparte dirigiu-se imediatamente a Viena, onde, por ser Princesa da Grécia e da Dinamarca, foi-lhe permitido retirar o conteúdo de seu cofre particular na presença da Gestapo; com toda a certeza, eles teriam destruído a correspondência, caso a tivessem descoberto ... Quando ela teve que deixar Paris, então prestes a ser invadida, e rumar para a Grécia, em fevereiro de 1941, depositou os preciosos documentos na Legião Dinamarquesa de Paris. Esse não era o lugar mais seguro, mas ... Paris, juntamente com a Legião Dinamarquesa, foi poupada. Depois de sobreviver a todos esses perigos, [as cartas] enfrentaram bravamente o quinto e último deles, representado pelas minas colocadas no Canal da Mancha, e assim chegaram a Londres em segurança; tinham sido embrulhadas em material impermeável, capaz de flutuar, para que tivessem uma chance de ser resgatadas, na eventualidade de um naufrágio.⁽¹⁰⁾

No final da década de 1940, Marie Bonaparte entregou os originais das cartas a Anna Freud, que providenciou a transcrição delas e as colocou à disposição de Ernest Jones durante o período em que ele preparava sua biografia completa sobre Freud. Em 1980, Anna Freud doou as cartas à Biblioteca do Congresso, onde elas permanecem inacessíveis ao escrutínio público.

O público tomou conhecimento da correspondência e da intensa amizade entre os dois homens quando uma edição alemã das cartas de Freud a Fliess foi publicada em 1950, com o título de *Sigmund Freud, Aus den Anfängen der Psychoanalyse. Briefe an Wilhelm Fliess, Abhandlungen und Notizen aus den Jahren 1887-1902*.⁽¹¹⁾ Os organizadores foram Marie Bonaparte (Paris), Anna Freud (Londres) e Ernst Kris (Nova

(10) Jones, *Life* 1:316.

(11) Na verdade, houve uma referência à amizade num artigo intitulado "O Significado das Primeiras Descobertas de Freud", apresentado por Ernst Kris ao XVI Congresso Psicanalítico Internacional, realizado em Zurique em agosto de 1949. Esse trabalho foi publicado no ano seguinte no *International Journal of Psycho-Analysis*.

torque). O livro teve uma longa e excelente introdução de Kris, analista e amigo íntimo de Anna Freud, que tinha laços de parentesco, através do casamento, com as famílias de Fliess e de Rie.⁽¹²⁾ Uma tradução do livro para o inglês foi publicada em 1954, com o título de *The Origins of Psycho-Analysis: Letters to Wilhelm Fliess, Drafts and Notes, 1887-1902*, by Sigmund Freud.

Em ambas as edições, em alemão e em inglês, foram publicadas apenas 168 das 284 cartas à disposição dos organizadores. Ademais, suprimiram-se trechos de algumas das cartas, amiúde sem que se indicasse essa omissão. Os organizadores assim explicaram a seleção feita, no início da Nota dos Editores: “A seleção foi feita com base no princípio de tornar público tudo aquilo que se relaciona com a obra e com os interesses científicos do autor, bem como tudo o que se refere às condições sociais e políticas em que se originou a psicanálise, e de omitir ou abreviar tudo aquilo cuja publicação pudesse ser incompatível com o sigilo profissional ou pessoal.”

Nesta nova edição, *todas* as cartas — inclusive as que foram localizadas na Biblioteca Nacional e Universitária Judaica, em Jerusalém, na casa de Maresfield Gardens e na coleção particular de Robert Fliess — são apresentadas, 133 delas pela primeiríssima vez, e não houve nenhum tipo de corte nos textos.⁽¹³⁾ Somente os nomes de pacientes não identificados anteriormente foram disfarçados por suas iniciais (conforme o sistema concebido pelo próprio Freud). Omitiu-se também o “Projeto para uma Psicologia Científica”, de 1895, que era a construção freudiana de uma teoria da mente, porquanto seria difícil aprimorar a tradução de

James Strachey, publicada e ainda acessível à consulta na *Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud*.⁽¹⁴⁾

É útil ler a presente edição das cartas de Freud a Fliess em conjunto com diversas outras obras que constituem marcos nesse campo. A mais importante delas é a primeira edição da correspondência, aqui chamada *Origins*. A introdução de Ernst Kris àquele volume foi um marco na história da psicanálise e ainda não encontra paralelo em nossos dias. James Strachey incluiu alguns extratos dos trabalhos de Fliess no primeiro volume da *S.E.* e forneceu uma tradução nova e aprimorada, bem como excelentes notas. Strachey é particularmente útil na assinalação de paralelos posteriores nos textos publicados de Freud e sugerimos ao leitor que consulte os volumes por ele organizados. Max Schur, médico particular de Freud e, mais tarde, psicanalista famoso, traduziu várias cartas a Fliess não publicadas anteriormente, tanto em seu artigo “Alguns ‘Res-

(12) Oscar Rie, freqüentemente citado nessas cartas, era o pediatra dos filhos de Freud. Sua mulher era irmã de Ida Fliess e sua filha, Marianne, casou-se com Ernst Kris.

(13) O Apêndice do presente volume indica quais das cartas de Freud a Fliess apareceram na íntegra em *Anfänge* e em *Origins*, quais delas foram ali publicadas com omissões e quais são apresentadas pela primeira vez nesta edição.

tos Diurnos' Adicionais" quanto no livro *Freud: Vida e Agonia*.⁽¹⁵⁾ A interpretação que ele dá ao relacionamento de Freud com Fliess me parece ser a mais equilibrada dentre as muitas existentes. Ernest Jones, ao longo de sua monumental biografia de Freud, fornece os antecedentes de muitos dos acontecimentos mencionados nas cartas.

Apesar do fato de a vida de Freud ter sido singularmente desprovida de dramas externos, escreveu-se mais sobre ele do que sobre qualquer outro pensador de nossa época, provavelmente por ele ter contribuído tanto para alterar os contornos da era intelectual e emocional em que todos vivemos. Grande parte dessas discussões tem focalizado a vida interior de Freud, embora praticamente tudo o que sabemos dessa vida nos tenha sido revelado pelo próprio Freud em seus textos publicados. As pesquisas sobre Freud tiveram um enorme aumento com a publicação da edição incompleta de suas cartas a Fliess, pois em nenhum outro texto ele escreveu com tal sinceridade e de maneira tão direta e profunda sobre suas idéias mais íntimas. Agora, finalmente, passados quase cem anos desde a época em que foram escritas, temos uma edição definitiva da totalidade das cartas. Elas se erguem como um dos pontos altos das conquistas intelectuais e da compreensão profunda de nossa época.

(14) Em português, publicada pela IMAGO Editora a Edição "Standard" Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.

(15) Em português, publicado pela IMAGO Editora.

Os Primórdios da Amizade

Viena, 24 de novembro de 1887
I., Maria Theresienstrasse 8

Prezado amigo e colega.

Minha carta de hoje, devo reconhecer, é motivada por assuntos profissionais, mas cabe-me introduzi-la com a confissão de que alimento esperanças de dar continuidade ao relacionamento com o Sr. e de que o Sr. deixou em mim uma impressão profunda, que poderia facilmente levar-me a dizer-lhe sem rodeios em que categoria humana eu o situo.

Depois de sua partida, a Sra. A. fez-me uma consulta e me causou certa agonia chegar a uma decisão. Cheguei enfim à conclusão de que o caso dela não constitui uma neurose, não tanto por causa do espasmo clônico + — no pé (que, no momento, não está em evidência), mas porque não identifico nela aquilo que considero serem as características mais importantes da neurastenia (as outras neuroses, de fato, não podem estar envolvidas). Na distinção — amiúde tão difícil de fazer — entre afecções orgânicas incipientes e afecções neurastênicas, tenho-me orientado por uma característica específica: na neurastenia, a alteração hipcondríaca, a psicose de angústia, nunca está ausente e, quer seja negada ou admitida, trai-se numa profusão de sensações e de emergência recente, ou seja, de parestesias. Nosso caso é quase desprovido de tais sintomas. Repentinamente, ela não mais conseguiu andar, mas, salvo pelo peso nas pernas, não se queixa de nenhuma outra sensação: não há nada dos puxões e pressões nos músculos, das dores múltiplas, das sensações correspondentes em outras partes do corpo e coisas semelhantes. O Sr. sabe o que quero dizer. A chamada tonteira, que começou anos atrás, mostrou ter sido uma espécie de desmaio e não uma verdadeira *vertige*;⁽¹⁾ também isso é algo que não consigo ligar à oscilação neurastênica do andar dela.

Por outro lado, no que concerne ao outro aspecto do diagnóstico — isto é, o que contrasta com a doença orgânica — ocorreu-me o seguinte: há dezessete anos, essa mulher teve uma paralisia pós-diftérica nas pernas. Tal infecção do cordão espinhal poderia, apesar de aparentemente curada, ter deixado um ponto fraco residual no sistema nervoso central, que seria um ponto de partida para o desenvolvimento muito lento de doenças sistêmicas. O que tenho em mente é algo semelhante à relação entre a tabe e a sífilis. O Sr. sabe, é claro, que Marie,⁽²⁾ em Paris, atribui a esclerose múltipla a infecções agudas anteriores. A Sra. A. tinha toda a aparência de se achar em estado nutricional lentamente declinante, como sói acontecer com nossas mulheres do meio urbano após várias gestações. Nessas circunstâncias, o *punctum minimae resistentiae*(^T) no cordão espinhal teria começado a irritar-se.

A rigor, ela tem passado bastante bem, melhor do que em qualquer outra época desde o início da doença. Isso decorre da dieta que o Sr. lhe receitou; resta-me pouca coisa a fazer. Iniciei o tratamento galvânico das costas.

E agora, quanto a outros assuntos. Minha garotinha está em franco desenvolvimento e minha esposa vai melhorando aos poucos. Tenho-me ocupado com a redação simultânea de três artigos, um dos quais se refere à anatomia do cérebro.⁽³⁾ O editor está disposto a publicá-lo no próximo outono.

Cordiais saudações,
Dr. Sigm. Freud

(1) Freud usa o termo francês [vertigem].

(2) Ernst Kris (*Origins*, p. 52, nota 1) afirma que Freud estava familiarizado com as opiniões de Pierre Marie sobre a etiologia infecciosa da esclerose disseminada.

(3) O manuscrito a que Freud se refere veio recentemente à luz. A falecida Elenore Fliess, nora de Wilhelm Fliess, descobriu-o entre os papéis do marido e teve a gentileza de remetê-lo a mim. Freud intitulou-o de "Kritische Einleitung in die Nervenpathologie." Trata-se de um trabalho puramente neurológico, sem nenhum prenúncio dos interesses psicológicos do autor.

(^T) Ponto de resistência mínima (N. da T.).

Viena, 28 de dezembro de 1887

Prezado amigo e colega,

Sua carta cordial e seu magnífico presente despertaram em mim as mais prezerosas recordações, e o sentimento que vislumbro por trás desses dois presentes de Natal enche-me de expectativas de um relacionamento estimulante e mutuamente satisfatório entre nós no futuro. Ainda não seidizer como foi que o cativei; aquele pouco de anatomia especulativa do cérebro não pode ter impressionado seu rigoroso julgamento por muito



Sigmund Freud e sua noiva, Martha Bernays. Foto tirada numa visita a Martha em 1885, quando Freud estava a caminho de Paris. Os dois se casaram no dia 16 de setembro do ano seguinte.



***Mathilde, a primeira filha dos Freuds,
nascida em 1887; na foto, ela aparece aos cinco meses.***

tempo. Mas estou muito contente com isso. Até o momento, sempre tive a ventura de encontrar meus amigos entre a nata dos homens, e sempre me senti especialmente orgulhoso dessa sorte. Portanto, sou-lhe grato e lhe peço que não se surpreenda com o fato de, no momento, eu nada ter a oferecer-lhe em retribuição por seu presente encantador.

Ocasionalmente, ouço falar no Sr. — basicamente, coisas maravilhosas, é claro. Uma de minhas fontes é a Sra. A., que, a propósito, revelou-se um caso de neurastenia cerebral comum. Nessas últimas semanas, atirei-me à hipnose e logrei toda espécie de sucessos pequeninos, mas dignos de nota. Tenciono também traduzir o livro de Bernheim sobre a sugestão.⁽¹⁾ Não me aconselhe em contrário; já estou preso por um contrato.⁽²⁾ À guisa de recreação, tenho trabalhado simultaneamente em dois artigos, "Anatomia Cerebral" e "Características Gerais das Afecções Histéricas"⁽³⁾ na medida em que o permitem meus estados mutáveis de ânimo e o trabalho. Minha pequerrucha tem-se desenvolvido esplendidamente e dorme as noites inteiras, o que deixa qualquer pai orgulhoso.

Aceite meus melhores votos; não se deixe sobrecarregar pelo trabalho e, quando tiver algum tempo livre e uma razão para isso, pense no

Fielmente dedicado,
Dr. Sigm. Freud

Minha mulher ficou encantada com seus cumprimentos.

(1) Freud traduziu do francês dois livros de Hippolyte Bernheim. O primeiro deles, aqui citado, é *De la Suggestion et ses Applications à la Thérapeutique*. A tradução de Freud foi publicada em 1888, como *Die Suggestion und ihre Heilwirkung*. A segunda obra de Bernheim traduzida por Freud foi *Hypnotisme, suggestion, psychothérapie: Etudes nouvelles*, com um prefácio de Bernheim datado de Nancy, 20 de agosto de 1890. Esse livro foi publicado em alemão como *Neue Studien über Hypnotismus, Suggestion und Psychotherapie* e não contém nenhuma introdução ou notas de Freud.

Referindo-se ao primeiro volume, James Strachey (S.E., I:47) afirma que a única nota de rodapé "que chama atenção aparece nas pp. 84-85." Mas não é bem assim. Há uma importante nota de rodapé assinada por Freud (na p. 121 da tradução feita por ele). Comentando a frase em que Bernheim declara que, "Em suma, o cérebro do recém-nascido é incompleto, tanto anatômica quanto fisiologicamente," escreve Freud: "Essa seção contém algumas afirmações que não estão no nível da ciência atual, muito embora a correção delas não interfira no raciocínio do autor. Numerosos experimentos, a maioria deles recentemente efetuada por Exner e Paneth, comprovam que o córtex cerebral reage à estimulação até mesmo nos animais neonatos. Quem acreditar que o cérebro do recém-nascido 'contém meramente uns poucos tubos neurais rudimentares' estará subestimando extraordinariamente a estrutura desse órgão."

(2) Além do que Freud nos informa em seu "Estudo Autobiográfico" (S.E., XX:18) e do que relata Ernest Jones (*Life*, 1:260), não se tem grande conhecimento dos estudos de Freud em Nancy. Algumas informações novas acham-se em cartas não publicadas que ele escreveu a sua cunhada, Minna Bernays, durante a estada naquela cidade. O seguinte trecho de uma carta datada de 28 de julho de 1889 é pertinente: "Confesso que a idéia de permanecer aqui até o próximo sábado ...

me dá náuseas. Certo, passo as manhãs de maneira muito agradável, pois, quando não durmo a totalidade delas, deixo-me influenciar pelo milagre da sugestão; mas as tardes são entediantes." Mais adiante, nessa mesma carta, Freud reclama de sua solidão em Nancy e conclui dizendo: "Viajar é muito bom, mas a pessoa não deveria estar sozinha: deveria ter *undici* [onze] ou *dodici* [doze] pessoas com ela, se isso não custasse tão caro."

(3) Considerando que o segundo artigo tem uma seção intitulada "Característica Gerais", expressão aqui empregada por Freud, Vogel (1953, p. 484) acredita que essa seja uma alusão ao artigo sobre a histeria, intitulado "Hysterie", escrito por Freud para Albert Villaret. Kris, por outro lado, afirma que esse trabalho não foi publicado. Ver também a nota n.º 2 da carta de 28 de maio de 1888.

Viena, 4 de fevereiro de 1888

Prezado amigo e colega,

Queira ter a gentileza de pré-datar o recebimento desta carta; eu deveria tê-la escrito há muito tempo, mas não pude fazê-lo em função do trabalho, do cansaço e das brincadeiras com minha filha. Em primeiro lugar, cabe-me dar-lhe algumas notícias sobre a Sra. A., cuja irmã está no momento em sua companhia. O caso revelou-se bastante simples: uma neurastenia cerebral corriqueira, a que os sábios chamam hiperemia craniana crônica. Isso se vinha tornando cada vez mais claro e houve melhoras sistemáticas com a galvanização e o tratamento de *demi-bain* [hidroterapia]; achei que conseguiria curá-la completamente com exercícios musculares — mas foi aí que ocorreu algo inesperado: a menstruação seguinte não veio e ela piorou logo depois disso; na época da menstruação subsequente, ela faltou ao tratamento. Seu estado atual, apesar de não ser muito bom, permite muitas esperanças. De minha parte, gostaria de ter dado continuidade ao tratamento, mas não me sinto suficientemente seguro de seu êxito para tomar uma posição em face da ansiedade da mulher e da família inteira, e contrariando a opinião de Chrobak;⁽¹⁾ assim, aliei-me à profecia de que tudo ficará bem por si só no quarto mês e tenho mantido em segredo minhas sérias dúvidas a esse respeito. O Sr. já teve alguma experiência com a influência da gravidez nessas neurastenias?

É possível que eu seja parcialmente responsável por esse novo cidadão. Certa vez, falei com muita firmeza e não sem intencionalidade, na presença da paciente, sobre o caráter nocivo do *coitus reservatus*(T1). Talvez eu esteja errado nessa questão.

Quanto a outras coisas, prezado amigo, não há muito a dizer. Minha pequena Mathilde está em vizejante progresso e nos dá muito prazer e divertimento. Minha clínica, que, como o Sr. sabe, não é muito considerável, aumentou um pouco recentemente, em virtude do nome de Charcot.⁽²⁾ O transporte é dispendioso, e visitar e conversar com pessoas para

convencê-las e demovê-las de coisas — pois é nisso que consiste minha ocupação — rouba-me o melhor tempo de trabalho. A anatomia cerebral está onde estava, mas a histeria tem progredido e o primeiro rascunho está pronto.

A cristandade ilustre é muito imoral.⁽³⁾ Ontem, houve um grande escândalo na sociedade de medicina. Eles queriam forçar-nos a fazer a subscrição de um novo periódico semanal, que pretende representar as opiniões purificadas, exatas e cristãs de algum Hofrâte [altos funcionários públicos] que há muito se esqueceram do que é o trabalho. Naturalmente, estão tendo êxito; sinto-me muito inclinado a me desligar.

Preciso apressar-me para ir a uma consulta inteiramente supérflua com Meynert.⁽⁴⁾ Cuide-se bem e, num desses domingos, escreva-me algumas palavras a seu respeito.

Com sincera dedicação,
Dr. Sigm. Freud

(1) Rudolf Chrobak (1843-1910), professor de ginecologia da Universidade de Viena. Em seu ensaio de 1914, denominado "História do Movimento Psicanalítico" (S.E., XIV:14-15), Freud diz que Chrobak lhe enviara uma paciente "a quem não podia dar atenção suficiente, devido a sua recente nomeação para o cargo de professor universitário". Após dezoito anos de casamento, a mulher era virgem, porquanto o marido era impotente, e Freud se recorda de Chrobak chamando o homem à parte dizendo: "A única receita para essa doença nos é bastante familiar mas não podemos recomendá-la. É a seguinte:

'Rx Penis normalis
dosim
repetatur' "(T2)

Segundo Jones (*Life*, 1:249), esse incidente é mencionado a Martha numa carta de maio de 1886. Mas a carta de 13 de maio de 1886, publicada em *Letters*, não se refere a essa paciente, e sim à mulher de um médico norte-americano que Freud encaminhou a Chrobak. Numa carta não publicada com data de 15 de maio, Freud diz a Martha que a mulher, a quem descrevera antes como "bela e interessante", deverá ser operada por Chrobak: "O americano já começou o tratamento. Sua mulher será operada por Chrobak." E, numa outra carta não publicada, de 23 de maio, escreve Freud a Martha: "Minha outra paciente está no mesmo sanatório. Foi operada ontem."

O que não sabemos é se Chrobak operou essa mulher por causa da suposta histeria dela. Tampouco temos certeza de que a paciente a que Freud se refere no ensaio de 1914 seja a mesma a que se refere nessas cartas a Martha. A data do incidente, portanto, ainda é um enigma. Chrobak tornou-se *Privatdozent* em 1870 e *Extraordinarius* em 1879, de modo que, presumivelmente, o incidente pertence à década de 1880.

(T1) Coito em que a ejaculação é adiada ou suprimida. (N. da T.)

(T2) Prescrição: pênis normal em doses repetidas. (N. da T.)

(2) Jean Martin Charcot era um famoso neurologista francês. Kris (*Origins*, p. 55, n. 1) entende essa citação como uma referência à tradução feita por Freud das *Leçons sur les maladies du système nerveux*, de Charcot (*Neue Vorlesungen über die Krankheiten des Nervensystems insbesondere über Hysterie*), que foi publicada em 1886. A edição em francês foi publicada no ano seguinte. Ver a carta de Freud a Martha em 12 de dezembro de 1885 (*Letters*, n.º 88) e suas observações no "Estudo Autobiográfico" (S.E., XX:12): Freud enviou a Breuer um exemplar

desse livro, com a seguinte dedicatória: "A meu amigo Josef Breuer, a quem estimo mais do que a todos os outros homens, mestre secreto da histeria e de outros problemas complicados, com a serena dedicação do tradutor."

Na casa de Freud em Maresfield Gardens, Londres, havia sete cartas não publicadas de Charcot a Freud (escritas entre 1888 a 1892). A 23 de janeiro de 1888, diz Charcot: "Não se preocupe; a histeria está progredindo e, um dia, chegará a ocupar, gloriosamente e em plena luz do sol, o lugar de importância que lhe é devido." Em 17 de fevereiro de 1889, escreveu: "Ainda não recebi a tradução de Bernheim de que você me falou. Começa-se a ver que havia muitos exageros nas promessas desse professor e, em Paris, fala-se mais nos perigos do hipnotismo do que em suas vantagens. Mesmo assim, de tudo isso algo há de restar." Em 30 de junho de 1892: "A propósito, estou encantado com as observações e críticas que encontrei no rodapé das páginas de minhas *Leçons*. É perfeito: viva a liberdade, como costumamos dizer na França."

É evidente que Freud encaminhou a Charcot a Sra. Cacilie M., uma das pacientes mencionadas nos *Estudos sobre a Histeria* (S.E. II), e, em 26 de outubro (?) de 1888, Charcot escreve a Freud: "A análise delicada e completa que você fez dos fenômenos psicofisiológicos, que são tão variados e complexos, mostra suficientemente que você se apegou a essa pessoa interessante, tal como nós nos afeiçoamos a ela durante sua estada em Paris. ... Mas, repito o que tinha dito: é psiquicamente que se deve agir, como você bem compreendeu, e é dessa maneira que se pode ser útil nesse caso. Devo dizer-lhe ainda que a Sra. X. de hoje, em todos os aspectos, é muito superior ao que era antes. Está, na verdade, como ela própria reconhece, preparada, numa certa medida, para a batalha da vida, o que não acontecia antes."

Não seria essa a origem do célebre lema posterior de Freud (para o qual não se descobriu, efetivamente, nenhuma fonte) de que o objetivo da análise é ser capaz de trabalhar e amar? O que essas cartas demonstram e que não sabíamos antes, é o grau de receptividade de Charcot às idéias recém-surgidas em Freud. Charcot morreu em 1893, de modo que é impossível saber como teria reagido ao livro *Estudos sobre a Histeria*, de 1895. Será que o teria reconhecido e saudado como o grande sucessor de sua própria obra? As cartas de Freud a Charcot, ao que me consta, não foram preservadas. A luz das cartas aqui citadas, é curioso que Freud tenha escrito, na *Psicopatologia da Vida Cotidiana* (S.E. VI:161), a propósito de sua tradução de Charcot, que "ela traz à luz uma ocasião ainda anterior, envolvendo uma tradução do francês, em que realmente infringi os direitos de propriedade aplicáveis às publicações. Acrescentei notas ao texto que traduzi, sem pedir a permissão do autor e, alguns anos depois, tive motivos para suspeitar de que o autor havia ficado insatisfeito com minha ação arbitrária".

(3) O incidente aqui descrito por Freud aparece em Sablik (1968). O periódico em questão era o *Wiener klinische Wochenschrift*. Sablik, porém, não aborda a atitude "cristã" dessa nova publicação médica, nem a maneira como se manifestou. A primeira edição surgiu em 5 de abril de 1888 e nada havia nela de visivelmente cristão. Heinrich von Bamberger, o editor-chefe, era judeu, tal como vários outros membros do conselho editorial, inclusive um amigo de Freud, Ernst Fleischl von Marxow (ver nota 2 da carta de 6 de maio de 1894). O primeiro editorial fala, de modo um tanto agourento, sobre a "terra pátria" e a "honra da escola de Viena." A votação favorável à assinatura do periódico venceu por 93 votos a 29, ficando Freud, evidentemente, entre os que rejeitaram a proposta. Curiosamente, em 1931, Freud foi eleito membro honorário da mesma sociedade. Ao que parece, nunca chegou de fato a desligar-se.

(4) Freud se refere ao incidente com Meynert em seu "Estudo Autobiográfico". Sua apresentação de um caso de histeria masculina à Sociedade de Medicina de Viena, em 15 de outubro de 1886, levou a um relacionamento precário com Theodor Meynert (psiquiatra vienense) e foi explicada em detalhes por Bernfeld e

Bernfeld (1952). Ver também Dora Meynert (1930), Bernfeld (1951), Lebzelttern (1973) e, para conhecer um ponto de vista diferente, Ellenberger (1970).

Num artigo pouco conhecido e nunca publicado, mas mencionado no *Internationale klinische Rundschau*, 6 (1892), pp. 814-818, 854-856, referente às palestras sobre hipnose e sugestão realizadas em 27 de abril e 4 de maio no Clube de Medicina de Viena, Freud escreve: "A objeção de que a terapia hipnótico-suggestiva é um tratamento puramente sintomático está, mais uma vez, perfeitamente correta, mas isso se aplicaria à vasta maioria de nossos métodos de tratamento; dispomos de muito poucas terapias causais e, em geral, ficamos plenamente satisfeitos com os métodos sintomáticos [isto é, a terapia que busca alívio dos sintomas] e o paciente não nos solicita nada além disso" (p. 855). Freud estava prestes a criar a primeira terapia causal da história embora seja improvável que já o soubesse em 1892. Provavelmente, porém, esse foi o ano em que começou a usar pela primeira vez o método da associação livre.

Infelizmente, nenhuma outra citação do artigo de Freud chegou até nós. Por isso, é impossível elucidar melhor uma frase torturante ao final dele. Segundo o relato, Freud teria afirmado que "Na histeria, porém, existe um caso em que a hipnose nos permite [conduzir] um tratamento realmente causal, mas o orador que lhes fala não deseja dizer mais nada sobre ele neste momento." Seria essa uma referência à paciente que Freud encaminhou a Charcot e que desempenhou um papel tão crucial nos *Estudos sobre a Histeria* e no desenvolvimento das idéias de Freud sobre o método psicanalítico?

Viena, 28 de maio de 1888

I., Maria Theresienstrasse 8

Caro amigo e colega:

Tenho uma pequena razão para escrever-lhe, embora pudesse tê-lo feito há muito tempo sem razão alguma. Antes de mais nada, portanto, vamos a essa razão: a Sra. A., que, desde o momento em que se revelou um caso de neurastenia cerebral crônica (se o Sr. também quiser chamá-lo assim) e desde o aborto e o restante, teve uma recuperação esplêndida, com um mínimo de tratamento, e passa agora muito bem, observa que o verão se aproxima. Suas velhas preferências atraem-na a Franzensbad; minha recomendação é um tratamento hidropático nas montanhas. Assim, ela me pediu que submetesse o assunto a sua deliberação, o que faço neste momento, oferecendo-lhe toda a minha solidariedade. Eu tinha pensado no Lago Luzerne, em Axenstein, e diversos outros locais. Se o Sr. estiver de acordo, envie-me *pela próxima mala postal* um cartão em que tenha rabiscado o nome de um lugar e fique certo de que esse será o lugar em que a Sra. A. irá passar o verão. Mas, por favor, poupe-me de ter que tomar essa decisão; isso de modo algum a satisfaria, pois o poder sobre os espíritos⁽¹⁾ que pertence ao Sr. não é transferível. Por favor, responda imediatamente, já que minha promessa de escrever-lhe é dez dias anterior a esta carta.

Neste momento, tenho reclinada diante de mim uma senhora em hipnose e, por conseguinte, posso continuar a escrever em paz. Temos

vivido muito felizes, numa simplicidade sempre crescente. Quando nossa pequena Mathilde sorri, imaginamos que ouvi-la rir é a coisa mais linda que nos poderia acontecer e, quanto mais, não somos ambiciosos, nem muito trabalhadores. Minha clínica aumentou um pouco no inverno e na primavera, está agora decrescendo novamente e mal dá para nos manter vivos. As horas vagas para trabalhar têm sido gastas em diversos artigos para Villaret,⁽²⁾ em partes da tradução da *Suggestion*, de Bernheim, e em coisas similares que não são dignas de nota. Espere! O primeiro rascunho da "Paralisia Histérica"⁽³⁾ também foi concluído; não sei ao certo quando o será o segundo. Em suma, vai-se levando; e a vida, como é do conhecimento geral, é muito difícil e muito complicada e, como dizemos em Viena, há muitos caminhos para o Cemitério Central.

Observo seus esforços, tão próximos do heróico, sem inveja, mas com uma satisfação verdadeiramente empática. Mantenha-os assim e dê o passo seguinte na organização de seu trabalho, isto é, o de encontrar assistentes. O tempo da hipnose está esgotado.

Saúdo-o cordialmente.

Com muita pressa,
Dr. Freud

(1) Essa é, provavelmente, uma referência à balada de Goethe intitulada *Der Zauberlehrling* (ou, possivelmente, ao *Fuusto*), na qual somente o feiticeiro-mestre tem o poder de invocar os espíritos para colocá-los a seu serviço.

(2) Os artigos do *Handwörterbuch der gesamten Medizin* não são assinados, de modo que não se pode ter certeza quais deles foram escritos por Freud. Vogel (1953) sustenta, de maneira convincente, que o artigo sobre "Hysterie" é decididamente de Freud. Kris (*Origins*, p. 556, n.º 2) afirma que "Os artigos sobre a histeria e a paralisia em crianças, e talvez também o que versa sobre as paralisias, podem igualmente ser atribuídos a ele, por causa de seu estilo e conteúdo." Vogel acredita ainda que o artigo intitulado "Hystereoepilepsie" (traduzido em *S.E.*, 1:58-59) seja da autoria de Freud. Ele não crê que seja dele o artigo sobre "Kinderlähmung", posto que Freud estava interessado, em suas publicações neurológicas desse período, na paralisia cerebral, enquanto o artigo na obra de Villaret concerne à paralisia espinhal. Essa tese não é muito convincente, especialmente se levarmos em conta uma palestra de Freud intitulada "Über hysterische Lähmungen", proferida em 24 de maio de 1893 e relatada no *Neurologisches Centralblatt* 12 (1893), p. 709, onde Freud fala sobre essa distinção. Por outro lado, Vogel crê que o artigo sobre "Lähmung" seja de Freud, dada sua semelhança com outro artigo do autor, em francês, datado de 1893, com o título de "Quelques considérations..." (ver nota abaixo).

(3) O artigo de Freud intitulado "Quelques considérations pour une étude comparative des paralysies motrices organiques et hystériques" foi publicado por Charcot nos *Archives de Neurologie*, em 1893, embora algumas de suas partes já tivessem sido escritas em 1886. Foi reproduzido em *G.W.* e, depois disso, traduzido na *S.E.* sob o título de "Algumas Considerações para um Estado Comparado das Paralisias Motoras Orgânicas e Histéricas". Jones (*Life*, 1:255-257) conta a história desse trabalho. Quando o volume de Jones foi publicado, W. H. Auden escreveu-lhe uma carta (que se encontra nos Arquivos de Jones na Biblioteca do Instituto de Psicanálise, em Londres), no dia 4 de novembro de 1953: "O Sr. fornece um maravilhoso exemplo da compreensão 'histórica' de Freud ao relatar o modo como ele assinalou a Charcot que as regiões afetadas nas histerias não

correspondem à anatomia, mas sim as idéias populares sobre a anatomia. E como é típico daquela época que Charcot não se interessasse!"

O artigo de Freud foi criticado, em 1896, nos *Annales médicopsychologiques*, por L. Camuset, que escreveu: "Nas paralisias histéricas, não existe anatomia." A rigor, no artigo original, Freud afirmou que, "Em suas paralisias e outras manifestações, o histérico age como se a anatomia não existisse, ou como se ele não tivesse nenhum conhecimento de anatomia". Essa talvez tenha sido a primeira compreensão genuinamente psicológica da histeria.

Teria Charcot lido esse artigo? Ele faleceu no dia 16 de agosto de 1893. O artigo fora publicado em julho. Uma carta sem data de Charcot a Freud (encontrada em Maresfield Gardens) diz: "Acabo de receber seu estudo comparativo sobre as paralisias histéricas e orgânicas. Corri os olhos por ele e vejo que deve ser muito interessante. Será publicado nos *Archives de Neurologie*. Cuidarei disso assim que estiver de volta." Visitei a biblioteca de Charcot em Paris e localizei sua cópia do número pertinente dos *Archives*. Ali, ao lado das linhas de Freud que citei, estavam as únicas marcas do volume: dois traços fortes na margem. Portanto, Charcot realmente viu o artigo; foi seu último vislumbre da psicologia do futuro, que ele ajudara a preparar, mas não viveria para ver desenvolvida.

Uma carta não publicada à noiva de Freud, Marta (23 de fevereiro de 1886), escrita em Paris, merece ser citada: "Na terça-feira, tive oportunidade de entregar a carta [que continha a proposta de escrever um artigo] a Charcot, como já lhe escrevi, mas senti-me um pouco indisposto na quarta-feira e não fui ao [Hospital] Salpêtrière. Hoje ele me disse, para minha grande alegria, que não estava tão mal assim, mas que não podia aceitá-la [a idéia]; ele não quis contradizer-me! e considerou importante que essas questões sejam esclarecidas. Devo continuar trabalhando até chegar a umas 20 páginas datilografadas, e depois enviá-las a ele; ele quer publicá-las nos *Archives de Neurologie*. Naturalmente, estou mais do que apenas gratificado. Acabei de vê-lo de novo e, mais uma vez, ele puxou espontaneamente o assunto, que claramente o agradou. De modo geral, foi muito agradável e me deu instruções finais sobre a tradução. Entreguei-lhe uma fotografia dele, que eu havia comprado para que fosse autografada. Ele a assinou e me deu outra de presente. Levarei as duas para você. Por fim, perguntou se eu precisava de recomendações para Berlim e escreveu dois cartões para mim, que provavelmente me ajudarão muito. Estou muito satisfeito com o resultado de nossas discussões e sinto que não causei má impressão a ele."

Viena, 29 de agosto de 1888

Prezado amigo,

Estive em silêncio por muito tempo, mas, afinal, minha resposta se revela impressionante: um livro, um artigo e uma fotografia; não se pode esperar mais nada para acompanhar uma carta. Quanto a sua carta, ela continha muitas coisas que me estimularam o pensamento por um longo período e que eu gostaria de ter discutido com o Sr.. Sem nenhuma reserva, acho que o Sr. está com a razão, mas não posso fazer o que me pede. Ingressar na clínica geral em vez de fazer uma especialização, trabalhar com todos os meios possíveis de investigação e cuidar inteiramente do paciente — este é, decerto, o único método que promete satisfação pessoal e êxito material; mas, para mim, é tarde demais para isso. Não aprendi o bastante para ser médico clínico e há em meu desenvolvimento

médico uma falha que, mais tarde, foi trabalhosamente remendada. Consegui aprender apenas o bastante para tornar-me neuropatologista. E agora me faltam não a juventude, é verdade, mas o tempo e a independência para compensar essa falha. No último inverno, estive bastante atarefado, e isso só me deu o suficiente para continuar vivendo com minha enorme família, e não sobrou nenhum tempo para o aprendizado. O verão foi bem ruim; deixou-me tempo suficiente, mas trouxe também preocupações que me roubaram meu bom humor. Além disso, o hábito da pesquisa, ao qual sacrifiquei muitas coisas, minha insatisfação com o que se oferece ao estudioso e a necessidade de entrar em detalhes e de exercer um juízo crítico interferem em meus estudos. Toda a atmosfera de Viena é de tal ordem que pouco faz por enrijecer a força de vontade ou fomentar aquela confiança no sucesso que é característica de vocês, berlinenses, e sem a qual um homem maduro não pode pensar em alterar a base de sua existência. Assim, parece que preciso continuar a ser o que sou; mas não tenho ilusões sobre a inadequação desse estado de coisas.

A fotografia que segue entre os anexos justifica-se por minha lembrança de um desejo que o Sr. expressou em Viena e que, na ocasião, não pude satisfazer. Com respeito ao livro sobre a *Sugestão*, o Sr. conhece a história. Empreendi o trabalho com muita relutância e apenas para ter uma participação num assunto que, sem dúvida, irá influenciar profundamente a clínica dos especialistas em doenças nervosas nos próximos anos. Não compartilho as opiniões de Bernheim, que me parecem unilaterais, e tentei defender o ponto de vista de Charcot⁽¹⁾ no prefácio — não sei com quanta habilidade, mas, tenho certeza, sem êxito. O sugestivo (isto é, a teoria iatro-sugestiva de Bernheim) atua como um feitiço *commonplace*⁽²⁾ (corriqueiro) nos físicos alemães, que não precisam dar nenhum salto grandioso para passar da teoria da simulação, onde se sustentam agora, para a teoria da sugestão. Ao criticar Meynert,⁽³⁾ que, em seu costumeiro estilo despudorado-malicioso, falou abalizadamente sobre um tema do qual nada sabe, tive que me conter, pois a atitude de todos os meus amigos assim o exigia. Mesmo assim, o que escrevi lhes parece arrojado. Mexi num ninho de vespas.

Aproximo-me finalmente da conclusão das “paralisias histéricas e orgânicas”, o que me agrada bastante. Minha parte no Villaret tornou-se menos longa do que se esperava. O artigo sobre anatomia cerebral foi drasticamente reduzido; vários outros artigos ruins sobre neurologia não são de minha autoria! O valor científico de todo |o volume| não é muito grande.

A “Anatomia do Cérebro” está ainda em germinação, como estava na época em que o Sr. me deu idéias novas. É essa a extensão de minhas atividades científicas. No mais, as coisas vão indo bem. Desde o começo de julho, minha mulher e minha filha estão em Maria Schu no Semmering, onde também eu planejo passar agora uma semana. A pequerrucha está-se desenvolvendo esplendidamente.

Fiquei encantado ao saber que o Sr. está com um assistente. É muito provável também que esta carta não o alcance em Berlim. Não trabalhe demais — gostaria de lembrar-lhe isso todos os dias. Cuide-se e pense na amizade de

Seu sinceramente dedicado
Dr. Sigm. Freud

(1) Esta carta foi escrita antes que Freud, em companhia de uma paciente, fosse a Nancy visitar Bernheim no verão de 1889. Infelizmente, dispomos de poucas informações sobre essa importante visita. Podemos presumir que ela tenha preparado o terreno para uma mudança do ponto de vista aqui relatado. Freud se refere às idéias sobre as quais escreveu em seu prefácio a *De la Suggestion*, de Bernheim (S.E. I:73), onde, efetivamente, ao comparar a escola de Paris (Charcot) com a de Nancy (Bernheim e Ambroise Liébeault), favoreceu a de Paris.

Freud menciona essa visita a Nancy com alguns detalhes no "Estudo Autobiográfico" (S.E. XX:17) e, mais brevemente, nas *Conferências Introdutórias* (S.E. XV:103) e em "Algumas Lições Elementares sobre Psicanálise" (S.E. XXIII:285). É útil a introdução de Strachey (S.E. I:63-69) aos artigos sobre "Hipnotismo" e "Sugestão".

Descobri uma fonte que passara despercebida anteriormente no *Neue Freie Press*, 6 (1904):10. T. Thomas, ao escrever sobre "Magnetische Menschen", faz a seguinte observação: "Diz o Professor Freud: 'A humanidade sempre abrigou o anseio de poder desvendar todos os segredos com uma única chave. Tal "palavra-chave" foi sempre o magnetismo. Esta era e continua a ser uma palavra de grande significado sugestivo. E é também compreensível que o misterioso poder do imã, que tem efeitos distantes, exerça também um efeito sobre nossas fantasias. É claro que um efeito factual do imã no homem, ou do homem no imã, está fora de questão.'" Uma vez que essas opiniões não se encontram nos textos publicados de Freud, presumo que Thomas o tenha entrevistado.

A declaração de Freud sobre essa visita a Nancy (S.E. XX:17) é significativa. Com a idéia de aperfeiçoar minha técnica hipnótica, fiz uma viagem a Nancy no verão de 1889 e ali passei várias semanas. Testemunhei o comovente espetáculo do velho Liébeault a trabalhar entre as mulheres e crianças pobres das classes trabalhadoras. Fui espectador dos surpreendentes experimentos de Bernheim com seus pacientes hospitalares e fiquei com a mais profunda impressão da possibilidade de que existam processos mentais poderosos que, não obstante, permanecem ocultos da consciência dos homens." Gregory Zilboorg (1967, p. 369) cita Bernheim como tendo escrito que "Na verdade, passamos a maior parte de nossas vidas alucinando as pessoas, potencial ou realmente."

De fato, Bernheim procurou mostrar que a histeria e a hipnose não estavam indissolivelmente ligadas e que os fenômenos revelados pela hipnose acerca da mente eram válidos fora da histeria — algo que Freud reconheceu como verdadeiro, posteriormente, e para o qual forneceu o entendimento teórico que faltava na obra de Bernheim. Charcot não acreditava nisso, mas acreditava que algum núcleo ainda palidamente compreendido de verdade sexual se achasse por trás dos fenômenos da histeria. No livro *Les Démoniaques dans l'Art*, ele havia demonstrado que as possessões demoníacas refletidas na arte eram típicas de indivíduos histéricos. Foi esse vislumbre de compreensão acerca da sexualidade, jamais inteiramente entendido por Charcot ou sua escola, que pareceu causar a mais profunda impressão em Freud. Além disso, somos informados por outra afirmação de Freud que ele não se deixou convencer inteiramente pelo que viu em Nancy. E isso porque, na *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* (S.E. XVIII:89), escreveu: "Essa era também a opinião de Bernheim, de cuja arte surpreendente fui testemunha no ano de 1889. Mas lembro-me de ter sentido, já naquela época, uma hostilidade surda para com essa tirania da sugestão. Quando um paciente que

se mostrava inflexível era confrontado com o grito “Mas o que está o senhor fazendo? *Vous vous contre-suggestionnez!*”, dizia a mim mesmo que isso era uma injustiça flagrante e um ato de violência. Pois o homem certamente tinha o direito de se contra-sugestionar, já que as pessoas estavam tentando subjugar-lo com sugestões.”

A paciente que Freud levou com ele a Nancy não foi identificada, embora se tenha sugerido o nome de *Frau Emmy von N.* De fato, é possível que ela fosse a paciente mencionada na carta de Charcot a Freud como tendo sido enviada por Freud a Paris. Se assim foi, é ela a paciente a quem Freud chama *Cacilie M.* nos *Estudos sobre a Histeria*.

(2) Em inglês no original.

(3) Em 2 de junho de 1888, Meynert apresentou um artigo intitulado “Über hypnotische Erscheinungen” numa reunião da Sociedade de Medicina de Viena. Ele foi transcrito no *Wiener klinische Wochenschrift*, I (1888), pp. 451-453, 473-476, 496-498, e prosseguiu até a última parte, publicada em 13 de setembro de 1888 (n.º 24). Na discussão sobre o trabalho, Wilhelm Winternitz fez o seguinte comentário: “O Hofrat Meynert provou que a questão é muito poderosa; foi mais além e forneceu as razões fisiológicas e anatômicas para isso; foi ainda mais longe e mostrou que a sugestão surte um efeito intenso no estado hipnótico. Não me fica claro, portanto, porque chegou à conclusão de que não pode justificar a execução desse experimento com pessoas doentes, uma vez que, como nos demonstrou, a sugestionabilidade é intensa durante a hipnose. ... Casualmente, visitei o laboratório da escola de Nancy e ali vi a sugestão sendo usada como terapia, e vi que algumas coisas realmente tinham êxito. Por exemplo, no caso de dois meninos que sofriam de incontinência, vi essa falha desaparecer em decorrência da sugestão etc.. Em Nancy, constatei que não só os histericos são passíveis de influência através da sugestão.”

Viena, 21 de julho de 1890⁽¹⁾

Caro amigo,

Minha resposta será tão curta quanto sua carta. Não tenho nenhum interesse no congresso, nem tampouco tenciono participar dele. Mas seu convite foi a coisa mais adorável e a maior honra que me aconteceu em muito tempo. Anseio enormemente vê-lo outra vez, saber no que está empenhado e reavivar minha energia e meus interesses científicos quase extintos nos seus e, sendo assim, aceito e tornarei a escrever para informar-lhe quando vou chegar. O Sr. conhece meus sentimentos e meu respeito pelo Sr.; vamos conversar durante alguns dias. Caso, no entanto, sua intenção tenha sido apenas a de me oferecer hospedagem, enquanto o Sr. continuaria a dedicar-se a seu trabalho, informe-me e não irei.

Cordialmente,
Sigm. Freud

(1) Erroneamente datada de 1891 em *Origins*.

Reichenau. 1 de agosto de 1890

Prezado amigo,

Com muita relutância, escrevo-lhe hoje para dizer que não poderei ir a Berlim; não me importam nem um pouco a cidade ou o congresso, mas me importa muito não poder vê-lo em Berlim. Não foi uma só grande razão que revogou minha decisão, e sim aquele conjunto de pequeninas razões que se produz tão facilmente no caso de um médico clínico e chefe de família. Não funciona, de maneira nenhuma: nem em termos médicos, já que meu paciente mais importante está justamente agora atravessando uma espécie de crise nervosa e poderia melhorar em minha ausência; e nem no que concerne à família, onde toda sorte de coisas tem acontecido com as crianças (tenho agora uma filha e um filho), e minha mulher, que nunca deseja criar obstáculos às pequenas viagens, realmente não gosta desta em particular, e assim por diante. Em suma, não funciona; e já que tenho essa viagem na conta de um regalo singular que estaria oferecendo a mim mesmo, fui levado a renunciar a esse prazer.

Com grande relutância, pois havia esperado muito de meu contato com o Sr.. No mais, estou muito contente, feliz até, se o Sr. preferir, e ainda me sinto bastante isolado, cientificamente embotado, preguiçoso e resignado. Quando conversava com o Sr. e percebia que era favorável sua opinião a meu respeito, eu costumava até atribuir-me uma certa importância, e o quadro de energia absolutamente convincente que o Sr. me ofereceu não deixou de surtir algum efeito em mim. Ademais, do ponto de vista médico, eu sem dúvida me beneficiaria de sua presença e, talvez, também da atmosfera de Berlim, já que faz muitos anos que estou sem nenhum mestre; estou mais ou menos exclusivamente envolvido no tratamento das neuroses.

Não poderia eu vê-lo em alguma outra ocasião que não a do congresso em Berlim? Será que o Sr. não fará uma viagem depois dele? Ou voltará aqui no outono? Não perca a paciência comigo por tê-lo deixado sem uma resposta por carta e por recusar agora seu convite, que não poderia ter sido mais cordial. Informe-me sobre alguma perspectiva de vê-lo por alguns dias, para que eu não o perca como amigo.

Com minhas cordiais saudações,

Dedicadamente,
Dr. Sigm. Freud

Viena, 11 de agosto de 1890

Caríssimo amigo,

Esplêndido! E o Sr. conhece algum lugar mais encantador do que Salzburgo para esse fim? Vamos encontrar-nos lá e passear por alguns dias por onde o Sr. quiser. A data me é indiferente; decida a seu critério,

por favor; será, presumo, por volta do final de agosto. Em vista dos obstáculos que lhe mencionei, não poderão ser mais do que três ou quatro lindos dias, mas é certo que os teremos, e tudo farei para não ser novamente impedido de ir. Se o Sr. concordar com Salzburgo, provavelmente viajará via Munique, e não Viena.

Com uma expectativa realmente alegre,

Sigm. Freud

Viena, 2 de maio de 1891

Caro amigo,

Desse crítico e do resultado, realmente me orgulho. Penso que o impacto da crítica não há de ter contribuído pouco para o sucesso.⁽¹⁾ Dentro de poucas semanas, darei a mim mesmo o prazer de enviar-lhe um pequeno livro sobre a afasia,⁽²⁾ pelo qual eu próprio nutro um sentimento caloroso. Nele, sou muito despudorado, terço armas com seu amigo Wernicke,⁽³⁾ com Lichtheim e Grashey, e chego até a arranhar o poderosíssimo ídolo Meynert. Estou muito curioso de ouvir o que o Sr. terá a dizer sobre esse esforço. Em vista de seu relacionamento privilegiado com o autor, parte dele há de soar-lhe familiar. O artigo, aliás, é mais sugestivo do que conclusivo.

E o que mais o Sr. tem feito além da resenha de meu trabalho? Em meu caso, "mais" significa um segundo menino, Oliver, que está agora com três meses. Será que nos encontraremos este ano?

Com as cordiais saudações do

Dr. Freud

(1) Essa é, sem dúvida, uma referência a uma crítica feita por Fliess a algum trabalho de Freud. No entanto, não se tem notícia de nenhuma crítica de Fliess a qualquer das obras de Freud. É possível que a crítica tenha sido escrita, mas nunca publicada, ou que tenha sido publicada em algum jornal obscuro que ainda não foi descoberto. O *Archiv für Kinderheilkunde* contém uma crítica do artigo "Über Hemianopsie im frühesten Kindesalter", de Freud, feita por um certo Herr Hölzke, de Berlim, que menciona que os dois casos relatados por Freud são os primeiros a ser encontrados na literatura especializada. Entretanto, em vista da frase ao final da carta, é improvável que Freud se esteja referindo a uma crítica feita por qualquer outra pessoa que não Fliess.

(2) Referência ao trabalho de Freud, *Zur Auffassung der Aphasien*.

(3) Carl Wernicke (1848-1905) foi um eminente neurologista e psiquiatra, mencionado com frequência por Freud em relação à afasia. Era também co-editor (com Theodor Ziehen, que Freud igualmente menciona em sua carta de 25 de janeiro de 1901) do *Monatsschrift für Psychiatrie und Neurologie*, onde o caso Dora — "Fragmento da Análise de um Caso de Histeria" — veio a ser publicado. É bem possível que Fliess o conhecesse, pois Wernicke foi (segundo a enciclopédia alemã *Der grosse Brockhaus*, de 1957) professor em Berlim de 1885 a 1890, antes de mudar-se para Breslau.

Freud retirou de Wernicke o termo *überwertig* (supervalente), que empregou na análise de Dora, possivelmente como um tributo a seu editor. Freud também publicou seu artigo sobre recordações encobridoras no *Monatsschrift*.

Viena, 17 de agosto de 1891

Caro amigo e correspondente retardatário,

Até que enfim! Senti medo de ter estragado as coisas com o Sr. por causa da afasia; agora, aguardo com interesse sua apreciação, bem como suas objeções.

No momento, minha vida é a seguinte: estou em Reichenau, no Semmering, passando a semana inteira; segunda-feira, em Viena. Amanhã parto numa *tourné* de uma semana por Gesäuse e Dachstein, para a qual não posso convidá-lo porque não estaríamos a sós.⁽¹⁾ Na segunda-feira subsequente, outra vez em Viena, depois em Reichenau, e assim sucessivamente até a primeira semana de setembro. A partir de 8 de setembro, sem dúvida teremos que permanecer em Viena para fazer a mudança para um novo apartamento (IX., Berggasse 19).

Mas não estou desistindo do Sr., em absoluto. Creio que, este ano, teremos de arranjar as coisas de maneira a que o Sr. encaixe *a mim* em algum lugar e algum momento entre seus amigos e planos de viagem, e que me informe com a maior antecedência possível sobre suas vindas a Viena ou Reichenau. A única época em que *eu* terci alguma flexibilidade será a última semana de agosto, mas, mesmo nessa ocasião, não posso garantir todas as eventualidades, em vista de minha vida freqüentemente restrita. Mesmo assim, escreva, faça sugestões e se atenha firmemente à única coisa que, de imediato, quero registrar como a única (que importa): que, também neste ano, precisamos encontrar-nos e conversar.

Com saudações cordiais,
do amigo,
Sigm. Freud

A partir de domingo, 22 de agosto, escreva para Reichenau, Niederösterreich ou Viena (*aequo loco*).^(T)

(1) Gesäuse é uma cadeia de montanhas na Áustria e Dachstein é sua montanha mais alta.

(T) Mesmo lugar. (N. da T.)

Viena, 11 de setembro de 1891

Caro Amigo,

Não pude avisá-lo antes, pois eu mesmo não sabia. Agora posso dizer-lhe que, em 15 de setembro, estarei esperando pelo Sr., alegre e im-

pacientemente, em Viena, IX., *Bergasse 19* (possivelmente na estação ferroviária, se me escrever).

Muito cordialmente,
Dr. Freud

Viena, 25 de maio de 1892(1)

Caríssimo amigo,

Penso que não há nenhuma necessidade de o Sr. responder a cada uma de minhas pilhérias tolas. Na verdade, quero ter certeza, agora, de poder escrever-lhe sem esperar uma resposta sua. Tudo o que tenho a dizer-lhe hoje é que minha mulher irá a Reichenau no dia 1.º de junho e que irei encontrá-la na semana de Pentecostes; que estou perfeitamente disposto a ficar fora de seu caminho enquanto o Sr. estiver lá, mas que, naturalmente, estou também inteiramente pronto a aceitar o sacrifício de vê-lo, “seu” felizardo, e de cumprimentá-lo cordialmente por um momento, no sábado ou na terça-feira, se o Sr. já ou ainda estiver por lá.

A propósito, e já que não me ocorre nada mais inteligente, deixe-me informá-lo de que fiquei atônito ao ler, em seu último cartão, um W. Ch. (Wilhelm Christian). Só depois me apercebi de que o Sr. escreve errado seu primeiro nome.(2)

Cordialmente,
Dr. Freud

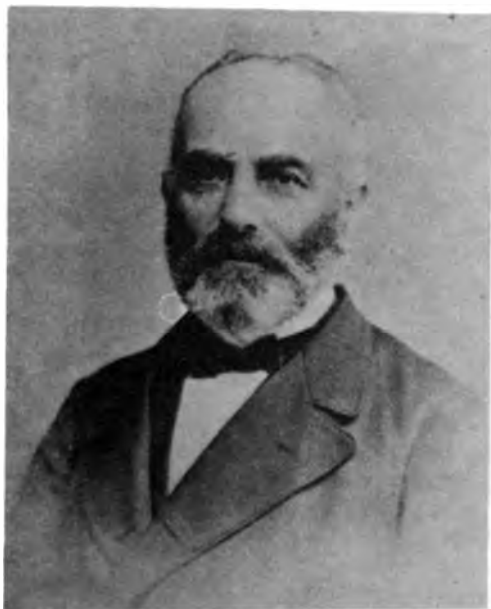
Queira pensar depressa no que gostaria de receber como presente de casamento. Preciso saber o mais cedo possível.

(1) O original desta e de outras nove cartas de Freud à família Fliess acha-se em Jerusalém, no departamento de manuscritos e arquivos da Biblioteca Nacional e Universidade Judaica. Pauline Jacobsohn, filha de Fliess, que hoje mora em Israel, levou-as com ela ao emigrar da Alemanha. As cartas foram trazidas a minha atenção pela primeira vez por Peter Swales, e a universidade teve a gentileza de colocá-las a meu dispor para a presente edição.

(2) Michael Schröter sugeriu que o prenome de Fliess, Wilhelm, comumente grafado “Wilh.”, poderia ser erroneamente lido como W. Ch.



Ida Bondy em 1892, ano em que se casou com Wilhelm Fliess. No verso da foto há uma anotação de Elenore Fliess, dizendo que sua sogra era uma talentosa pianista amadora e uma anfitriã notável, às vezes chamada de "a Duquesa" pelos amigos do filho.



*Jacob Fliess, pai
de Wilhelm.*

*O filho de Fliess,
Robert Wilhelm,
quando contava cerca
de seis anos.*



Viena, 28 de junho de 1892

Caríssimo amigo,

Não tive nenhuma oportunidade, senão na lembrança, de reportar-me à linda noite em que vi você⁽¹⁾ entre os seus, ao lado de sua noiva. Saiba que, nesse meio tempo, meu respeito por sua argúcia em termos de diagnóstico só fez aumentar ainda mais, e que quando, "nos rodopios da memória",⁽²⁾ ocorreu-me esbarrar em você, aflorou em mim uma idéia desconfortante: agora, ele está bem cuidado e em boas mãos. Essa certeza deu também o tom de minha correspondência com você. Não o interprete mal.

A razão de eu lhe escrever é que Breuer me declarou sua disposição de publicarmos juntos nossa teoria pormenorizada da ab-reação, bem como nossos outros chistes⁽³⁾ em comum sobre a histeria. A parte que eu queria inicialmente escrever sozinho está terminada e, em outras circunstâncias, certamente lhe teria sido comunicada.

A parcela do Charcot que lhe estou enviando hoje acabou saindo bastante boa, mas estou aborrecido por haver vários erros não corrigidos de acentuação e gramática nas poucas palavras em francês. Puro desleixo!

Estou informado de que você está agora à espera de uma retribuição da visita. Espero que me faça o favor de me dar uma indicação sobre o que devo mandar-lhe para a casa nova, como símbolo dos melhores votos, meus e de minha mulher, para a nova família.

Aceite as mais cordiais saudações a você, sua cara Ida e os pais dela, que me receberam com tão irrestrita bondade, do amigo,

Sigm. Freud

A Sra. Gomperz tem-me atormentado com perguntas sobre como deve recompensá-lo por seus esforços em prol de Rudi.⁽⁴⁾

(1) Essa é a primeira carta em que Freud usa o tratamento familiar *Du/tu* para dirigir-se a Fliess.

Na presente tradução para o português, optamos pelo emprego do tratamento na terceira pessoa, mais usual entre nós na atualidade. (N. da T.)

(2) *Umwälzen der Erinnerung*. A referência não é clara.

(3) O texto impresso em *Anfänge* diz *Mitteilungen*, mas, na verdade, o manuscrito traz a palavra *Witze*.

(4) Schroter identificou essa passagem com uma referência a Rudolf Gomperz (n. 1878).

Viena, 12 de julho de 1892⁽¹⁾

Caríssimo Amigo,

Ontem à tarde, ainda cansado de minha excursão de domingo pela montanha, enquanto considerava um modo de passar a noite sem me mexer (ao menos ativamente), seu sogro teve a gentileza de me convidar

para ir com ele ao Brühl.⁽²⁾ Não preciso dizer-lhe que aceitei de bom grado. Mais uma vez, todos foram muito cordiais por lá. Devo dizer-lhe que estou realmente impressionado com você, depois de ver a escolha que fez. Ela é um modelo de esposa! Mas essas são expressões amáveis que você decerto não requer de mim.

Terei agora oportunidades mais frequentes de passar por aquela casa alegre, pois minha *prima donna*⁽³⁾ acaba de se mudar para o Brühl. Tenho certeza de que lhes farei uma rápida visita em todas as ocasiões; isso faz a gente se sentir muito bem.

Nossas conversas de ontem tiveram o mesmo teor de sua carta de hoje. Em agosto, estarei em Reichenau, a apenas uma hora e meia de você pelo mesmo ramal ferroviário. Ontem, solicitei, com êxito, que vocês dois passem pelo menos um dia em Reichenau. Pelo bem de minha mulher, que, de outro modo, não poderia conhecer Ida e que fala nisso a todo momento.

Estou, é claro, aguardando com grande interesse o anúncio de seu livro sobre o nariz. Fiz essa sugestão ao achar que você precisava muito de uma distração poderosa, mas agora não estou tão satisfeito em ter contribuído para que você assumisse uma nova responsabilidade nessa época tão turbulenta. Entretanto, já aconteceu.

Minha histeria, nas mãos de Breuer, foi transformada, ampliada e restrita e, nesse processo, evaporou-se parcialmente. Estamos escrevendo a coisa juntos, cada qual trabalhando por seu turno em diversos capítulos que ele assinará, mas ainda em completo acordo. Ninguém sabe dizer até o momento como a coisa irá ficar. Enquanto isso, vou usando um período de embutamento cerebral para ler psicologia.

A semana passada concedeu-me um raro prazer humano: a oportunidade de escolher da biblioteca de Meynert aquilo que me conviesse — de certo modo, como um selvagem bebendo a seiva do crânio do inimigo.⁽⁴⁾

Não gostaria de ter-me absterido da pergunta sobre o presente de casamento, já que ela despertou palavras tão calorosas de você. Mas nem por isso o assunto está resolvido, como você há de entender. Se insistir nisso, estará roubando de nós um prazer.

Por ora, até breve, e que julho chegue depressa ao fim.

Com as cordiais saudações,

Do amigo,

Sigm. Freud

(1) O original dessa carta acha-se em Jerusalém. Ver nota 1 da carta de 25 de maio de 1892.

(2) Os Bondys, família da mulher de Fliess, moravam no Brühl, um vale logo ao sul de Viena.

(3) Essa paciente, cuja identidade é revelada a Fliess numa carta posterior, é a mesma que Freud encaminhou a Charcot (e, possivelmente, também a Bernheim) e que é chamada de Cécilie M. nos *Estudos sobre a Histeria*. Ver S.E. II:69, n. 1.

(4) ...Meynert faleceu a 31 de maio de 1892. É provável que Freud tenha feito uma visita de condolências à família, sendo-lhe oferecida a escolha de alguns dos livros de Meynert como recordação. Na *Interpretação dos Sonhos* (S.E. V:438), escreve Freud: "Isso também me lembrou outro incidente [com Meynert] pouco antes de sua morte. Eu havia mantido uma acirrada controvérsia com ele, por escrito, a respeito do tema da histeria masculina, cuja existência ele negava. Quando fui visitá-lo em sua doença fatal e indaguei sobre sua saúde, ele discorreu um tanto longamente sobre seu estado e concluiu com estas palavras: 'Sabe, sempre fui um dos casos mais claros de histeria masculina.'"

Algumas informações interessantes sobre Meynert e a relação de Freud com ele acham-se nos artigos de Bernfeld, na Biblioteca do Congresso. Ver também Lesky (1978, p. 373).

4 de outubro de 1892
IX., Berggasse 19

Caríssimo amigo,

Aqui vão as primeiras provas de suas neuroses reflexas.⁽¹⁾ Já que o texto será impresso em Teschen, talvez seja melhor você mesmo entrar em contato com o impressor. Dei apenas uma espiadela aqui e ali e só espero que, em algum momento, você me mande a introdução, que, para mim, é a parte mais interessante.

Chego quase a querer desculpar-me por perturbar sua abençoada paz (depois da partida do paciente). Divirta-se. Só gostaria de saber se você e Ida vão bem de saúde.

Meus pequerruchos estiveram em Viena nos últimos oito dias, muito atarefados em crescer; estou escrevendo a parte 2 da paralisia infantil, mais outra parte 2 *si parva licet*,⁽²⁾ e assim por diante.

Saudações cordiais de família a família.

Posso agora assinar:

Do seu, Sigm. Freud⁽³⁾

(1) Fliess, *Neue Beiträge zur Klinik und Therapie der nasalen Reflexneurosen*. Esse trabalho foi criticado no *Münchener medizinische Wochenschrift* em 1894.

(2) Freud quer dizer com isso que seria uma insolência comparar sua parte 2 com a parte 2 do *Fausto*, de Goethe. A mesma frase latina, *si parva licet componere magnis* (se alguém ousar comparar o pequeno com o grande), aparece na carta de Freud de 14 de outubro de 1900. Trata-se de uma citação da *Georgica* de Virgílio, 4:176.

(3) Essa foi a primeira vez em que Freud usou a palavra *Dein* [teu] na assinatura de uma carta.

Viena, 21 de outubro de 1892

Caríssimo amigo,

Apenas um pedaço de papel de rascunho, como combinamos. As introduções são sempre a razão por que se adia o escrever. Para que você não me considere desleal, veja: acerca de três semanas, fui chamado à casa do Sr. F., onde encontrei Heitler, o médico da família, com o

Sr. F. estirado no canapé. Novamente, dor ao andar; discuto seu diagnóstico; o paciente parece ter desistido de Berlim. Heitler, ridicularizando o diagnóstico do pé plano, chama-o de neurite. Fazemos com que ele mostre o pé; de fato, não vejo nada que se assemelhe a um pé plano e tenho que admitir isso a Heitler, que parece saber tudo a respeito por experiência pessoal. Por outro lado, não estou preparado para contradizê-lo numa área com a qual não estou familiarizado, enquanto você certamente está; assim, luto a seu favor com uma coragem leonina e consigo ao menos a concordância dele em exibir o pé ao Professor Lorenz, para que este possa dizer se se trata ou não de um *pes planus*. Antes de chegarmos a essa solução de compromisso, eu havia solicitado que ele fosse a Berlim consultar você, como ele próprio pedira, a princípio. Desde essa ocasião, não tive mais notícia alguma, como sói acontecer em Viena com homens, médicos, ou pés.

Agora, permita que lhe dê minha opinião pessoal. Como você sabe, há uma diferença de três centímetros nas panturrilhas do homem e uma alteração da consistência muscular. Não sei se o *pes planus* é compatível com essa diferença. Pois vá lá que seja. Ao que eu saiba, no *pes planus* a dor ocorre no tarso, aumenta gradativamente e não cede com rapidez. No caso dele, as coisas são diferentes: ele só sente dor na *panturrilha*, a qual, passados cerca de cinco minutos, se enrijece; a partir daí, ele não consegue continuar, pára, levanta o pé, sacode-o violentamente algumas vezes e, então, *torna imediatamente a poder andar* bem por alguns minutos. É muito parecido com uma deficiência isquêmica ou miosítica dos músculos, como a claudicação intermitente, que também ocorre no diabetes. Creio, portanto, que só se pode ajudar o homem através do repouso prolongado e poucas caminhadas, o que significa, é claro, que ele não será ajudado.

A ausência de *qualquer* dor espontânea contraria a idéia da neurite (Heitler). Espero que o homem ainda vá consultá-lo e que você possa solucionar esse interessante problema.

No mais, há muito pouco a dizer hoje. Na noite de sábado, tenho um seminário,⁽¹⁾ “*jour neuropathologique*”,^(T) ao qual, infelizmente para mim, Breuer também comparecerá. Se você tornar a vir a Viena tão repentinamente como fez no início de 1892, que seja num sábado à noite.

Minhas saudações ao quarto de hóspedes; tenho que ficar por aqui e ganhar algum dinheiro para minhas traças.⁽²⁾ Não nego que gostaria de ver a casa e a dona da casa. Leiam, meus caros pombinhos, *Phantom Rickshaw* e *The Light that Failed*, de Kipling. Altamente recomendáveis!

Minhas mais cordiais saudações.

Seu, Sigm. Freud

(1) O texto em alemão é ambíguo e poderia significar que Freud freqüentava ou dava um seminário uma vez por semana. Em 1892, Freud dava realmente um seminário semanal intitulado “*Die Lehre von der Hysterie*” [“Leituras sobre a Histeria”] (Gicklhorn & Gicklhorn, 1960 p. 151), no qual tinha quatro alunos!

Mas nem Josef Breuer, nem Robert Breuer o freqüentavam. Presumivelmente, portanto, Freud se está referindo a uma palestra à qual ele próprio estaria presente.

(2) Freud se refere aos filhos.

(T) "Jornada neuropatológica". (N. da T.)

24 de outubro de 1892

IX., Berggasse 19

Caríssimo amigo,

É realmente um prazer poder manter uma discussão a essa enorme distância. Apenas três comentários. (1) Examinei-o de pé: sim, a mão sob o arco não nos convenceu. Provavelmente, você acabará mostrando estar certo; estávamos concentrados num caso grave de pé plano típico. (2) O fato de eu não ter dito nada sobre a sensibilidade à pressão no gastrocnêmio e no tendão — de fato, é aguda — foi apenas um lapso meu. (3) A claudicação não está associada à manqueira, e sim, segundo a descrição de Charcot, a parestesias, câibras e parada obrigatória da deambulação.

Oxalá eu soubesse o que fazer para que o homem vá a Berlim! Não tive notícias dele desde então. Se estiver agora tentando outras coisas, terá forçosamente que prosseguir sozinho outra vez, porque ninguém pode ajudá-lo aqui em Viena.

Quer dizer, então, que logo estarão aqui novamente? Maravilhoso, mas que seja uma noite só para nós quatro.

Cordiais saudações.

Seu, Freud

31 de outubro de 1892

IX., Berggasse 19

Caríssimo amigo,

Da noite para o dia, descubro-me na situação de ter que ajudar um casal empobrecido, que me é próximo,⁽¹⁾ a mudar-se para a América. Estou dando o que posso e pedindo a todos os meus amigos que contribuam. Ficarei contente em aceitar também uma contribuição sua. Espero que me poupe de relatar-lhe os detalhes; trata-se de meu cunhado, cujas duas filhas estou mantendo aqui.

Saudações cordiais para você e V.Sa.⁽²⁾

Seu, Dr. Sigm. Freud

Nenhuma notícia do pé plano.

Parcela 2 do Charcot amanhã.

(1) Anna, uma irmã de Freud, casou-se com o irmão de Martha, Eli Bernays. Segundo Jones (*Life* 1:132), "Em 1892, Eli visitou os Estados Unidos para verificar

quais seriam as perspectivas ali e, no ano seguinte, buscou a mulher para que se estabelecessem em Nova Iorque. Nesta época, a antipatia de Freud perdura toda a sua intensidade anterior. Não apenas ajudou o cunhado a superar as dificuldades financeiras da emigração, como também manteve uma das duas filhas dele, Lucia, em sua própria família, durante um ano, até as coisas se arranjam no novo país".

As duas crianças citadas nessa carta são Judith Bernays, nascida em 14 de fevereiro de 1885, em Viena, e Lucia Bernays, nascida a 25 de agosto de 1886, também em Viena.

Anna Freud-Bernays escreveu um livro pouco conhecido, intitulado *Erlebtes* (publicado com verba particular pela Kommissionsverlag der Buchhandlung Heller, em Viena). Não há indicação de data, mas, a julgar pelo conteúdo, parece ter sido escrito na década de 1930. Ela morreu em Nova Iorque no dia 11 de março de 1955. Sua filha, Judith, deixou para trás o material que dizia respeito às lembranças dela sobre Freud, que hoje se acha nos Arquivos Sigmund Freud.

(2) O "V.Sa.", que se refere a Ida, é a forma polida *Sie*.

Viena, 3 de novembro de 1892

Caríssimo amigo,

Recebi,⁽¹⁾ com meu muito obrigado, e farei com que chegue a seu destino ao final da semana. Não há mais nada a dizer a respeito.

Seu,
Freud

(1) Provavelmente, a referência é a alguma contribuição de Fliess para a família Bernays. Ver carta anterior.

18 de dezembro de 1892
IX., Berggasse 19

Caríssimo amigo,

Apraz-me poder dizer-lhe que nossa teoria sobre a histeria (reminiscência, ab-reação e coisas semelhantes) será publicada no *Neurologisches Centralblatt*⁽¹⁾ no dia 1.º de janeiro de 1893, sob a forma de uma comunicação preliminar pormenorizada. Custou-me um bocado em batalhas com meu ilustre colega.⁽²⁾

Vocês dois, que estão perdidamente felizes, que é que têm feito? Será que os veremos aqui no Natal, como dizem os boatos?

Minhas mais cordiais saudações.

Seu, Sigm. Freud

(1) Entre a primeira e a segunda partes da "comunicação preliminar" de 1893, Freud proferiu uma palestra no Clube de Medicina de Viena, em 2 de janeiro daquele ano. Publicada no *Wiener medizinische Presse* de 22 de janeiro e 29 de janeiro, ali apareceu como um relato abreviado da palestra, revisto por Freud.

Strachey (S.E., III:27) lhe dá a tradução de "Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Históricos".

Mas há uma reportagem que Strachey não mencionou, publicada no *Internationale klinische Rundschau*, 7 (1893), pp. 107-110, que difere um pouco da versão do *Presse*. Ao final do caso apresentado na S.E. III:34, o *Rundschau* acrescenta o que é claramente uma frase autêntica de Freud: "E assim a dor psíquica se transforma freqüentemente, em dor física." A reportagem do *Rundschau* contém também uma redação ligeiramente diferente do célebre comentário de Freud nos *Estudos sobre a Histeria*: "O histérico sofre, principalmente, de reminiscências." Citada entre aspas no relato original do *Rundschau*, a frase, sem dúvida, provém diretamente de Freud: "O histérico sofre, portanto, de lembranças de traumas psíquicos decorrentes de experiências que não puderam ser inteiramente ab-reagidas, seja porque o histérico nega a si mesmo um ou outro meio de ab-reação, seja porque a experiência ocorreu num estudo que não era adequado à ab-reação."

(2) A expressão alemã *Herr Compagnon* é um tanto desdenhosa, além de humorística. O relacionamento de Freud com Breuer era complexo. Ver o estudo minucioso feito por Hirschmüller (1978).

Rascunho A⁽¹⁾

(Nota do Editor: Este é o primeiro de uma série de ensaios (aqui chamados rascunhos) que Freud enviou separadamente a Fliess, ou que anexou a suas cartas. Muitas das idéias neles apresentadas aparecem nos trabalhos posteriores de Freud.)

PROBLEMAS

- (1) Será a angústia das neuroses de angústia derivada da inibição da função sexual ou da angústia ligada à etiologia delas?(2)
- (2) Até que ponto uma pessoa sadia reage aos traumas sexuais posteriores de modo diferente de alguém predisposto pela masturbação? Apenas quantitativamente? Ou qualitativamente?
- (3) Será o *coitus reservatus* simples (condom)(T) uma influência nociva?
- (4) Existirá uma neurastenia inata, com debilidade sexual inata, ou será ela sempre adquirida na juventude? (Das babás, da masturbação por outra pessoa.)
- (5) Será a hereditariedade algo mais que um multiplicador?
- (6) O que é que faz parte da etiologia da depressão periódica?
- (7) Será a anestesia sexual nas mulheres outra coisa senão um resultado da impotência? Poderá ela, por si só, provocar neuroses?(3)

TESES

- (1) Não existe nenhuma neurastenia ou neurose análoga sem distúrbio da função sexual.
- (2) Este tem sempre um efeito causal imediato, ou então age como uma predisposição a outros fatores, mas sempre de tal modo que, sem ele, os outros fatores não podem acarretar a neurastenia.
- (3) A neurastenia nos homens, dada sua etiologia, é acompanhada de relativa impotência.
- (4) A neurastenia nas mulheres é consequência direta da neurastenia nos homens, por intermédio da redução da potência deles.
- (5) A depressão periódica é uma forma de neurose de angústia, que, fora desta, manifesta-se em fobias e ataques de angústia.
- (6) A neurose de angústia é, em parte, consequência da inibição da função sexual.
- (7) Os excessos simples e a sobrecarga de trabalho não são fatores etiológicos.
- (8) A histeria, nas neuroses neurastênicas, indica uma repressão dos afetos concomitantes.

GRUPOS |PARA OBSERVAÇÃO|

- (1) Homens e mulheres que permaneceram sadios.
- (2) Mulheres estéreis em quem há ausência de traumas |decorrentes do *coitus*| *reservatus* no casamento.
- (3) Mulheres com infecção gonorréica.
- (4) Homens de vida promíscua que têm gonorréia e que, por essa razão, acham-se protegidos em todos os sentidos, estando cientes de sua hipoespermia.
- (5) Membros que permaneceram sadios em famílias gravemente afetadas.
- (6) Observações de países em que são endêmicas certas anormalidades sexuais específicas.

FATORES ETIOLÓGICOS

- (1) Esgotamento devido a |formas de| satisfação anormal. Exemplo: masturbação.
- (2) Inibição da função sexual. Exemplo: *coitus interruptus*.
- (3) Afetos concomitantes a essas práticas.
- (4) Traumas sexuais anteriores ao início da idade da compreensão.

(1) Os editores de *Origins* assinalam que esse rascunho não traz indicação de data e sugerem o final de 1892. A transcrição original do alemão por eles utilizada foi colocada após a carta de Freud de 8 de dezembro de 1895. Nessa mesma transcrição datilográfica, alguém escreveu em alemão: "Pela letra, mais provavelmente, verão de 1894." Ernest Kris acrescentou a lápis: "Difícilmente seria dessa data! (mas 1895!) Seria anterior?" É evidente que os editores mudaram de idéia. Dada a referência aos traumas sexuais, é bem possível que o manuscrito seja de 1895.

(2) Freud escreveu, mas depois riscou, *von dem Bewusstsein der sexuell. Unzulänglichkeit* (da consciência da insuficiência sexual).

(3) Alguém escreveu nesse ponto: *Kleinheitswahn, sex Unzulänglichkeit* (delírio de pequenez, insuficiência sexual) — possivelmente, uma referência à angústia relacionada ao tamanho do pênis.

(T) Preservativo de borracha. (N. da T.)

5 de janeiro de 1893
IX., Berggasse 19

Caríssimo amigo,

Vou escrever para você o trecho sobre a etiologia das neuroses⁽¹⁾ com maiores detalhes, como base para nosso trabalho futuro. Levará algum tempo. O Sr. F. me informou que, depois de receber suportes para os arcos, tem andado um pouco melhor. O problema decerto não foi adequadamente corrigido, porém, mais uma vez, você está certo.

Saudações cordiais a você e Ida.

Seu,

Sigm. Freud

(1) Ao que parece, essa é uma referência ao Rascunho B. A Etiologia das Neuroses.

8 de fevereiro de 1893
[datado pelo carimbo postal]

Rascunho B. A Etiologia das Neuroses

Estou reescrevendo tudo pela segunda vez, para você, querido amigo, e em prol de nosso trabalho comum. Naturalmente, você manterá o manuscrito longe de sua jovem esposa.

I. Pode-se tomar como fato reconhecido que a neurastenia é uma conseqüência freqüente da vida sexual anormal. Contudo, a afirmação que desejo fazer e verificar através de observações é que, a rigor, a neurastenia só pode ser uma neurose sexual.

Defendi (juntamente com Breuer) um ponto de vista semelhante em relação à histeria. Conhecia-se a histeria traumática; dissemos então que todo caso de histeria que não é hereditário é traumático. O mesmo se aplica à neurastenia: toda neurastenia é sexual.

Por ora, deixaremos em aberto a questão de saber se a disposição hereditária e, secundariamente, as influências nocivas podem produzir uma neurastenia genuína, ou se o que parece ser uma neurastenia hereditária também remonta a um esgotamento sexual precoce. Se existe algo que se possa chamar neurastenia hereditária, cabe perguntar se o *status nervosus* dos casos hereditários não deveria ser distinguido da neurastenia; que relação ela tem, de fato, com os sintomas correspondentes na infância; e assim por diante.

Num primeiro momento, portanto, minha argumentação se restringirá à neurastenia adquirida. Por conseguinte, o que afirmei acima também poderia ser formulado da seguinte maneira. Na etiologia de uma afecção nervosa, devemos distinguir (1) a condição necessária sem a qual o estado não pode ser produzido, e (2) os fatores precipitantes. A relação entre os dois pode ser assim retratada: quando a condição necessária atua de modo suficiente, a afecção se instala como consequência necessária; quando não atua de maneira suficiente, o resultado de sua atuação é, em primeiro lugar, uma tendência àquela afecção, que deixa de ser latente tão logo sobrevém uma quantidade suficiente de um dos fatores de segunda ordem. Assim, o que falta para o efeito integral na etiologia primária pode ser substituído pela etiologia secundária. A etiologia de segunda ordem, entretanto, é dispensável, ao passo que a de primeira ordem é indispensável.

Essa fórmula etiológica, aplicada a nosso caso atual, significa que somente o esgotamento sexual pode provocar, por si só, a neurastenia. Quando não chega a fazê-lo isoladamente, predispõe de tal modo o sistema nervoso que a doença física, os afetos depressivos e o excesso de trabalho (influências tóxicas) não mais podem ser tolerados sem levar à neurastenia. Sem o esgotamento sexual, porém, todos esses fatores são incapazes de gerar neurastenia: acarretam fadiga normal, tristeza normal e debilidade física normal, mas continuam apenas a evidenciar quanto “dêssas influências prejudiciais uma pessoa normal é capaz de tolerar”.

Examinaremos separadamente a neurastenia nos homens e nas mulheres.

A neurastenia masculina é adquirida na época da puberdade e se manifesta quando o homem atinge a casa dos vinte anos. Sua fonte é a masturbação, cuja frequência é completamente paralela à frequência da neurastenia masculina. Podemos observar, no círculo de nossas relações (ao menos nas populações urbanas), que os indivíduos que foram seduzidos por mulheres em idade precoce escapam à neurastenia. Quando esse fator nocivo atua por um período prolongado e com intensidade, ele transforma a pessoa em questão num neurastênico sexual, cuja potência

também sofre prejuízo; a intensidade da causa encontra um paralelo na persistência dessa condição pela vida afora. Uma outra prova do vínculo causal reside no fato de que o neurastênico sexual é sempre um neurastênico geral, ao mesmo tempo.

Quando o fator nocivo não é suficientemente intenso, ele passa a ter (segundo a fórmula apresentada acima) um efeito predisponente; assim, mais tarde, quando há superposição de fatores provocadores, ele produz neurastenia, que esses fatores não produziram isoladamente. Trabalho intelectual — neurastenia cerebral; atividade sexual normal — neurastenia da coluna vertebral, etc.

Nos casos intermediários, encontramos a neurastenia da juventude, que, tipicamente, começa e segue seu curso acompanhada por dispepsia e coisas similares, e que cessa com o casamento.

O segundo fator nocivo, que afeta os homens em idade posterior, exerce seu impacto sobre um sistema nervoso que está intacto ou que foi predisposto à neurastenia pela masturbação. A questão é se ele pode conduzir a resultados perniciosos mesmo no primeiro caso; é provável que sim. Seu efeito é patente no segundo caso, onde ele reaviva a neurastenia da juventude e cria novos sintomas. Esse segundo fator nocivo é o *onanismus conjugalis* — o coito incompleto para prevenir a concepção. No caso dos homens, todos os métodos para chegar a esse fim parecem equivaler-se: atuam com intensidade variável, conforme a predisposição anterior, mas não chegam de fato a diferir qualitativamente. Aqueles que têm uma forte predisposição, ou os neurastênicos persistentes, não conseguem tolerar sequer o coito normal; nesses casos, a intolância ao condom, ao coito extravaginal e ao coito interrompido cobra seu preço.

Um homem sadio tolera tudo isso por um período bastante longo, mas, mesmo assim, não indefinidamente; após um período prolongado, comporta-se tal como o indivíduo predisposto. Sua única vantagem em relação ao onanista é o privilégio de uma latência mais demorada, ou o fato de que, em todas as ocasiões, ele precisa das causas provocadoras. Nesses casos, o coito interrompido revela-se o principal fator nocivo, que produz seu efeito característico até mesmo no caso de um indivíduo não predisposto.

Neurastenia feminina. Normalmente, as moças são sadias e não neurastênicas; e isso também se aplica às jovens mulheres casadas, apesar de todos os traumas sexuais dessa época [da vida]. Em casos mais raros, a neurastenia em sua forma pura aparece em mulheres casadas e mulheres solteiras mais velhas; deve então ser encarada como tendo surgido espontaneamente e da mesma forma. Com frequência muito maior, a neurastenia numa mulher casada decorre da neurastenia no homem, ou é simultaneamente produzida. Nesse caso, existe quase sempre uma combinação com a histeria e deparamos com a corriqueira neurose mista das mulheres.

A *neurose mista* das mulheres decorre da neurastenia nos homens, em todos aqueles casos não freqüentes em que o homem, sendo neurastênico sexual, sofre de algum prejuízo da potência. O componente de histeria resulta diretamente do *refreamento* da excitação do ato. Quanto mais precária a potência do homem, maior o predomínio da histeria na mulher; de modo que, em essência, um homem sexualmente neurastênico torna sua mulher menos neurastênica do que histérica.

Essa [histeria] emerge, *juntamente* com a neurastenia dos homens, quando do segundo impacto dos fatores sexuais nocivos, que tem um significado muito maior para a mulher, presumindo-se que seja sadia. Assim, deparamos com um número muito maior de homens neuróticos durante a primeira década da puberdade, e com um número muito maior de mulheres neuróticas durante a segunda. Neste último caso, isso decorre dos fatores nocivos devidos à prevenção da gravidez. Não é fácil classificá-los e, em geral, nenhum deles deve ser considerado inteiramente inócuo para as mulheres; assim, mesmo no caso mais favorável (condom), as mulheres, sendo parceiras mais exigentes, raramente escapam de uma neurastenia leve. Muito depende, obviamente, das duas predisposições: de (1) ela mesma ter sido neurastênica antes do casamento, ou de (2) ter-se tornado histérico-neurastênica durante o período de relações sexuais livres⁽¹⁾ [sem preservativo].

II. *Neurose de angústia*. Todo caso de neurastenia é, sem dúvida, marcado por uma certa diminuição da autoconfiança, por expectativas pessimistas e por uma inclinação para idéias antitéticas aflitivas. Mas a questão é se a emergência desse fator [angústia], sem que os outros sintomas estejam especialmente desenvolvidos, não deveria ser isolada como uma "neurose de angústia" independente, principalmente por ele não ser encontrado com menor freqüência na histeria do que na neurastenia.

A neurose de angústia aparece sob duas formas: como um *estado crônico* e como uma *crise de angústia*. Os dois se combinam facilmente: o ataque de angústia jamais ocorre sem sintomas crônicos. Os ataques de angústia são mais comuns nas formas ligadas à histeria — mais freqüentes, portanto, nas mulheres. Os sintomas crônicos são mais comuns nos homens neurastênicos.

Os sintomas crônicos são (1) angústia em relação ao corpo — hipocondria; (2) angústia em relação ao funcionamento do corpo — agorafobia, claustrofobia, tonteira das alturas; (3) angústia em relação às decisões e à memória (e portanto, às próprias fantasias, ao funcionamento psíquico), com respeito à *folie de doute*, às ruminações obsessivas etc. Até o momento, não encontrei nenhuma razão para não tratar esses sintomas como equivalentes. Novamente, a questão é (1) até que ponto esse estado emerge nos casos hereditários *sem* que haja nenhum fator sexual nocivo, (2) se ele é liberado, nos casos hereditários, por fatores sexuais nocivos ao acaso, e (3) se sobrevém como uma intensificação da

neurastenia comum. Não há dúvida de que é adquirido, e de que o é por homens e mulheres, no casamento, durante o segundo período dos fatores sexuais nocivos, através do coito interrompido. Não creio que uma predisposição devida a uma neurastenia precedente seja necessária para isso, mas, quando não há predisposição, a latência é mais longa. A fórmula causal é a mesma da neurastenia.

Alguns casos mais raros de neurose de angústia fora do casamento podem ser encontrados, especialmente nos homens. São casos de *congressus interruptus* em que o homem está intensamente envolvido, em termos psíquicos, com mulheres cujo bem-estar é motivo de preocupação para ele. Nessas circunstâncias, tal procedimento é um fator mais nocivo para o homem do que o coito interrompido no casamento, pois este é freqüentemente corrigido, por assim dizer, pelo coito normal fora do casamento.

Cabe-me encarar a *depressão periódica branda* — ataque de angústia com duração de semanas ou meses — como uma terceira forma de neurose de angústia. Essa depressão, em contraste com a melancolia propriamente dita, quase sempre tem uma ligação aparentemente racional com um trauma psíquico. Este último, porém, é apenas a causa provocadora. Ademais a depressão periódica branda ocorre sem *anestesia psíquica*, que é característica da melancolia.

Foi-me possível encontrar a origem de diversos casos desse tipo no coito interrompido; sua instalação foi tardia, durante o casamento, após o nascimento do último filho. Num caso de torturante hipocondria surgida na puberdade, pude comprovar a ocorrência de uma agressão sexual no oitavo ano de vida. Outro caso vindo da infância revelou-se uma reação histérica a uma agressão masturbatória. Assim, não sei se temos aí formas verdadeiramente hereditárias sem causas sexuais; tampouco sei, por outro lado, se o coito interrompido, isoladamente, pode ser responsabilizado nesses casos, nem se é sempre possível dispensar a predisposição hereditária.

Omitirei as *neuroses ocupacionais*, pois, como lhe disse, ficou demonstrado que há nelas alterações das partes musculares.

CONCLUSÕES

Depreende-se do que afirmei que as neuroses são inteiramente evitáveis, bem como inteiramente incuráveis. A tarefa do médico desloca-se por completo para a profilaxia.

A primeira parte dessa tarefa — prevenção dos fatores sexuais nocivos do primeiro período — coincide com a profilaxia contra a sífilis e a gonorréia, já que são elas os elementos nocivos que ameaçam todo aquele que desiste da masturbação. A única alternativa seriam as relações

sexuais livres⁽¹⁾ entre rapazes e moças liberadas,⁽²⁾ mas isso só poderia ser adotado se houvesse métodos inócuos de evitar a gravidez. Não sendo assim, as alternativas são a masturbação, a neurastenia masculina e a histero-neurastenia na mulher; ou então a sífilis no homem, sífilis na geração seguinte, gonorréia no homem e gonorréia e esterilidade na mulher.

A mesma tarefa — um meio inócuo de controlar a natalidade — é demandada pelo trauma *sexual* do segundo período, porquanto o preservativo de borracha não constitui nem uma solução segura, nem uma solução aceitável para alguém que já seja neurastênico.

Na falta de tal solução, a sociedade parece condenada a cair vítima de neuroses incuráveis, que reduzem a um mínimo o prazer da vida, destroem as relações conjugais e acarretam danos hereditários para toda a geração vindoura. As camadas mais baixas da sociedade, que não tomam nenhum conhecimento do malthusianismo, estão em plena atividade e, no curso natural dos acontecimentos, quando tiverem chegado onde pretendem, serão vítimas do mesmo destino.

Assim, o médico se defronta com um problema cuja solução é digna de todos os seus esforços.

À guisa de preparativos, iniciei uma coleção: cem casos de neurose de angústia; da mesma forma, gostaria de compilar um número equivalente de casos masculinos e femininos de neurastenia e das depressões periódicas brandas, que são muito mais raras. Uma contrapartida necessária seria uma segunda série de cem casos de não-neuróticos.⁽³⁾

Se ficar demonstrado que os mesmos distúrbios das funções do sistema nervoso que são adquiridos através dos excessos sexuais são também ocasionados por fatores puramente hereditários, isso poderá suscitar as mais significativas especulações, que hoje apenas começam a despontar em mim.

Com minhas cordiais saudações,

Seu,
Sigm. Freud

(1) Freud escreveu, originalmente, "normais", e depois alterou o termo para "livres".

(2) O texto em alemão fala em *Mädchen freien Standes*, que Strachey traduz por "moças respeitáveis". O termo admite diferentes interpretações. Podemos presumir que Freud esteja se referindo a moças solteiras, dispostas a praticar atos sexuais.

(3) O manuscrito original diz *nicht Nervösen*. Em *Anfänge*, o *nicht* foi erroneamente omitido.

Caríssimo amigo,

Basta-me confidenciar-lhe o grande prazer que sinto em poder dar continuidade a nossa discussão da Páscoa. De modo geral, não sou suficientemente imparcial para ser um verdadeiro crítico de seu trabalho. Assim, há só uma coisa: gosto muito dele e não creio que o congresso traga nada de maior importância. Mas os outros não de dizer-lhe todas as coisas agradáveis que essa conferência merece. Volto-me agora para os comentários e sugestões de mudanças, atendendo a seu próprio desejo.

Ela deve ter sido redigida num dia não inteiramente livre de dores de cabeça, pois não tem a precisão e o caráter sucinto com que você sabe escrever. Alguns itens são decididamente longos demais: por exemplo, as *formes frustes*. Assinalei com lápis azul o que deve ser dado. Procurei destacar com maior nitidez alguns dos pontos subjacentes.

Recomendo que você faça uma comparação com a doença de Ménière e espero que a neurose reflexa nasal logo passe a ser genericamente conhecida com a doença de Fliess.

Agora, quanto à questão sexual. Creio que, nesse aspecto, pode-se agir mais como um agente literário. Do modo como você apresenta a etiologia sexual, está atribuindo ao público um conhecimento que, afinal, ele só possui em forma latente. Ele sabe, mas comporta-se como se nada soubesse. Preyer,⁽²⁾ cuja contribuição reconheço inteiramente, não tem realmente porque receber tanto destaque numa referência passageira como essa. Pelo que conheço dos trabalhos dele — pois, na verdade, trato a literatura da mesma forma que você —, ele é falho em dois aspectos essenciais: (1) divide a neurastenia em aflições isoladas, reflexamente transmitidas, do estômago, dos intestinos, da bexiga e assim por diante; em outras palavras, não conhece nossa fórmula etiológica, nem tampouco sabe que, além de seus efeitos diretos, os fatores sexuais nocivos têm também um efeito predisponente que constitui a neurastenia latente. (2) Ele deriva as neuroses reflexas de pequenas alterações anatômicas da genitália, e não de alterações no sistema nervoso. No entanto, a *urethra postica* ainda poderia ser um órgão reflexo semelhante ao nariz. Mas ele se afasta de qualquer ligação com um ponto de vista amplo.

Penso que você não pode evitar a menção à etiologia sexual das neuroses sem com isso arrancar a mais bela folha da guirlanda. Portanto, faça-o imediatamente, de um modo adequado às circunstâncias. Anuncie as investigações vindouras; descreva o resultado previsto como o que realmente é: uma coisa nova; mostre às pessoas a chave que tudo destranca: a fórmula etiológica; e se, nesse processo, quiser conceder-me algum lugar nisso, incorporando uma referência do tipo “um colega e amigo”, ficarei muito satisfeito, e nem um pouco aborrecido. Inseri para você um trecho sobre a sexualidade, apenas como sugestão.⁽³⁾

No que concerne à terapia da neurose neurtastênica nasal, eu não faria um pronunciamento demasiadamente pessimista. Também aí é possível que haja manifestações residuais que logo desaparecerão; se existem casos puros de neuroses reflexas vasomotoras, os casos puramente orgânicos são, provavelmente, bastante raros, e é provável que os casos mistos sejam típicos. É assim que vejo a questão.

Estou começando a pressentir seu dever de dar-me alguma orientação sobre o exame e avaliação do nariz — numa ocasião posterior, pois é de se esperar que esse órgão tenha um papel semelhante, se bem que mais modesto, ao da *retina*. Nesta, tal como nele, podem-se observar múltiplas alterações orgânicas, mas, além disso, podem-se também vislumbrar as condições circulatórias no interior da cabeça!

Não estou certo quanto ao aspirante de marinha. Ele confessou masturbar-se já pela manhã; você constatou que o ataque seguiu-se diretamente a um excesso masturbatório? Certas fantasias sobre a possibilidade de reprimir por meio do nariz o impulso a se masturbar, de explicar tais impulsos, de desfazer a anestesia e coisas semelhantes continuam a ser apenas fantasias.⁽⁴⁾

E agora, "*go where glory waits thee*".⁽⁵⁾

Saudações cordiais para você e Ida.

Seu,

Sigm. Freud

Sem mal-entendidos. Não cite nenhum nome! Claro, você não haveria de pensar em mim como alguém tão imoderadamente ambicioso!

(1) Segundo Kris, o congresso mencionado ocorreu em junho de 1893 e a discussão a que Freud aqui dá prosseguimento ocorreu na Páscoa (2-3 de abril); assim, Kris sustenta que a carta foi escrita entre essas duas datas. Entretanto, o envelope diz 8.2(fevereiro).93, e o comentário de Kris é *Muss wohl 8/5 heissen* (deve significar 8 de maio). No dia 15 de maio, Freud menciona ter estado em Berlim, de modo que esse rascunho deve ser anterior a tal visita. Michael Schröter informou-me que, na verdade, o congresso ocorreu em 12-15 de abril e, por sugestão dele, desloquei o rascunho para sua posição atual.

(2) O texto de *Origins*, p. 74, nota 1, encaminha erroneamente o leitor à obra de A. Preyer. É que Kris estava pensando em Alexander Peyer (e não Preyer), de Zurique. Freud escreveu claramente "Preyer" e, sem dúvida, tinha em mente Wilhelm Thierry Preyer, possuidor que era de três dos trabalhos deste. Provavelmente, o livro que Freud tinha em mente era *Die Seele des Kindes* (Leipzig: T. Grieben, 2.^a ed., 1884), que ele não só possuía como também citou, no tocante ao fato de que a obra não reconhecia a sexualidade infantil (ver *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, S.E. VII:174n.).

(3) Em seu artigo "Die nasale Reflexneurose", lido perante o XII Congresso de Medicina Interna em Wiesbaden, Fliess escreve: "Pois confesso a expectativa de que venhamos a lograr êxito em demonstrar que: a etiologia da neurastenia propriamente dita, na medida em que esta pode ser diferenciada de outros estados nervosos, encontra-se no *abusus sexualis*, na má utilização da função sexual. Associei-me a um colega e amigo com o objetivo de comprovar isso através de uma série de observações de pacientes cuidadosamente analisadas. Os senhores sabem

que os excessos sexuais têm sido sempre citados entre as causas da neurastenia. Em nossa opinião, esse fator é a etiologia *específica* da neurose, seja no sentido de que essa etiologia é suficiente, por si só, para transformar um sistema nervoso sadio num sistema neurastênico, seja, em outros casos, no de que ela representa a pré-condição necessária para a produção da neurastenia por outras influências nocivas que, isoladamente, são incapazes de surtir esse efeito" (p. 391). Esse é, possivelmente, o trecho que Freud escreveu para Fliess

Nos *Archives de Laryngologie* (também conhecidos como *Archives Internationales d'Otologie et de Rhinologie*), há um artigo intitulado "Les reflexes d'origine nasale" (Travail lu au Congrès de Médecine Interne de Wiesbaden), de Wilhelm Fliess, ali indicado como sendo *Autorreferat* — isto é, um relato preparado pelo autor. Escreve Fliess: "O primeiro grupo consiste em sintomas cerebrais: dor de cabeça, tonteira, anorexia, memória fraca, pesadelos e intolerância ao álcool" (p. 266). Duas páginas adiante, diz ele: "Se, como ocorre com grande frequência, responsabilizarmos a neurastenia [pelos males citados acima], deveremos voltar nossa atenção para ela. E, no que concerne a isso, o autor concorda com um colega estuangeiro em que os excessos sexuais são sua causa específica."

(4) As implicações desse importante trecho, omitido na edição anterior das cartas, são duvidosas. A pergunta de Freud a Fliess não está inteiramente clara, pois a formulação em alemão é um tanto ambígua. O que Freud escreve é: *Die Masturbation hatte er schon vormittags eingestanden*. A tradução seria "Já pela manhã ele confessou masturbar-se", ao passo que, provavelmente, o que Freud quer dizer é que "Ele confessou ter-se masturbado de manhã". Infelizmente, não temos nenhuma outra notícia desse paciente no curso da correspondência.

(5) Vai para onde a glória te espera. Em inglês no original; extraído de Thomas Moore, "Irish Melodies". Os dois versos seguintes são:

*But, while fame elates thee,
oh! still remember me.*

(mas, quando a fama te fizer exultar,
ah! lembra-te ainda de mim.)

Viena, 14 de maio de 1893

Caro amigo,

O portador desta carta, o Sr. F., de Budweis, sofre de dores de cabeça neuralgiformes do lado esquerdo, tem intolerância ao álcool, sente dores no esterno, algumas tonturas, não consegue respirar pelo nariz quando está reclinado, sente a boca ressecada ao acordar, tem o sono inquieto e um formato suspeito do nariz — em suma, não tenho dúvida de que será simples para você livrá-lo de seus problemas.⁽¹⁾

Quanto a um outro aspecto, ele tem sofrido muito de poluções⁽²⁾ (sem masturbação); até recentemente, tinha uma potência muito boa; nos últimos quatro anos, vem praticando o coito interrompido, por causa da obstinação da mulher, sem sofrer, até o momento, de nenhum efeito nocivo em decorrência disso (precisamente porque não era onanista); mas fica muito excitado, não se sente bem após as relações sexuais e desenvolve facilmente engasgos histérico.. Nos últimos dez anos, tem-se queixado de

pressão na região da bexiga, precisa urinar com frequência durante a noite e ainda tem uma poluição semanal; teve gonorréia há um ano (próstata!).

Cordiais saudações,

Seu,
Dr. Freud

(1) Ao que parece, Freud enviava seus pacientes regularmente a Fliess, que muitas vezes lhes operava o nariz. Depreende-se com clareza dessa carta que Freud partilhava das opiniões de Fliess sobre a importância do nariz e sua relação com a vida sexual perturbada do paciente. Salvo pela carta seguinte, o paciente aqui descrito não volta a ser mencionado nas cartas posteriores. O nariz “suspeito” refere-se, aparentemente, à inchação que Fliess acreditava decorrer da masturbação.

(2) Ejaculações noturnas.

Viena, 15 de maio de 1893

Caríssimo amigo,

Desde minha volta de Berlim não vinha passando bem, até que, finalmente, chegou uma gripe, presenteou-me com um abscesso tonsilar e partiu, deixando-me mais bem disposto e revigorado. A única coisa que me restou foi uma incompreensível desinclinação a escrever (disgrafia), na qual lastimo tê-lo incluído também. As coisas não estão melhores hoje, tampouco. Só acho que, se você ainda não tomou sua decisão há muito tempo, não deve tomá-la juntamente com os 11.000 médicos alemães,⁽¹⁾ e sim alegrar-se com o fato de as pessoas lhe darem tempo de trabalhar sem ser perturbado, até que a coisa esteja concluída.

Ontem lhe encaminhei um homem de Budweis, que é cunhado de meu amigo Dr. E.. Espero que meu diagnóstico tenha sido correto.

As neuroses estão um tanto paralisadas e tenho trabalhado mais na histeria. Wernicke aparentemente não virá [a Viena].

Nosso pequerrucho vai florescendo.

Minhas mais cordiais saudações a você e sua esposa, Ida.

Seu,
Sigm. Freud

Tão logo tenha superado o distúrbio, escreverei a contento.

(1) Michael Schröter crê que essa seja uma referência ao número de médicos pertencentes às sociedades médicas alemãs da época.

O Tratamento da Histeria

Viena, 30 de maio de 1893

Caríssimo amigo,

Estou bem novamente, pois volta a ser um prazer escrever-lhe.

Não tenho nenhum conhecimento de qualquer departamento de saúde residencial em Viena.

O fato de você estar inundado de pacientes demonstra que, de modo geral, as pessoas sabem mesmo o que fazem. Estou curioso em saber se você confirmará o diagnóstico dos casos que lhe encaminhei. Venho agora fazendo esse diagnóstico muito amiúde e concordo com você em que o reflexo nasal é um dos distúrbios mais freqüentes. Infelizmente, nunca me sinto seguro do que fazer nessas ocasiões. Também a ligação com a sexualidade está ficando cada vez mais estreita; é uma pena não podermos trabalhar nos mesmos casos.

Recentemente, também eu deparei com uma espécie de reflexos cruzados. Além disso, pouco tempo atrás, interrompi (por uma hora) uma enxaqueca aguda em mim mesmo com a cocaína; o efeito só se deu depois de eu ter tratado também o lado oposto com cocaína, mas, nesse momento, ocorreu prontamente. Vejo uma boa possibilidade de preencher mais uma lacuna na etiologia sexual das neuroses. Creio compreender as neuroses de angústia das pessoas jovens, presumivelmente virgens, que não foram submetidas a abusos. Analisei dois casos desse tipo; havia um *pavor presciente* da sexualidade e, por trás dele, coisas que as pessoas tinham visto ou ouvido e entendido mal — portanto, a etiologia é puramente emocional, mas, mesmo assim, de natureza sexual.

O livro que lhe estou mandando hoje⁽¹⁾ não é muito interessante. As paralisias hísticas, mais curtas e mais interessantes, serão publicadas no início de junho.

Minha família vai para Reichenau amanhã. Já recrutei o primeiro aluno de Viena para a policlínica terapêutica. As coisas estão funcionando bem com o jovem louro de Danzig?

Saudações muito cordiais da família inteira a você e Ida.

Seu,
Sigm. Freud

Prossigo, pois agora estou escrevendo com mais facilidade, para submeter-lhe o seguinte problema:

Sem dúvida, existem casos de neurastenia juvenil sem masturbação, mas *não* sem as preliminares usuais de poluções superabundantes — ou seja, precisamente como se tivesse havido masturbação. Disponho apenas das seguintes conjecturas não comprovadas para o entendimento desses casos:

- (1) Debilidade inata dos sistemas genital e nervoso
- (2) Excessos no período pré-púbere
- (3) Não seria possível que as alterações orgânicas do nariz produzissem as poluções e, dessa forma, a neurastenia, de tal sorte que, nesse caso, esta última se desenvolve como um produto dos fatores nocivos reflexos nasais?

O que você acha, e será que sabe alguma coisa a esse respeito?

(1) "Zur Kenntnis der cerebralen Diplegien des Kindesalters (im Anschluss an die Little'sche Krankheit)", de Freud. Ver também uma referência à mesma obra na carta de 21 de maio de 1894.

Viena, 10 de julho de 1893

Caríssimo amigo,

Não fosse por termos concordado numa liberdade total de intercâmbio, eu teria hoje que me desculpar muito enfaticamente com você. Mas nem uma só vez você teceu comentários sobre eu ser indolente, o que se deve a um cansaço hipernormal de escrever, após uma colossal campanha de redação.

Com sua pergunta — quando e onde este ano — você se adiantou à minha em apenas alguns dias. Bem, as férias que marquei para mim começam na mesma época, meados de agosto ou pouco antes. Logo, nosso encontro não apresenta nenhuma dificuldade. O "onde" dependerá de sua escolha. Posso passar alguns dias onde você estiver, se não for um lugar excessivamente fora de mão ou distante. Nosso Tirol, Brenner, *Suldental*, Toblach e similares me parecem oferecer opções suficientes de lugares bonitos e de grande altitude para ficar. Três dias em Reichenau, porém, seriam ainda mais agradáveis, e também proporcionariam algo a Martha, que, para minha satisfação, está muito entusiasmada com Ida — algo que raramente acontece, em vista de sua natureza extremamente

reservada. De qualquer modo, passarei o breve período das férias em Reichenau, com meus filhotes, que é o que mais me diverte.

As paralisias histéricas deveriam ter sido publicadas há muito tempo; é provável que o sejam na edição de agosto; trata-se de uma ensaio bem curto, concentrado, em certa medida, numa única idéia. Talvez você se recorde de que eu já tinha isso em mente quando você foi meu aluno, e dei aulas a esse respeito em meu curso daquela época. Não quero sobrecarregá-lo com as neuroses; tenho agora examinado tantos neurastênicos que é bem possível que consiga restringir esse trabalho a meu próprio material no decorrer dos próximos dois a três anos. Mas nem por isso estou desfazendo nossa sociedade. Em primeiro lugar, espero que você explique o mecanismo fisiológico de minhas descobertas clínicas, através de sua abordagem; em segundo, quero preservar o direito de lhe mostrar todas as minhas teorias e descobertas sobre as neuroses; em terceiro, continuo a encará-lo como o messias que, através de um aperfeiçoamento da técnica, irá solucionar o problema que assinalai.

Seu trabalho sobre o reflexo nasal de modo algum foi desperdiçado; você mesmo deve estar ciente disso. Mas as pessoas precisam de tempo para tudo. Estou-lhe enviando um pequeno artigo do qual se pode depreender que a geração mais jovem se está referindo a você.⁽¹⁾ Talvez lhe seja possível realizar sua intenção de apresentar seu material em Viena através de Hajek,⁽²⁾ genro e sucessor de Schnitzler. Isso também poderia ser feito através de Schrötter, se o assistente dele, Koller, uma das melhores mentes de Viena e bom amigo meu, não estivesse prestes a partir em viagem. É altamente provável que você não queira ter nada a ver com os medalhões. Certamente poderá visitar Chiari.⁽³⁾ Conversaremos mais a esse respeito. Nosso trabalho sobre a histeria recebeu, afinal, o devido reconhecimento por parte de Janet,⁽⁴⁾ em Paris. Desde então, não foi possível fazer muita coisa com Breuer. O tempo dele está tomado com casamentos, viagens e sua clínica.

Vejo que mal posso continuar a escrever de maneira legível e, sendo assim, apresso-me a concluir, com a garantia de que todos estamos bem, de que, apesar da falta de informações, espero que o mesmo se aplique a você e Ida, e de que aguardo com muito interesse a concretização de nosso plano já neste ano.

Com as saudações cordiais do

Seu,

Sigm. Freud

(1) Essa é, provavelmente, uma referência a uma crítica de O. Chiari sobre o trabalho de Fliess intitulado *Neue Beiträge zur Klinik und Therapie der nasalen Reflexneurosen*. Essa crítica, publicada no *Wiener klinische Wochenschrift*, é sucinta e não particularmente enaltecedora.

(2) Marcus Hajek (1861-1941) era o assistente de Johann Schnitzler (1835-1893), pai do médico e escritor Arthur Schnitzler (1862-1931) e de Julius Schnitzler (1865-1939). Uma crítica mais positiva do *Neue Beiträge*, de Fliess, feita por Arthur Schnitzler, foi publicada no *Internationale klinische Rundschau* em 1893.

(3) Leopold Schrötter Ritter von Kristelli (1837-1908) era o famoso chefe da clínica laringológica da universidade. Ottokar von Chiari (1853-1918) foi aluno dele, assim como Karl Koller (1857-1944), amigo íntimo de Freud e homem que descobriu as propriedades anestésicas da cocaína (ver Bernfeld, 1953; Becker, 1963). Para maiores informações sobre esses homens e suas publicações e atividades médicas, ver Lesky (1978).

(4) O artigo a que Freud se refere nessa carta foi publicado nos *Archives de Neurologie*, 26 (1893), p. 29. Na mesma página acha-se o final de um artigo de Pierre Janet ("Quelques Définitions Récentes de l'Hystérie"), que conclui dizendo: "A palavra 'histeria' deve ser mantida. O termo tem uma história muito longa e bela. Se a etimologia for demasiadamente embaraçosa, melhor seria, como diz tão corretamente o Sr. Charcot, modificar a palavra 'útero', e não a palavra 'histeria'." A coincidência é surpreendente. Para maiores informações sobre a relação entre Freud e Janet, ver Prevost (1973, p. 62).

Viena, 24 de julho de 1893

Caríssimo amigo,

Eu tencionava brigar com você por preferir os Cárpatos aos Alpes, especialmente já que está indo para as montanhas, mas encontrei-me recentemente com seu sogro na Estação Sul — Deus dê a todos os filhos de Israel uma velhice como a dele — e soube através dele que precisarei de apenas oito horas para chegar a Csorba, em vez das dezesseis a vinte horas para ir a algum refúgio alpino de grande altitude; que o lugar lá é muito bonito; e que você definitivamente já se decidiu; por conseguinte, cedo. Ontem, no Monte Rax, um animal picou minha mão direita; mal consigo escrever por causa do edema; digo isto apenas para protegê-lo de um erro de diagnóstico.

Já estou bastante entediado em Viena e aguardo com enorme interesse nosso encontro. Em Reichenau, todos estão esplêndidos; todos os velhaquetes vão de vento em popa e minha mulher tem passado bem.

Finalmente, saíram as paralisias histéricas, mas ainda não disponho de nenhuma separata. No último *Progrès Médical*,⁽¹⁾ vi alguma coisa sobre o nariz. Se você não o conseguir, mandá-lo-ei pela próxima mala postal. Este ano, não estive nem uma vez no Brühl. O verão está estranhamente calmo, após um semestre muito cheio de acontecimentos médicos.

Cordiais saudações a você e sua amável esposa.

Seu fiel,
Sigm. Freud

(1) O periódico *Progrès Médical: Journal de Médecine, de Chirurgie et de Pharmacie*, 18 (1893), pp. 39-40, publicou o resumo de um artigo de um certo Dr. Laborde, intitulado "Le Réflexe Nasal dans la Syncope Chloroformique". O artigo fora apresentado à Academia de Medicina na reunião de 11 de julho de 1893. Freud o cita por causa do vínculo com o trabalho de Fliess sobre o nariz, mas, na verdade, o artigo nada tinha a ver com as teorias de Fliess.

Reichenau, 13 de agosto de 1893

Caríssimo amigo,

A rigor, eu havia planejado estar com você na ocasião em que chegasse esta carta e, mais ainda, acompanhado de minha mulher. Surgiu então uma catástrofe doméstica, uma revolução no palácio: a cozinheira e a babá tiveram que ser repentinamente corridas daqui e, por conseguinte, minha mulher não poderá acompanhar-me. Eu mesmo, porém, preciso também esperar até que retorne a calma e, sendo assim, estou inclinado a adiar minha viagem até você para a segunda metade das férias. Assim, tenha a bondade de me informar agora por quanto tempo planeja permanecer aí e quais serão suas próximas paradas. Se for tarde demais para que eu vá a Csorba, posso simplesmente encontrá-lo em algum outro lugar, pois um ano em que, por duas vezes, eu não tivesse o prazer de discutir com você todos os assuntos que me são importantes seria terrivelmente incompleto.

Vi seu sogro em Riedhof e, mais uma vez, fiquei encantado ao observar o vigor dele. Lembro-me de que ele deve estar com vocês agora, ou acaba de se despedir.

Com as cordiais saudações de uma família a outra e os mais calorosos agradecimentos a sua prezada esposa pela adorável sugestão,

Seu fiel,
Sigm. Freud

Dê nossas melhores recomendações a sua *mama*.

Reichenau, 20 de agosto de 1893⁽¹⁾

Meu querido amigo,

Diante de qualquer outra pessoa eu ficaria, antes de mais nada, embaraçado em cancelar a visita, depois de haver concordado definitivamente em ir, e, em segundo lugar, daria motivos diferentes dos que lhe irei contar com toda a franqueza. Assim, eis aqui um exemplo de psicologia doméstica: passei os dias 18 e 19 numa *tournée* complicada pelo Monte Rax e ao redor dele, com meu amigo Rie,⁽²⁾ e estava animadamente sentado, ontem, no novo chalé da montanha, quando, de repente, entrou no aposento uma pessoa completamente ruborizada pelo calor do dia, para quem olhei inicialmente como se fora uma aparição e que, a seguir, tive de reconhecer como minha mulher. Martha sempre afirmou que escalar lhe era impossível e que não gostava de ficar nas montanhas. Mas, agora que me havia seguido, resistira bem ao esforço e estava encantada com a paisagem e o lugar. Expressou o desejo de passar vários dias comigo lá em cima, onde as acomodações são excelentes, e senti-me obrigado a proporcionar-lhe esse prazer — o que é possível, por assim dizer, sem

que a gente se sinta muito longe de casa, pois daqui do alto se pode permanecer em contato com Reichenau por telefone e descer facilmente em duas horas e meia. Ela havia aguardado com grande expectativa a viagem a Csorba. Os acontecimentos domésticos lhe mostraram como é difícil fazer preparativos para deixar as crianças; e, nesses últimos seis anos, como veio um filho após outro, houve pouco espaço para mudança e relaxamento na vida dela. Não creio que lhe possa negar esse desejo. Você pode imaginar o que está por trás disso: gratidão e o sentimento de retorno à vida por parte de uma mulher que, ao menos por enquanto, não tem que passar o ano esperando um bebê, pois estamos agora vivendo em abstinência; e você conhece as razões disso também. Ora, esse plano não combina nada com minha intenção de visitá-lo em Csorba. O mês tem apenas onze dias, dos quais um teria que destinar-se a Viena e cinco a minha viagem. Embora ela jamais interfira num prazer meu, e muito menos quisesse interferir numa reunião com você, ela assinalou que eu só precisaria desistir de Csorba, e não de você, já que, dez dias depois, poderei tê-lo muito mais perto, no Brühl; e, além disso, duas viagens de dez horas no calor não seriam nenhum lazer para mim. Ademais, há dois outros fatores dos quais ela nada sabe; a necessidade de não gastar muito mais nestes meses em que não tenho renda, e o reconhecimento de que minha mente ainda não se libertou da obsessão da busca de idéias médicas e de que a continuação do atual estilo de vida por algum tempo seria muito boa para ela.

Logo, não irei a Csorba. Após os argumentos precedentes, que certamente lhe soarão autênticos, você há de me desculpar. Agora, porém, vamos ao segundo ponto. Quero, é claro, vê-lo e conversar e trabalhar com você por um dia inteiro, e, para esse fim, quero que reserve um dia que lhe seja conveniente em setembro, em Reichenau, no Brühl ou em Viena. Este ano já fiz uma viagem para visitá-lo — o que não foi nenhum sacrifício, é claro, foi *a treat* (um luxo)⁽³⁾ — e portanto, dessa vez gostaria de facilitar as coisas para mim e contar com sua generosa indulgência no sentido de tomar as providências que agora se fazem necessárias. Eu poderia ir com minha mulher até o Brühl (Hajek), caso não lhe seja fácil fazer-nos a prometida visita em Reichenau. Assim, seja gentil e nos possibilite isso. Eu detestaria ter que passar sem a visita.

No mais, a etiologia das neuroses me persegue por toda parte, tal como a canção de Marlborough acompanha o viajante inglês.⁽⁴⁾ Recentemente, fui consultado pela filha do hospedeiro no Monte Rax; foi um caso agradável para mim.⁽⁵⁾ — O melhor plano seria você e Ida passarem um ou dois dias conosco no Rax. Ele é mais alto do que Csorba — 1.700 metros (Thörlhaus) — e a comida e acomodações são excelentes.

Com as mais cordiais saudações e votos de bem-estar,

Seu,
Sigm. Freud

(1) Não creio que Ernst Kris tenha visto essa carta, que encontrei na escrivaninha de Freud.

(2) Oscar Rie (1863-1931), pediatra e amigo íntimo da família Freud. Fora assistente de Freud no Instituto Kassowitz e, em 1891, os dois publicaram juntos um trabalho: "Klinische Studien über die halbseitige Cerebrallähmung der Kinder". A mulher de Rie, Melanie, e a de Fliess, Ida, eram irmãs.

(3) Em inglês, no original.

(4) O livro *Songs of Many Wars*, organizado e editado por Kurt Adler (Howell Soskin, 1943), p. 36, conta que "um francês desconhecido escreveu essa canção após a vitória de Marlborough em Malplaquet, em 1709, quando surgiram boatos de que o general inglês havia sucumbido na batalha. O fato de Marlborough estar perfeitamente vivo não impediu que a balada conquistasse uma grande popularidade. Originalmente, a melodia era uma canção de caça do século XVII; desde então, tem servido a quase todas as nações do mundo numa ou noutra época". Schrötter observa que, nesse ponto, Freud está citando a *Romische Elegien* de Goethe, 2:9ss.

(5) Trata-se da Katharina dos *Estudos sobre a Histeria*.

14 de setembro de 1893
IX., Berggasse 19

Caríssimo amigo,

Rosenberg⁽¹⁾ chamou-me a atenção para o fato de que, no *Berliner klinische Wochenschrift* n.º 14, de 1889, há uma série de artigos sobre as neuroses reflexas nasais, de autoria de Scheinmann,⁽²⁾ que supostamente contém um número surpreendente de descobertas suas, como, por exemplo, a experiência com a cocaína, a ligação com a vida genital, os distúrbios estomacais e intestinais, e mais outras coisas semelhantes. Um verdadeiro precursor, portanto. Não tenho esse volume.

Muito boa sorte em seu próprio tratamento. Sem dúvida espero que você me mantenha informado sobre tudo o que acontecer.

Cordiais saudações a você e Ida.

Seu,

Sigm. Freud

(1) Presumivelmente, trata-se de uma referência a Ludwig Rosenberg, um pediatra que aparece com destaque como Leopold no sonho de Freud sobre a injeção de Irma. Era pai de Anny Katan, uma psicanalista que me informou (numa carta de 9 de setembro de 1890) que Rosenberg era membro regular do grupo do jogo de *tarô* aos sábados, que incluía Oscar Rie, Alfred Rie e, por vezes, Julius Schnitzler, o cirurgião. Rosenberg faleceu em 1927.

(2) O artigo a que Freud se refere foi apresentado por J. Scheinmann sob a forma de um trabalho para a *Laryngologische Vereinigung*, em Berlim, em janeiro de 1889, e publicado no *Berliner klinische Wochenschrift*, 14 (1889), pp. 295ss., sob o título de "Zur Diagnose und Therapie der nasalen Reflexneurosen". Trata-se de uma minuciosa resenha médica sobre todos os trabalhos feitos nessa área. Naturalmente, o autor não poderia referir-se a Fliess, de vez que nada da autoria deste fora publicado em 1889. Ao final do artigo, escreve Schneimann: "Não mais posso duvidar de que, nos casos de hiperestesia nasal, numerosas alterações da composição sanguínea do nariz são ocasionadas pela pele e pelo aparelho genital."

Viena, 29 de setembro de 1893

Caríssimo amigo,

Reservei algum tempo para poder perguntar-lhe sobre o sucesso da operação e indagara se você terá de retornar a Bremen mais uma vez. Que seu diagnóstico estava certo é algo que eu já sabia, já que você destrói todas as minhas faculdades críticas e realmente creio em você em tudo. Ficarei muito contente em saber que está livre das dores de cabeça. Poderá então desfrutar muito mais da vida. Penso ter sido muito gentil da parte de Scheinmann tocar em tantos temas e, apesar disso, deixar tanto espaço para você. Um verdadeiro precursor, com quem não se precisa ficar aborrecido. Tenho as mais elevadas expectativas quanto a seu trabalho, desde que você melhore e possa dedicar-se a ele e à policlínica.

Estou-lhe enviando hoje um obituário sobre Charcot, que foi publicado no início de setembro.⁽¹⁾ Caso já o tenha remetido antes, peço-lhe dez mil desculpas. Minha mulher está-se preparando para vir para casa. Todas as crianças continuam bem e em franco desenvolvimento. Pouco depois de nossa epidemia de infecções de garganta, houve diversos casos brandos de escarlatina em Reichenau.

Continuo ainda muito insuficientemente ocupado e correspondentemente mal-humorado. Breuer é um obstáculo a meu progresso profissional em Viena. Domina precisamente os círculos com que eu havia contado. Sua amizade por mim, da qual deu provas indubitáveis, manifesta-se muito menos do que eu esperaria na "preparação do terreno" para minha clínica.

No momento, tenho muito poucos casos sexuais novos. Logo começarei a atacar a histeria.

A partida de minhas sobrinhas para a América foi adiada. Os dias passados em Reichenau fizeram-nos muito bem, pois nos mostraram que exercemos uma certa atração sobre vocês dois, mesmo quando podem estar na companhia de pais e irmãos. Assim, esperamos ter outra reunião alegre antes que o ano se encerre, com boa saúde de ambos os lados.

Saudações cordiais a você e sua querida esposa, do
Seu,

Sigm. Freud

(1) No dia 9 de setembro, Freud publicou um obituário sobre Charcot no *Wiener medizinische Wochenschrift*.

Viena, 6 de outubro de 1893

Caríssimo amigo,

Estava prestes a me aborrecer com a falta de notícias suas quando sua amável carta anulou essa intenção. Nela, sinto ainda falta de uma

garantia positiva e sincera de que você está melhor, mas talvez seja cedo demais para isso, e Deus sabe a provação que foi a cirurgia. Quando você estiver novamente bem disposto, doaremos o quadro de Schaeffer à policlínica terapêutica, pois sou objetivo o bastante para ampliar meu interesse em sua recuperação a ponto de identificá-la com a criação da policlínica.

Seu veredicto sobre meu obituário de Charcot e a notícia de que o leu para Ida muito me deleitaram. Eu não tinha nenhum conhecimento do honroso plágio do *Allgemeine L(1) Zeitung*. É muito gentil de sua parte responder a minhas lamentações sobre os negócios em Viena, mas, na verdade, considero vergonhoso falar a esse respeito com você; isso vem apenas provar até que ponto me deixo levar pelos impulsos, algumas vezes. Especialmente no caso de sua jovem cunhada, fiquei grato a Breuer, e não aborrecido, por ele ter-me deixado de fora, pois desagradava-me profundamente misturar amizade com trabalho; não tenho minha terapia em alta conta, como você sabe; e evito de bom grado a comparação com suas atividades médicas. Nesse meio tempo, as coisas se tornaram mais animadoras. A questão sexual atrai as pessoas, que ficam inteiramente atônitas e depois se vão, convencidas, exclamando: "Ninguém nunca me fez perguntas a esse respeito!" A coisa está ficando cada vez mais complicada, à medida que chegam as confirmações. Ontem, por exemplo, examinei quatro casos novos cuja etiologia, conforme a cronologia, só pode ser o coito interrompido. Talvez lhe agrade um breve relato deles. Estão longe de ser uniformes.

(1) Mulher, 41 anos; filhos de 16, 14, 11 e 7. Nervosa nos últimos doze anos; bem durante as gestações; recorrência depois delas; não houve agravamento com a última gravidez. Ataques de tonteira, com sensações de fraqueza, agorafobia, expectativa ansiosa, nenhum traço de neurastenia, pouca histeria. Etiologia confirmada, pura (neurose de angústia).

(2) Mulher, 24 anos; filhos de 4 e 2. Desde a primavera de 93, ataques noturnos de dor (das costas até o esterno), com insônia; quanto ao mais, nada; bem disposta durante o dia. O marido é caixeiro-viajante; esteve em casa por algum tempo na primavera, bem como recentemente. No verão, enquanto o marido estava fora, ela se sentiu perfeitamente bem. Coito interrompido e grande medo de ter filhos. Histeria, portanto.

(3) Homem, 42 anos; filhos de 17, 16 e 13. Bem disposto até um ano atrás; então, por ocasião da morte do pai, súbito ataque de angústia com palpitações, medo hipocondríaco de um câncer na língua; vários meses depois, um segundo ataque, com cianose, pulso intermitente, medo da morte e assim por diante; desde então, sente-se enfraquecido, tonto, agorafóbico; alguma dipepsia. É um caso de neurose de angústia pura, acompanhada por sintomas cardíacos subseqüentes a uma perturbação

emocional; já o coito interrompido foi tolerado com facilidade, aparentemente, durante dez anos.⁽²⁾

(4) Homem, 34 anos. Sem apetite nos últimos três anos; dispepsia durante o ano passado, com perda de 20 kg e constipação. Cessados estes sintomas, violenta pressão intracraniana no horário do siroco; ataques de fraqueza com sensações associadas, espasmos clônicos histeriformes. Nesse caso, portanto, predomina a neurastenia. Um filho de 5 anos. Desde então, coito interrompido, por causa de uma doença da mulher. Aproximadamente na mesma época da recuperação da dispepsia, foram retomadas as relações sexuais normais.

Em vista dessas reações aos mesmos fatores nocivos, é preciso coragem para insistir na especificidade dos efeitos deles, tal como a defino. No entanto, deve ser assim; e há certos pontos a levar adiante, mesmo nesses quatro casos (neurose de angústia simples, histeria simples, neurose de angústia com sintomas cardíacos e neurastenia com histeria).

No caso (1), de uma mulher muito inteligente, não havia medo de ter filhos; ela tem uma neurose de angústia simples.

No caso (2), de uma mulherzinha agradável e tola, a angústia era fortemente acentuada; após um breve período, ela teve primeiro uma histeria.⁽³⁾

O caso (3), com neurose de angústia e sintomas cardíacos, era um homem altamente potente, que também fumava muito.

O caso (4), ao contrário, era um homem apenas moderadamente potente e frígido (sem ter-se masturbado).

Ora, imagine o que aconteceria se alguém fosse um médico como você, por exemplo, capaz de investigar a genitália e o nariz simultaneamente; o enigma seria solucionado num piscar de olhos.

Mas estou velho, preguiçoso e sobrecarregado demais de obrigações para ainda aprender alguma coisa.

Saudações cordiais de uma família à outra,

Seu,
Sigm. Freud

Anteontem, marcharam casa adentro a mulher e os filhos, com a melhor saúde possível.

(1) Letra ilegível, possivelmente "C".

(2) Kris (*Origins*, p. 78, n. 1) assinala que "esse caso aparece, com alguns detalhes adicionais, no primeiro e segundo trabalhos de Freud sobre a neurose de angústia (1895)".

(3) Em alemão, o texto diz *Sie hat nach kurzer Zeit zuerst Hysterie*. O sentido é pouco claro, afirmando, talvez, que ela teve seu primeiro ataque de histeria.

Viena, 18 de outubro de 1893

Caríssimo amigo,

Espero que minha confiança na mais pronta recuperação de sua amável esposa chegue até sua casa depois de essa mesma recuperação já ter ocorrido. Não pode ser desejo dela estar doente, de modo que não me estenderei nesse ponto em absoluto. Esperei um longo tempo por notícias de seu bem-estar e estava em vias de lhe escrever sobre minha preocupação. De modo geral, não tenho o hábito de torturá-lo com a obrigação de escrever, mas sou tão extremamente ignorante que não tenho a menor idéia do alcance de uma operação desse tipo.

Hoje já estou cansado de escrever; tive um desentendimento mortificante com Breuer, que ocasionou [a redação] de muitas cartas.⁽¹⁾ Ele acabou por comportar-se de modo tão generoso que tudo ficou serenado; acabo de escrever-lhe minha última carta, e a presente, endereçada a você, realmente não pode mais ser adiada.

Eu poderia escrever muitas coisas sobre o nariz e a sexualidade (dois temas). O fato de você ver pouco material dessa natureza é, na verdade, uma prova de sua pré-seleção. No momento, as pessoas não correm para consultar-se comigo, mas tenho examinado casos lindíssimos e cheguei até a fazer alguns progressos. Na próxima vez, falar-lhe-ei sobre uma observação de enxaqueca com escotomas em masturbadores, infelizmente *sem* envolvimento do nariz. Entrei em contato aqui com um certo Dr. Weil,⁽²⁾ que é muito mais inteligente do que Laufer; ⁽³⁾ estudou sob a orientação de Schrötter,⁽⁴⁾ é judeu e lê — em suma, seria perfeitamente adequado, não fosse por seus péssimos modos. Tenho-lhe encaminhado pacientes e insisti para que ele leia seus textos, e assim por diante. Recentemente, ele fez um comentário que prometi transmitir-lhe. Faz objeções a uma questão insignificante: o caso de uma mulher que, no decorrer de um ano, teve seis abortos espontâneos no segundo mês. Ele acredita que isso seja um lapso, pois não teria havido tempo suficiente, a menos que se tratasse de um caso de dismenorréia membranosa, um erro [de diagnóstico] improvável em você.

Para não esquecer meus próprios interesses: a mulher do Dr. R. veio me visitar, não conseguiu entender porque você não me havia escrito a respeito dela e prometi fazer-lhe um lembrete. Ela quer que eu lhe faça o tratamento que você recomendou.

Não tenciono em absoluto ignorar meus problemas cardíacos.⁽⁵⁾ No momento eles vão bem melhor — não por qualquer mérito meu, pois tenho fumado muito, devido a todas as dificuldades, que têm sido muito numerosas ultimamente. Creio que logo tornarão a dar sinal de vida, e dolorosamente. No que concerne ao fumo, seguirei escrupulosamente uma receita

sua;- já fiz isso antes, numa ocasião em que você me deu sua opinião a respeito (estação ferroviária — período de espera). Mas, realmente, senti muita falta dele. Um resfriado agudo não agravou as condições. Observei esse complexo sintomático em alguns pacientes que eram *Gast[ri]ker* [*Gestiker*?] e ainda não estou convencido de sua natureza nasal. Ainda lhe devo muito hoje em dia.

Saudações cordiais a você e sua estimada esposa.

Sinceramente seu,
Sigm. Freud

(1) Encontrei essas cartas em Maresfield Gardens. O assunto é a dívida financeira de Freud com Breuer. Freud insiste em reembolsá-la e Breuer lhe afirma, generosamente, que isso não tem nenhuma importância para ele. É evidente que esse era um assunto muito sensível para Freud. Ele também tomara empréstimos com Josef Paneth e Fleischl. Numa carta não publicada, escrita a Martha em 11 de julho de 1883, Freud faz um comentário curioso, explicando porque não pode viajar até Berlim para vê-la: "Nenhuma descoberta me dá o direito de endividarme, na expectativa de ter um grande futuro."

O fato de a atitude de Freud perante a generosidade de Breuer, inicialmente, ter sido de prazerosa satisfação, fica claramente demonstrado nas cartas não publicadas a Martha. Basta-nos um exemplo (18 de julho de 1883): "Breuer insistiu em que eu aceitasse uma grande soma em dinheiro para o período em que estará viajando. Se fosse outra pessoa que não ele, eu me sentiria envergonhado, mas ele se revela um amigo tão confiante que seu dinheiro desempenha um papel muito secundário."

(2) Ver carta de 20 de abril de 1895, e também Sulloway (1979, p. 152, n. 13). Ver ainda *Nasale Fernleiden*, de Fliess, p. 42, onde o autor relata um episódio da clínica de Weil.

(3) Não identificado.

(4) Leopold Schrötter Ritter von Kristelli (1837-1908). Ver Lesky (1978, pp. 330 ss., 413 ss.).

(5) O texto em alemão diz: *Mit meinem Herzbefinden denke ich Dir keineswegs durchzugehen*. Schur (1972, p. 41) traduz esse trecho por "não tenho intenção de abandoná-lo por causa de meus problemas cardíacos" e entende isso como uma referência à morte. A frase em alemão pode ter qualquer desses dois sentidos, e não se tem certeza absoluta de qual de'es Freud pretendeu dar-lhe.

Viena, 27 de novembro⁽¹⁾ de 1893

Querido amigo,⁽²⁾

A última carta que consegui produzir para você logo depois daquela extraviou-se,⁽³⁾ como se diz em Viena, e em seguida veio um período em que não senti vontade de escrever, andei com o nariz entupido e não tive disposição para isso. Mais uma vez, deixei-me cauterizar e voltei a desfrutar do trabalho, porém, no mais, estou pouco satisfeito com o sucesso da terapia local. Não tenho obedecido a sua ordem de não fumar; você

realmente considera um privilégio notável viver muitos anos num tormento? Mas tenho sido muito pouco importunado pelas sensações correspondentes.

E assim, vê-se que coloquei as notícias sobre minha ilustre pessoa em primeiro plano, como se não houvesse nada mais importante para escrever ou indagar. A carta extraviada continha muitas coisas pertinentes à ciência: nariz, órgãos sexuais, enxaqueca com escotomas; tudo isso está perdido, agora, mas não é nada por que valha a pena chorar. De qualquer modo, você não poderia usar os relatos sobre o nariz — *gues-ses*⁽⁴⁾ |palpites| sem descobertas nasais modelares. A questão sexual vai-se consolidando mais firmemente e as contradições vão-se desvanecendo, mas o material novo é muito escasso, por causa de uma falta muito incomum de pacientes nos horários de consultório. Quando recebo um caso para restauração minuciosa, tudo se confirma e, por vezes, quem procura acha mais do que deseja⁽⁵⁾ — a anestesia sexual, particularmente, tem sentidos múltiplos e bastante contraditórios. O tipo com angústia, como observado em Pietsch,⁽⁶⁾ tornou-se bem claro. Examinei um velho e alegre solteirão que não se recusa a nada e que produziu um clássico ataque de angústia, depois de se deixar seduzir pela amante de trinta anos a manter relações sexuais por três vezes consecutivas. Grosso modo, esbarrei na idéia de vincular a angústia não a uma consequência psíquica, e sim *física*, dos excessos sexuais. Fui levado a isso por um caso maravilhosamente puro de neurose de angústia subsequente ao coito interrompido, numa mulher totalmente plácida e *totalmente frígida*. De outro modo, não faria nenhum sentido.

Quanto a todos os demais aspectos, o período de meu silêncio foi bem desinteressante. Em casa, todos vão bem; a gripe, que está fadada a tornar-se novamente epidêmica, está bem à nossa frente. Minha cabeça sente falta do habitual excesso de trabalho, desde que perdi a Sra. von K.⁽⁷⁾ Estou em bons termos com Breuer, mas vejo-o pouco. Ele se matriculou em minhas aulas de sábado! Seu sogro ainda está decidido a encontrar um apartamento melhor para mim; recentemente, propôs-me um por 3.400 florins. É muito gentil da parte dele, mas pretendo permanecer aqui por algum tempo.

Esta conversa ociosa pressupõe que você e sua amável esposa estejam bem de saúde e que suas dores de cabeça tenham desaparecido para sempre desde a última operação; de outro modo, eu certamente teria recebido notícias suas nesse meio tempo.

O anexo A ("Enurese")⁽⁸⁾ é uma bobageira. Cedo-lhe o anexo B;⁽⁹⁾ talvez você encontre nele algo que interesse. Conheço K. e estou tratando de alguns membros da família dele.

Com as mais cordiais saudações para a família inteira,

Seu,
Sigm. Freud

- (1) A data foi antes incorretamente indicada como 17 de novembro.
- (2) Freud emprega a palavra alemã *Teurer* — literalmente, apreciado ou tido em alta estima — que era, na época, uma saudação comum usada por amigos íntimos. No alemão de hoje, dir-se-ia *Lieber*.
- (3) Freud usa o coloquialismo vienense *verschlossen*.
- (4) Em inglês, no original.
- (5) Ver Franz F. von Lipperheide, *Sprachwörterbuch* (livro que Freud tinha em sua biblioteca), 2.ª ed., 1909, p. 184, no verbete "finden": "Man findet häufig mehr, als man zu finden glaubt." Aparentemente, essa é uma tradução alemã de um verso do *Le Menteur*, de Corneille, Ato 4, cena 1, onde Dorante diz: "On trouve bien souvent plus qu'on ne croit trouver." Um equivalente coloquial em português seria o nosso "quem procura, acha". N. da T.)
- (6) Ver Fliess em *Zur Periodenlehre: Gesammelte Aufsätze*, p. 59: "Não posso omitir aqui uma experiência que me ficou gravada no coração. Anos atrás, encontrei o escritor Ludwig Pietsch numa loja de flores. Em seu estilo impulsivo, abraçou-me e disse: 'Tenho-me sentido melhor do que mereço. Sinto-me mais feliz e mais revigorado do que em muitos anos. E, meu caro amigo, se suas teorias estiverem certas, isso só pode significar que logo morrerei, pois sinto-me bem demais.' Minhas objeções de nada serviram. 'Sim, sim, você simplesmente não quer admitir.' A teoria estava realmente certa, pois logo, no dia 27 de novembro de 1911, a veracidade de minha teoria foi selada pelo último suspiro de Ludwig Pietsch." Ver também *Ablauf des Lebens*, de Fliess, p. 339, onde a data desse encontro (final de outubro de 1911) é fornecida.
- (7) Cécilie M., dos *Estudos sobre a Histeria*.
- (8) Sem dúvida, uma referência a "Über ein Symptom, das häufig die Enuresis nocturna der Kinder begleitet", de Freud, publicado no *Neurologisches Centralblatt*. O artigo nada tem de psicológico e, nele, Freud chegou até a dizer que a explicação de que o fenômeno (hipertonía das extremidades inferiores) estaria relacionado com o medo ou a vergonha não era possível. Talvez fosse essa a razão por que não gostava do artigo.
- (9) Não há nenhuma indicação do que teria sido esse anexo.

Viena, 11 de dezembro de 1893

Caríssimo amigo,

Minha pronta resposta a sua carta significa que disponho de algumas horas livres num domingo e não constitui um pedido de reciprocidade no mesmo estilo. Escreva quando tiver tempo e assunto.

Infelizmente, só pude ver sua querida Ida muito rapidamente e muito poucas vezes; num dos três dias, estive em Brno, e ela passou os três dias inteiros junto ao leito da mãe. Achei-a com uma aparência *glorious*⁽¹⁾ esplêndida e ela me honrou com a confissão de que já hoje, em seu primeiro dia, estava entediada!! Não continuará vienense por muito tempo. O transplante parece ter tido êxito. Soube através dela que você pretende fazer palestras sobre minhas paralisias histéricas e me senti tão honrado que achei que deveria tratar-se de um mal-entendido.

Falou-me também sobre sua física aplicada e sobre a indignação dela a esse respeito, e concordei sem reservas — isto é, com a única ressalva de que não poderia manter essa opinião se você próprio me convencesse de que era necessário estudar esse novo assunto. Apesar dessa humilde incerteza, continuo a pensar que, se você lograsse êxito em aperfeiçoar o coito concebido por Deus Todo-Poderoso, tudo o mais seria bobagem comparado a isso, e eu iria de bom grado a Berlim ajudá-lo a escolher um lugar no Tiegarten⁽²⁾ para sua estátua.

O congresso é em Roma; não sobrará muita coisa para Viena; você deve falar e escrever, penso eu, certamente lá, e também em outros lugares. A propósito, Scheinmann tornou a dar notícias; as idéias dele se desenvolvem numa linha muito semelhante. Você não o conhece? Em setembro, o congresso de cientistas se reunirá aqui, e fui nomeado primeiro secretário da área neurológica.

Meu nariz foi atacado pelo catarro; finalmente, tornou a ficar bom e agora estou com a cabeça desobstruída e em bom estado de ânimo. Comecei “hoje” a restringir o fumo — isto é, a reduzir o fumo ininterrupto a uma quantidade descontínua e passível de ser contada. Tenho realmente a impressão de que a questão toda é orgânica e cardíaca; alguma coisa neurótica seria muito mais difícil de aceitar; só se é indiferente a esse ponto no tocante aos problemas orgânicos. Além do mais, a proibição do fumo não está de acordo com o diagnóstico nasal. Creio que você está cumprindo seu dever médico; não direi mais nada a respeito e obedecerei, em parte (mas não sensatamente). Dois charutos por dia — eis como se conhece um não-fumante!

Estou literalmente carregado de novidades sobre as neuroses e neuropsicoses, mas é tudo ainda bastante caótico. Agora mesmo estou escrevendo o trabalho sobre a histeria, que não será ruim. Breuer está atarefado demais para contribuir com muita coisa. Estamos com uma lastimável epidemia de gripe; meu pai comemorou seu septuagésimo oitavo aniversário com um ataque grave e é agora uma sombra do que foi antes. Em casa, todos ainda passam bem. Konigstein⁽³⁾ foi proposto para uma vaga de professor; espero sinceramente que a consiga; é um homem correto; ninguém consegue superar-lhe os padrões.

Com as saudações mais cordiais a você e sua querida esposa,

Seu,
Sigm. Freud

(1) Um parque de Berlim.

(2) Em inglês, no original.

(3) Leopold Königstein (1850-1924), oculista e amigo de Freud. Com respeito ao papel que teve na descoberta da propriedade anestésica da cocaína, ver Bernfeld (1953). Um artigo de Freud de 1886, intitulado: "Observação de um Caso Grave de Hemi-Anestesia num Histórico", baseou-se num caso por ele apresentado à Sociedade de Medicina no dia 26 de novembro de 1886, juntamente com Königstein. Com efeito, Königstein tornou-se professor-assistente em 1900. Ver Lesky (1978, p. 489).

4 de janeiro de 1894

IX., Berggasse 19

Caríssimo amigo,

Na última edição da *Revue Neurologique*, li uma notícia sobre "Les réflexes d'origine nasale", de um certo W. Fliess, publicada nos *Arch. internat. de laryng., rhinol.,...*, de set./out. 1893.⁽¹⁾ Seria você, que não o teria mandado para mim?

Da próxima vez, você receberá (em manuscrito) uma parte da teoria das neuroses (fobias, obsessões).⁽²⁾

Cordiais saudações.

Seu,

Sigm. Freud

(1) O artigo apareceu nos *Archives de Laryngologie* n.º 6 (1893), pp. 266-269, como *Travail lu au Congrès de médecine interne de Wiesbaden* (trabalho lido no Congresso de Medicina Interna de Wiesbaden). Trata-se apenas de um resumo em francês, escrito pelo próprio Fliess, de seu artigo mais extenso em alemão. "Die nasale Reflexneurose."

(2) Ver nota 1 da carta de 30 de janeiro de 1894. Freud fez uma palestra sob o título de "Die Abwehr-Neuropsychosen" à Associação de Psiquiatria de Neurologia em 15 de janeiro de 1895. Um *Autorreferat*. "Über den 'Mechanismus der Zwangsvorstellungen und Phobien'". Foi publicado no *Wiener klinische Wochenschrift*. Esse relatório de uma só página foi (posteriormente?) ampliado como "Obsessions et phobies (leur mécanisme psychique et leur étiologie)", publicado em 30 de janeiro.

16 de janeiro de 1894⁽¹⁾

IX., Berggasse 19

Meus queridos amigos,

Por favor, não se zanguem por eu não ter respondido mais cedo à amável carta de Frau Ida. Estou muito aborrecido, a rigor, furioso por vocês dois não estarem passando melhor. Seu *papa*, a quem vi na quarta-feira, falou realmente em boas notícias, mas sei quão reticentes são vocês e ele. Em geral, não acho correto vocês morarem em Berlim, quando

gente como nós sente sua falta cotidianamente. Sua resposta será que não sou nem a única pessoa, nem a mais próxima, a sentir-se assim, mas, de qualquer modo, sou uma delas.

Se a única razão de *ele* não me escrever for o fato de haver muita coisa com que se pôr em dia, agora que se refez, ficarei contente. Se tiver o incentivo de uma só linha, despacharei um manuscrito repleto das mais lindas e novíssimas descobertas.⁽²⁾

Cordiais saudações,

Seu,
F.

(1) O original dessa carta pertencia ao filho de Fliess, Robert. Consegui-o com a falecida Elenore Fliess, viúva de Robert.

(2) Ver nota 1 da carta de 30 de janeiro de 1894.

30 de janeiro de 1894
IX., Berggasse 19

Caríssimo amigo,

Fiquei contente em tornar a receber algumas linhas suas e estou muito satisfeito com o progresso de suas descobertas.

Segue em anexo o último [manuscrito].⁽¹⁾ Queira ter a bondade de encaminhá-lo a Mendel,⁽²⁾ juntamente com a carta anexa, depois de ter desfrutado dele. Período muito agitado agora. Tudo bem por aqui.

Saudações cordiais a você e sua querida esposa.

Seu,
Sigm. Freud

(1) Presumivelmente, o manuscrito que Freud enviou a Fliess foi "Die abwehr-Neuropsychosen", publicado no *Neurologisches Centralblatt* um pouco mais tarde, em 1894.

(2) Provavelmente, Emanuel Mendel, editor do *Neurologisches Centralblatt* em Berlim.

Viena, 7 de fevereiro de 1894

Caríssimo amigo,

Também eu estou tão assoberbado no momento que respondo de imediato a sua carta, para não deixá-la sem resposta por tempo demais. Sua avaliação da teoria das idéias obsessivas me fez bem, pois sinto sua falta todo o tempo em que estou engajado nessa espécie de trabalho. Se

você vier a Viena na primavera, precisa arrancar-se da família por algumas horas e dedicá-las a uma troca de idéias comigo. Tenho ainda alguma coisa *in petto* [no íntimo] que apenas começa a tornar-se clara para mim. Você viu que o último texto versava sobre a *transformação* do afeto e a *transposição* [do afeto]; além disso, há também a *substituição*. Não eroguei mais o véu por ora.

Você tem razão — o vínculo entre a neurose obsessiva e a sexualidade nem sempre é tão óbvio. Posso assegurar-lhe que, em meu caso 2 (premência urinária), também não foi fácil de localizar; alguém que não o tivesse buscado tão sistematicamente quanto eu tê-lo-ia deixado passar despercebido. Nesse caso, que vim a conhecer minuciosamente durante um tratamento para ganhar peso com duração de vários meses, o [fator] sexual simplesmente domina todo o cenário! — Seu caso da mulher enfasiada e divorciada é bem passível de produzir um resultado idêntico, mediante análise rigorosa.

No momento, estou empenhado na análise de diversos casos que se assemelham à paranóia e que se vêm desenvolvendo de acordo com minha teoria. O livro sobre a histeria, que estou escrevendo com Breuer, está parcialmente concluído; faltam ainda apenas alguns do total de casos clínicos e dois capítulos genéricos.

Em casa, felizmente, tudo corre bem. A pequerrucha está-se mostrando encantadora. Seu raquitismo é bem mais grave do que o necessário. Breuer tornou-se avó [*sic*] no dia 3 de fevereiro; a neta se parece fantásticamente com ele.

Tenho estado mais calmo acerca de suas dores de cabeça desde que recebi notícias de Scheffer [*sic*] em Bremen, prometendo uma recuperação total. Fui impertinente a ponto de entrar diretamente em contato com ele. Não sei se já lhe havia escrito que terei de trabalhar como primeiro secretário da área neurológica na reunião científica de setembro. Espero também encontrá-lo por lá e, algumas vezes, também em nossa casa.

A morte de Billroth⁽¹⁾ é o acontecimento do dia por aqui. Como é invejável não sobreviver a si próprio!

Saudações cordiais de todos nós a você e sua querida e bondosa esposa.

Seu,
Sigm. Freud

(1) Com respeito a Theodor Billroth (1822-1894) e sua enfermidade, ver *Wiener klinische Wochenschrift*, 7 (1894), pp. 123 ss. Suas realizações na cirurgia são discutidas em Lesky (1978, pp. 435 ss.). Freud frequentou as aulas de Billroth sobre cirurgia clínica em 1877 e 1878 (Bernfeld, 1951).

Viena, 19 de abril de 1894

Caríssimo amigo,

Sua amável carta põe termo a minhas reservas e meu desejo de poupá-lo. Sinto-me justificado para escrever-lhe sobre meu estado de saúde. As notícias científicas e pessoais virão depois, no final.

Já que todos precisam da influência sugestiva de alguma outra pessoa para conseguir uma suspensão temporária das próprias críticas, de fato não coloquei nada aceso entre os lábios desde então (faz hoje três semanas); e, hoje, já consigo observar os outros fumando sem invejá-los, e até voltar a imaginar a vida e o trabalho sem esse esteio. Não faz muito tempo que atingi esse ponto; além disso, o sofrimento da abstinência tem sido muito maior do que eu imaginava — mas isso, naturalmente, é óbvio.

Menos óbvio, talvez, é meu estado de saúde em outros aspectos. Logo depois da suspensão, houve alguns dias toleráveis e comeci a redigir para você o estudo do problema da neurose; sobreveio então, repentinamente, um agudo sofrimento cardíaco, maior do que jamais tive quando fumava. A mais violenta arritmia, tensão constante, pressão, ardência na região cardíaca, pontadas agudas descendo pelo braço esquerdo e uma certa dispnéia: tudo isso, essencialmente, em ataques que se estendem continuamente por dois terços do dia; a dispnéia é tão moderada que se chega a suspeitar de alguma coisa orgânica; e, com ela, um sentimento de depressão, que assumiu a forma de visões de morte e separação, em lugar do costumeiro frenesi de atividade. As indisposições orgânicas diminuíram nos últimos dois dias; o humor lipemaniaco⁽¹⁾ persiste, tendo porém a gentileza de dissipar-se subitamente (como fez na noite passada e hoje, ao meio-dia) e de deixar atrás de si um ser humano que novamente anseia com confiança por uma vida longa e pelo prazer indiminuto de retomar a batalha.

É muito aflitivo, para um homem da medicina que passa todas as horas do dia lutando por alcançar a compreensão das neuroses, não saber se está sofrendo de uma depressão branda lógica ou hipocondríaca. Ele precisa ser ajudado nisso. Assim, na verdade, recorri a Breuer ontem à noite e lhe disse que, em minha opinião, o distúrbio cardíaco não era compatível com um envenenamento por nicotina; em vez disso, suponho ter uma miocardite crônica que não tolera o fumo. Lembro-me também perfeitamente de que a arritmia surgiu de modo bastante repentino, em 1889, após meu ataque de gripe. Tive a satisfação de ouvir dele que poderia ser *uma coisa ou a outra*, e que eu deveria ser examinado logo. Prometi fazê-lo, mas sei que a maioria desses exames não revela nada. Não sei até que ponto se pode estabelecer uma diferença entre as duas coisas, mas penso que deve ser possível fazê-lo com base em sintomas e eventos subjetivos, e que vocês aí sabem o que depreender disso tudo. Desta vez, estou particularmente desconfiado de você, pois essa minha história do coração é a única em que o ouvi fazer afirmações contraditórias. Da última vez, você a explicou como sendo nasal e disse que estavam ausen-

res os sinais percussivos de coração afetado pela nicotina; desta vez, mostra-se realmente muito preocupado comigo e me proíbe de fumar. Só posso entender isso se presumir que você quer esconder de mim o verdadeiro estado de coisas, e rogo-lhe que não o faça. Se me puder dizer algo de definitivo, simplesmente diga. Não tenho opiniões exageradas sobre minhas responsabilidades ou minha indispensabilidade, e suportarei com grande dignidade a incerteza e a expectativa de vida abreviada, ligadas ao diagnóstico de miocardite; ao contrário, poderia até tirar proveito disso, organizando o restante de minha vida e desfrutando integralmente do que me resta.

Foi doloroso perceber que, na eventualidade de uma doença crônica, eu não poderia contar com a possibilidade de realizar um trabalho científico, já que fiquei completamente impossibilitado de trabalhar. Não examinei seus lindos casos clínicos e o “estado atual da teoria das neuroses” interrompeu-se em meio a uma frase; tudo está como no castelo da Bela Adormecida, quando foi subitamente tomado pela catalepsia. Como estes últimos dias, sem dúvida, trouxeram algum alívio, espero logo ter-me posto em dia, e então lhe farei um relatório.

Guardarei em mente sua observação sobre o diário; você tem razão. Eu também não gostava particularmente da Sra. Er.. Talvez lhe esteja fazendo uma injustiça quando a classifico de prato de carne “galinha choca” e de prato de legumes “raiz repugnante”.⁽²⁾ É fácil crer que a análise lhe tenha sido desagradável; com isso, ela apenas confirmou a idéia de “defesa”; também escapuliu de mim pela terceira vez. No mais, posso dar-lhe um atestado de boa conduta. Ela é anestésica, além de ser um caso de anseio não satisfeito; melancolia; nada de angústia; portanto, nada também de relações sexuais — se é que fui corretamente informado. Naturalmente, não lhe revelei que já sabia do Hofrat antes.⁽³⁾ Ela imagina que ninguém suspeita de coisa alguma e me odeia como uma possível fonte de traição.

Afora isso, nada tenho de novo sobre a teoria das neuroses, mas continuo a colher material e espero que venha a transformar-se em alguma coisa.

As muitas novidades que você anuncia devem significar que, finalmente, você está quase ininterruptamente bem disposto. Tenho pensado na etiologia de sua segunda dor de cabeça. Não creio muito nela. Você não prefere a idéia das células cribriformes? A grizada e a esposa vão bem; esta última não é minha confidente nos delírios da morte. Bastante supérfluos, de qualquer modo.

Tão logo possa voltar a trabalhar, mandar-lhe-ei um maço de casos clínicos interessantes.

Com saudações muito cordiais a sua prezada esposa e a você, e agradecendo sua carta,

Seu,

Sigm. Freud

(1) Estado de depressão mórbida. Erroneamente impresso em *Anfänge* como *hypomanische*. O termo é também uma expressão hoje obsoleta para designar a melancolia. N. da T.)

(2) *Z'widerwutzen*, expressão coloquial austríaca e do sul da Alemanha que denota uma pessoa macambúzia, taciturna.

(3) Referência ignorada.

Viena, 25 de abril de 1894

Meu caro amigo,

Você escreveu com tanta amabilidade que não posso deixá-lo esperar até que eu tenha algo a dizer, e devo, isto sim, informá-lo sobre acontecimentos cotidianos.

Certamente o considero mais competente do que qualquer outra pessoa para fazer um diagnóstico diferencial nessas questões delicadas; e, mais uma vez, deixei-me confundir sobre como entender meu estado. Breuer, por exemplo, aceitou calmamente a possibilidade de uma insuficiência cardíaca não-tóxica. Aparentemente, não tenho nenhuma dilatação do coração; os ruídos cardíacos separados, a arritmia e similares continuam, apesar de minha abstinência. Minha libido⁽¹⁾ foi há muito subjugada. Uma grama de digitalina em dois dias diminuiu consideravelmente as indisposições subjetivas e, ao que parece, influenciou também a arritmia, a qual, no entanto, identifico sempre que deparo com alguma ressonância do pulso. Minha depressão branda, a fadiga, a incapacidade de trabalhar e a dispnéia discreta pioraram bastante.

É esse o estado inalterado. O fato de que não deixarei este belo mundo sem convocá-lo para uma despedida pessoal foi decidido em minha mente desde que comecei a me sentir adoentado. Não creio, porém, que venha a estar em condições de aceitar sua oferta num futuro próximo; contudo, a tortura e o escoamento inútil do presente me ferem mais do que qualquer possível prognóstico insatisfatório.

Dentro de poucos dias vou enviar-lhe diversas páginas de matéria-prima, um rápido esboço de uma análise em que é possível enxergar as próprias raízes da neurose. Ainda não consegui recompor-me a ponto de preparar um resumo para você e isso me aborrece enormemente. De fato, era bem diferente em outras épocas. A total calma social e científica tem-me causado toda sorte de preocupações. Sinto-me melhor quando estou em meio a meu trabalho cotidiano. Espero que você, pelo menos,

esteja bem. Creio que, durante uma hora inteira nesses dias, cheguei, na verdade, a ficar contente com minha doença. Deve ter sido na ocasião em que recebi sua carta.

Saúdo cordialmente a você e sua querida Ida, e o mesmo faz minha família.

Seu,
Dr. Sigm. Freud

(1) Pelo contexto, parece provável que Freud se esteja referindo ao desejo de fumar, e não ao desejo sexual.

Viena, 6 de maio de 1894

Meu caro amigo,

Devolvo com a presente as “dores de estômago”!(1) Há pouco a dizer a respeito, exceto que é absolutamente notável e muito bonito. Em casos como esse, nosso falecido amigo E. Fleischl(2) costumava dizer: se você levar em conta, além disso, que o assunto é inclusive *verdadeiro*, não será capaz de negar-me seu reconhecimento. Mas talvez, afinal, eu consiga tecer alguns comentários:

(1) Se a localização é à direita ou à esquerda, penso eu, é um dado não suficientemente mencionado ou avaliado.

(2) A parte teórica, mais uma vez, ficou muito curta, assim como o diagnóstico diferencial. Em suma, mais largueza. Como é que nem todas as afecções desse *locus* específico resultam em dores de estômago? Presumo que haja aí alguma ligação com as “alterações nevrálgicas”.

Estou anexando um caso clínico cuja forma deve ser desculpada, em função de meu estado de saúde, e que espero possa interessá-lo em outros aspectos.

Ainda não consegui concluir a “Introdução às Neuroses”. Sinto-me melhor — por vezes, muito melhor — mas não cheguei a ficar livre dos sintomas sequer por meio dia, e meu estado de ânimo e capacidade de trabalho estão realmente em maré baixa. Ainda penso que isso não se deve à nicotina; tendo casualmente visto *um bocado dessa mesma coisa* em minha clínica na semana passada, creio tratar-se de miocardite reumática, algo de que a gente nunca se livra, realmente. Nos últimos anos, tive repetidamente nódulos musculares reumáticos em outras partes do corpo.

No verão, gostaria de voltar à anatomia por algum tempo; afinal, essa é a única coisa gratificante.

Estou com visitas e, portanto, concluo com saudações cordiais a você e sua prezada esposa.

Seu,
Sigm. Freud

(1) Sem dúvida, uma referência a "Magenschmerz und Dysmenorrhöe in einem neuen Zusammenhang", cuja primeira parte foi publicada no *Wiener klinische Rundschau* em 6 de janeiro de 1895. Ali Fliess formula a pergunta: "Mas haverá no nariz, talvez, tal como no córtex cerebral, uma localização específica para cada um dos sintomas distantes em outros órgãos?" A isso Fliess responde com um sonoro "Sim". Essa, creio eu, é uma contribuição do próprio Fliess. De modo similar, no vol. 8, p. 115, Fliess fala em "dores dismenorréicas desconhecidas" e, na p. 138, diz que é possível provocar um aborto por meio do nariz. No vol. 5, p. 67, afirma que um sangramento nasal cessou quando da ocorrência de sangramento genital. Menciona uma paciente de Viena, M. B—y, de 22 anos, que era certamente a irmã de sua mulher (Melanie Bondy).

(2) Ernst Fleischl von Marxow (1846-1891) desempenhou um papel importante no começo da vida de Freud. Esse episódio foi narrado com um toque dramático por Jones (*Life* 1:49, 98) e Mernfeld (1953), mas há necessidade de maiores pesquisas. Uma importante carta não publicada de Freud a Martha, de 28 de outubro de 1883, fornece-nos alguns detalhes adicionais (a parte final da carta foi citada por Jones, *Life* 1:99): "Marthi, você está parcialmente certa sobre Fleischl. Nosso relacionamento não é exatamente de amizade, pois ele não tem sido meu amigo no mesmo sentido que Breuer. Houve sempre um abismo entre nós, uma aura de inacessibilidade ao redor dele e, quando estávamos juntos, ele estava sempre demasiadamente ocupado consigo mesmo para poder aproximar-se de mim. Mas eu o admiro e amo com a paixão do intelecto, se você me permite essa expressão. A queda dele me comoverá do mesmo modo que a destruição de um templo sagrado e famoso afetaria um grego da Antiguidade. Não o amo tanto enquanto homem, mas segundo uma realização preciosa da criação. E você não precisa realmente ficar enciumada."

Na Biblioteca do Congresso, encontrei três cartas de Fleischl a Freud (duas estão datadas de 20 de fevereiro e 16 de setembro de 1884; a terceira, cumprimentando Freud pela docência, sem data, deve ser de 1885). São bilhetes polidos, agradecendo a Freud por separatas e sugerindo mudanças num manuscrito sobre anatomia que Freud havia submetido ao *Berliner Centralblatt*.

O irmão de Ernst, Otto Fleischl von Marxow, organizou uma coletânea de seus trabalhos, intitulada *Gesammelte Abhandlungen* (Leipzig: Johan Ambrosius Barth, 1893), que contém um esboço biográfico de Ernst, da autoria de Sigmund Exner. Exner conclui com os seguintes parágrafos (tradução minha):

"É fácil compreender que um homem com dotes tão brilhantes causasse profunda impressão também ao sexo feminino. Ele sentia grande prazer na companhia freqüente de mulheres intelectualmente dotadas de todas as idades, visto que a receptividade da mente feminina a seus interesses multifacetados tinha nele um efeito benéfico. Se não conseguiu estabelecer um vínculo permanente [com uma mulher], isso se deveu, quase certamente, a sua donçoa prematura. Quando fui chamado, a 22 de outubro de 1891, à beira do leito de Ernst von Fleischl e vi um cadáver diante de mim, meu primeiro pensamento consolador foi: 'Enfim, ele descansou.' Quantas vezes, naqueles últimos anos, eu saíra do quarto dele à sombra da tragédia que ali se desenrolava! A paz ali chegara agora. Para nós, que éramos seus amigos, Ernst já fora perdido muito antes. Não de uma vez, mas gradativamente, de ano para ano, a relação de amizade mútua e jovial se transformara em comiseração profunda e unilateral.

Uma após outra, vimos suas brilhantes qualidades começarem a empalidecer, asfixiadas no pavoroso lodaçal do sofrimento físico. Ainda assim, nosso amigo não viveu em vão, pois os ensaios que se seguem dão testemunho de que sua memória não se perderá para a história da ciência. Mas eles também nos permitem reconhecer quantas coisas mais ele poderia ter realizado, considerando-se seu talento, se seu corpo tivesse permanecido tão sadio quanto sua mente.”

A Intensificação da Amizade

Viena, 21 de maio de 1894

Caríssimo amigo,

Caríssimo, mesmo, pois considero tocante que você examine tão minuciosamente meu estado, numa época em que está atarefadíssimo, ou indisposto, ou, possivelmente, ambas as coisas. Houve em suas cartas um hiato que estava começando a me parecer estranho e que quase me induziu a escrever, à cata de informações, a uma jovem de Berlim a quem conheço⁽¹⁾ e que, segundo espero, tem também um relacionamento amistoso comigo. Foi então que chegou sua carta, com a meticulosa refutação de minhas fantasias, que são típicas dos doentes confinados e dos dilettantes, mas sem uma só palavra sobre sua própria saúde. Tenho observado há algum tempo que você suporta o sofrimento melhor e com mais dignidade do que eu, que oscilo eternamente em meus estados de humor.

Prometo-lhe um relatório pormenorizado sobre minha doença da próxima vez; sinto-me melhor, mas longe de estar bem; pelo menos, estou trabalhando outra vez. Hoje me permitirei uma hora de satisfação e conversarei com você apenas sobre ciência. Obviamente, não é nenhum favor especial do destino eu ter aproximadamente cinco horas por ano para trocar idéias com você, quando mal consigo passar sem o outro — e você é o único outro, o *alter*.

Amanhã mandarei a galinha e os cinco pintinhos para Reichenau e, na triste solidão subsequente — minha cunhada Minna, que é minha outra confidente mais próxima, partirá duas semanas depois —, porei mais freqüentemente em prática minha decisão de, pelo menos, escrever-lhe.

Coloquei no papel parte da história da neurose para você, quando ainda estava em minha pior fase, mas agora estou paralisado. Tenho

muito que fazer; somando-se a isso, há a próxima parcela das *Leçons du Mardi*, o último caso clínico para Breuer e a continuação de minha coleção sobre a neurose; assim, não tenho feito nenhum progresso.

Marion Delorme não foi uma preciosidade?(2) Não será incluída na coleção com Breuer porque, supostamente, o segundo patamar(3) — o do fator sexual — não deve ser revelado ali. O caso clínico que estou agora escrevendo — uma cura — está entre meus trabalhos mais difíceis. Você poderá vê-lo antes de Breuer, se o devolver prontamente. Dentre os pensamentos lúgubres dos últimos meses, havia um, que vinha em segundo lugar, logo atrás da mulher e dos filhos: o de que eu não mais conseguia provar a tese sexual. Afinal, ninguém quer morrer imediata ou completamente.

Estou bastante sozinho, aqui, na elucidação das neuroses. Sou encarado como uma espécie de monomaníaco, embora tenha a nítida sensação de haver tocado num dos grandes segredos da natureza. Há algo de curioso na incongruência entre o apreço que se dá ao próprio trabalho intelectual e o valor que os outros lhe atribuem. Veja esse livro sobre as diplegias, que arrumei às pressas, com um mínimo de interesse e esforço, quase com frivolidade. Tem alcançado um sucesso tremendo. Os críticos dizem as melhores coisas sobre ele; os franceses, em especial, elevam-no às alturas. Hoje mesmo deparei com um livro de Raymond, o sucessor de Charcot, que simplesmente copiou essa obra numa seção adequada, com um agradecimento respeitoso, é claro. E, das coisas realmente boas, como a *Afasia*, as “*Idéias Obsessivas*”, que agora ameaçam sair em texto impresso, e a futura “*Etiologia e Teoria das Neuroses*”, nada posso esperar além de um respeitável fracasso. Isso confunde e traz certa amargura. Há ainda uma centena de lacunas grandes e pequenas na questão das neuroses, mas estou-me aproximando de um contorno e de algumas perspectivas gerais. Conheço três mecanismos: o da transformação do afeto (histeria conversiva), o do deslocamento do afeto (idéias obsessivas) e o da troca de afetos (neurose de angústia e melancolia). Em cada um dos casos, o que passa por essas transposições deve ser a excitação sexual, mas o que impele a elas não é sexual na totalidade dos casos; em outras palavras, em todas as situações em que se adquirem neuroses, isso acontece em decorrência de perturbações sexuais, mas existem pessoas em quem a hereditariedade provoca uma perturbação dos afetos sexuais e que desenvolvem as formas correspondentes de neurose hereditária. Os pontos de vista mais genéricos sob os quais posso classificar as neuroses são estes quatro:

- (1) Degeneração
- (2) Senilidade
- (3) Conflito
- (4) Conflagração

Que significam eles?(4)

A *degeneração* significa o comportamento inatamente anormal dos afetos sexuais; assim, a conversão, o deslocamento e a transformação em angústia ocorrem à medida em que os afetos sexuais entram em jogo no decorrer da vida.

A *senilidade* é clara; trata-se, por assim dizer, da degeneração normalmente adquirida com a velhice.

O *conflito* coincide com meu ponto de vista da defesa; compreende os casos de neuroses adquiridas em pessoas que não são hereditariamente anormais. Aquilo que é defendido é sempre a sexualidade.

A *conflagração* é um novo ponto de vista; equivale aos estados do que se poderia chamar degeneração aguda (por exemplo, nas intoxicações graves, nas febres, nos estágios precoces da paralisia) — em outras palavras, catástrofes em que ocorrem perturbações dos afetos sexuais, sem que haja causas precipitantes sexuais. Possivelmente, as neuroses traumáticas seriam abordáveis desde esse ponto de vista.

O cerne e esteio principal da história toda continua a ser, é claro, o fato de que, em decorrência de influências sexuais nocivas específicas, até mesmo as pessoas sadias podem adquirir as várias formas de neurose. A ponte para uma concepção mais ampla apóia-se no fato de que, quando uma neurose se desenvolve sem fatores sexuais nocivos, é possível demonstrar que uma perturbação semelhante dos afetos sexuais estava presente desde o início. O afeto sexual, naturalmente, é entendido em seu sentido mais amplo, como uma excitação que tem uma quantidade definida.

Posso citar-lhe meu último exemplo que confirma essa tese. Um homem de 42 anos, forte e de boa aparência, apresentou subitamente uma dispepsia neurastênica aos 30 anos de idade, com perda de 25 quilos, e tem vivido desde então num estado combatido e neurastênico. Na época em que isso ocorreu, de fato, ele estava oficialmente comprometido e emocionalmente perturbado por uma doença da noiva. Salvo por esse dado, porém, não houve fatores sexuais nocivos. Ele se masturbou, talvez apenas por um ano, dos 16 aos 17; aos 17 anos, teve relações sexuais normais; raramente houve coito interrompido; nenhum excesso, nenhuma abstinência. Ele próprio atribui a causa de seu distúrbio ao esforço que impôs a sua constituição física até a idade de 30 anos: a ter trabalhado, bebido e fumado muito, além de levar uma vida irregular. Mas esse homem vigoroso, submetido a influências nocivas corriqueiras, *nunca* foi (nunca, dos 17 aos 30 anos) propriamente potente: nunca pôde ter relações mais de uma vez e, além disso, dava a coisa rapidamente por encerrada, nunca explorava realmente sua sorte com as mulheres e jamais encontrava depressa o caminho da vagina. De onde vem essa restrição? Não sei; no entanto, é notável que esteja presente precisamente nele. A propósito, tratei de neuroses em duas de suas irmãs; uma delas está entre meus casos mais bonitos de cura de uma dispepsia neurastênica.

Saudações cordiais a você e Ida, sinceramente,

Sigm. Freud

(1) Freud se refere a Ida Fliess.

(2) Está claro que Freud alude a uma paciente, comparando-a, talvez, com Marion Delorme, a heroína da peça de Victor Hugo que leva o mesmo nome, escrita em 1829; ver Jean Louis Cornuz (org.), *Oeuvres Complètes de Victor Hugo* (Paris: Editions Rencontrés, 1967). A peça concerne a uma cortesã de alta classe que se apaixona por um jovem corriqueiro, valente e muito depressivo, de vinte anos, chamado Didier, que, juntamente com um dos amantes da heroína, é enforcado por ter travado um duelo. É possível que a referência de Freud diga respeito a uma nota de rodapé acrescentada por Victor Hugo ao Ato 5, cena 6, na edição do texto datada de 1836, que diz: "Pelas razões já expressas na nota precedente [onde Hugo explica ter tido que omitir a palavra 'virgindade', já que era demasiadamente 'impura' para o público francês], quando da encenação da peça, em vez de se dizer:

oferecer meu ventre nu à primeira pessoa
que vier, para que repouse uma hora,

diz-se:

vender à primeira pessoa que vier
amor a seu gosto, ingênuo, terno e sem arte.

Em nossa opinião, não há nada mais vulgar do que a pretensão de refinamento por parte de um público embotado, que expressa medo não tanto do fato, mas da palavra que o descreve, o que baniria do palco tudo o que fez Molière" (p. 359). Se não é a isso que se refere Freud, é no mínimo uma coincidência notável que também ele se queixe, na carta, de que precisamente essa paciente teve que ser omitida, por causa da base sexual do caso clínico.

(3) *Stockwerk*, ou seja, de uma construção.

(4) Na versão anteriormente publicada, considerou-se que essa frase se aplicava apenas à senilidade. Fica claro, porém, pelo modo como Freud a redigiu no manuscrito original, que ele pretendeu aplicá-la aos quatro itens.

Rascunho D. Sobre a Etiologia e a Teoria das Principais Neuroses

[sem data; trata-se, possivelmente, de um esboço do trabalho mencionado no início da carta anterior]

1. CLASSIFICAÇÃO

Introdução. Histórico. Diferenciação gradativa das neuroses. Curso do desenvolvimento de minhas próprias colocações.

A. *Morfologia das Neuroses*

- (1) Neurastenia e as pseudoneurastenias
- (2) Neurose de angústia
- (3) Neurose obsessiva
- (4) Histeria

- (5) Melancolia, mania
- (6) Neuroses mistas
- (7) Ramificações das neuroses e transições para o normal.

B. Etiologia das Neuroses
(provisoriamente restrita às neuroses adquiridas)

- (1) Etiologia da neurastenia — tipo de neurastenia congênita
- (2) Etiologia da neurose de angústia
- (3) Etiologia da neurose obsessiva e da histeria
- (4) Etiologia da melancolia
- (5) Etiologia das neuroses mistas
- (6) Fórmula etiológica básica. A tese da especificidade [da etiologia]; análise do conjunto das neuroses
- (7) Os fatores sexuais de acordo com sua significação etiológica
- (8) Exame [dos pacientes]
- (9) Objeções e provas
- (10) Comportamento das pessoas assexuadas.

C. Etiologia e Hereditariedade

Os tipos hereditários. Relação da etiologia com a degenerescência, com as psicoses e com a predisposição.

II. TEORIA

D. Pontos de contato com a Teoria da Constância

Aumento interno e externo da estimulação; excitação constante e efêmera. — Soma, característica da excitação interna. — Reação específica. — Formulação e exposição da teoria da constância. — Intercalação do ego, com acumulação da excitação.

E. Os Processos Sexuais à Luz da Teoria da Constância

Via percorrida pela excitação no processo sexual masculino e feminino. — Via percorrida pela excitação na presença de fatores sexuais nocivos etiologicamente ativos. — Teoria de uma substância sexual. — Diagrama esquemático sexual.

F. Mecanismo das Neuroses

As neuroses como perturbações do equilíbrio devidas ao impedimento da descarga. — Tentativas de ajustamento, limitadas em sua efi-

cácia. — Mecanismo das diferentes neuroses em relação a sua etiologia sexual. — Afetos e neuroses.

G. Paralelo entre as Neuroses da Sexualidade e a Fome

H. Resumo da Teoria da Constância e da Teoria da Sexualidade e das Neuroses

Lugar das neuroses na patologia; fatores a que estão sujeitas; leis que regem sua combinação. — Insuficiência psíquica, desenvolvimento, degeneração e similares.

Rascunho E. Como se Origina a Angústia

[sem data; talvez pertença ao envelope de 6 de junho de 1894]

Com mão certa, você levantou a questão justamente no ponto que considero fraco. Tudo o que sei a respeito é o seguinte: logo se tornou claro para mim que a angústia de meus pacientes neuróticos tinha muito a ver com a sexualidade; e, em particular, impressionei-me com a precisão com que o coito interrompido, praticado na mulher, leva à neurose de angústia. Bem, a princípio, segui várias pistas falsas. Achei que a angústia de que sofrem os pacientes deveria ser encarada como um prolongamento da angústia experimentada durante o ato sexual — ou seja, que era, a rigor, um sintoma *histérico*. De fato, os vínculos entre a neurose de angústia e a histeria são bastante óbvios. Duas coisas originariam o sentimento de angústia no coito interrompido: na mulher, o medo de engravidar; no homem, a preocupação de que seu dispositivo [preventivo] viesse a falhar. Convenci-me então, com base em vários casos, de que a neurose de angústia também aparecia quando esses dois fatores não estavam em jogo, nos casos em que, basicamente, não tinha nenhuma importância para as pessoas envolvidas se elas teriam um bebê ou não. Assim, a angústia da neurose de angústia não poderia ser uma angústia prolongada, recordada, *histérica*.

Um segundo aspecto extremamente importante tornou-se claro para mim a partir da seguinte observação: a neurose de angústia afeta tanto as mulheres que são anestésicas no coito quanto as que são sensíveis. Isso é altamente peculiar, mas só pode significar que a fonte da angústia não deve ser buscada na esfera psíquica. Por conseguinte, deve residir na esfera física: é um fator físico da vida sexual que produz a angústia. Mas, que fator?

Com o propósito de responder a essa pergunta, reuni os casos em que verifiquei que a angústia emergia de uma causa sexual. A princípio, eles me pareceram bastante heterogêneos:

(1) Angústia em pessoas *virgens* (observações e informações sexuais, noções vagas da vida sexual); confirmada por numerosos exemplos de ambos os sexos, predominantemente no feminino. Não raro, há uma insinuação de um vínculo intermediário — uma sensação semelhante à de uma ereção, emergindo na genitália.

(2) Angústia em pessoas *intencionalmente abstinentes*, nos *puritanos* (um tipo de neuropata), homens e mulheres caracterizados pelo rigor excessivo e por uma paixão pela limpeza, que encaram como horrível tudo o que é sexual. Essas mesmas pessoas tendem a converter sua angústia em fobias, compulsões e *folie de doute*.

(3) Angústia em pessoas *obrigatoriamente abstinentes*, mulheres negligenciadas pelos maridos ou que não são satisfeitas por causa da falta de potência. Essa forma de neurose de angústia é certamente adquirível e, devido a circunstâncias complementares, combina-se freqüentemente com a neurastenia.

(4) Angústia das mulheres que convivem com o coito interrompido ou, o que é semelhante, de mulheres cujos maridos sofrem de ejaculação precoce — de pessoas, portanto, que não obtêm satisfação pela estimulação física.

(5) Angústia dos homens que praticam o coito interrompido e, mais ainda, dos homens que se excitam de várias maneiras e não empregam sua ereção no coito.

(6) Angústia dos homens que *ultrapassam seu desejo ou suas forças*, pessoas mais idosas cuja potência está decrescendo, mas que, apesar disso, se impõem a prática do coito.

(7) Angústia dos homens que se abstêm ocasionalmente: de homens moços que se casaram com mulheres mais velhas, por quem, na verdade, sentem repulsa, ou dos *neurastênicos* que se desviaram da masturbação através da ocupação intelectual, sem que isso fosse compensado pelo coito, ou dos homens cuja potência começa a enfraquecer e que se abstêm no casamento por causa das sensações *post coitum*.

Nos demais casos, a relação entre a angústia e a vida sexual não se mostrou evidente. (Poderia ser teoricamente estabelecida.)

Como reunir todos esses casos separados? O que se repete neles mais freqüentemente é a abstinência. Com base no fato de que até as mulheres anestésicas estão sujeitas à angústia após o coito interrompido, fica-se inclinado a afirmar que se trata de uma questão de acumulação ou de excitação físicas — ou seja, *um acúmulo de tensão sexual física*. Esse acúmulo é consequência do bloqueio da descarga. Logo, a neurose de angústia é uma neurose de represamento, tal como a histeria, donde a semelhança entre ambas. E, uma vez que não há nenhuma angústia

contida naquilo que é acumulado, esse fato também pode ser explicado [dizendo-se] que a *angústia* emergiu da tensão sexual acumulada, por *transformação*.

Alguns conhecimentos simultaneamente adquiridos sobre o mecanismo da melancolia podem ser intercalados neste ponto. De modo particularmente freqüente, os melancólicos são anestésicos. Não têm nenhum desejo de coito (e nenhuma sensação ligada a ele), mas têm uma grande ânsia de amor em sua forma psíquica — uma tensão erótica psíquica, poder-se-ia dizer; quando esta se acumula e permanece insatisfeita, surge a melancolia. Esta, portanto, seria a contrapartida da neurose de angústia.

Quando há acúmulo de tensão sexual física — neurose de angústia.

Quando há acúmulo de tensão sexual psíquica — melancolia.

Mas, porque essa transformação em angústia quando há acumulação? Nesse ponto, devemos considerar o mecanismo normal para lidar com a tensão acumulada. O que nos interessa aqui é o segundo caso — o caso da excitação endógena. As coisas são mais simples no caso da excitação exógena. A fonte de excitação está do lado de fora e envia para a psique um aumento de excitação, que é tratado de acordo com sua quantidade. Para esse fim, basta qualquer reação que diminua a excitação psíquica interna na mesma quantidade.

Mas as coisas são diferentes no que concerne à tensão endógena, cuja fonte reside no próprio corpo (fome, sede, impulso sexual). Nesse caso, somente as reações *específicas* têm serventia — reações que impeçam a ocorrência adicional da excitação nos órgãos terminais envolvidos, quer essas reações sejam realizáveis com um dispêndio de energia grande ou pequeno. Podemos aqui retratar a tensão endógena como algo que cresce contínua ou descontinuamente, mas que, de qualquer modo, só é percebido ao atingir um certo *limiar*. É somente acima desse limiar que ela se apresenta *psiquicamente*, entrando em relação com certos grupos de idéias, que então se põem a produzir as soluções específicas. Portanto, a tensão sexual física acima de certo valor desperta a libido psíquica, que leva então ao coito, e assim por diante. Quando a reação específica deixa de ocorrer, a tensão psicofísica (o afeto sexual) aumenta incomensuravelmente; torna-se perturbadora, mas ainda não há base para sua transformação. Na neurose de angústia, contudo, tal transformação de fato ocorre, e isso sugere a idéia de que, nela, as coisas se desvirtuam da seguinte maneira: a tensão física aumenta e atinge o valor limítrofe em que é capaz de despertar o afeto psíquico; no entanto, por diversas razões, a ligação psíquica que lhe é oferecida permanece insuficiente: o *afeto sexual* não pode formar-se, pois falta algo nos determinantes psíquicos. Por conseguinte, a tensão física, não sendo psiquicamente ligada, transforma-se em — angústia.

Se aceitarmos a teoria até este ponto, teremos que insistir em que, na neurose de angústia, deve haver um déficit assinalável no afeto sexual, na *libido psíquica*. E isso se confirma através da observação. Quando essa ligação é explicitada diante das pacientes, elas ficam sempre indignadas e declaram que, pelo contrário, não sentem agora desejo algum, e outras afirmações semelhantes. Os homens frequentemente confirmam que, desde que começaram a sofrer de angústia, não sentiram nenhum desejo sexual.

Verificaremos agora se esse mecanismo se enquadra nos diferentes casos enumerados acima.

(1) Angústia das pessoas *virgens*. Aqui, o conjunto de idéias que deveria captar a tensão física ainda não está presente, ou está insuficientemente presente; e existe, além disso, uma recusa psíquica, que é um resultado secular⁽¹⁾ da educação. Isso se enquadra muito bem.

(2) Angústia das pessoas *intencionalmente abstinentes*. O que temos aqui é a defesa — uma recusa psíquica direta, que torna impossível qualquer elaboração da tensão sexual. Também encontramos aqui o caso das numerosas obsessões. Isso se enquadra muito bem.

(3) A angústia devida à *abstinência forçada* é essencialmente idêntica, pois as mulheres desse tipo, em sua maioria, criam uma recusa psíquica para evitar a tentação. Aqui, a recusa é contingente; em (2), é uma questão fundamental.

(4) Angústia das mulheres, devida ao *coito interrompido*. Nesse caso, o mecanismo é mais simples. É uma questão de excitação endógena que não se origina [espontaneamente], sendo antes induzida, mas não em quantidade suficiente para poder despertar o afeto psíquico. Promove-se artificialmente uma alienação entre o ato físico-sexual e sua elaboração psíquica. Quando a tensão endógena aumenta ainda mais por sua própria conta, não pode ser elaborada e gera angústia. Nesse caso, a *libido* pode estar presente, mas não ao mesmo tempo que a angústia. Assim, a *recusa psíquica* é acompanhada de *alienação psíquica*; a tensão de origem endógena é acompanhada por uma tensão induzida.

(5) Angústia nos homens, devida ao *coito interrompido ou reservado*. O caso do *coitus reservatus* é o mais claro; o coito interrompido, em parte, pode ser considerado como englobado nele. Novamente, trata-se de uma questão de desvio psíquico, pois a atenção é voltada para outro objetivo e mantida longe da elaboração da tensão física.

A explicação do coito interrompido, porém, provavelmente requer aprimoramento.

(6) Angústia na *potência decrescente ou na libido insuficiente*. Desde que não se trate de transformação de tensão física em angústia devido à *senilidade*, ela deve ser explicada pelo fato de que um desejo psíquico insuficiente é convocado para o ato específico.

(7) *Angústia dos homens, em decorrência de repulsa, ou dos neurastênicos abstinentes.* A primeira não requer uma nova explicação; a segunda talvez seja uma forma especialmente atenuada de neurose de angústia, pois, via de regra, esta só ocorre propriamente⁽²⁾ em homens potentes. É possível que o sistema nervoso neurastênico não consiga tolerar um acúmulo de tensão física, já que a masturbação implica acostumar-se a uma ausência freqüente e completa de tensão.

De modo geral, a concordância não é tão má. Quando há um desenvolvimento abundante de tensão sexual física, mas esta não pode ser transformada em afeto pela elaboração psíquica — por desenvolvimento insuficiente da sexualidade psíquica; ou por causa da tentativa de repressão desta última (defesa); ou por estar ela em decadência; ou por causa da alienação habitual entre a sexualidade física e a psíquica — a tensão sexual se transforma em *angústia*. Assim, um certo papel é desempenhado nisso pelo acúmulo da tensão física e pelo impedimento da descarga na direção psíquica.

Mas porque a transformação se dá especificamente em angústia? A angústia é a sensação do acúmulo de outro estímulo endógeno, o estímulo da respiração, estímulo este que não é passível de ser psiquicamente elaborado além da própria respiração; por conseguinte, a angústia poderia ser empregada para a acumulação de tensão física em geral. Além disso, quando se examinam mais de perto os sintomas da neurose de angústia, encontram-se na neurose partes desconexas de um grande ataque de angústia, a saber, dispnéia simples, palpitações simples, a simples sensação de angústia e uma combinação desses elementos. Examinadas com maior precisão, essas são as vias de inervação que a tensão sexual física comumente atravessa, mesmo quando está em vias de ser psiquicamente elaborada. A dispnéia e as palpitações são próprias do coito; e embora, comumente, sejam empregadas apenas como vias complementares de descarga, passam a servir, nesse caso, por assim dizer, como as únicas válvulas de escape da excitação. Essa é, novamente, uma espécie de *conversão* na neurose de angústia, tal como ocorre na histeria (outro exemplo da semelhança entre elas); na histeria, porém, é a excitação *psíquica* que segue o caminho errado, rumando exclusivamente para o campo somático, ao passo que, aqui, trata-se de uma tensão *física* que não consegue penetrar no campo psíquico e, por conseguinte, permanece na via física. As duas freqüentemente se combinam.

Foi esse o ponto a que consegui chegar hoje. As lacunas precisam muito ser preenchidas. Penso que está incompleto e sinto que falta algo, mas creio que a base está certa. É claro que não está suficientemente de-

envolvido, em absoluto, para publicação. As sugestões, ampliações e mesmo as refutações e explicações serão recebidas de *muito* bom grado.

Cordiais saudações.

Seu,
Sigm. Freud

(1) O manuscrito diz *sekular*, e não *sekundäres* (secundário), como em *An-länge*.

(2) A frase em alemão, *da diese sonst nur bei Potenten ordentlich ausfällt*, não é inteiramente clara, uma vez que *ausfallen* tanto pode significar “lograr êxito” quanto “faltar”. *Diese* refere-se, provavelmente, à *Angstneurose* (neurose de agústia). A questão passa então a ser se um homem potente sofreria ou não de uma neurose de angústia. Num trabalho de 1895, intitulado “Über die Berechtigung, von der Neurasthenie einen bestimmten Symptomen-Komplex als ‘Angstneurose’ abzutrennen”, Freud fala na *frustrane Erregung* (excitação não-consumada) que o homem experimenta quando não consegue ter relações sexuais completas. Ali, claramente, o homem é potente. Em termos mais gerais, um homem que não seja potente pode perfeitamente temer as obrigações do coito e desenvolver uma neurose de angústia. Freud provavelmente encararia esta última como uma psiconeurose (histeria), e, portanto, *não* como uma forma de neurose de angústia.

Viena, 22 de junho de 1894

Caríssimo amigo,

Sua carta, que acabo de ler, fez-me lembrar a dívida que, de qualquer modo, eu preendia saldar prontamente. Hoje, retraí-me de minha escassa clínica para rascunhar alguma coisa, mas, em vez disso, vou escrever-lhe uma carta bastante longa sobre “Teoria e Vida”.

Fico satisfeito com sua opinião de que a história da angústia ainda não está muito certa; é um eco de minha própria visão. O ensaio, por exemplo, não foi visto por nenhuma outra pessoa. Vou deixá-lo de lado até que as coisas se tornem mais claras. Ainda não fui adiante, porém, e preciso esperar até que surja em mim uma luz vinda de algum lugar. Gostaria de lançar uma comunicação preliminar sobre a justificativa para diferenciar a neurose de angústia da neurastenia, mas, nesse caso, teria que entrar na teoria e na etiologia, logo, prefiro não fazê-lo. Desenvolvi um pouco mais a teoria da conversão e esclareci a relação dela com a auto-sugestão, mas também isso está incompleto; estou deixando que fique de molho. O livro que estou preparando com Breuer conterá cinco casos clínicos, um ensaio dele, do qual me dissocio inteiramente, sobre as teorias da histeria (sumariamente e crítico), e um de minha autoria sobre terapia, que ainda não comecei.

Estou-lhe remetendo hoje o último caso clínico; pelo estilo, você perceberá que estive doente. A confissão de meus sintomas há muito

ocultados aparece entre as páginas 4 e 5. O material em si é realmente muito esclarecedor; para mim, foi decisivo.

Acolherei de bom grado o verão, se ele trazer aquilo por que venho ansiando há anos — alguns dias com você, sem interrupções indevidas. Meus planos vão a seguir; veja o que pode fazer deles. A 1.º de agosto, irei para Reichenau; no dia 1.º de setembro, quero ir com minha mulher a Abbazia [Opatija] por oito a dez dias, pois isso é algo que ela deseja e merece amplamente. Durante a maior parte do tempo, a vida me parece tão incerta que já não me sinto inclinado a adiar mais os desejos de longa data. Outras viagens terão que ser postas de lado em favor desta, pois esse foi um ano ruim em diversos aspectos: além da doença, trouxe prejuízos financeiros. Eu poderia, é claro, ir de qualquer maneira por alguns dias, embora tenha desistido das escaladas “com dor no coração” — como é significativo o uso da língua! Se você puder arranjar as coisas de modo a que eu não tenha que viajar uma longa distância e possa realmente estar a sós com você (nisso incluo sempre sua mulher — Martha não querará sair de Reichenau em agosto), ver-nos-emos este ano, graças a minha relutância em suportar novos adiamentos.

E agora vem o relato de meu caso, a verdade sem retoques, com todos os detalhes a que um paciente aflito atribui importância e que, provavelmente, não a merecem.

Não tenho fumado há sete semanas, desde o dia de sua proibição. A princípio, como era esperável, senti-me abusivamente mal. Sintomas cardíacos acompanhados de depressão branda, além do terrível sofrimento de abstinência. Este último se dissipou depois de aproximadamente três semanas, enquanto a primeira cedeu após cerca de cinco semanas, porém deixando-me completamente incapaz de trabalhar, derrotado. Decorridas sete semanas, apesar de minha promessa a você, recomecei a fumar, influenciado pelos seguintes fatores:

(1) Durante esse período, examinei pacientes da mesma idade em estado praticamente idêntico, que nunca haviam fumado (duas mulheres) ou que haviam parado de fumar. Breuer, a quem afirmei repetidamente não considerar a indisposição como envenenamento por nicotina, finalmente concordou e também apontou as mulheres. Assim, fiquei privado da motivação que você caracterizou tão habilmente numa de suas cartas anteriores: uma pessoa só consegue desistir de algo quando está firmemente convencida de que aquilo é a causa de sua doença.

(2) A partir dos primeiros charutos, consegui trabalhar e me assegnorei de meu estado de ânimo; antes disso, a vida estava insuportável. Também não observei nenhum agravamento dos sintomas depois de um charuto.

Tenho agora fumado com moderação e elevei lentamente o número para três por dia; sinto-me muito melhor do que antes: a rigor, progressivamente melhor; mas não bom, é claro. Descreverei o estado:

Uma certa arritmia sempre parece estar presente, mas a intensificação até o *delirium cordis* com opressão só ocorre nos ataques, que agora duram menos de uma hora e se instalam quase regularmente depois do almoço. A dispnéia moderada ao subir escadas desapareceu; o braço esquerdo está livre da dor há semanas; a parede torácica ainda está bastante sensível; as dores pontiagudas, o sentimento de opressão e as sensações de ardência não cessaram nem por um dia. *Aparentemente*, os indícios objetivos não são encontráveis, mas, na verdade, não sei. O sono e todas as demais funções estão inteiramente imperturbados; tenho bom controle de meus estados de humor; por outro lado, sinto-me envelhecido, lerdo e adoentado. A digitalina tem-me ajudado tremendamente (um grama pela segunda vez em três dias).

O que me tortura é a incerteza sobre o que depreender dessa história. Ser-me-ia embaraçoso sugerir um exame de hipocondria, mas não disponho de critérios com que decidir a esse respeito. Estou muito insatisfeito com o tratamento que venho recebendo aqui. Breuer está repleto de contradições evidentes. Quando digo que estou passando melhor, a resposta é "Você não imagina *como* fico contente em ouvir isso!" O que me levaria a concluir que meu estado é grave. Quando indago mais uma vez de que se trata, realmente, recebo a resposta: "Nada; seja como for, é algo que já está superado." Além disso, ele não mostra a menor preocupação comigo e passa duas semanas seguidas sem me examinar; não sei se isso é tática, indiferença genuína, ou algo inteiramente justificado. Em termos gerais, observo que estou sendo tratado como um paciente, com evasivas e subterfúgios, em vez de ter minha mente tranquilizada pela comunicação de tudo o que há para me dizer numa situação dessa natureza, ou seja, tudo o que se sabe.

Seria um alívio imenso para mim se eu tivesse podido compartilhar de sua opinião ou se ainda partilhasse dela; até mesmo um novo período de desabituação me seria menos difícil agora, mas isso me parece um *sacrifício d'intelletto*; (T) pela primeira vez, tenho uma opinião que difere da sua. Com Breuer é mais fácil: ele não expressa opinião alguma.

O exemplo de Kundt⁽¹⁾ não me assustou muito; se alguém me garantisse treze anos, até os 51, não estragaria meu prazer nos charutos. Minha opinião de compromisso, para a qual não disponho de nenhuma fundamentação científica, é que continuarei a sofrer de várias queixas por mais quatro a cinco ou oito anos, com períodos bons e ruins, e depois, entre os 40 e os 50, perecerei de modo muito abrupto de uma falha cardíaca; se não for muito perto dos 40, não será tão mal assim.

Ficar-lhe-ia infinitamente grato, porém, se você me desse uma explicação clara, já que, secretamente, creio que você sabe com precisão do que se trata e que tem sido tão peremptório e rigoroso em sua proibição

(T) Sacrifício intelectual. (N. da T.)

do fumo — cuja justificação, afinal, é relativa — apenas pelo efeito educativo e tranqüilizador que isso possa ter.

Bem, chega disso por ora; é muito triste ter-se que estar tão preocupado consigo mesmo quando há tantas coisas mais interessantes sobre as quais escrever.

Leio nas entrelinhas que você não está muito contente com suas dores de cabeça e estou irritado com nossa ignorância. Você não escreveu nada sobre seu trabalho; é óbvio que acha que não demonstro interesse nele. Peço-lhe que presuma que simplesmente não tenho nenhuma opinião sobre essas questões, que estão realmente baseadas em fatos.

Atualmente, tenho visto seu *papa* com bastante freqüência no Riedhof; está rijo e sacudido como sempre. Também eu estou entre os que deixaram de prestar assistência médica a sua cunhada quando ela teve o ataque; além disso, estava aturdido e perdido em devaneios em meu horário de consultório; agarrei-me tão ferrenhamente ao sobrenome Singer que o sobrenome Bondy nada despertou em mim; e somente dois dias depois ocorreu-me que Singer é o sobrenome de seu primo, donde só poderia tratar-se de uma cunhada sua.

Meus filhos estão esplêndidos agora; apenas Mathilde me preocupa um pouquinho. Minha mulher está bem disposta e animada, mas não estou satisfeito com sua aparência. O problema é que estamos prestes a ficar velhos, um pouco prematuramente para os pequerruchos.

Basicamente, durante o dia inteiro só faço pensar nas neuroses, mas, como o contato científico com Breuer cessou, tenho que depender exclusivamente de mim mesmo, razão por que o progresso é tão lento.

Com calorosas saudações a você e sua prezada esposa,

Do seu cordialmente dedicado,
Sigm. Freud

(1) August Kundt (1831-1894), sucessor de Hermann Helmholtz na cátedra de física experimental da Universidade de Berlim.

|sem data; segue-se provavelmente à
carta de 22 de junho de 1894|
IX., Berggasse 19

Caro Wilhelm,

Minha compreensão a respeito é pequena demais para que eu possa avaliar uma réplica tão segura, mas meu juízo me diz que tenho razões psicológicas suficientes para cumprir suas ordens, de modo que estou

hoje iniciando um segundo período de abstinência — que, segundo espero, durará até que nos venhamos a rever em agosto.

Cordiais saudações.

Seu,
S.

14 de julho de 1894

Caríssimo amigo,

Seus elogios são néctar e ambrosia para mim, pois sei perfeitamente bem como lhe é difícil tecê-los — não, para ser mais correto, como você fala a sério quando de fato os tece. Desde então, preocupado com a abstinência, tenho produzido muito pouco; outra descrição da neurose de angústia, que acabo de dar a Breuer. Nesse meio tempo, a Srta. Elisabeth von R. ficou noiva.

Meu estado — sinto-me agora obrigado a não despertar a suspeita de que talvez queira esconder algo — é o seguinte: desde sua carta de quinta-feira, uma quinzena atrás, abstinência, que durou oito dias; na quinta-feira seguinte, num momento indescritivelmente árido, um charuto; depois, novamente, oito dias de abstinência; na quinta-feira seguinte, mais um; desde então, paz. Em suma, estabeleceu-se um padrão: um charuto por semana para comemorar sua carta, que mais uma vez roubou-me o prazer do tabaco. Na prática, isso talvez não difira tanto da abstinência.

Desde então, conversei com Oser,⁽¹⁾ que afirma ter passado pela mesma angina causada por nicotina e que me falou com grande entusiasmo sobre a longa duração desse estado. Bem, é o segundo judeu a declarar que isso é uma enguia; é mesmo uma enguia, não é?(2)

Estado inalterado. No final da semana passada, tive que recorrer novamente à digitalina; o pulso estava outra vez delirante, e a sensação assistólica, simplesmente terrível. Com a digitalina, sinto-me melhor, mas não realmente à vontade. Devo tomar digitalina com frequência ou só raramente? Prometo obedecer.

Que visitarei vocês dois em agosto é certo para mim, vencendo todos os obstáculos. Estou apenas à espera do “onde”.

Anteontem, um cavalheiro idoso,⁽³⁾ num restaurante, perguntou-me: você sabe se meu genro virá à reunião científica em Viena, em setembro? Eu nada sabia a respeito. Meus planos consistem em ir com minha mulher para Abbazia ou Dalmatia antes da reunião.

Suas dores de cabeça deixam-me mortificado e desamparado. Eu não esperaria até meados de agosto sem saber se o homem ainda estará em Munique; você certamente terá verificado isso, mas rogo-lhe que provi-

dencie qualquer tratamento que se faça necessário antes das férias. Você está mesmo precisando de umas férias com urgência.

Saudações cordiais a você e sua diletta esposa, do

Sinceramente seu,
Sigm. Freud

(1) Schröter sugere Leopold Oser (1839-1910), que, a partir de 1885, foi professor de medicina interna em Viena.

(2) Segundo Anna Freud, esse é um dito judaico que significa "portanto, deve ser verdade".

(3) O pai de Ida.

Viena, 25 de julho de 1894

Caríssimo amigo,

Acima de tudo, por favor tenha a bondade, desta vez, de dar algum tempo a si mesmo e não sair de Munique antes que sua cabeça tenha tido tanto alívio — completo, espero — quanto Gr.⁽¹⁾ possa dar-lhe. Essa me parece a coisa mais importante, e tenho certeza de que *Frau* Ida concordará.

Caso sua estada em Munique venha a estender-se, posso ir visitá-lo lá. Não conheço Munique, mas prometo que não o levarei a circular por parte alguma e não falarei sobre nada de sério com você. Ou então podemos escolher algum lugar agradável por perto, para que você possa retornar a Munique em menos de uma hora. Fica inteiramente a seu critério; ainda não estou de modo algum em condições de fazer propostas e vou aceitando todos os *accidentia* à medida que surgem. Passei tempo demais sem *ens*.⁽²⁾ Sinto-me ultrajantemente bem disposto; desde o último grama de digitalina, todos os sintomas se evaporaram e isso me dá a sensação de que realmente não voltarão. Tenho-me comportado muito bem, no entanto. Quando fumo meu charuto semanal (hoje, por exemplo), já não o saboreio, em absoluto, e ele me deixa um vestígio de nítido desconforto. Estou começando — algo que deveria ter feito mais cedo — a acreditar em você.

O trabalho não vai bem; está fazendo calor demais para a ciência. As únicas coisas para que agosto se presta são a natureza e a amizade.

Com saudações cordiais, com a esperança de notícias rápidas e boas e com todos os pensamentos que ainda me estão disponíveis,

Sinceramente,
Sigm. Freud

(1) Provavelmente, Ludwig Grünwald, um otorrinolaringologista de Munique a quem Fliess havia elogiado publicamente (essa identificação é feita por cortesia de Michael Schröter).

(2) Referência ao *ens* (ser) e *accidentia* de Aristóteles. Em outras palavras, Freud quer estar com Fliess.

Viena, 7 de agosto de 1894

Caríssimo amigo,

Parto para Salzburgo amanhã cedo. Lá me encontrarei com minha mulher e minha cunhada, que planejam visitar a mãe em Reichenhall, e na sexta-feira, sábado ou domingo, espero estar com você. Não posso ser mais preciso, pois ainda não é certo se levarei ou não minha mulher comigo para Munique.

Estou realmente ansioso por revê-lo. Se tiver notícias para mim antes disso, por favor, use este endereço: Salzburgo, entrega geral.

Foi um ano ruim para nós dois. Não é impossível, contudo, que, durante este período, ambos consigamos recuperar-nos de sofrimentos que duraram anos. Não estou tão bem disposto quanto há pouco tempo atrás, da última vez que lhe escrevi. Percebo que você não está bem, porque demonstra muita paciência desta vez. Quando penso nas muitas semanas em que me sinto inseguro acerca de minha vida, a necessidade de estar com você torna a aumentar enormemente.

Com saudações cordiais a você e sua querida esposa e enfermeira,

Seu,
Sigm. Freud

Reichenau, 18 de agosto de 1894

Caríssimo amigo,

De volta a casa, após uma recepção maravilhosa por parte do bando inteiro de molequinhos vicejantes e ainda saboreando os lindos dias em Munique, torna a haver um momento em que se consegue sentir prazer na vida. Uma carta encantadora de sua mulher, que, por assim dizer, demonstra as conquistas do passado mais recente — Martha responderá com detalhes amanhã — contribuiu para facilitar a transição para nós e dispôs diante de nossos olhos toda a fileira de provas do amor de vocês que compôs o tempo que passamos juntos em Munique.

De agora em diante, só profetizarei coisas boas, e estarei tão certo sobre elas quanto acerca de minha última previsão ruim. Acima de tudo, profetizo que teremos muito a escrever um ao outro, e mais: frequentemente. Isso pressupõe que você estará passando muito bem. Poucas horas depois de meu retorno, um pequeno caso de neurose de angústia que não

pôde ser recusado entrou sorrateiramente em minha casa. Coloco-o imediatamente no papel para você, mas não o leia agora; em vez disso, espere uma horinha livre e leia-o juntamente com muitos outros de minha coleção.

Minhas mais cordiais saudações a você e *Frau* Ida! Com o sentimento de que nossa separação está ainda longe de concluir-se,

Seu,
Sigm. Freud

18 de agosto de 1894

Rascunho F. Coleção III

[Nota do Editor: Os títulos deste rascunho aparecem no manuscrito original de Freud, mas não são adicionalmente explicados.]

N.º 1

Neurose de angústia:
disp. hered.

Sr. K., 24 anos.

Pai tratado de melancolia senil; irmã, O., bom caso de neurose de angústia complicada, minuciosamente analisado; todos os Ks. são neuróticos e comodamente dotados.(1) É primo do Dr. K., de Bordeaux. Boa saúde até recentemente; vem dormindo mal nos últimos nove meses; em fevereiro e março, acordou muitas vezes com terrores noturnos e palpitações; aumento gradativo da excitabilidade geral; diminuição devida a manobras militares, que lhe fizeram um bem enorme. Há três semanas, à noite, ataque súbito de angústia, sem nenhuma razão aparente, com sensação de congestão desde o peito até a cabeça. Interpretado [por ele como significando quê] algo de terrível estava por acontecer; nenhuma opressão concomitante e apenas ligeiras palpitações. Ataques semelhantes depois disso, também durante o dia, na hora do almoço. Consultou um médico há duas semanas; aliviado com brometo, [o estado] ainda persiste, mas ele tem dormido bem. Além disso, nas últimas duas semanas, ataques curtos de depressão profunda, semelhantes a uma apatia completa, com duração de apenas alguns minutos. Melhorou aqui em Reichenau. Ademais, ataques de pressão na parte posterior da cabeça.

Ele próprio tomou a iniciativa de dar informações sexuais. Há um ano, apaixonou-se por uma moça, era um flerte; choque imenso ao saber que ela estava noiva de outro. Não está mais apaixonado. — Atribui

pouca importância a isso. — Prosseguiu: masturbou-se moderadamente, segundo alegou, dos 13 aos 16 ou 17 anos (seduzido na escola). Moderado nas relações sexuais; usou o condom nos últimos dois anos e meio por medo de infecções; amiúde, sente-se cansado depois das relações. Descreveu essa espécie de contato sexual como forçado. Observa que sua libido diminuiu muito há mais ou menos um ano. Ficava muito excitado, sexualmente, em seu relacionamento com a moça (sem tocá-la ou coisa parecida). O primeiro ataque noturno (fevereiro) ocorreu dois dias depois de um coito; o primeiro ataque de angústia foi após o coito, na mesma noite; desde então (há três semanas), abstinente — um homem tranquilo, de maneiras afáveis e, em outros aspectos, sadio.

(1) O texto em alemão diz *gemütlich begabt*; o sentido não é claro.

Reichenau, 23 de agosto de 1894

Caríssimo amigo,

Você tem tido dores de cabeça intensas e está contando ter que fazer outra cirurgia; isso me soaria deprimente e aborrecido, se eu não compartilhasse inteiramente de sua esperança de que o rumo que você tomou irá livrá-lo de suas dores de cabeça. Prometa-me só uma coisa, de imediato: não se esquecer do fator que precede diretamente o obstáculo "dor de cabeça", e que é de natureza puramente nervosa. Dito de outra maneira e, decerto, também com maior clareza, prometa-me que desta vez deixará que transcorram vários meses para permitir a cura das cicatrizes, antes de retomar o trabalho em Berlim. Escreveremos ou conversaremos mais sobre isso.

A perspectiva de passar mais alguns dias na companhia de vocês dois neste outono é linda demais para se abrir mão dela tão depressa. Isso porque nossa viagem para Abbazia tornou-se incerta; não creio que ainda consiga afastar Martha daqui; mas é bem possível que possa liberar-me, se tudo funcionar a contento. Em circunstâncias especiais — por exemplo, se *Frau* Ida escrevesse um bilhetinho dizendo que eu poderia ser útil nesse assunto — isso seria feito de imediato. (Naturalmente, não como seu convidado!!).

Hoje há dois anexos, pois, na última vez, esqueci de mencionar que a epicrise [discussão crítica] viria a seguir, e essa, afinal, é a única coisa que proporciona uma espécie de substituição do relato verbal. Além disso, segue mais um caso, que colhi na cidade na segunda-feira. Ao escrevê-lo, sinto-me como se ainda estivesse conversando com você. Não tenha pressa com a revanche e espere até sentir-se *muito* bem.

Estamos todos em boa forma; ao retornarmos, descobrimos que nosso bebê se havia transformado num pequenino ser humano e numa criança

encantadora. Além disso, ontem foi também o primeiro dia adorável aqui. Espero que vocês dois tornem a gostar mais de Garmisch. O comentário de seu papai de que não se sentem à vontade e provavelmente não ficarão por lá induziu-me, muito justificadamente, se bem que mais por motivos psicológicos, a adiar a remessa dos livros. Quero que saiba que *vou* enviá-los.

Eu não seria nem um pouco capaz de me interessar por outro sujeito que estivesse esbanjando saúde quando não me sentisse bem. De fato, eu bem poderia oferecer-lhe parte de meu bem-estar; é possível que, depois desta terceira semana, eu volte novamente a ter que tomar digitalina, mas, por ora, ainda vou-me agüentando esplendidamente. Na quinta-feira seguinte a nossa despedida, fui forçado pelas circunstâncias a fazer uma caminhada de quatro horas, de Weissenbach para Ischl — noite, solidão, chuva torrencial, pressa — e terei tudo muito bem.

Com as mais cordiais saudações e melhores votos a você e *Frau* Ida, de todos nós,

Seu,
Sigm. Fr.

Discussão do N.º 1

Na tentativa de interpretar o caso de K., uma coisa em particular se evidencia. O homem tem uma predisposição hereditária: o pai sofre de melancolia, talvez melancolia de angústia; a irmã tem uma neurose de angústia típica, com a qual estou intimamente familiarizado e que, não fosse por isso, certamente descreveria como *adquirida*. Isso dá margem a que se pense em hereditariedade. É provável que exista apenas uma “*predisposição*” na família K., e não uma “*degeneração*”, uma tendência ao adoecimento com maior certeza e maior gravidade em resposta à etiologia típica. Por conseguinte, pode-se esperar que, no caso do Sr. K., a superficial neurose de angústia tenha-se originado numa etiologia *superficial*. Onde é possível buscá-la sem preconceitos?

Parece-me, em primeiro lugar, tratar-se de um estado de *enfraquecimento* da sexualidade. A libido do homem vem diminuindo há algum tempo; os preparativos para o uso do condom são suficientes para fazê-lo sentir que o ato inteiro é algo que lhe é imposto e que o prazer que retira dele é algo a que foi induzido. Esse é, sem dúvida, o cerne de toda a questão. Ora, depois do coito, ele às vezes se sente fraco; observa isso, como afirma, e então, dois dias após o coito, ou, conforme o caso, na noite seguinte, tem seu primeiro ataque de angústia.

A concomitância da libido *reduzida* com a neurose de angústia enquadra-se prontamente em minha teoria. O que ela envolve é uma debili-

dade do domínio psíquico sobre a excitação sexual somática. Essa debilidade está presente há algum tempo e possibilita o aparecimento da angústia quando ocorre um *aumento* accidental da excitação somática.

Como foi adquirido o enfraquecimento *psíquico*? Não há muito a deduzir da masturbação dele na adolescência; certamente não teria tido esse resultado, nem parece ter ultrapassado a medida habitual. Seu relacionamento com a moça, que o excitou muito sensualmente, parece bem mais apto a produzir uma perturbação no sentido necessário; de fato, o caso se aproxima das condições das conhecidas neuroses dos homens nos noivados [prolongados]. Acima de tudo, porém, não há como duvidar de que o medo da infecção e a decisão de usar o condom lançaram as bases do que descrevi como o fator de *alienação* entre o somático e o psíquico. Ele seria idêntico ao que ocorre no caso do coito interrompido. Em suma, o Sr. K. desenvolveu uma fraqueza sexual psíquica por ter estragado o coito a seus próprios olhos e, como não houvesse nenhum prejuízo de sua saúde física e da produção de estímulos sexuais, essa situação deu origem à geração de angústia. Pode-se acrescentar que a presteza dele em tomar precauções, em vez de buscar satisfação adequada num relacionamento seguro, aponta para uma sexualidade que, desde o início, não tinha grande *força*. Enfim, o homem tem uma predisposição hereditária; a etiologia que se pode encontrar em seu caso, embora seja qualitativamente importante, seria tolerada como inócua por homens sadios — isto é, vigorosos.

Um aspecto interessante desse caso é o surgimento de um estado de ânimo tipicamente melancólico em ataques de curta duração. Isso deve ter importância teórica para a neurose de angústia devida à alienação; por ora, posso apenas registrar o fato.

N.º 2

Sr. von F., Budapeste, 44 anos.

Sendo um homem fisicamente sadio, queixa-se de que “está perdendo o ânimo e o gosto pela vida, de um modo que não é natural num homem de sua idade”. Esse estado — em que tudo lhe parece indiferente, em que ele considera o trabalho um fardo e se sente tristonho e enfraquecido — é acompanhado por uma pressão intensa no alto e também na parte posterior da cabeça. Além disso, é regularmente caracterizado por má digestão, isto é, por uma desinclinação a alimentar-se e por flatulência e constipação. Também parece dormir mal.

Mas esse estado é visivelmente intermitente. Em cada ocasião, dura quatro ou cinco dias e depois se dissipa lentamente. Pelas eructações, ele repara que a fraqueza nervosa está chegando. Há intervalos de doze a quatorze dias e ele chega a ficar bem por várias semanas. Ocorreram períodos melhores, com duração de até meses. Ele insiste em que

as coisas têm sido assim nos últimos vinte e cinco anos. Como ocorre com tanta frequência, tem-se que partir da construção do quadro clínico, pois ele fica a repetir monotonamente suas queixas e declara não ter prestado nenhuma atenção a outros acontecimentos. Assim, o contorno indefinido dos ataques faz parte do quadro, assim como sua completa irregularidade no tempo. Naturalmente, ele responsabiliza a digestão por esse estado. Benedikt escreveu o diagnóstico: *cephalea cum digestionem tarda*.⁽¹⁾

Organicamente sadio; nenhuma preocupação grave ou oscilações de humor. Quanto à sexualidade: masturbou-se entre os 12 e os 16 anos; depois disso, relações muito regulares com as mulheres; não se sentia imensamente atraído; casado há quatorze anos, apenas dois filhos, o último deles há dez anos; no intervalo e desde então, apenas o condom e nenhuma outra técnica. Potência decididamente reduzida nos últimos anos. Coito aproximadamente a cada doze ou quatorze dias; freqüentemente, também, com longos intervalos. Admite sentir-se fraco e desolado após o coito com o condom, mas não imediatamente depois, e sim passados dois dias — ou, como afirma, tem observado que, dois dias depois, tem problemas digestivos. Por que usa o condom? Não se deve ter filhos demais! (|Tem| dois).

Discussão

Caso brando, mas muito característico, de *depressão periódica*, melancolia. Sintomas: apatia, inibição, pressão intracraniana, dispepsia e insônia — o quadro está completo.

Há uma inconfundível semelhança com a neurastenia, e a etiologia é a mesma. Tenho alguns casos bastante análogos: são onanistas (Sr. A.) e têm também um germe hereditário. Os von Fs., de Budapeste, são sabidamente psicopáticos.⁽²⁾ Portanto, esse é um caso de melancolia neurastênica; deve haver aqui algum ponto de contato com a teoria da neurastenia.

É bem possível que o ponto de partida de uma melancolia branda como essa seja sempre o ato do coito; um exagero |da importância| do fator fisiológico leva ao provérbio de que *Omne animal post coitum triste*.⁽³⁾ Os intervalos de tempo se enquadrariam nisso. O homem melhora a cada tratamento, a cada ausência de casa — ou seja, a cada período em que fica dispensado do coito. É claro que, como afirma, é fiel à mulher. O uso do condom é um indício de baixa potência; sendo uma coisa análoga à masturbação, ele é causa contínua de sua melancolia.

(1) Dores de cabeça crônicas com digestão lenta.

(2) Freud sem dúvida emprega a palavra “psicopáticos” no sentido mais genérico de sofrimento em decorrência de neurose. Até o *Klinisches Wörterbuch* de

Pschyrembel, de 1964 (embora não em sua última edição), define os psicopatas como "aqueles que sofrem de um estado de anormalidade crônica congênita da vida psíquica, que sofrem, eles próprios, com sua anormalidade, ou fazem os outros sofrerem em decorrência dela".

(3) [Todo animal é triste depois do coito]. Essa é uma paráfrase frequentemente citada de Aristóteles, *De generatione animalium* 1. 18 (725b). Ver também Laurence Sterne, *The Life and Opinions of Tristram Shandy, Gentleman*, org. de James Aiken Work (Nova Iorque: Odyssey Press, 1840), vol. 5, cap. 36; e Sean Shesgreen (org.), *Engravings by Hogarth: 101 Prints* (Nova Iorque: Dover, 1973), n.º 37.

Reichenau, 29 de agosto de 1894

Caríssimo amigo,

Isso é realmente demais; irá você dissolver-se completamente em pus diante de nós? Ao diabo com uma cirurgia atrás da outra; acabe com isso de uma vez por todas! Quer dizer que aquela senhora⁽¹⁾ que não gostava de suas dores de cabeça, anos atrás, e que me escreveu aquela carta tão peculiar, estava, na verdade, com toda razão! E o que devo fazer a esse respeito? Quisera ser um "doutor", como dizem, um médico e grande curandeiro, para poder entender desses assuntos e não ter que deixá-lo em mãos estranhas nessas circunstâncias. Infelizmente, não sou doutor, como sabe. Tenho que confiar em você quanto a isso, como em tudo o mais; preciso ter a esperança de que você também saiba tratar *de si próprio* e que tenha tanto êxito em *seu próprio caso* quanto nos dos outros (inclusive o meu).

Também não é nada agradável que, em decorrência disso, nosso encontro caia por terra. A esperança temporária deixa-me com uma reivindicação não atendida.

Não estou nem um pouco ansioso por ir a Lovrano, mas Martha, que tão raramente deseja alguma coisa, desta vez insiste na viagem e em fazê-la dessa maneira. Foi também um *enorme* desprazer para ela saber que Lovrano e nosso encontro estão ruindo por terra. Além disso, penso que, se eu lhe puder ser de alguma utilidade, você deve testar-me para ver se consigo achar o caminho de Lovrano para Munique. Minha consciência está à procura de algum oferecimento desse tipo para apaziguar-se, enquanto eu mesmo já vou antecipando um prazer.

Partiremos, portanto, na noite de sábado, 1.º de setembro, e esperamos estar em Lovrano, na Pensão Pankaus,⁽²⁾ na manhã de domingo. Neste momento, porém, preciso presumir mais uma vez que você está em perfeitas condições e livrar-me do acúmulo de questões científicas.

Reuni apenas alguns casos nesta segunda-feira:

N.º 3

Dr. Z., médico, 34 anos. Sofre há muitos anos de uma sensibilidade ocular orgânica: fosfênios [impressões luminosas], ofuscação, escotomas e tudo o mais. Isso tem aumentado enormemente, a ponto de impedi-lo de trabalhar, nos últimos quatro meses (desde a época de seu casamento).

Histórico: masturba-se desde os 14 anos e, aparentemente, continuou a fazê-lo até os últimos anos. Não deflorou a esposa; potência muito reduzida; a propósito, iniciou-se um processo de divórcio.

Caso típico claro de *hipocondria do órgão* num masturbador, em períodos de excitação sexual. É curioso que a formação médica atinja um nível tão raso de profundidade.

N.º 4

Sr. D., sobrinho da Sra. A., que morreu histérica. Família altamente neurótica. Idade: 28 anos. Sofre há algumas semanas de lassidão, pressão intracraniana, tremores nos joelhos, redução da potência, ejaculação precoce e primórdios de uma perversão: as mocinhas muito jovens excitam-no mais do que as jovens maduras.

Afirma que sua potência foi sempre instável; admite a prática da masturbação, mas não demasiadamente prolongada; vem agora de um período de abstinência. Antes disso, estados de angústia à noite.

Será que fez uma confissão completa?

Uma monografia de Moebius, *Neurologische Beiträge*, foi publicada; é uma coletânea de pequenos ensaios mais antigos, muito bem feitos e muito importantes para a histeria.⁽³⁾ Ele é a melhor mente entre os neurologistas e, felizmente, não está na trilha da sexualidade.

Na verdade, observo que nada tenho a dizer! Quando voltar a Viena, meu editor certamente me pressionará com pedidos de artigos. Nessa ocasião, será que devo submeter a uma crítica o trabalho de Moebius sobre a "Enxaqueca"?⁽⁴⁾ Você teria que me ceder algumas de suas observações para isso. Sem dúvida, tirará de suas costas a questão estômago-menstruação⁽⁵⁾ tão logo se sinta melhor, não é? A profissão médica está à espera desse tipo de coisa.

Cordiais saudações e, por favor, dê-me notícias suas durante esse período — *pelo menos um cartão-postal* a cada três dias.

Minha mulher deseja a você e sua prezada esposa, a quem, segundo creio, ela inveja um pouquinho (governanta e empregada, médico com assistentes), o melhor e mais rápido transcurso possível dessas semanas. O mesmo do seu fiel amigo,

Sigm.

(1) Referência desconhecida.

(2) Leitura duvidosa.

(3) Freud se refere a Paul J. Moebius (1853-1907) e seu *Neurologische Beiträge. 1 Heft: Über den Begriff der Hysterie und andere Vorwürfe vorwiegend psychologischer Art* (Leipzig: Ambr. Abel, 1894). Num capítulo escrito em 1893 ou 1894, "Weitere Erörterungen über den Begriff der Hysterie," Janet é elogiado e há uma extensa nota de rodapé, na p. 29, resumindo o trabalho de Breuer e Freud de 1893. Curiosamente, Moebius não faz qualquer menção à sexualidade. Tem Charcot em alta estima: "Estávamos todos cegos anteriormente e aprendemos a enxergar com o auxílio das obras de Charcot" (p. 49). A frase *pour revenir à nos moutons* [voltando à vaca-fria], que Freud emprega em suas cartas a Fliess, também ocorre (p. 51).

Nesse livro, Moebius defende seu ponto de vista psicológico em detrimento do de Meynert e sua escola. Defende vigorosamente a realidade dos danos sofridos pelos indivíduos portadores do que era então chamado de neuroses traumáticas. Este importante trecho impressionou Freud claramente: "Deve-se usar com cautela a admissão de simulação. Não só o sentimento da honra ultrajada leva uma pessoa a fazer afirmações desesperadas; a psique adoecida também o faz. Não se deve esquecer que muitas bruxas confessaram livremente sua associação com o demônio e assim se fizeram conduzir ao poste" (p. 42).

Moebius também criticou resumidamente, no *Schmidt's Jahrbuch*, o artigo de 1893 de Breuer e Freud, intitulado "Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Históricos", e a *Interpretação dos Sonhos*, de Freud.

(4) Freud efetivamente o fez. A crítica, que passou despercebida até aqui, foi publicada no *Wiener klinische Rundschau* em 1895.

(5) Sem dúvida, referência ao artigo de Fliess intitulado "Magenschmerz und Dysmenorrhöe in einem neuen Zusammenhang", onde ele escreve: "Dor estomacal, muito comum no caso de moças e mulheres, em decorrência da masturbação. Também nesse aspecto, como constatei num caso que, lamentavelmente, não posso revelar, a via passa pelo ponto correspondente ao estômago no nariz" (p. 22). Isso está relacionado com a opinião de Fliess de que existem pontos específicos no nariz que correspondem a outros órgãos do corpo — um ponto abdominal, um ponto genital e assim por diante.

Lovrano, 13 de setembro de 1894

Querido amigo,

Tenho aguardado notícias por um período muito longo, mas não me disponho a extrair nenhuma conclusão sobre o que significa de fato essa espécie de silêncio. Estou muito descontente com você, meu melhor amigo, mas digo a mim mesmo que, certamente, você está fazendo o melhor que pode; eu não poderia dar-lhe nenhuma outra orientação e não tenho o direito de ser mais impaciente do que você. Preciso escrever-lhe, enfim, para dizer-lhe onde estou neste mundo.

Partiremos daqui na noite de sábado, 15 de setembro, e chegaremos de manhã cedo, no domingo, a Payerbach. Logo pela manhã, na segunda-feira, dia 17, estarei em Viena. Falta ainda uma semana para a reunião científica. Se quiser receber-me por um dia em Munique, avise-me *prontamente*. Aqui tudo correu muito bem e todos retornaremos muito melhores e mais animados.⁽¹⁾ O tempo, de modo geral, foi excelente.

Saudações cordiais a você e sua prezada esposa; dê-me notícias suas muito depressa.

Seu,
Sigm. Fr.

(1) Ao lado dessa frase, na margem, Freud escreveu a palavra "abstínente".

17 de dezembro de 1894
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Não lhe tenho escrito muito mais porque espero vê-lo aqui muito em breve. Seu manuscrito está com Paschkis; ⁽¹⁾ não ousei retirar a matéria ⁽²⁾ sobre as dores do parto. Você ainda poderá fazê-lo aqui.

Espero que passe alguns dias agradáveis aqui e que tenhamos algumas belas horas.

Nossas cordiais saudações a vocês dois.

Seu,
Sigm.

- (1) Heinrich Paschkis (1849-1923) era editor do *Wiener klinische Rundschau*.
(2) Ou "caso clínico".

Rascunho G. Melancolia⁽¹⁾

I

Os fatos disponíveis parecem ser os seguintes:

(A) Existem vínculos notáveis entre a melancolia e a anestesia [sexual]. Isso é confirmado (1) pela descoberta de que, em muitos melancólicos, há uma longa história prévia de anestesia; (2) pela observação de que tudo o que provoca anestesia favorece o desenvolvimento da melancolia; (3) pela existência de um tipo de mulher psiquicamente muito carente, em quem os anseios se transformam em melancolia com grande facilidade e que é anestésica.

(B) A melancolia se desenvolve como uma intensificação da neurastenia através da masturbação.

(C) A melancolia ocorre, tipicamente, em combinação com intensa angústia.

(D) A forma característica e extremada da melancolia parece ser a forma hereditária periódica ou cíclica.

II

Para dar algum sentido a esse material, são necessários alguns pontos de partida seguros. Estes parecem ser proporcionados pelas seguintes considerações:

(a) O afeto correspondente à melancolia é o do luto — em outras palavras, o anseio por alguma coisa perdida. Portanto, na melancolia, deve tratar-se de uma perda, ou seja, uma perda na *vida instintiva*.

(b) A neurose ligada ao alimentar-se, paralela à melancolia, é a anorexia. A célebre *anorexia nervosa* das juvenzinhas me parece (mediante observação cuidadosa) ser uma melancolia em que a sexualidade não está desenvolvida. A paciente afirma não ter comido, simplesmente, por não ter *nenhum apetite*, e não por qualquer outra razão. Perda de apetite: em termos sexuais, perda de libido.

Não seria tão mau, portanto, partir da idéia de que *a melancolia consiste num luto pela perda da libido*.

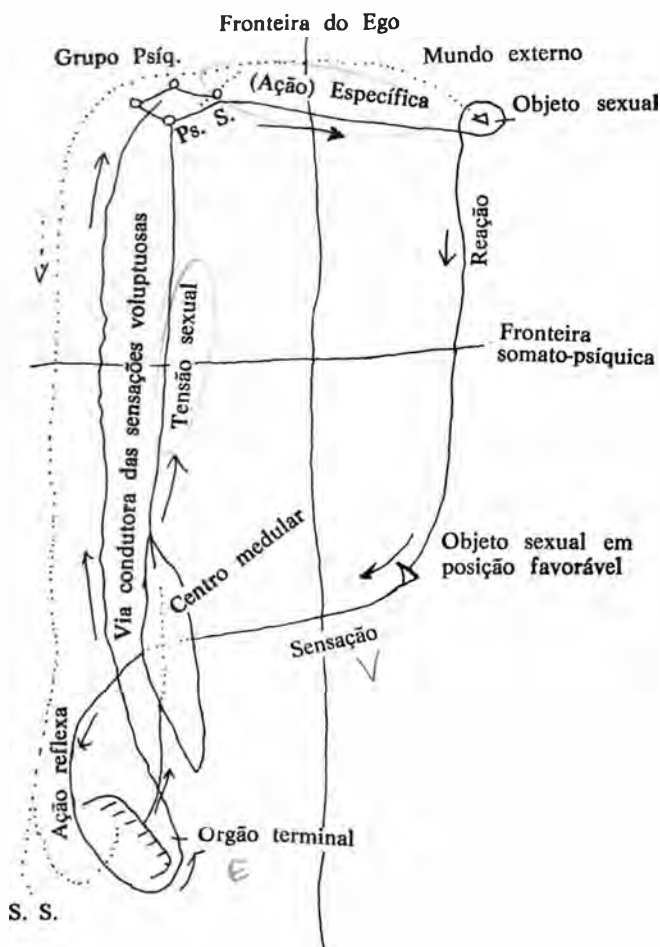
Resta verificar se essa fórmula explica a ocorrência e as características da melancolia. Isso será discutido com base no diagrama esquemático da sexualidade.

III

Examinarei agora, com base no diagrama esquemático da sexualidade, que tenho usado freqüentemente, as condições em que o grupo psíquico sexual (ps. S.) sofre uma perda no *quantum* de sua excitação. Há dois casos possíveis: (1) quando a produção da excitação sexual somática (s. S.) decresce ou cessa; (2) quando a tensão sexual é desviada do ps. S.. O primeiro caso, em que cessa a produção de s. S., é provavelmente o que caracteriza a melancolia *genuína*⁽²⁾ *aguda* propriamente dita, que recorre periodicamente, ou a melancolia cíclica, em que os períodos de aumento e cessação da produção se alternam; pode-se ainda supor que a masturbação excessiva — que, de acordo com a teoria, leva a uma descarga demasiadamente grande do E. (órgão terminal)⁽³⁾ e, por conseguinte, a um baixo nível de estimulação em E. — que a masturbação excessiva se estenda à produção de s. S. e promova uma redução permanente da s. S. e, portanto, um enfraquecimento do p. S.⁽⁴⁾. Temos aí a melancolia neurastênica. O segundo caso, no qual a tensão sexual é desviada do p. S., enquanto a produção da s. S. não diminui, pressupõe que a s. S. seja empregada em outro lugar — na fronteira [entre o somático e o psíquico]. Essa, porém, é a precondição da angústia e, por conseguinte,

coincide com o caso da melancolia de angústia, forma mista que combina neurose de angústia e melancolia.

Nesta discussão, portanto, examinam-se as três formas da melancolia, que, de fato, devem ser distinguidas.



26274
SERVICO DE BIBLIOTECA E DOCUMENTACAO

Figura 1. Diagrama Esquemático da Sexualidade. [No original, todas as setas estão desenhadas em vermelho, com exceção da seta pontilhada à extrema esquerda.]

IV

Como se dá o fato de a anestesia desempenhar esse papel na melancolia?

De acordo com o diagrama esquemático [Fig. 1] (ver pág. 100), existem os seguintes tipos de anestesia.

A anestesia sempre consiste, sem dúvida alguma, na omissão de V. [sensações de prazer], que deveriam ser levadas até o ps. S. depois da ação reflexa que descarrega o órgão terminal. A sensação de prazer se mede pelo volume da descarga.

(a) O E. não é suficientemente carregado, donde a descarga no coito é reduzida e as V. são muito pequenas: é o caso da frigidez.

(b) A via que vai da sensação à ação reflexa está danificada, de modo que a ação não é suficientemente intensa. Assim, a descarga e as V. são também reduzidas: é o caso da anestesia masturbatória, da anestesia do coito interrompido, e assim por diante.

(c) Tudo o que está abaixo acha-se em perfeito estado; apenas as V. não são admitidas no ps. S., por estarem ligadas a outros fatores (à repugnância — defesa): essa é a anestesia histérica, que é inteiramente análoga à anorexia histérica (repugnância).

Até que ponto, então, a anestesia facilita a melancolia?

No caso (a), da frigidez, a anestesia não é a causa da melancolia, e sim um sinal de predisposição a esta. Isso se enquadra no Fato (A)(1), mencionado no início. Nos outros casos, a anestesia é a causa da melancolia, porque o ps. S. é fortalecido pela chegada de V. e enfraquecido por sua omissão. (Com base nas teorias gerais da ligação da excitação na memória.) Assim se explica o Fato (A)(2).

Por conseguinte, pode-se estar anestesiado sem ser melancólico, porque:

— A melancolia está relacionada com a omissão de s. S.

— A anestesia está relacionada com a omissão de V., mas é um sinal ou uma preparação para a melancolia, já que o p. S. fica tão enfraquecido pela omissão de V. quanto pela omissão da s. S.

V

Devemos considerar porque a anestesia é tão predominantemente característica das mulheres. Isso decorre do papel passivo desempenhado

pelas mulheres. Um homem anestesiado logo deixa de praticar o coito; à mulher não se faz nenhuma pergunta. Ela se torna anestesiada com maior facilidade porque:

(1) Toda a sua criação atua no sentido de não despertar s. S., mas sim de transformar todas as excitações passíveis de surtir esse efeito em estímulos psíquicos — isto é, de direcionar inteiramente a linha pontilhada [no diagrama esquemático, Fig. 1] do objeto sexual para o ps. S. Isso é necessário porque, se houvesse uma estimulação somática vigorosa, o ps. S. logo adquiriria intermitentemente uma força tal que, como no caso dos homens, colocaria o objeto sexual numa posição favorável, através de uma reação específica. No caso das mulheres, porém, é necessário que o arco de reação específica não ocorra; em vez disso, exigem-se delas ações específicas permanentes que incitem o homem à ação específica. Assim, a tensão sexual é mantida em nível baixo, seu acesso ao ps. S. é cortado ao máximo e a força indispensável do ps. S. é despendida de outra maneira. Quando, nessas circunstâncias, o ps. S. entra num estado de anseio, ocorre que, em vista do baixo nível [de tensão] no E., esse estado é facilmente transformado em melancolia. Esse é o tipo juvenil e imaturo de libido, e as mulheres exigentes e anestesiadas mencionadas acima [Fato (A)(3)] são apenas um prolongamento desse tipo.

(2) As mulheres [ficam anestesiadas com mais facilidade do que os homens] por chegarem com tanta frequência ao ato sexual (casarem-se) sem amor — ou seja, com menos s. S. e tensão no E.. Nesse caso, são frígidas e assim permanecem.

O nível baixo de tensão no E. parece conter a principal predisposição à melancolia. Nos indivíduos dessa natureza, toda neurose assume facilmente um cunho melancólico. Assim, enquanto os indivíduos potentes adquirem facilmente as neuroses de angústia, os impotentes se inclinam para a melancolia.

VI

De que modo, portanto, é possível explicar os efeitos da melancolia? Eis a melhor descrição: *inibição psíquica com empobrecimento pulsional e dor a respeito dele.*

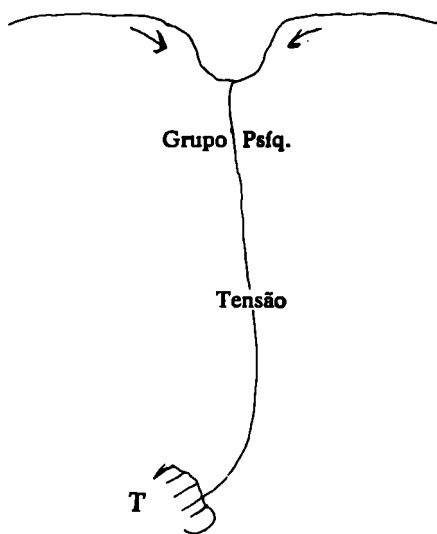


Figura 2

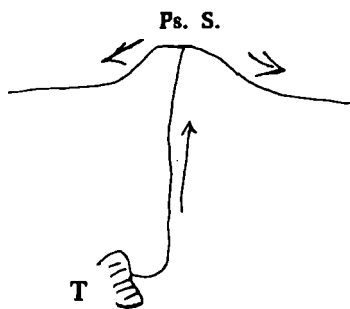


Figura 3



Figura 4

Podemos imaginar que, quando o ps. S. depara com uma perda muito grande no volume de sua excitação, é possível que ocorra um *retraimento*, por assim dizer, *para a esfera psíquica*, que produz um efeito de sucção sobre os volumes de excitação adjacentes. Os neurônios associados têm que abandonar sua excitação, *o que produz dor* [Fig. 2]. Desfazer associações é sempre doloroso; instala-se, como que através de uma *hemorragia interna*, um empobrecimento da excitação (no estoque livre dela), que se faz sentir nos outros impulsos e funções *pulsionais*. Como na inibição, esse retraimento age como uma *ferida*, de maneira análoga à dor (ver teoria da dor física). A contrapartida disso seria a mania, onde

Figura 5

o excedente de excitação se comunica a todos os neurônios associados [Fig. 13]. Aí está, portanto, uma semelhança com a neurastenia. Na neurastenia ocorre um empobrecimento bastante parecido, que se deve ao escoamento da excitação, por assim dizer, por um buraco. Mas, nesse caso, o que se esvazia é a s. S.; na melancolia, o buraco se acha na esfera psíquica. O empobrecimento neurastênico, porém, pode estender-se ao grupo psíquico sexual. Na realidade, as manifestações são tão semelhantes que muitos casos têm que ser discriminados de maneira muito criteriosa.

[Nota do Editor: no envelope que continha o Rascunho G havia outro desenho de Freud, por ele intitulado "Normalschema". Não foi incluído nas edições originais em alemão ou em inglês, provavelmente por ser de compreensão extremamente difícil. Ele é aqui reproduzido como Fig. 4, juntamente com seu anverso (Fig. 5), que é, evidentemente, uma explicação do desenho.]

(1) Sem data; segundo os editores de *Anfänge*, pertence a um envelope de 7 de janeiro de 1895.

(2) O manuscrito diz *genuinen*, e não *gemeinen* (comum), como se lê nos *Anfänge*.

(3) O órgão terminal (E.) é o mesmo que (T.), que aparece nas figuras 1, 2 e 3.

(4) Freud usa as abreviações "ps. S." e "p. S." para indicar "grupo psíquico sexual".

O Episódio de Emma Eckstein

24 de janeiro de 1895

Caríssimo Wilhelm,

Preciso apressar-me a escrever-lhe sobre algo que me assombra enormemente; caso contrário, eu seria realmente ingrato. Nestes últimos dias, senti-me inacreditavelmente bem, como se tudo tivesse sido apagado — um sentimento que, apesar da fase melhor, eu não conhecia há dez meses. Na vez passada, escrevi-lhe, após uma fase boa imediatamente posterior à reação, que vieram a seguir alguns dias rigorosamente péssimos, nos quais a cocainização da narina esquerda me ajudou numa medida surpreendente. Prosseguo agora em meu relato. No dia seguinte, mantive o nariz em tratamento com a cocaína, o que realmente não se deve fazer; em outras palavras, pincelei-o repetidamente para prevenir uma nova ocorrência de inchaço; durante esse período, liberei o que, em minha experiência, foi uma quantidade copiosa de pus espesso; e, desde então, tenho sentido maravilhosamente bem, como se nunca tivesse havido nada de errado. A arritmia ainda está presente, mas só raramente e sem muita intensidade; a sensibilidade à pressão externa é ligeira, situando-se as sensações entre 0 |zero| e —0. Estou adiando a expressão plena de minha gratidão, bem como a discussão sobre a parcela que coube à operação nessa melhora sem precedentes, até vermos o que acontece a seguir.

Seja como for, dedico-lhe aqui uma nova descoberta, que tem perturbado meu equilíbrio mais do que muito do que aconteceu antes e à qual ainda não me tornei indiferente. Trata-se da explicação da paranóia; todas as minhas invenções são dessa natureza pouco prática. *Diga-me* sua opinião a respeito; a essa altura, provavelmente já hei de me haver acalmado.

Que tal se você experimentasse *primeiro* fazer os preparativos juntamente com Gersuny?(1) De acordo com Breuer e Rie, ele trabalhou intensamente no assunto depois de superar sua hesitação inicial.

Agora, apenas mais uma semana nos separa da cirurgia,(2) ou, pelo menos, dos preparativos para ela. O tempo passou depressa e evito de bom grado submeter-me a um auto-exame para determinar que direito tenho de esperar tanto dela. Minha falta de conhecimentos médicos torna a me acabrunhar muito. Mas fico repetindo para mim mesmo: até onde consigo ter alguma compreensão do assunto, a cura deve ser obtível por esse caminho. Eu não ousaria inventar sozinho esse plano de tratamento, mas nele me alio confiantemente a você.

A Sra. M. será bem-vinda; se trouxer dinheiro e paciência, faremos uma boa análise. Se, nesse processo, houver alguns lucros terapêuticos para ela, também ela há de ficar satisfeita.

Darei um empurrãozinho em Paschkis. Penso que ele tem-se portado mal, mas já tive experiências semelhantes em Viena.

Agora, aguardo apenas mais algumas linhas anunciando sua chegada. Com saudações cordiais minhas e de Martha, a sua prezada esposa,

Seu,
Sigm.

(1) Robert Gersuny (1844-1924) fora o assistente anterior de Christian Billroth e foi o primeiro diretor do hospital Rudolfinerhaus. Foi também um famoso cirurgião plástico (ver Lesky, 1960). Ao que parece, segundo uma passagem da carta de Freud de 8 de março de 1895, Fliess foi operado por Gersuny, que, posteriormente, desempenhou um papel crucial no caso de Emma Eckstein.

(2) No final de janeiro ou início de fevereiro, Fliess esteve em Viena e operou Freud e Emma Eckstein. (Ver nota 3 da carta de 4 de março de 1895.) Nesse ponto, Freud provavelmente se refere à operação iminente de Eckstein.

Rascunho H. Paranóia

[anexo à carta]

Na psiquiatria, as idéias *delirantes* situam-se ao lado das idéias *obsessivas* como distúrbios puramente intelectuais, e a paranóia figura, juntamente com a insanidade obsessiva, como uma psicose intelectual. Se, num dado momento, as obsessões foram rastreadas até uma perturbação afetiva e ficou provado que devem sua força a um conflito, a mesma visão deve aplicar-se aos delírios, e também eles devem ser um efeito de perturbações afetivas e devem extrair sua força de um processo psicológico.

Os psiquiatras aceitam o inverso disso, enquanto os leigos inclinam-se a atribuir a loucura delirante a acontecimentos emocionais desagregadores. "O homem que não perde a razão diante de certas coisas não pode ter razão alguma para perder." (1)

Ora, ocorre, de fato, que a paranóia crônica, em sua forma clássica, é um *modo de defesa patológico*, tal como a histeria, a neurose obsessiva e a confusão alucinatória. As pessoas tornam-se paranóicas diante de coisas que não conseguem suportar, desde que tenham a disposição psíquica específica para isso.

Em que consiste essa disposição? Numa tendência àquilo que representa a característica psíquica da paranóia; examinaremos isso num exemplo.

Uma solteirona não muito jovem (de cerca de trinta anos) dividia a casa com o irmão e a irmã [mais velha]. Pertencia à camada superior da classe trabalhadora; o irmão se empenhou em subir na vida, transformando-se num pequeno industrial. Nesse meio tempo, eles alugaram um quarto a um colega de trabalho, um homem muito viajado e bastante enigmático, muito habilidoso e inteligente, que morou com eles por um ano dentro do maior companheirismo e sociabilidade. O homem se foi e retornou depois de passados apenas seis meses. Dessa vez, só ficou por um período relativamente curto e, depois, desapareceu para sempre. As irmãs lamentavam com frequência a ausência dele e só tinham coisas boas a dizer a seu respeito. Entretanto, a irmã mais nova contou à mais velha sobre uma ocasião em que ele fizera uma tentativa de deixá-la em apuros. Ela estivera arrumando os quartos enquanto ele ainda estava na cama. Ele a chamou para junto de si e, quando ela se aproximou, sem suspeitar de nada, colocou o pênis na mão da moça. A cena não teve prosseguimento e, pouco tempo depois, o estranho foi-se embora.

No decorrer dos anos que se seguiram, a irmã que tivera essa experiência adoeceu, começou a se queixar e acabou por desenvolver delírios inconfundíveis de observação e perseguição, com o seguinte conteúdo: as vizinhas sentiam pena dela por ter tido um noivado desfeito e por ainda estar esperando que o homem voltasse; estavam sempre a fazer-lhe insinuações dessa natureza, diziam-lhe todo o tipo de coisas sobre o homem, e assim por diante. Tudo isso, afirmava ela, era, naturalmente, inverídico. Desde então, a paciente só cai nesse estado durante algumas semanas de cada vez; de quando em vez, torna-se racional, explicando que tudo isso é resultado da excitação, muito embora, mesmo nos intervalos, sofra de uma neurose passível de ser interpretada, sem dificuldade, como sexual. E logo sucumbe a um novo surto de paranóia.

A irmã mais velha ficou atônita ao reparar que, tão logo a conversa se voltava para a cena da tentação, a paciente a negava. Breuer ouviu falar no caso, a paciente foi-me encaminhada e me esforcei por curar-lhe a tendência à paranóia, tentando recolocar a lembrança da cena em seu devido lugar. Fracassei. Conversei duas vezes com ela; em hipnose de

concentração, fiz com que me contasse tudo o que se relacionava com o inquilino; em resposta a minhas insistentes indagações sobre haver ou não acontecido, realmente, algo de “embaraçoso”, recebi como resposta a mais decidida negativa — e não voltei a vê-la. Ela me mandou um recado, dizendo que aquilo a havia aborrecido demais. Defesa! Isso era óbvio. Ela *queria* que não lhe lembrassem o ocorrido e, por conseguinte, recalculou-o intencionalmente.

Não havia a menor dúvida quanto à defesa, mas ela poderia, da mesma forma, ter adquirido um sintoma histérico ou uma idéia obsessiva. Qual seria a peculiaridade da defesa paranóide?

Ela se estava poupando de algo; algo fora recalcado. Podemos imaginar o que tenha sido. Provavelmente, de fato ficara excitada com o que vira e com a lembrança disso. Portanto, aquilo de que se estava poupando era uma reprimenda por ser uma “mulher depravada”. Passou então a ouvir essa mesma reprimenda vinda de fora. Portanto, o *conteúdo factual permaneceu inalterado*; o que se alterou, porém, foi algo no *posicionamento* da coisa toda. Antes, tratava-se de uma auto-recriminação interna, e agora era uma imputação vinda de fora: as pessoas diziam aquilo que, de outra maneira, ela diria a si mesma. Havia um lucro a retirar disso. Ela teria sido obrigada a aceitar essa condenação, se proferida de dentro; mas podia rejeitar a que lhe vinha de fora. *Desse modo, a condenação, a censura, era mantida longe do ego.*

A finalidade da paranóia, portanto, é rechaçar uma idéia incompatível com o ego, projetando seu conteúdo no mundo externo.

Surgem então duas perguntas: (1) Como se dá essa espécie de transposição? (2) Será que isso também se aplica a outros casos de paranóia?

(1) Muito simples. É uma questão de uso excessivo de um mecanismo que é muito comumente empregado na vida normal: a transposição ou projeção. Sempre que ocorre uma modificação interna, temos uma opção entre pressupor para ela uma causa interna ou externa. Quando algo nos barra a derivação interna, atemo-nos, naturalmente, à externa. Em segundo lugar, estamos acostumados a ver nossos estados internos traídos (por alguma expressão de emoção) diante de outras pessoas. Isso responde pelos delírios normais de observação e pela projeção normal. E eles serão normais na medida em que, nesse processo, permanecermos conscientes de nossa própria modificação interna. Se nos esquecermos disso e nos restar apenas a premissa do silogismo que conduz para fora, teremos a paranóia, com sua supervalorização do que as pessoas sabem a nosso respeito e do que as pessoas fizeram conosco. O que é que as pessoas sabem a nosso respeito, de que não temos nenhum conhecimento e que não podemos admitir? *Trata-se, portanto, de um abuso do mecanismo de projeção para fins de defesa.*

Algo bastante análogo, a rigor, ocorre nas idéias obsessivas. O mecanismo de substituição também é normal. Quando uma solteirona idosa

cuida de um cãozinho, ou quando um velho solteirão coleciona caixas de rapé, a primeira está encontrando um substituto para sua necessidade de um companheiro conjugal, e o segundo, para sua necessidade de... uma multiplicidade de conquistas. Todo colecionador é substituto de um Don Juan Tenório, o mesmo se aplicando aos alpinistas, aos desportistas e a pessoas similares. Trata-se de equivalentes eróticos. As mulheres também os conhecem. O tratamento ginecológico inclui-se nessa categoria. Há dois tipos de pacientes femininas: um que é tão fiel ao médico quanto ao marido e outro que muda de médicos com a mesma frequência com que muda de amantes. Esse mecanismo de substituição, que atua normalmente, é excessivamente empregado nas idéias obsessivas — também nesse caso, para fins de *defesa*.

(2) Ora, será que essa visão também se aplica aos outros casos de paranóia?

A todos eles, diria eu. [Mas] eu darei alguns exemplos.

O paranóico litigante não consegue suportar a idéia de ter cometido algum erro ou de que deva separar-se de seus bens. Por conseguinte, acha que a sentença não é legalmente válida, [que] ele não está errado, e assim por diante. Esse caso é claro demais e talvez não seja inteiramente inamiguo; talvez pudesse resolver-se de maneira mais simples.

A *grande nation* não consegue enfrentar a idéia de que possa ter sido derrotada na guerra. Logo, não foi derrotada; a vitória não vem ao caso. Isso fornece um exemplo de paranóia em massa e inventa o delírio de traição.⁽²⁾

O alcoólatra jamais admitirá para si mesmo que se tornou impotente por causa da bebida. Por maior que seja a quantidade de álcool que consiga tolerar, não consegue tolerar esse conhecimento. Logo, a culpada é a mulher — delírios de ciúme e assim por diante.

O hipocondríaco se debate por um longo tempo até descobrir a chave de seu sentimento de estar gravemente enfermo. Não admite para si próprio que este possa originar-se em sua vida sexual, e dá-lhe enorme satisfação saber que o mal que o aflige é, no dizer de Moebius, não endógeno, e sim exógeno. Portanto, está sendo envenenado.

O funcionário que é preterido numa promoção insiste em que há uma conspiração contra ele e em que está sendo espionado em sua sala. De outra forma, teria que admitir seu fracasso.

O que se desenvolve dessa maneira nem sempre são, necessariamente, delírios de perseguição. A megalomania talvez seja ainda mais eficaz para manter a idéia penosa afastada do ego. Tomemos, por exemplo, a cozinheira já sem atrativos que precisa acostumar-se com a idéia de estar permanentemente excluída da felicidade no amor. Esse é o momento exato para o [surgimento do] cavalheiro da casa em frente, que obviamente quer se casar com ela e que lhe está dando a entender isso de um modo estranhamente tímido, mas, mesmo assim, inconfundível.

Em cada um desses casos, a *idéia delirante* é sustentada com a mesma energia com que uma outra idéia, insuportavelmente aflitiva, é rechaçada para longe do ego. Assim, eles amam *seus delírios como amam a si mesmos*. É esse o segredo.

Pois bem, como se compara essa forma de defesa com as que já conhecemos: (1) histeria, (2) idéia obsessiva, (3) confusão alucinatória e (4) paranóia?

É preciso levar em consideração: o afeto, o conteúdo da idéia e as alucinações. [Ver Resumo.]

(1) *Histeria*. A idéia incompatível não tem acesso à *associação* com o ego. O conteúdo é retido num compartimento segregado e fica afastado da consciência; seu afeto [é tratado] mediante conversão para a esfera somática. — A psicose é o único [resultado].

(2) *Idéia obsessiva*. Também aqui, a idéia incompatível não tem acesso à *associação*. O afeto é conservado; o conteúdo é trocado por um substituto.

RESUMO

repelido

	Afeto	Conteúdo da idéia	Alucinação	Efeito
Histeria	tratado por conversão	ausente da consciência	—	Defesa instável, com lucro satisfatório
Idéia obsessiva	retido	ausente da consciência encontrado um substituto	—	Defesa permanente, sem lucro
Confusão alucinatória	ausente	ausente	amistosa para com o ego amistosa para com a defesa	Defesa permanente, com brilhante lucro
Paranóia	retido	retido projetado	hostil ao ego amistosa para com o ego	Defesa permanente, sem lucro
Psicose histérica	domina a	consciência	hostil ao ego hostil à defesa	Fracasso da defesa

(3) *Confusão alucinatória*. A totalidade da idéia incompatível — afeto e conteúdo — é mantida longe do ego, e isso só é possível ao preço de um desligamento parcial do mundo externo. Recorre-se às alucinações, que são *amistosas para com o ego e sustentam a defesa*.

(4) *Paranóia*. O conteúdo e o afeto da idéia incompatível são retidos, em contraste direto com (3), mas são projetados no mundo externo. As alucinações, que ocorrem em algumas formas [da doença], são *hostis para com o ego*, mas sustentam a defesa.

Nas psicoses históricas, em contraste, são precisamente as idéias rechaçadas que assumem o controle. O tipo delas é o ataque e o *état secondaire*. As alucinações são *hostis ao ego*.

A *idéia delirante* é uma cópia da idéia rechaçada, ou então seu oposto (megalomania).

A paranóia e a confusão alucinatória são as duas *psicoses do despeito ou do oposicionismo*.⁽³⁾ A “auto-referência” da paranóia é análoga às alucinações dos estados confusionais, pois estas buscam afirmar exatamente o oposto do fato que é rechaçado. Assim, a referência a si mesmo visa sempre a comprovar a correção da projeção.

(1) Gotthold Lessing, *Emilia Galotti*, Ato 4, cena 7.

(2) Referência ao resultado da Guerra Franco-Prussiana de 1870.

(3) *Trotz-oder Justamentpsychosen*. Trata-se de coloquialismos vienenses que implicam a obstinação e a prática deliberada precisamente do oposto do que se espera.

25 de fevereiro de 1895

Querido Wilhelm,

Preciso mandar-lhe uma carta imediatamente. A reportagem sobre as dores do trabalho de parto foi publicada no *Wiener allgemeine Zeitung*,⁽¹⁾ é factual e razoável e só merece correção na medida em que ele⁽²⁾ dá a entender que esteve em contato direto com você. Não seja severo demais, por favor; o público tem realmente o direito de [saber de] coisas novas como essas; e você não precisa do manto da virtude.

Cordialmente, seu,
S.

(1) Esse artigo foi publicado a 26(!) de fevereiro de 1895, na p. 4. A reportagem de meia coluna, com a manchete “Eine neue medizinische Entdeckung” [Descoberta uma nova medicina], começa dizendo: “Na clínica ginecológica do Professor Chrobak, o médico berlinense Dr. Wilhelm Fliess vem conduzindo, recentemente, experimentos para eliminar ou, pelo menos, reduzir as dores do parto nos nascimentos, através do uso da cocaína no osso turbinado infe-

rior e nos chamados tubérculos do septo nasal." A frase a que Freud se refere diz: "Como nos informa o próprio Dr. Fliess, ele ainda não pôde formar uma opinião conclusiva sobre o significado da descoberta que fez." Curiosamente, o artigo prossegue dizendo: "A propósito, o Dr. Fliess está voltando hoje para Berlim", o que talvez seja uma referência à ocasião em que a reportagem foi escrita, e não à data em que foi publicada.

(2) Isto é, o repórter.

Viena, 4 de março de 1895

Caríssimo Wilhelm,

Deixei-o sem resposta por um tempo irrefletidamente longo; agora, muitas coisas se acumularam. Para começar, a fotografia; foi a única foto digna de consideração. Já a encomendei. Bonitos é que não somos (ou não somos mais), porém meu prazer em tê-lo bem a meu lado depois da operação transparece claramente.

Agora, portanto, vamos à sua retificação: procurei-a por várias noites depois de receber sua carta, mas ela não foi publicada. Breuer é de opinião que não há nada a fazer a respeito, pois você só é citado como afirmando que o assunto ainda não chegou a uma conclusão e que você não pode debatê-lo.⁽¹⁾ Creio que devemos deixar para lá; não vale o esforço; desde que você assegure a Chrobak que está isento da responsabilidade, qualquer prejuízo possível terá sido prevenido. Quanto ao restante, a coisa toda não tem importância. Naturalmente, fala-se muito agora em seus experimentos e corre o boato de que eles não lograram êxito. Supostamente, Schauta⁽²⁾ não os confirmou. Não se deixe atacar.

Em terceiro lugar, sei que vocês dois estão gripados ou, espero, logo terão vencido a gripe. Não lhes mandei um telegrama indagando sobre sua saúde porque presumo que isso seja reservado ao contato com sua mãe. Ouvi dizer que a gripe dela voltou. Nós todos ainda estamos bem. No mais, há muitos casos, mas leves.

Quarto, o estado de Eckstein ainda é insatisfatório:⁽³⁾ inchação persistente, subindo e descendo "como uma avalanche";⁽⁴⁾ dores, de modo que não se pode dispensar a morfina; noites maldormidas. A secreção purulenta tem decrescido desde ontem; anteontem (sábado), ela teve uma hemorragia maciça, provavelmente em decorrência de haver expelido uma lasca de osso do tamanho de um *heller*;⁽⁵⁾ houve duas tigelas cheias de pus. Hoje deparamos com uma resistência à irrigação e, visto que a dor e o edema visível tinham aumentado, deixei-me persuadir a chamar Gersuny. (A propósito, ele mostrou grande admiração por uma reprodução de *The Isle of the Dead* [de Bocklin].) Explicou que o acesso estava consideravelmente estreitado e era insuficiente para a drenagem, inseriu um dreno



*Emma Eckstein em 1895,
antes da operação*



*Sigmund Freud (1856-1939)
e Wilhelm Fliess (1858-1928)
na década de 1890*

e ameaçou quebrá-lo [o osso?] caso ele não permanecesse no lugar. A julgar pelo cheiro, é muito provável que tudo isso esteja certo. Por favor, mande-me sua orientação abalizada. Não antevejo com bons olhos uma nova cirurgia nessa moça.

Quinto e depressa, algo mais agradável, depois disso tudo. Em seu ensaio sobre as teorias da histeria (para nosso livro), Breuer cita as dores de cabeça nasais e a eliminação de dores intercostais por meio [da abordagem] do nariz como exemplo de efeitos que atuam à distância [do órgão afetado]. Congratulo-me com você. Ele deveria fazer uma palestra em minha turma no sábado, mas se engasgou três vezes e desistiu, apresentando suas desculpas. Tive que prosseguir em lugar dele. Fiquei muito apreensivo, mas era apenas cansaço. Visitei-o na noite de domingo e, mais uma vez, consegui convencê-lo — provavelmente, apenas por um breve período —, falando-lhe sobre a análise de Eckstein, com a qual você também não está realmente familiarizado. Quando você vai embora e consigo eliminar a raiva, ele torna a subir muito em meu conceito. No ensaio que escreveu, a propósito, ele aceita todas as minhas idéias e fala sistematicamente em conversão e defesa, provavelmente porque a coisa não funcionaria de nenhum outro modo.

Sexto. Cientificamente, há poucas novidades. Estou escrevendo às pressas o ensaio sobre a terapia da histeria. Daí a demora [em escrever-lhe]. Nosso caso de tabes (nariz!) recebeu o reconhecimento do Professor Lang⁽⁶⁾ e é agora considerado uma proeza da perspicácia no diagnóstico. Afora isso, nada além de tabes; não tenho nada a remeter-lhe em anexo. No máximo, uma pequena analogia com a psicose onírica⁽⁷⁾ de Emma E., de que fomos testemunhas. Rudi Kaufmann, um sobrinho muito inteligente de Breuer, e também médico, costuma acordar tarde. Pede à camareira que o acorde, mas, depois, reluta muito em obedecer-lhe. Certa manhã, ela tornou a acordá-lo e, como ele não quisesse dar-lhe ouvidos, ela o chamou pelo nome, “Sr. Rudi”. Ao que o dorminhoco alucinou uma placa hospitalar (como a do Rudolfinerhaus) em que estava escrito o nome “Rudolf Kaufmann” e disse a si mesmo: “Quer dizer que R. K. já está no hospital; então, não preciso ir até lá”, e continuou dormindo!

Sétimo. Ainda não pude falar com Paschkis; também eu preciso reclamar por ele não mandar as provas, de modo que tudo, desde os erros de ortografia até erros de impressão que destroem o sentido, continuam na mesma. Talvez você depare com o pequeno artigo sobre a enxaqueca. Contém apenas duas idéias importantes.

Amanhã, na casa dos Bondys, terei notícias de como estão vocês todos. Enquanto isso, aceite minhas mais cordiais saudações. Na terça-feira, depois de sua partida, a cidade ficou vazia, a despeito das multidões que saíram para homenagear Albrecht.⁽⁸⁾

Todos nós e eu lhe desejamos uma pronta recuperação.

Seu,
Sigmund

(1) Referência ao artigo mencionado na carta anterior.

(2) Friedrich Schauta (1849-1919), diretor da Frauenklinik [Clínica de Se-nhas], no Allgemeine Krankenhaus, em Viena. Para maiores informações sobre ele, ver Lesky (1978, pp. 476 ss.).

(3) Essa é a primeira referência a operação praticada por Fliess em Emma Eckstein. Max Schur (1966, 1972), que teve acesso às cartas não publicadas de Freud a Fliess, foi o primeiro a escrever com argúcia sobre esse importante episódio na carreira de Freud. Com base em informações adicionais, em cartas de Freud a Eckstein e nas publicações de Eckstein, tentei determinar o significado dessa paciente de primeira hora para o pensamento teórico de Freud na época. Uma discussão pormenorizada dessa complexa questão é fornecida por Masson (1984).

(4) Essa é uma expressão cômica comum em alemão, geralmente usada no provérbio "A vida é como uma avalanche, sobe e desce". (A avalanche, é claro, desloca-se apenas num sentido.)

(5) O *heller* é uma pequena moeda.

(6) Eduard Lang (n. 1841) era professor de dermatologia em Viena e especialista em sífilis. O caso mencionado na análise de Dora, "Fragmento da Análise de um Caso de Histeria" (S.E. VII:16n.), é, provavelmente, o caso a que se faz referência na carta. Ali, Freud escreve: "Outro médico encaminhou-me sua irmã, certa vez, para tratamento psicoterápico, dizendo que ela vinha sendo tratada de histeria há anos, sem nenhum sucesso (dores e andar defeituoso). O relato sumário que ele me forneceu pareceu bastante compatível com o diagnóstico. Em minha primeira sessão com a paciente, fiz com que ela própria me contasse sua história. Quando a história saiu, perfeitamente clara e coerente, apesar dos acontecimentos notáveis que abordava, disse a mim mesmo que o caso não podia ser de histeria e instituí, imediatamente, um cuidadoso exame clínico. Este levou ao diagnóstico de um estágio não muito avançado de tabes, que foi posteriormente tratado com injeções de Hg (ol. cinéreo) pelo Professor Lang, com resultados marcadamente benéficos."

(7) Não sei precisamente o que Freud quer dizer com "psicose onírica". O "nós" oculto no "fomos" refere-se, presumivelmente, ao fato de ele ter examinado ou encontrado Emma Eckstein em companhia de Fliess. Como essa é a primeira carta em que ela é mencionada, é provável que a jovem tenha sido discutida num dos encontros de Freud com Fliess.

(8) O Marechal-de-campo e Arquiduque Albrecht (1817-1895), comandante supremo do exército austro-húngaro, membro da Casa dos Habsburgos, morreu no dia 18 de fevereiro de 1895, em Arco, na Itália. Aparentemente, Freud faz referência às multidões atraídas por seu funeral, que se realizou em Viena.

Caso Clínico (4 de março de 1895)

[anexo à carta]

No último dia de sua estada aqui, expeli subitamente várias crostas pelo lado direito, o que não foi operado. Já no dia seguinte surgiu um pus antigo e espesso, em coágulos grandes, a princípio apenas do lado direito e, logo depois, também no esquerdo. Desde então, o nariz tem estado inundado outra vez; só hoje é que a secreção purulenta se tornou um pouco menos densa. Sintomas leves, mas regulares: pela manhã, nariz en-

tupido, cabeça abominável e nenhuma melhora antes que sejam expelidos grandes volumes; no intervalo, ocasionalmente, enxaqueca; tudo, aliás, não muito intenso. No primeiro desses dias, observei orgulhosamente que conseguia subir escadas sem dispnéia; nos últimos três dias, dor na região cardíaca, pulso atáxico e uma bela insuficiência. Hoje, por exemplo, cheguei a um lugar, deparei com a carruagem do [outro] assessor já à espera na porta, subi as escadas correndo e, ao chegar no topo, fiquei impossibilitado de falar por cinco minutos e tive de admitir que estava doente, e assim por diante. Três dias atrás, depois de ter recebido uma massagem, a coisa toda se repetiu, como nos velhos tempos; esta manhã, tornei a querer morrer (relativamente) jovem.

Embora não sirvam para deixar ninguém à vontade, essas informações proporcionam um certo prazer, pois enfatizam mais uma vez que o estado do coração depende do estado do nariz. Não consigo encarar esta última infecção como nova; tenho a impressão de que, na realidade, ainda tenho, como você conjecturou, uma acumulação focal de pus (osso esfenóide direito) que, casualmente, está agora inclinada a produzir erupções, como um Etna particular, por assim dizer.

Mas isso não é razão para que você venha. Em vez disso, vou submeter-lhe relatórios acurados.

8 de março de 1895

Caríssimo Wilhelm,

Acabo de receber sua carta e posso respondê-la de imediato. Felizmente, vejo o caminho com clareza, estou tranqüilo a respeito da Srta. Eckstein e posso fazer-lhe um relatório que, provavelmente, irá aborrecê-lo tanto quanto a mim, mas que espero que você supere tão depressa quanto eu.

Escrevi-lhe que a inchação e as hemorragias se recusavam a ceder e que, subitamente, surgiu um odor fétido, e que houve um obstáculo quando da irrigação. (Ou será que isso é novidade [para você?]) Providenciei para que Gersuny fosse chamado; ele inseriu um dreno, na esperança de que as coisas funcionassem bem, uma vez restabelecida a descarga; à parte isso, foi bastante reservado. Dois dias depois, fui acordado pela manhã — um sangramento profuso se havia reiniciado, com dores e assim por diante. Gersuny respondeu ao telefone que só estaria disponível à noite; assim, pedi a Rosanes⁽¹⁾ que fosse a meu encontro. Ele o fez ao meio-dia. Havia ainda um sangramento moderado, vindo do nariz e da boca; o odor fétido estava péssimo. Rosanes limpou a área ao redor da abertura, retirou alguns coágulos de sangue que estavam agarrados e, de repente, puxou algo que parecia um fio de linha, e continuou puxando. Antes que algum de nós tivesse tempo de pensar, pelo menos meio metro

de gaze foi retirado da cavidade. No instante seguinte veio uma torrente de sangue. A paciente empalideceu, seus olhos saltaram e não se conseguia sentir-lhe o pulso. Imediatamente a seguir, porém, ele tornou a encher a cavidade com nova gaze iodoforme e a hemorragia cessou. Durou cerca de meio minuto, mas foi o bastante para deixar a pobre criatura, que já então havíamos deitado, irreconhecível. Nesse meio tempo — isto é, depois — aconteceu outra coisa. No instante em que o corpo estranho saiu e tudo se tornou claro para mim — e, logo em seguida, fui confrontado com a visão da paciente —, senti náuseas. Depois de colocado nela o tampão, fugi para a sala ao lado, bebi uma garrafa d'água e me senti péssimo. Foi então que a corajosa *Frau Doktor*(2) me trouxe um pequeno copo de conhaque e voltei a ser eu mesmo.

Rosanes ficou com a paciente até que providencieei, através de Streitenfels, para que ambos fossem levados para o Sanatório Loew.(3) Nada mais aconteceu naquela noite. No dia seguinte, isto é, ontem, quinta-feira, a operação foi repetida, com a ajuda de Gersuny; o osso foi inteiramente aberto, retirado o tampão e curetada [a ferida]. Mal chegou a haver sangramento. Desde então, ela está fora de perigo, muito pálida, naturalmente, e aflita com as novas dores e a inchação. Não tinha perdido a consciência durante a hemorragia maciça;(4) quando voltei à sala, um tanto abalado, ela me saudou com uma observação condescendente: “Então, esse é que é o sexo forte!”

Não creio que o sangue tenha sido o que me transtornou; naquele momento, havia fortes emoções brotando em mim. Pois não é que lhe tínhamos feito uma injustiça! Ela não tinha nada de anormal; ao contrário, um pedaço de gaze iodoforme se havia rompido quando você o retirou e ali permanecera por quatorze dias, impedindo a cicatrização; no final, foi arrancado e provocou o sangramento. A idéia de que um desastre desses pudesse acontecer com você, de como você reagiria ao tomar conhecimento do fato, de como os outros poderiam interpretá-lo, de quanto errei em insistir em que você operasse numa cidade estranha onde não poderia acompanhar o caso até o fim, de como minha intenção de fazer o melhor possível(5) por essa pobre moça foi traiçoeiramente distorcida e resultou num risco para a vida dela — tudo isso se apoderou de mim simultaneamente. Agora, já está superado. Não tive discernimento suficiente, naquele momento, para pensar em repreender Rosanes na mesma hora. Só dez minutos depois é que me ocorreu que ele deveria ter pensado, de imediato: há alguma coisa aí dentro; não vou puxar, para que não haja uma hemorragia; em vez disso, vou tamponar um pouco mais, levá-la para Loew e, lá, limpar e desobstruir ao mesmo tempo. Mas ele ficou tão surpreso quanto eu.

Agora que já pensei muito no assunto, não resta nada além de uma sincera compaixão por essa minha criança penitente. A rigor, eu não deveria atormentá-lo com isso, mas tinha todos os motivos para confiar-lhe esse assunto, e mais ainda. Você fez tudo tão bem quanto se pode fazer. A

ruptura da gaze iodoforme é um desses acidentes que acontecem com os mais afortunados e cuidadosos cirurgiões, como você sabe pela situação que houve com a adenotomia interrompida e a anestesia de sua cunhadinha. Gersuny disse ter tido uma experiência semelhante e sendo assim, está usando mechas iodoformes, em vez de gaze (você há de se lembrar de seu próprio caso). É claro que ninguém o está culpando, nem vejo porque devesse fazê-lo. Espero apenas que venha tão depressa quanto eu a sentir-se compadecido,⁽⁶⁾ e esteja certo de que não me foi necessário reafirmar minha confiança em você mais uma vez. Só quero acrescentar que, por um dia, evitei timidamente informá-lo do acontecido; depois, comecei a me sentir envergonhado, e aqui está a carta.

Comparadas com isso, as outras notícias realmente perdem a cor. No que concerne a meu estado, você está certamente com a razão; estranhamente, é-me bem mais fácil ser produtivo quando tenho esse tipo de distúrbios ligeiros. Assim, estou agora escrevendo página após outra de "A Terapia da Histeria".

Há uma outra idéia curiosa, de natureza diferente, que só lhe confiarei depois que tivermos tirado Eckstein da cabeça. A gripe está bastante disseminada por aqui, mas não é muito intensa. Sua mamãe também ainda não está completamente boa.

Logo voltarei a escrever-lhe e, acima de tudo, farei um relatório minucioso sobre Emma E.. No mais, cientificamente, estou muito desolado. A gripe tem devorado a clínica dos especialistas. Que ela realmente cobrou de você um tributo, bem sei. Conceda a si mesmo um repouso adequado depois dela. Estou determinado a fazer o mesmo, caso ela me atinja.

Com minhas cordiais saudações,

Seu,
Sigmund

(1) Nada pude descobrir sobre Ignaz Rosanes, um especialista de Viena em ouvidos, nariz e garganta, exceto que fora um amigo de infância (o que se desprende das cartas não-publicadas de Freud a Eduard Silberstein), que Freud tratou de sua mulher (ver mais adiante) e que, em 1894, ele era diretor do Hospital Kronprinzessin Stephanie.

(2) Não sabemos ao certo a quem Freud se refere aqui. Provavelmente, Emma Eckstein morava com um de seus irmãos ou irmãs, e a *Frau Doktor* poderia ser ou a mulher de um dos médicos, ou um título usado por uma das irmãs de Eckstein.

(3) Referências desconhecidas.

(4) *Verblutungsszene*; literalmente, a cena do sangramento até a morte.

(5) Schur (1966, p. 57) escreve: "O emprego que Freud faz da palavra 'anzutun', derivada de 'antun', é muito ambíguo. A tradução correta é 'infligir' — predominantemente usada no sentido de infligir violência, dor etc." Entretanto, segundo a primeira edição do dicionário de Muret-Sanders (final do século XIX), assim como o dicionário atual de Duden, em seis volumes, a primeira acepção de *antun* é positiva: o exemplo fornecido por ambos é "fazer bem a alguém". A segunda acepção é indicada por Schur. Essa frase, portanto, não deve ser usada como

prova da ambivalência de Freud, embora muitas outras coisas na carta possam sê-lo.

(6) A expressão alemã é *Badauern*, que também poderia significar “lastimar, lamentar”.

13 de março de 1895

Caríssimo Wilhelm,

É uma pena que ambos soframos de tantas doenças, quando há tanto à nossa frente. Estou contente em ver novamente alguma coisa sua. Já me acostumei a atribuir a escassez e as lacunas em suas comunicações a algo de ruim. Espero que, da próxima vez, você me escreva mais, e que haja também algo de melhor em sua carta.

As coisas estão enfim correndo bem com Eckstein, como poderia ter acontecido sem a reviravolta de três semanas atrás. Uma coisa que realmente depõe a favor dela é não ter mudado de atitude perante nenhum de nós; ela reverencia sua memória muito mais do que o acidente indesejado.⁽¹⁾

Este tem sido um período terrível para mim, em quase todos os aspectos. A enorme restrição de minhas atividades profissionais, devida à epidemia, também me foi prejudicial. A única coisa de que me lembro sobre a semana passada é de ter escrito cinquenta e duas páginas impressas sobre a psicoterapia da histeria; dar-lhe-ei as provas tipográficas para que você as leia. Agora isso, raramente me senti tão abatido, quase melancólico; todos os meus interesses perderam o sentido. O desapontamento que se seguiu à crescente solidão, depois do longo período que passamos juntos, também deve ter contribuído para isso.

15 de março. Hoje chegou finalmente sua carta, indicando que você está bem outra vez. Mas, escute, as duas cartas de Chrobak são precisamente o que conhecemos por aqui como um acréscimo à *bonhomie* |simplicismo| chrobakiana: mesquinhez e inafiançabilidade. Isso confirma os rumores que andam circulando. Gersuny diz que Chrobak sempre adota as opiniões daqueles que o cercam. De fato, estou convencido de que sua resposta é digna e de que esse assunto estará resolvido em poucas semanas. Que espécie de minúcia exagerada autoriza |Chrobak| a dizer que as dores do parto *não* foram eliminadas por seu experimento?

Breuer é como o Rei Davi: quando alguém morre, ele se alegra. Antes, ficara intensamente magoado. Recentemente, depois de um polido bilhete meu, indicou que não queria que eu o tratasse com tais requintes de gentileza, não a ele. Em sua resposta, disse⁽²⁾ que sempre me era mais fácil fazer isso depois de você ter estado em Viena. Porque, nessas ocasiões, já me desabafei bastante e torno a ficar em forma.

Ontem, a Sra. K. tornou a me chamar por causa de dores parecidas com câibras no peito; em geral, tem sido por causa das dores de cabeça. No caso dela, inventei uma terapia estranha, de minha própria autoria: procuro áreas sensíveis, pressiono-as e, desse modo, provooco acessos de tremor que a aliviam. Anteriormente, essas áreas eram supra-orbitais e etmoidais; agora, são (quanto às câibras no peito) duas áreas na parede torácica esquerda, inteiramente idênticas às minhas. Quando pressiono um ponto de sua cavidade axilar, ela afirma senti-lo ao longo de todo o braço, até os dedos. Não sente essas dores espontaneamente, como acontece comigo. Casualmente, Breuer também apareceu e lhe disse que, *mesmo assim*, ela deve ir a Berlim.

Cirurgicamente, Eckstein logo estará bem, [mas] agora começam os efeitos nervosos do incidente: ataques histéricos à noite e sintomas similares, nos quais preciso começar a trabalhar. Já é tempo de você se perdoar por esse lapso mínimo, como o chamou Breuer.⁽³⁾

Como tenho passado? Numa palavra, como um cão — infamemente mal. Desde a noite de ontem, o mal-estar cedeu; sou novamente um ser humano com sentimentos humanos; pressinto novas idéias e mais alguns anos de vida. Faz muito tempo que as coisas não ficavam tão ruins. A supuração está agora bem insignificante; tudo começou com uma crosta, que foi expelida quando você ainda estava aqui.

Prevendo seus desejos, encomendei imediatamente uma dúzia de nossas fotografias e, portanto, posso facilmente mandar-lhe outras três, sem ter que entrar em contato com o fotógrafo. Afinal, o número de pessoas a quem se pode oferecer a foto conjunta não é muito grande.

Cientificamente, estou agindo agora como o terceiro Littrow⁽⁴⁾ no liceu. Estou fazendo uma pausa. Comuniquei muitas de minhas descobertas sobre a neurose à associação psiquiátrica e em conversas particulares e, por fim, aborreci-me com a pequena dose de compreensão; torno a retrair-me. Que sejam eles os sabichões. O debate sobre as idéias obsessivas ainda não ocorreu.⁽⁵⁾ Kraft está adoentado e não aparece em público.

20 de março. Os acontecimentos nesse ínterim interromperam esta carta. Hoje, posso continuar e concluir. Minha confissão sobre o quanto tenho estado indisposto também interferiu em meu envio da carta. Agora, posso informar-lhe que, desde anteontem, voltei repentinamente a passar *muito bem* — mais ou menos no nível em que me achava quando você esteve aqui. A supuração cessou há alguns dias.

A pobre Eckstein tem passado menos bem. Essa foi a segunda razão de meu adiamento. Dez dias depois da segunda operação, após uma evo-

lução normal, ela voltou subitamente a sentir dores e apresentar inchação de origem desconhecida. No dia seguinte, uma hemorragia; foi prontamente tamponada. Ao meio-dia, quando levantaram o tampão para examiná-la, nova hemorragia, de modo que ela quase morreu. Desde então, está outra vez de cama, firmemente tamponada e totalmente péssima. Gussenbauer⁽⁶⁾ e Gersuny crêem que o sangramento provenha de um grande vaso — mas, qual deles? — e, na sexta-feira, querem fazer uma incisão na parte externa, comprimindo ao mesmo tempo a artéria carotida, para ver se conseguem encontrar a fonte. Em meu pensamento, já perdi as esperanças na pobre moça e estou inconsolável por tê-lo envolvido e por ter criado uma situação tão mortificante para você. Também lamento muito por ela; já me havia afeiçoado muito à moça.

Com as mais cordiais saudações a você e Ida,

Seu,
Sigmund

(1) Schur (1972, p. 67) escreve: "O fato de que Fliess tinha o dom de impressionar amigos e pacientes com a profusão de seus conhecimentos biológicos, sua enorme imaginação e sua confiança inabalável em suas aptidões terapêuticas é algo que se pode concluir pela intensa fidelidade de seus pacientes, que se evidenciou na correspondência de Freud com ele. Até mesmo uma paciente que, como veremos, sofreu conseqüências perigosas, cm decorrência de um grave 'lapso' cometido por Fliess, permaneceu-lhe fiel pelo resto da vida." Numa nota de rodapé relativa a esse trecho, Schur escreveu "comunicação pessoal". Entretanto, não pude determinar-lhe a fonte.

(2) Sem dúvida, Freud quis dizer "Em minha resposta, disse-lhe..."

(3) Max Schur, num trabalho não-publicado, denominado "A Culpa do Sobrevivente" (cópia nos Arquivos Isakower, Biblioteca do Congresso), escreve o seguinte: "A correspondência desses meses, não publicada anteriormente, revelou as tentativas desesperadas de Freud de negar qualquer reconhecimento do fato de que Fliess teria sido condenado por imperícia médica em qualquer tribunal, em decorrência desse erro quase fatal."

(4) Referência não esclarecida.

(5) No *Wiener klinische Wochenschrift* n.º 27 (1895), p. 496, há um relatório sobre uma palestra de Freud intitulada "Über den Mechanismus der Zwangsvorstellungen und Phobien". Ao final do artigo há uma declaração de que "o debate foi adiado".

(6) Karl Gussenbauer (1842-1903), sucessor de Billroth. Ver Lesky (1978, pp. 447 ss.).

23 de março de 1895
IX., Berggasse 19

Caríssimo Wilhelm,

Não consegui decidir-me a remeter esta carta antes de poder dar-lhe notícias claras sobre E.. A operação foi adiada para sábado e acaba de terminar. Não foi nada e não se fez nada. Gussenbauer apalpou a cavi-

dade e declarou que tudo estava normal; ele supõe que o sangramento tenha provindo apenas do tecido de granulação; ela foi poupada de qualquer desfiguração. Eles vão continuar a tamponar |o nariz|; tentarei mantê-la sem morfina. Estou contente por nenhuma das expectativas negativas ter-se concretizado. Agora, espero logo voltar a receber notícias suas.

Cordiais saudações.

Seu,
Sigm.

Viena, 28 de março de 1895

Caríssimo Wilhelm,

Sei o que você quer ler primeiro: *ela* está passando toleravelmente bem; atenuação completa, sem febre e sem hemorragia. O tampão que foi inserido há seis dias ainda continua no lugar; esperamos estar a salvo de novas surpresas. Naturalmente, ela está iniciando uma nova produção de histerias decorrentes desse período passado, que são então dissolvidas por mim.

Preciso também aceitar o fato de que você ainda não está bem; espero que não seja por muito tempo. Acho que logo conseguirá sair disso e poderá então abordar, primeiramente, as dores do parto. Tive, por acaso, uma conversa recente com Chrobak a respeito delas. Minha impressão foi desfavorável. Gostaria de vê-lo dispensar todos os casos dele, dos quais, além do mais, você não precisa. O público interpretará mau |seu artigo sobre| as "dores do parto", |entendo-o| como "parto sem dor", o que seria pedir demais. Seria preciso distinguir entre as duas coisas, e assim por diante. Certifique-se de ficar bom, publicar quarenta casos e apresentá-lo com os quatro dele. Não sei se devo contagiar você: estou extremamente aborrecido.

Meu próprio estado não é particularmente ruim, mas deixa-me indisposto. O pulso muito irregular realmente parece impedir uma boa disposição; a insuficiência motora foi novamente intolerável por vários dias. Eu gostaria de aceitar sua proposta, mas, obviamente, o momento atual não é favorável a isso. Ademais, minha clínica também está especialmente pobre e, quanto a mim, no que diz respeito a meu estado de ânimo, estou basicamente imprestável.

2 de abril. Nestes últimos dias, senti-me, de fato, extremamente diferente. Escrever tem sido difícil — há momentos em que fico insuportável com as mais ínfimas insinuações de oscilações variáveis de humor. Agora voltei a ser o mesmo de antes e estou também com o coração revigorado, mas irrequieto e ansioso por desfrutar de um pouco da primavera. — Talvez não seja tão importante assim saber como estive e como estou.

Por outro lado, tenho pouco de sério a relatar-lhe. Da próxima vez, vou mandar-lhe um maço de anotações de uma análise que estou conduzindo agora, porque é muito louca. Mas não sei se será possível desfrutar dela sem meus comentários, e se não seria preferível deixar isso para uma hora em que estejamos juntos.

A psicologia tem-me atormentado muito. Löwenfeld desfechou o primeiro ataque contra a neurose de angústia no *Münchener medizinische Wochenschrift*; ⁽¹⁾ pedi-lhe uma cópia, para que possa retrucar (no Pasch-
kis). ⁽²⁾ Naturalmente, as objeções mais óbvias. De modo geral, sinto muita falta de você. Serei eu, realmente, a mesma pessoa que estava transbordando de idéias e projetos enquanto você estava ao alcance da mão? Quando me sento diante da escrivaninha à noite, muitas vezes não sei em que devo trabalhar.

Ela, Eckstein, tem passado bem; é uma moça muito agradável e honesta, que não culpa nenhum de nós pelo acontecido e se refere a você com grande respeito.

Continue bem, eu lhe imploro; dê-me notícias detalhadas sobre você e, pelo menos uma vez, não discuta comigo. Noutra ocasião, voltarei a inundá-lo de cartas e anexos. Você tem um temperamento estável, e eu, não.

Cordialmente,

Seu,
Sigm.

Recebi seu artigo com gratidão e orgulho.

(1) Leopold Löwenfeld, "Über die Verknüpfung neurasthenischer und hysterischer Symptome in Anfallsform nebst Bemerkungen über die Freudsche Angstneurose". Ao final do artigo, que foi uma crítica ao trabalho de Freud intitulado "Über die Berechtigung..." Löwenfeld teve o seguinte e curioso comentário: "É bem possível que a teoria freudiana seja mais ou menos justificada num grande número de casos de estados de angústia. Minhas próprias observações também depõem em favor do fato de que as anomalias da vida sexual são de grande significado na gênese das obsessões e das fobias. Vejo-me no dever de objetar tão-somente à alegação de Freud sobre a especificidade e uniformidade da etiologia sexual nos casos dos estados de angústia adquiridos" (p. 285).

A resposta de Freud, "Zur Kritik der 'Angstneurose'", foi publicada no *Wiener klinische Rundschau*.

(2) Ou seja, no jornal dele.

Viena, 11 de abril de 1895

Caríssimo Wilhelm,

Tempos sombrios, incrivelmente sombrios. Acima de tudo, esse caso Eckstein, que se encaminha rapidamente para um mau desfecho. Na vez passada, informei-lhe que Gussenbauer inspecionou a cavidade sob efeito

de anestesia, apalpour-a e declarou que estava satisfatória. Tínhamos grandes esperanças e a paciente ia se recuperando gradualmente. Oito dias depois,⁽¹⁾ começou a sangrar com o tampão colocado, o que não havia acontecido antes. Tornou a ser imediatamente tamponada; o sangramento foi mínimo. Dois dias depois, novo sangramento, outra vez com o tampão no lugar e, já então, hiper-abundante. Novo tampão, perplexidade renovada. Ontem, Rosanes quis reexaminar a cavidade; casualmente, uma nova hipótese sobre a fonte do sangramento durante a primeira operação (a sua) foi sugerida por Weil. Tão logo o tampão foi parcialmente removido, houve uma nova hemorragia, com risco de vida, que testemunhei. Não jorrou em jatos curtos, mas subiu como uma onda. Algo como um nível [de líquido] a elevar-se com rapidez extraordinária, transbordando por sobre tudo. Deve ter sido um vaso grande, mas qual e de onde? Claro, não se pôde ver nada, e foi um alívio ter o tampão recolocado. Acrescente a isso a dor, a morfina, a desmoralização provocada pelo visível desamparo da medicina e o toque de perigo, e você poderá ter uma imagem do estado em que se acha a pobre moça. Não sabemos o que fazer. Rosanes opõe-se ao ligamento da carótida que foi recomendado. O perigo de que ela venha a ter febre também ainda não está inteiramente afastado. Fico realmente muito abalado ao pensar que um desastre desses tenha decorrido de uma operação supostamente inócua.

Não sei se devo atribuir a esse assunto deprimente a responsabilidade exclusiva pelo fato de meu estado cardíaco permanecer tão abaixo do nível desejado, nesse ano de doenças. Após uma interrupção de vários meses, recomencei a tomar estrofantina⁽²⁾ para ficar com o pulso menos degradante, o que, até o momento, não se concretizou. O estado de ânimo e as forças estão muito *à bas* [abatidos]. Estou planejando passar a Páscoa com Rie no Semmering; lá, talvez consiga recolher os pedaços novamente.

Meu trabalho científico vai prosseguindo, mais ou menos; ou seja, nada de novo, nenhuma idéia e nenhuma observação. No que concerne a minhas pesquisas psicológicas, esfalfei-me até os ossos e agora vou dar o assunto por encerrado. Apenas o livro que estou escrevendo com Breuer continua a progredir; estará pronto dentro de cerca de três semanas. A única coisa nova, a análise do Sr. F., que transpira no teatro, é inteiramente incompreensível, a menos que eu a elucide. Espero ter ainda uma oportunidade de lê-la para você pessoalmente.

Até aqui, nada se disse sobre você. Deduzo que tenha recomeçado a sentir-se bem. Fique assim por muito tempo, agora! Sua cabeça está boa, afinal. Isso foi conseguido; será que posso acreditar mesmo?

Com as mais cordiais saudações a você e sua prezada esposa,

Seu,
Sigm.

(1) O sentido não é claro: também poderia ser "oito dias atrás". Da mesma forma, duas frases adiante, o sentido poderia ser "há dois dias".

(2) Medicamento semelhante à digitalina.

Viena, 20 de abril de 1895

Caríssimo Wilhelm,

A excursão da Páscoa e um dia passado em Abbazia retardaram minha resposta a sua carta. Hoje lhe mandarei a segunda metade das provas tipográficas de nosso livro; não se deixe perturbar pelos erros de impressão. Agrada-me poder escrever-lhe, ao menos uma vez, sobre algo diferente de nossos estados de saúde maçantes. De fato, felizmente, sua saúde não está mais em pauta. Somos muito mal-agraçados; como pudemos ser tão modestos quanto à operação e todos os riscos concomitantes? Agora, mal se pronuncia uma palavra sobre o fato de ela ter tido êxito e de você estar novamente em condições de trabalhar. Deixe-me expressar bem alto meu prazer a esse respeito e aguardar um relatório sobre suas descobertas científicas.

É claro que informei Rosanes, imediatamente, sobre suas recomendações a respeito de E.. Vistas de perto, muitas coisas parecem diferentes — por exemplo, as hemorragias. Posso afirmar que, no caso delas, não havia possibilidade alguma de aguardar o momento oportuno. Havia um sangramento como que proveniente da artéria carótida; em meio minuto, ela se teria novamente esvaído em sangue até a morte. Agora, no entanto, está passando melhor; o tampão foi retirado, delicada e gradativamente; não houve desastres; ela está livre das obstruções.

O autor desta carta ainda está muito abatido, mas também ofendido por você considerar necessário ter um atestado de Gersuny comprovando sua reabilitação. Para mim, você continua a ser o médico, o tipo de homem em cujas mãos se deposita confiantemente a própria vida e a vida da própria família — ainda que Gersuny tivesse a mesma opinião que *Weil*⁽¹⁾ a respeito de suas habilidades. Eu quis desafogar minhas mágoas e, quem sabe, obter sua orientação a respeito de E., e não recriminá-lo por coisa alguma. Isso teria sido estúpido, injustificado e claramente contraditório a todos os meus sentimentos.

No tocante a minha própria enfermidade, gostaria que você continuasse a ter razão — que o nariz tivesse nela uma parcela grande, e o coração, uma parcela pequena. Somente um juiz muito rigoroso levaria a mal o fato de, em vista do pulso e da insuficiência, eu acreditar frequentemente no oposto. Não posso aceitar sua proposta de ir a Berlim *agora*. Minhas condições são de tal ordem que não posso permitir-me gastar 1.000 a 1.500 florins, ou mesmo apenas metade dessa quantia, com minha própria saúde, e não estou com o moral suficientemente baixo para aceitar sua sugestão de poupar-me o prejuízo. Além disso, não acho que tenha que

fazê-lo. Se o problema principal é um empiema, o aspecto do perigo fica eliminado e a continuação dos sintomas por alguns meses não irá matar-me. Mas, se o problema essencial é uma doença cardíaca, tudo o que você pode fazer é aliviar meus sintomas e, nesse caso, eu estaria enfrentando o perigo sem ter conhecimento dele, o que não me agrada.

Hoje posso escrever porque estou mais esperançoso; arranquei-me de um ataque terrível com uma aplicação de cocaína. Não posso garantir que não vá [a Berlim] por um ou dois dias, para uma cauterização ou galvanização, mas, no momento, isso também não é possível. O que mais me agradaria seria você concordar em não querer saber mais nada sobre o tema do coração!

Fico satisfeito em estar agora autorizado a receber notícias suas novamente, e sobre muitas coisas, e saúdo cordialmente a você e sua diletta esposa.

Seu,
Sigm.

(1) Ver carta de 18 de outubro de 1893. Moritz Weil (que trabalhava no Ambulatório Mariahilfer, em Viena) escreveu um artigo no *Wiener medizinische Wochenschrift* n.º 47 (1897), pp. 706-710, 761-765, 814-819, 903-913 e 965-968, intitulado "Zur Pathologie und Therapie der Eiterungen der Nasennebenhöhlen". Nele, o autor menciona ter recebido um paciente que lhe foi encaminhado por Freud. O artigo termina dizendo: "Para concluir, permitam-me fazer referência a um comentário feito em 1872 pelo grande cirurgião Langenbeck, que eu também poderia ter transformado no lema deste artigo: chegamos à compreensão de que é menos importante descobrir novas operações e novos métodos cirúrgicos do que buscar meios e métodos de evitar as operações" (tradução minha, grifo no original).

26 de abril de 1895
IX., Berggasse 19

Querido mago,

Você me parece zangado quando se envolve tão persistentemente num manto de silêncio. Terá razão, se estiver zangado comigo por eu não ter mandado as provas tipográficas que anunciei, distração esta que me é incompreensível; e estará errado, se for por causa de minha recusa quanto a ir a Berlim. De fato, irei tão logo me seja *decently*⁽¹⁾ [convenientemente] possível, em agosto, como seu último paciente. Aconteceu-me uma coisa estranha, mas não desagradável. Pus um fim perceptível ao último ataque horrórico usando cocaína; desde então, tudo tem corrido esplendidamente e uma grande quantidade de pus vem sendo expelida. Evidentemente, ainda tenho um empiema no osso esfenoidal do lado esquerdo.

o que, naturalmente, me deixa muito feliz. Também ela [Emma E.], minha e sua torturadora, parece agora estar passando bem.

Minhas mais cordiais saudações,

Seu,
Sigm.

(1) Em inglês, no original.

Viena, 27 de abril de 1895

Caríssimo Wilhelm,

Hoje chegou a carta que eu esperava de você, que me deixou muito feliz. Nela, finalmente, é possível reencontrar a saúde, o trabalho e o progresso. Estou muito curioso, é claro, em saber de todas as novidades. Espero que você esteja colocando em primeiro lugar a *inertia uteri* [deficiência uterina],⁽¹⁾ quando mais não seja, pelo bem da humanidade parva. Muito obrigado por seus comentários sobre a angústia.⁽²⁾ A história bíblica é notável; tenho que procurá-la e indagar a um estudioso do hebraico sobre o sentido da palavra. Ou será que você é também um estudioso desde os tempos de juventude?

No mais, a distância e a redação de cartas são um grande infortúnio sobre o qual nada se pode fazer. Especialmente, pelo menos, quando se escreve tanto quanto eu e, vez por outra, fica-se familiarizado com o *horror calami*.⁽³⁾ Meu próprio estado ensinou-me isso mais uma vez. Desde a última cocainização, três circunstâncias continuaram a coincidir: (1) estou passando bem; (2) tenho expelido enormes quantidades de pus; (3) estou-me sentindo *muito* bem. Assim, nada tem mais a ver com a insuficiência cardíaca, exceto a influência pela nicotina. Sabe, passei por um mau bocado, mas, apesar disso, ainda não posso afastar-me agora, muito menos já que o diagnóstico é inócuo, e não grave. Mas irei e deixarei que você me ajude.

Cientificamente, estou num mau caminho, a saber, preso na "Psicologia para Neurologistas", que me consome sistematicamente por completo, até que, verdadeiramente esgotado, sou forçado a interromper. Nunca experimentei um grau tão elevado de preocupação. E dará algum resultado? Espero que sim, mas é difícil, e a trajetória é lenta.

Os casos de neurose são agora muito raros; minha clínica vai-se tornando mais intensa, mas tem diminuído de alcance. Miudezas diversas. Vou mandar-lhe, para Mendel, algumas páginas sobre um distúrbio sensorial descrito por Bernhardt, do qual eu próprio sofro.⁽⁴⁾ Uma bobajada, é claro, só para manter as pessoas ocupadas. Löwenfeld atacou-me numa das edições de março do *Münchener medizinische Wochenschrift*;⁽⁵⁾ responderei em algumas páginas no *Paschkis*; e por aí vai.

Também terei que começar com as paralisias infantis para Nothnagel, mas meu interesse está fixado em outro lugar.

My heart is in the coffin here with Caesar.⁽⁶⁾

Lembro-me de ter visto a Sra. A. uma vez. É claro que conheço muito bem a família dela; do ponto de vista do diagnóstico diferencial, é muito interessante.

G. R. tem sofrido de dores de cabeça muito intensas — é uma pena que você não esteja aqui. Eckstein tem sentido dores *novamente*; será que vai perder sangue em seguida? Desde o exame, A. tem passado tão bem que não espero que venha a empreender a viagem; ela está liberando pus livremente.

É esse o *status praesens*(*T*) das questões científicas e pessoais.

Minhas cordiais saudações, e transfira boa parte delas a sua diletta esposa.

Seu,
Sigm.

(1) *Die Wehenschwäche steht Dir wohl auch voran.* A referência (possivelmente ao artigo de Fliess, "Magenschmerz und Dysmenorrhöe") e o sentido são obscuros.

(2) Michael Schröter assinalou que, em *Die Beziehungen zwischen Nase und weiblichen Geschlechtsorganen*, Fliess vincula a vergonha à angústia, com base numa passagem bíblica.

(3) *Calamus* significa "instrumento de escrita, pena"; logo, *horror calami* é o horror a escrever.

(4) "Über die Bernhardt'sche Sensibilitätsstörungen am Oberschenkel", texto em que o principal caso clínico é autobiográfico. Freud menciona também um paciente que "atribui a culpa por seu sofrimento à grave perturbação emocional resultante da doença de seu filho". Uma observação interessante para um paciente de neurologia!

(5) Em inglês, no original. Ver nota 1 da carta de 28 de março de 1895.

(6) Meu coração jaz aqui no esquife com César.
De *Júlio César*, de Shakespeare, Ato 3, cena 2.

(*T*) Estado atual. (N. da T.)

Viena, 25 de maio de 1895

Caríssimo Wilhelm,

Sua carta deu-me grande prazer e me fez lamentar novamente o que sinto ser a grande lacuna de minha vida — não poder chegar até você de nenhum outro modo. Em primeiro lugar, devo-lhe uma explicação sobre porque não me corripondi com sua amada Ida desde nosso encontro. Você não adivinhou exatamente. Poderia ter presumido, com acerto, que eu teria gritado se houvesse algo errado comigo. Tenho passado muito bem — parte Ia, parte I — e tenho algumas idéias tolas sobre as ligações, que indicarei a você (mais adiante na carta). Tenho tido uma

quantidade desumana de coisas por fazer e, após períodos de dez a onze horas de trabalho com as neuroses, fico regularmente impossibilitado de tomar a pena para escrever-lhe um pouco, embora, na verdade, muito tivesse a dizer. A principal razão, porém, é esta: um homem como eu não pode viver sem um cavalo de batalha, sem uma paixão devoradora, sem — nas palavras de Schiller — um tirano. Encontrei um. A serviço dele, não conheço limites. Trata-se da psicologia, que foi sempre minha meta distante a acenar-me, e que agora, desde que deparei com o problema das neuroses, aproximou-se muito mais. Estou atormentado por dois objetivos: examinar que forma irá assumir a teoria do funcionamento mental, se introduzirmos considerações quantitativas, uma espécie de economia das forças nervosas, e, em segundo lugar, extrair da psicopatologia um lucro para a psicologia normal. Na verdade, é impossível ter uma concepção geral satisfatória dos distúrbios neuropsicóticos se não se puder vinculá-la com pressupostos claros sobre os processos mentais normais. Nestas últimas semanas, tenho dedicado cada minuto livre a esse trabalho; tenho gasto as horas noturnas, das onze às duas, com fantasias, interpretações e palpites e, invariavelmente, só me detenho quando, em algum momento, esbarro num absurdo ou sinto-me real e seriamente esgotado pelo trabalho, de modo que nenhum interesse me resta por minhas atividades médicas diárias. Ainda se passará muito tempo antes que você possa me perguntar sobre os resultados. Minhas leituras também têm corrido no mesmo sentido. Um livro de W. Jerusalem, *Die Urteilsfunktion* [A Função do julgamento], trouxe-me um grande avanço; nele, descobri duas de minhas idéias principais: que julgar consiste numa transferência para a esfera motora e que a percepção interna não pode ter a pretensão de ser uma “prova”.

Extraio um imenso prazer do trabalho com as neuroses em minha clínica. Quase tudo se confirma cotidianamente, acrescentam-se coisas novas e me faz bem a certeza de que tenho nas mãos o cerne da questão. Tenho uma série inteira de coisas das mais peculiares, que poderia contar-lhe, mas isso não pode ser feito por carta e, nesses dias apressados, minhas anotações são por demais fragmentadas para fazer qualquer sentido para você. Espero levar o suficiente comigo para Berlim, para que possa diverti-lo e reter seu interesse durante todo o período em que for seu paciente.

Tive vontade de gritar ao receber suas notícias. Se você solucionou realmente o problema da concepção, é só decidir de imediato que tipo de mármore tem mais probabilidade de receber sua aprovação. Para mim, você está com alguns meses de atraso, mas talvez isso possa ser usado no ano que vem. De qualquer modo, estou ardendo de curiosidade de ouvir algo a respeito. Parece-me haver uma necessidade urgente de fazer uma comunicação sobre a história das dores do parto. Você já tem vinte e cinco casos? Deixe Chrobak ficar um pouco aborrecido — ou muito, se ele preferir.

Breuer, em contrapartida, está irreconhecível. Não se pode deixar de gostar dele novamente, sem nenhuma reserva. Ele aceitou toda a sua [teoria do] nariz e está promovendo uma enorme reputação para você em Viena, do mesmo modo que se converteu integralmente a minha teoria da sexualidade. Está mesmo um sujeito inteiramente diferente daquele com que estávamos acostumados.

E agora, quanto a minhas idéias sobre o nariz. Expeli quantidades extraordinariamente abundantes de pus e senti-me esplêndido o tempo todo; agora, a secreção praticamente secou e continuo a passar muito bem. Proponho-lhe o seguinte: não são nem a congestão, nem o fluxo de pus que determinam os sintomas distantes. O fluxo de pus não faz coisa alguma; a congestão pelo pus, o edema infeccioso e assim por diante respondem pelos sintomas locais e pelas dores de cabeça, mas não pelos sintomas distantes. As dores de cabeça são, essencialmente, sintomas locais anesteticamente transpostos,⁽¹⁾ provavelmente de acordo com regras lógicas específicas (e segundo a lei da projeção excêntrica). Quanto aos sintomas distantes, eu responsabilizaria apenas um estado especial de excitação nas terminações nervosas (como podemos supor, por exemplo, no caso das escaras), que, em caso extremo, corresponderia a alterações crônicas do tecido ou a uma retração atrófica, poderia estar associado a um estado de ressecamento epitelial e coisas semelhantes. Esse estado do tecido, que se desenvolve depois do fluxo purulento, do edema infeccioso, etc., é, creio eu, a causa dos efeitos distantes, e evolui, através de uma acomodação por parte dos órgãos envolvidos, para esses efeitos distantes nos diversos órgãos. A pressão intensa e o esforço, provenientes do contato de dois segmentos de membrana mucosa, por outro lado, produzem neuralgia e dor. Por conseguinte, três estados diferentes do tecido nasal teriam que ser responsabilizados por três grupos de sintomas: pressão, esforço; dor, neuralgia, distúrbios circulatórios; dor de cabeça; irritação nervosa crônica (retraimento do tecido); efeitos distantes. Não preciso defender nada aqui, pois você pode julgar melhor do que eu todos os pontos fracos, bem como os possíveis méritos dessa concepção. Quero apenas colocar isso ao lado das tendências localizacionais. A discussão dessas assertivas possivelmente resultaria numa classificação.

Seu bem-estar, agora alcançado, é a pré-condição de tudo o que virá depois. Na segunda-feira, estaremos de mudança para Himmel.⁽²⁾

Emma E. está finalmente passando muito bem e consegui, mais uma vez, aliviar-lhe a fraqueza no andar, que também se havia reinstalado.

Com as mais cordiais saudações a você e sua querida esposa, e com o pedido de que não interprete essas três últimas semanas como um precedente,

Seu,
Sigm.

(1) Como nas parestesias, por exemplo.

(2) Himmel (literalmente, paraíso) era uma rua nos arredores de Viena onde ficava situada Bellevue, a vila mencionada na carta de Freud de 17 de junho de 1895, e de onde ele escreveu posteriormente a Fliess em 1895. (Bellevue era também um sanatório na Suíça ao qual se fazem alusões em algumas das cartas posteriores.)

Viena, 12 de junho de 1895

Meu querido Wilhelm,

Sua generosidade é uma das razões por que o amo. A princípio, pareceu-me que você havia interrompido o contato comigo por causa de minhas observações sobre o mecanismo dos sintomas distantes do nariz, e não considere isso improvável. Agora, você me surpreende com uma discussão que leva aquelas fantasias a sério!

Como recompensa, quero chamar-lhe a atenção para algo mais tangível. Examinei e tratei aqui de uma certa Sra. R., que tem um espasmo facial unilateral e em cujo caso, com a ajuda do simploríssimo Dr. Hajek,⁽¹⁾ quase consegui demonstrar que o tique pode ser provocado e eliminado num único ponto da mucosa nasal, a saber, a entrada do antro de Highmore. Você certamente teria curado a mulher. Talvez eu tenha êxito em encaminhar-lhe essa paciente inteligente e agradável. O marido dela o conhece através do pianista Rosenthal.⁽²⁾ Provavelmente, você deve estar bem lembrado de sua própria conjectura de que os pontos de entrada dos seios nasais acessórios têm uma eminência especial. A mulher apresenta um histórico de dores de cabeça muito intensas, que *cederam*, e sempre sofreu dos mais agudos sintomas menstruais. A mãe tem um tique facial difuso, que eu atribuiria de bom grado a uma irritação resultante de crescimento adenoidal.

Por outro lado, não tenho conseguido êxito em minhas tentativas de encaminhar pessoas a você em Berlim. A., que eu certamente teria convencido a ir, está tão livre das dores de cabeça que não existe motivo para tal. A propósito, ela me confessou que suas dores de cabeça eram *neurastênicas*. Sou realmente uma espécie de Midas, só que não um Midas do ouro.

Você tem razão em presumir que estou transbordando de idéias novas, inclusive teóricas. Minhas teorias sobre a defesa fizeram um importante progresso, do qual lhe farei um relato num trabalho curto, da próxima vez. Até a construção psicológica se porta como se fosse integrar-se, o que me daria imenso prazer. Naturalmente, ainda não sei dizer ao certo. Fazer um relatório sobre ela agora seria como mandar a um baile um feto feminino de seis meses.

Não sofreremos de falta de assuntos para conversar. "Suas batalhas", como no *Don Carlos*, "e seu Deus",⁽³⁾ e assim por diante. E agora, quanto às questões práticas: quando devo ir? Você precisa, antes de mais nada,

abreviar minha estada; em segundo lugar, tratar-me com clemência no que concerne à saúde anatômica e esforçar-se apenas por restabelecer a saúde funcional, na medida em que consiga separá-las. Terceiro, *não quero* usurpar suas férias de verão. Talvez eu deva ir depois delas, em setembro; escreva-me logo a esse respeito, pois há outras considerações. Tenho-me sentido I a IIa. Preciso de muita cocaína. Além disso, recomecei a fumar moderadamente nessas últimas duas ou três semanas, desde que a convicção nasal se tornou óbvia para mim.⁽⁴⁾ Não observei nenhum prejuízo subsequente. Se você voltar a proibir o fumo, terei de abandoná-lo outra vez. Mas pense bem se deve fazê-lo, caso se trate apenas de uma intolerância, e não da etiologia.

Recomecei com *isso*⁽⁵⁾ porque me fazia falta constantemente (após quatorze meses de abstinência) e porque preciso tratar bem deste sujeito psíquico,⁽⁶⁾ ou então ele não trabalhará para mim. Exijo muito dele. A tortura, na maior parte do tempo, é sobre-humana.

Cordiais saudações de todos nós, que vamos indo muito bem, a você e sua querida esposa.

Seu,
Sigm.

(1) Marcus Hajek foi o primeiro catedrático de medicina judeu da Universidade de Viena. Ver também nota 2 da carta de 10 de julho de 1893.

(2) Allan Keiler informou-me tratar-se de Moriz Rosenthal, o último discípulo vivo de Franz Liszt, que morava em Viena na época.

(3) Friedrich Schiller, *Don Carlos*, Ato 2, cena 13.

(4) Freud quer dizer que se convenceu da origem nasal de seus sintomas cardíacos.

(5) Evidentemente, *isso* refere-se ao fumo.

(6) Freud usa a expressão *psychischen Kerl*.

17 de junho de 1895
IX., Berggasse 19

Meu caro,

Resmungo e volto a ficar dolorosamente privado, mas nada me resta senão obedecer-lhe. Tenho porém esperança de que, após uma reconsideração criteriosa, você me tornará a permitir. Quanto a fixar uma data, leve também em conta meu desejo. Portanto, gostaria que você não adiasse suas férias e preferiria ir depois delas.

Sinto-me tão bem que não precisa haver pressa alguma. Meu coração está todo na psicologia. Se lograr êxito nisso, ficarei satisfeito com todas as outras coisas. No entretanto, ser-me-á difícil ter que guardá-la só para mim.

Minha família vai indo esplendidamente em Bellevue e todos estão muito bem.

Com as mais cordiais saudações a você e sua diletta esposa,
 Seu,
 Sigm.

22 de junho de 1895

Salve, querido Wilhelm!

Possa sua esposa amada, boa e forte, em quem até hoje convergiram sempre a esperança e a realização, ser bafejada pela sorte também enquanto mãe. Martha ficou tão radiante como raras vezes a vi. Rogo-lhe humildemente que meu nome seja incluído como tio pobre.

Pois bem, irei logo no início de setembro. Como é que me arranjarei sem você, depois disso, não sei. Tenho tido problemas suficientes com o fumo. Naturalmente, ainda espero ter muitas notícias suas antes dessa época. É certo que a curiosidade feminina também ainda não foi satisfeita. Nós estamos preparados para dezembro/janeiro. Nessa ocasião, prestarei minhas homenagens adequadas a sua descoberta. Você seria o mais forte dos homens, tendo nas mãos as rédeas da sexualidade, que rege a humanidade inteira: poderia fazer qualquer coisa e impedir qualquer coisa. Por isso, não creio na segunda boa nova;^(T) na primeira, certamente acredito — é decerto mais fácil.

Cordiais saudações e boa sorte.

Seu,
 Sigm.

(T) As descobertas anticoncepcionais de Fliess, segundo Schur. (N. da T.)

13 de julho de 1895

Meu caro,

Não compreendo por que você se deixa atormentar pelo caso R.. O menino é normal nos outros aspectos. Tem um tutor muito compreensivo; deve ficar com ele o máximo possível, e com a família, o mínimo possível.

No mais, é uma pena que, no que tange a minha pessoa, você tenha que confiar nas comunicações ornitológicas de Breuer.⁽¹⁾ Objetivamente, sinto-me muito bem no que diz respeito à cabeça; quanto ao nariz e ao coração, apenas moderadamente bem. Certamente irei em agosto/setembro, tão logo você dê o sinal. Estou ávido de todas as suas *novis*; quanto a mim, chegarei carregado de rudimentos e embriões em germinação. Minha mulher e filhos vão muito bem. Sua notícia [sobre a gravidez de Ida] representa para nós o encanto maior do futuro imediato. Nada de

dores de cabeça de sua parte em setembro; estarei exigindo muito de você.

Ai de você se não escrever logo!

Saudações cordiais a você e a toda a pequenina família.

Seu,

Sigm.

(1) Referência a uma carta de Breuer a Fliess. O trecho em questão (Kris, *Origins*, p. 13, n. 1) diz: "O intelecto de Freud vai alcançando imensas alturas; arrastando-me atrás dele com esforço, qual uma galinha a seguir um falcão." Ver também Jones (*Life* 1:242).

24 de julho de 1895

IX., Berggasse 19

Daimonie |Demônio|, por que não me escreve? Como vai você? Será que não se importa mais nem um pouco com o que tenho feito? Como vão as coisas com o nariz, a menstruação, as dores do parto, as neuroses, sua querida esposa e o pequenino rebento em flor? Certo, estou doente este ano e preciso procurá-lo; mas o que acontecerá se, por acaso, permaneceremos ambos sadios por um ano inteiro? Será que somos amigos somente no infortúnio? Ou desejaremos também compartilhar um com o outro as experiências dos períodos de tranquilidade?

Onde você pretende passar o mês de agosto? Temos vivido muito contentes no Paraíso |em Himmell|. (1)

Minhas mais cordiais saudações.

Seu,

Sigm.

(1) Ver nota 2 da carta de 25 de maio de 1895. As cartas continuam a indicar o endereço de Berggasse, possivelmente por ter Freud levado seu papel timbrado com o endereço de casa para a residência de verão.

6 de agosto de 1895

IX., Berggasse 19

Caríssimo,

Quero informá-lo de que, após um prolongado esforço mental, creio haver penetrado na compreensão da defesa patológica e, com isso, na de muitos processos psicológicos importantes. Clinicamente, tudo já se havia encaixado há muito tempo, mas só com muito trabalho foi possível chegar às teorias psicológicas de que eu precisava. Espero que não se trate de "ouro dos sonhos".

Ela não está nem perto de ficar pronta, mas ao menos posso falar a respeito e, no tocante a muitos aspectos, valer-me de sua formação científica superior. Ela é ousada, mas bela, como você verá. Antevejo com grande expectativa o momento de falar-lhe do assunto — isto, é claro, se seu tratamento me deixar forças suficientes. *Frau* Ida há de certificar-se de me deter quando eu o tiver torturado em demasia.

Com as mais cordiais saudações para toda a pequenina família.

Seu,
Sigm.

Bellevue, 16 de agosto de 1895

Caríssimo Wilhelm,

Estive em Reichenau vários dias, depois, indeciso outros tantos, mas hoje posso dar-lhe um relatório definitivo.

Entre os dias 22 e 24 viajarei para Veneza com meu irmão menor e, por conseguinte, lamento não poder estar simultaneamente em Oberhof, pois, a despeito de Breuer, não sou um pássaro.⁽¹⁾ Meu motivo para chegar a essa decisão, já que tinha que tomar *alguma*, foi meu interesse pelo rapaz, que comigo carrega a responsabilidade por duas pessoas idosas e por muitas mulheres e crianças. Ele é um neurastênico muito atormentado, que escapa demais a minha influência, e fizemos um acordo mediante o qual ele retribuirá minha companhia em Veneza acompanhando-me na ida a Berlim. É-me quase mais importante que você tome conta *dele* do que de *mim*. Além disso, assim gozarei da vantagem de não ficar só em Berlim quando você estiver retomando seu caminho para o trabalho árduo. Poderemos dividir nossos aposentos e morar e passear juntos, tanto quanto o permitam nossos narizes. Estou muito ansioso por trazê-lo [o irmão] para mais perto de mim enquanto investigamos ativamente a possibilidade de achar um marido para a única de nossas irmãs que ainda não foi suprida (não a Rosa, a quem você conhece). Portanto, estarei com você nos primeiros dias de setembro, e lembre-se de que, apesar de todas as suas atividades, você participará integralmente desse congresso privado.

Tive uma estranha experiência com a $\Phi\psi\omega$. Pouco depois de haver soado o alarme com meu comunicado que ensejou congratulações, e depois de haver escalado um dos primeiros picos, vi-me confrontado com novas dificuldades, mas sem que me restasse fôlego suficiente para novos trabalhos. Assim, recompondo-me rapidamente, deixei toda a coisa de lado e venho-me convencendo de que não estou nem um pouco interessado nela. É-me bastante incômodo pensar que preciso falar com você a esse respeito. Se eu o encontrasse todos os meses, certamente não o faria em

setembro. Pois muito bem, que seja, uma vez que você o exigirá, mas essa é mais uma razão para que me deixe contar-lhe como vão as coisas. Não pretendo, no entanto, ser reticente sobre minhas novidades neuróticas.

Minha tropa tem passado muito bem aqui, em circunstâncias bastante favoráveis. Minha mulher, é claro, está um tanto imobilizada, mas, à parte isso, bem disposta. Recentemente, meu filho Oliver demonstrou habilmente sua característica de concentrar-se no futuro imediato. Uma tia entusiasmada perguntou-lhe: "Oli, o que você quer ser?" E ele respondeu: "Um menino de cinco anos, tia, em fevereiro." Também em diversos outros aspectos as crianças são muito divertidas, em seus diferentes estilos.

A psicologia é mesmo uma cruz. Jogar boliche ou catar cogumelos, pelo menos, são passatempos muito mais saudáveis. Tudo o que eu estava tentando fazer era explicar a defesa, mas experimente só tentar explicar algo que vem bem do âmago da natureza! Tive que abrir caminho palmo a palmo através do problema da qualidade, do sono e da memória — em suma, a psicologia inteira. Agora, não quero mais ouvir falar nisso.

A sopa está servida, do contrário eu prosseguiria com minhas lamúrias.

Espero que vocês todos estejam passando *muito* bem na Turíngia, que já não conhecerei. Afinal, ao menos por uma vez, é preciso dar a vocês dois o direito de estarem a sós, sem trabalho nem doença. E, de qualquer modo, isso não tem acontecido com muita frequência. Foi assim que expliquei a mim mesmo, finalmente, que desistir de Oberhof seria mais uma prova de minha amizade por vocês dois.

Minhas mais cordiais saudações a você, esposa e filho, e todas as esperanças do seu.

Sigm.

(1) Ver nota 1 da carta de 13 de julho de 1895.

Quinta-feira, 28⁽¹⁾ de agosto de 1895
Casa Kirsch, Riva degli schiavoni

Carissimo Guglielmo,

A ridícula magia desta cidadezinha impediu-me de lhe escrever até o momento. Não há nada a dizer a respeito. Hoje está desumanamente quente, mas a luz quase compensa o calor. Alexander dorme à tarde, de modo que posso escrever. Estamos planejando sair daqui no dia 1.º de setembro e partir de Viena na noite de 3 de setembro. Para Berlim, que antevejo com tremenda expectativa, tenho apenas um pedido. Desista de ter-nos a ambos como hóspedes e ajude-nos a encontrar acomodações.

Faço isso apenas pelo bem dele; ele é tímido e sensível, e não quer aceitar de você nada que não tenha realmente que aceitar, já que não o conhece. De outra forma, não conseguirei convencê-lo a ir comigo, e ele me é caro e estou preocupado com ele. Contudo, não quero ser privado nem do amigo, nem do irmão. Você poderá trabalhar e eu ficarei à espera, pronto para tirar-lhe cada hora de folga. Ele também se opõe vivamente a ser seu hóspede, neste exato momento, por causa de sua prezada Ida. Não consigo ver nada de errado nisso. Afinal, ele realmente frequenta círculos diferentes de pessoas e idéias, mas você logo verá quão capaz e nobre ele é.

Assim, isso impõe uma primeira restrição a nosso idílio, se bem que uma restrição que espero venha revelar-se uma "*blessing in disguise*".⁽²⁾ Espero encontrá-lo tão bem quanto eu, e espero ir a sua casa e estar com você tantas vezes que não me sentirei privado. Como me alegra recordar a grave preocupação que dominou minha última visita a Berlim!

Amanhã, uma coisinha feita de cristal veneziano será despachada para nossa cara anfitriã; peço desculpas pelo que é e não aceitarei expressões de agradecimento. Há nela alguma coisa que, dados o meu gosto pouco apurado e minha incapacidade de suportar toda essa beleza veneziana, impeliu-me a possuí-la; depois, esforcei-me por duplicar meu prazer através do endereço para o qual a estou enviando.

Cordialmente,

Seu,
Sigm.

(1) A data foi antes erroneamente indicada como 29 de agosto.

(2) Uma benção na desgraça. Em inglês, no original.

Bellevue, 15 de setembro de 1895⁽¹⁾

Queridos amigos e anfitriões,

A despedida fica mais fácil quando se encontram logo a seguir, situações diferentes que dêem o que fazer. Assim, foi muita sorte eu ter que aprender a andar pela Córsega e ter que tomar cuidado para não confundir os pelascos com os foccus,⁽²⁾ e me esforçar por ter em mente os traços individuais do heroísmo um tanto monótono dos cavaleiros corsos, em todas as suas numerosas encarnações. Claro, houve um número suficiente de obstáculos a essa atividade mental; as associações colaterais desviavam constantemente minha atenção. Quanto aos foccus, por exemplo, fui tomado por uma inclinação irresistível, que até agora ainda não foi suficientemente explicada, a pensar neles como "focas".⁽³⁾ Um sintoma nasal, provavelmente. Nesse meio tempo, os arredores cobravam-me o que lhes era devido. Quanto ao caçador inexperiente,

todos fizemos uma previsão desatenta; ele continuou sendo um fiel companheiro de cela até Oberhollabrunn e divulgou toda sorte de coisas sobre seu “velho”, o Duque Günther von Schleswig-Holsten, a quem acompanhou até a Áustria numa caçada. Posteriormente, vi o “velho”: um garoto desagradável muito alto e recurvado, com uma barba amarela rala. A figura mais interessante do grupo, no entanto, foi o passageiro que embarcou em terceiro lugar. Ele teria conseguido modificar até mesmo a opinião de um Nothnagel no tocante à grosseria dos judeus. Antes de mais nada, deu mostras de seu estado cultural e nível de educação primitivos ao decretar que havia uma corrente de ar e expressar o desejo de fechar as duas janelas. Meus protestos mal conseguiram manter aberto o terço superior da janela do meu lado. Mesmo assim, ele deve ter gostado do meu lugar, pois subitamente sentou-se ali, até que, aproveitando uma oportunidade favorável, reocupi-o sem uma palavra de explicação. Mais tarde, quando apanhei um de meus embrulhos e expus meu estoque de alimentos, que decerto era suficiente para despertar inveja, ele exclamou em tom lamurioso — sem que tivéssemos sido apresentados um ao outro — “Claro, é muito fácil, quando a gente está vindo de casa! Aí a gente pode carregar o que bem quiser!” Só fiz voltar-lhe um olhar desdenhoso, mas não fiquei indiferente à homenagem a minha anfitriã que o erro dele implicou. De fato, o suprimento era suficiente para duas refeições, jantar e café da manhã, e, ainda por cima, eu havia deixado para trás uma boa quantidade de sobras na estação ferroviária.

Pouco antes de Teschen,⁽⁴⁾ abri minha maleta à procura de papel, pois estava escuro demais para ler, era cedo demais para dormir e eu estava considerando a idéia de escrever, da melhor maneira possível, o primeiro rascunho da psicologia. Enquanto remexia em minha maleta — o que atraiu a mais vívida atenção do Sr. Vizinho —, apanhei algo pouco familiar e duro: um livro, que eu não me apercebera de ter; e, continuando a tatear, tive uma premonição de outras descobertas. Surgiu-me então a apreensão de que eu não poderia dizer ao funcionário da alfândega, em sã consciência, “Tudo isso me pertence”, e foi preciso algum tempo para que eu conseguisse explicar aqueles achados pelo pressuposto de uma inclinação hereditária para o contrabando. No entretanto, devo ter ficado com uma expressão muito desamparada, porque, de repente, meu vizinho disse: “É só ficar com o livro na mão, e aí ele vai pensar que você está lendo.” Foi demais para mim. Não puxei o freio de emergência para fazer parar o trem e deixar que meus agradecimentos fossem transmitidos pelo maquinista, como faz a Srta. Mix no divertido conto de Hevesi,⁽⁵⁾ mas agradei a ele diretamente e assegurei-lhe que não estava, em absoluto, numa situação embaraçosa. A partir daí, tive paz.

Ele teve que voltar seu interesse assim liberado para o “velho”, quando este foi divisado numa estação. “Ele foi comprar um copo de cerveja de seis *kreusers*!” exclamou uma vez; um duque e um copo de cerveja

de seis *kreuzers*; obviamente, o contraste o incomodou. A partir daí, nada de importante poderia acontecer nessa viagem.

Minna, que tentou desarrumar minhas malas na cidade, afirmou que eu não as poderia ter arrumado pessoalmente. Lembrei-me de que ela estava certa. Na hora do almoço, depois de ter tomado um banho e reiniciado minhas atividades médicas, fui até Bellevue, onde encontrei minha mulher e filhos parecendo mais gordos e bem-nutridos. Desde então, tenho estado saboreando os últimos remanescentes desse belo período de férias. Depois, apareceu um telegrama de boas-vindas na parte da tarde, como que a confirmar minhas histórias sobre Berlim.

Minhas cordiais saudações e agradecimentos a vocês dois. Da próxima vez, mandarei uma carta sensata.

Sigm.

(1) O original da carta está em Jerusalém. Ver nota 1 da carta de 25 de maio de 1892.

(2) Povos da Ásia Menor na Antigüidade.

(3) A palavra alemã é *Seehund* (lobc-do-mar), que em ambas as línguas pode significar um marinheiro veterano. A intenção de Freud, provavelmente, é um duplo trocadilho. As focas pertencem à família dos focídeos, ao passo que o povo de navegadores com que ele as confunde jocosamente são os focceus.

(4) Pequena cidade da fronteira entre a Áustria e a Saxônia.

(5) Ludwig Hevesi (1845-1910), que usava o pseudônimo de "Tio Tom", foi um autor austro-húngaro pouco importante, mas popular, de relatos de viagens.

Bellevue, 23 de setembro de 1895

Caríssimo Wilhelm,

Tenho-lhe escrito tão pouco apenas por estar escrevendo muitas coisas para você, ou seja, escrevendo aquilo que comecei no trem: um relato sumário da $\Phi\psi\omega$, que você poderá usar como base para sua crítica e ao qual tenho dado prosseguimento em minhas horas de lazer e nos intervalos entre os atos de minha clínica médica, agora gradativamente maior. Existe já um volume considerável — rabiscos, é claro, mas, mesmo assim, uma base, segundo espero, para seus acréscimos, nos quais tenho grandes esperanças. Minha mente repousada está agora transformando em brincadeira de criança as dificuldades antes encontradas, como, por exemplo, a contradição de que os condutores restabelecem sua resistência, ao passo que os neurônios em geral estão sujeitos à facilitação. Isso se ajusta muito naturalmente quando se leva em conta o tamanho diminuto de cada estímulo endógeno isolado. Há também outros pontos que se vão agora ajustando, para minha maior satisfação. Resta saber quanto desse progresso tornará a dissipar-se no ar diante de uma inspeção mais

minuciosa. Mas você me deu um impulso poderoso para levar o assunto a sério.

Salvo pela necessidade de adaptar a teoria às leis gerais do movimento, coisa que espero de você, cabe-me verificá-la em comparação com os fatos isolados da nova psicologia experimental. A capacidade que esse tema tem de fascinar-me continua enorme como sempre, em detrimento de todos os meus interesses médicos e de minhas “paralisias infantis”, que se espera estejam concluídas no Ano-novo!

Não sei muito bem o que mais lhe contar; acho que, provavelmente, enviarei a coisa a você em duas partes. Espero que sua cabeça me faça o favor de considerar essa imposição, num período revigorado, leve como uma pluma. Acolho com simpatia suas tentativas de autoterapia. Meu estado, como você esperava que fosse, é atroz; mal-estar crescente desde a última operação do etmóide. Se não estou enganado, houve hoje um início de melhora.

Ida provavelmente terá lido para você, em voz alta, que os resultados da eleição no terceiro distrito municipal foram de 46 a 0 e, no segundo, de 32 a 14 contra os liberais. Afinal, votei. Nosso distrito permaneceu liberal.

Um sonho de anteontem produziu a mais curiosa confirmação da concepção de que os sonhos são motivados pela realização de desejos. Löwenfeld me escreveu dizendo estar preparando um artigo sobre fobias e idéias obsessivas com base em cem casos, e me pediu várias informações.⁽¹⁾ Em resposta, adverti-o de que realmente não deve encarar minhas idéias com leviandade.

É uma pena — mas uma pena que consigo explicar — eu não poder ainda retribuir seu trabalho sobre as dores do parto. Também continuo à espera de suas observações sobre a enxaqueca. Alegro-me dizer que minha mulher e todos os filhos estão indo muito bem. Meus mais cordiais votos a você, sua prezada esposa, com quem até Alex ficou encantadíssimo, e ao esperado rebento.

Seu,
Sigm.

(1) Aparentemente, o único artigo de Löwenfeld nessa área foi “Weitere Beiträge zur Lehre von den psychischen Zwangszuständen”, *Archiv für Psychiatrie*, 30 (1898), pp. 679-719. Löwenfeld publicou um livro sobre o assunto em 1904, que contém algumas cartas de Freud até então desconhecidas (ver Masson, 1984).

Viena, 8 de outubro de 1895

Caríssimo Wilhelm,

A esta altura, receber notícias suas transformou-se numa necessidade para mim, pois já cheguei à conclusão, em que raramente erro, de que seu

silêncio significa dores de cabeça. Só comecei a me sentir mais à vontade quando — após um longo intervalo — voltei a ter nas mãos um de seus trabalhos científicos. Até o momento, dei apenas uma olhadela nele, e receio que o respeito por tanto material genuíno e refinado me faça sentir vergonha de minhas fantasias teóricas.

Estou juntando hoje para você toda espécie de coisas — dívidas diversas, que me fazem lembrar que também lhe devo um agradecimento; seu caso clínico sobre as dores do parto; e dois de meus cadernos de notas. Suas anotações reforçaram minha impressão inicial de que seria desejável transformá-las num panfleto maduro sobre “O Nariz e a Sexualidade Feminina”. Naturalmente, fiquei decepcionado por estarem faltando os comentários finais, com suas explicações surpreendentemente simples.

E agora, quanto aos dois cadernos de notas. Enchi-os por inteiro com meus rabiscos de uma só assentada, depois de minha volta, e eles pouco lhe trarão de novo. Estou guardando um terceiro caderno, que trata da psicopatologia do recalçamento, pois ele só investiga seu tópico até certo ponto. A partir daí, tive que trabalhar outra vez nos novos rascunhos e, nesse processo, fiquei alternadamente orgulhoso e exultante e envergonhado e abatido — até que agora, depois de um excesso de tortura mental, digo a mim mesmo com apatia: ainda não está e talvez nunca fique coerente. O que ainda não está coerente não é o mecanismo — posso ser paciente quanto a isso —, e sim a elucidação do recalçamento — cujo conhecimento clínico fez grandes progressos em outros aspectos.

Pense só: entre outras coisas, estou na trilha da seguinte precondição estrita da histeria: a de que deve ter ocorrido uma experiência sexual primária (anterior à puberdade), acompanhada de repugnância e medo; na neurose obsessiva, ela deve ter ocorrido acompanhada de *prazer*.

Mas não tenho tido sucesso na elucidação mecânica; ao contrário, estou inclinado a ouvir a voz silenciosa que me diz que minhas explicações não são suficientes.

Minha saudade de você e de sua companhia, desta vez, chegou um pouco mais tarde, mas foi muito grande. Estou só, com a cabeça cheia de coisas germinando e, por enquanto, sendo repisadas. Tenho vivenciado coisas interessantíssimas de que não posso falar e que, por falta de horas de folga, não consigo colocar no papel. (Estou anexando um fragmento para você.) Não quero ler nada, porque isso me faz mergulhar em idéias demais e reduz minha gratificação com as descobertas. Em suma, sou um eremita desventurado. Agora, além do mais, estou tão exausto que vou simplesmente pôr de lado essa tolice por algum tempo. Em vez dela, estudarei sua “enxaqueca”. Além disso, estou engajado numa controvérsia com Löwenfeld por via postal.⁽¹⁾ Depois que tiver respondido à carta, você a receberá.

Como tenho passado em termos do coração?⁽²⁾ Não especialmente bem, mas não tão mal quanto nos primeiros quatorze dias. Desta vez, minha atenção não está nem um pouco voltada para ele. Alexander

é um patife lastimável e vai escrever para você. Está em excelente forma no que diz respeito à cabeça; é outro homem. Ainda continua a se queixar com relação ao *antipodisch*.⁽³⁾

Minhas mais cordiais saudações a *Frau* Ida e Paul(inchen).⁽⁴⁾ Todos vão bem por aqui. Martha instalou-se novamente em Viena.

Seu,
Sigm.

(1) Essa correspondência não chegou até nós. No que concerne ao relacionamento entre Freud e Löwenfeld, ver Masson (1984).

(2) *Herzwärts*: literalmente, em direção ao coração.

(3) O sentido não é claro. Possivelmente, seria um chiste baseado no vocábulo infantil *popo* (bumbum).

(4) Freud quer dizer que o bebê que estava por chegar poderia ser um menino (Paul) ou uma menina (Paulinchen, Paulinha).

Rascunho I. Enxaqueca: Aspectos Estabelecidos

[Nota do Editor: Segundo Michael Schröter, o fragmento mencionado na carta anterior é o Rascunho I, que contém muitas idéias semelhantes às de Fliess em seu trabalho *Beziehungen zwischen Nase und weiblichen Geschlechtsorganen*. Assim, Schröter propôs que o Rascunho I fosse colocado no presente.]

(1) *Uma questão de adição.* Há um intervalo de horas ou dias entre a instigação e a irrupção dos sintomas. Tem-se uma espécie de sensação de que um obstáculo foi superado e de que um processo segue então adiante.

(2) *Uma questão de adição.* Mesmo sem instigação, tem-se a impressão de que deve haver um estímulo que se acumula e que está presente em quantidades mínimas no início do intervalo e em quantidades máximas ao final dele.

(3) *Uma questão de adição*, na qual a susceptibilidade aos fatores etiológicos acha-se no ápice do nível da estimulação já presente.

(4) *Uma questão de etiologia complexa.* Talvez siga o padrão de uma etiologia em cadeia, onde uma causa imediata pode ser produzida por muitos fatores, direta e indiretamente, ou o padrão de uma etiologia substituta, ⁽¹⁾ na qual, ao lado de uma causa específica, as causas corriqueiras podem agir como substitutos quantitativos.

(5) *Uma questão semelhante ao modelo da enxaqueca menstrual e -pertencente ao grupo sexual.* Prova:

(a) Raríssima em homens sadios.

(b) Restrita ao período sexual da vida: infância e velhice praticamente excluídas.

(c) Se é produzida por adição também o estímulo sexual é algo produzido por adição.

(d) A analogia da periodicidade.

(e) Frequência nas pessoas com descarga sexual perturbada (neurastenia, coito interrompido).

(6) Certeza de que a enxaqueca pode ser produzida por estímulos químicos: emanções tóxicas humanas, siroco, fadiga, odores. Ora, o estímulo sexual também é químico.

(7) Cessação da enxaqueca durante a gravidez, quando a produção, provavelmente, é dirigida para outro ponto.

Isso parece sugerir que a enxaqueca representa um efeito tóxico produzido pela substância estimuladora sexual, quando esta não consegue encontrar uma descarga suficiente. E talvez se deva acrescentar que está presente uma via específica (cuja localização deve ser determinada), que se acha num estado de susceptibilidade especial. A questão ligada a isso é a questão da localização da enxaqueca.

(8) No tocante a essa via, temos as seguintes indicações: que as doenças orgânicas do crânio, os tumores e as supurações (sem ligações tóxicas intermediárias??) produzem enxaqueca ou algo extremamente semelhante; e mais, que a enxaqueca é *unilateral*, está ligada ao nariz e se vincula aos fenômenos de paralisias localizadas. O primeiro desses sinais não é muito claro. A unilateralidade, a localização acima do olho e a complicação por paralisias localizadas são mais importantes.

(9) O caráter doloroso da enxaqueca só pode sugerir as meninges cerebrais, posto que as afecções da massa cerebral são certamente indolores.

(10) Se, desse modo, a enxaqueca parece aproximar-se das nevralgias, isso se coaduna com a adição, a sensibilidade e suas oscilações, e a produção de nevralgias por estímulos tóxicos. Assim, a *nevralgia tóxica* seria seu protótipo fisiológico. O couro cabeludo é a sede de sua dor e o trigêmeo é sua via. Visto, porém, que a mudança nevralgica deve⁽²⁾ ser central, devemos presumir que o centro lógico da enxaqueca seja um núcleo do trigêmeo cujas fibras inervam a dura-máter.

Dado que a dor da enxaqueca tem localização semelhante à da nevralgia supra-orbital, esse núcleo dural deve situar-se nas imediações do núcleo da primeira ramificação. Já que os diferentes ramificação e núcleos do trigêmeo se influenciam mutuamente, todas as outras afecções do trigêmeo podem contribuir para a etiologia [da enxaqueca] como fatores concomitantes (e não banais).

A SINTOMATOLOGIA E A POSIÇÃO BIOLÓGICA DA ENXAQUECA

A dor da nevralgia costuma encontrar sua descarga na tensão tônica (ou até nos espasmos clônicos). Portanto, não é impossível que a enxaqueca inclua uma inervação espástica dos músculos dos vasos sanguíneos na esfera reflexa da região dural. Podemos atribuir a essa [interferência] a perturbação generalizada (e, a rigor, localizada) da função, que não difere, em termos sintomáticos, de uma perturbação similar devida à vasoconstricção (semelhança da enxaqueca com os ataques de trombose). Parte da inibição deve-se à própria dor. Presumivelmente, a área vascular do plexo coróide é a primeira a ser afetada pelo espasmo da descarga. A relação com o olho e o nariz se explica pela inervação comum de ambos pela primeira ramificação [do trigêmeo].

(1) *Surrogatütiologie*, no manuscrito. Tanto os *Anfänge* (p. 126) quanto Strachey (*Origins*, p. 116) trazem o termo *Summierungsütiologie*.

(2) O manuscrito não contém a palavra *nur*, como em *Anfänge*.

15 de outubro de 1895
IX., Berggasse 19

Caríssimo Wilhelm,

É uma loucura a minha correspondência, não é? Por duas semanas estive em plena vasca da febre de escrever e acreditei ter desvendado o segredo; agora, sei que ainda não o fiz e tornei a pôr tudo de lado. Apesar disso, toda sorte de coisas tornou-se clara ou, pelo menos, foi discriminada. Não perdi o ânimo. Será que já lhe revelei o grande segredo clínico, verbalmente ou por escrito?

A histeria é consequência de um *choque sexual* pré-sexual.

A neurose obsessiva é consequência de um *prazer sexual* pré-sexual, que se transforma, posteriormente, em [auto-]recriminação. "Pré-sexual" significa, a rigor, anterior à puberdade, anterior à liberação de substâncias sexuais; os acontecimentos pertinentes só se tornam eficazes enquanto *lembranças*.

Muito cordialmente,

Seu,
sem assinatura

Passei muito mal.

Viena, 16 de outubro de 1895

Caríssimo Wilhelm,

Felizmente, eu havia remetido a caixinha e a carta antes de receber suas palavras de censura. Não obstante, você tem razão; mas posso explicar-lhe tudo satisfatoriamente. O trabalho febril destas últimas semanas, as esperanças sedutoras e as decepções, e algumas descobertas genuínas — tudo recortado contra o fundo de meu péssimo estado físico e dos habituais aborrecimentos e dificuldades cotidianos. Se, apesar disso tudo, ainda lhe mando algumas páginas de gaguejos filosóficos (não que as considere bem-sucedidas), espero que isso o recoloque num estado de ânimo conciliador.

Ainda estou inteiramente confuso. Tenho quase certeza de haver solucionado os enigmas da histeria e da neurose obsessiva com as fórmulas do choque sexual e do prazer sexual infantis, e estou igualmente certo de que as duas neuroses são, *em geral*, curáveis — não apenas os sintomas isolados, mas a própria disposição neurótica. Isso me dá uma espécie de alegria pálida — por não ter vivido cerca de quarenta anos inteiramente em vão —, mas não uma satisfação genuína, porque o hiato psicológico nesse novo conhecimento reclama a totalidade de meu interesse.

Naturalmente, não me tem sobrado nem um momento para a enxaqueca, mas isso ainda há de chegar. Mais uma vez, abandonei completamente o fumo, para não ter que me recriminar por meu pulso irregular e para me livrar dessa batalha deplorável contra o anseio pelo quarto e o quinto [charutos]; prefiro lutar de uma vez contra o primeiro. Provavelmente, a abstinência também não é lá muito conducente à satisfação psíquica.

Chega de mim mesmo por ora. O resultado talvez ainda seja gratificante: considero as duas neuroses essencialmente sob controle e antevejo com bons olhos a luta com a elaboração psicológica.

O livro de Jacobsen (*N.L.*)(¹) me comoveu mais profundamente do que qualquer outra coisa que eu tenha lido nestes últimos nove anos. Considero clássicos os capítulos finais.

Alegro-me em ver que, a julgar por seus numerosos indícios, posso presumir que você está realmente melhor. — Depressa, vamos, algumas novidades! Robert Breuer,⁽²⁾ meu único seguidor em Viena, logo irá a Berlim por várias semanas. — No momento, tenho aqui uma festa infantil, com uns bons vinte indivíduos, para celebrar o aniversário de Mathilde.

Na última segunda-feira e nas duas próximas, aulas sobre histeria no Colégio de Medicina; maçantíssimo.

Com saudações cordiais a você e sua dileta esposa,

Seu,
Sigm.

(1) Jean Peter Jacobsen (1847-1885), escritor dinamarquês, escreveu *Nils Lyhne* em 1880 (tradução do dinamarquês por Hanna Astrup Larsen; Nova Iorque: American Scandinavian Foundation, 1947). Claramente autobiográfico, o livro retrata a vida tristíssima e desolada desse homem patologicamente tímido e recluso. A segunda parte do romance versa primordialmente sobre as perdas da vida dele — mãe, pai, mulher e filhos. Ele aceita seu destino com uma resignação que nada fica a dever à religião e, por fim, enfrenta sua própria morte com o mesmo estoicismo. O Capítulo 12 começa com as seguintes palavras: “Durante quase dois anos, Nils Lyhne perambulava pelo Continente [europeu]. Era muito solitário, sem amigos ou parentes ou qualquer amizade estreita que lhe fosse cara.” Presume-se que Freud se estivesse referindo a essa atitude, mas é também possível que ele se tenha comovido com o extremo isolamento em que vivia Lyhne, pois sabemos que Freud, nessa época de sua vida, também se sentia inteiramente só.

(2) Leopold Robert Breuer (1869-1956), filho de Josef Breuer e também médico. Em 1893 e 1894, pai e filho frequentaram o curso de Freud chamado “Ausgewählte Kapitel der Neuropathologie”. Para informações sobre a vida de Breuer, ver Hirschmüller (1978, pp. 47-48).

Viena, 20 de outubro de 1895

Caríssimo Wilhelm,

Tudo esplêndido, exceto pela enxaqueca de três dias. À parte esse fato a lastimar, esta carta dedica-se à ciência.

Fiquei, é claro, satisfeitiíssimo com sua opinião sobre a solução para a histeria/neurose obsessiva. Agora, escute só. Numa noite laboriosa da semana passada, quando eu estava sofrendo daquele grau de dor que propicia as condições ótimas para minhas atividades mentais, as barreiras ergueram-se subitamente, os véus caíram e tudo se tornou transparente — desde os detalhes das neuroses até os determinantes da consciência. Tudo pareceu encaixar-se, as engrenagens se entrosaram e tive a impressão de que a coisa passara realmente a ser uma máquina que logo funcionaria sczinha. Os três sistemas de n|eurônios|; os estados livres e ligados de Qn |quantidade|; os processos primário e secundário; a tendência principal e a tendência de compromisso do sistema nervoso; as duas regras biológicas da atenção e da defesa; as características de qualidade, realidade e pensamento; o estado do grupo psicosssexual; a determinação sexual do recalamento; e, por fim, os fatores que determinam a consciência como função da percepção — tudo ficou e continua correto até hoje! Naturalmente, mal consigo conter minha alegria.

Se tivesse esperado mais duas semanas para lhe mandar o relatório, tudo teria ficado muito mais claro. No entanto, foi só ao tentar expor o assunto a você que todo ele se tornou evidente para mim. Logo, não poderia ter sido de outra maneira. Agora não disporei de muito tempo para uma apresentação sistemática. Os tratamentos estão começando e as paralisias cerebrais, que não me interessam nem um pouco, precisam ser escritas urgentemente. Mesmo assim, porém, juntarei algumas

coisas para você: os postulados quantitativos, a partir dos quais você poderá adivinhar as características da movimentação dos neurônios, e um esboço da neurastenia e da neurose de angústia, baseado nas premissas da teoria. Deus conserve sua cabeça livre da enxaqueca, para mim!

Se eu pudesse conversar com você exclusivamente sobre esse assunto durante quarenta e oito horas, é provável que toda a questão fosse concluída. Mas isso são impossibilidades.

*Was man nicht erfliegen kann,
muss man erhinken ...*

Die Schrift sagt, es ist keine Schande zu hinken.⁽¹⁾

Outras confirmações acerca das neuroses estão chovendo sobre mim. A coisa é mesmo verdadeira e genuína.

Hoje⁽²⁾ lancei uma segunda palestra sobre a histeria, fazendo do recalçamento o ponto central. As pessoas gostaram, mas não vou mandar publicá-la.

Você não há de fazer nenhuma objeção a que eu chame meu próximo filho de Wilhelm! Se *ele* for menina, *ela* se chamará Anna.

Minhas mais cordiais saudações.

Seu,
Sigm.

(1) Kris (*Originis*, p. 130, n. 1) observa que essa é uma citação do *Makamen des Hariri*, de Rückert:

Aquilo que não podemos alcançar voando,
devemos alcançar mancando; ...

O Livro nos diz que não é pecado mancar.

Freud volta a citar esses versos bem no final de *Além do Princípio do Prazer*.

(2) Ou seja, 20 de outubro. O relatório sobre a palestra diz que ela se deu em 21 de outubro (o que seria o certo, se as aulas eram às segundas-feiras: 14 + 7 = 21). Visto que a carta (segundo o envelope) foi posta no correio em 22 de outubro, Schröter sugere que Freud teria acrescentado essa parte da carta no dia 21. A segunda palestra versou, de fato, sobre o recalçamento.

Viena, 31 de outubro de 1895

Caríssimo Wilhelm,

Embora esteja morto de cansaço, sinto-me obrigado a escrever-lhe antes que o mês se encerre. Primeiro, vamos a seus relatórios científicos mais recentes, a que também dou as boas-vindas como medida de suas dores de cabeça.

Primeira impressão: surpresa por existir alguém que seja um visionário ainda maior que eu, e por não se tratar de outro senão meu amigo Wilhelm.

Conclusão: pretendo devolver-lhe as páginas, para que não se percam. Nesse meio tempo, considerei o material bastante plausível e disse a mim mesmo que somente um especialista em todos os campos, como você, poderia tê-lo concebido. Fiquei singularmente impressionado com a visão nítida⁽¹⁾ por sobre todos os telhados. Acho que nasci para ser sua claqué.

É melhor eu não pedir ainda nenhum empréstimo por conta de meu milhão.⁽²⁾ Creio que a coisa tem mesmo coerência, mas ainda não confio nas partes isoladas. Substituo-as continuamente por outras e ainda não cuso mostrar a estrutura a nenhum sábio. O que você tem nas mãos também perdeu parcialmente o valor e só pretende ser de amostra, mas espero que produza o efeito desejado. Agora, estou extremamente exaurido⁽³⁾ e, de qualquer modo, preciso pôr o assunto de lado por dois meses, pois tenho de escrever sobre a paralisias infantis para Nothnagel antes de 1896 — até o momento, nem uma só palavra sobre isso foi posta no papel.

Comecei a ter dúvidas sobre a explicação da histeria e da neurose obsessiva com base no prazer/dor, que anunciei com tamanho entusiasmo. Os elementos constitutivos estão corretos, sem sombra de dúvida, mas ainda não dispus as peças do quebra-cabeças no lugar certo.

Felizmente para mim, todas essas teorias precisam fluir para o estuário clínico do recalçamento, onde tenho oportunidades diárias de ser corrigido ou esclarecido. Meu caso de “timidez” deverá estar concluído ao final de 1896. Ele desenvolveu uma histeria na juventude e, posteriormente, apresentou delírios de referência. Sua história quase transparente deverá esclarecer-me alguns pontos questionáveis. Um outro homem (que não ousa sair às ruas por causa de suas tendências homicidas) deverá ajudar-me a resolver outro quebra-cabeças.

Muito recentemente, andei ocupado com o esboço dos atos sexuais e, nesse processo, descobri a bomba do prazer⁽⁴⁾ (não a bomba de ar) e diversas outras *curiosa* [curiosidades], mas, por enquanto, não falarei sobre elas. A próxima coisa, como unidade isolada, será a enxaqueca, por causa da qual fiz uma incursão no mecanismo dos atos sexuais.

Nestas últimas semanas, meu prazer de viver foi bem menos estragado do que antes; consegui até produzir uma enxaqueca corriqueira decente, durante a qual meu prezado coração não conseguiu encontrar seu ritmo.

“Wilhelm” ou “Anna” é muito rebelde e, provavelmente, pedirá para ver a luz em novembro. Espero que tudo corra bem com seu filho natalino.

Recentemente, perpetrei três aulas sobre a histeria,⁽⁵⁾ nas quais fui muito atrevido. Inclino-me agora a ficar arrogante, especialmente se você continuar a se mostrar tão encantado.

Com saudações cordiais a você, Ida e Paulinchen(?).

Seu,
Sigm.

Glaucoma⁽⁶⁾

Preciso realmente ir visitar sua família na Rua Johannesj.

(1) Freud se refere a uma história que ilustra a miraculosa *Kück* (visão à distância de um rabino n'O *Chiste e suas Relações com o Inconsciente* (S.E. VIII:63). "No templo da Cracóvia, o Grande Rabino N. estava sentado, orando com seus discípulos. De repente, emitiu um grito e, em resposta às indagações ansiosas dos discípulos, exclamou: 'Neste exato momento, o Grande Rabino L. acaba de falecer em Lemberg.' A comunidade vestiu luto pelo morto. No decorrer dos dias subsequentes, perguntou-se às pessoas chegadas de Lemberg como o rabino havia morrido e qual tinha sido o problema dele; mas elas nada sabiam a respeito e haviam-no deixado em excelente estado de saúde. Finalmente, soube-se com certeza que o Rabino L., de Lemberg, não tinha falecido no momento em que o Rabino N. assistira a sua morte por telepatia, pois ainda estava vivo. Um estranho aproveitou a oportunidade para zombar de um dos discípulos do rabino de Cracóvia por causa dessa ocorrência: 'Seu rabino fez um enorme papel de bobo naquela ocasião, quando viu o Rabino L. morrer em Lemberg. O homem está vivo até hoje.' 'Isso não faz diferença', respondeu o discípulo. 'Diga você o que disser, a *Kück* de Cracóvia a Lemberg foi magnífica'." Ver também carta de 10 de março de 1898.

(2) Segundo Brückner (1962, p. 732), essa é uma referência a Multatuli, que Freud (S.E. IX, p. 246) menciona como um de seus autores favoritos. Brückner discute as obras desse autor dinamarquês (Eduard Doves Dekker, 1820-1887) e o interesse de Freud por elas.

(3) *Ausgepumpt*: literalmente, esvaziado com uma bomba.

(4) Este é um trocadilho: a palavra alemã correspondente a "prazer" é *Lust*; a correspondente a "ar" é *Luft*.

(5) Ver Sulloway (1979, pp. 507-509).

(6) Essa palavra não parece estar escrita com a letra de Freud.

2 de novembro de 1895
IX., Berggasse 19

Estou contente por ter esperado para despachar a carta pelo correio. Hoje posso acrescentar que um dos casos me deu o que eu esperava (choque sexual, isto é, violência sexual na histeria masculina!) e que, ao mesmo tempo, a elaboração do material controvertido intensificou minha confiança na validade de minhas construções psicológicas. Agora desfruto realmente de um momento de satisfação!

Por outro lado, ainda não é chegada a hora de gozar o instante mais sublime e me deixar cair.⁽¹⁾ Resta ainda muito trabalho a ser feito nos atos subsequentes da tragédia

do seu,
Sigm.,
que envia cordiais saudações.

(1) Referência às últimas palavras de Fausto;; ver *Fausto*, de Goethe, Parte 2.

Viena, 8 de novembro de 1895

Caríssimo Wilhelm,

Suas cartas extensas me provam que você vai indo bem. Possam ambos — sintoma e causa — continuar sem interrupção. Quanto a mim (para não esquecer o assunto e não ter que falar nele novamente), tenho-me sentido incomparavelmente melhor nas duas últimas semanas. Não pude manter a abstinência completa; sob o fardo de minhas preocupações teóricas e práticas, o aumento da hiperestesia psíquica tornou-se insuportável. Afora isso, tenho seguido a recomendação e só me excedi, por alegria, no dia de não-confirmação de Lueger [como prefeito de Viena].

A partir de agora, minhas cartas perderão muito de seu conteúdo. Empacotei os manuscritos psicológicos e os atirei numa gaveta, onde dormitarão até 1896. Isso se deu da seguinte maneira: a princípio, deixei de lado a psicologia para abrir espaço para as paralisias infantis, que precisavam estar terminadas antes de 1896. Em seguida, comecei a escrever sobre a enxaqueca. Os primeiros aspectos que examinei levaram-me a um entendimento que voltou a me recordar o tópico que eu pusera de lado e que teria exigido muitas revisões. Nesse momento, rebeldei-me contra meu tirano. Senti-me sobrecarregado de trabalho, irritado, confuso e incapaz de dominar aquilo tudo. Assim, joguei tudo longe. Agora, lamento que, com base nessas páginas, você precise tentar formar uma opinião que justifique meu grito de alegria diante de minha vitória, o que lhe deve ser realmente difícil. Não lute mais com isso. Espero, dentro de dois meses, conseguir esclarecer a coisa toda. A solução clínica da histeria, porém, ainda se mantém; é atraente e simples. Talvez eu me recomponha e a escreva para você dentro em breve.

10 de novembro. Em anexo, estou devolvendo os casos clínicos relativos a nariz e sexo. Não preciso dizer-lhe que concordo inteiramente com sua intenção. Desta vez, você verificará que acrescentei poucas coisas — algumas marcas em vermelho. Espero que haja mais quando eu ler a parte teórica. Suas hipóteses químico-sexuais realmente me fascinaram. Espero que tenha êxito.

Estou até o pescoço com as paralisias infantis, que não me interessam nem um pouco. Desde que pus a $\Phi\psi\omega$ de lado, sinto-me abatido e desencantado; creio não estar de modo algum à altura de suas congratulações.

Sinto agora um vazio.

Recentemente, no Colégio de Medicina, Breuer fez um grande discurso em homenagem a mim e se apresentou como um adepto *convertido* da etiologia sexual.⁽¹⁾ Quando lhe agradei por isso em particular, ele estragou meu prazer, dizendo: “Mas, ainda assim, não acredito nela.” Você entende isso? Eu, não.

Martha está agora num estado realmente lastimável. Quisera que tudo já estivesse terminado.

No que concerne às neuroses, há muitas coisas interessantes, porém nada de novo; apenas confirmações. Oxalá pudéssemos conversar sobre o assunto.

Com as mais cordiais saudações a você, mamãe e (bebê), do

Seu,
Sigm.

(1) Os comentários de Breuer foram relatados em diversas publicações, entre elas o *Wiener medizinische Blätter* n.º 18 (1895), pp. 716-717 (que descreveu a reunião de 4 de novembro de 1895 no Colégio de Medicina de Viena). Lottie Newman traduziu estes comentários:

“Breuer declara, logo no início de sua apresentação, recebida com um caloroso aplauso, que estará errado aquele que esperar ouvi-lo falar aqui como co-autor, pois toda a teoria do recalamento é, essencialmente, de propriedade de Freud. Ele está intimamente familiarizado com uma grande parcela dos casos que constituem as bases das teorias de Freud; testemunhou em primeira mão o nascimento da teoria, mas não sem lhe fazer uma certa oposição; agora, porém, como resultado das explicações esclarecedoras de Freud, apresenta-se como um convertido diante da assembléia.

“Se alguém supuser que as teorias de Freud são uma construção *a priori*, estará cometendo um erro. Muito trabalho e uma grande quantidade de observações estão contidos nas aulas de Freud. Também se poderia supor que os pacientes trabalham sob a influência opressiva do médico e que este sugere a eles tudo aquilo que deseja ouvir. Não é esse o caso. O orador verificou ser imensamente difícil impor algo a [esses] pacientes. Um dos pontos em que o orador não concorda com Freud é a valorização excessiva da sexualidade; é provável que Freud não tenha pretendido dizer que todo sintoma histérico tem um fundo sexual, e sim que a raiz original da histeria é sexual. Ainda não enxergamos com clareza; caberá apenas ao futuro, aos grandes volumes de observações, trazer um esclarecimento completo dessa questão; seja como for, devemos ser gratos a Freud pelas sugestões teóricas que nos forneceu.

“Especialmente no caso do sexo feminino, a queixa sobre a subestima do fator sexual é justificada. Não está certo, por exemplo, que, no caso das moças que sofrem de insônia, etc., simplesmente se receite ferro para a anemia, sem sequer pensar em masturbação, quando, no caso dos rapazes, investigamos imediatamente as poluições. Nesse aspecto, estamos num estado de histeria: recalamos esse sentimento, que nos é desagradável. Simplesmente não temos nenhum conhecimento da sexualidade das moças e das mulheres. Nenhum médico tem a menor idéia da espécie de sintomas que uma ereção evoca nas mulheres, porque as moças não querem falar a respeito e as mulheres idosas já se esqueceram.

“Talvez também se pudesse levantar a objeção de que uma falta de coerência se faz sentir nas pesquisas de Freud; bem, há uma certa verdade nisso, mas não se deve esquecer que estamos diante de conclusões provisórias e que toda teoria é uma estrutura temporária.”

Viena, 29 de novembro de 1895

Querido Wilhelm,

É impossível deixá-lo esperando até que a criança se decida. É evidente que ela está insistindo precisamente no dia que, por alguma espécie de cálculo, pode reclamar legitimamente para si. Martha vai agora passando esplendidamente bem. Espero receber notícias semelhantes de vocês, ou seja, de sua mulher e Paulinchen, como é chamado |o bebê| enquanto incógnito.

Sinto-me, de fato, surpreendentemente bem, como não me sentia desde o início dessa história toda. Além disso, já não tenho pus algum, apenas muita secreção de muco. A propósito, jamais duvidei do sucesso de suas pequenas intervenções cirúrgicas e, assim sendo, conquistei meu bem-estar. Estou em excelente forma para trabalhar, tenho nove a onze horas de trabalho árduo e seis a oito casos analíticos por dia — coisas lindíssimas, é claro; toda sorte de materiais novos. Estou inteiramente perdido para a ciência; quando me sento à escrivaninha, às onze horas da noite, tenho que colar e remendar as paralisias infantis. Espero concluí-las dentro de dois meses e, a partir de então, poder utilizar melhor as impressões adquiridas no decorrer dos tratamentos.

Não entendo mais o estado mental em que maquinei a psicologia; não consigo conceber como posso tê-lo infligido a você. Creio que você ainda está sendo polido demais; para mim, parece ter sido uma espécie de loucura. A solução clínica das duas neuroses provavelmente se manterá, depois de algumas modificações.

Todas as crianças ficaram de cama por causa de resfriados — uma epidemia em casa. Minna chegou há poucos dias para uma estada de vários meses de duração. Do mundo, não vejo nada e recebo poucas notícias. É para que seja precisamente nessas ocasiões em que acho tão difícil escrever que me conscientizo agudamente da distância entre Viena e Berlim.

Em vista de suas últimas cartas, acredito na melhora de suas dores de cabeça e lhe peço uma confirmação adicional. Os alunos de Wernicke, Sachs e C. S. Freund, produziram um artigo absurdo sobre a histeria (sobre as paralisias psíquicas), o qual, a propósito, é quase um plágio de minhas "Considérations etc." nos *Archives de Neurologie*. A postulação de Sachs sobre a constância da energia psíquica é mais dolorosa.⁽¹⁾

Espero receber, dentro em breve, muitas notícias boas sobre você, sua esposa, o bebê e a sexualidade entendida através do nariz.

Aceite as mais cordiais saudações do

Seu,
Sigm.

A medida que o coração vai melhorando, *muitas enxaquecas leves.*

(1) Ver *Origins*, p. 135, n. 2.

Viena, 3 de dezembro de 1895
IX., Berggasse 19

Caríssimo Wilhelm,

Se tivesse sido um filho, eu lhe teria mandado a notícia por telegrama, pois ele teria recebido seu nome. Já que foi uma filhinha, com o nome de Anna, ela lhe está sendo apresentada com atraso. Hoje, às 3 h 15 min., ela foi invadindo meu horário de consultório, e parece ser uma bela menininha perfeita, que, graças aos cuidados de Fleischmann, não causou nenhum dano a sua mamãe. Ambas estão agora passando muito bem. Espero que não falte muito tempo para recebermos notícias correspondentemente boas de vocês, e então, quando Anna e Paulinchen se conhecerem, precisarão aprender a dar-se muito bem.

Seu,
Sigm.

(1) Carl Fleischmann (n. 1859), obstetra e ginecologista.

Redefinição das Neuroses

Domingo, 8 de dezembro de 1895

Querido Wilhelm,

Muito obrigado por sua carta e por todo o calor humano que ela traz. Quando volto a ver sua letra, vivo momentos de grande alegria, que me permitem esquecer grande parte de minha solidão e carência. Além disso, tanto pelo fato quanto pelo teor da carta, posso inferir que você próprio tem passado bem, o que é uma das condições para que eu aceite de bom grado o que me sucede nesta vida complicada.

Com uma assistência excelente, o resguardo vem transcorrendo de maneira completamente serena, até mesmo com animação!

A pequerrucha está bebendo vorazmente todo o leite de Gertner e, segundo se afirma — mal consigo vê-la —, atende a contento a todas as exigências.

O bebê, como gostamos de acreditar, trouxe um aumento de minha clínica, duplicando o que ela costuma ser. 'Tenho dificuldade em acompanhar o ritmo, recuso o que me parece desvantajoso e estou começando a ditar meus honorários. Estou, simplesmente, adquirindo confiança no diagnóstico e tratamento das duas neuroses, e creio perceber como a cidade começa, gradativamente, a se dar conta de que pode obter alguma coisa de mim.

Será que já lhe escrevi que as idéias obsessivas são invariavelmente *recriminações*, ao passo que, na raiz da histeria, há sempre um *conflito* (prazer sexual, ao lado, possivelmente, de um desprazer concomitante)?⁽¹⁾ Essa é uma nova maneira de expressar a solução clínica. Agora mesmo, tenho alguns belos casos mistos das duas neuroses e espero obter deles revelações mais íntimas sobre o mecanismo essencial envolvido.

Sempre respeito sua opinião, mesmo no que concerne a meu trabalho psicológico. Ela me deixa disposto a retomar o assunto dentro de poucos meses, desta vez com um trabalho paciente, crítico e pormenorizado. O melhor que se pode dizer a respeito, até o momento, é que ele merece o elogio *voluisse in magnis rebus*.⁽²⁾ E será que devo realmente chamar atenção para esses titubeios através de uma comunicação preliminar? Penso que devemos guardar o assunto conosco e ver o que sairá disso. Talvez eu tenha que aprender a me contentar com a elucidação clínica das neuroses.

Com respeito a suas revelações na fisiologia sexual, tudo o que posso fazer é manter a postos a mais ávida atenção e admiração crítica. Meus conhecimentos são limitados demais para que eu dê alguma contribuição. Mas pressinto as coisas mais belas e importantes e espero que, quando for chegada a hora, você não se deixe dissuadir de expressar publicamente suas opiniões, ainda que sejam apenas conjecturas. Não podemos prescindir das pessoas que têm a coragem de pensar coisas novas antes de poderem demonstrá-las.

De fato, muitas coisas seriam diferentes se não estivéssemos separados pela distância geográfica.

Tenho passado muitíssimo bem; até a supuração tornou-se insignificante.

Não estou subordinado à prioridade da "constância psíquica". Você tem razão, ela pode ser entendida de muitas maneiras diferentes.

Visitas — preciso parar.

As mais cordiais saudações a sua esposa e filha, em nome de todos nós e do

Seu,
Sigm.

(1) Freud quer dizer, claramente, que o conflito da histeria é entre o prazer e o desprazer. Está contrastando a histeria com as idéias obsessivas.

(2) "Nos grandes empreendimentos, ter querido é o bastante" (Propertius, *Elegies*, 10:6).

Rascunho J. Sra. P. J. (27 anos)

[sem data; parece pertencer ao final de 1895]

Estava casada havia três meses. O marido, caixeiro viajante, fora obrigado a deixá-la poucas semanas depois do casamento e estava longe há semanas. Ela sentia muita saudade e ansiava por ele. Tinha sido cantora, ou, pelo menos, recebera formação de cantora. Para passar o

tempo, estava [um dia] sentada ao piano, cantando, quando, de repente, sentiu um mal-estar no abdômen e no estômago, ficou com a cabeça girando e teve sensações de opressão e angústia e parestesias cardíacas;⁽¹⁾ achou que iria enlouquecer. Um instante depois, ocorreu-lhe que havia comido ovos e cogumelos naquela manhã, de modo que achou que se havia envenenado. No entanto, esse estado passou rapidamente. No dia seguinte, a criada lhe contou que uma mulher que morara na mesma casa havia enlouquecido. Desde esse momento, ela nunca mais se libertou da obsessão, acompanhada de angústia, de que também iria enlouquecer.

O raciocínio é o seguinte: parti do pressuposto de que o estado dela, na ocasião, teria sido uma crise de angústia — uma liberação de sensações sexuais transformadas em angústia. Receio que um ataque dessa natureza possa ocorrer sem nenhum processo psíquico concomitante. Mesmo assim, não quis rejeitar a possibilidade mais estimulante de que tal processo viesse a ser descoberto; ao contrário, tomei-o como o ponto de partida de meu trabalho. Minha expectativa era a seguinte: ela havia ansiado pelo marido, isto é, por manter relações sexuais com ele; assim, esbarrara numa idéia que havia excitado o afeto sexual, posteriormente seguida pela defesa; sentiu medo e fez uma falsa conexão ou substituição.

Comecei por perguntar-lhe sobre as circunstâncias que haviam cercado o evento: algo deveria tê-la feito recordar-se do marido. Ela estivera cantando a ária da Carmem chamada “Près des remparts de Séville”.⁽²⁾ Pedi-lhe que a repetisse para mim; ela nem sequer sabia a letra com exatidão. — Em que ponto a senhora acha que surgiu o ataque? Ela não soube dizer. Quando exerci pressão [sobre sua testa], ela disse [que fora] depois de ter terminado a ária. Isso parecia bastante possível: fora uma sequência de idéias suscitadas pelo texto da ária. Afirmei então que, antes do ataque, teriam estado presentes nela alguns pensamentos de que talvez não se recordasse. Ela [disse] que realmente não se lembrava de nada, mas a pressão [na testa] produziu *marido* e *saudade*. Esta última foi mais especificada, por insistência minha, como saudade das carícias sexuais. — Acredito muito que tenha sido isso mesmo. Afinal, sua crise foi apenas um estado de extravasamento amoroso. Conhece a canção do pagem? Ela diz:

*Voi che sapete che cosa è amor,
Donne vedete s'io l'ho nel cor.*⁽³⁾

Certamente há de ter havido alguma coisa além disso: uma sensação na parte inferior do corpo, uma câibra e uma necessidade urgente de urinar. Ela confirmou essa colocação. A insinceridade das mulheres começa por elas omitirem os sintomas sexuais característicos ao descreverem seu estado. Portanto, tratara-se realmente de um *orgasmo*.

— Bem, a senhora certamente admite que em estado de saudade como

esse, numa mulher jovem que foi deixada pelo marido. não é nada de que se deva ter vergonha. — Pelo contrário — disse ela —, é assim que que deve ser. — Certo; mas, nesse caso, não vejo razão para o medo. A senhora certamente não ficou assustada com *marido e saudade*; logo, ainda nos faltam algumas outras idéias, que seriam mais apropriadas ao medo. Mas ela acrescentou apenas ter sempre sentido medo da dor que a relação sexual lhe causava, mas disse que a saudade fora muito mais forte do que o medo da dor. Nesse ponto, interrompemos.

II

Certamente se poderia suspeitar de que, na cena 1 (ao piano), juntamente com os pensamentos saudosos em relação ao marido (dos quais ela se recordava), ela havia entrado numa outra seqüência profunda de idéias, da qual *não* se recordava e que havia levado a uma cena 2. Mas eu ainda não conhecia o ponto de partida. Hoje, ela chegou chorando e em desespero, evidentemente sem nenhuma esperança de que o tratamento tivesse êxito. Portanto, sua resistência já fora acionada e o progresso foi muito mais difícil. O que eu queria saber, àquela altura, era que pensamentos passíveis de amendrontá-la ainda se achavam presentes. Ela trouxe à baila toda sorte de coisas que não poderiam ser importantes: que, durante muito tempo, não tinha sido deflorada (o que lhe fora confirmado pelo Professor Chrobak⁽⁴⁾); que atribuía seus estados nervosos a isso e, por essa razão, desejava que o defloramento acontecesse. Essa, é claro, era uma idéia vinda de um momento posterior: até a cena 1, a saúde dela fora boa. Por fim, obtive a informação de que ela já tivera uma ataque semelhante, porém muito mais fraco e mais passageiro, com as mesmas sensações. (Deduza daí que é do quadro mnêmico do próprio orgasmo que parte a via que descende para as camadas mais profundas.) Investigamos a outra cena. Na ocasião — quatro anos atrás —, ela tivera um compromisso em Ratisbona. Pela manhã, havia cantado num ensaio e fizera sucesso; à tarde, em casa, tivera uma “visão”: como se estivesse “planejando” algo (uma briga) com o tenor da companhia e outro homem, e depois disso viera a crise, com o medo de que estivesse enlouquecendo.

Ali estava, portanto, a cena 2, em que se tocara por associação na cena 1. Mas devemos admitir que, também nesse caso, havia lacunas na memória dela. Deve ter havido outras idéias para explicar a liberação das sensações sexuais e de medo. Solicitei esses elos intermediários, mas, em vez disso, foram-me fornecidos os motivos. A totalidade da vida no palco lhe fora desagradável. — Porquê? — Por causa da rispidez do diretor e das relações dos atores entre si. Pedi detalhes a esse respeito. Havia uma velha comediante com quem os rapazes costumavam gracejar, perguntando-lhe se poderiam passar a noite com ela. E o mais, com

relação ao tenor? Ele também a havia importunado: no ensaio, pusera a mão no seio dela. — Por cima de suas roupas ou sobre a pele nua? A princípio, ela disse ter sido a segunda coisa, mas depois retratou-se: estava usando roupas de passeio. — Bem, e o que mais? Tudo naquele relacionamento, todos os abraços e beijos entre os atores lhe eram abomináveis. — Mas alguma coisa? Novamente, a rispidez do diretor, e ela só havia ficado lá alguns dias. — A investida do tenor ocorreu no mesmo dia de sua crise? Não; ela não soube dizer se fora antes ou depois. Minhas indagações, com o auxílio da pressão, mostraram que a investida se dera no quarto dia da estada dela, e a crise no sexto.

Interrompido pela fuga da paciente.

(1) Freud emprega o plural.

(2) A *seguidilla* do 1.º Ato da ópera de Bizet.

(3) A *canzonetta* de Cherubino, do 2.º Ato de *O Casamento de Figaro*, de Mozart:

Vós que sabeis o que é o amor,

Vede se é ele que trago no coração.

(4) Ver nota 1 da carta de 4 de fevereiro de 1888.

1.º de janeiro de 1896

Meu querido Wilhelm,

A primeira hora de lazer do Ano-novo pertence a você — para que eu lhe aperte a mão através desses quilômetros e lhe diga quão satisfeito fiquei ao receber suas notícias recentes sobre a sala de estar e o estúdio. E saber que você tem um filho — e, com ele, a perspectiva de outros; enquanto a esperança de que ele chegasse era ainda distante, eu não queria admitir para você ou para mim mesmo o quanto isto lhe faltava. Gente de sua natureza não deve acabar, meu querido amigo; o restante de nós precisa demais de pessoas como você. Quantas coisas lhe devo: consolo, compreensão, estímulo em minha solidão, o sentido de minha vida, que adquirir por seu intermédio, e, por fim, até mesmo a saúde, que ninguém mais poderia ter-me restituído! Foi primordialmente por seu exemplo que, intelectualmente, ganhei forças para confiar em meu julgamento, inclusive quando fico entregue a minha solidão — embora não [por ser abandonado por] você — e para, tal como você, enfrentar com altiva humildade todas as dificuldades que o futuro possa trazer. Por tudo isso, aceite meu humilde agradecimento! Sei que você não precisa tanto de mim quanto eu de você, mas sei também que tenho um lugar seguro em sua afeição.

Ainda que você não o tivesse dito explicitamente, eu teria reparado que sua confiança em sua terapia confirmou-se, finalmente, também em seu próprio caso. Suas cartas, como ocorreu novamente com a última de-

las, contêm uma profusão de percepções e intuições científicas sobre as quais, lamentavelmente, nada mais posso dizer senão que me fascinam e me são irresistíveis. A idéia de ambos estarmos engajados no mesmo tipo de trabalho é, sem sombra de dúvida, a mais apazível que consigo conceber no momento. Observo que, pela via tortuosa da clínica médica, você está alcançando seu ideal primeiro de compreender os seres humanos enquanto fisiologista, da mesma forma que alimento secretamente a esperança de chegar, por essa mesma trilha, a minha meta inicial da filosofia. Pois era isso o que eu queria originalmente, quando ainda não me era nada clara a razão de eu estar no mundo. Durante as últimas semanas, tentei repetidamente dar-lhe *alguma coisa* em troca de suas comunicações, enviando-lhe um breve resumo de minhas descobertas mais recentes sobre as neuroses de defesa, mas minha capacidade de pensar esgotou-se a tal ponto na primavera que, agora, nada consigo realizar. Mesmo assim, persuadi-me a remeter-lhe o fragmento. Uma voz suave aconselhou-me a adiar a explicação da histeria, já que ainda existem nela incertezas demais. É provável que você fique satisfeito com a [neurose] obsessiva. As notas pouco numerosas sobre a paranóia provêm de uma análise recém-iniciada, que já estabeleceu, sem qualquer sombra de dúvida, que *a paranóia é realmente uma neurose de defesa*. Resta verificar se essa explicação tem também valor terapêutico.

Suas observações sobre a enxaqueca levaram-me a uma idéia em consequência da qual todas as minhas teorias $\phi\psi\omega$ precisariam ser completamente revistas — algo que não posso aventurar-me a fazer agora. Tentarei, no entanto, dar-lhe uma idéia do assunto.

Começo pelas duas espécies de terminações nervosas. As terminações livres recebem apenas quantidade e conduzem-na até ψ por adição; não têm poder, entretanto, de evocar sensações, isto é, de afetar ω . Em relação a isso, a movimentação neuronal preserva suas características qualitativas genuínas e monótonas. São essas as vias de toda a quantidade que preenche ψ ; são também, é claro, as vias da energia sexual. As vias nervosas que partem dos órgãos terminais não conduzem quantidades, e sim a característica qualitativa que lhes é peculiar; nada acrescentam à quantidade presente nos neurônios ψ , mas apenas colocam esses neurônios num estado de excitação. Os neurônios ω são os neurônios ψ capazes tão-somente de catexia quantitativa muito pequena. A coincidência entre essas quantidades mínimas e a qualidade fielmente transferida para elas a partir do órgão terminal é, mais uma vez, a condição necessária para a geração da consciência. Agora | em meu novo esquema |, insiro esses neurônios ω entre os neurônios ϕ e os neurônios ψ , de tal modo que ϕ transfere sua qualidade para ω , enquanto ω não transfere nem qualidade, nem quantidade para ψ , mas meramente excita ψ — isto é, indica as vias a serem tomadas pela energia livre ψ . (Não sei se você consegue entender esse palavrório. Existem, por assim dizer, três maneiras pelas quais os neurônios afetam uns aos outros: (1) transferem quan-

tidade de um para o outro; (2) transferem qualidade de um para o outro; (3) exercem um efeito excitante uns sobre os outros, de acordo com certas regras.)

Segundo essa visão, os processos de percepção envolveriam, *eo ipso* [por sua própria natureza], a consciência, e só produziriam seus outros efeitos psíquicos depois de se tornarem conscientes. Já os processos Ψ seriam inconscientes e só depois adquiririam uma consciência secundária, artificial, ao serem ligados a processos de descarga e percepção (associação da fala). Qualquer descarga de ω , que seria exigida por minha outra explicação, torna-se agora desnecessária; a alucinação, cuja explicação sempre suscitou dificuldades, não é mais um movimento retroativo da excitação para φ , mas apenas para ω . É muito mais fácil, hoje, entender a regra da defesa, que não se aplica às percepções, mas apenas aos processos Ψ . O fato de a consciência secundária ficar mais para trás possibilita o fornecimento de uma descrição simples dos processos das neuroses. Fico também livre da questão problemática sobre quanto da força da excitação φ (dos estímulos sensoriais) é transferida para os neurônios Ψ . A resposta é: diretamente, nenhuma. A Q em Ψ depende apenas de até que ponto a atenção Ψ livre é dirigida pelos neurônios ω .

A nova hipótese também se ajusta melhor ao fato de que os estímulos sensoriais objetivos são tão ínfimos que é difícil derivar a força de vontade dessa fonte, de acordo com o princípio da constância. A sensação, porém [na nova teoria], não leva nenhuma Q para Ψ ; a fonte de energia de Ψ são as vias de condução orgânicas [endógenas].

Vejo também a explicação para a liberação do desprazer, da qual necessito para o recalçamento nas neuroses sexuais, no conflito entre a condução orgânica puramente quantitativa e os processos *excitados* em Ψ pela sensação consciente.

No que tange ao *seu* lado da questão, surge a possibilidade de que ocorram estados de estimulação em órgãos que não produzem nenhuma sensação espontânea (embora devam, sem dúvida, exibir susceptibilidade à pressão), mas que podem, através da ação reflexa (ou seja, pela influência do equilíbrio), instigar perturbações decorrentes de outros centros nervosos. E isso porque a idéia de haver uma ligação recíproca dos neurônios ou dos centros nervosos sugere também que os sintomas motores de descarga são de vários tipos. As ações voluntárias são determinadas, provavelmente, por uma transferência de Q, já que descarregam a tensão psíquica. Além disso, há uma descarga de prazer, espasmos e coisas semelhantes, que explico não pelo fato de Q ser transferida para o centro motor, mas por ser ali liberada em decorrência de uma possível diminuição da Q de ligação no centro sensorial pareado com ele. Isso nos daria a tão longamente buscada distinção entre os movimentos “voluntá-

rios" e "espasmódicos" e, ao mesmo tempo, um meio de explicar um grupo de efeitos somáticos complementares — na histeria, por exemplo.

Com respeito aos processos puramente quantitativos de transferência para Ψ , existe uma possibilidade de que eles atraíam a consciência para si próprios — isto é, se essas conduções de Q atenderem às condições necessárias para produzir dor. Dentre essas condições, a essencial é, provavelmente, a suspensão da adição e um afluxo contínuo [de Q] para Ψ por algum tempo. Certos neurônios ω ficam então *hipercatexizados* e produzem um sentimento de desprazer, fazendo também com que a atenção se fixe nesse ponto. Assim, a "alteração nevrálgica" teria que ser encarada como um afluxo de Q proveniente de algum órgão, aumentado acima de um certo limite, até que a adição fique suspensa, os dois neurônios ϕ sejam *hipercatexizados* e a energia de Ψ seja ligada. Como você vê, chegamos, por esse caminho, à enxaqueca; a pré-condição necessária seria a existência de regiões nasais naquele estado de estimulação que você reconheceu a olho nu. O excesso de Q seria distribuído ao longo de várias vias subcorticais antes de chegar a Ψ . Uma vez que isso aconteça, uma Q continua força sua passagem para Ψ e, de acordo com a regra da atenção, a energia livre de Ψ flui para a sede da erupção.

Surge agora a questão da fonte dos estados de estimulação nos órgãos nasais. Sugere-se a idéia de que o órgão qualitativo dos estímulos olfativos seria a membrana de Schneider, e de que o órgão quantitativo (distinto do primeiro) seriam os *corpora cavernosa*. As substâncias olfativas — como, aliás, você mesmo acredita, e como sabemos a partir das flores — são produtos da degradação do metabolismo sexual; elas agiriam como estímulos para ambos os órgãos. Durante a menstruação e outros processos sexuais, o corpo produz uma Q maior dessas substâncias e, por conseguinte, desses estímulos. Seria preciso decidir se estas agem sobre os órgãos nasais através do ar expiratório ou através dos vasos sanguíneos; provavelmente, através destes últimos, já que ninguém tem nenhuma sensação olfativa subjetiva antes da enxaqueca. Portanto, o nariz, por assim dizer, receberia informações sobre os estímulos olfativos *internos* por meio dos *corpora cavernosa*, tal como recebe [informações] sobre os estímulos externos através de membrana de Schneider: sofrer-se-iam prejuízos a partir do próprio corpo. As duas maneiras de adquirir a enxaqueca — espontaneamente e através dos odores, ou emanções tóxicas humanas — seriam, portanto, equivalentes, e seus efeitos poderiam ser provocados a qualquer momento pela acumulação.

Assim, a inchação dos órgãos nasais da quantidade seria uma espécie de adaptação do órgão sensorial, resultante do aumento da estimulação interna, análoga, no caso dos órgãos sensoriais verdadeiros (qualitativos), a arregalar e fixar os olhos em algo, forçar a audição e assim por diante.

Talvez não seja demasiadamente difícil transpor essa concepção para as outras fontes da enxaqueca e estados similares, embora eu ainda não

veja como é possível fazê-lo. De qualquer modo, é mais importante verificar a idéia em relação ao tópico principal.

Dessa maneira, um imenso número de idéias médicas obscuras e antiquíssimas adquiriria vida e valor.

Agora, chega! Aceite meus melhores votos para 1896 e diga-me bem depressa como estão a mamãe e o filhinho. Você pode imaginar o quanto Martha está imensamente interessada em tudo.

Seu,
Sigm.

Rascunho K. As Neuroses De Defesa (Um Conto De Fadas Natalino)

[anexo à carta]

Existem quatro tipos e muitas formas dessas [neuroses]. Posso apenas traçar uma comparação entre a histeria, a neurose obsessiva e uma forma de paranóia. Elas têm diversas coisas em comum. São aberrações patológicas de estados afetivos psíquicos normais: do *conflito* (histeria), da *auto-recriminação* (neurose obsessiva), da *mortificação* (paranóia) e do *luto* (amênia alucinatória aguda). Diferem desses afetos no sentido de não levarem à resolução de coisa alguma, e sim a um dano permanente ao ego. Seu aparecimento está sujeito às mesmas causas precipitantes de seus protótipos afetivos, desde que a causa satisfaça a duas outras condições: que seja de natureza sexual e que ocorra no período precedente à maturidade sexual (precondições de *sexualidade e infantilismo*). Quanto às precondições que se aplicam ao indivíduo em questão, não disponho de nenhum conhecimento novo. Em geral, cabe dizer que a hereditariedade é uma precondição adicional, no sentido de que facilita e aumenta o efeito patológico⁽¹⁾ — em outras palavras, a precondição que possibilita, principalmente, as gradações entre o caso normal e o caso extremo. Não creio que a hereditariedade determine a escolha da neurose defensiva específica.

Existe uma tendência normal à defesa — isto é, uma aversão ao direcionamento da energia psíquica de tal maneira que daí resulte um desprazer. Essa tendência, ligada às condições mais fundamentais do mecanismo psíquico (a lei da constância), não pode ser empregada contra as percepções, pois estas têm o poder de se impor à atenção (como se evidência no fato de serem conscientes); ela só entra em jogo contra as lembranças e os pensamentos. É inócua no que diz respeito a idéias às quais, num dado momento, tenha estado ligado a um desprazer, mas que sejam incapazes de adquirir qualquer desprazer contemporâneo (salvo pelo desprazer recordado) e, também nesses casos, pode ser vencida pelo interesse psíquico.

A tendência à defesa torna-se prejudicial, entretanto, quando é dirigida contra idéias que são também capazes, sob a forma de lembranças, de liberar um novo desprazer — como no caso das idéias sexuais. Aí está, de fato, a única possibilidade reconhecida de que uma lembrança tenha um poder liberador maior do que o que foi produzido pela experiência a ela correspondente. Apenas uma coisa é necessária para isso: que a puberdade se interponha entre a experiência e sua repetição na memória — um evento que, dessa forma, amplia intensamente o efeito da revivescência. O mecanismo psíquico parece despreparado para essa exceção e, por essa razão, uma pré-condição necessária de se ficar livre das neuroses de defesa é que não ocorra nenhuma irritação sexual substancial antes da puberdade, embora seja verdade que o efeito de uma tal experiência precisa ser ampliado pela disposição hereditária para que ela atinja um nível passível de provocar doença.

(Aqui se ramifica um problema correlato: como é que, em condições análogas, emergem a perversão ou a simples imoralidade, em vez da neurose?)

Ficaremos profundamente mergulhados em enigmas psicológicos, se investigarmos a origem do desprazer que parece ser liberado pela estimulação sexual prematura, e sem o qual, no fim das contas, não se pode explicar o recalçamento. A resposta mais plausível recorre ao fato de que a vergonha e a moralidade são as forças recalçadoras, e de que a região em que ficam naturalmente situados os órgãos sexuais deve, inevitavelmente, despertar repugnância durante as experiências sexuais. Quando não existe vergonha (como numa pessoa do sexo masculino), ou não surge a moralidade (como nas classes mais baixas da sociedade), ou quando a repulsa é embrutecida pelas condições de vida (como nas zonas rurais), também nesses casos nenhum recalçamento e, portanto, nenhuma neurose resulta da estimulação sexual na primeira infância. Não obstante, receio que esta explicação não se sustente diante de um exame mais aprofundado. Não creio que a liberação de desprazer durante as experiências sexuais seja consequência da combinação ao acaso de certos fatores desprazerosos. A experiência cotidiana nos ensina que, quando a libido atinge uma intensidade suficiente, não se sente repugnância e a moralidade é vencida; e creio que o surgimento da vergonha esteja vinculado à experiência sexual por laços mais profundos. Em minha opinião, deve haver uma fonte independente de liberação de desprazer na vida sexual: desde que essa fonte esteja presente, ela pode ativar as sensações de repugnância, reforçar a moralidade e assim por diante. Atenho-me ao modelo da neurose de angústia nos adultos, na qual uma quantidade derivada de vida sexual provoca, similarmente, uma perturbação na esfera psíquica, embora pudesse comumente encontrar outra serventia no processo sexual. Enquanto não houver uma teoria correta sobre o processo sexual, a questão de origem do desprazer que atua no recalçamento permanecerá sem resposta.

O rumo tomado pela doença nas neuroses de recalçamento, em geral, é sempre o mesmo: (1) a experiência sexual (ou a série de experiências), que é traumática e prematura e tem que ser recalçada; (2) seu recalçamento em alguma ocasião posterior, que desperta a lembrança dela — e, ao mesmo tempo, a formação de um sintoma primário; (3) um estágio de defesa bem sucedida, que equivale à saúde, exceto pela existência do sintoma primário; (4) o estágio em que as idéias recalçadas retornam e no qual, durante a luta entre elas e o ego, formam-se novos sintomas, que são os da doença propriamente dita; (5) um estágio de adaptação, de ser oprimido, ou de recuperação com deformação.

As principais diferenças entre as várias neuroses aparecem na maneira como retornam as idéias recalçadas; outras se evidenciam no modo como se formam os sintomas e no rumo tomado pela doença. Mas o caráter específico de uma determinada neurose reside na maneira como se realiza o recalçamento.

O curso dos acontecimentos na neurose obsessiva é o que me está mais claro, pois foi o que cheguei a conhecer melhor.

NEUROSE OBSESSIVA

Aqui, a experiência primária foi acompanhada de prazer. Quer tenha sido ativa (nos meninos) ou passiva (nas meninas), ocorreu sem sofrimento ou qualquer mescla de repugnância; e isso, no caso das meninas, implica, em geral, uma idade relativamente avançada (cerca de 8 anos). Quando essa experiência é posteriormente recordada, ela dá origem a uma liberação de desprazer; e, em particular, emerge inicialmente uma auto-recriminação, que é consciente. A rigor, é como se todo o complexo psíquico — lembrança e auto-recriminação — fosse consciente desde o início. Mais tarde, sem que sobrevenha nada de novo, ambas são recalçadas e, no lugar delas, forma-se na consciência um *sintoma antitético*, uma nuance de *conscienciosidade*.

O recalçamento pode acontecer devido à lembrança do próprio prazer, que libera desprazer ao ser reproduzida em anos posteriores; isso seria explicável por uma teoria da sexualidade. Mas também é possível que as coisas se dêem de maneira diferente. Em todos os meus casos de neurose obsessiva, houve, em idade muito precoce, anos antes da experiência de prazer, uma experiência *puramente passiva*; e isso dificilmente se daria por acaso. Se assim é, podemos supor que é a convergência posterior dessa experiência passiva com a experiência de prazer que acrescenta desprazer à lembrança prazerosa e possibilita o recalçamento. Portanto, seria uma précondição clínica necessária da neurose obsessiva que a experiência passiva tivesse acontecido em data suficientemente precoce para poder impedir a ocorrência espontânea da experiência de prazer. A fórmula, por conseguinte, seria:

O fator determinante seria a relação cronológica das duas experiências entre si e com a época da maturidade sexual.

No estágio do retorno do recalcado, vê-se que a *auto-recriminação* retorna inalterada, mas raramente de modo a chamar atenção para si própria; durante algum tempo, portanto, ela emerge como um sentimento puro de culpa, sem nenhum conteúdo. Usualmente, liga-se a um conteúdo que é distorcido de duas maneiras — no tempo e no teor: o primeiro, na medida em que se relaciona com uma ação contemporânea ou futura, e o segundo, na medida em que não significa o evento real, e sim um evento sub-rogado, escolhido dentre a categoria daquilo que é análogo — uma substituição. Por conseguinte, a idéia obsessiva é produto de um compromisso, correta no que tange ao afeto e à categoria, mas falsa em decorrência do deslocamento cronológico e da substituição por analogia.

O afeto da auto-recriminação pode ser transformado, através de vários processos psíquicos, em outros afetos, que então penetram na consciência mais claramente do que o afeto em si: por exemplo, em *angústia* (medo das conseqüências da ação a que se refere a auto-recriminação), *hipocondria* (medo de seus efeitos corporais), *delírios de perseguição* (medo de seus efeitos sociais), *vergonha* (medo de que as outras pessoas tenham conhecimento da ação censurável), e assim por diante.

O ego consciente encara a obsessão como algo que lhe é estranho: retira dela a crença, com o auxílio, ao que parece, da idéia antitética de *conscienciosidade* formada muito antes. Nesse estágio, porém, pode acontecer uma submissão do ego pela obsessão — por exemplo, quando o ego é afetado por uma melancolia episódica. À parte isso, o palco da doença é ocupado pelo combate defensivo do ego contra a obsessão; e isto, por si só, pode produzir novos sintomas — os da *defesa secundária*. A idéia obsessiva, à semelhança de qualquer outra, é atacada pela lógica, embora sua força compulsiva seja inabalável. Os sintomas secundários são uma intensificação da conscienciosidade e uma compulsão a examinar e acumular coisas. Outros sintomas secundários emergem quando a compulsão é transferida para impulsos motores contrários à obsessão — por exemplo, para a ruminação, a bebida (dipsomania), os rituais protetores, a *folie de doute*, e assim por diante.

Chégamos, assim, à formação de três tipos de sintomas:

- (a) O sintoma primário de defesa — *conscienciosidade*;
- (b) Os sintomas de compromisso da doença — *idéias obsessivas ou afetos obsessivos*;
- (c) Os sintomas secundários de defesa — *ruminação obsessiva, acumulação obsessiva, dipsomania, rituais obsessivos*.

Os casos em que o conteúdo da recordação não se torna admissível à consciência por substituição, mas em que o afeto de auto-recriminação

se torna admissível por transformação, dão-nos a impressão de haver ocorrido um deslocamento ao longo de uma cadeia de inferências: recrimino-me por causa de um acontecimento — tenho medo de que as outras pessoas tomem conhecimento dele — por isso, sinto vergonha diante de outras pessoas. Tão logo o primeiro elo dessa cadeia é recalçado, a obsessão salta para o segundo ou terceiro elos e leva a duas formas de delírio de referência, que, no entanto, fazem parte, de fato, da neurose obsessiva. O combate defensivo termina numa mania generalizada de dúvida ou no desenvolvimento de uma vida de excêntrico, com um sem-número de sintomas defensivos secundários — se é que se chega a algum término.

Permanece ainda em aberto a questão de as idéias recalçadas retornarem por sua própria conta, sem a assistência de qualquer força psíquica contemporânea, ou de precisarem desse tipo de assistência a cada nova onda de retorno. Minhas experiências indicam esta última alternativa. Ao que parece, são os estados da libido contemporânea insatisfeita que empregam a força de seu desprazer para estimular a auto-recriminação recalçada. Uma vez ocorrida essa estimulação e emergidos os sintomas, através do impacto do recalçado sobre o ego, o material ideativo recalçado continua a atuar por sua própria conta; contudo, nas oscilações de seu poder quantitativo, ele permanece sempre dependente da quota de tensão libidinal presente no momento. A tensão sexual que, por estar satisfeita, não tem oportunidade de se transformar em desprazer permanece inócua. Os neuróticos obsessivos são pessoas sujeitas ao perigo de que, a qualquer momento, a totalidade da tensão sexual nelas gerada cotidianamente venha a se transformar em auto-recriminação, ou melhor, nos sintomas daí decorrentes, muito embora, no momento presente, elas não consigam reconhecer de novo a auto-recriminação primária.

A neurose obsessiva pode ser curada, se desfizemos todas as substituições e transformações afetivas ocorridas, até que a auto-recriminação primária e a experiência a que ela se refere possam ser desnudadas e expostas diante do ego consciente para serem novamente julgadas. Ao fazermos isso, temos que elaborar um número incrível de idéias intermediárias ou de compromisso, que, temporariamente, transformam-se em idéias obsessivas. Adquirimos a mais forte convicção de que é impossível ao ego dirigir para o material recalçado a parte da energia psíquica a que está vinculado o pensamento consciente. As idéias recalçadas — ao que devemos crer — acham-se presentes nele e penetram sem inibição nas seqüências mais racionais de pensamento; e a lembrança delas é também despertada pelas mais insignificantes alusões. A suspeita de que a "moralidade" é apresentada como força recalçadora apenas como pretexto é confirmada pela experiência de que a resistência, durante o trabalho terapêutico, serve-se de todo e qualquer motivo possível de defesa.

Os determinantes clínicos e as relações cronológicas entre o prazer e o desprazer na experiência primária ainda me são desconhecidos. O que pude discriminar foram a presença do recalçamento, o sintoma primário e o estágio da doença determinado pelo retorno das idéias recalçadas.

A experiência primária parece ser de natureza semelhante à da neurose obsessiva; o recalçamento ocorre depois que a lembrança dela libera desprazer — como, não se sabe. No entanto, não há formação e recalçamento posterior de uma auto-recriminação; em vez disso, o desprazer gerado é dirigido para os semelhantes do paciente, segundo a fórmula psíquica da projeção. O sintoma primário formado é a *desconfiança* (sensibilidade às outras pessoas). Isso permite que seja evitada a auto-recriminação.

Podemos prever a existência de formas diferentes, conforme apenas o afeto seja recalçado por projeção, ou também o conteúdo da experiência, juntamente com ele. Assim, portanto, o que retorna pode ser meramente o afeto contristador, ou também a lembrança. No segundo caso, com o qual estou mais familiarizado, o conteúdo da experiência retorna como um pensamento que ocorre ao paciente, ou como uma alucinação visual ou sensorial. O afeto recalçado parece retornar, invariavelmente, em alucinações de vozes.

As partes da lembrança que retornam são distorcidas através da substituição por imagens análogas extraídas do presente — isto é, são distorcidas, simplesmente, por uma substituição cronológica, e não pela formação de um substituto. Também as vozes trazem de volta a auto-recriminação como um sintoma de compromisso, e o fazem, em primeiro lugar, com uma distorção de sua formulação a ponto de ela ficar indefinida e transformada numa ameaça; e, em segundo, relacionada não com a experiência primária, mas precisamente com a *desconfiança* — ou seja, com o sintoma primário.

Uma vez que a crença foi retirada da auto-recriminação primária, ela fica sob a dominação irrestrita dos sintomas de compromisso. O ego não os encara como estranhos a ele próprio, mas é antes incitado por eles a fazer tentativas de explicá-los, que podem ser descritas como *delírios assimilatórios*.

A defesa fracassa instantaneamente quando do retorno do recalçado sob forma distorcida; e os delírios assimilatórios só podem ser interpretados como o início da alteração do ego, como uma declaração de derrota, e não como um sintoma de defesa secundária. O processo termina quer na melancolia (sentimento de pequenez do ego), que, de maneira secundária, confere à distorção a crença que foi negada à censura primária, quer, como acontece mais freqüentemente e com maior gravidade nos delírios protetores (megalomania), até o ego ser completamente transformado.

O elemento determinante da paranóia é o mecanismo de projeção, que envolve a recusa a acreditar na auto-recriminação. Daí os traços característicos comuns da neurose; a importância das vozes enquanto modo pelo qual as outras pessoas nos afetam, e também dos gestos, que nos revelam a vida emocional das outras pessoas; e a importância do tom dos comentários e das alusões presentes nelas — já que uma referência direta do conteúdo das observações à lembrança recalcada é inadmissível para a consciência.

Na paranóia, o recalçamento ocorre depois de um complicado processo consciente de pensamento (a recusa a acreditar). Isso talvez seja uma indicação de que ele se instala pela primeira vez numa idade mais avançada do que na neurose obsessiva e na histeria. As condições do recalçamento são, sem dúvida, as mesmas. Permanece em aberto a questão de o mecanismo de projeção ser inteiramente uma questão de predisposição individual, ou de ser selecionado por fatores temporais e acidentais específicos.

Quatro tipos de sintomas:

- (a) Sintomas primários de defesa;
- (b) Sintomas de compromisso do retorno;
- (c) Sintomas secundários de defesa;
- (d) Sintomas de submissão (catástrofe) do ego.

HISTERIA

A histeria pressupõe, necessariamente, uma experiência primária de desprazer — isto é, de natureza passiva. A natural passividade sexual das mulheres explica o fato de elas serem mais propensas à histeria. Nas ocasiões em que constatei a histeria em homens, pude comprovar a presença de uma abundante passividade sexual em suas anamneses. Uma condição adicional da histeria é que a experiência primária de desprazer não ocorra em época demasiadamente prematura, quando a liberação de desprazer é ainda leve demais e quando, é claro, os acontecimentos prazerosos ainda podem ter prosseguimento independente. De outro modo, o que se seguiria seria apenas a formação de obsessões. Por essa razão, freqüentemente encontramos nos homens uma combinação das duas neuroses, ou a substituição de uma histeria inicial por uma neurose obsessiva posterior. A histeria começa pela subjugação do ego, que é para onde conduz a paranóia. O aumento da tensão na experiência primária de desprazer é tão grande que o ego não resiste a ela e não forma nenhum sintoma psíquico, mas é antes obrigado a permitir uma manifestação de descarga — em geral, uma expressão exagerada de excitação. Esse primeiro estágio da histeria pode ser descrito como “histeria de sobressalto”; seu sintoma primário é a *manifestação de sobressalto*, acompanhada por uma

lacuna na psique. Ainda não se sabe até que idade pode ocorrer essa primeira subjugação histórica do ego.

O recalçamento e a formação de sintomas defensivos só ocorrem subsequentemente, vinculados à lembrança; e, depois disso, a *defesa* e a *catástrofe* (isto é, a formação de sintomas e a irrupção dos ataques) podem combinar-se em qualquer grau na histeria.

O recalçamento não se dá pela construção de uma idéia antitética excessivamente forte, mas sim pela intensificação de uma idéia limítrofe, que, a partir daí, passa a representar a lembrança recalçada no fluxo do pensamento. É possível chamá-la *idéia limítrofe* porque, de um lado, ela pertence ao ego e, de outro, é uma parte não distorcida da recordação traumática. Mais uma vez, portanto, ela resulta de um compromisso; este, porém, não se manifesta numa substituição baseada em alguma categoria regida pela lógica, e sim num deslocamento da atenção ao longo de uma série de idéias ligadas por simultaneidade temporal. Caso o evento traumático encontre saída numa manifestação motora, será esta que se irá transformar na idéia limítrofe e no primeiro símbolo do material recalçado. Assim, não há necessidade de pressupor que alguma idéia esteja sendo reprimida a cada repetição do ataque primário; trata-se primordialmente de uma *lacuna* na psique.

(1) O texto em alemão publicado nos *Anfänge* diz *Affekt*, mas o manuscrito original mostra claramente a palavra *Effekt*.

Viena, 6 de fevereiro de 1896

Caríssimo Wilhelm,

Houve um hiato sem precedentes em nossa correspondência. Eu sabia que você estava ocupado com Robert Wilhelmchen,⁽¹⁾ negligenciando o nariz e o sexo por causa dele, e espero que ele o esteja recompensando com um franco progresso. Tenho trabalhado arduamente, atravessando um de meus ataques trimestrais de escrever, e utilizei-o para produzir três comunicações breves para Mendel⁽¹⁾ e uma apresentação ampla para a *Revue Neurologique*.⁽²⁾ Ontem tudo foi despachado e, já que ninguém mais nada está fazendo, estou aplaudindo a mim mesmo, dispondo-me a descansar sobre meus louros auto-outorgados, e começo de imediato a escrever-lhe.

Poupei-o do manuscrito do artigo em alemão por ele ser idêntico a uma parte do que levei a seu conhecimento como conto de fadas natalino. Lamento profundamente que essas últimas idéias novas (a etiologia real da histeria, a natureza da neurose obsessiva e o entendimento da paranóia) tenham ficado prejudicadas a seus olhos pela maneira como as apresentei. Tudo será claramente exposto a você em nosso congresso particular no verão. Estarei indo a Munique para o congresso de psicologia, de

4 a 7 de agosto;(3) quer presentear-me com esses dias? Decididamente, não estarei participando em caráter oficial.

Annerl está esplêndida; Martha precisou de um longo período para se recuperar. Mathilde foi isolada durante a semana passada, com um caso brando de febre escarlatina... Até o momento, não houve nenhum outro caso.

Simplesmente não consigo mais me entender com Breuer; o que tive de suportar nos últimos meses em termos de maus tratos e fraco discernimento, que é, apesar disso, engenhoso, finalmente me insensibilizou internamente para essa perda. Mas, por favor, não diga nenhuma palavra a esse respeito que possa bater novamente por aqui.

Nosso livro recebeu uma crítica infame de Strümpell no *Deutsche Zeitschrift für Nervenheilkunde*; por outro lado, foi objeto de um artigo muito atencioso de Freiherr von Berger no velho *Presse*, no dia 2 de fevereiro de 1896.(4)

Agora que tudo deve ter seguido seu curso normal, pedimos que você nos mande algumas linhas sobre como estão sua prezada esposa e meu amiguinho.

Com as mais cordiais saudações a vocês três,

Seu,
Sigm.

(T) Diminutivo afetuoso de Robert Wilhelm, nome do filho de Fliess (N. da T.)

(1) "Observações Adicionais sobre as Neuropsicoses de Defesa", texto que consiste em três partes: "A Etiologia 'Específica' da Histeria", "Natureza e Mecanismo da Neurose Obsessiva" e "Análise de um Caso de Paranóia Crônica". Emanuel Mendel era editor do *Neurologisches Centralblatt*, onde os artigos foram publicados. Esse trabalho, juntamente com "Da Etiologia da Histeria", assinala o ponto alto da crença de Freud na realidade da hipótese da sedução.

(2) "L'hérédité et l'étiologie des névroses", publicado em 30 de março. Esse artigo contém a primeira aparição, em texto impresso, das palavras "psicanálise" e "psiconeurose" (*psycho-névrose*), embora esta última tivesse sido empregado no "Projeto para uma Psicologia Científica", de 1895 (ver Introdução). Um resumo cuidadoso do artigo é fornecido nos *Archives de Neurologie* n.º 2 (1896), ser. 2, p. 48-50.

(3) Este foi o Terceiro Congresso Internacional de Psicologia. O convite fazia questão de dizer que "As participantes do Congresso terão os mesmos direitos que os participantes do sexo masculino".

(4) Essa é uma referência à crítica de Adolf von Strümpell aos *Studien über Hysterie*. Ellenberger (1970, p. 772) foi o primeiro a afirmar que a resenha, com algumas críticas justificáveis, foi basicamente positiva. Decker (1977, p. 159) escreve: "A resenha de Strümpell sobre os *Estudos sobre a Histeria* foi um suporte importante para a futura recepção da psicanálise na Alemanha, pois foi a primei-

ra resenha extensa e séria do trabalho de Freud a ser feita por uma figura médica respeitada. As observações dele foram freqüentemente citadas por outros médicos e seus argumentos vieram repetidamente à baila. A descrição dada por Strümpell ao método catártico foi uma formulação justa." Sulloway (1979, p. 82) repete Ellenberger e acrescenta seus próprios elogios: "As duas grandes dificuldades levantadas por Strümpell e Clarke — a de aplicar o método catártico e a de distinguir as fantasias do histérico da realidade — dificilmente seriam questões descaídas numa resenha esclarecida de *Estudos sobre a Histeria*."

O leitor poderá decidir por si mesmo quão exatas são essas descrições. Eis aqui o último terço da resenha (em tradução minha): "[A terapia] requer, como enfatizam os próprios autores, uma investigação profunda dos detalhes mais minuciosos da situação e das experiências particulares do paciente. Não sei se essa espécie de intromissão nos mais íntimos assuntos particulares, mesmo por parte do mais experimentado dos médicos, pode ser considerada permissível em quaisquer circunstâncias. Considero tal intromissão extremamente questionável quando ela diz respeito às relações sexuais, e os autores frisam repetidamente que, com freqüência e primazia, ela de fato diz respeito a estas. Em segundo lugar, também não consigo eliminar minhas dúvidas em termos de saber se o que é extraído dos pacientes hipnotizados por meio de perguntas sempre corresponde exatamente à realidade. Temo que, nessas circunstâncias, alguns histéricos dêem asas à fantasia livremente e inventem histórias. Por conseguinte, é muito fácil para o médico descobrir-se numa posição extremamente escorregadia. Em resumo, portanto, embora reconhecendo, como afirmei, o sucesso do método nas mãos habilidosas do Sr. Breuer e do Sr. Freud, não posso recomendar incondicionalmente a adoção do método deles. Acima de tudo, não tenho a menor dúvida de que podemos obter precisamente o mesmo resultado através de um tratamento psíquico direto, compreensivo, sem nenhuma hipótese e sem uma investigação excessivamente pormenorizada do 'afeto estrangulado'."

Alfred Freiherr von Berger (1853-1912), professor de história da literatura na Universidade de Viena e diretor do Burgtheater [Teatro Municipal], escreveu uma resenha no dia 2 de fevereiro de 1896, como "Feuilleton" [suplemento literário] do *Morgenpresse*, intitulando-a "Chirurgie der Seele" [Cirurgia da Alma]. Não pude examinar o artigo original, mas apenas uma separata da introdução e do ensaio final. Berger escreve que, desde o momento em que deparou com o livro, por mero acaso, no verão anterior, "não se passou um só dia sem que eu lesse repetidamente algum capítulo ou, pelo menos, algumas páginas". Porquê? Porque o livro tocava sua sensibilidade artística (*künstlerische Empfänglichkeit*). Na opinião de Berger, essa sem dúvida não fora a intenção dos autores: eles desejavam, decerto, assinalar algumas verdades e ser terapeuticamente úteis para seus colegas médicos, e não escrever "um belo livro". Berger, que certamente sentiu o pleno impacto do livro, foi o único crítico a fazê-lo. Escreve a respeito da obra num estilo próprio e requintado, com total admiração pelas realizações literárias, artísticas e científicas dos autores.

Viena, 13 de fevereiro de 1896

Caríssimo Wilhelm,

Estou tão sozinho e, portanto, tão radiante com sua carta que uso o silêncio posterior às horas de hoje no consultório para responder.

Antes de mais nada, para não lhe ocultar coisa alguma: a publicação mais recente é um fragmento do chamado conto de fadas natalino que confeccionei para você — um tanto mais objetivo e menos inflamado.

Estou, é claro, aguardando com grande expectativa seu nariz-sexo. Nas clínicas daqui, andam preparando artigos de réplica contra você. Não pude descobrir mais do que isso. A crítica não o afetará mais do que me afetou a crítica de Strümpell; sinceramente, não preciso de consolo por ela. Estou seguro de termos ambos agarrado uma linda parcela da verdade objetiva, e poderemos prescindir do reconhecimento de estranhos (estranhos ao assunto em questão) ainda por muito tempo. Descobriremos muitas outras coisas, espero, e nos corrigiremos antes que qualquer um possa alcançar-nos. Caso você não goste de Munique, vamos reunir-nos em algum outro lugar por três dias científicos; é certo que não abrirei mão disso.

Eu realmente gostaria muito de ler a carta de Breuer; apesar de tudo, é-me muito doloroso que ele se tenha afastado tão completamente de minha vida. A propósito, ele tem estado mal-humorado em geral e não tem passado muito bem.

O artigo de Berger será remetido.

Meu irmão é um sujeito estranho, mas é óbvio que está passando muito bem.

Minha pobre Martha tem levado uma vida cheia de aborrecimentos. Claro, Annerl vai indo lindamente e Mathilde sofreu tão pouco com a doença que hoje a estamos mandando, com minha irmã Dolfi, para o |Vale do| Sulz; em compensação, porém, Martin caiu de cama hoje e, agora, é provável que a doença faça o circuito completo. Vamos esperar que seja branda. Obviamente, nossas condições de vida não são muito conducentes ao isolamento.

Meu estado de saúde não merece ser tema de investigação. Na semana passada, houve um recrudescimento da supuração do lado esquerdo e enxaquecas bastante freqüentes; a abstinência necessária mal chega a fazer-me algum bem. Fiquei grisalho bem depressa.

Tenho-me ocupado continuamente com a psicologia — na verdade, com a *metapsicologia*; o livro de Taine, *L'Intelligence*, caiu-me extraordinariamente bem. Espero que alguma coisa possa sair disso. De fato, as idéias mais antigas são as mais úteis, como venho descobrindo tardiamente. Espero estar bem provido de interesses científicos até o fim de minha vida. À parte isso, porém, já quase não sou humano. Às dez e meia da noite, depois do consultório, fico morto de cansaço.

É claro que lerei *O Nariz e o Sexo* sem demora e o devolverei. Espero que, também nesse livro, você examine algumas das idéias básicas que compartilhamos sobre a sexualidade.

Nada sei a respeito de seus experimentos com raios-X. Você pode mandar-me, a título de empréstimo, as reportagens do jornal sobre eles? Com saudações cordiais a sua dileta esposa e a Robert,

Seu,
Sigm.

23 de fevereiro de 1896
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Seu manuscrito chegou, será lido hoje com extrema impaciência e estará em suas mãos no final da semana. Deuticke está fora da cidade; conversarei com ele quando estiver de volta e me certificarei de que ele lhe escreva. Mathilde está muito bem no Sulz; Martin e Ernst tiveram apenas uma angina [amigdalite] sem seqüelas; o templo de Jano está fechado agora.⁽¹⁾ Annerl ri o dia inteiro. Ando meio indisposto; gripe, provavelmente. Não consigo adivinhar o que foi que Breuer planejou com respeito à etiologia da neurastenia. Escreverei de novo dentro em breve. Por hoje, quero apenas cumprimentar vocês três, muito cordialmente.

Seu,
Sigm.

(1) O fechamento dos portões do templo do deus romano Jano significava a paz.

Viena, 1.º de março de 1896

Querido Wilhelm,

Li seu manuscrito inteiro de uma só assentada. Fiquei excepcionalmente satisfeito com a convicção límpida, as conexões lúcidas e evidentes entre os temas isolados, o desdobramento despretenso de sua riqueza e, *last but not least*,⁽¹⁾ com a profusão de vislumbres de novos enigmas e novas explicações. A princípio, li-o como se tivesse sido feito só para mim. Com exceção de uma única nota, não há anotações em vermelho na margem; não houve necessidade delas. Você há de me perdoar por eu não ter reexaminado mais uma vez os casos clínicos.

Para ser crítico, tenho primeiro que violentar-me. Acho, portanto, que você deveria ter-me mandado o último capítulo geral ao mesmo tempo. Não pode ser um simples adendo; ao contrário, o que você me enviou está clamando por ele, com urgência e em voz alta. Estou também muito curioso em vê-lo. Além disso, penso que as pessoas ficarão confusas com

a maneira como a encantadora história dos períodos de gestação de I.F., com as hipóteses associadas das duas metades do órgão e de suas transferências de funções e interferências, foi intercalada, como um vislumbre isolado de um panorama distante, em meio ao trajeto por uma estrada larga e fácil de percorrer. Chega quase a lembrar o modo como G. Keller, em *Der grüne Heinrich*, interrompe a narrativa da história de sua vida para descrever o destino da pobre princesinha louca. Penso que, para os plebeus a quem se destina o livro, melhor seria colocar essa tentativa de explicação, que se segue às tabelas, na seção explicativa geral; no contexto da apresentação dos fatos, seria suficiente fazer uma anotação no sentido de que, com base nas descobertas nasais, parece que os intervalos menstruais a partir de julho oscilam entre 23 e 33 dias, de modo que seja possível estabelecer ligações significativas mais adiante. As provas subseqüentes da periodicidade de 23 dias também ficariam, nesse caso, num nível diferente. Decerto, essas são precisamente as coisas que, para nós dois, são as mais interessantes. Mas não se deve dar ao público a oportunidade de estender o limitadíssimo juízo crítico de que dispõe, em detrimento dele próprio, em geral, à parte que é inteiramente dedicada aos fatos. Assim, a apresentação do que é novo e hipotético na segunda seção também poderia ser mais alongada. De outro modo, temo que o *publicus* conclua precipitadamente que essa não é a única explicação possível para a seqüência do caso de I.F., especialmente uma vez que o nascimento não se coadunou com essa seqüência, ocorrendo, ao contrário, como resultado de um distúrbio. Mas isso só pode ser apreendido, realmente, quando se tem à mão a segunda seção.

Para escapar do cansativo dever de examinar seu trabalho através das lentes do *publicus*, que de modo algum me servem, quero acrescentar que algumas de suas observações ao acaso realmente me impressionaram. Assim, ocorreu-me que os limites do recalamento em minha teoria das neuroses — isto é, a época depois da qual as experiências sexuais deixam de ter um efeito póstumo e passam a ter um efeito real — coincidem com a segunda dentição. Somente agora ousou compreender minha neurose de angústia: o período menstrual como seu modelo fisiológico; e a própria neurose de angústia como uma intoxicação para a qual um processo orgânico deve suprir as bases fisiológicas. O órgão desconhecido (a tireóide ou seja lá o que for) provavelmente não lhe permanecerá desconhecido, espero, por muito tempo. Fiquei também imensamente satisfeito com a menopausa masculina;⁽²⁾ em minha “Neurose de Angústia”, previ-a ousadamente como o último estado | gerador de neurose de angústia | nos homens.⁽³⁾ Você também parece ter fornecido em meu lugar uma explicação para a periodicidade dos ataques de angústia, que Löwenfeld exigiu de mim. Assim, quando li seu manuscrito, fiquei mais uma vez satisfeito comigo mesmo, pois me lembrei de ter recrutado você como mestre dos homens da medicina. Essa minha proeza não será esquecida tão cedo.

Fiquei menos zangado com a carta de Breuer do que havia esperado. Pude consolar-me com a idéia de que os daltônicos se transformam muito depressa em juizes das cores, e consegui pelo menos entender porque ele fazia uma opinião negativa da etiologia das n|euroses|: por causa de minha afirmação de que alguns fatores nocivos triviais podem produzir neuroses em pessoas que, na verdade, nunca se masturbaram, mas que, mesmo assim, exibem desde cedo um tipo de sexualidade que tem a mesma aparência da que é adquirida pela masturbação. Em minha mente, sempre tive dúvidas quanto a presumir que tais casos se devessem à hereditariedade ou, em vez disso, às experiências infantis. Seja como for, esse é um ponto obscuro da teoria e o oponente o transforma, acertadamente, num ponto fraco. A simples existência dessa oposição — numa área em que nenhuma teoria pode ser completamente elaborada de imediato — mostra como são superficiais a conversão e a compreensão de Breuer nessas questões. Ele se alegra em poder apontar uma lacuna que, afinal, não é idêntica a uma contradição, e menos ainda a uma refutação. O restante do que ele diz se reduz a: a masturbação masculina enquanto fator etiológico tem sido menos desprezada do que a masturbação feminina. Nosso relacionamento pessoal, remendado na superfície, lança sobre minha existência aqui uma profunda sombra. Não consigo fazer nada certo aos olhos dele e desisti de tentar. Segundo ele, eu deveria perguntar-me todos os dias se estou sofrendo de *moral insanity*⁽⁴⁾ [insanidade moral] ou de paranóia científica. Apesar disso, considero-me o mais normal dos dois em termos psíquicos. Creio que ele nunca me perdoará por tê-lo arrastado comigo para os *Estudos* e tê-lo envolvido numa coisa em que ele conhece, infalivelmente, três candidatos para a posição de *uma* só verdade e abomina todas as generalizações, que considera presunçosas. Que se tenha de pagar tão caro por tudo de que se gosta na vida não é, decididamente, um tipo de arranjo admirável. Será que nós dois experimentaremos a mesma coisa em relação um ao outro?

Talvez lhe interesse, como um comentário à parte, saber que Martha sentiu os primeiros movimentos, com Annerl, no dia 10 de julho. O parto ocorreu a 3 de dezembro. A menstruação voltou a ocorrer a 29 de fevereiro. Desde a puberdade, Martha sempre teve ciclos regulares. O intervalo entre as menstruações é ligeiramente superior a 29 dias, digamos, $29\frac{1}{3}$. Ora, de 3 de dezembro a 29 de fevereiro há 88 [dias] = $3 \times 29\frac{1}{3}$:

$$\begin{array}{r}
 28 \\
 31 \\
 29 \\
 \hline
 88 \div 3 = 29\frac{1}{3} \text{ dias} \\
 - 28
 \end{array}$$

De 10 de julho a 3 de dezembro há $5 \times 29 \frac{1}{5}$:

$$\begin{array}{r}
 21 \\
 31 \\
 30 \\
 31 \\
 30 \\
 3 \\
 \hline
 146 \div 5 = 29 \frac{1}{5} \\
 - 46 \\
 - 1
 \end{array}$$

Assim, para um ciclo de pouco mais de 29 dias, o parto ocorreu precisamente na hora certa, e os primeiros movimentos ocorreram na época da quinta menstruação.⁽⁴⁾

Minhas mais cordiais saudações a você, Ida e W. R.⁽⁵⁾

Seu,
Sigm.

(1) Por fim, mas não menos importante. Em inglês no original.

(2) Possivelmente, Fliess foi o primeiro a usar esse termo.

(3) Alusão à frase *Es gibt Männer, die wie die Frauen ein Klimakterium zeigen* (Há homens que exibem um climatério como as mulheres), no artigo "Dos Fundamentos para Identificar uma Síndrome Específica da Neurastenia sob a Descrição de 'Neurose de Angústia'" (S.E. III: 101-102).

(4) Em inglês no original.

(5) Todo esse trecho foi literalmente citado por Fliess em seu livro de 1897, *Die Beziehungen zwischen Nase und weiblichen Geschlechtsorganen*, com a indicação de provir de "um amável colega". Cf. Sulloway (1979, p. 181).

(6) Freud usa indiscriminadamente W. R. e R. W. para designar o filho de Fliess, Robert Wilhelm.

7 de março de 1896

Certíssimo!

Concordo com as premissas e com a dedução. A vida é lastimável e muito complicada, e teremos um congresso na primavera. Quanto às datas, proponho a Páscoa: (1) porque teríamos um dia a mais; (2) porque ainda disporíamos de quatro semanas para aguardá-la com grande expectativa; (3) porque não precisaríamos confrontar nossa chamada consciência como desertores e epicuristas. Quanto ao lugar: Praga, Dresden, Nuremberg, ou qualquer outra cidade. Em favor de Praga haveria o fato de que nenhum de nós, presumo eu, a conhece; o mesmo raciocínio, porém, também depõe *contra* Praga. O mesmo se pode dizer contra Nuremberg ou qualquer outra cidade alemã — ou seja, que ela poderia despertar

um interesse independente do congresso e que seria menos fácil chegar até lá saindo dos dois pontos de partida do congresso. Ao que eu saiba, não há nada contra Dresden. Queria comentar as datas propostas (deixando em aberto a terceira parte).

Levarei para o congresso:

- (1) Artigos de toalete
- (2) Vários lenços
- (3) Saudações cordiais de todos os Freuds
- (4) Uma expectativa tremenda de revê-lo
- (5) A análise do sonho
- (6) A etiologia das neuroses de defesa
- (7) Uma conjectura psicológica.

Na verdade, sete coisas, portanto.⁽¹⁾ De você, espero ao menos duas:

- (1) Provas de um período de 25 dias nos processos sexuais
- (2) Provas da necessidade de um período que não ultrapasse três meses nas questões de amizade.

Além disso, uma terceira:

- (3) Um método prontamente compreensível que reforme a sociedade, com respeito aos nervos e membros,⁽²⁾ pela esterilização das relações sexuais [isto é, pela contracepção].

Na expectativa de que nosso projeto venha a ser uma linda realidade, fiquei animado e até adiei minha solidarização com o pequeno W. R.. Pobrezinho, ter que passar por todos esses problemas! Mas, quando chegar a época do primeiro amor dele, tudo já se terá arranjado a contento há muito tempo. Isso não irá prejudicar-lhe a carreira. Em nossa família, foi Ernst quem, durante anos, teve experiências semelhantes. Sempre que aconteciam acidentes, eles convergiam todos para o menino. Nesse aspecto, espero, W. R. não há de imitá-lo. No momento, Martin está de cama com a terceira infecção de garganta em quatro semanas! No mais, tudo vai correndo bem; Annerl está esplêndida, e Martha, ainda um pouco manca; Minna está em Frankfurt, onde aceitou uma colocação.

Recebi ontem um convite para ir, imagine só, a Frankfurt, onde verei apresentar o relatório sobre a doença de Little nas reuniões científicas de setembro.⁽³⁾ Não se pode recusar, realmente, mas o convite não me convém em nenhum aspecto, e provavelmente terei visitado minha cunhada antes disso.

No mais, tudo está externamente muito monótono, muitas vezes desagradável, e pedindo nada menos do que uma interrupção para um congresso particular.

Com as mais cordiais saudações, primeiro a W. R., depois a I. F. e você,

Seu,
Sigm.

Martha, como você sabe, sofre de um bloqueio para escrever.

(1) *Sieben Sachen* (sete coisas) é uma expressão alemã que também significa "Tudo o que é necessário para determinado fim".

(2) Freud transforma a expressão idiomática *Reform und Haupt und Gliedern* (reformular a cabeça e os membros), que significa uma reforma total, em *Reform an Nerven und Gliedern* (reformular os nervos e os membros). O que pretende implicar é que, se Fliess descobrir um método de controle da natalidade, haverá menos doenças nervosas.

(3) Referência à sexagésima oitava reunião da *Gesellschaft deutscher Naturforscher und Ärzte*, realizada em Frankfurt em 21-26 de setembro de 1896.

Viena, 16 de março de 1896

Querido Wilhelm,

A rigor, ainda não superei minha depressão diante do calendário de suas dores de cabeça. Talvez possa comprazer-me com o fato de a Páscoa estar bem longe da data que você sublinhou como sendo a mais crítica. A parte isso, vejo que, lamentavelmente, você tem dores de cabeça de três em três dias. No entanto, assim como os imperadores exercem uma influência indubitável sobre o clima, tenho conseguido exercer com minha presença uma influência favorável em suas dores de cabeça e, portanto, tenho esperanças de bom tempo em nosso encontro.

Não pense que estou lançando dúvidas sobre seus períodos simplesmente porque as observações feitas por você e sua esposa não parecem isentas de influências perturbadoras. Quero apenas impedi-lo de dar ao Sr. Inimigo, o *publicus*, algo que exija que ele pense — como eu mesmo faço, constantemente —, pois ele costuma vingar-se dessas imposições.

Como está R. W.? Outra vez muito bem, espero. Nossa Annerl está encantadora; os outros, para variar, também vão indo bem.

A ciência tem progredido vagarosamente. Hoje, assim como tendem a fazer os jovens poetas, coloquei o seguinte título numa folha de papel:

Preleções sobre as Grandes Neuroses

(Neurastenia, Neurose de Angústia, Histeria, Neurose Obsessiva)

pois percebo que, por ora, não estou chegando a parte ~~alguma~~ em minha compreensão das neuroses comuns, mas também não preciso revogar nada. Assim, vou começar a fazer o trabalho e juntar as coisas. Por ~~três~~ disso paira uma segunda e mais bela obra:

Psicologia e Psicoterapia das Neuroses de Defesa,

para a qual tenho-me proporcionado anos de preparação e na qual colicarei toda a minha alma.

Vou levar-lhe mais uma coisa: um caso de dipsomania que foi solucionado de maneira muito óbvia, de acordo com meu esquema. Volto

repetidamente à psicologia; não consigo escapar de seu chamado imperativo. O que tenho, provavelmente, não é nem um milhão, nem sequer um *kreuzer* ainda, e sim um punhado de minério bruto que contém uma quantidade incalculável de metal precioso. Grosso modo, estou satisfeito com meu progresso, mas venho combatendo a hostilidade e vivo em tal isolamento que se poderia imaginar que descobri a maior das verdades.

Espero que nosso congresso seja um verdadeiro alívio e revigoreamento.

Com as mais cordiais saudações a você e a sua dileta esposa e mãe de R. W.,

Seu,

Sigm.

Domingo de Ramos [29 de março de 1896?
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Faltam só mais oito dias para nosso congresso, do qual espero, acima de tudo, que traga dias límpidos para sua cabeça. Estou planejando partir da Estação Noroeste no sábado à noite e rumar para Dresden ou Schandau, como você preferir. Deixe que o tempo decida onde ficaremos. Se você ainda estiver livre na terça-feira, também eu estarei.

Desconfio que você descobriu a tese francesa sobre a estreita relação entre o *nervosisme* [irritabilidade dos nervos] e o *arthritisme*, só que consegue rastrear este último até o metabolismo sexual; estou muito curioso. .

Hoje estou morto de cansaço, após treze horas de trabalho, com apenas meia hora de intervalo desde ontem.guardo com imensa expectativa nosso [congresso da] Páscoa.

Com saudações cordiais a sua prezada esposa e a R. W., que espero esteja passando bem,

Seu,

Sigm.

(26 de março, Rausenberg)

Viena, 2 de abril de 1896

Querido Wilhelm,

Amanhã seu manuscrito seguirá para Deuticke. Acabei de lê-lo por inteiro e fiquei muito satisfeito. Logo poderemos discuti-lo. Faz

bem a meu coração constatar que você é capaz de substituir minhas idéias preliminares por *realia* [realidades]. Talvez seja possível justificar a distinção entre a neurastenia e a neurose de angústia também em termos de processos orgânicos; eu o fiz com base numa espécie de instinto clínico. Sempre entendi os processos das neuroses de angústia, bem como das neuroses em geral, como uma intoxicação, e muitas vezes pensei também na semelhança entre os sintomas da neurose de angústia e da doença de Basedow, que talvez você ainda possa mencionar. Expor-lhe-ei em pessoa certas restrições de ordem prática que tenho a respeito do caso clínico de sua I. F. (que você deve disfarçar mais, para que Ida não seja identificada).

De modo geral, tenho feito bons progressos na psicologia das neuroses e tenho todos os motivos para estar satisfeito. Espero que você me empreste sua escuta também para algumas perguntas *metapsicológicas*.

A perspectiva da Páscoa iluminou todo esse intervalo de tempo para mim. Agora, espero que nos encontremos, como você propõe, sem nenhum obstáculo. Vou providenciar as coisas de acordo com seu telegrama; de qualquer modo, partirei na noite de sábado. Será que chegarei a Schandau ou Dresden *antes de você*? Se ainda nos forem assegurados mais alguns anos de trabalho tranqüilo, certamente deixaremos atrás de nós algo que justifique nossa existência. Sabedor disso, sinto-me forte diante de todas as inquietações e preocupações cotidianas. Quando jovem, eu não conhecia nenhum outro anseio senão o de conhecimentos filosóficos, e agora estou prestes a realizá-lo, à medida que vou passando da medicina para a psicologia. Tornei-me terapeuta contra minha vontade; estou convencido de que, dadas certas condições relativas à pessoa e ao caso, posso definitivamente curar a histeria e a neurose obsessiva.

Até mais ver, então. Ganhamos honestamente o direito a alguns bons dias.

Quando se despedir de sua mulher e filho na Páscoa, cumprimente-os também em meu nome.

Seu,
Sigm.

Viena, 16 de abril de 1896

Caríssimo Wilhelm,

Tive a mesma experiência; com a cabeça cheia de datas e idéias sobre somas, orgulhoso de ter recebido algum reconhecimento e com um sentimento insolente de independência, voltei com uma sensação de excessivo bem-estar e, desde então, tenho estado muito preguiçoso, porque

aquela parcela módica de sofrimento que é essencial ao trabalho intensivo recusa-se a voltar. Só tenho a registrar umas poucas idéias nascidas de meu trabalho cotidiano sobre o reino do intermediário, como um reforço genérico da impressão de que *tudo* é como suponho que seja e, portanto, de que tudo será esclarecido. Entre elas, há uma explicação complementar surpreendente das hemorragias de Eckstein — que lhe dará grande prazer. Já atinei com a história, mas vou esperar para comunicá-la quando a própria paciente a tiver compreendido.

De acordo com seu pedido, comecei a me isolar em todos os aspectos e isso me é fácil de suportar. Tenho um compromisso previamente assumido, porém — uma conferência a ser feita na Sociedade de Psiquiatria na terça-feira. Não estive com Breuer, nem esbarrei nele em minha clínica; evitei um encontro desnecessário com ele na casa de um paciente que, vez por outra, consulta-nos a ambos.

Estou anexando a publicação francesa, da qual, de modo geral, gosto muito, embora aquela gente tenha deixado alguns mal-entendidos que distorcem o significado de meu rascunho; não recebi nenhuma prova tipográfica do texto. Aguardo a [tradução] alemã a qualquer momento.

Ao ouvir a notícia dos 200 gramas de R. W., minha Annerl engordou imediatamente 210 gramas; os outros molequinhos, no momento, estão ótimos. Reservei acomodações em Obertresen, perto de Aussee. Tenho feito anotações diárias sobre minha saúde, para que possam ser usadas para verificar datas especiais.⁽¹⁾ Obtive de Martha [a história de] um bom ciclo paramenstrual. Quanto a mim, registro enxaquecas, secreção nasal e ataques de medo da morte, como hoje, embora a morte cardíaca de Tilgner tenha mais probabilidade de ser responsável por isso do que a data.⁽²⁾ Você me ajudou muito a chegar à moderação com respeito ao fumo e também me sinto mais seguro e em melhor forma desde nossa *entrevue* [conversa]. Ela foi muito boa para mim, e muito necessária. É provável que eu o surpreenda dentro em breve com alguns fragmentos psicológicos; no momento, estou extremamente preguiçoso para escrever. A propósito, basta uma gota de álcool para que eu fique completamente embotado.

Seus dados sobre as datas são ótimos. Tudo o que se pode dizer ao cliente da Sra. P. é que ele deve contentar-se com suas recentes agulhadas. Sem dúvida, você está certo quanto a seus próprios motivos. *Je n'en vois pas la nécessité* [Não vejo necessidade disso].⁽³⁾

Infelizmente, não consegui obrigar-me a fazer as paralisias infantis. Será que isso tem que ser feito? Passe-me um carão!

Recordando aqueles lindos dias, envio minhas mais cordiais saudações a você, I. F. e R. W.

Seu,
Sigm.

(1) *Termin* significa, literalmente, um ponto fixo no tempo, e costuma implicar que algo irá acontecer naquele momento específico. Aqui, é provável que signifique uma data especial ou importante.

(2)..O significado que teve para Freud a morte do escultor Victor Tilgner, em 1896, foi bem documentado por Schur (1972, pp. 100-104).

(3) As referências desse trecho são obscuras..

Isolamento da Comunidade Científica

Viena, 26 de abril de 1896

Querido Wilhelm,

Você não escreve há muito tempo, o que significa que tem-se sentido tão bem que está conseguindo fazer um grande volume de trabalho, ou então que tem passado muito mal; e essa incerteza quanto à interpretação está realmente estragando meus dias atuais. Desde nosso congresso, senti-me cientificamente aliviado de um fardo, é verdade, mas, do ponto de vista pessoal, um outro [congresso] é uma necessidade urgente para mim.

Deixei para trás um período um tanto embaçado...

28 de abril, intervalo em que algumas coisas aconteceram, e também estas estão relacionadas com meu silêncio. Elas vêm-se arrastando há tanto tempo que não quero deixá-lo esperando até que estejam terminadas. Antes de mais nada, Eckstein. Consegui provar-lhe que você estava com a razão, que os episódios de sangramento dela eram histéricos, que eram provocados por *saudade* e que ocorreram, provavelmente, nas ocasiões sexualmente importantes? (A mulher, por resistência, ainda não me forneceu as datas.)

Além disso, fiquei totalmente obcecado com o problema do movimento dos neurônios. Estimulado por suas teorias químicas e após as mais incríveis tentativas, cheguei também a uma concepção química que me inspira confiança. Tão logo a história se encaixe, você a terá. Quando é que isso vai acontecer, não sei, é claro.

Ainda não pude fazer nenhuma contribuição para a questão dos períodos e datas. É provável que você também não esperasse grande coisa. Dentre todos os conselhos que você me deu, segui à risca o que se referia a meu isolamento. (Isso me faz lembrar a anedota em que um

médico diz a um velho *bon vivant*: “Meu caro amigo, de agora em diante, nada de vinho, mulheres e música!”; ao que o outro responde: “Pois muito bem, vou parar de *cantar*.”) Ainda não estive com Breuer e desisti de reclamar. Uma palestra sobre a etiologia da histeria, feita na Sociedade de Psiquiatria,⁽¹⁾ teve uma recepção gélida por parte daqueles imbecis e recebeu uma estranha avaliação de Krafft-Ebing: “Parece um conto de fadas científico.” E isso depois de se ter demonstrado a eles a solução de um problema de mais de mil anos, uma *caput Nili* [cabeceira do Nilo]!⁽²⁾ Pois que vão para o inferno, para expressá-lo eufemisticamente.

Annerl produziu hoje o primeiro dentinho, sem nenhum mal-estar; Mathilde tem passado incomparavelmente melhor desde que foi retirada da escola. Oliver, numa excursão recente na primavera, perguntou, com muita seriedade, porque o cuco está sempre a gritar seu próprio nome. Espero que R.W. não leve tanto tempo assim para descobrir o segredo da atribuição de nomes.

Presumo que você tenha recebido meu artigo em francês. A [tradução] alemã, espero, será finalmente publicada nos primeiros dias de maio.

Cordiais saudações, e diga-me depressa que você não teve dores de cabeça. O fato de eu falar tão pouco sobre esse tópico prende-se a meu sentimento de desamparo. Sua prezada esposa também não nos deve esquecer inteiramente.

Seu,
Sigm.

(1) Publicada no *Wiener klinische Rundschau* e, posteriormente, na *S.E.*, com o título “Sobre a Etiologia da Histeria”. Ver carta de 30 de maio de 1896.

A avaliação feita por Freud é reforçada pelas seguintes informações: era costume da *Verein für Psychiatrie und Neurologie* (Sociedade de Psiquiatria e Neurologia) registrar as reuniões (com resumos sucintos) e os debates. A única exceção parece ter sido o caso do artigo de Freud, que foi, sem dúvida, muito mal recebido. O *Wiener klinische Wochenschrift* n.º 9 (1896), pp. 420-421, fornece a ata oficial da reunião. Tudo o que ela diz é: “Docente Sigm. Freud: Sobre a Etiologia da Histeria.” Não há reprodução do texto lido, nenhuma indicação de quando e onde seria publicado, e nenhum comentário sobre qualquer debate. Evidentemente, não houve debate. Tanto quanto me foi possível determinar, a reunião só teve cobertura em mais uma publicação: o *Neurologisches Centralblatt* n.º 15 (1896), pp. 709-710; ali, porém, o artigo de Freud não é mencionado sequer pelo título. Anos depois, Freud relembrou essa reunião com amargura. Na *História do Movimento Psicanalítico* (*S.E.* XIV:21), escreve ele: “Inocentemente, discursi numa reunião da Sociedade de Psiquiatria e Neurologia de Viena, presidida por Krafft-Ebing, na expectativa de que os prejuízos materiais que eu havia sofrido voluntariamente fossem recompensados pelo interesse e reconhecimento de meus colegas. Tratava minhas descobertas como contribuições corriqueiras à ciência e tinha esperança de que fossem recebidas dentro do mesmo espírito. Mas o silêncio com que deparou minha comunicação, o vazio que se formou a meu redor e as sugestões que me foram transmitidas fizeram-me perceber, gradativamente, que as assertivas sobre o papel desempenhado pela sexualidade na etiologia das neuroses não poderiam contar com o mesmo tipo de tratamento dado às outras comunicações. Compreendi

que, dali em diante, eu seria um daqueles que haviam 'perturbado o sono do mundo', nas palavras de Hebbel."

Em Masson (1984), especulei um tanto pormenorizadamente sobre os efeitos dessa reunião nos pontos de vista posteriores de Freud. Anna Freud (comunicação pessoal) disse-me acreditar que o pai nunca mais compareceu a outra reunião da Sociedade. Entretanto, de acordo com a lista de membros de 1899, Freud ainda fazia parte dela. Ver *Jahrbücher für Psychiatrie und Neurologie* n.º 18 (1899), pp. 390-394.

(2) Freud usa essa analogia no artigo sobre a etiologia da histeria (S.E. III: 203): "Creio que este [a importância das experiências sexuais primitivas] é um achado importante, a descoberta de uma *caput Nili* na neuropatologia."

Viena, 4 de maio de 1896

Querido Wilhelm,

Eu bem sabia porque você não havia escrito. Além disso, era seu período especial. Mas permita-me dizer que é uma coisa atroz. O fato de, apesar de tudo, você ter descoberto tantas explicações novas, enquanto não pude dar contribuição alguma para a validação dos períodos temporais, vem apenas demonstrar, mais uma vez, como é difícil para qualquer um, exceto os que vêem, enxergar.

No que concerne ao dente de Annerl, a coisa é surpreendentemente correta. Mas Martha teve as menstruações em 28 de março e 26 de abril; no intervalo, a 13 de abril, uma nítida indisposição paramenstrual. O dente apareceu em 28 de abril; Martha costumava defender teimosamente seus ciclos de 28 dias. A gravidez resultou num ciclo < 29 dias,⁽¹⁾ e creio lembrar-me de ter tido que consolá-la inúmeras vezes, por ela supor que estava com um atraso. Há, portanto, algum detalhe no fundo disso tudo que ainda precisa ser acrescentado, e que, espero, será determinado pelas observações adicionais.

Estou trabalhando na psicologia, vigorosamente e na solidão; ainda não posso enviar-lhe nada que esteja sequer meio concluído, por mais que eu reduza meus padrões concernentes ao que está concluído. Acredito, com firmeza cada vez maior, na teoria química dos neurônios; parti de pressupostos semelhantes aos que você descreveu, mas agora estou emperado, depois de ter quebrado a cabeça com isso ontem.

Sinto-me mais seguro quanto à consciência e preciso agora fazer uma tentativa de lidar com esta coisa, que é a mais difícil de todas, em minhas aulas sobre a histeria.⁽²⁾ No sábado, fiz uma palestra sobre a interpretação de sonhos para os jovens do círculo acadêmico de leitura judaica; um dia você saberá o que ela conteve; no momento, não tenho a menor disposição para apresentações.⁽³⁾

Estou tão isolado quanto você desejaria. Alguém deu instruções para que eu fosse abandonado, pois um vazio está-se formando a meu redor. Até aqui, tenho suportado isso com equanimidade. Considero mais problemático que, neste ano, pela primeira vez, meu consultório está vazio,

por semanas a fio não vejo nenhum rosto novo, não posso começar nenhum novo tratamento e nenhum dos antigos foi completado. As coisas estão tão difíceis e penosas que, de modo geral, é preciso ter uma constituição forte para lidar com elas.

Quanto a Eckstein — estou fazendo anotações sobre o caso dela para poder enviá-las a você — sei apenas, até agora, que ela perdia sangue por causa de um *desejo*. Sempre foi dada a perder muito sangue, ao cortar-se e em situações semelhantes; quando menina, sofreu de graves sangramentos nasais; durante os anos em que ainda não tinha fluxo menstrual, sentia dores de cabeça que lhe foram interpretadas no sentido de ela estar-se fingindo de doente e que, na verdade, tinham sido geradas por sugestão; por essa razão, ela acolheu de bom grado seus abundantes fluxos menstruais, como prova de que sua doença era genuína, prova esta que foi também reconhecida como tal por terceiros. Ela descreveu uma cena de quando tinha quinze anos, na qual começou subitamente a perder sangue pelo nariz ao sentir desejo de ser tratada por um certo médico jovem que estava presente (e que também apareceu no sonho). Ao ver como fui afetado por sua primeira hemorragia, quando ela estava nas mãos de Rosanes, vivenciei isso com a realização de um antigo desejo de ser amada na doença e, apesar do perigo havido nas horas subseqüentes, sentiu-se mais feliz do que nunca. Depois, no sanatório, ficou inquieta à noite, por causa de um desejo inconsciente⁽⁴⁾ de me seduzir para que eu fosse até lá; como não fui durante a noite, ela recomeçou com as hemorragias, como um meio infalível de redespertar minha afeição. Perdeu sangue espontaneamente três vezes e cada uma das hemorragias durou quatro dias, o que deve ter algum significado. Ela ainda está-me devendo detalhes e datas específicas.

Minhas cordiais saudações, e não se esqueça de me escrever com tanta freqüência quanto sua |dores de| cabeça o permitir.

Seu,
Sigm.

(1) Esse símbolo matemático indica "menor do que", mas a grafia é duvidosa; talvez Freud tenha pretendido escrever > , "maior do que".

(2) De acordo com Schröter, isso, talvez se refira ao curso dado por Freud sobre a histeria (ver Gicklhorn e Gicklhorn, 1960, p. 152).

(3) O manuscrito diz *darstellungsunlustig*, e não *darstellungslustig*, como nos *Anfänge*.

(4) A expressão alemã incomum aqui usada por Freud, *unbewusste Sehnsuchtsabsicht*, significa, literalmente, "uma intenção inconsciente de ansiar por".

Viena, 17 de maio de 1896

Querido Wilhelm,

A agitação do casamento⁽¹⁾ acaba de terminar. O casal viajou, reatendendo toda sorte de recordações do 6 de setembro. Todos ficaram en-

cantados; ele é um homem excelente e não tem nenhum outro motivo senão uma afeição de longa data, mas todos estamos muito cansados. Muito obrigado por seus cumprimentos calorosos, em nome do casal e em meu próprio. Para mim, foi um raio de sol no inverno.

A parte mais adorável do casamento, a propósito, foi nossa Sopher! — com os cabelos cachados e uma grinalda de miosótis na cabeça.

Espero que você não esteja tendo trabalho demais com os comentários contra Löw [enfeld]. A frase importante é “empresta sua própria periodicidade”.⁽²⁾ Naturalmente, não consigo encontrar o artigo neste momento.

Saudações muito cordiais a você e Ida.

Seu,
Sigm.

Com o dia 12, retornou a coragem de enfrentar a vida. Dias críticos em abril: 6 e 12.

(1) Rosa (n. 1861), uma das irmãs de Freud, casou-se com Heinrich Graf (n. 1852), advogado que faleceu em 1908. Rosa morreu em 1942, em Auschwitz.

(2) Essa frase exata não foi encontrada na resposta de Freud a Löwenfeld (embora a mesma idêntica esteja presente; ver G.W. I:369), nem no artigo de Löwenfeld. Em seu livro de 1897, Fliess defendeu Freud contra Lowenfeld (p. 197, n.).

Viena, 30 de maio de 1896

Querido Wilhelm,

Como fruto de algumas reflexões torturantes, envio-lhe a seguinte solução para a etiologia das psicose neuroses, que ainda aguarda confirmação proveniente das análises individuais.

É preciso distinguir quatro fases da vida:

Ia	Ib	A	II	B	III
Até 4 anos Pré-consciente	Até 8 anos Infantil		Até 14 anos Pré-púbere		Até X Maturidade

A e B (de aproximadamente 8 a 10 e 13 a 17 anos) são as fases de transição, durante as quais ocorre o recalçamento, na maioria das vezes.

A evocação, em época posterior, de uma lembrança sexual de época anterior produz um *excesso de sexualidade* na psique, que atua como inibidor do pensamento e confere à lembrança e a suas consequências um caráter obsessivo — impossibilidade de inibição.

A fase Ia tem a característica de ser *intraduzível*, de modo que a evocação de uma cena sexual de Ia leva, não a conseqüências psíquicas, mas a realizações, isto é, a uma *conversão*. O excesso de sexualidade impede a tradução.

O excesso de sexualidade, por si só, não é suficiente para causar o recalçamento; é necessária a cooperação da defesa; contudo, sem um excesso de sexualidade, a defesa não produz neurose.

Cada neurose tem requisitos cronológicos para suas cenas sexuais:

Requisitos Cronológicos

Recalçamento

	Ia	Ib	A	II	B	III
	Até 4 anos	Até 8 anos				Até X
Histeria	Ccna		Recalçamento		Recalçamento	
Neuros.Obs.		Cena	Recalçamento		Recalçamento	
Paranóia				Cena	Recalçamento	

Em outras palavras, as cenas da histeria recaem na primeira fase da infância (até 4 anos), na qual os resíduos mnêmicos não se traduzem em imagens verbais. É indiferente se essas cenas de Ia são evocadas no período posterior à segunda dentição (8 a 10 anos) ou no estágio da puberdade. O resultado é sempre a histeria, e em sua forma de *conversão*, pois a atuação conjunta da defesa e do excesso de sexualidade impede a tradução.

As cenas da neurose obsessiva pertencem à época Ib. Dispõem de tradução em palavras e, ao serem redespertadas em II ou III, formam-se sintomas psíquicos obsessivos.

As cenas da paranóia recaem no período posterior à segunda dentição, na época II, e são redespertadas em III (maturidade). Nesse caso, a defesa se manifesta em desconfiança. Portanto, as fases em que ocorre o recalçamento não têm nenhum significado para a escolha da neurose; as fases em que ocorre o evento é que são decisivas. A natureza da cena é importante, na medida em que é capaz de dar origem à defesa.

O que acontece quando as cenas se estendem por diversas fases etárias? Nesse caso, é decisiva a época mais primitiva — ou então aparecem formas combinadas, que devem ser passíveis de demonstração. Uma combinação desse tipo entre a paranóia e a neurose obsessiva é, na maioria dos casos, impossível, pois o recalçamento da cena de Ib efetuado durante a fase II impossibilitava novas cenas sexuais.

A histeria é a única neurose em que talvez os sintomas possam existir sem a defesa, pois mesmo assim, persistiria a característica da *conversão*. (Histeria somática pura.)

Veremos que a paranóia é a que menos depende de determinantes infantis. É a neurose de defesa por excelência, independente até mesmo da moralidade e da aversão à sexualidade (que são o que, em A e B, fornece os motivos para a defesa na neurose obsessiva e na histeria) e, conseqüentemente, incide nas classes mais baixas. É uma afecção da maturidade. Quando não há nenhuma cena em Ia, Ib ou II, a defesa não pode ter conseqüências patológicas (recalcamento normal). O excesso de sexualidade atende às precondições dos *ataques de angústia* durante a maturidade. Os traços mnêmicos são insuficientes para absorver a quantidade sexual liberada, que deve transformar-se em libido.

A importância dos *intervalos* entre as experiências sexuais é evidente. A continuidade das cenas através da fronteira entre duas épocas talvez possa evitar a possibilidade de um recalcamento, já que, nesse caso, não surgiria nenhum excesso de sexualidade entre uma cena e a primeira lembrança mais profunda da mesma.

Quanto à consciência [isto é, ao ser consciente], ou melhor, ao tornar-se consciente, devemos supor três coisas:

(1) Que, no que tange às lembranças, ela consiste, em sua maior parte, na consciência *verbal* pertinente a estas — ou seja, no acesso às representações de palavra associadas;

(2) Que não está exclusiva e inseparavelmente ligada nem ao chamado domínio inconsciente, nem ao chamado domínio consciente, de modo que parece necessário rejeitar esses termos;

(3) Que ela é determinada por um *compromisso* entre as diferentes forças psíquicas que entram em conflito quando ocorre o recalcamento.

Essas forças devem ser minuciosamente estudadas e inferidas a partir de seus resultados. São elas (1) a *força quantitativa intrínseca* de uma representação e (2) uma *atenção* livremente móvel, que é atraída segundo certas regras e repelida segundo a regra da defesa. Os sintomas são, quase todos, formações de *compromisso*. É preciso fazer uma distinção fundamental entre os processos psíquicos *não-inibidos* e os *inibidos pelo pensamento*. É no conflito entre esses dois que surgem os sintomas, como compromissos através dos quais se abre o acesso à consciência. Nas neuroses, cada um desses dois processos é *racional*⁽¹⁾ em si mesmo (o não-inibido é mono-ideativo, unilateral); o compromisso deles resultante é *irracional*, análogo a um erro de pensamento.

Na totalidade dos casos, é preciso atender a condições *quantitativas*, pois, de outra maneira, a defesa através do processo inibido pelo pensamento impede a formação do sintoma.

Surge uma determinada espécie de distúrbio psíquico quando há um aumento do poder dos processos não-inibidos; outra emerge quando a força da inibição do pensamento é relaxada. (Melancolia, esgotamento — os sonhos como protótipo.)

O aumento dos processos não-inibidos, a ponto de eles deterem a posse exclusiva do acesso à consciência verbal, produz a psicose.

Não há como separar os dois processos; são somente os motivos de desprazer que impedem as várias transições associativas possíveis entre eles.

Com isso, provavelmente enterrarei a varinha de condão por este semestre. Não escrevi porque estava mal-humorado e sabia que você também estava atravessando uma fase ruim. Já estou bem rico de datas significativas:

6-7 de abril
12 "
6-7 de maio
12 "
20 "
29 "

Preciso novamente de uma infusão de força vital como a última, em Dresden. Este ano esgotou minha força moral.

Desafiando meus colegas, redigi para Paschkis, na íntegra, minha conferência sobre a etiologia da histeria. A primeira parte está sendo publicada hoje.

Meu irmão mais velho,⁽²⁾ de Manchester, está hospedado aqui esta semana. Na quinta-feira próxima, minha família irá para Aussee.

Estou muito ansioso por receber notícias suas; o que você não há de ter desvendado nesse íterim! Quando nos encontraremos de novo? Como está R. W.? E sua prezada esposa, que, apesar de todas as tentativas de influenciá-la, não se distanciou de mim?⁽³⁾ A vida é mesmo muito difícil, não acha?

Você não precisa expressar nenhuma opinião sobre as questões que relatei no começo; já admiti que há nelas mais especulação do que de hábito; mas a coisa simplesmente se recusava a me deixar em paz.

Minhas mais cordiais saudações.

Seu,
Sigm.

(1) Freud usa *korrekt* (correto) e *inkorrekt* (incorreto), provavelmente no sentido de adequado à realidade e não-adequado à realidade.

(2) Emanuel Freud (1832-1915) mudou-se para Manchester, na Inglaterra, em 1859, levando a mulher, Marie (que morreu em 1923), os filhos John e Sam e as filhas Pauline e Bertha. John e Pauline aparecem freqüentemente nos sonhos e recordações de Freud. Sam, revendedor de produtos têxteis, morreu em Manchester em 1945.

(3) Ver nota 1 da carta de 12 de agosto de 1896.

4 de junho de 1896

Querido Wilhelm,

Vejam só! Pois então deveremos encontrar-nos este mês, e ainda por cima em Berlim? Que tentação! Mesmo assim, preciso resistir a ela. Em junho, eu ainda perderia uma certa soma por dia, de quatro pacientes que não poderão mais vir em julho. Assim, um chefe de família que gasta a totalidade dos dezesseis ou dezessete mil arduamente ganhos não se pode permitir fazer isso. Ademais, contra Berlim: você se esqueceu de que nossos congressos não devem realizar-se nem em Viena, nem em Berlim, porque nesses dois lugares somos trabalhadores que não podem tirar horas de folga? O que estarei perdendo ao excluir Berlim será compensado por mim na próxima vez, quando irei procurá-lo em sua casa, beijar a mão de Ida e a testa de R. W., e depois viajar com você por umas duas a quatro horas, possivelmente para algum lugar no Báltico. No momento, infelizmente, não é possível a Martha acompanhar-me, para neutralizar e contentar sua esposa. Martha vai para Aussee com as crianças amanhã e está sem empregada.

Depreendo do hiato em suas cartas que você deve ter deixado para trás uma fase bastante ruim, mas quantas coisas deve ter descoberto e imaginado! Estou absolutamente ansioso por conhecê-las. Você ficará desapontado comigo. Os últimos tempos me levaram, intelectual e moralmente, ao ponto de perder minhas forças, e agora tive que deixar de lado as neuroses e a $\phi\psi\omega$ para escrever sobre as paralisias infantis, que precisam estar concluídas ao final de agosto. Desde minha última carta, fiquei convencido apenas da última explicação — histeria até os 4 anos; a ausência de tradução das representações de palavra também só é válida para essa fase da vida. O assunto Löwenfeld é o seguinte: você deve ter lido o artigo dele. Minha observação sobre a "periodicidade do coito" faz parte de *minha resposta* (pp. 9-10). Não se amole demais com isso.

Acho, portanto, que escaparei daqui em julho. Se você tiver algo contra o litoral, que seja alguma outra cidade: Magdeburg, Danzig. Preciso muito disso e, muitas vezes, não reconheço a mim mesmo — eis aí quanto me custaram as experiências com colegas e pacientes — o que, afinal, é mesmo ridículo. Acho que meu coração está sofrendo mais com isso do que com o fumo; por falar nisso, ele tem-se comportado com muita sobriedade.

Não voltei a ver Breuer, salvo por instante, no casamento; não tenho mais necessidade de vê-lo.

As datas significativas de Eckstein, infelizmente, não podem ser obtidas, pois não foram anotadas no sanatório. O caso dela está-se tornando ainda mais claro; não há dúvida de que suas hemorragias deveram-se a desejos; ela teve vários incidentes similares, entre eles algumas simulações francas⁽¹⁾ na infância. Seu nariz, mais uma vez, farejou as coisas acertadamente.⁽²⁾ A propósito, ela tem passado excepcionalmente bem.

Não me deixe esperar demais pela carta que prometeu escrever em paz e sossego.

Minhas mais cordiais saudações a todos vocês.

Seu,
Sigm.

(1) A palavra alemã aqui usada é *direkte*.

(2) Tradução literal de uma expressão idiomática alemã que significa estar na trilha certa. Aqui, é claro, constitui uma referência às teorias de Fliess sobre o nariz.

Viena, 9 de junho de 1896

Caríssimo Wilhelm,

Agora eu poderia dizer: nosso próximo congresso é realmente supérfluo, pois nada tenho a contar-lhe e o que você insinua querer dizer-me, na carta, já sei. Antes que você se refaça do susto, deixe-me traduzir a piada e falar sério: na verdade, não tenho nada para lhe contar (exceto, talvez, a solução da história de Eckstein e suas hemorragias), e, quanto às suas descobertas, eu sabia apenas que você as faria; você não me surpreendeu: pela pata que me mostrou em Dresden, pude formar o quadro correto da estrutura do futuro animal. Na realidade, nada me impedirá de aguardar ansiosamente o relato pormenorizado de suas descobertas; bem como de revê-lo. Faltam só mais algumas semanas; enquanto isso, estou trabalhando nas paralisias infantis e acho muito maçante a vida longe de tudo o que me é caro.

Não senti nenhum mal-estar em meus dias especiais, mas estou atravessando uma fase muito maçante. Por isso não estou respondendo adequadamente a sua pergunta: tique e recalçamento? Começa a despontar em mim a percepção de uma diferença entre a compulsão e o efeito da defesa: o significado do fato de haver um surgimento de angústia quando se faz uma tentativa de reprimir o tique e da analogia entre o tique e os sintomas histéricos da infância, dos 8 anos até a puberdade; ou seja, uma dupla forma de defesa, uma automática e uma psíquica, iniciada pelo ego. Mas nada está claro ainda.

Não compartilho,⁽¹⁾ em absoluto, de seu espanto diante do fato de ninguém haver reparado nessas coisas até agora. Minha opinião sobre a capacidade mental do *homo sapiens communis* firmou-se há muito tempo, mas, a rigor, não difere tanto assim da sua, não é?

Deixe-se instruir ainda mais por R. W. e me diga o quanto antes que você também está vivendo dias melhores. Isso continua a ser uma sombra melancólica.

Com as mais cordiais saudações a você, I. F. e R. W.,

Seu,
Sigm.

(1) Freud escreveu *einteilen* (repartir; presumivelmente, pretendia escrever *teilen*, compartilhar). [Vale lembrar que o repartir, na língua portuguesa, é também sinônimo de compartilhar, partilhar, compartilhar, de modo que a observação da edição em inglês não seria aplicável numa tradução do alemão para o português, línguas em que se preserva esse sentido em *einteilen*/repartir. (N. da T.)]

Viena, 30 de junho de 1896

Meu caro Wilhelm,

Você me ensinou que há um germe de verdade em cada crença popular absurda, e posso dar-lhe um exemplo disso. Certas coisas não devem ser mencionadas nem mesmo por brincadeira, para que não se tornem realidade. Assim, escrevi-lhe recentemente que não havia necessidade real de um congresso, e hoje tenho que falar-lhe de um grave obstáculo [que se interpõe] no caminho do próximo, ou, pelo menos, na maneira de fixar-lhe a data. Meu pai, já velho [81 anos], está em Baden,⁽¹⁾ num estado extremamente abalado, com insuficiência cardíaca, paralisia da bexiga e assim por diante. Aguardar ansiosamente as notícias e viajar para visitá-lo foram as únicas coisas de interesse nestas duas últimas semanas. Assim, não ousou fazer agora nenhum plano que possa me levar a ficar a um dia de viagem de Viena. Ele é sem dúvida um colosso de sujeito⁽²⁾ e, se ainda lhe for concedido um curto período de bem-estar, como espero que seja, usarei esse intervalo para nosso encontro. Não posso anunciar hoje a data de minha visita, mas será que você conseguiria providenciar algum tempo livre, caso eu lhe mandasse um telegrama anunciando que, dentro de vinte e quatro horas, eu tencionava viajar para vê-lo, de modo que ainda houvesse tempo suficiente para você telegrafar e cancelar a viagem? Evitando suas datas significativas, é claro.

Sinto que uma cortina desceu sobre mim e só sei dizer que anseio por nosso congresso como pela saciação da fome e da sede. Nada levarei comigo senão dois ouvidos bem abertos e um lobo temporal lubrificado para recepção. Antevejo coisas importantes — sou egoísta a esse ponto — também para meus objetivos. Com respeito à teoria do recalamento, esbarrei em dúvidas que poderiam ser dissipadas por algumas palavras suas, em particular sobre a menstruação masculina e feminina num mesmo indivíduo. Angústia, fatores químicos e assim por diante — quem sabe, com sua ajuda, descobrirei a fundamentação sólida que me permita parar de dar explicações psicológicas e começar a descobrir uma base fisiológica!

Também tenho estado muito inativo. O trabalho completamente desinteressante sobre as paralisias infantis teve de funcionar como meu foco principal. Contudo, não pude deixar de conjecturar ou aprender algumas coisas, tais como vários detalhes altamente valiosos sobre o sonambulismo. Quisera já estar com você, relatando-lhe essas coisas.

Minha família está num paraíso acima de Aussee (Obertressen), divertindo-se a valer. Acabo de voltar de lá hoje. Como você sabe, serei apresentado a R. W. em 1896. Até lá, minhas mais cordiais saudações à mamãe dele e a você, e torne a escrever *bem depressa*.

Seu,
Sigm.

E o livro sobre o nariz?

- (1) Um balneário próximo de Viena.
- (2) A palavra aqui usada em alemão é *Riesenkerl*.

15 de julho de 1896

Meu caro Wilhelm,

Acabo de receber sua carta e fiquei satisfeito com tudo o que terei a ouvir de você. É pena, no entanto, que eu ainda não tenha certeza de quando. A situação é a seguinte: o velho está com paralisia da bexiga e do reto, com deficiência alimentar e, ao mesmo tempo, mentalmente hiper-alerta e eufórico. *Creio, realmente, que estes sejam seus últimos dias*, mas não sei quanto tempo lhe resta e não ousa afastar-me, muito menos por dois dias e em nome de um prazer ao qual gostaria de me entregar por completo. Encontrar-me com você em Berlim, ouvi-lo falar por algumas horas sobre a nova magia e, de repente, ter que voltar às pressas, de dia ou de noite, por causa de notícias que poderiam ser um alarme falso — eis aí algo que realmente quero evitar, e a esse medo sacrifício o ardente desejo de viver mais uma vez integralmente, com a cabeça e o coração ao mesmo tempo, de ser um *zoon politikon* [animal social] e, além disso, ver você.

Caso o estado do velho deixe de representar um obstáculo, as condições temporais são as seguintes: de hoje até 26 de julho, você está num período ruim e eu estou tentando freneticamente "terminar" com várias pessoas e com um último lampejo de minha clínica. Assim sendo, prefiro vê-lo em agosto, depois do dia 26, quando começarei minhas férias (sempre pressupondo que possa fazê-lo). Sua melhor semana, ao que me parece, se enquadra nesse período, ou será que, da vez passada, você não sublinhou para mim o 5 em tinta preta? Em agosto, portanto, eu poderia escolher tanto *seu* período quanto o lugar que você quisesse, o que me agradaria fazer em nome de sua [dor de] cabeça. Em setembro, até meados do mês, eu poderia fazer o mesmo. Como vê, quero aproveitar a vida.

Você ainda precisa dar alguns esclarecimentos sobre meu estado: bem-disposto e embotado. O texto de Nothnagel⁽¹⁾ está e continuará lastimável, e levará algum tempo para ser concluído. No mais, não há nada de novo, só a urgente necessidade da introdução de uma corrente estimulante vinda de algum outro lugar. Na verdade, porém, estou também esgotado pelo trabalho, ou seja, sem capacidade de aprender o que quer que seja, intelectualmente. De fato, alegre-me não poder vê-lo em julho.

O estado do velho, a propósito, não me deprime. Não lhe regateio o merecido repouso que ele próprio deseja. Ele foi um ser humano interessante, muito satisfeito consigo mesmo; está sofrendo muito pouco agora e vai-se extinguindo com decência e dignidade. Não lhe auguro uma doença prolongada, nem desejo isso para minha irmã solteirona,⁽²⁾ que está cuidando dele e sofrendo com esse processo. Sábado e domingo passados, estive em Aussee e me senti extremamente refeito. Martha está bem-disposta e animada; os molequinhos estão esplêndidos; até Annerl, que andava estagnada há algum tempo, está agora desabrochando com um impulso de acumulação⁽³⁾ (cinco dentes). Oli é divertido; aprendeu a ler e escrever de ouvido e passa o dia inteiro remoendo problemas ortográficos. Há uma pradaria alpina próxima a nós que se chama "Bärnmoos". Ele lê isso na primeira placa de estrada. A segunda diz "Bernmoos", o que ele observa. Num outro lugar, a placa indica "Beerenmos". Tudo isso se condensa para ele, e o resultado é que ele proclama em voz alta: "B. pode ser soletrado do jeito que a gente quiser, com a modificação com trema, um e e dois ee; não faz diferença."

Com as mais cordiais saudações a I. F. e R. W.,

Seu,
Sigm.

(1) Referência a "Die infantile Cerebrallähmung", de Freud, publicado em Hermann Nothnagel, *Specielle Pathologie und Therapie*.

(2) Adolfine Freud (1862-1942).

(3) Quanto a esse termo, retirado de Fliess, ver Sulloway (1979, pp. 179-180).

Obertressen, 12 de agosto de 1896

Meu caro Wilhelm,

Não tão inseguro. Acabo de voltar de uma segunda viagemzinha a Lichtensteinklamm; a primeira foi ao Schafberg e a Salzburgo. Estou-me recuperando depressa. Todos os delírios têm uma característica de vitória; mais uma vez, surpreendo-me em tentativas criativas. Agora, logo precisarei saber como você tem passado e o que posso aprender com você. Sua intenção é estar no Brühl na última semana de agosto, o que não me adianta, pois não estarei em Viena. Insisto obstinadamente no item de



*A mãe de Freud,
Amalie Nathanson Freud*



*O pai de Freud, Jacob Freud,
em seu último ano de vida.
Morreu em outubro de 1896,
aos 81 anos.*

nossas estipulações sobre os congressos: os congressos não devem realizar-se nem em Viena, nem em Berlim. Isso não tem nenhum significado. Como fiz em minha mocidade (Hirschbühl, Salzburgo, lembra-se?), quero voltar a caminhar e comer com você, como um tipo de reanimação que também teve êxito em Dresden. (Sua querida Ida deve pular este trecho, para que as sementes de Breuer não comecem a amadurecer nela⁽¹⁾.) Só disporei de tempo até o último dia deste mês, quando quero iniciar minha viagem pela Itália, que você aprova. Tudo está vago, porém não posso dar-lhe todos os pormenores das muitas complicações nos planos desta enorme família. Provavelmente, será mais fácil a você tomar uma decisão. Avise-me bem depressa quando estará disponível, com a devida consideração para com suas datas especiais e outros planos, entre agora e o final do mês, e informe se e até que ponto o local será função da época do mês. Quero que este seja um congresso apropriado e vigoroso, como foi o último, com menos reclamações e maior receptividade de minha parte.

Sinto uma pequena satisfação por você estar ficando conservador em relação a sua cabeça, antes de mais nada. Quanto ao resto, vamos vivenciá-lo juntos.

Dou os parabéns a seu garoto pelo primeiro dentinho e pela obediência infantil. Por aqui, todos estão passando incomumente bem, exceto minha irmã recém-casada, que está em lenta recuperação de um aborto espontâneo. Annerl está devidamente voraz e tem seis dentes despercebidos, graças à mamãe pouco científica que tem. Sopherl, com seus três anos e meio, está agora na fase da *beauté* |beleza|. Os meninos estão travessos e engraçados; Mathilde está em ótima forma, salvo por um tique que, no momento, localiza-se no nervo facial. O velho, estranhamente, está de novo em franco progresso.

Eu não gostaria de perder as provas tipográficas; você há de admitir que, no meu caso, as marés negativas passam depressa; você, felizmente, não tem nenhuma. Portanto, não vou abrir mão de nenhuma de minhas expectativas do congresso, ouviu bem? Estou outra vez em boa forma e esperando por ele com enorme interesse.

Com uma rápida saudação até lá,

Seu,
Sigm.

Martha envia os mais calorosos cumprimentos a vocês três.

(1) No caderno de notas de Marie Bonaparte, em 24 de novembro de 1937, ela escreveu: "*Ida Fliess, de plus, 'ein böses Weib', fit tout, par jalousie, pour brouiller les deux amis. Tandis que Martha Freud comprenait bien que Fliess pourrait donner à son mari autre chose qu'elle.* (Além disso, Ida Fliess, "uma mulher má", fez, por ciúme, todo o possível para semear a discórdia entre os dois amigos, enquanto Martha Freud compreendia muito bem que Fliess podia dar a seu marido algo diferente do que ela dava). Presumivelmente, Freud soube, por informação direta de Fliess, que Breuer advertira Ida sobre os perigos que havia para ela

na amizade estreita entre os dois homens. Ver o documento crucial: a carta de Freud a Fliess em 7 de agosto de 1901.

Obertressen, 17 de agosto de 1896

Caríssimo Wilhelm,

Excelente! A época me convém em todos os aspectos. Assim, resta apenas o local. Além disso, entre aqui e Brühl ou Viena, não consigo pensar em outro lugar onde possamos gozar mais a vida em apenas dois dias do que em nossa adorável Salzburgo, onde também teremos lembranças a reviver. Não pense que levarei grande vantagem em chegar até lá; tenho ainda uma viagem de trem de quatro horas. Para você, porém, partindo de Viena, serão seis horas, o que me parece não recomendar a idéia. Gostaria de poupar-lhe o percurso. Se você viesse a Aussee, seria maravilhoso, mas teria uma viagem de oito a nove horas. Linz, Graz e Wels são um tipo de cidades muito pouco atraentes.

Resultado: no dia 25 de agosto, mande-me um telegrama, dizendo que no dia 26, a tal hora, você seguirá para tal ou qual lugar (qualquer um que lhe agrade). E eu o acompanharei até lá. Poderia ser até mesmo *Gastein*; a propósito, de 23 a 25 de agosto, estarei no Vale Kapruner, que leva a uma estação ferroviária em Zell am See. Em suma, decida e escolha um belo lugar a seu gosto, ou uma cidade agradável.

Estou anteendo isso com enorme expectativa. Portanto, nada mais por hoje.

Seu,
Sigm.

|cartão-postal|

29 de agosto de 1896

Se eu fosse adepto da velha terapia, diria que aqueles dias foram para mim um banho de água ferruginosa. Meus sinceros agradecimentos a você e saudações a sua prezada esposa. O livro é realmente preciso, corajoso, e contém todos os dados fundamentais que é possível conhecer a partir do período histórico.

Ver-nos-emos outra vez em setembro.

Seu,
S.

Viena, 29 de setembro de 1896

Querido Wilhelm,

Espero que você, sua mulher e seu filho estejam novamente instalados com o máximo conforto nos belos aposentos de von der Heydtstrasse; que você esteja ocupado em observar e calcular novos períodos de 28 e 23 dias; que Ida esteja praguejando baixinho, vez por outra, sobre as seis crianças de outra família; e que Robert esteja sempre ávido de revelar coisas novas.⁽¹⁾

Não lhe escrevi até hoje porque, de repente, uma gripe, com febre, pus e sintomas cardíacos, arruinou meu bem-estar; só hoje foi que comecei a ter uma ligeira noção de que talvez seja possível ter saúde outra vez. Gostaria muito de agüentar firme até o célebre limite etário de aproximadamente 51 anos, mas passei por um dia que me fez considerar isso improvável. A infecção me apanhou na última data crítica, 24 de setembro, de modo que, em 25 de setembro, eu estava rouco e com falta de ar; ao mesmo tempo, Martin caiu de cama com uma infecção de garganta. Agora, porém, posso respirar de novo livremente.

No domingo, tive que examinar a filha de um colega em Oderberg, onde estive mais perto de você do que costumo estar. É a essa constelação que atribuo o fato de ter feito um diagnóstico brilhante e reconhecido que se tratava de um caso da doença de Erb-Goldflam — oftalmoptose(T) com pupilas normais, paralisia do palato e da deglutição, paresia do vago, enfraquecimento das cordas vocais, ataques de asfixia, pneumonia de aspiração e amplas variações na intensidade dos sintomas. Várias características incomuns. A ptose desenvolveu-se aos 4 anos!; a oftalmoplegia, gradativamente, até os 13 anos; vago e sintomas acessórios somente desde a puberdade, até o presente (15 anos). Mas concluí, além disso, que essas afecções de Erb-Goldflam devem pertencer ao grupo de doenças orgânicas do desenvolvimento, do tipo que decorre de [várias] constituições, que você está investigando justamente agora (mixedema, doença de Basedow, acromegalia). A menina tem uma aparência especial: septo nasal largo, um leve buço, corpo extremamente alongado e tireóide não facilmente palpável, apesar de ela ter atingido a puberdade. A mãe tem os mesmos traços e estrabismo. Os retratos dos irmãos durante a infância trazem imediatamente à lembrança o mixedema. Alguma noção minha aponta para seu órgão sexual cefálico, que respeito enormemente. Propus que eles trouxessem a menina a Viena e tentassem a organoterapia.⁽²⁾ Que me diz disso?

Como está seu livro?

Soube hoje que um colega da universidade recusou-se a me aceitar como assessor, com a explicação de que eu não podia ser levado a sério; mas fui tão fortalecido por minhas férias que não senti absolutamente

nada. Dois meses atrás, teria ficado arrasado por dois dias. Aceitei a mulher de meu amigo Q. em tratamento e é uma verdadeira alegria tornar a ver como tudo se encaixa e se combina na histeria.

O *Italia*, de Hehn,⁽³⁾ foi um deleite para as mulheres e para mim.

Em decorrência dos acontecimentos havidos nesse meio tempo, ainda não tive nenhum contato com Oscar e Mela [Rie], mas vou visitar seus familiares tão logo estejam na cidade. Meu pai parece estar no leito de morte; às vezes, fica confuso, e está definhando ininterruptamente, a caminho da pneumonia e de uma data fatídica.

Cordialíssimas saudações.

Seu,
Sigm.

(1) Sulloway (1979, p. 190) afirma que "Fliess mantinha um diário onde registrava cotidianamente cada marco de amadurecimento, cada indisposição e cada traço de atividade sexual de seu filho primogênito". Na p. 198 de *Die Beziehungen zwischen Nase und weiblichen Geschlechtsorganen* (Relações entre o nariz e os órgãos sexuais femininos), Fliess escreve sobre observações sexuais feitas em crianças pequenas: "no caso dos meninos, em ereções diretas do pênis nessas datas, até mesmo nos primeiros meses de vida!" No mesmo trecho, Fliess fala do sangue na urina dos meninos como sinal de menstruação masculina.

O fato de tais observações terem sido feitas em Robert fica claro a partir de um trecho (assinalado também por Sulloway) do livro de Fliess de 1906, *Der Ablauf des Lebens* [A Evolução da Vida], (2.ª ed., 1923, p. 313), onde o autor escreve: "A substância feminina é ainda afetada, nos meninos e meninas, de uma outra maneira. Observei que, em datas fixas periodicamente repetidas, meu filho mais velho eliminou sangue na urina e na saliva durante as primeiras semanas de vida (janeiro de 1896). Mencionei esse fato em meu livro anterior, e a camisa e o lençol com esses traços [de sangue] estão guardados até hoje." As observações sobre as ereções, portanto, foram indubitavelmente feitas também em Robert. Entretanto, parece-me altamente improvável que essas comunicações feitas a Freud também tenham desempenhado qualquer papel em suas pesquisas da época.

(2) A organoterapia é o tratamento da doença pela administração de partes de certos órgãos de animais ou de extratos deles.

(3) Victor Hehn, *Italien: Ansichten und Streiflichter, mit Lebensnachrichten über den Verfasser*, 5.ª ed. (Berlim: Bornträger, 1896).

(T) Designação hoje obsoleta da exoftalmia. (N. da T.)

9 de outubro de 1896

Querido Wilhelm,

Martha provavelmente partirá daqui na manhã de domingo e espera passar a noite sob seu teto. Outros detalhes serão fornecidos depois. Um acidente (entorse da mão direita) sofrido pela velha senhora⁽¹⁾ em Hamburgo está apressando a partida de Martha de Viena e, portanto, também de Berlim para Hamburgo. Na viagem de volta, ela tem planos de passar mais tempo com vocês.

Meu estado de saúde realmente não melhorou grande coisa. Os sintomas cardíacos, em particular, não desempenham um grande papel; não vejo razão alguma para lhe pedir um tratamento imediato, especialmente já que não será possível compatibilizá-lo com uma antecipação da data do casamento. Em Johannesgasse, tudo vai indo bem. Rie está mais calmo, ao que me parece; a noiva causa uma impressão melhor; os pais conseguiram arranjar as coisas a seu modo para fazer uma festa como manda o figurino; e o adiamento está sendo explicado como inevitável.

O estado de meu velho, provavelmente, limitará minha participação a um mínimo.

Você bem sabe que não rio de fantasias como as ligadas aos períodos históricos, e não o faço por não ver razão alguma para isso. Há alguma coisa nessas idéias: é o pressentimento simbólico de realidades desconhecidas, com as quais elas têm algo em comum.⁽²⁾ Visto que nem mesmo os órgãos são os mesmos nesse caso, não se pode mais escapar ao reconhecimento de influências celestiais. Curvo-me diante de você, como astrólogo honorário.⁽³⁾

É provável que seu livro⁽⁴⁾ já esteja terminado. Presumo que você não pretenda, literalmente, dar um pontapé no homem que me despreza.

No momento, estou muito satisfeito com meus casos; em mais um ou dois anos, poderei expressar a questão em fórmulas passíveis de serem transmitidas a todos. Essa perspectiva e a satisfação com o que já foi conseguido conferem-me confiança em muitas horas sombrias. Minha clínica ainda não está nada animada; um encontro com Breuer na casa de um paciente dele foi tão engraçado quanto desagradável. É impossível entender-me com ele; infelizmente, ele não está com uma aparência nada boa.

Durante algum tempo, simplesmente não soubemos o que dar a Oscar e Mela. Por fim, decidimos fazer com que as crianças, de quem ele gosta muito, fossem fotografadas para ele; a ela, daremos uma peça de artesanato do estúdio de minha irmã. Eles são ricos demais para que lhes ofereçamos outros presentes. Lamentavelmente, ele foi desastrado ao entabular relações entre a noiva e seus próprios irmãos. Eles são pessoas dignas de todo o amor e respeito, especialmente a irmã dele, Ditha.

Interrompo por aqui, em vez de concluir; preciso escrever sobre as paralisias infantis. Minha mulher levará até sua casa, dentro de poucas horas, nossas mais cordiais saudações.

Seu,
Sigm.

P.S. Martha provavelmente sairá da Estação Norte na manhã de domingo e estará em Berlim às 9h (ou 8:30?) da noite.

(1) Freud se refere à mãe de Martha, Emmeline Bernays.

(2) Com respeito às referências a essas idéias nos textos posteriores de Freud, ver Schur. (1972, p. 108).

(3) Essa é uma referência às especulações de Fliess sobre a relação entre as condições astronômicas e a criação dos organismos, expressão usada por Fliess no prefácio (pp. iii-iv) de *Die Beziehungen zwischen Nase und weiblichen Geschlechtsorganen*. Freud volta a se referir a isso numa etapa posterior de sua vida (S.E. XVIII:45). Ver também Sulloway (1979, p. 402n.).

(4) Essa talvez seja outra referência a *Die Beziehungen*, onde Fliess defende Freud contra as críticas de Löwenfeld (p. 177).

26 de outubro de 1896
IX., Berggasse 19

Meu caro Wilhelm,

Realmente, não há resposta possível com esses intervalos; mas isso não continuará assim.

Enterramos ontem o velho, que faleceu na madrugada de 23 de outubro. Ele se sustentou com bravura até o fim, como o homem inteiramente incomum que foi. No final, parece ter tido hemorragias meníngeas, ataques de sonolência com uma febre inexplicável, hiperesteria e espasmos, dos quais acordava, depois, já sem febre. O último ataque foi seguido de edema pulmonar e de uma morte serena.⁽¹⁾ Tudo aconteceu em meu período crítico, e estou realmente muito abatido por causa disso.⁽²⁾

Da próxima vez, escreverei mais e com maiores detalhes; a propósito, a escova da cocaína foi inteiramente posta de lado.

Só este ano fiquei sabendo que seu aniversário é no dia 24 de outubro.

Espero que Martha se esteja permitindo passar vários dias agradáveis com vocês.

Seu,
Sigm.

(1) Em *Der Ablauf des Lebens*, escreve Fliess: "O Prof. Sigmund Freud, de Viena, informou-me certa vez as datas da vida de seu pai:

nascimento: 1.º de abril de 1815 } 29.792 = 38 X 28²
morte: 24 de outubro de 1896 }

Jacob Freud nasceu no mesmo dia que Bismarck, que faleceu em 30 de julho de 1898 e, portanto, viveu exatamente $644 = 23 \times 28$ dias a mais (2.ª ed., p. 142).

(2) No prefácio à segunda edição de *A Interpretação dos Sonhos*, Freud escreve: "Pois este livro tem um outro significado subjetivo para mim, pessoalmente — um significado que só apreendi depois de havê-lo concluído. Ele foi, como constatei, parte de minha própria auto-análise, minha reação à morte de meu pai — ou seja, ao acontecimento mais importante, à perda mais pungente na vida de um homem" (S.E. IV:xxvi).

Viena, 2 de novembro de 1896
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

É-me tão difícil escrever agora que adiei por muito tempo o agradecimento a você pelas palavras tocantes de sua carta. Por um daqueles obscuros caminhos por trás da consciência oficial, a morte de meu velho me afetou profundamente. Eu o valorizava muito, compreendia-o muito bem e, com sua mescla peculiar de profunda sabedoria e fantástica despreocupação, ele teve um efeito significativo em minha vida.⁽¹⁾ Na ocasião em que morreu, sua vida estava há muito terminada, mas, em meu íntimo, todo o passado foi reavivado por esse acontecimento.

Sinto-me agora totalmente desarraigado.

Afora isso, estou escrevendo sobre as paralisias infantis (Pégaso subjugado),⁽²⁾ desfrutando de meus quatro casos e, em especial, ansiando pela perspectiva de conversar com você por horas a fio. Solitário, como se vê. Talvez eu lhe conte algumas coisinhas amalucadas em troca de suas maravilhosas idéias e descobertas. Menos apreciáveis são as condições de minha clínica este ano, das quais sempre depende meu estado de ânimo. Com o coração e o nariz, estou novamente satisfeito.

Recentemente, ouvi a primeira reação a minha incursão na psiquiatria. Cito parte dela: "Medonha, horripilante, uma psiquiatria da carochinha." Foi o que disse Rieger, em Würzburg.⁽³⁾ Achei divertidíssimo. E isso, veja você, a propósito da paranóia, que se tornou tão transparente!

Seu livro ainda nos mantém em compasso de espera. Recentemente, Wernicke me encaminhou um paciente, um tenente que está no hospital dos oficiais.

Preciso contar-lhe um sonho agradável que tive na noite seguinte ao funeral.⁽⁴⁾ Eu estava num lugar onde li uma placa:

Pede-se
que você feche os olhos.

Reconheci imediatamente o local como sendo a barbearia onde vou todos os dias. No dia do funeral, fiquei esperando minha vez e, por isso, cheguei um pouco atrasado ao velório. Na ocasião, minha família estava descontente comigo por eu ter tomado providências para que o funeral fosse discreto e simples, o que depois concordaram ter sido muito justificado. Estavam também um pouco ofendidos com meu atraso. A frase na placa tem um sentido duplo: cada um deve cumprir seu dever para com os mortos (um pedido de desculpas, como se eu não o tivesse feito e estivesse precisando de clemência), e o dever real em si mesmo. O sonho, portanto, provém da tendência à auto-recriminação que costuma instalar-se entre os que permanecem vivos.

Tenho visto pouco o casal de noivos, e esse assunto, infelizmente, não me dá muito prazer. Ele está mais composto e mais tranqüilo, porém

os sogros (também seus) parecem demonstrar pouca habilidade em lidar com o relacionamento. Este não é um tema agradável entre nós; se você preferir, não falaremos desse assunto. É tudo uma bobagem, de qualquer modo.

Minhas mais cordiais saudações a I. F. e R. W.; é provável que minha mulher já esteja com vocês.

Seu,
Sigm.

P.S. Caso Martha precise de algum dinheiro para as compras, você sem dúvida há de lhe fazer um empréstimo.

(1) A frase em alemão diz "*er hatte viel in meinem Leben gemacht*", o que corresponde, literalmente, a "ele fez muito em minha vida".

(2) "Pegasus im Joche" (1796) era um poema alegórico de Schiller sobre a poesia.

(3) Conrad Rieger, "Über die Behandlung 'Nervenkranker'", em *Schmidt's Jahrbücher der in- und ausländischen gesamten Medizin*, 251 (1896), pp. 173-178, 273-276; diz ele: "Não consigo imaginar que um psiquiatra experiente possa ler esse ensaio sem sentir uma indignação total. A razão dessa indignação é que o autor atribui importância máxima à tagarelice paranóide de conteúdo sexual [por parte dos pacientes dele], a propósito de acontecimentos ocorridos puramente ao acaso, os quais, ainda que não se baseassem meramente na imaginação, não teriam o menor significado. Esse tipo de coisa não pode levar a nada além de uma psiquiatria 'da carochinha', simplesmente pavorosa" (tradução minha). A falta de percepção psicológica desse trecho é de arrepiar os cabelos, embora ele tenha sido defendido por Sulloway (1979, p. 454). Rieger prossegue dizendo que o melhor tratamento para tais pacientes é o trabalho físico, pois eles vivem sob o "veneno da preguiça".

(4) Freud repete esse sonho posteriormente, em *A Interpretação dos Sonhos*: "Durante a noite anterior ao funeral de meu pai" (S.E. IV:317).

Viena, 22 de novembro de 1896

Caríssimo Wilhelm,

A primeira pessoa a quem escrevo aqui de minhas novas instalações é você, para lhe agradecer por sua carta e [agradecer] a Frau Ida pelo que enviou. Devo presumir que ela tenha gostado de fazer esse trabalho, pois não se poderia explicar de nenhum outro modo a razão por que o fez. Em troca, uma noticiazinha que deve deixá-lo contente, mas sobre a qual não sei duas coisas: se é verdadeira e se é novidade para você. Insignificante é que ela não é. Um colega que quis comprar seu livro na firma de Deuticke e foi por ele informado de que está *esgotado*, e disse isso a meu irmão. Parece tão inacreditável que me reservo um desmentido até amanhã. Se você não receber nenhuma notícia amanhã, então é isso mesmo, afinal.

Espero que não considere deprimente o fato de eu não conter nem um pouco minha raiva diante de outras coisas que ouvi. Uma das

peessoas mais agradáveis do círculo de Breuer expressou-me a opinião de que, afinal, os períodos de 28 e 23 dias são uma ocorrência ao acaso. Pepi Kaufmann, disse ele, calculou minuciosamente a probabilidade deles, e o círculo inteiro a tem calculado constantemente — não para confirmar sua tese, é óbvio. Estaria tudo muito bem se ao menos eles fossem passíveis de conversão, mas não é esse o caso. Coisas irritantes. A propósito, não há dúvida de que Rosa A. deve estar passando *muito* melhor; recentemente, até foi ao teatro com Minna.

Terei terminado minha [tarefa] dolorosa para Nothnagel dentro de poucas semanas; agora, fui retardado pela mudança. Meu trabalho sobre a histeria vai progredindo lindamente; estou combinando quatro novos casos para tratamento, nenhum dos quais tem probabilidade de se concretizar; no entanto, tenho muitas outras coisas a fazer. O que me falta por completo são o ânimo e o prazer de viver; ao contrário, venho anotando diligentemente as ocasiões em que sou forçado a me ocupar do estado de coisas depois de minha morte.⁽¹⁾ Esse é outro tópico que não se deve abordar com demasiada profundidade quando se ama um amigo e único correspondente. A supuração nasal teve uma melhora acentuada; pouco depois do primeiro tratamento, voltei a experimentar mais uma vez uma intensificação temporária das dores cardíacas.

Martha arranhou novamente as coisas de maneira tão esplêndida que não perdi uma só hora de consultório. No momento, está começando o tumulto lá em cima. A segunda geração é muito gratificante.

Peço-lhe que me dê mais algum tempo com o [livro de] Napoleão. Estou à espera dele a qualquer momento, mas, até agora, em vão. Não tive nenhuma notícia de Rie. Não creio que eles viajem de Paris a Viena via Berlim. O caso todo voltou a aumentar minha misantropia.

Escreva-me logo. Cordiais saudações a *Frau* Ida e ao pequeno Robert.

Seu,
Sigm.

(1) Sentido obscuro.

4 de dezembro de 1896
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Meu período ruim chegou a termo da maneira típica; estou totalmente ocupado, com todas as meias horas tomadas, e não me sinto minimamente interessado na vida após a morte. Estou lidando com uma coisa que cimenta seu trabalho com o meu, coloca minha estrutura sobre suas fundações; mas tenho a sensação de que ainda não devo escrever a respeito. Uma pequenina parte estará pronta dentro de poucos dias — natu-

realmente, só para você. Estou curioso quanto ao que irá dizer. Também estou curioso por ter notícias de sua palestra e de como foi recebida. Estou tão isolado aqui que não recebo nenhuma notícia de seu livro.

Vergonhosamente, tenho que voltar atrás numa promessa. Deuticke e seus colegas não conseguiram obter o Napoleão, e eu não conhecia o título mais exato. Não quero atrasar você e peço sua permissão para substituí-lo por alguma outra coisa.

Sua prima, a Srta. G. de B., chegou aqui e parece ter sido bem preparada, pois está muito disposta. Será que você pode descobrir com Ida, discretamente, quem na família ou nas imediações teve um defeito da fala, como gagueira?(1)

A abstinência me faz bem; oscilo entre um e quatro |charutos| por dia. Basicamente, vou indo bem, porque a abundância de trabalho e as possibilidades recém-surgidas de solucionar a histeria satisfazem minha inquietação interior.

Nossa vida tem sido muito confortável desde que foram providenciadas as novas acomodações. As listas de Ida têm-me prestado um grande serviço. |Pergunto-me| se você aprovaria que eu derivasse “Ida” de “idéia”.

No mais, o mundo está repleto de coisas tresloucadas; e também imbecis. Estas últimas, porém, costumam ser pessoas. A primeira coisa que posso revelar-lhe sobre meu trabalho são os lemas. A psicologia da histeria será precedida pelas altivas palavras *Introite et hic dii sunt*;(2)

o capítulo sobre a soma, por:

Sie treiben's toll, ich fürcht' es breche

Nicht jeden Wochenschluss macht Gott die Zeche;(3)

a formação de sintomas, por:

Flectere si nequeo superos Acheronta movebo;(4)

e a resistência, por

Mach es kurz!

Am jüngsten Tag ist's doch nur ein———.(5)

Saúdo-o cordialmente, bem como a sua pequena família, e continuo ansioso por *rerum novarum* |novidades| sobre a família e a ciência.

Seu,

Sigm.

(1) Uma vez que Freud pede a Fliess que seja discreto em suas indagações, podemos presumir que esteja no encalço do(a) sedutor(a) da mulher em questão, e que tudo o que sabe a seu respeito é que essa pessoa sofria de uma deficiência da fala, que é, provavelmente, a única coisa sobre ela de que a paciente consegue lembrar-se.

(2) Do *De partibus animalium*, 1:5, de Aristóteles: "Entrai, pois aqui também há deuses." Ver Schönau (1968, p. 58). Essa citação é usada como lema da peça de Lessing intitulada *Nathan der Weise*. Freud volta a utilizá-la em sua carta de 24 de abril de 1899 e no "Estudo Autobiográfico" (S.E. XX:13). Fliess utiliza na p. 59 de seu *Vom Leben und Tod*.

(3) Freud está pensando no "Sprüchte in Reimen", de Goethe. O trecho é comentado por Schönau (1968, pp. 80-83).

(4) Essa citação da *Eneida*, de Virgílio, é longamente abordada por Schönau (1968, pp. 61-73): "Se não posso dobrar os poderes mais altos, moverei as águas do Inferno." Foi usada por Freud na página-título de seu livro sobre os sonhos (cf. S.E. V:608).

(5) Citação do *Zahmen Xenien*, de Goethe, 9:22:

Acaba com isto!

No dia do juízo final, não valerá um——.

Ver Schönau (1968, pp. 82-84).

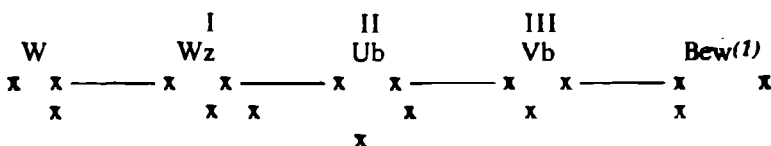
Periodicidade e Auto-Análise

6 de dezembro de 1896

Querido Wilhelm,

Hoje, depois de ter desfrutado, por uma vez na vida, da dose integral de trabalho e honorários de que preciso para meu bem-estar (dez horas e cem florins), estou morto de cansaço e mentalmente revigorado; tentarei fazer-lhe um relato simples da última especulação.

Como você sabe, estou trabalhando com a hipótese de que nosso mecanismo psíquico tenha-se formado por um processo de estratificação: o material presente sob a forma de traços mnêmicos fica sujeito, de tempos em tempo, a um *rearranjo*, de acordo com as novas circunstâncias — a uma *retranscrição*. Assim, o que há de essencialmente novo em minha teoria é a tese de que a memória não se faz presente de só uma vez, e sim ao longo de diversas vezes, [e] que é registrada em vários tipos de indicações. Postulei a existência de uma espécie semelhante de rearranjo algum tempo atrás (*Aphasia*), com respeito às vias que provêm da periferia [do corpo até o córtex]. Não sei quantos desses registros existem — pelo menos três, provavelmente mais. Isso pode ser visto no diagrama esquemático abaixo, que pressupõe os diferentes registros também sejam separados (não necessariamente em termos topográficos) de acordo com os neurônios que são seus veículos. É possível que essa pressuposição não seja necessária é a mais simples e é provisoriamente admissível.



W [*Wahrnehmungen* (percepções)] são os neurônios em que se originam as *percepções*, às quais a consciência se liga, mas que, em si mesmas, não retêm nenhum traço do que aconteceu. E isso porque *a consciência e a memória são mutuamente exclusivas*.

Wz [*Wahrnehmungszeichen* (indicação da percepção)] é o primeiro registro das percepções; é totalmente inacessível à consciência e se organiza de acordo com associações por simultaneidade.

Ub [*Unbewusstsein* (inconsciência)] é o segundo registro, disposto de acordo com outras relações, talvez causais. Os traços do *Ub* talvez correspondam a lembranças conceituais; é igualmente inacessível à consciência.

Vb [*Vorbewusstsein* (pré-consciência)] é o terceiro registro, ligado à representação da palavra e corresponde a nosso ego oficial. As cateixias provenientes de *Vb* tornam-se conscientes de acordo com certas regras; e essa *consciência secundária do pensamento* é posterior no tempo e, provavelmente, está ligada à ativação alucinatória das representações da palavra, de modo que os neurônios da consciência sejam também neurônios perceptivos e desprovidos de memória em si mesmos.

Se eu pudesse fornecer uma explicação completa das características psicológicas da percepção e dos três registros, teria descrito uma nova psicologia. Disponho de algum material para isso, mas esta não é minha intenção atual.

Gostaria de enfatizar o fato de que os registros sucessivos representam conquistas psíquicas de fases sucessivas da vida. Na fronteira entre duas dessas fases é preciso que ocorra uma tradução do material psíquico. Explico as peculiaridades das psiconeuroses através da suposição de que essa tradução não se tenha dado no tocante a uma parte do material, o que acarreta certas conseqüências. E isso porque nos atermos firmemente à crença numa tendência ao ajustamento quantitativo. Cada transcrição posterior inibe sua predecessora e esgota seu processo excitatório. Quando falta uma transcrição posterior, a excitação é tratada de acordo com as leis psicológicas vigentes no período psíquico precedente e seguindo as vias abertas naquela época. Assim, persiste um anacronismo: numa determinada província, ainda vigoram os *fueros*(2); estamos na presença de “sobrevivências”.

Uma falha de tradução — eis o que se conhece clinicamente como “recalcamento”. O motivo disso é sempre a liberação do desprazer, que seria gerado por uma tradução; é como se esse desprazer provocasse um distúrbio do pensamento que não permitisse o trabalho de tradução.

Dentro de uma mesma fase psíquica e entre registros da mesma espécie, uma defesa *normal* se faz sentir graças à geração de desprazer. Mas a defesa patológica só ocorre contra traços mnêmicos de uma fase anterior que ainda não tenham sido traduzidos.

Não pode ser pela magnitude da descarga de desprazer que a defesa logra êxito em promover o recalcamento. Muitas vezes, lutamos

em vão precisamente contra as lembranças que envolvem o mais agudo desprazer. Portanto, chegamos à seguinte explicação. Se um evento A, na ocasião em que foi atual, despertou uma certa quantidade de desprazer, seu registro mnêmico, AI ou AII, tem meios de inibir a descarga de desprazer quando a lembrança é reativada. Quanto maior a frequência com que a lembrança volta a ocorrer, mais inibida se torna a descarga, finalmente. Entretanto, existe um caso em que a inibição é insuficiente. Se A, na ocasião em que era atual, liberou um determinado desprazer, e se, ao ser reativado, libera um novo desprazer, este último não pode ser inibido. Nesse caso, a lembrança se porta como se fosse um evento atual. Esse caso só pode ocorrer com os eventos sexuais, porque as magnitudes das excitações que eles liberam aumentam por si só com o correr do tempo (com o desenvolvimento sexual).

Portanto, um evento sexual de uma fase atua na fase seguinte como se fosse um evento atual e, por conseguinte, não é passível de inibição. O que determina a defesa patológica (recalcamento), portanto, é a *natureza sexual do evento e sua ocorrência numa fase anterior*.

Nem todas as experiências sexuais liberam desprazer; a maioria delas libera prazer. Assim, a reprodução da maioria delas está ligada a um prazer impossível de inibir. Esse tipo de prazer não-inibível constitui uma *compulsão*. Portanto, somos levados às seguintes teses: quando uma experiência sexual é recordada numa fase diferente, a descarga de prazer é acompanhada pela compulsão, e a descarga de desprazer, pelo recalca-mento. Em ambos os casos, a tradução para as indicações da nova fase parece ser inibida (?).

Ora, a experiência clínica nos familiariza com três grupos de **psiconeuroses sexuais** — a histeria, a neurose obsessiva e a paranóia; e ela **nos ensina** que as lembranças recalcadas se relacionam com o que foi atual:

- no caso da histeria, entre 1 ano e meio e 4 anos de idade;
- no da neurose obsessiva, entre 4 e 8 anos;
- e, no da paranóia, entre 8 e 14 anos.

Antes dos 4 anos de idade, porém, ainda não há recalca-mento; **portanto**, os períodos psíquicos do desenvolvimento e as fases sexuais não coincidem.

	1- $\frac{1}{2}$	4	8	14—15
Psíq.	Ia	Ib	II	III
Sex.	I		II	III

O seguinte pequeno diagrama deve ser incluído neste ponto:

Wz Até 4	Wz Ub Até 8	Wz Ub Vb Até 14-15	Idem
Histeria atual	Compulsão	Recalcada em Wz	
Neurose obsessiva	Atual	Recalcada nas indicações de Ub	
Paranóia	—	Atual	Recalcada nas indicações de Vb
Perversão atual	Atual	Compulsão (atual)	Recalcamento impossível ou não tentado

Outra consequência das experiências sexuais prematuras é a perversão, cujo determinante parece ser o fato de que a defesa não ocorre antes de o aparelho psíquico estar completo, ou então não ocorre nunca.

Basta da superestrutura. Vamos agora a uma tentativa de posicioná-la sobre suas bases orgânicas. O que tem que ser explicado é porque as experiências sexuais, que geraram prazer na época em que foram atuais, passam, ao serem recordadas numa fase diferente, a gerar desprazer em algumas pessoas, persistindo em outras como uma compulsão. No primeiro caso é evidente que devem estar liberando, numa época posterior, um desprazer que não foi liberado a princípio.

Deve-se também investigar a derivação das diferentes fases, as psicológicas e as sexuais. Você me ensinou a reconhecer estas últimas como múltiplos especiais do ciclo feminino de 28 dias.⁽³⁾

$$\begin{array}{ll} 100\pi = 7\frac{3}{4} \text{ anos, somados a } 20\pi = 1 \text{ ano e } 6\frac{1}{2} \text{ meses} \\ 200\pi = 15 \text{ anos} & 50\pi = 3 \text{ anos e } 10 \text{ meses} \end{array}$$

Se eu presumir que todos os períodos observados são múltiplos desse tipo, ocorrerá que, de um lado, o período de 23 dias continuará sem utilização e, de outro, faltará explicar porque as fases psíquicas e sexuais não coincidem (4 anos) e porque, algumas vezes, surge a perversão, e, em outras, a neurose.

Assim, estou tentando introduzir a idéia de que há uma substância masculina de 23 dias cuja descarga produz prazer em ambos os sexos, e uma substância de 28 dias cuja descarga é experimentada como desprazer.

Observo então que me é possível explicar todos os períodos psíquicos como múltiplos de períodos de 23 dias (π), se eu incluir no cálculo o período da gestação (276 dias = 12π).

$$\begin{aligned} 3 \times 12\pi &= 1\frac{1}{2} \text{ anos} \\ 6 \times 12\pi &= 3\frac{3}{4} \text{ anos} \\ 12 \times 12\pi &= 8 \text{ anos} \\ 18 \times 12\pi &= 12\frac{1}{3} \text{ anos} \\ 21 \times 12\pi &= 14\frac{1}{4} \text{ anos} \\ 24 \times 12\pi &= 17 \text{ anos} \end{aligned}$$

Isso significaria que o desenvolvimento psíquico ocorre segundo períodos de 23 [dias], o que somaria múltiplos de 3, 6, 12, ..., 24, caso em que o sistema duodecimal se tornaria eficaz. A unidade seria, em cada caso, o *período de gestação*, que é igual a 10π ou 12π (aproximadamente). O único resultado é que o desenvolvimento psíquico progrediria de acordo com múltiplos de 3, 6, 12 dessa unidade, enquanto o período de gestação é igual a 12π ; já o desenvolvimento sexual seria processado de acordo com múltiplos de 5, 10, 20, ao passo que esse período é igual a 10π .

Há duas coisas dignas de nota: (1) que, no tocante ao desenvolvimento psíquico, o período intra-uterino deve ser incluído no cálculo, caso contrário, não funcionará; já no tocante ao desenvolvimento sexual, o cálculo só pode começar no nascimento. Isso faz lembrar o fato de que, durante a gestação, ocorre um acúmulo de um pouco da substância de 28 dias, que só é liberada no parto; (2) que os períodos de 28 dias somam-se mais raramente e mais altamente que os de 23 dias, como se o desenvolvimento superior dos seres humanos dependesse dessa característica (vergonha, moral).

Assim, os dois tipos de fases se entrelaçariam da seguinte maneira:(4)

	1	3	8	12	14	17
Psíqu.	3T	6T	12T	18T	21T	24T
Sex.			100π 10T		200π 20T	

O fato de haver mais fases psíquicas se enquadraria perfeitamente em minha pressuposição de haver ainda mais outras traduções e inovações do aparelho psíquico. Também se pode observar que a soma, no decorrer da vida, abrange unidades de tempo cada vez maiores.

Para explicar porque o efeito [da experiência sexual prematura] é, ora a perversão, ora a neurose, valho-me da bissexualidade de todos os seres humanos. Num ser puramente masculino, haveria um excesso de descarga masculina também nas duas fronteiras sexuais — isto é, haveria geração de prazer e, por conseguinte, perversão; em seres puramente femininos, haveria nessas ocasiões um excesso de substância desprazerosa. Nas primeiras fases, as descargas seriam paralelas: em outras palavras, produziriam um excesso normal de prazer. Isso explicaria a preferência das mulheres verdadeiramente femininas pelas neuroses de defesa.

Desse modo, a natureza intelectual dos homens ficaria confirmada, com base em sua teoria.

Por fim, não posso reprimir a conjectura de que a distinção entre a neurastenia e a neurose de angústia, que identifiquei clinicamente, está ligada à existência das duas substâncias, de 23 dias e de 28 dias.

Além das duas que postulo aqui, poderia haver diversas substâncias de cada espécie.

Parece-me cada vez mais que o aspecto essencial da histeria é que ela decorre da *perversão* por parte do sedutor, e [parece] *cada vez mais* que a hereditariedade é a sedução pelo pai. Assim, surge uma alternância entre as gerações:

1.^a geração — perversão

2.^a geração — histeria e conseqüente esterilidade.

Ocasionalmente, há uma metamorfose num mesmo indivíduo: perverso durante a idade do vigor e, depois, passado um período de angústia, histérico. Por conseguinte, a histeria não é a sexualidade repudiada, e sim a *perversão repudiada*.

Além do mais, por trás disso está a idéia das *zonas erógenas* abandonadas. Em outras palavras, durante a infância, a descarga sexual parece ser obtível a partir de inúmeras partes do corpo, as quais, em épocas posteriores, só conseguem liberar a substância da angústia de 28 [dias], e não as outras. Nessa diferenciação e limitação residiriam, portanto, o progresso da cultura e também o desenvolvimento moral e individual.

O ataque histérico não é uma descarga, e sim uma *ação*, e preserva a característica original de todas as ações — a de ser um meio de reprodução do prazer. Isso, pelo menos, é o que ele é, fundamentalmente; à parte disso, ele propõe toda sorte de outras razões ao pré-consciente. Assim, os pacientes a quem foi feita alguma coisa sexual durante o *sono* têm ataques de sono. Adormecem novamente a fim de experimentar a mesma coisa, e amiúde provocam desmaios histéricos dessa maneira.

Todos os ataques de tonturas e acessos de choro visam a *uma outra pessoa* — mas, basicamente, visam àquela outra pessoa pré-histórica e inesquecível, que jamais é igualada por ninguém posteriormente. Até o sintoma crônico do desejo patológico de ficar deitado na cama é explicado

da mesma maneira. Um de meus pacientes ainda choraminga durante o sono, tal como fazia há muito tempo (para ser levado para a cama pela mãe, que morreu quando ele tinha 22 meses de idade). Os ataques nunca parecem ocorrer como uma “expressão intensificada de emoção”.

Eis um fragmento de minha experiência cotidiana: uma de minhas pacientes, em cuja história seu pai altamente perverso desempenha o papel principal, tem um irmão mais moço, que é tido como um perfeito patife. Um belo dia, este aparece em meu consultório para declarar, com lágrimas nos olhos, que não é um patife, e sim um doente, com impulsos anormais e uma inibição da vontade. Queixa-se também, num comentário inteiramente à parte, acerca do que certamente são dores de cabeça nasais. Oriento-o a procurar a irmã e o cunhado, a quem ele efetivamente vai visitar. Na mesma noite, a irmã vem me procurar, porque está agitada. No dia seguinte, tomo conhecimento de que, depois da partida do irmão, ela teve um acesso de dores de cabeça das mais pavorosas — um problema de que nunca sofre. Causa: o irmão lhe contou que, quando ele tinha 12 anos, sua atividade sexual consistia em beijar (lamber) os pés das irmãs quando elas se despiam à noite. Numa associação, ela resgatou do inconsciente a recordação de uma cena em que (aos 4 anos) havia observado o pai, em plena excitação sexual, lamber os pés de uma ama-de-leite. Assim, ela conjecturou que as preferências sexuais do filho derivavam do pai; e que este fora também o sedutor do primeiro. Foi assim que ela se permitiu identificar-se com ele e assumir suas dores de cabeça. Pôde fazê-lo, aliás, porque, durante a mesma cena, o pai enfurecido havia batido com a bota na cabeça da menina (escondida embaixo da cama).

O irmão abomina todos os tipos de perversidade, muito embora sofra de impulsos compulsivos. Em outras palavras, recalçou certos impulsos, que são substituídos por outros com compulsões. Esse é, de modo geral, o segredo dos impulsos compulsivos. Se ele conseguisse ser perverso, seria sadio, como o pai.⁽⁵⁾

É curioso que o cálculo através de somas sucessivas não revela *nada*, quer se inclua ou não nos cálculos o período intra-uterino.

$$\begin{aligned}
 \text{I. } 12\pi &= T = 276 \text{ dias (intra-uterino)} \\
 + \\
 3 \times 12\pi &= 3T = 2 \text{ anos} + 3 \text{ meses (extra-uterino)} \\
 + \\
 6 \times 12\pi &= 9T = 6 \text{ anos} + 9 \text{ meses} \\
 + \\
 12 \times 12\pi &= 21T = 15 \text{ anos} + 9 \text{ meses}
 \end{aligned}$$

$$\begin{aligned}
 \text{II. } 12\pi &= 9 \text{ meses} \\
 + \\
 3 \times 12\pi &= 4T = 3 \text{ anos} \\
 + \\
 6 \times 12\pi &= 10T = 7 \text{ anos} + 6 \text{ meses} \\
 + \\
 12 \times 12\pi &= 22T = 16\frac{1}{2} \text{ anos}
 \end{aligned}$$

Só funciona quando os 12π intra-uterinos são incluídos no cálculo e na soma total, como na última carta.⁽⁶⁾ Isso deve ter algum significado, não acha?

Estou muito contente por eles não terem visto mais nada em sua conferência. Assim se pode simplesmente continuar a amaldiçoá-los em silêncio; eles são um bando muito imbecil que deveria nos deixar em paz.

Agora, um assunto particular: Oscar e Melanie nos visitaram e causaram boa impressão. Não consigo deixar de gostar dele novamente. *Não quero* perguntar-lhe explicitamente sobre a veracidade de um boato que vem ligando Marie B. a Robert Br., mas apenas indicar que tenho conhecimento dele. Desejo a todos eles o que há de melhor, só que tenho certeza absoluta de que não quero me encontrar com o clã dos Breuer. Ando totalmente ocupado durante dez a onze horas por dia e estou correspondentemente bem, mas quase sem voz. Será isso uma tensão excessiva sobre as cordas vocais ou um aneurisma?⁽⁷⁾ Também *não é* preciso responder. O melhor é seguir o conselho do velho Candide: *travailler sans raisonner* [trabalhar sem raciocinar].

Na verdade, não sei coisa alguma sobre a resolução espontânea da paralisia pupilar na tabes e duvido que se possa descobrir algo. É claro que, *a priori*, é muito improvável. Fósforo, certamente, não é?

Acabo de enfeitar minha sala com cópias em gesso de estátuas florentinas. Foi uma fonte de extraordinário revigoramento para mim; estou pensando em ficar rico para poder repetir essas viagens. Ah, um congresso em solo italiano! (Nápoles, Pompéia!)

Minhas mais cordiais saudações a todos vocês.

Seu,
Sigm.

(1) *Bewusstsein*, ou "consciência".

(2) Os *fueros* eram antigas leis espanholas ainda vigentes numa ou noutra cidade ou província específica, assegurando os privilégios imemorais daquela região.

(3) Freud usa a letra grega π para indicar "período".

(4) No diagrama, T representa *Tragzeit*, o período de gestação.

(5) Ver *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade*: "Portanto, os sintomas são formados, em parte, à custa da sexualidade anormal; as neuroses são, por assim dizer, o negativo das perversões" (S.E. VII:165). Ver também as cartas de 11 de janeiro e 24 de janeiro de 1897, e ainda S.E. VII:50.

(6) Freud parece estar-se referindo a uma parte anterior dessa mesma carta, talvez escrita num momento diferente, e não à carta anterior.

(7) Em *Anfänge* lemos *Angsneurose* (neurose de angústia), mas o manuscrito diz claramente *Aneurysm*, dilatação mórbida de uma artéria.

Viena, 17 de dezembro de 1896

Querido Wilhelm,

Adivinhei a causa de sua demora [em escrever] e pude ainda observar, por sua carta, que você tinha tido um período ruim, que espero esteja agora ultrapassado. Fico muito satisfeito, porém, com a recepção dada a minhas fantasias. Sei que você as coloca no lugar certo, investiga esses pontos de vista um pouco mais e não me encara nem como um devaneador, pelo fato de eu comunicar essas coisas incompletas, nem como um tolo, que, por essa razão, acredita estar acima da investigação minuciosa e da correção. Tratam-se de sínteses e *working hypotheses*⁽¹⁾ [hipóteses de trabalho], que espero podermos trocar um com o outro sem preocupação. Obviamente, minha alegria interior ao ser repentinamente surpreendido por uma idéia se relacionou, não com as provas latentes, mas sim com o encontro de um terreno comum para o trabalho que compartilhamos. Espero que ele tenha tal extensão que aí possamos construir juntos algo de definitivo e, dessa forma, mesclar nossas contribuições a ponto de nossas propriedades individuais não mais serem reconhecíveis. Afinal, só consigo recolher fatos na esfera psíquica e você, na organológica; as áreas intermediárias precisarão de hipóteses.

Não possô impedir-me de colocar no papel para você, sem qualquer ordem adequada, alguns outros fatos e idéias. Com respeito aos impulsos do desenvolvimento psíquico, temos o cálculo baseado em múltiplos de 3, 6 e 12 do período de gestação; entretanto, talvez seja possível experimentar outro período que se enquadre melhor nas características de um processo de acumulação. Quero dizer que a soma seria calculada não a contar do início, mas a partir de cada ruptura. Assim, teríamos 1T; o período seguinte, a partir daí, 3T (total 4); o período seguinte, daí em diante, 6T (total 10T), e assim sucessivamente.

Dessa maneira, os próprios períodos, e não as rupturas, seriam múltiplos contáveis. O mesmo deve aplicar-se ao π de 28 [dias]. Ainda não experimentei esse novo cálculo. (Acabo de fazê-lo; não funciona.) A idéia principal dessa tentativa me parece ser a distribuição diferente das duas substâncias. Por conseguinte, estou satisfeito por você não ter, até o momento, nenhuma razão empírica para eliminá-la. Partindo dessa posição,

podemos ainda vislumbrar o seguinte: para começar, as duas substâncias são simultaneamente liberadas todos os dias; a diferenciação dos sexos traz em si o excesso e este se faz sentir, segundo as diferentes fórmulas de soma, em épocas diferentes. Bem, é preciso levar em conta os efeitos (1) da *produção anormal*; (2) da *distribuição anormal das reservas efetivamente presentes em cada momento específico*; e (3) as somas atingidas, isto é, as *rupturas*. A melancolia e a mania (separação da produção) talvez pertençam a |1| (produção), embora isso esteja menos claro. As neuroses atuais, a neurastenia e a neurose de angústia pertenceriam a (2), distribuição das reservas reais. A distribuição, afinal, seria múltipla, psíquica e somática e, possivelmente, até diretamente tóxica. A angústia surgiria através da distribuição somática da substância feminina 28- π , quando a descarga sexual lhe fosse negada, e a neurastenia, através da distribuição somática da substância masculina.

Conseqüentemente, os dias da menstruação precisam efetuar, por soma, a descarga das substâncias não distribuídas, passando os sintomas a exibir características neurastênicas nas datas de 23 dias e características de angústia nos |períodos| de 28 |dias|. Quando as duas substâncias são simultaneamente liberadas, é inevitável a mistura de sintomas. O efeito tóxico (reabsorção) poderia ser considerado análogo à mel|ancolia| e à mania (não a Melaine e Marie).(2)

A manifestação patológica do efeito das rupturas periódicas, diferenciadas segundo o sexo, apareceria nas precondições que dão origem às compulsões e ao recalamento. Assim, também seria preciso considerar:

- (1) A reserva cotidiana;
- (2) Seu aumento, num sentido ou noutro, pela soma constada em determinado dia;
- (3) As mudanças dela |acarretadas| por largos períodos.

O “signo precedente” a cada data especial seria *relativo*, isto é, dependeria de a substância σ ou φ ter a capacidade de bloquear uma substância produtora de doença.

Escondida bem no fundo disso está minha cria idealizada e acabrunhada — a metapsicologia. O sentimento de prazer, penso eu, é uma descarga, e não uma sensação de intoxicação.

E agora, sem nenhuma ligação apropriada, um pouco das psiconeuroses. Fico muito contente por você reconhecer que a elucidação da angústia é crucial. Talvez eu ainda não lhe tenha falado sobre a análise de diversas fobias. “Angústia diante da idéia de atirar-se pela janela” é uma construção equívocada da consciência, ou melhor, do pré-consciente; está relacionada com um conteúdo inconsciente em que aparece “janela” e que pode ser dissecado da seguinte maneira:

Angústia + ... janela

Eis como se pode explicá-lo:

Idéia inconsciente: ir até a janela e fazer sinal a um homem para que ele suba, como fazem as prostitutas;

Descarga sexual decorrente dessa idéia;

Pré-consciente: repúdio; daí, emergência de *angústia* proveniente da descarga sexual.

Desse conteúdo, apenas *janela* torna-se consciente, pois esse elemento é levantado como uma formação de compromisso, em virtude da idéia de "cair da janela", que é compatível com a angústia. Assim elas [as pessoas] percebem a *angústia a respeito da janela* e a interpretam no sentido de cair; e nem mesmo isso está sempre conscientemente presente. Aliás, qualquer dos dois motivos resulta no mesmo comportamento: elas não vão até a janela. Pense no *faire de la fenêtre*, de Guy de Maupassant.⁽³⁾

Embora eu esteja ciente das inexatidões e lacunas da superestrutura e do ínfimo rigor da infra-estrutura, não quis esconder de vocês essas reflexões. Em primeiro lugar, você não é nenhum Breuer a quem não se possa mostrar nada que não esteja concluído. Em segundo, é possível que você faça alguma coisa com isso; e, em terceiro, [é possível] que tenha sucesso em dissuadir-me por completo de usar seus períodos dessa maneira. Tenho notado que, em certas datas, que se repetem claramente a cada 28 dias, não sinto nenhum desejo sexual e fico impotente — o que, afora essas datas, ainda não está acontecendo, afinal de contas. Depois, quando essa questão me ocorreu, tive um dia feliz, sem realmente saber porque, uma espécie de resquício de alguma coisa agradável, como acontece depois de um lindo sonho. Parte da motivação para tanto apareceu depois, mas está muito longe de justificar aquele sentimento. Assim, outras provas devem estar sendo preparadas no inconsciente.

Parece plausível encarar a melancolia/mania periódica como uma separação temporal da descarga de prazer e desprazer, que, de outra forma, seria simultânea.

Ao mesmo tempo, descobri toda sorte de boas explicações em minha área. Na verdade, confirmei uma conjectura que vinha contemplando há algum tempo acerca do mecanismo da agorafobia nas mulheres. Você poderá certamente adivinhá-lo, se pensar nas mulheres "públicas". Trata-se do recalçamento da intenção de apanhar o primeiro homem que passar pela rua: inveja da prostituição e identificação. Eu também poderia estar satisfeito com outras coisas, mas, até o momento, não há um só caso concluído; sinto que ainda me falta uma peça importante em algum lugar. Enquanto nenhum caso tiver sido esclarecido e levado até o fim, não me sentirei seguro e não poderei dar-me por satisfeito. Quando isso acontecer, eu me darei permissão de passar um dia feliz entre duas noites de viagem [para visitá-lo].

A explicação da fase de "clownismo" no esquema charcotiano dos ataques [hísticos] reside na perversão dos sedutores, que, em virtude da compulsão a repetir o que fizeram na meninice, buscam satisfação, obviamente, fazendo as mais desvairadas cabriolas, cambalhotas e caretas. E tem mais: há o clownismo na histeria dos rapazes, a imitação de animais e as cenas circenses, que podem ser explicados pelo entrelaçamento das brincadeiras infantis praticadas no quarto das crianças com as cenas sexuais. Você acredita que uma relutância em tomar cerveja e barbear-se foi elucidada por uma cena em que uma babá se sentava, *podice nudo* [com as nádegas descobertas], numa bacia rasa de barbear repleta de cerveja, para deixar-se lambe, e assim por diante?

Binswanger acaba de publicar um enorme manual sobre a neurastenia, no qual a teoria sexual — isto é, meu nome — não é nem sequer mencionada! Hei de vingar-me dele friamente, tão logo saiba interpretar a neurastenia com base no que em breve serão, espero, nossas teorias amalgamadas.

Minhas mais cordiais saudações a você, sua mulher e seu filho.

Seu,

Sigm.

(1) Em inglês, no original.

(2) Melanie e Marie Bondy eram irmãs gêmeas de Ida Fliess, nascidas em 1872. Fliess nos dá essa informação em *Ablauf des Lebens*, 2.^a Ed., p. 100.

(3) Referência a um conto intitulado "Le Signe", publicado em 1887 (ver *Oeuvres Complètes de Guy de Maupassant*, vol. 9, Paris: Louis Conard, 1919). Uma jovem casada "chama" um transcunte pela janela, depois de ver uma prostituta fazer a mesma coisa. A expressão usada por Maupassant (p. 114) é *fuire la fenêtre*.

22 de dezembro de 1896⁽¹⁾
IX., Berggasse 19

[A Ida Fliess]

Cara Amiga,

Queria aceitar esta contribuição para a galeria de retratos dos ancestrais dele, em sinal de que compartilho de suas aspirações para o homenzinho, como você deve saber com base em meu afeto pelo homem adulto.

Com todos os melhores votos,

Seu,

Dr. Freud

(1) O original dessa carta me foi doado por Elenore Fliess, nora de Wilhelm Fliess.

3 de janeiro de 1897

IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Não havemos de naufragar. Em vez do canal que estamos procurando, é possível que encontremos oceanos cuja exploração mais minuciosa há de ficar para aqueles que vierem depois de nós; mas, se não soçobrarmos prematuramente, se nossa constituição conseguir agüentar,⁽¹⁾ chegaremos lá. *Nous y arriverons*. É só me darem mais dez anos e concluirei as neuroses e a nova psicologia. Você, provavelmente, precisará de menos tempo para sua organologia. Apesar das queixas a que você alude, nenhum Anonovo jamais nos encontrou tão ricos e maduros. Nos momentos que passo sem angústia, ainda me sinto pronto para enfrentar todos os demônios; e você jamais conheceu a angústia.

É claro que você não acredita que minhas teorias sobre a neurose tenham uma base tão frágil quanto os comentários que lhe estou mandando sobre a organologia. Nesse assunto, falta-me todo e qualquer material e só consigo fazer suposições; já em minha área, apóio-me nos fundamentos mais sólidos que você possa imaginar. Com certeza, ainda tenho muito que aprender; sendo assim, é provável que os limites dos períodos temporais em que surge cada uma das neuroses precisem ser corrigidos quando os casos estiverem terminados. Enquanto o trabalho progride, são precisamente as neuroses que resistem à determinação do tempo, mais do que qualquer outro fator. No momento, ao que me parece, tudo está convergindo cada vez mais para o primeiro período da vida, até os três anos. Este ano, não recebi mais nenhuma notícia de um paciente com idéias obsessivas de quem tratei por apenas sete meses. Ontem, fiquei sabendo pela Sra. F. (que ouviu a notícia do Professor Sulz [Petz?]) que esse homem viajou até sua cidade natal para verificar a realidade das coisas de que se lembrou, e que recebeu confirmação integral de sua sedutora, que ainda está viva (a babá, que é hoje uma mulher idosa).⁽²⁾ Dizem que ele está passando muito bem; é óbvio que está evitando uma cura completa, ajudado por essa melhora. A concordância [de meu material] com as perversões descritas por Krafft-Ebing é uma nova e valiosa confirmação da realidade.

Em nosso próximo congresso, espero que haja coisas importantes para conversarmos. Acho que na Páscoa, no máximo, talvez em Praga. Quem sabe, nessa época, eu já tenha levado um caso a termo.

O fato de que as neuroses não matam deve ser interpretado, creio eu, da seguinte maneira: as duas substâncias, masculina e feminina, não são idênticas às outras cujas vicissitudes você tem investigado, embora

todas sejam liberadas em irrupções de 23 e 28 [dias]. Eu não gostaria que a fronteira entre o neurótico e o orgânico fosse obscurecida. Quanto a você equacionar a enxaqueca com o derrame, acho que só posso aceitar sua idéia quanto à forma e ao período de ambos, mas não quanto a sua natureza, isto é, à identidade da substância. Vamos ver se isso se mantém.

A parte referente à Terapia será precedida pela citação “*Flavit et dissipati sunt*”;⁽³⁾ a da Sexualidade, pelo lema “Do paraíso ao inferno através do mundo”,⁽⁴⁾ se é que essa é a citação correta.

O trabalho para Nothnagel deverá estar pronto dentro de duas semanas. Também posso dar-lhe algumas notícias sobre G. de B. Seu diagnóstico estava absolutamente correto. Eis as provas circunstanciais:

Quando menina, ela sofria muito de angústia. Aos 8-10 anos, flúor albus (secreção branca). Quando criança, ela experimentava uma sensação dolorosa na vagina ao bater na irmãzinha. Tem a mesma sensação hoje em dia ao ler e ouvir falar sobre horrores e crueldade. Essa irmã mais nova é a única que, à semelhança dela, ama o pai e também sofre da mesma doença.

Um tique visível: ela franze [os lábios] num muxoxo (que vem da sucção).

Está sofrendo de um eczema ao redor dos lábios e de lesões que não se curam nos cantos da boca. Durante a noite, a saliva se acumula periodicamente, e depois aparecem as lesões. (Certa vez, antes disso, constatee que observações inteiramente análogas remontavam à sucção do pênis.)

Na infância (12 anos), a inibição da fala apareceu pela primeira vez quando, com a boca *cheia*, ela estava fugindo de uma professora.

O pai tem uma fala similarmente explosiva, como se estivesse com a boca cheia.

Habemus papam!⁽⁵⁾

Quando lhe estendi essa explicação, ela ficou convencida, a princípio; depois, cometeu a tolice de ir perguntar ao próprio pai, que, na primeira intimação, exclamou indignado: “Você está sugerindo que fui eu que fiz isso?”, e jurou inocência pelo que há de mais sagrado.

Agora, ela está em meio à mais veemente resistência e afirma acreditar nele, mas comprova sua identificação com o pai tornando-se insincera e fazendo juramentos falsos. Ameacei mandá-la embora e, ao fazê-lo, convenci-me de que ela já tem certa dose de certeza, mas está relutando em admiti-la.

Ela nunca se sentiu tão bem como no dia em que lhe fiz a revelação. Para facilitar o trabalho, tenho esperanças de que volte a sentir-se mal.

A dor que ela sente na perna parece ser proveniente da mãe.

No momento, aguardo com grande expectativa a solução de um caso que proporciona, simultaneamente, um conhecimento sobre duas psicoses: a do sedutor doente e a da mulher seduzida pelo paciente, que depois veio a adoecer. O caso também tem interesse organológico, como você verá. (Órgãos sexuais orais.)

Meus melhores votos para o Ano-novo; apresente meus agradecimentos a sua querida esposa e minhas melhores saudações avunculares ao pequeno Robert.

Seu,
Sigm.

(1) Essa é uma referência ao chiste mencionado em *A Interpretação dos Sonhos* (S.E. IV:195). Freud a usa com frequência nas cartas posteriores — por exemplo, na de 17 de julho de 1899.

(2) A tradução de Mosbacher implica que Freud teria tomado conhecimento disso diretamente através do paciente. Pode-se presumir que o paciente, e não Freud, quisesse verificar a reconstrução.

(3) "Ventou e eles foram dissipados." Freud se refere a isso n'*A Interpretação dos Sonhos* (S.E. IV:213-214), donde escreve: "... a Armada que navegou contra a Inglaterra, após cuja derrota cunhou-se uma medalha com a inscrição 'Flavit et dissipati sunt', pois a tempestade de vento havia dispersado a frota espanhola. Eu havia pensado, mais ou menos a sério, em usar essas palavras como título do capítulo sobre 'Terapia', se um dia chegasse a produzir uma explicação pormenorizada de minha teoria e tratamento da histeria." Ver também S.E. V:469: "O fato de todas as vezes terem desaparecido tão depressa sob a corrente [de urina] fez lembrar o lema 'Afflavit et dissipati sunt', que eu pretendia uma dia colocar no cabeçalho de um capítulo sobre a terapia da histeria." Com referência ao sentido da frase tal como empregada por Freud, ver Shönau (1968, pp. 79-80).

(4) Goethe, *Fausto*, Prólogo no Teatro. Ver S.E. VII:161-162: "O mais elevado e o mais vil estão sempre mais próximos um do outro na esfera da sexualidade: 'vom Himmel durch die Welt zur Hölle' [Do paraíso, por este mundo, até o Inferno]." Quanto ao significado desse trecho, ver Shönau (1968, pp. 84-85).

(5) Um brado de vitória semelhante ao "Eureka!", com o significado literal de "Temos um Papa!"

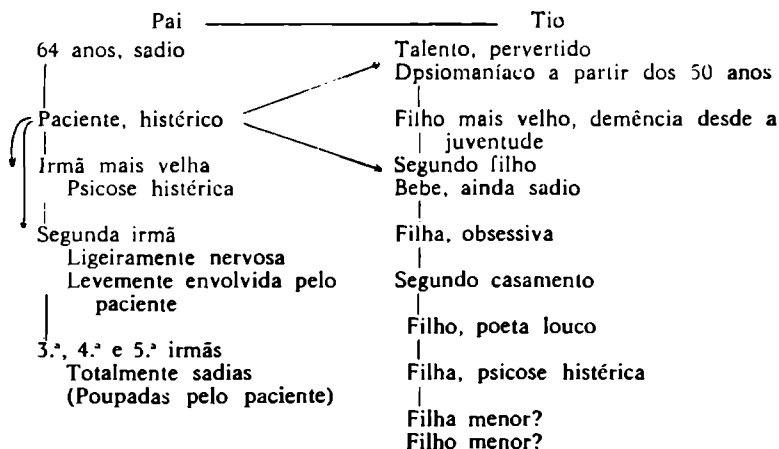
11 de janeiro de 1897
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Estou-lhe enviando, recém-saídas do forno, duas idéias que me ocorreram hoje e que me parecem viáveis; baseiam-se, é claro, em resultados de análises.

(1) A determinação da psicose (isto é, da amênia ou psicose confusional — a psicose da subjugação, como a chamei anteriormente),⁽¹⁾ em contraste com a neurose, parece estar em que a agressão sexual ocorre antes do término do primeiro estágio intelectual, isto é, antes que o apa-

relho psíquico esteja concluído em sua forma primária (antes da idade de 1 ano e um quarto a 1 ano e meio. É possível que essa agressão remonte a uma época tão distante que essas experiências permaneçam ocultas por trás das [experiências] posteriores e possam ser revividas de tempos em tempos. A epilepsia, creio, pertence ao mesmo período (como na discussão de que lhe falei a respeito de Sophie). Terei que lidar de forma diferente com o *tic convulsif* [tique convulsivo], que antes atribuí ao mesmo estágio. Eis como cheguei a isso: um de meus pacientes histéricos (meu milionário) provocou na irmã mais velha uma psicose histérica, que terminou num estado de completa confusão. Consegui agora chegar ao sedutor dele, um homem de talento, que, no entanto, passou a ter ataques graves da mais aguda dipsomania a partir dos cinquenta anos. Esses ataques começavam regularmente com diarreia, ou então com um resfriado e rouquidão (o sistema sexual oral!) — ou seja, com a reprodução de suas próprias experiências passivas. Ora, até adoecer, esse homem fora pervertido e, por conseguinte, sadio. Sua dipsomania surgiu pela intensificação, ou melhor, pela *substituição* do impulso sexual associado por esse impulso. (Provavelmente, o mesmo se aplica à mania de jogar do velho F.) Houve cenas entre esse sedutor e meu paciente, de algumas das quais a irmãzinha dele (com menos de um ano de idade) participou.⁽²⁾ Posteriormente, o paciente manteve relações com ela e a menina ficou psicótica na puberdade. Daí você pode depreender como uma neurose vai escalando para uma psicose na geração seguinte — o que se costuma chamar degeneração — simplesmente porque alguém de idade mais tenra é puxado para uma situação dessas. A propósito, eis a hereditariedade desse caso:



Espero poder contar-lhe muitas outras coisas importantes sobre esse caso específico, que lança luz sobre três formas de doença.

(2) As perversões conduzem regularmente à zoofilia e têm uma característica animalesca. Não são explicadas pelo funcionamento de zonas erógenas posteriormente abandonadas, e sim pelo efeito de *sensações* erógenas que, mais tarde, perdem sua força. A esse respeito, cabe lembrar que o sentido principal dos animais (também no tocante à sexualidade) é o olfato, que se reduziu nos seres humanos. Enquanto predomina o olfato (ou o paladar), a urina, as fezes e toda a superfície do corpo, inclusive o sangue, têm um efeito sexualmente excitante.⁽³⁾ Presumivelmente, o sentido aguçado do olfato na histeria está ligado a isso. Pode-se supor que o fato de os grupos de sensações terem muita relação com a estratificação psicológica decorra da distribuição nos sonhos e tenha, presumivelmente, uma ligação direta com o mecanismo das anestésias histéricas.⁽⁴⁾

Como vê, estou em pleno ritmo de descobertas; também nos outros aspectos vou indo muito bem. Agora, gostaria de ouvir o mesmo sobre você.

Cordiais saudações.

Seu,
Sigm.

(1) Ver o Rascunho K, com a carta de 1.º de janeiro de 1896.

(2) *Beteiligt*, erroneamente traduzido antes por "estive presente". O que Freud quis dizer com a participação dela é ambíguo.

(3) O texto de *Anfänge* diz *Huare* (cabelos) e *Kopf* (cabeça). Entretanto, o manuscrito diz claramente *Harn* (urina) e *Kot* (fezes), o que faz mais sentido no contexto da carta.

(4) O sentido desse trecho não é claro.

12 de janeiro de 1897
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Por favor, tente procurar algum caso de convulsões infantis que você possa rastrear (no futuro ou em sua memória) até uma agressão sexual, especificamente a *licitus* [lambidas] (ou dedo) no ânus. Afinal, deve haver indicações ou razões para se suspeitar disso nos casos em que tenha ocorrido. Isso cobriria uma famosa categoria funcional da literatura: irritação por vermes, dispepsia e coisas similares. E isso porque minha descoberta mais recente consiste em que pude rastrear com segurança o ataque de um paciente, que apenas se assemelhou à epilepsia, até um desses tratamentos com a língua por parte da babá. Idade: 2 anos. — Ponha em lugar disso

a primeira infância e você terá, na reprodução [da cena], uma aparência de psicose epiléptica. Tenho uma confiança sólida nessa novidade, bem como na de ontem sobre a precondição etária da psicose.

No caso de R. L., que foi o alvo da discussão entre mim e B., as convulsões ocorreram uma vez antes de um ano;⁽¹⁾ duas irmãs mais novas são completamente sadias, como se o pai (que sei ser um sujeito repugnante) se houvesse convencido dos efeitos danosos de suas carícias.

Cordialmente,

Seu,
Sigm.

(1) Sentido obscuro; também poderia ser "um ano atrás".

17 de janeiro de 1897
IX., Berggasse 19

Meu querido Wilhelm,

É evidente que você está gostando das andanças de minha cabeça; é por isso que vou informá-lo todas as vezes que houver alguma novidade. Ainda tenho uma opinião elevada da determinação das psicoses e logo lhe apresentarei o material. Você me fez duvidar de minha explicação da epilepsia, mas ela não ficou inteiramente abalada. O que diria, por falar nisso, se eu lhe contasse que toda a minha novíssima pré-história da histeria⁽¹⁾ já era conhecida e foi publicada mais de cem vezes, embora há muitos séculos? Você se lembra de que eu sempre disse que a teoria medieval da possessão, sustentada pelos tribunais eclesiásticos, era idêntica à nossa teoria de um corpo estranho e da divisão da consciência? Mas porque será que o demônio que se apossava das pobrezinhas invariavelmente abusava delas sexualmente, e de maneira repugnante? Porque é que as confissões delas, mediante tortura, são tão semelhantes às comunicações feitas por meus pacientes em tratamento psíquico? Dentro em breve precisarei vasculhar a literatura sobre esse assunto. A propósito, as crueldades possibilitam a compreensão de alguns sintomas da histeria que, até agora, tinham permanecido obscuros. Os alfinetes que aparecem das maneiras mais estranhas; as agulhas que fazem com que as pobrezinhas tenham seus seios mutilados e que não são visíveis nas radiografias, embora apareçam, sem dúvida, em suas histórias de sedução! Eckstein tem uma cena [isto é, lembra-se de uma cena] em que o diabo espeta agulhas nos dedos dela e depois coloca uma balinha sobre cada gota de sangue. No que concerne ao sangue, você está completamente livre de responsabilidade! [Eis] um equivalente disso: o medo de agulhas e objetos

pontiagudos, proveniente do segundo período psíquico. E, com respeito à crueldade em geral, o medo de ferir alguém a faca ou de algum outro modo.

Mais uma vez, os inquisidores espetam agulhas para descobrir os estigmas do demônio e, numa situação similar, as vítimas pensam na mesma velha história de crueldade sob a forma de ficção⁽²⁾ (ajudadas, talvez, pelos disfarces dos sedutores). Assim, não somente as vítimas, mas também os algozes relembram nisso sua mais tenra meninice.

No sábado, cumpri meu dever de dar uma explicação sobre seu trabalho relativo ao nariz em meu curso sobre as neuroses e, na quinta-feira, continuarei a fazê-lo. Os cinco rapazes⁽³⁾ ficaram com as orelhas adequadamente em pé. De fato, isso já constitui [um material] fascinante.

Como vê, estou indo muito bem. Porque você não tem andado bem disposto? Oscar e Melanie fizeram-nos recentemente uma visita agradável.

Cordiais saudações a sua esposa e seu garoto.

Seu,
Sigm.

Então, em Praga, na Páscoa.

(1) *Hysterie-Urgeschichte*, sem dúvida uma referência à época da vida (na infância) em que ocorreu a sedução.

(2) Diz o texto em alemão: "Nun stechen die Inquisitoren wieder mit Nadeln um die Stigmata Diaboli zu finden, und in der ähnlichen Situation fällt den Opfern in Dichtung (vielleicht durch Verkleidungen der Verführer unterstützt) die alte grausame Geschichte ein. So erinnerten sich dabei nicht nur die Opfer sondern auch die Henker an ihre erste Jugend."

Esse trecho não é fácil de traduzir ou de compreender. *Dichtung* refere-se aí à ficção e sugere prontamente o contraste entre *Wahrheit und Dichtung* (verdade e ficção), como se Freud estivesse dizendo que a *Geschichte* era uma invenção, ou seja, que os pacientes têm fantasias a respeito de seduições. Por outro lado, *einfallen* não implica "inventar", termo escolhido por Strachey, e sim "pensar em algo" ou "vir alguma coisa à mente".

Portanto, se Freud tivesse dito apenas *fällt den Opfern die alte grausame Geschichte ein*, certamente teria pretendido dizer que um evento real, uma sedução, ocorrera com os pacientes. Ao acrescentar *in Dichtung*, ele levanta a questão de as histórias que ocorrem com os pacientes serem verdadeiras ou inventadas. A própria ambigüidade desse trecho pressagia a mudança que logo se seguiria na visão de Freud (ver carta de 21 de setembro de 1897), ao longo da qual ele começaria a achar, pela primeira vez, que as histórias ouvidas em sua clínica era ficção — em outras palavras, inventadas. Mas é também possível que, através de *in Dichtung*, Freud se estivesse referindo ao fato de que os acontecimentos reais retornam, na lembrança, disfarçados e distorcidos. São elaborados, porque o recalçamento não lhes permite livre acesso à memória.

A última frase é particularmente difícil. Penso que Freud retorna aqui a sua crença na realidade das seduições e talvez pretenda dizer que tanto os juízes quanto suas vítimas, as bruxas, foram seduzidos na infância. Se essa interpretação for correta, poderá esclarecer uma frase igualmente obscura da carta seguinte, onde Freud afirma entender agora a severidade dos juízes. Se estão praticando

um ato de vingança por uma sedução ocorrida em seu próprio passado, a verdade deles é apenas uma forma distorcida de recordação, a que Freud posteriormente chamaria de atuação. A vingança que os juízes retiram disso consiste em tornar ativa a experiência passiva, infligindo às bruxas a mesma tortura que sofreram na infância. Presumivelmente, nesse caso, as agulhas representam o pênis durante o coito (no caso dos juízes, o coito anal). As bruxas só confessam a veracidade do acontecimento por estarem confessando uma verdade muito anterior — reconhecendo, enfim, que elas próprias foram sexualmente agredidas.

Verkleidungen é também ambíguo. É o sedutor que se disfarça, ou será que é a vítima que disfarça o sedutor? Esta última interpretação é sugerida na carta de Freud de 24 de janeiro de 1897: “os malfetores, que são, é claro, ocultados através da defesa”.

(3) O curso em questão era intitulado “Vorlesungen über die grossen Neurosen”. Era ministrado duas vezes por semana, das 19 às 20 h, às quartas-feiras, e das 19 às 21 h aos sábados, teve lugar no semestre de inverno de 1896-97; ver Gicklhorn e Gicklhorn (1960, p. 152). Quatro das pessoas que freqüentaram o curso foram identificadas: Simon Hochenwarter, Arthur Schüller, Peter Stampfl e Ludwig Teleky. Uma relação dos alunos de Freud de 1886 a 1919 foi compilada por Gicklhorn e Gicklhorn. Esses autores prepararam uma versão mais completa do que a publicada, fornecendo o semestre de inscrição de cada aluno. Essa lista não publicada acha-se na biblioteca da Casa Sigmund Freud, em Viena.

24 de janeiro de 1897
IX., Bergasse 19

Meu caro Wilhelm,

É bom saber que você leva meus pedidos tão a sério. Mas o caso das convulsões decerto não é um dos esperados. Ainda acredito plenamente na questão em si. A maioria de meus palpites *in neuroticis* [referentes às neuroses] revelou-se verdadeira, posteriormente. A propósito, a coisa toda se baseia num caso em que as convulsões epileptiformes puderam ser rastreadas com segurança até excitações similares em meses posteriores. Ainda não disponho de nenhum material novo. O período primário, anterior a um ano e meio, tem-se tornado cada vez mais significativo. Estou inclinado a distinguir diversos períodos até mesmo dentro dele. Foi assim que pude vincular com certeza uma histeria, que se desenvolveu no contexto de uma depressão periódica branda, a uma sedução, ocorrida pela primeira vez aos 11 meses de idade, e [pude] ouvir de novo as palavras trocadas pelos dois adultos naquela ocasião! A determinação temporal da epilepsia (histérica) e da psicose histérica se encontra, portanto, mais para trás. Mas há também um aspecto psicótico na periodicidade da depressão branda.

A idéia de trazer à cena as bruxas está ganhando força. Penso que é também apropriada. Começam a surgir detalhes em profusão. O “vão” delas está explicado: a vasoura que montam é, provavelmente, o grande Senhor Pênis. As reuniões secretas, com danças e divertimentos, podem ser

vistas a qualquer momento nas ruas onde as crianças brincam. Um dia desses, li que o ouro que o demônio dá a suas vítimas costuma transformar-se em fezes; e, no dia seguinte, o Sr. E., que declara que sua antiga babá tinha delírios de dinheiro, disse-me repentinamente (via Cagliostro — alquimista — *Dukatenscheisser* [aquele que defeca ducados]) que o dinheiro de Louise era sempre cocô. Nas histórias das bruxas, portanto, ele é meramente retransformado na substância de que se originou. Ah, se eu soubesse porque o sêmen do diabo é sempre descrito como “gelado” nas confissões das bruxas! Encomendei o *Malleus maleficarum* e, agora que dei os retoques finais nas paralisias infantis, vou estudá-lo com afinco. A história do demônio, o vocabulário dos palavrões populares, as cantigas de roda e costumes da infância — tudo isso vai agora adquirindo significado para mim. Será que você pode, *sem* maiores problemas, recomendar-me algumas boas leituras gravadas em sua excelente memória? Com respeito à dança nas confissões das bruxas, lembre-se das epidemias de danças da Idade Média. A Louise de E. era uma dessas bruxas dançarinas; muito coerente, ele se lembrou dela pela primeira vez no balé. Daí sua angústia nos teatros.

As proezas acrobáticas e coisas semelhantes nos ataques histéricos dos meninos podem ser enquadradas na categoria dos vôos e da flutuação no ar.

Estou começando a apreender uma idéia: é como se, nas perversões, das quais a histeria é o negativo, estivéssemos diante de um remanescente de um culto sexual primitivo, que foi outrora — e talvez ainda seja — numa religião no Oriente semita (Moloch, Astarte). Imagine só, consegui uma cena sobre a circuncisão de uma menina! O corte de um pedaço de um dos pequenos lábios (que é ainda menor hoje) e a sucção do sangue, após o quê deu-se à menina um pedacinho da pele para comer. Essa menina, aos 13 anos, afirmou certa vez que seria capaz de engolir *uma* parte da minhoca, e pôs-se a fazê-lo. Uma operação feita por você em certa ocasião foi afetada por uma hemofilia que se originou dessa maneira.⁽¹⁾

As ações perversas, além disso, são sempre as mesmas — significativas e moldadas segundo um padrão que um dia será compreendido.

Estou sonhando, portanto, com uma religião demoníaca primitiva, com ritos praticados em segredo, e compreendo a terapia rigorosa aplicada pelos juízes das bruxas. Os elos de ligação são abundantes.

Outro afluente dessa corrente de idéias provém da consideração de que existe uma classe de pessoas que, até os dias de hoje, conta histórias como as das bruxas e as de meus pacientes;⁽²⁾ ninguém lhes dá crédito, mas a confiança que essas pessoas têm em suas histórias é inabalável. Como você deve ter adivinhado, refiro-me aos paranóicos, cujas queixas de que alguém anda colocando fezes em sua comida, de que eles são sexualmente maltratados durante a noite, da maneira mais vergonhosa, e assim por diante, são um mero conteúdo da memória.

Você sabe que faço uma distinção entre os delírios de memória e os delírios de interpretação. Estes últimos estão ligados à imprecisão característica que cerca os malfeitores, que são, é claro, ocultados pela defesa.

Mais um detalhe. Na histeria, reconheço o *pater* nas exigências elevadas feitas no amor, na humildade em relação ao amado, ou na impossibilidade de casar-se por causa de ideais não satisfeitos. A razão disso, é claro, está na altura de que o pai desce para chegar à criança. Compare-se a isso, na paranóia, a combinação dos delírios de grandeza e das ficções a respeito da filiação ilegítima. É o reverso da medalha.

Ao mesmo tempo, estou ficando em dúvida quanto a uma conjectura que fiz até pouco tempo atrás, no sentido de que a escolha da neurose é determinada pelo período em que ela se origina; parece-me, antes, que ela se estabelece na primeira infância. Mas a decisão continua oscilando entre o período em que ela se origina e o período em que ocorre o recalçamento (o que prefiro atualmente).

Em meio a essa profusão de idéias, fico inteiramente indiferente ao fato de que o conselho de professores propôs para o cargo de Extraordinarius [professor-adjunto] um colega mais moço de minha especialidade, assim passando por cima de mim, se é que a notícia é verdadeira. Isso me é inteiramente indiferente, mas talvez apresse meu rompimento definitivo com a universidade.

Com cartas como esta, terei esgotado tudo antes de nosso congresso; portanto, em vez de falar, ficarei ouvindo como se organizam para você os dados da periodicidade e obterei com você a infra-estrutura completa, em vez de fantasiá-la.

Torne a escrever-me depressa.

Penso ter agora ultrapassado a idade crítica.⁽⁴⁾ Minhas condições físicas são muito mais estáveis.

Cordiais saudações a você, mulher e filho,

Seu,

Sigm.

(1) Referência à operação feita em Eckstein.

(2) O manuscrito diz *meine Patienten*, o que faz mais sentido do que *mein Patient*, como consta em *Anfänge*.

(3) Presume-se que Freud teria ouvido boatos nesse sentido. Com efeito, no dia 13 de fevereiro de 1897, o *Professorenkollegium* recomendou quatro docentes para o título de *Extraordinarius*: Freud, L. Frankl-Hochwart (neuropatologista), J. Pal (medicina interna) e R. Limbeck (medicina interna). Ver Gicklhorn e Gicklhorn (1960, pp. 18-19) e Eissler (1966, p. 182). É provável que Freud se esteja

referindo a Frank-Hochwart (1862-1914), *Privatdozent* apenas desde 1891, que de fato conseguiu o título de *Extraordinarius* no ano seguinte (1898), ao passo que Freud teve que esperar até 1902.

(4) No que tange à preocupação de Freud com sua "idade crítica", ver Schur (1972).

8 de fevereiro de 1897
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Breuer, a quem chamam generoso, não consegue deixar passar nenhuma oportunidade em que haja uma chance de estragar o mais inócuo estado de contentamento. Recebeu meu livro⁽¹⁾ e, ato contínuo, visitou minha mulher para perguntar-lhe como teria o editor reagido ao tamanho previsto do trabalho. O editor, com quem ele está tão preocupado, juntamente com Nothnagel, assegurou-me que isso não tinha nenhuma importância e que todo o trabalho certamente teria uma vendagem esplêndida. A obra realmente acabou saindo maior do que seria apropriado ao tamanho já estabelecido da série. Diante desse contraste, porém, sou especialmente grato a você por sua avaliação amistosa — a você, o "grosseiro" —, e expresso apenas minha surpresa de que tenha conseguido examiná-la em tão curto prazo.

Que sou o "joão-ninguém" de Viena que acredita em sua seqüência [de períodos] é algo que, sem dúvida, você já sabe. O cunhado Oscar faz conciliações estranhíssimas entre as solicitações que lhe são feitas pelos parentes e pelos conhecidos. Mostra, em igual medida, admiração e repúdio, pois a autoridade que profere julgamentos no intelecto dele é estranhamente imparcial. Assim, está agora entusiasmado com minha soma do desenvolvimento mental periódico em séries de 13. A verdade é que desisti há muito tempo de qualquer tentativa, jamais feita a sério, de tocar o apito que você toca. Prefiro que me dê um concerto na Páscoa.

A I. K. que está com dispnéia (?!) não é minha paciente. Se você conhecesse Z. v. K.,⁽²⁾ não duvidaria nem por um momento de que só essa mulher poderia ter sido minha mestra. Provavelmente, você deve ter examinado alguma cunhada dela.

Preciso corrigir um dado que lhe comuniquei recentemente. Quando visitei Nothnagel há pouco tempo para oferecer-lhe um exemplar a título de cortesia, ele me disse espontaneamente e, por ora, como um segredo, que ele e Krafft-Ebing iriam propor meu nome (bem como o de Frankl-Hochwart) para o cargo de professor-adjunto, e me mostrou o documento que haviam assinado. Acrescentou que, se o conselho não concordasse, eles dois iriam submeter a proposta ao ministério por sua própria conta. "Sendo um homem sensato", acrescentou, "você está ciente das outras dificul-

dades. Talvez não se consiga mais do que colocar seu nome em discussão. Todos sabemos como é pequena a probabilidade de que o ministro aceite a proposta.”(3)

É possível que a proposta tenha sido apresentada na reunião de ontem. O que me agrada nisso é poder continuar a encarar esses dois homens como pessoas decentes, porque, falando sério, se me houvessem preterido, seria difícil eu ter uma opinião favorável a respeito deles.

Não escrevi durante uma semana porque o trabalho (onze horas e meia a doze horas e meia por dia) tem realmente esgotado minhas forças. À noite, desabo como se tivesse estado cortando lenha.

Minhas previsões sobre a atual estação mostraram-se acertadas. Tenho agora dez pacientes em tratamento, inclusive um de Budapeste; um outro, proveniente de Breslau, deve estar chegando. É provável que meu horário seja longo demais, embora, por outro lado, eu me sinta melhor precisamente quando estou trabalhando muito. Na semana passada, por exemplo, ganhei 700 florins(4) — e não se ganha isso a troco de nada. Enriquecer deve ser muito difícil.

O progresso de meu trabalho é esplêndido, mas é claro que há ainda uma profusão de enigmas e dúvidas. Não quero contar-lhe tudo *antes* de nosso congresso. Talvez, quando chegar a hora dele, um dos casos já esteja inteiramente concluído. Enquanto isso não tiver acontecido, não se poderá realmente ter certeza.

11 de fevereiro. A pressão do trabalho e dois dias ruins(5) — uma raridade, nos tempos atuais — me fizeram atrasar-me. Tenho pensado em lhe perguntar, com respeito à ingestão de fezes [por] animais [palavras ilegíveis], quando é que o nojo aparece pela primeira vez nas crianças pequenas e se existe algum período, na mais tenra infância, em que esses sentimentos estejam ausentes. Porque não vou até o quarto das crianças e faço uma experiência com Annerl? Porque, trabalhando doze horas e meia, não tenho tempo para isso, e porque o mulhierio da casa não apóia minhas pesquisas. A resposta teria interesse teórico. A teoria, aliás, parece muito distante de mim no momento. Tenho adiado todas as tentativas de chegar a algum entendimento. Até as relações cronológicas tornaram-se duvidosas.

O sonambulismo, como conjecturamos em Dresden, foi corretamente entendido. O resultado mais recente é o desvendamento dos ataques histéricos de catalepsia: imitação da morte com *rigor mortis*, ou seja, identificação com alguém que morreu. Nos casos em que [a histérica] viu a pessoa morta, [aparecem] o olhar fixo e a boca aberta; caso contrário, ela apenas permanece deitada, imóvel e silenciosa.

Calafrios histéricos = ser retirado(a) de uma cama quente. A dor de cabeça histérica, com sensações de pressão no alto da cabeça, nas têmporas e assim por diante, é típica das cenas em que a cabeça é segurada com o propósito de [se praticarem] ações na boca. (Relutância posterior nos lojas dos retratistas, que firmam a cabeça [para fotografar].)

Infelizmente, meu próprio pai foi um desses pervertidos e é responsável pela histeria de meu irmão (cujos sintomas, em sua totalidade, são identificações) e de várias das irmãs mais moças. A frequência dessa situação, muitas vezes, causa-me estranheza.

De qualquer modo, levarei comigo um bocado de material estranho para Praga.

Minhas cordiais saudações a você, mulher e filho. Os meus vão indo em excelentes condições.

Seu,
Sigm.

(1) "Paralísias Cerebrais Infantis", no volume de Nothnagel.

(2) Cacilie M., dos *Estudos sobre a Histeria*.

(3) Eis a comissão designada para nomear Freud para o título de Professor Extraordinarius (equivalente a professor-adjunto, embora, na época, a posição tivesse muito mais prestígio do que hoje): *Hofrater* Nothnagel, von Schrotter, Neusser, Krafft-Ebing e Ludwig, e ainda os Professores Weichselbaum e Exner. Um documento datado de 10 de maio de 1897, apoiando a nomeação de Freud, foi assinado por todos os membros da comissão; foi escrito de próprio punho por Krafft-Ebing e é, provavelmente, de sua autoria. A exposição bastante longa (quatro páginas) e pormenorizada é quase inteiramente positiva. Depois de listar os primeiros trabalhos de Freud sobre a histeria, Krafft-Ebing fornece um parágrafo que acredito ter provindo de Freud, pelas seguintes razões:

(a) Freud afirma ter preparado um relatório sobre seu trabalho para Krafft-Ebing;

(b) Krafft-Ebing, como sabemos por seus muitos textos publicados, não compartilhava das opiniões propostas nesse parágrafo (jamais mencionou Freud em suas bibliografias, sempre muito detalhadas);

(c) As opiniões ali formuladas são as de Freud.

Cito aqui um trecho desse documento, reproduzido em alemão *in* Gicklhorn e Gicklhorn (1960, pp. 94-98, tradução minha): "A tese principal na feita desses trabalhos foi a aquisição de conhecimentos mais profundos sobre o mecanismo dos processos neuróticos, através da aplicação, de um novo método psicoterápico para o qual o Dr. Breuer deu a idéia, na esperança de que se pudessem encontrar meios e modos de curar essas neuroses. No decorrer dessas exaustivas pesquisas clínicas, Freud chegou a resultados surpreendentes, que são extremamente importantes para a etiologia das neuroses. Ele provou que um fator preponderante no desenvolvimento dos estados histéricos e neurastênicos, que eram até então totalmente ininteligíveis no tocante a sua etiologia, era a existência de anomalias e experiências no campo da vida sexual dos pacientes, e que somente a identificação e eliminação delas poderia trazer uma contribuição para os casos individuais, ficando isso brilhantemente demonstrado, em especial, com respeito às chamadas obsessões e fobias."

Se nos recordamos de que, apenas alguns meses antes, Krafft-Ebing tinha escutado essas mesmas idéias (na conferência de Freud sobre a "Etiologia da Histeria", em 21 de abril de 1896) e as havia chamado de "conto de fadas científico", poderemos ter uma certa razãoável de que Krafft-Ebing não acreditava no que estava dizendo (e, com toda probabilidade, retirou essa afirmação diretamente do relatório de Freud). O fato de ele ter chegado a preparar o documento, por um sentimento de responsabilidade enquanto membro do conselho, já é louvável por si só. E prossegue Krafft-Ebing, acrescentando as seguintes palavras de crítica leve: "O ineditismo dessa pesquisa e a dificuldade de verificá-la não nos permitem, neste momento, julgar-lhe a importância com segurança. É possível que

Freud a esteja superestimando, bem como supergeneralizando os resultados que obteve." E, em seguida, diz Krafft-Ebing, no que é, sem dúvida, seu próprio julgamento imparcial: "De qualquer modo, suas pesquisas nesse campo dão mostras de um talento incomum e da capacidade de orientar as investigações científicas para novos rumos."

Na reunião do *Professorenkollegium* de 12 de junho de 1897, Freud foi recomendado para o cargo por 22 votos contra 10. J. Pal foi recomendado na mesma reunião. Ernst Wertheim seria recomendado em 13 de fevereiro de 1897, Josef Ritter O. Metnitz em 27 de março e Heinrich Paschkis em 14 de julho de 1897. Freud, como sabemos (nota 3 da carta de 24 de janeiro de 1897), só foi realmente nomeado em 1902.

(4) Gicklhorn e Gicklhorn (1960, p. 19, n. 1) afirmam ter sido informados por ex-pacientes de Freud que, ao aproximar-se a passagem do século, ele cobrava 30 coroas de ouro por sessão.

(5) A tradução literal é "terrivelmente acentuados".

7 de março de 1897
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Sua esposa despontou mais uma vez em nosso meio como um meteoro e, como de hábito, suplantou em brilho a tudo e todos, de modo que, junto dela, os outros davam a impressão de ser aqueles peixes sem olhos que vivem nas profundezas do mar. Infelizmente, vi-a muito pouco; ela me encontrou morto de cansaço, em consequência de meus atuais dias de trabalho de 10 a 11 horas. Informou-me que você descobriu muitas coisas novas e que está aguardando a Páscoa ansiosamente. Esta última observação, pelo menos, aplica-se também a mim. Falta ainda muito tempo até lá.

Fiquei em silêncio por um intervalo mais longo por ter percebido que, no momento, você não poderia responder a minhas cartas transbordantes de detalhes, porque não queria esvaziar-me completamente antes do congresso e porque estava — mais uma vez — muito cansado (sobre-determinado!). Agora, estou achando tudo muito mais divertido. Ainda não concluí um só caso; continuo lutando com as dificuldades do tratamento e da compreensão, que, dependendo de meu estado de ânimo, parecem-me maiores ou menores. De modo geral, minha constituição ainda está agüentando.

17 de março. É claro que você não pode imaginar quão profundamente me comoveu sua gloriosa analogia com os espartanos agonizantes. Ela também me impressionaria em outras ocasiões, mas chegou no exato momento em que eu estava prestes a dar minha Mathilde como perdida, pois ela estava de cama, com uma difteria séptica, e [o símile] me reconfortou. Hoje, ao que me parece, houve uma melhora decisiva, que nos enche de esperanças. O Tio Rie fez tudo o que é possível, e nessas situações, mostra sempre seu lado melhor. Ele e Kassowitz⁽¹⁾ foram contra as injeções recomendadas por Behring.

Espero que os próximos acontecimentos não estraguem minha perspectiva de encontrá-lo em Praga na Páscoa. Por ora, vou terminando, para finalmente despachar esta carta atrasadíssima.

Cordiais saudações.

Seu,
Sigm.

(1) Max Kassowitz (1842-1913) foi, de 1882 a 1906, diretor do Hospital Público de Doenças Infantis, onde Freud trabalhou como chefe do Setor de Doenças Nervosas entre 1886 e 1896. Ver Gicklhorn e Gicklhorn (1960) e Lesky (1978, pp. 369 ss.).

29 de março de 1897
IX., Berggasse 19

Meu caro,

Hoje, passada uma aflição de uma semana, que se estendeu de uma data especial a outra, acordei reanimado. Mathilde está bem, exceto pela albuminúria; ainda de cama. Hoje, tudo será desinfetado. Os outros continuam bem. — Meus agradecimentos cordiais por sua conferência;⁽¹⁾ ela revela um incrível poder de condensar idéias e, num espaço de vinte minutos, faz-nos percorrer o universo. É fácil imaginar que você tenha precisado [tecer] o comentário sobre a mudança de expressão da platéia.⁽²⁾ Anseio pelos dias em Praga. Nesses maus tempos, o trabalho é uma tortura terrível para mim. Que sorte eu não ter mais contato com Br[euer]! Ele sem dúvida me aconselharia a emigrar.⁽³⁾ Continuo tendo as mesmas dificuldades e não terminei um único caso. Espero que Robert já esteja bem outra vez há algum tempo, não é?

Com minhas saudações cordiais a você e Ida,

Seu,
Sigm.

(1) Freud faz referência a um trabalho intitulado “Über Dysmenorrhoe und Wehenschmerz”, lido na reunião de 11 de dezembro de 1896 da Sociedade de Obstetrícia e Ginecologia de Berlim — um pronunciamento informal, mais do que uma conferência, publicado no *Zeitschrift für Geburtshilfe und Gynakologie*. Nele, Fliess faz um esboço de sua teoria da periodicidade. Diz à platéia que ela tem conhecimento, é claro, dos ciclos de 28 dias. Mas o “período de 23 dias, de que vocês estão ouvindo falar aqui pela primeira vez, ocupará, no futuro, um lugar igualmente importante na biologia”. São visíveis nessa conferência inicial o tom e a grandiloquência ligeiramente paranóides.

(2) *Mimik* [mímica fácil]. O trecho a que Freud se refere, concernente à reação da platéia, acha-se na p. 366 do trabalho de Fliess (ver nota anterior). É evidente que Fliess interrompeu a palestra da seguinte maneira: “Para cada uma dessas seqüências de datas, eu poderia também incluir as datas de nascimento

dos irmãos do lado materno, dos tios e tias. Percebo, senhores, que esta proposta estimula seus músculos do riso de maneira duvidosa. Mas posso revelar-lhes que estamos tratando aqui de uma grande lei da natureza, e lhes asseguro que há de chegar o momento em que os senhores ficarão emudecidos diante da grandiosidade dessa lei!"

(3) *Welch ein Glück, dass ich Breuer nicht mehr sehe. Er hätte mir schon gerathen auszuwandern.* Esse trecho tem sido fonte de muitos mal-entendidos, pois Jones, que o citou, fez deles uma tradução errônea. Diz, ele, a propósito de Freud: "Em fevereiro [de 1896], ele escreveu a Fliess, dizendo que era impossível continuar a entender-se com Breuer, embora, passada apenas uma semana, admitisse que era doloroso pensar que Breuer estava tão completamente afastado de sua vida. Um ano depois, estava contente em não vê-lo mais: a simples visão dele o inclinaria a emigrar para longe. São palavras fortes, e há outras ainda mais fortes, que não precisam ser reproduzidas" (*Life* I:280-281). Jones cita a presente carta como sua fonte. Com efeito, as palavras são pesadas, mas não pertencem a Freud.

Nas notas que Jones redigiu sobre as cartas não publicadas a Fliess (que examinei nos Arquivos de Jones, em Londres), ele escreveu, com respeito à data de 29 de março: "Sorte por não ver Br. mais; fazer-me emigrar." Esta foi, sem dúvida, a origem do erro.

6 de abril de 1897
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Sua interpretação de seu sonho não é muito fácil [de entender], mas o sonho deve estar certo. Prefiro Nuremberg a Praga e preferiria ainda mais associar Veneza a seus períodos, caso Veneza fosse uma cidade em que se pudessem fazer passeios a pé. Entretanto, já que nosso congresso terá seqüência para você na primavera — da qual não poderei participar, pois agora cada dia me custa 75 a 90 florins e, em setembro, os dias não valem nada —, você deve providenciar as coisas de maneira a que nosso encontro (cujo local é menos importante) se harmonize com seus outros planos, para que Ida possa acompanhá-lo facilmente e para que você não precise fazer nenhum desvio para seguir viagem. Posso viajar na noite de sexta-feira e ficar fora até a manhã de quarta, no máximo.

Mathilde está bem; ontem, pela primeira vez, não houve nenhuma albumina. A menina tem-se portado muito bem. Talvez Martha a leve em sua companhia, se a ocasião em que ela se levantar da cama não for próxima demais da data da partida para Aussee.

O aspecto que me escapou na solução da histeria reside na descoberta de uma fonte diferente, da qual emerge um novo elemento da produção do inconsciente. O que tenho em mente são as fantasias histéricas, que, tal como as vejo, remontam sistematicamente a coisas que as crianças entreouvem em idade precoce e só compreendem numa ocasião posterior. A idade em que captam essa espécie de informações, estranhamente, é a partir dos seis a sete meses! O cunhado Oscar me implorou

que deixasse de lado esse ponto (provavelmente, foi incumbido dessa missão) e me perguntou repetidamente o que você tem a dizer sobre essa novidade. Faça-lhe aqui a comunicação oficial. Eu passaria de bom grado sem todas essas complicações, mas, como você sabe, *Que messieurs les assassins commencent*.⁽¹⁾ É como a seqüência [de períodos]; se houvesse apenas dois, eles seriam mais prontamente aceitos.

Acabo de escrever meu *curriculum vitae* para Krafft-Ebing, que está redigindo um relatório a meu respeito.⁽²⁾ Afora isso, as realizações são desprezíveis. O trabalho das últimas semanas realmente sobrecarregou minha capacidade até o limite.

Positivamente, estou encantado com o fato de faltarem menos de duas semanas para nos encontrarmos de novo.

Com as mais cordiais saudações a você, mulher e filho,

Seu,
Sigm.

(1) Supõe-se que esta seja uma citação de Alphonse Karr (1808-1890) no periódico *Les Guêpes*, de janeiro de 1840: "Si l'on veut abolir la peine de mort en ce cas, que MM. les assassins commencent" (Caso se pretenda abolir a pena de morte nesse caso, que o comecem os senhores assassinos [isto é, que parem de matar].)

(2) Esse documento não chegou até nós. Sem dúvida, sua essência nos chegou através do relatório de Krafft-Ebing. Ver nota 3 da carta de Freud de 8 de fevereiro de 1897.

12 de abril de 1897
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

É com pesar que tomo conhecimento de que seu velho amigo Siebert tem-lhe causado preocupações, pela mesma doença com que tive oportunidade de voltar a me familiarizar recentemente; não me sentindo capaz de formular um prognóstico sobre ele, lamento também por mim mesmo, em vista da possibilidade de que isso desvirtue nosso congresso. Espero, é claro, que as coisas ainda acabem bem, e aguardo suas instruções de viagem, mesmo que sejam transmitidas por telegrama.

Quase cancelei minha ida. Sábado à tarde, Martin pregou-nos um susto. ao adoecer de repente com sintomas na garganta, que Oscar não quis diagnosticar de imediato, mas que Laufer, recomendado por ele, declarou serem de difteria. Fiquei abalado; a desinfecção havia terminado uma semana antes, as crianças estavam novamente juntas e agora teríamos que nos preparar para vê-las se revezarem, uma após outra — e será que todas sobreviveriam? À noite, fui visitar Oscar; fui um visitante desagradável, é claro, mas fiquei contente em receber dele a garantia de que

todos os indícios apontavam, ao contrário, para uma infecção de garganta comum. Na manhã seguinte, Laufer desculpou-se por ter-nos assustado; definitivamente, não era difteria. [Martin] ainda está com febre, mas o quadro é idêntico ao das outras infecções de garganta que o põem de cama periodicamente. Mais tarde, lembramos que a anterior irrompeu no dia 14 de fevereiro, isto é, 2 X 28 dias.

A doença dele também há de lhe interessar num outro aspecto. Na noite de sexta-feira (a véspera), ele havia produzido, repentinamente, um "poema", sobre o qual espero que Martha escreva com detalhes a sua esposa. Na manhã de sábado, veio a segunda parte do poema; ele o intitulou de "Verão" e assinou "Poeta Martin Freud". Mal havia terminado de escrever cuidadosamente sua obra, começou a se queixar e, à noite, sua temperatura já estava alta. Portanto, foi euforia antes da data especial.⁽¹⁾ Oli deve ter tido alguma vaga idéia dessa ligação, ao escrever, no dia seguinte, em seu ensaio do dia [diário]?: "Ontem, Martin era poeta; hoje, está muito doente." Muita alegria se poderia ter com a criança, se não houvesse também tanto medo. Nessas ocasiões, observo com tristeza até que ponto o excesso de trabalho e a tensão dos últimos anos me abateram. Não vá imaginar que pretendo com isso contradizer minha própria teoria etiológica. Anseio por dias bonitos; durante várias semanas, quando me aconteceu ter uma hora de folga, não fiz nada além de abrir novos livros, jogar paciência, estudar as ruas de Pompéia e coisas semelhantes.

Mande-me notícias bem depressa — só coisas boas, de todos os lados.

Com as mais cordiais saudações a você, sua querida esposa e seu filho,

Seu,
Sigm.

(1) Embora Fließ ainda não tivesse publicado nada sobre esse tópico, deve ter falado com Freud sobre sua crença na ligação entre a doença, a criatividade e a morte. Ver seu livro *Zur Periodentheorie*, especialmente a p. 59, citada na nota 6 da carta de 27 de novembro de 1893, com respeito a Ludwig Pietsch.

Viena, 28 de abril de 1897

Querido Wilhelm,

Ontem à noite tive um sonho⁽¹⁾ a seu respeito. Era uma mensagem telegráfica sobre seu paradeiro:

Via	
"(Veneza)	Casa "SECERNO"
Villa	

O modo como escrevi mostra o que parecia obscuro e o que parecia multiplicado. "Secerno" era a palavra mais clara. Meu sentimento em relação a ela foi de irritação por você não ter ido para o lugar que eu lhe havia recomendado: a Casa Kirsch.⁽²⁾

Relatório sobre os motivos. Causa provocadora: acontecimentos do dia anterior. H. esteve aqui e falou sobre Nuremberg, dizendo que conhecia a cidade muito bem e que costumava hospedar-se no Preller. Não consegui lembrar-me do lugar de imediato, mas depois perguntei: "Fora da cidade?" Essa conversa mobilizou a tristeza que tenho sentido ultimamente por não saber onde você está hospedado e por não receber notícias suas. Pois eu queria tê-lo como meu público e lhe contar um pouco do que tenho experimentado e descoberto em meu trabalho. Mas não ousei mandar minhas anotações para destino ignorado, pois teria precisado pedir-lhe que as guardasse para mim como material valioso. Portanto, se você me mandasse seu endereço por telegrama, isso seria a realização de um desejo. Há toda espécie de coisas por trás do enunciado do telegrama: a lembrança do prazer etimológico que você costuma proporcionar-me, minha alusão a "fora da cidade", feita a H., e também coisas mais sérias que logo me ocorreram. "Como se você precisasse ter sempre alguma coisa especial!", diz minha irritação. Acrescente-se a isso, primeiro, que você não conseguiu tirar o menor prazer da Idade Média e, ainda por cima, minha reação persistente a seu sonho defensivo, que tentou colocar o avô no lugar costumeiro do pai. Ligado a isso, o fato de eu me atormentar constantemente, [pensando em] como posso dar-lhe alguma pista sobre quem era a pessoa que chamava I. F. de Katzel [gatinho] quando criança, tal como agora ela chama você. Já que eu próprio ainda tenho dúvidas quanto às questões concernentes ao pai, minha sensibilidade passa a ser compreensível. Portanto, o sonho reúne toda a minha irritação com você, que está inconscientemente presente em mim. A propósito, o enunciado tem ainda outros sentidos:

Via (as ruas de Pompéia, que ando estudando).

Villa (a vila romana de Böcklin).

Logo, nossas conversas sobre viagens. Secerno me soa semelhante a Salerno: napolitana, siciliana. Por trás disso, sua promessa de um congresso em solo italiano.

A interpretação completa só me ocorreu depois que um acaso fortuito, hoje pela manhã, trouxe uma nova confirmação da etiologia paterna.⁽³⁾ Ontem, iniciei o tratamento de um caso novo: uma moça que, por falta de tempo, eu preferiria afugentar. Ela teve um irmão que morreu iouco, e seu sintoma principal (insônia) surgiu pela primeira vez depois de ela ouvir a carruagem que o levaria ao hospício afastar-se da porta da frente. Desde então, passou a sentir angústia ao andar de carruagem e uma convicção de que haveria um acidente com o veículo. Anos depois, os cavalos dispararam durante um trajeto e ela aproveitou a oportunidade para saltar da carruagem e quebrar o pé. Hoje, ela che-

gou e confessou⁽⁴⁾ ter pensado muito no tratamento e ter descoberto um obstáculo. — E qual é ele? perguntei. — Posso me mostrar tão má quanto for necessário, mas preciso poupar as outras pessoas. O senhor deve permitir que eu não cite nomes. — Os nomes não têm importância, é claro. Mas você quer se referir a seus relacionamentos com as pessoas. Aqui, com certeza não será possível esconder nada. — O que eu quero mesmo dizer é que, algum tempo atrás, eu seria mais fácil de tratar do que agora. Antigamente, eu não suspeitava de nada; mas, agora, o sentido criminoso de certas coisas ficou claro para mim e não consigo me decidir a falar sobre elas. — Pelo contrário, acho que uma mulher amadurecida se torna mais tolerante quanto às questões sexuais. — É, o senhor tem razão nisso. Quando digo que as pessoas que têm culpa dessas coisas são pobres e de espírito elevado,⁽⁵⁾ sou forçada a pensar que isso é uma doença, uma espécie de loucura, e tenho que desculpá-las. — Bem, vamos então falar claramente. Em minhas análises, as pessoas culpadas são parentes próximos, o pai ou um irmão. — Não aconteceu nada com meu irmão. — Então, com seu pai. E foi aí que se revelou que o pai dela, supostamente nobre e respeitável, costumava levá-la para a cama, regularmente, quando ela estava com oito a doze anos, e se servia dela sem penetrá-la (“Deixava-a molhada”, visitas noturnas). Já naquela época, ela sentia angústia. Uma irmã, seis anos mais velha, com quem ela conversou sobre essas coisas muitos anos depois, confessou ter tido as mesmas experiências com o pai. Uma prima lhe contou que, quando tinha quinze anos, tinha tido que rechaçar os abraços do avô. Naturalmente, quando eu lhe disse que coisas semelhantes e piores deveriam ter acontecido com ela na primeira infância, ela não teve como achar isso inacreditável. Em outros aspectos, é um caso bastante comum de histeria, com os sintomas habituais.

Q. E. D.(T)

(1) Ver S.E. IV:137.

(2) Uma pensão em Veneza.

(3) Sem dúvida, uma referência à crença de Freud (na época) de que a sedução sexual pelo pai estaria no cerne da neurose. Ver carta de 12 de dezembro de 1897: “Mein Vertrauen in die Veterätiologie ist sehr gestiegen” (Minha confiança na etiologia paterna elevou-se grandemente).

(4) O manuscrito diz *beichtet*, e não *berichtet* [relator] como consta no *Anfänge*.

(5) O manuscrito diz *ausgezeichnete, edle Menschen*, e não *ausgezeichnet* (como advérbio) *edle Menschen*, como consta em *Anfänge*.

(T) *Quod erat demonstrandum* (O que ficaria demonstrado). (N. da T.)

Viena, 2 de maio de 1897

Querido Wilhelm,

Nesse ínterim, recebi o cartão-postal e o telegrama e lamento que o congresso não lhe tenha levado o que trouxe para mim — prazer e

revigoramento. Desde então, tenho estado numa contínua euforia e trabalhado como um rapaz. Como você depreenderá do anexo [Rascunho L], minhas conquistas estão-se consolidando. Em primeiro lugar, adquiri uma noção segura da estrutura da histeria. Tudo remonta à reprodução de cenas [do passado]. A algumas se pode chegar diretamente, e a outras, por meio de fantasias que se erguem à frente delas. As fantasias provêm de coisas que foram *ouvidas*, mas só *posteriormente* entendidas, e todo o material delas, é claro, é verdadeiro. São estruturas protetoras, sublimações dos fatos, embelezamentos deles e, ao mesmo tempo, servem para o alívio pessoal. Sua origem accidental talvez provenha das fantasias de masturbação. Um segundo elemento importante de compreensão me diz que as estruturas psíquicas que, na histeria, são afetadas pelo recalçamento, não são, na verdade, lembranças, já que ninguém se entrega à atividade mnêmica sem um motivo, e sim a impulsos decorrentes de cenas originárias.⁽¹⁾ Apercebo-me agora de que todas as três neuroses (histeria, neurose obsessiva e paranóia) exibem os mesmos elementos (ao lado da mesma etiologia), quais sejam, fragmentos de memória, *impulsos* (derivados das lembranças) e *ficções protetoras*; mas a irrupção na consciência, a formação de soluções de compromisso (isto é, de sintomas), ocorre nelas em pontos diferentes. Na histeria, são as reminiscências; na neurose obsessiva, os impulsos perversos; na paranóia, as ficções protetoras (fantasias) que penetram na vida normal, em meio a distorções devidas à solução de compromisso.

Vejo nisso um grande avanço da compreensão. Espero que lhe cause a mesma impressão.

Outra confirmação de minhas cenas da proto-histeria. No caso de G., pude discernir, algumas semanas atrás, que a depressão branda dele reproduz uma depressão branda do pai, que ocorreu quando ele ainda não tinha dois anos de idade. Isso pôde ser determinado da seguinte maneira: a depressão do pai relacionou-se com uma doença dele, que aponta para uma sífilis antiga. (De fato, o pai tem uma ptose bilateral.) O homem passou por [uma série de] tratamentos de embrocção, que o deixaram impotente e o predispuseram à melancolia. A interrupção das relações sexuais conjugais foi usada por outro homem para impingir suas atenções à mulher, ao que o marido, ao tomar conhecimento da gravidez da esposa, teve dúvidas sobre a paternidade e considerou a idéia de se divorciar. Ora, esse filho é dois anos e meio mais moço do que meu paciente; os eventos relatados ocorreram durante os primeiros meses da gravidez, ou seja, durante o período em que ele tinha 21 a 24 meses de idade. Aconteceu o seguinte: o pai, agora com 62 anos, disse ao filho, com cuja saúde estava insatisfeito: "Está vendo, é isso o que acontece quando se consultam médicos a quem não se conhece. Eu mesmo também fiquei deprimido uma vez, há trinta e cinco anos, *quando você ainda não tinha dois anos*; fui a nosso médico da família; ele me mandou viajar por seis semanas e fiquei curado."

Também em outros aspectos, todos estamos muito bem no momento. Ainda quero perguntar-lhe se lhe parece acertado fazer uma raspagem da garganta e uma tonsilectomia em Martin, usando uma anestesia leve, e se você não acha que *Laufer* deve ser contra-indicado. Por favor, dê-me sua opinião; fiquei visivelmente angustiado este ano.

No dia 15 de maio iremos para Aussee, onde, como você se recorda, há uma pequena casa de hóspedes à espera de vocês todos. Ainda não posso mandar-lhe um modelo inicial. Minha recuperação, até agora estende-se apenas ao trabalho inconsciente; ainda não consigo fazê-lo conscientemente.

Espero que, enfim, vocês tenham achado os lagos agradáveis. Também não o perdoarei facilmente pela crítica feita a Veneza, mas entendo um pouco da harmonia e da estrutura austera, construída segundo as mais belas proporções, de seus processos psíquicos.

Os melhores votos de dias agradáveis para vocês dois.

Seu,
Sigm.

(1) Referência à crença de Freud em que a sedução sexual pelo pai seria a fonte da neurose. Ver carta de 12 de dezembro de 1897.

Rascunho L

|anexo à carta|

A Arquitetura da Histeria

O objetivo parece ser o de alcançar as cenas |sexuais| mais primitivas.⁽¹⁾ Em alguns casos, isso se consegue diretamente, porém, em outros, somente através de um desvio, por meio das fantasias. E isso porque as fantasias são fachadas psíquicas produzidas com a finalidade de impedir o acesso a essas recordações. As fantasias servem, simultaneamente, à tendência a aperfeiçoar as lembranças e à tendência a sublimá-las. São fabricadas por meio de coisas *ouvidas* e das usadas *posteriormente*, assim combinando coisas experimentadas e ouvidas, acontecimentos passados (da história dos pais e antepassados) e coisas que foram vistas pela própria pessoa. Relacionam-se com coisas ouvidas, tal como os sonhos se relacionam com coisas vistas. Nos sonhos, é claro, não ouvimos nada, mas vemos.

O Papel Desempenhado pelas Empregadas Domésticas

Uma imensa carga de culpa, acrescida de auto-recriminações (por furto, aborto), é possibilitada pela identificação com essas pessoas de moral baixa, que são tão freqüentemente lembradas, em ligação sexual com o pai ou um irmão, como material feminino sem valor. E, como resultado da sublimação dessas jovens nas fantasias, algumas acusações altamente improváveis contra outras pessoas ficam contidas nas fantasias. O medo da prostituição (medo de andar sozinha nas ruas), o medo de homens escondidos embaixo da cama, e assim por diante, apontam também na direção das criadas. Há uma trágica justiça no fato de que o rebaixamento do chefe da família diante de uma criada da casa é expiado através da autodegradação de sua filha.

Cogumelos

No verão passado, houve uma moça que tinha medo de colher uma flor ou sequer arrancar um cogumelo, pois isso era contra a determinação de Deus, que não desejava que as sementes vivas fossem destruídas. Isso provinha dos escrúpulos⁽²⁾ religiosos da mãe da jovem sobre as precauções tomadas durante o coito, pois, desse modo, as sementes vivas seriam destruídas. As “esponjas” (esponjas de Paris⁽³⁾) foram explicitamente mencionadas entre essas precauções. O principal conteúdo da neurose dessa moça era a identificação com a mãe.

Dores

Não são a sensação real de uma fixação, mas a repetição intencional dela. A criança esbarra numa quina, num móvel ou algo semelhante e, desse modo, estabelece um contato *ad genitalia*, a fim de repetir uma cena em que o que é agora o ponto doloroso, e foi outrora pressionado contra a quina, levou à fixação.

Multiplícidade de Personalidades Psíquicas

A realidade da identificação talvez nos permita interpretar essa expressão *literalmente*.

Embrulhos

Complemento da história dos cogumelos. A moça exigia que todos os objetos que lhe eram entregues fossem embrulhados. (Condom.)

Edições Múltiplas das Fantasia — estarão também retrospectivamente ligadas à experiência original?

Nos casos em que os pacientes desejam adoecer e se agarram a seu sofrimento, isso costuma ocorrer porque o sofrimento é encarado como uma arma protetora contra sua própria libido — isto é, por causa da falta de confiança neles mesmos. Nessa fase, o sintoma mnêmico transforma-se num sintoma defensivo: as duas correntes ativas se combinam. Nos estágios anteriores, o sintoma era consequência da libido, um sintoma provocador: é possível que, entre os estágios, as fantasias sirvam como defesa.

É possível acompanhar a trajetória, a época e o material da formação das fantasias, que então se assemelham estreitamente à formação dos sonhos. Mas não há regressão na forma [de representação dada às fantasias], apenas progressão. Relação entre sonhos, fantasias e reprodução.

Outro Sonho de Realização de Desejo

— Acho que esse é um sonho de realização de desejo, disse E. — Sonhei que, quando ia chegando em casa com uma mulher, fui preso por um policial, que me pediu que entrasse numa carruagem. Pedi mais tempo para pôr minhas coisas em ordem, e assim por diante. Era de manhã, depois de eu ter passado a noite com a mulher. — Você ficou apavorado? — Não. — Sabe de que era acusado? — Sim. De ter matado uma criança. — E isso tem alguma ligação com a realidade? — Uma vez, fui responsável pelo aborto de um filho que resultou de um caso amoroso. Não gosto de pensar no assunto. — Bem, e não havia acontecido nada na manhã anterior ao sonho? — Sim, acordei e tive relações sexuais. — Mas você tomou precauções? — Sim, eu tirei fora. — Então, você estava com medo de ter gerado uma criança e o sonho lhe mostra a realização de seu desejo de que nada acontecesse, de ter podado a criança na raiz. Você usou o sentimento de angústia que surge depois desse tipo de coito como material para seu sonho.

(1) *Urszenen* (cenas originais). Freud pretende referir-se, creio eu, às cenas de sedução real — as cenas mais primitivas. “Cena primária”, no sentido posterior da relação sexual entre os pais, foi uma expressão usada pela primeira vez na discussão sobre o homem dos lobos (S.E. XVIII:39, n. 1).

(2) O manuscrito diz *Skrupel*, e não *Sprüche* (provérbios), como consta em *Anfänge*.

(3) Forma de contraceptivo. A palavra alemã *Schwämme* significa tanto “condomínios” como “esponjas”.

16 de maio de 1897

Querido Wilhelm,

Estou pronto agora para desfrutar de uma agradável noite de domingo e lhe agradecer por sua última carta, que foi imensamente construtiva. *Bunge*(1) foi extremamente bom para mim. Afinal, não temos a pretensão de ser as únicas pessoas inteligentes do mundo; o que faz sentido para nós deve agradar também a uns poucos sujeitos capazes. Bunge certamente compensa um bando inteiro de professores universitários. Poupei-me de informar sobre duas críticas lastimáveis que chegaram a meu conhecimento depois de Nuremberg — uma delas proveniente de um assistente de Chrobak. Você pode suportar isso calmamente.

Pude depreender de sua carta que você está mentalmente refeito. Espero que agora continue a ser você mesmo outra vez, por muito tempo, e que me deixe continuar a tirar proveito de você como platéia generosamente receptiva. Sem essa platéia, na verdade, não consigo trabalhar. Se você estiver de acordo, procederei como fiz da vez passada e lhe mandarei quaisquer anotações que tenha aprontado, com o pedido de que as devolva quando eu pedir. Não importa onde comece, estou sempre voltando às neuroses e ao aparelho Ψ [psíquico]. Com certeza, não é por uma indiferença pessoal nem objetiva que não consigo fazer com que minha pena escreva nada além disso. As coisas estão fermentando, borbulhando dentro de mim; só estou à espera de um novo ímpeto. Não consigo decidir-me a escrever o esboço preliminar da obra completa que você deseja; creio que o que me impede é uma obscura expectativa de que logo surgirá alguma coisa de essencial. Por outro lado, tenho-me sentido impelido a começar a trabalhar no sonho, onde me sinto bem seguro — e, em sua opinião, justificadamente. Por um momento, tive minhas publicações(2) para o editor; a votação [para o cargo de professor-adjunto] deve ocorrer a qualquer momento. Agora, terminei e estou novamente pensando no [livro sobre o] sonho. Tenho examinado a literatura e me sinto como o diabinho celta: “Ah, como estou contente porque ninguém, ninguém sabe!”(3) Ninguém sequer suspeita de que o sonho não é nenhum absurdo, e sim uma realização de desejo.

Não sei se já lhe escrevi a esse respeito; certamente, já, e é apenas por precaução que repito que, agora, foi desvendada a fonte das alucinações auditivas na paranóia. As fantasias derivam, como na histeria, daquilo que foi ouvido e só *subseqüentemente* compreendido.

Foi a pique um navio que me era fonte de orgulho, poucos dias depois de minha volta. Meu banqueiro, que era quem estava mais avançado em sua análise, debandou num momento crucial, quando estava prestes a me trazer as últimas cenas. É claro que isso também me prejudicou materialmente e me convenceu de que, afinal, ainda não sei tudo sobre a mola mestra da questão. Mas, refeito como estava, superei isso

com facilidade e disse a mim mesmo: pois então, esperarei ainda mais até que um tratamento seja concluído. Isso deve ser possível e precisa ser feito.

A prima Elise v. G. provavelmente irá embora dentro em breve ou, pelo menos, parará. O comportamento dela foi muito estranho; resta saber se |o tratamento| teve alguma serventia para ela e se ela vai querer continuar. Não há dúvida de que o assunto não foi concluído.

Eu queria mandar as crianças para Aussee no dia 18; Martha queria ficar por aqui até Pentecostes. O tempo horroroso nos fez adiar isso indefinidamente. Martin teve outro ataque de "poetite" branda, desta vez um tanto prematuramente, trinta e cinco dias depois do último poema, mas $35 + 56 = 91$ desde a última infecção da garganta. A propósito, a inspiração durou mais de dois dias desta vez; ao mesmo tempo, ele perdeu dois dentes, com dois dias de intervalo. Escreveu um poema chamado "Férias no Borque" e, depois, um outro, ainda incompleto: "A Caçada". Que a operação dele foi feita é algo que se pode inferir dos seguintes versos dos "Diálogos dos Animais Sabidos", de autoria dele:

Lebre! — disse a corça. — Sua garganta ainda dói quando você engole?

É impossível exprimir em palavras como foi engraçado quando Oli, ao examinar essa produção, ficou indignado com os erros inevitáveis de ortografia. É bem o Xenofonte do *Fliegende Blätter*, quando os gregos reviram o mar e exclamaram, deleitados: "talassa!" ("também se pode dizer "talata"). Mathilde, agora, está extasiada com a mitologia, e chorou recentemente lágrimas amargas porque os gregos, que costumavam ser aqueles heróis grandiosos, sofreram golpes tão pesados na mão dos turcos. Uma turminha muito divertida.

A propósito, você não encontrou os Breuers em Bolzano? Eles viajaram para Bolzano no dia em que cheguei. Já se passaram quatro semanas desde aquele lindo primeiro dia de Páscoa.

Tenho agora vários alunos novos e um verdadeiro discípulo — de Berlim, um certo Dr. Gattel,⁽⁴⁾ que foi assistente na *Maison de Santé* de Levinstein e veio até aqui aprender alguma coisa comigo. Prometi ensinar-lhe, no velho estilo clássico (peripateticamente), e não no laboratório e na ala de medicina, e estou curioso em ver como se sairá. Aliás, ele é meio norte-americano e sobrinho do Professor Dresenfeld, de Manchester.

Nestes últimos dias tive toda sorte de boas idéias para você, mas elas tornaram a desaparecer. Preciso esperar pelo próximo impulso que irá trazê-las de volta. Até lá, gostaria de receber notícias boas e detalhadas de você, Ida e Robert, e também de como estão Siebert e sua mãe.

Minhas mais cordiais saudações, e boa sorte em seu trabalho.

Seu,
Sigm.

(1) Gustav Bunge (1844-1920), fisiologista de Basel.

(2) O resumo foi publicado em S.E. III:225-256.

(3) O texto em alemão diz "Ach wie bin ich froh, dass es niemand, niemand weiss". Isso foi traduzido em *Origins* por "Como me alegra que os olhos de algum homem tenham penetrado o véu do disfarce de Puck [?]" (p. 201). Freud faz aí uma citação dos irmãos Grimm — Rumpelstilzchen, cujo nome ninguém sabe. Não se sabe ao certo por que razão Freud o teria chamado de diabinho celta.

(4) Na verdade, Felix Gattel, médico de Berlim, talvez tenha sido encaminhando a Freud por Fliess (ver Decker, 1977; Sulloway, 1979, p. 513; e Jones, *Life* 1:334). Em 1898, Gattel publicou um livro de 68 páginas, *Über die sexuellen Ursachen der Neurasthenie und Angstneurose* (Berlim: Hirschwald). Mœbius fez dele uma crítica negativa no *Schmidt's Jahrbücher der in-und ausländischen gesamtten Medizin* n.º 259 (1898), p. 214. Mais perniciososa foi a crítica do assistente de Krafft-Ebing, P. Kôrplus (a quem Gattel faz um agradecimento no prefácio), no *Wiener klinische Wochenschrift* 2 (1898), pp. 689-690, que inclui uma crítica severa a Freud. (É evidente que Freud havia explicado a Gattel que uma menina "sedutora" de quatro anos apenas "repete um ato que foi previamente perpetrado com ela", idéia esta que Kôrplus considerava ultrajante.)

25 de maio de 1897

Querido Wilhelm,

Envio-lhe em anexo o "Catálogo de Todas as Belezas..."⁽¹⁾ A decisão do conselho foi adiada; houve uma nova oposição e o conseqüente adiamento na última reunião. Felizmente, meus interesses estão voltados para outro lugar.

O anexo contém um surto de idéias que me despertaram uma grande esperança. Se eu conseguir atravessá-lo, farei a visita familiar a Berlim. Calculo que isso não aconteça antes do ano que vem.

Achei muito divertidas as suas análises dos períodos de gestação. Ah, se eu tivesse a geometria para essa álgebra! Ao pressupor essas diferenças, é óbvio que você está admitindo a posição de que não é o dia, e sim a fase de — a —, que determina o evento. Mas nesse caso, o que significa N. [?] 23—28, se 28 é maior do que 23? Essa obscuridade desperta as mais interessantes expectativas.

Meu bando viajou para Aussee ontem à noite, com Minna, e chegou, segundo os informes, com um tempo ótimo. Martha ficará aqui até Pentecostes.

Primeira infecção de garganta
de Martin

Segunda infecção de garganta

Domingo, 14 de fevereiro

Sábado, 10 de abril

(é muito provável que o início tenha sido no sábado, 13 de fevereiro) = 56 dias = 2 X 28

1.º poema, Dachstein

Sexta-feira, 9 de abril/

sábado, 10 de abril

Sexta-feira, 14 de maio

2.º poema

no dia seguinte, e também no sábado,
15 de maio; um pouquinho depois de
domingo, 16 de maio (2 dentes nesses
três dias)

3.º poema

Quarta-feira, 19 de maio

(redução nítida da atividade poética).

Muito cordialmente,

Seu,

Sigm.

Data de nascimento: 7 de dezembro de 1889.

(1) Expressão retirada de Leporello, da ópera *Don Giovanni*, de Mozart. Trata-se da "Ária do Catálogo", que se refere às conquistas do herói. A expressão é aqui usada em tom jocoso para referir-se ao "Inhaltsangaben der wissenschaftlichen Arbeiten des Privatdozenten Dr. Sigm. Freud 1877-1897" (Resumo das Obras Científicas do Docente Dr. Sigm. Freud, 1877-1897), Impresso como publicação particular [por Deuticke].

Rascunho M. A Arquitetura da Histeria

[anexo à carta]

Provavelmente, é assim: algumas das cenas são diretamente acessíveis, mas outras, só através de fantasias erigidas à frente delas. As cenas são dispostas em ordem crescente de resistência; as mais levemente recalçadas vêm à tona primeiro, mas só de maneira incompleta por causa de sua associação com as que foram intensamente recalçadas. O caminho percorrido pelo trabalho analítico desce em volteios, primeiro, até as cenas ou suas imediações; depois, desce de um sintoma até um ponto um pouco mais profundo, e depois, de um sintoma até um ponto ainda mais profundo. Visto que a maioria das cenas combina-se nuns poucos sintomas, nossa trajetória faz voltas repetidas pelos pensamentos que estão por trás dos mesmos sintomas [ver Fig. 6].

Recalcamento

Devemos supor que o elemento essencialmente responsável pelo recalcamento⁽¹⁾ é sempre aquilo que é feminino. Isso é confirmado pelo fato de que tanto as mulheres como os homens admitem mais prontamente as experiências com mulheres do que com homens. O que os homens recalcam, essencialmente, é o elemento de pederastia.

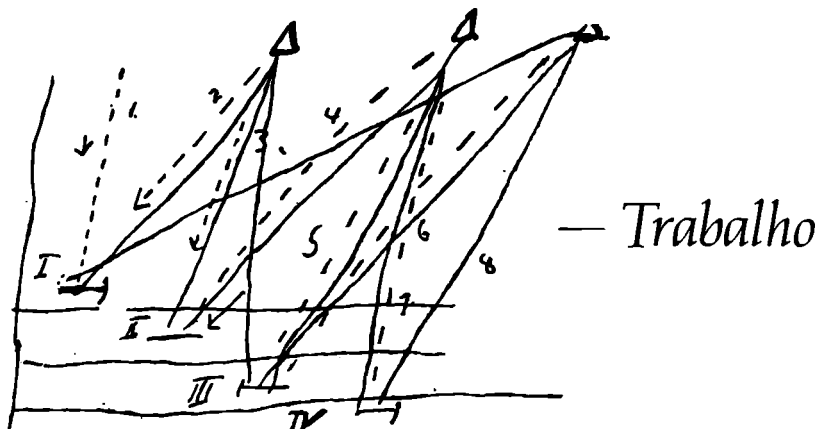


Figura 6. [No original, todas as linhas pontilhadas, setas e algarismos foram grafados em vermelho, assim como a palavra “Trabalho” e o traço que a precede.]

Fantasias

As fantasias emergem de uma combinação inconsciente de coisas vivenciadas e ouvidas, de acordo com certas tendências. Essas tendências têm o sentido de tornar inacessível a lembrança da qual provieram ou podem provir os sintomas. As fantasias são formadas por amalgamação e distorção, de modo análogo à decomposição de um composto químico que esteja combinado com outro. E isso porque o primeiro tipo de distorção consiste numa falsificação da lembrança por fragmentação, na qual precisamente as relações cronológicas é que são negligenciadas. (As correções cronológicas parecem depender especificamente da atividade do sistema da consciência.) Um fragmento da cena visual combina-se então com um fragmento da cena auditiva, formando a fantasia, enquanto o fragmento liberado se liga a alguma outra coisa. Assim, a conexão original torna-se impossível de rastrear. Em consequência da formação de fantasias como essas (nos períodos de excitação), cessam os sintomas mnêmicos. Em lugar deles, acham-se presentes ficções inconscientes que não estão sujeitas à defesa. Quando, nessas circunstâncias, a intensidade de uma dessas fantasias aumenta a tal ponto que ela é obrigada a forçar sua entrada na consciência, a fantasia é submetida ao recalçamento e um sintoma é gerado, através de um [processo] de rechaçar⁽²⁾ a fantasia para as lembranças que a constituíram.

Todos os sintomas de angústia (fobias) são assim derivados das fantasias. No entanto, isso simplifica os sintomas. É possível que um terceiro movimento para diante e um terceiro método de formação de sintomas derivem da formação dos impulsos.⁽³⁾

Tipos de Deslocamento de Compromisso

Deslocamento por associação: histeria.

Deslocamento por semelhança (conceitual): neurose obsessiva (característico do lugar onde ocorre a defesa, e talvez também da época).

Deslocamento causal: paranóia.

Seqüência Típica dos Acontecimentos

Há boas razões para suspeitar de que o despertar daquilo que está recalcado não se dá ao acaso, mas segue as leis do desenvolvimento. E também de que o recalçamento se dá retroativamente, a partir do que é recente, e afeta primeiro os últimos acontecimentos.

Diferença entre as Fantasias na Histeria e na Paranóia

Estas últimas são sistemáticas, estando todas harmonizadas entre si; as primeiras são mutuamente independentes e também contraditórias — isto é, isoladas, como se tivessem sido automaticamente geradas (por um processo químico). Isso, bem como o desprezo pela característica temporal, são sem dúvida aspectos essenciais para a distinção entre a atividade do pré-consciente e do inconsciente.

Recalcamento no Inconsciente

Não basta levar em conta o recalçamento entre o pré-consciente e o inconsciente; devemos considerar também o recalçamento normal, dentro do próprio sistema do inconsciente.

Muito significativo, mas ainda muito obscuro.

Existe a mais sólida esperança de que seja possível determinar o número e tipo de fantasias, assim como é possível no tocante às cenas. O romance de ilegitimidade (cf. paranóia) é regularmente encontrado e serve como meio de tornar ilegítimos os parentes em causa. A agorafobia parece depender de um romance de prostituição, que por sua vez também remonta a esse romance familiar. Assim, a mulher que se recusa a sair sozinha está afirmando a infidelidade de sua mãe.

(1) O original diz *verdrängende*, e não *verdrängt*, como consta em *Anfänge*.

(2) *Rückdrangung*, vocábulo não encontrado nos dicionários, foi uma palavra formada por Freud por analogia com *Verdrängung*, mas implicando um movimento retroativo. Assim, também poderia ser interpretada como implicação de que o sintoma é gerado por meio de uma regressão ou retrogradação em que a fantasia se dissolve em seus elementos constitutivos.

(3) Ao longo de toda essa parte, Freud usa as palavras *Fantasiebildung* e *Symptombildung*, que Strachey, talvez orientado pelo título de "arquitetura", traduziu por "construção". "Formação", o termo aqui empregado, é familiar aos leitores de língua inglesa em decorrência dos textos posteriores de Freud.

31 de maio de 1897

IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Não recebo nenhuma notícia sua há muito tempo. Aqui vão alguns fragmentos lançados à praia pela última onda. Registro-os apenas para você e espero que os guarde para mim. Nada acrescento à guisa de desculpas ou explicações: sei que se trata apenas de premonições, mas sempre surgiu algo de todas as coisas desse tipo; só tive que voltar atrás nos conhecimentos que quis acrescentar ao Pcs. [sistema pré-consciente]. Outro presentimento me diz, como se eu já soubesse — embora eu não saiba absolutamente nada —, que desvendarei, dentro de muito pouco tempo, a origem da moralidade. Portanto, o assunto todo ainda continua a crescer em minhas expectativas e me dá o máximo prazer. Que bom se você estivesse mais perto, para que eu pudesse lhe falar sobre isso com mais facilidade!

Por outro lado, a sensação do verão é muito poderosa. Na sexta-feira à noite, estamos planejando ir para Aussee passar a semana de Pentecostes. Não sei se ainda me ocorrerá alguma coisa digna de ser comunicada; não quero mais trabalhar em nada;⁽¹⁾ pus de lado até mesmo o [livro sobre o] sonho. Recentemente, sonhei [ter] sentimentos excessivamente afetuosos por Mathilde, só que ela se chamava Hella; depois, tornei a ver “Hella” diante de mim, impresso em tipos grandes. Solução: Hella é o nome de uma sobrinha norte-americana cuja fotografia nos foi enviada.

Mathilde pôde ser chamada “Hella” porque, faz pouco tempo, chorou amargamente por causa das derrotas dos gregos. Está fascinada pela mitologia da antiga Hélade e, naturalmente, encara todos os helenos como heróis. O sonho, é claro, mostra a realização de meu desejo de encontrar um Pater⁽²⁾ como originador da neurose e, desse modo, pôr fim a minhas dúvidas reiteradas.

Numa outra ocasião, sonhei que estava subindo uma escadaria, vestido com pouca roupa. Eu me movimentava, como o sonho enfatizou explicitamente, com grande agilidade. (Meu coração — reasseguramento!) De repente, porém, percebi que uma mulher vinha em meu encalço e, nesse momento, instalou-se a sensação, tão comum nos sonhos, de estar pregado naquele lugar, de estar paralisado. A sensação concomitante não foi de angústia, e sim de excitação erótica. Veja, portanto, como a sensação de paralisia, que é característica do sono, foi usada para a realização de um desejo exibicionista. De fato, um pouco antes, naquela noite, eu tinha subido a escadaria que vem de nosso apartamento no térreo — sem colarinho, pelo menos — e havia pensado que um de nossos vizinhos poderia estar na escada.

Recentemente, Breuer encaminhou-me [um paciente?] do mesmo modo que fez com você no caso do sarcoma. Como vê, há um sistema nisso.

Com as mais cordiais saudações a você, sua prezada esposa e filho.

Seu,
Sigm.

- (1) A palavra alemã é *nichts*; erroneamente indicado em *Anfänge* como *nicht*.
(2) Antes incorretamente lido no manuscrito como *Vater*, em vez de *Puter*

Rascunho N

[anexo à carta]

Os impulsos hostis contra os pais (o desejo de que morram) são também um elemento integrante das neuroses. Eles vêm à luz, conscientemente, como idéias obsessivas. Na paranóia, o pior aspecto dos delírios de perseguição (desconfiança patológica dos governantes e monarcas) corresponde a esses impulsos hostis contra os pais. Esses impulsos são recalcados nos períodos em que desperta a compaixão pelos pais — nas épocas de doença ou morte deles. Nessas ocasiões, constitui manifestação de luto recriminar-se pela morte deles (a chamada melancolia) ou punir-se histericamente, por meio da idéia de retaliação, com os mesmos estados [de doença] que eles tiveram. A identificação que ocorre nessas circunstâncias, como se vê, não é nada além de um modo de pensar que eles tiveram e não torna desnecessária a busca do motivo.

Ao que parece, é como se esse desejo de morte se voltasse, nos filhos, contra o pai e, nas filhas, contra a mãe. As empregadas fazer uma transferência a partir disso, desejando que as patroas morram para que os patrões possam casar-se com elas. (Observação: o sonho de Lisel relacionado com Martha e comigo.)

Relação entre Impulsos e Fantasias

As lembranças parecem bifurcar-se: parte delas é posta de lado e substituída por fantasias; outra parte, mais acessível parece levar diretamente aos impulsos. Seria possível que mais tarde os impulsos também derivassem das fantasias?

De modo similar, a neurose obsessiva e a paranóia seriam derivadas *ex aequo* [nos mesmos termos da] histeria, o que explicaria a incompatibilidade entre elas.

Transposição da Crença

A crença (dúvida) é um fenômeno que pertence inteiramente ao sistema do ego (o Cs.) |consciência| e não tem equivalente no Ics. |inconsciente|. Nas neuroses, a crença é deslocada; é recusada ao material recalcado quando ele força |passagem| para a reprodução e — a título de punição, pode-se-ia dizer — é transposta para aquilo que está executando a defesa. Titânia, que se recusa a amar o marido legítimo, Oberon, é obrigada em vez disso, a entregar seu amor a Bottom, o asno da fantasia.

Ficção e Fine Frenzy⁽¹⁾

O mecanismo da ficção é idêntico ao das fantasias históricas. Para criar seu *Werther*, Goethe combinou algo que havia experimentado — o amor por Lotte Kastner — com algo que ouvira: o destino do jovem Jerusalém, que morreu cometendo suicídio. É provável que estivesse brincando com a idéia de se matar, e encontrou um ponto de contato nisso, identificando-se com Jerusalém, a quem emprestou uma motivação retirada de sua própria história de amor. Por meio dessa fantasia, protegeu-se das conseqüências de sua experiência.

Portanto, Shakespeare estava certo ao justapor ficção e loucura (*fine frenzy*).^(T)

Motivações para a Formação de Sintomas

Lembrar nunca é uma motivação, mas apenas um meio, um método. A primeira motivação para a formação de sintomas é, cronologicamente, a libido. Portanto, os sintomas, tal como os sonhos, são *a realização de um desejo*.

Em fases posteriores, a defesa contra a libido também se aloja no Ics. A realização de desejos precisa satisfazer os requisitos dessa defesa inconsciente. Isso acontece quando o sintoma consegue funcionar como uma punição (por um impulso maléfico ou pela falta de confiança na própria capacidade de impedir [o desejo sexual]).⁽²⁾ Assim se combinam as motivações da *libido* e da *realização de desejo como punição*. Nesse aspecto, a tendência geral à ab-reação, à irrupção do recalcado, é inconfundível, e a ela se superpõem as duas outras motivações. Parece que, nos estágios posteriores, por um lado, deslocam-se da memória algumas formações psíquicas mais complexas (impulsos, fantasias, motivações) e, por outro, a defesa, que emerge do Pcs. (o ego), parece forçar passagem para o inconsciente, de modo que a defesa também se torna *plurilocular*.

A formação de sintomas por identificação está ligada às fantasias — isto é, ao recalçamento delas no Ics. — de maneira análoga à alteração do ego na paranóia. Uma vez que o aparecimento da *angústia* está ligado a essas fantasias recalçadas, devemos concluir que a transformação da libi-

do em angústia não ocorre através da defesa entre o ego e o Ics., mas sim no próprio Ics. Decorre daí, portanto, que existe também uma libido Ics.

O recalçamento dos impulsos não parece produzir *angústia*, e sim, talvez, depressão — melancolia. Desse modo, as melancolias estão relacionadas com a neurose obsessiva.

A Definição de "Santo"

"Santo" é algo que se baseia no fato de que os seres humanos, em benefício da comunidade mais ampla, sacrificam uma parte de sua liberdade sexual e de sua liberdade em se entregar às perversões. O horror ao incesto (coisa iníqua) baseia-se no fato de que, em consequência da vida sexual comunitária (até mesmo na infância), os membros de uma dada família ficam permanentemente juntos e se tornam incapazes de entrar em contato com os estranhos. Logo, incesto é anti-social — a civilização consiste nessa renúncia progressiva. O contrário do "super-homem".

(1) As duas últimas palavras estão em inglês no original e foram retiradas do *Sonho de uma Noite de Verão*, de Shakespeare, Ato, 5, cena 1:

*The poet's eye, in a fine frenzy rolling
Doth glance from heaven to earth, from earth to heaven:
And, as imagination bodies forth
The forms of things unknown, the poet's pen
Turns them to shapes, and gives to airy nothing
A local habitation and a name.*

Os olhos do poeta, em doce arrebatamento rolando, / Resvalam dos céus à terra, da terra aos céus; / E enquanto a imaginação corporifica / De coisas ignoradas os contornos, a pena do poeta / Converte-as em formas e dá ao etéreo nada / Morada local e um nome. (Trad. livre).

(2) Diz o texto de *Anfänge*: "Dies geschieth, wenn das Symptom als Strafe (wegen bösen Impulses), oder aus Misstrauen zur Selbsthinderung wirken kann." Strachey (S.E. 1:256) assim o traduziu: "Isso acontece quando o sistema consegue funcionar como um auto-impedimento, seja por meio da *punição* (por um impulso maléfico), ou pela *desconfiança*." Na verdade, diz o manuscrito: "Dies geschieht, wenn das Symptom als *Strafe* (wegen bösen Impulses, oder aus Misstrauen zur Selbsthinderung) wirken kann." Isso faz muito mais sentido e é uma referência clara à formação de sintomas, na qual o sintoma é tanto uma gratificação de um impulso do id quanto um castigo por essa gratificação. O trecho assinala o primeiro reconhecimento desse importante processo por Freud.

(T) Doce arrebatamento. (N. da T.)

18 de junho de 1897

Querido Wilhelm,

Preguiça impenetrável e insondável, estagnação intelectual, aridez de verão, bem-estar vegetativo — eis as razões porque nem respondi a sua carta interessantíssima, nem lhe escrevi outra. Desde a última onda, nada se moveu e nada se alterou; recordo-me com satisfação de você ter men-

cionado nosso próximo congresso em sua carta, mas, até o momento, você teria que carregar sozinho todo o peso dele. Espero que não vá pensar que a maioria que me propôs [para o cargo de professor-adjunto] no dia 12 de junho deixou-me orgulhoso demais para escrever cartas.

Em épocas como esta, minha relutância em escrever é francamente patológica; para conversar, tenho oportunidades suficientes: à parte minhas aulas e seis casos, há meu aluno, o Dr. Gattel, que me agrada imensamente com sua inteligência e passa boa parte do tempo em minha companhia. No início, é claro, sua própria neurose bem controlada se manifestou. Ele é muito susceptível e excessivamente preocupado com o futuro. A princípio, supus que se tratasse de ansiedade, mas depois verificou-se que era um desejo de independência e o horror que ele tem de precisar de qualquer coisa vinda do pai. (Isso faz lembrar o romance da prostituição.) Por outro lado, no entanto, é agradável e cortês e, se se mantiver firme, penso que irei bater a sua porta e pedir que você o aceite como *seu* assistente neurológico e que o apresente à clientela. Se ele não caminhar o bastante, não.

Estou extremamente ansioso pelo término da estação. Planejo estar novamente em Aussee de 26 a 29 de junho. Aos poucos, poderíamos começar a abordar a questão de quando poderemos ver-nos neste verão. Preciso de um novo impulso vindo de você; passado algum tempo, ele se vai esgotando em mim. Nuremberg me manteve em atividade por dois meses.

Não me retribua na mesma moeda, desta vez, e escreva depressa dizendo como está sua familiazinha e dando quaisquer outras notícias interessantes sobre você.

Seu,
Sigm.

22 de junho de 1897(1)

Querido Wilhelm,

Sua carta divertiu-me muitíssimo, em especial os comentários sobre meu título. Em nosso próximo congresso, você me tratará por "Herr Professor"; pretendo ser um cavalheiro como os outros. A verdade é que mantemos um ritmo maravilhosamente sincronizado no sofrimento, mas não tanto na criatividade. Nunca imaginei nada como este período de paralisia intelectual. Cada linha é um suplício. Agora, porém, você está desabrochando novamente; abro todas as portas de meus sentidos, embora não entenda nada; mas anseio imensamente por nosso próximo congresso. Em Aussee, espero, e em agosto; setembro está reservado para a viagem à Itália (que, um dia, deverá ser também *de nós dois*).

Em Aussee, conheço um bosque maravilhoso, repleto de samambaias e cogumelos, onde você precisa revelar-me os segredos do mundo dos animais inferiores e do mundo das crianças. Nunca me senti tão parvamente cheio de expectativas diante de suas revelações, mas espero que o mundo não tome conhecimento delas antes de mim e que, em vez de um pequeno artigo, você nos apresente, dentro de um ano, um livrinho que solucione os segredos orgânicos em séries de 28 e 23.

Seu comentário sobre o desaparecimento ocasional dos períodos e seu reaparecimento à superfície causou-me o impacto de uma intuição correta. Pois foi isso o que aconteceu comigo. A propósito, venho atravessando uma espécie de experiência neurótica, estados curiosos que são incompreensíveis para a Cs., pensamentos crepusculares e dúvidas veladas, com um pálido raio de luz aqui e ali.

Estou satisfeíssimo por você ter voltado a trabalhar. Repartimos as coisas como dois mendigos,⁽²⁾ um dos quais recebe a província de Poznam; você, a biológica; eu, a psicológica. Devo admitir que iniciei, recentemente, uma coleção de histórias judaicas profundas.

Neste verão, tive que aceitar dois casos novos, que vão indo muito bem. O último é uma moça de 19 anos, com idéias obsessivas quase puras, que me deixa muito curioso. Segundo minhas especulações, as idéias obsessivas remontam a uma idade psíquica posterior e, por conseguinte, não apontam necessariamente para o pai, que tende a ser mais cuidadoso com a menina à medida que ela fica mais velha, apontando, antes, para os irmãos ligeiramente maiores, para quem a menina ainda está por se transformar numa mulherzinha. Pois bem, nesse caso, o Todo-Poderoso teve a bondade de permitir que o pai morresse antes de a menina ter onze meses de idade, mas dois irmãos, um deles três anos mais velho do que a paciente, se suicidaram a tiros.

No mais, estou embotado e peço sua indulgência. Creio que estou num casulo, e Deus sabe que espécie de animal se arrastará para fora dele. Cordiais saudações e até breve.

Seu,
Sigm.

- (1) A data foi antes incorretamente indicada como 12 de junho de 1897.
(2) Freud usa aqui a palavra iídiche *Schnorrer*.

Viena, 7 de julho de 1897

Querido Wilhelm,

Sei que, no momento, estou imprestável como correspondente, sem nenhum direito a pleitear coisa alguma, mas nem sempre foi assim e nem

continuará sendo. Ainda não sei o que está acontecendo comigo. Algo proveniente das mais recônditas profundezas de minha própria neurose insurgiu contra qualquer progresso na compreensão das neuroses e, de algum modo, você foi envolvido nisso. Isso porque minha paralisia redacional me parece destinada a inibir nossa comunicação. Não tenho nenhuma garantia disso, apenas sentimentos de natureza altamente obscura. Não terá nada desse tipo acontecido com você? Nestes últimos dias, pareceu-me que um emergente dessa obscuridade está em fase de preparação. Observo que, nesse meio tempo, fiz toda sorte de progressos em meu trabalho e a cada momento torna a me ocorrer mais alguma idéia. O calor e o excesso de trabalho tiveram, sem dúvida, uma parcela nisso tudo.

Assim, vejo que a defesa contra as lembranças não impede que elas dêem origem a estruturas psíquicas superiores, que persistem por algum tempo e depois são igualmente submetidas à defesa. Esta, porém, é de um tipo altamente específico — precisamente como nos sonhos, que contêm *in nuce* |em resumo| toda a psicologia das neuroses em geral. Aquilo com que somos confrontados são falsificações da memória e fantasias — estas últimas, referentes ao passado ou ao futuro. Conheço superficialmente as regras segundo as quais essas estruturas se agrupam e as razões por que são mais fortes do que as lembranças verdadeiras, e assim, aprendi coisas novas sobre as características dos processos do lcs. Ao lado delas, surgem impulsos perversos; e quando, como se faz necessário posteriormente, essas fantasias e impulsos são recalçados, os determinantes superiores dos sintomas já decorrentes das lembranças passam a se manifestar, bem como novos motivos para que haja um apego à doença. Estou aprendendo a reconhecer alguns casos típicos de agrupamento dessas fantasias e impulsos e alguns determinantes típicos do início do recalçamento contra eles. Esse conhecimento ainda não está completo. Minha técnica está começando a preferir um método específico como sendo o natural.

A coisa mais certa me parece ser a explicação dos sonhos, mas ela está cercada por um vasto número de enigmas pertinazes. As questões organológicas aguardam sua |solução|: não fiz nenhum progresso nessa área.

Há um sonho interessante sobre perambular entre estranhos, total ou parcialmente despido, e com sentimentos de vergonha e angústia. Curiosamente, a regra é as pessoas não repararem nisso — o que se deve agradecer à realização de desejos. Esse material onírico, que remonta ao exibicionismo da infância, foi mal interpretado e didaticamente transformado num conhecido conto de fadas. (As roupas imaginárias do rei — “Talismã”.) Habitualmente, o ego interpreta outros sonhos da mesma maneira equivocada.

O que mais me interessa com respeito ao verão é onde e quando nos encontraremos. O fato de que nos encontraremos está fora de dúvida. O Dr. Gattel está ficando muito apegado a mim e a minhas teorias. Sua

inteligência é bastante considerável; ele não deixa de ter uma certa sensibilidade neurótica. No momento, está absorto nos trabalhos que você escreveu. Espero que você o considere digno de apreço e útil, quando ele for para Berlim.

Tudo tem corrido bem em Aussee. Estou muito ansioso por receber notícias suas.

Minhas mais cordiais saudações à família inteira.

Seu,
Sigm.

Viena, 20 de julho de 1897
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Salve! Nestes últimos dias, tenho considerado como fazer a introdução desta carta: |dizendo| que é ótimo que tenhamos um livro, em vez de um artigo; que é menos ótimo que não nos vejamos em agosto, mas sim em setembro, em alguma data não especificada; e assim por diante. A argumentação de que é chegada a hora dele |do livro de Fliess| e de que ele precisa ser publicado é, sem dúvida, irrefutável, mas a insegurança quanto a algo desse teor poder passar tão depressa por seu desenvolvimento |natural| — em suma, todos os escrúpulos envolvidos em minha interferência entre um homem e sua obra, como uma pessoa de fora e um beócio, o que tanto abomino —, tudo isso se colocou como um obstáculo à carta que nunca escrevi. Muitas vezes, o melhor é esperar um pouco. Agora, tudo correrá perfeitamente bem. É encantador que Ida use a influência dela dessa maneira. Fique à vontade para me pedir qualquer coisa; estou novamente fora das nuvens e muito curioso. Ao mesmo tempo, minhas datas especiais, que estavam em declínio, tornaram a aparecer (17 de julho, menstruação Q em sua forma mais desenvolvida, com uma secreção ocasional de sangue pelo nariz antes e depois). A calma relativa e diversas pequenas soluções fizeram-me muito bem. Tentarei persuadi-lo da maneira mais enérgica a não se apressar em fazer a publicação. As pessoas têm levado muito tempo para alcançar suas idéias; na *semana passada*, segundo eu soube, um crítico do *Lancet*⁽¹⁾ o tratou mal. Não vi a edição. Você sabe que essa é minha posição atual; também não atendi a seu desejo de que eu preparasse um relato preliminar sobre a questão da histeria. Estou deixando as coisas cozinhando em fogo brando.

Lembro-me de Sch. in H. pelo que você me contou. “Não importa para onde se atire o gato...” Com que então você realmente alcançou seu objetivo de aplicar a matemática e a astronomia à biologia! Esse era um antigo impulso seu, que nunca o teria deixado em paz. Pois bem,

você precisa dar-me os detalhes completos dos resultados naqueles lindos bosques, mas sem nenhuma idéia preconcebida! Das lembranças de meu tempo de escola, sei que a terra gira um pouco em torno do sol — o que no entanto, não provoca tonteiras. E isso é tudo.

Não vou viajar antes do fim desta semana. No dia 13 de julho, minha irmã Rosa deu à luz um filho, que se chama Herman Adolf, é muito esperto e mama energicamente na mãe. O resguardo não deixa de apresentar toda sorte de pequenas complicações, e quero esperar para ver o que acontece.

Nossos planos de viagem mudaram. Úmbria e Toscana, em vez de Nápoles; antes disso, de 1.º a 8 de setembro, em Veneza com Martha.

Com as mais cordiais saudações a vocês três,

Seu,
Sigm.

(1) Estranhamente, a edição do *Lancet* mencionada por Freud não traz nenhuma crítica a Fliess.

Aussee, 5 de agosto de 1897

Excellenza,⁽¹⁾

As tempestades deste verão, acima de tudo, à parte seus outros efeitos colaterais, interromperam nosso contato, deixaram-nos desorientados a respeito uns dos outros e exigem agora uma verdadeira renovação. Então: a certa altura, antes das enchentes, recebemos a grata notícia de que vocês não deixariam de nos visitar, ou apenas a Martha, em Aussee. Depois veio o esclarecimento adicional de que V.Exa. viajaria na frente e seu marido a seguiria depois, vindo de Heidelberg. E então veio *le déluge* [o dilúvio].⁽²⁾

E agora que o Dachstein, em sua fabulosa brancura acinzentada, resplandece diante de nossas janelas, e que o primeiro trem (levando minha irmã de volta a Viena) tornou a partir de nossa estação em Aussee, tomamos a liberdade de lhe contar isso e de lhe fazer os seguintes pedidos.

Antes de mais nada, pedimos notícias sobre como você, Wilhelm, e o pequerrucho têm passado nesse ínterim. Supomos que não tenham corrido nenhum perigo. Além disso, quando estão planejando vir visitar-nos? A conexão (via Bruck—St. Michael) já estará inteiramente segura quando esta carta chegar até vocês. Por baixo do “quando” oculta-se um “se”, que deve ser relegado ao recalçamento e não mais mencionado. A casinha de dois quartos e duas janelas (parecida com a de Mozart, onde ele compôs *A Flauta Mágica*), reservada para vocês, ainda está de pé. É a mesma de onde, infelizmente, só posso escrever-lhe, mas não atraí-los [a virem].

Ademais, devido às complicações que surgem tão facilmente na vida, estamos presos por datas fixas por volta do fim do mês. No dia 26 ou 27 começam as férias de meu irmão e, com elas, a viagem de três semanas à Itália. Além disso, desta vez, Martha precisa conhecer Veneza sem mais delongas e, originalmente, havíamos planejado combinar as duas viagens. Mas uma mulher não se enquadra prontamente nesses calendários gerais; em consideração a ela, em particular, deverei viajar sozinho com ela oito dias antes, no dia 21 ou 22, no máximo, e mandá-la de volta antes de 1.º de setembro. Por causa de minha generosidade e minha disposição de fazer sacrifícios, terei quatro semanas na Itália e oito semanas de férias este ano. Eis como a virtude é recompensada! Ah, se o Dr. Breuer soubesse disso!

Deixo tudo o mais a seu critério. Dado que a soma total de amor existente neste mundo parece ser constante, uma concessão renovada, uma nova distribuição será solicitada a vocês. Além disso, essa força precisa estender-se por um período definido de tempo.

Saúdo você, R. W. e todos os seus, cordialmente, e espero ter notícias de Wilhelm tão logo ele esteja de volta.

Seu,
Dr. Freud

Todos os molequinhos estão bem-humorados; Annerl é uma visão digna de se olhar.

(1) Essa carta, endereçada a Ida Fliess, faz parte da pequena coleção em Jerusalém. Ver nota 1 da carta de 25 de maio de 1892.

(2) Em francês no original.

Aussee, 8 de agosto de 1897
[de manhã] cedo

Querido Wilhelm,

Notícias, enfim, e por isso também respondo de imediato.

Estivemos isolados, mas com extremo conforto e imperturbavelmente bem. A propósito, foi de uma beleza empolgante. Agora, os trens voltaram a correr por Bruck — linha sul; minha irmã já seguiu por essa rota. Três dias atrás, escrevi a sua prezada esposa no Brühl, pedindo-lhe que nos informasse as datas de sua visita. De um modo ou de outro, você já deve ter visto essa carta. Bem, nossos planos consistem em partir no dia 20 ou 21, fazer algumas paradas no trajeto até Veneza e, no fim do mês, encontrar meu irmão (e o Dr. Gattel) em Veneza. Está claro que essas decisões foram tomadas tendo em vista a menstruação de Martha, por volta de 1.º de setembro, e o período de férias de meu

irmão, e que, na falta de outras pistas que pudéssemos seguir, tivemos que fazer nossos planos em torno dessas datas fixas. Assim, fiquei extremamente surpreso ao receber uma carta sua de Merano. Aparentemente, Robert também está com vocês agora. Considero isso maravilhoso e posso propor diversas alternativas que se atenham a uma coisa: que nos vejamos nas próximas duas semanas, o que, para mim, é uma necessidade já em atraso.

Ou seja, [pode ser] como vocês quiseram fazer da vez passada: depois do Brühl, [vieram] até aqui em meados do mês. Isso teria a vantagem de que vocês ficariam realmente *conosco*, poderiam ver as crianças e a paisagem, e Robert poderia fazer amizade com Annerl. Nesse caso, eu gostaria que meados do mês fossem realmente o dia 15, para que não tenhamos de nos apressar em nenhuma direção, embora nossa partida para o sul possa ser facilmente adiada por um dia ou dois, é claro. Ou então: vocês todos farão o que quiserem agora — por exemplo, ficar por aí, encontrar-se com os pais em Karersee de 15 a 20 de agosto, e marcar um encontro conosco de 21 a 23 de agosto, onde vocês desejarem. Pois nós estaremos a caminho e planejamos passar a noite em Innsbruck e seguir para Verona no dia seguinte. Entre uma coisa e outra, pode-se providenciar um encontro em terras do Tirol (não no Hotel Karer, é claro). Também nesse caso, poderemos adiar nossa viagem por alguns dias. Terceiro: vocês simplesmente viajam conosco, partindo daqui ou (depois de Verona) de Karersee, caso nosso trajeto não atravesse um trecho longo demais do mesmo território de sua viagem da primavera. Decida-se, portanto, e avise-nos depressa. As cartas estão tão demoradas no momento que só agora, na manhã do dia 8, recebi as duas que você me escreveu de Merano, em 3 e 5. Ficarei igualmente satisfeito em aceitar o que quer que vocês decidam. Afinal, isso envolve uma verdadeira realização de desejo, um belo sonho prestes a se realizar.

Seria uma pena responder a qualquer outra coisa por escrito. Estou muito bem e muito curioso, e estou tentando preparar-me um pouco para a viagem à Itália central.

As mais cordiais saudações a todo o grupinho, do seu,

Sigm.

Aussee, 14 de agosto de 1897

Querido Wilhelm,

Preciso ficar lembrando a mim mesmo que pratiquei ontem uma boa ação ao cancelar [os planos], caso contrário, lamentaria muitíssimo. Mas creio ter sido realmente uma boa ação.

Em seu primeiro telegrama (Bolzano, dia 23), você não informou por quanto tempo poderíamos ficar juntos. Em vista de nossos planos (Martha precisa voltar no dia 1.º de setembro), teria sido um prazo curto. As-

sim, expressei meu desapontamento, como você observou; você tentou então fazer toda sorte de sacrifícios para possibilitar nosso encontro. Nesse meio tempo, tentei acostumar-me com a idéia de não nos vermos, achei-a muito triste e, por isso, fiquei verdadeiramente alegre quando você se decidiu pelo dia 22. Àquela altura, eu teria ficado igualmente contente com qualquer outra data. Respondi: de acordo. Depois, no mesmo dia, chegou sua nova proposta — a de que viajássemos mais cedo, pois você estaria livre até o dia 19. Disso depreendemos, primeiro, que seus pais alteraram seus planos e seguirão para Karersee no dia 18, em vez de 15. (Presumimos que eles também não tenham feito isso voluntariamente, e sim por falta de acomodações no hotel, por causa da chegada da impenetrável.) Assim, você ficaria com eles apenas dois a três dias (de 19 a 22) para poder encontrar-se conosco, e essa fora a razão, pensei eu, de sua nova proposta. Mas aí fomos tomados de compaixão. Ir de Bolzano a Karersee ou Trafoi implica muitas horas de carruagem, e você mesmo havia descrito Bolzano e como se sentia por lá. Deixamos de lado a questão de o menino estar ou não com você e Ida — o que Martha decididamente queria saber. Se optássemos pelo dia 22, vocês teriam que enfrentar: a saída de Trafoi para Bolzano no dia 18, de lá para Karersee no dia 19, a volta de Karersee no dia 22 e, após um dia ou um dia e meio, outra partida ou outra volta. Ou então, por nossa causa, teriam que permanecer com seus pais em Bolzano! Supomos que vocês certamente não nos proporiam que fôssemos ou voltássemos de Trafoi de carruagem.

Se partíssemos mais cedo, seria assim: não poderíamos viajar antes da manhã de segunda-feira; no mesmo dia, não conseguiríamos ir além de Innsbruck, graças a nossas conexões ferroviárias; não encontraríamos vocês antes da tarde de terça-feira (17 de agosto) em Bolzano e, no dia 19, bem cedo, teríamos que deixá-los; logo, não disporíamos sequer de dois dias inteiros. E mais: ou vocês partiriam mais cedo de Trafoi, rumo à provavelmente quente e desconfortável Bolzano, ou nós teríamos que ir a Trafoi. Nesse esquema, a maior parte do incômodo, provavelmente, ficaria do nosso lado. Eu ficaria viajando de 17 de agosto a 20 de setembro, por cinco semanas, o que oneraria gravemente meu orçamento, e mesmo assim não poderia contar ao certo com uma conversa boa e prolongada com você, pela qual anseio. Necessariamente, é preciso reservar mais tempo para um congresso com ambas as esposas do que para um em que estejamos sozinhos. Não tenho certeza de quanto dessas considerações é incorreto e de quanto, além disso, eu mesmo dei ensejo com aquela segunda carta, tão precipitada, onde fiz vários tipos de propostas. Vi apenas que vocês estavam prontos a fazer todos os sacrifícios concebíveis para nos facultar nossa reunião, que só fora perturbada pelas enchentes; que sua esposa teria que compartilhar de todos os aborrecimentos envolvidos nessas tentativas de reparação; e senti-me obrigado a retirar esse fardo de vocês dois e deixá-los novamente livres. Não vai funcionar, disse a mim

mesmo, e nunca se deve querer forçar as coisas. Você e Ida não precisam dar nenhuma prova de que o fracasso não foi culpa sua. Tenho vergonha de confessar que não me considero minimamente capaz de um número tão grande de pequenos sacrifícios.

Quero apenas que permaneçamos em contato durante as próximas semanas; talvez se possa improvisar alguma coisa. Eu o informarei sempre que fizermos qualquer alteração nos lugares em que tencionamos permanecer por um período mais longo, caso saiba onde você e Ida se encontram e para onde planejam ir. É muito provável que o início de nossa viagem se dê no sábado, 21 de agosto.

Agora, preciso refrear minha curiosidade por algum tempo. Mas, se não puder suportá-la, sempre posso ir a Berlim num fim de semana. Desta vez, você não está perdendo coisíssima alguma [por não ser informado de] minhas histórias. As coisas estão fermentando dentro de mim; não concluí nada; estou muito satisfeito com a psicologia, atormentado por sérias dúvidas acerca de minha teoria das neuroses, preguiçoso demais para pensar e sem ter tido êxito, aqui, em diminuir a agitação de minha cabeça e meus sentimentos; isso só poderá acontecer na Itália.

Depois de ter ficado animadíssimo por aqui, desfruto agora de uma fase de mau humor. O principal paciente a me preocupar sou eu mesmo. Minha histeriazinha, apesar de muito acentuada por meu trabalho, solucionou-se um pouco mais. O resto ainda está paralisado. É disso que depende primordialmente meu estado de ânimo. A análise é mais difícil do que qualquer outra. De fato, é ela que paralisa minha energia psíquica para descrever e comunicar o que conquistei até agora. Mesmo assim, creio que precisa ser feita e que é uma etapa intermediária em meu trabalho.

E agora, minhas cordiais saudações a vocês dois, e que essa breve decepção logo seja seguida de novas esperanças, como aconteceu em nosso caso.

Seu,
Sigm.

Aussee, 18 de agosto de 1897

Querido Wilhelm,

Acabo de receber sua carta, que comprovou que eu estava certo: viagens de charrete, enxaqueca e o calor de agosto. Estou satisfeito em ter podido ao menos poupar-lhe algum incômodo; mas não foi uma coisa que eu fizesse com alegria. Meu cancelamento decerto não teve nenhuma motivação neurótica, mas uma espécie de superstição — não se devem forçar as coisas — realmente contribuiu: uma decisão à qual também seu banqueiro teria assegurado um lugar acima da escrivania.

Vi que você estava disposto a fazer todos os sacrifícios possíveis e, no entanto, o que se viesse a conseguir não ficaria à altura da expectativa há muito acalentada.

Escrevo-lhe hoje, principalmente, para pedir que me informe sobre os lugares onde estará hospedado no futuro próximo. Sei de dois deles: Karersee, até 23 de agosto, e depois, Brühl. Mas quanto tempo ficará no Brühl, e assim por diante? Estou ciente de haver restringido um pouco minha correspondência com você nos últimos tempos, simplesmente porque havia a perspectiva de nos reunirmos. Agora que ela já não existe — em meus pensamentos —, acho que quero dispor novamente do acesso livre à velha técnica, injustamente desdenhada, de trocar idéias. Minha letra também está mais humana outra vez, donde meu cansaço está cedendo. Sua letra, como vejo com prazer, nunca varia.

Martha aguarda a viagem com enorme ansiedade, embora os informes diários sobre acidentes de trem não tendam exatamente a deixar um pai e uma mãe de família animados para isso. Você vai rir — e com razão —, mas devo confessar algumas novas ansiedades que aparecem e desaparecem, mas que, nesse meio tempo, duram meio dia. Faz meia hora que fui arrancado de meu medo do próximo acidente de trem ao me ocorrer uma idéia: afinal, W. e I. também estão viajando. Isso pôs termo à basbaquice. Mas precisa ficar estritamente entre nós.

Você me prometeu, aliás, um congresso em terras italianas, do qual o farei lembrar-se no devido tempo. É uma pena que tenhamos tido tão pouco êxito em superar a distância entre nós. No momento, não sei nada sobre você, e sua única vantagem está no fato de que, desde a Páscoa, tenho tido muito pouco de novo a lhe dizer.

Desta vez, é minha esperança penetrar um pouco mais a fundo na arte da Itália. Tenho alguma noção de seu ponto de vista, que não visa àquilo que é de interesse cultural-histórico, mas sim à beleza absoluta na harmonia entre as idéias e a forma em que elas são apresentadas, e nas sensações prazerosas elementares de espaço e cor. Em Nuremberg, eu ainda estava longe de enxergar isso. A propósito, já lhe contei que Nápoles foi deixada de lado e que a viagem incluirá São Geminiano-Siena-Perugia-Assisi-Ancona — em suma, a Toscana e a Úmbria?

Espero ter notícias suas muito em breve, mesmo que seja uma coisa sumária de cada vez. Primeiro, escreva para mim aqui; de 25 até 1.º de setembro, para Veneza, Casa Kirsch.

Aceite meus mais cordiais votos de um resto de verão belo e sereno.

Seu,
Sigm.

Siena, 6 de setembro de 1897

Querido Wilhelm,

De Veneza (recebi sua carta) via Pisa e Livorno até Siena. Como você sabe, estou procurando, na Itália, um ponche feito do Letes;⁽¹⁾ bebo um gole aqui e ali. Pode-se saborear essa estranha espécie de beleza e a imensa ânsia criadora; ao mesmo tempo, minha inclinação para o perverso-psicológico e o grotesco vai tendo o que merece. Tenho muito que lhe contar (o que, de agora em diante, será uma senha entre nós). Próximo objetivo: Orvieto; no meio do caminho, São Geminiano. Será difícil que sua resposta me alcance; portanto, divirta-se com os sinais de vida de minha viagem, que não lhe fazem nenhuma exigência.

Cordiais saudações a I. F. e R. W.

Seu,
Sigm.

(1) Os mortos bebiam a água do Letes, o rio do esquecimento, ao chegarem aos Infernos [na mitologia grega].

A Teoria Transformada

21 de setembro de 1897

Querido Wilhelm,

Aqui estou eu de novo, desde ontem de manhã, reanimado, bem-disposto, empobrecido e sem trabalho no momento; e, estando novamente instalado, escrevo a você em primeiro lugar.

E agora quero confiar-lhe, de imediato, o grande segredo que foi despontando lentamente em mim nestes últimos meses. Não acredito mais em minha *neurótica* [teoria das neuroses]. Provavelmente, isso não será inteligível sem uma explicação; afinal, você mesmo considerou digno de crédito aquilo que pude lhe contar. De modo que começarei historicamente a lhe dizer de onde vieram as razões da descrença. O desapontamento contínuo em minhas tentativas de levar uma única análise⁽¹⁾ a uma conclusão real, a debandada de pessoas que, por algum tempo, tinham estado aferradíssimas [à análise], a falta dos sucessos absolutos com que eu havia contado e a possibilidade de explicar a mim mesmo de outras formas os sucessos parciais, à maneira habitual — esse foi o primeiro grupo de motivos a constatar. Depois, a surpresa de que, na totalidade dos casos, o pai, sem excluir o meu,⁽²⁾ tinha que ser acusado de pervertido — a percepção da inesperada frequência da histeria, com predomínio precisamente das mesmas condições em cada caso, muito embora, certamente, essas perversões tão generalizadas contra as crianças não sejam muito prováveis. A [incidência] da perversão teria que ser incomensuravelmente mais frequente do que a histeria [dela resultante], porque, afinal, a doença só ocorre quando há um acúmulo de acontecimentos e um fator contributivo que enfraqueça a defesa. Depois, em terceiro lugar, o conhecimento seguro de que não há indicações de realidade no inconsciente, de modo que não se pode dis-

tinguir entre a verdade e a ficção que foram catexizadas pelo afeto. (Por conseguinte, restaria a solução de que a fantasia sexual se prende invariavelmente ao tema dos pais.) Quarto, a consideração de que, na psicose mais profunda, a lembrança inconsciente não vem à tona, de modo que o segredo das experiências da infância não é revelado nem mesmo no mais confuso delírio. Se vímos, portanto, que o inconsciente jamais supera a resistência da consciência, a expectativa de que o inverso venha a acontecer no tratamento, a ponto de o inconsciente ser completamente domado pela consciência, também diminuirá.

Eu estava a tal ponto influenciado [por isso] que estava pronto a desistir de duas coisas: da resolução completa de uma neurose e do conhecimento seguro de sua etiologia na infância. Agora, não tenho a menor idéia de onde me situo, pois não tive êxito em alcançar uma compreensão teórica do recalamento e de sua inter-relação de forças. Mais uma vez, parece discutível que somente as experiências posteriores dêem ímpeto às fantasias, que [então] remontariam à infância, e, com isso, o fator da predisposição hereditária recupera uma esfera de influência da qual eu me incumbira de desalojá-lo — em prol do esclarecimento da neurose.

Se eu estivesse deprimido, confuso e exausto, essas dúvidas certamente teriam que ser interpretadas como sinais de fraqueza. Já que me encontro no estado oposto, preciso reconhecê-las como o resultado de um trabalho intelectual honesto e vigoroso e devo orgulhar-me, depois de ter ido tão a fundo, de ainda ser capaz de tal crítica. Será que essa dúvida representa apenas um episódio no avanço em direção a novos conhecimentos?

É estranho, também, que não tenha surgido nenhum sentimento de vergonha — para a qual, afinal, bem poderia haver justificativa. É claro que não direi isso em Dan, nem falarei sobre o assunto em Ascalon, na terra dos filisteus, mas, diante de você e de mim mesmo, tenho antes um sentimento de vitória do que de derrota (o que não está certo, é claro).

Que bom que sua carta acaba de chegar! Ela me induz a antecipar uma proposta com a qual eu pretendia concluir [a carta]. Se, durante esse período ocioso, eu fosse à Estação Noroeste na noite de sábado, poderia estar com você no domingo, na hora do almoço, e depois viajaria de volta na noite seguinte. Será que você pode liberar esse dia para um idílio entre nós dois, interrompido por um idílio para [nós] três e três e meio? Era isso o que eu queria perguntar. Ou será que você está com algum convidado querido em casa, ou tem algo urgente a fazer em outro lugar? Ou, caso eu tivesse que voltar para casa na mesma noite, o que então não valeria a pena, será que as mesmas condições se aplicariam se eu fosse diretamente para a Estação Noroeste na noite de sexta-feira e ficasse com você um dia e meio? Refiro-me a esta semana, é claro.

Bem, continuando minha carta. Modifico a afirmação de Hamlet, "Estar preparado", para: estar alegre é tudo! A rigor, eu poderia estar muito descontente. A expectativa da fama eterna era belíssima, assim como a da riqueza certa, independência completa, viagens e elevar as crianças acima das graves preocupações que me roubaram a juventude. Tudo dependia de a histeria funcionar bem ou não. Agora, posso voltar a ficar sossegado e modesto e continuar a me preocupar e a economizar. Ocorre-me uma historinha de minha coleção: "Rebeca, tire o vestido; você não é mais noiva nenhuma."⁽³⁾ Apesar de tudo, estou com ótimo estado de ânimo e satisfeito por você sentir uma necessidade de rever-me semelhante à minha de encontrá-lo.

Resta uma pequenina angústia. Que posso compreender ainda de suas questões? Certamente, sou incapaz de fazer delas uma avaliação crítica; mal estarei em condição de compreendê-las, e a dúvida que se instala não é produto de um trabalho intelectual, como minha dúvida sobre minhas próprias questões, e sim resultado de uma insuficiência mental. É mais fácil para você; você pode inspecionar tudo o que lhe apresso e criticá-lo vigorosamente.

Tenho que acrescentar mais uma coisa. Neste colapso de tudo o que é valioso, apenas o psicológico permaneceu inalterado. O livro sobre o sonho continua inteiramente seguro e meus primórdios do trabalho metapsicológico só fizeram crescer em meu apreço. É uma pena que não se possa ganhar a vida, por exemplo, com a interpretação de sonhos!

Martha voltou comigo para Viena. Minna e as crianças vão ficar no interior mais uma semana. Todos estão excepcionalmente bem.

Meu discípulo, o Dr. Gattel, é um tanto decepcionante. Apesar de muito talentoso e inteligente, é preciso, graças a seu nervosismo e a diversos traços de caráter desfavoráveis, classificá-lo como intragável.

Como vão vocês todos e o que mais está acontecendo entre o céu e a terra são coisas que, segundo espero, antecipando sua resposta, logo saberei pessoalmente.

Cordialmente, seu,
Sigm.

(1) O manuscrito foi antes erroneamente lido aqui. Diz o texto em alemão impresso em *Anfänge*: "... die fortgesetzten Enttäuschungen bei den Versuchen, meine Analyse zum wirklichen Abschluss zu bringen", o que Strachey traduziu corretamente como "... desapontamentos contínuos em minhas tentativas de levar minha análise a uma conclusão real". Mas o manuscrito original diz *eine Analyse* (uma única análise), e não *meine Analyse*.

(2) Strachey (S.E. I:259) resgatou essa oração, "mein eigener nicht ausgeschlossen", fora omitida em *Anfänge* e em *Origins*.

(3) Escreve Schur (1972, p. 191): "O sentido dessa anedota judaica é óbvio: 'Você já foi uma noiva orgulhosa, mas meteu-se em encrencas e o casamento está desfeito — vá tirar seu vestido de noiva.'" Uma outra interpretação, que acredito

estar correta, foi-me sugerida por Anna Freud — a saber, que Freud, com sua teoria das neuroses, acreditara-se privilegiado e se sentira tão feliz quanto uma noiva. Agora, esses dias haviam chegado ao fim e ele tinha que voltar a sua condição corriqueira anterior; não fizera nenhuma descoberta. *Kulle* é uma gíria que também pode ser empregada para designar prostituta, em vez de noiva.

27 de setembro de 1897

IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

De volta ao lar após uma viagem perfeita (doze horas de sono numa cabine de isolamento), inteiramente sem trabalho, revigorado, estimulado e repleto de idéias novas, começo por uma coisa totalmente supérflua — ou seja, expressar mais uma vez o prazer evocado em mim, como velho participante e tio novo, por seu trabalho, seu estado de saúde, sua mulher e seu filho. Quanto a mim, louvo a feliz decisão, a que me vinha apegando firmemente desde meados do verão, de visitá-lo em sua casa em Berlim.

Meus filhos ainda não voltaram. Encontrei Martha com uma enxaqueca inócua, a primeira desde Bolzano (20/21 de agosto — 27 de setembro; para o colecionador). Uma nova crítica⁽¹⁾ das I.C. ["Paralisias Cerebrais Infantis"] no *Zeitschrift* de Wernicke ensinou-me quão belos e valiosos são os livros que costumo escrever.

Minhas mais cordiais saudações, obrigado, e aguarde em breve outras notícias de seu,

Sigm.

(1) Referência a uma longa resenha feita por um certo *Herr Munn*, de Breslau, publicada no *Monatsschrift für Psychiatrie und Neurologie* (e não no *Zeitschrift* como escreveu Freud). Trata-se de uma crítica extremamente positiva, que contém, dentre muitos outros elogios, o seguinte: "O aspecto central desse livro e sua principal contribuição, que são impossíveis de superestimar, ... consistem em sua apresentação e avaliação crítica insuperavelmente claras e abrangentes de todo o material clínico e anatómico."

3 de outubro de 1897

Meu caro Wilhelm,

Minha visita teve a vantagem de me familiarizar com o arcabouço completo de seu trabalho atual, de modo que você pode comunicar-me outros detalhes. Não deve esperar que eu responda a tudo e, no tocante a algumas de minhas respostas, espero que não deixe de levar em conta que seu trabalho me é estranho, e meu julgamento, precário. Mesmo assim, sou grato a você, em todas as ocasiões, por todas as pequeninas observações que, desprendidamente, você faz chegar a minhas mãos. Por



A importante carta de 21 de setembro de 1897

[illegible][illegible][illegible][illegible]



exemplo, seus comentários sobre a relação entre infecção e concepção em mãe e filha pareceram-me altamente significativos, pois, afinal, elas só podem ser explicadas por algum estado na eternidade do protoplasma, e não na vida do indivíduo — ou seja, porque elas devem depender do tempo absoluto, e não do tempo de vida. Ocorreu-me então que, afinal, isso não é uma condição necessária, caso a infecção da mãe coincida com um período de tempo dado pela fórmula $A \times 28$ mais $B \times 23$, e a concepção da filha, com uma expressão similar, de modo que a diferença entre as duas deverá resultar outra vez numa fórmula semelhante, sem que precise haver uma relação especial entre a infecção, de um lado, e a concepção, de outro. Não sei dizer se isso é absurdo. Para tanto, eu precisaria conhecer sua “disposição favorável”.

Ainda há muito poucas coisas acontecendo comigo externamente, mas, internamente, há algo muito interessante. Nos últimos quatro dias, minha auto-análise, que considero indispensável para o esclarecimento de todo o problema, prosseguiu nos sonhos e me forneceu as mais valiosas elucidações e indícios. Em alguns momentos, tenho a sensação de estar no final e, até agora, sempre soube onde a próxima noite de sonhos seria retomada. Colocar isso no papel me é mais difícil do que qualquer outra coisa; também me levaria a divagações demais. Só posso esclarecer que meu velho não desempenha nenhum papel ativo em meu caso, mas que sem dúvida, fiz uma inferência sobre ele, por analogia, a partir de mim mesmo; que, em meu caso, o “originador primordial” foi uma mulher feia e idosa, porém esperta,⁽¹⁾ que muito me ensinou sobre Deus Todo-Poderoso e o inferno e que infundiu em mim uma opinião elevada sobre minhas próprias aptidões; que, mais tarde (entre dois anos e dois anos e meio), minha libido voltada para a *matrem* foi despertada, a saber, por ocasião de uma viagem com ela de Leipzig a Viena, durante a qual devemos ter passado a noite juntos e devo ter tido oportunidade de vê-la *nudam* (você inferiu há muito tempo as conseqüências disso para seu filho, numa observação que me foi revelada); que saudei a chegada de meu irmão um ano mais novo (que morreu após alguns meses) com desejos hostis e um autêntico ciúme infantil; e que a morte dele deixou em mim o germe das auto-recriminações. Conheço também de longa data meu companheiro de travessuras entre um e dois anos de idade; trata-se de meu sobrinho, um ano mais velho do que eu, que agora mora em Manchester e que nos visitou em Viena quando eu estava com 14 anos. Parece que, ocasionalmente, nós dois nos portávamos com crueldade para com minha sobrinha, que era um ano mais nova. Esse sobrinho e esse irmão mais novo determinaram, não só o que há de neurótico, mas também o que há de intenso em todas as minhas amizades. Você mesmo viu minha angústia diante das viagens em plena atividade.

Ainda não descobri nada sobre as cenas propriamente ditas que estão na origem dessa história. Se elas vierem à luz e eu conseguir resol-

ver minha própria histeria, ficarei grato à memória da velha senhora que me proporcionou, em idade tão precoce, os meios de sobreviver e de prosseguir vivendo. Como vê, a antiga afeição volta a aparecer nos dias de hoje. Não consigo dar-lhe sequer uma idéia da beleza intelectual deste trabalho.

As crianças voltarão amanhã de manhã. O trabalho ainda vai muito mal. Temo que, se melhorar, venha a representar um obstáculo para minha auto-análise. Minha compreensão de que as dificuldades do tratamento se devem ao fato de que, no final das contas, o que se faz é desnudar as más inclinações do paciente, seu desejo de permanecer doente, torna-se cada vez mais forte e mais clara. Vamos ver o que acontece.

Saúdo cordialmente a você e sua pequena família e espero logo voltar a receber algumas migalhas de sua mesa.

Seu,
Sigm.

4 de outubro. As crianças chegaram. Acabou-se o bom tempo. O sonho de hoje trouxe o seguinte, sob os mais estranhos disfarces: ela era minha mestra em assuntos sexuais e reclamava por eu ser desajeitado e incapaz de fazer qualquer coisa.

(A impotência neurótica sempre aparece dessa maneira. O medo de não ser capaz de fazer nada na escola assim obtém seu substrato sexual.) Ao mesmo tempo, eu via o crânio de um pequeno animal e, no sonho pensava em “porco”, mas, na análise, associei isso com seu desejo de dois anos atrás de que eu encontrasse no Lido, como fez Goethe, um crânio que me pudesse esclarecer. Mas não o encontrei. Portanto, [fui] uma “cabeça dura” [literalmente, uma cabeça de ovelha]. Todo o sonho estava repleto das mais mortificantes alusões a minha impotência atual como terapeuta. Talvez seja disso que decorre a inclinação a acreditar na incurabilidade da histeria. Além do mais, ela me lavava numa água avermelhada em que se havia banhado antes. (A interpretação não é difícil; não encontro nada semelhante a isso na cadeia de minhas lembranças; portanto, encaro-o como uma autêntica descoberta do passado distante.) E ela me fazia furtar *zehners* (moedas de dez *kreuzers*)(2) e dá-los a ela. Há uma longa seqüência que vai desde esses primeiros *zehners* de prata até a pilha de notas de dez florins que vi no sonho como o dinheiro das despesas domésticas semanais de Martha. O sonho poderia ser resumido como “mau tratamento”. Assim como a velha recebia dinheiro de mim pelo mau tratamento que me dispensava, hoje recebo dinheiro pelo mau tratamento dado a meus pacientes. Um papel especial foi desempenhado pela Sra. Q., cujo comentário você me relatou: que eu não deveria cobrar nada dela, já que era esposa de um colega (ele, é claro, impôs a condição de que eu cobrasse).

Um crítico severo poderia dizer, com respeito a isso, que tudo foi retrospectivamente fantasiado, e não progressivamente determinado.⁽³⁾ Os *experimenta crucis* deporiam contra ele. De fato, a água avermelhada parece ser uma coisa desse tipo. De onde é que os pacientes retiram os pavorosos detalhes pervertidos que, freqüentemente, são tão afastados de sua experiência⁽⁴⁾ quanto de seu conhecimento?

(1) Segundo Sajner (1968), o nome dessa mulher era Monika Zajíc. Cf. Krüll (1979, p. 144). Sajner me informou, numa comunicação pessoal, que não conseguiu descobrir nenhum detalhe particular sobre ela. Quando Freud diz que ela era "idososa", não fica claro se está falando como criança ou como adulto. Anna Freud me disse acerditar que Zajíc estaria na faixa dos quarenta anos.

(2) O *zehner* é uma moeda de pouco valor.

(3) *Nach vorne* significa que as experiências primitivas desempenham um papel crucial na determinação do presente. Com a expressão *experimenta crucis*, Freud se refere, sem dúvida, ao resgate de lembranças não acessíveis à consciência.

(4) *Erleben* deve referir-se à experiência consciente. Freud parece estar afirmando que o sonho revelou uma lembrança perdida, ao fornecer-lhe um detalhe que não fazia parte do conhecimento dele e que também não era uma fantasia. Nessa pergunta retórica, ele deixa implícito que tais detalhes depõem em favor da autenticidade da lembrança; as lembranças são resgatadas, e não inventadas.

15 de outubro de 1897
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Minha auto-análise, é de fato, a coisa mais essencial que tenho no momento, e promete transformar-se em algo do maior valor para mim, se chegar a seu término. A meio caminho, ela parou subitamente por três dias, nos quais tive a sensação de estar amarrado por dentro (algo de que os pacientes tanto se queixam) e fiquei realmente desolado, até que descobri que esses mesmos três dias (há 28 dias) foram portadores de fenômenos somáticos idênticos. A rigor, apenas dois dias ruins, com uma remissão entre eles. Deve-se extrair disso a conclusão de que a menstruação feminina não é conducente ao trabalho. No quarto dia, pontualmente, a análise recomeçou. É claro que a pausa teve também outro determinante — a resistência a algo surpreendentemente novo. Desde então, voltei a ficar intensamente preocupado com ela e mentalmente rejuvenescido, embora atormentado por toda sorte de pequenos distúrbios provenientes do conteúdo da análise.

Minha clínica, estranhamente, ainda me deixa um bocado de tempo livre. Tudo isso é ainda mais valioso para meus propósitos, já que consegui descobrir alguns pontos de referência reais para a história. Perguntei a minha mãe se ela ainda se recordava da babá. "É claro", disse ela, "uma pessoa mais velha, muito esperta, que estava sempre levando

você para alguma igreja; quando voltava para casa, você fazia sermões e nos dizia tudo sobre Deus Todo-Poderoso. Durante meu resguardo de Anna (dois anos e meio mais nova), descobriu-se que ela era ladra, e todos os reluzentes *kreuzers* e *zehners* novos e todos os brinquedos que tenham sido dados a você foram encontrados em poder dela. Seu irmão Phillip foi pessoalmente buscar um policial; ela pegou dez meses de cadeia." Ora, veja como isso confirma as conclusões de minha interpretação do sonho. Foi-me fácil explicar o único erro possível. Escrevi-lhe dizendo que ela me induzia a roubar *zehniers* e entregá-los a ela. Na verdade, o sonho significou que ela própria os furtava. Pois a imagem do sonho era uma lembrança de mim mesmo tirando dinheiro da mãe de um médico — ou seja, indevidamente. A interpretação correta é: eu = ela, e a mãe do médico = mamãe. Eu estava tão longe de saber que ela era ladra que fiz uma interpretação errônea.

Também indaguei sobre o médico que tínhamos em Freiberg, pois um dos sonhos concentrou nele uma grande dose de ressentimento. Na análise da figura do sonho por trás da qual ele se ocultava, pensei também num certo Professor von Kraus, meu professor de história na escola secundária. Ele não parecia encaixar-se, em absoluto, pois meu relacionamento com ele era indiferente, ou até agradável. Mamãe então me disse que o médico de minha infância tinha um olho só e, dentre todos os meus professores, o Professor Kraus era o único com o mesmo defeito! A força conclusiva dessas coincidências poderia ser diminuída pela objeção de que, em alguma ocasião posterior de minha infância, eu ouvira dizer que a babá era ladra e, aparentemente, havia-me esquecido disso, até que [a lembrança] emergiu finalmente no sonho. Eu mesmo creio que seja assim. Mas tenho outra prova inteiramente irrefutável e curiosa. Disse a mim mesmo que, se a velha havia desaparecido tão repentinamente de minha vida, deveria ser possível demonstrar a impressão que isso causou em mim. Mas onde estava ela? Foi então que me ocorreu uma cena que, ao longo de vinte e cinco anos, emergiu algumas vezes em minha lembrança consciente sem que eu a compreendesse. Minha mãe não se encontrava em parte alguma; eu chorava, desesperado. Meu irmão Philipp (vinte anos mais velho do que eu) destrancou um armário [*Kasten*]⁽¹⁾ para mim e, quando não achei mamãe lá dentro, chorei ainda mais, até que, esguia e linda, ela entrou pela porta. O que significaria isso? Porque meu irmão abriu o armário para mim, se sabia que mamãe não estava lá dentro e que, com isso, não conseguiria me acalmar? E então, de repente, compreendi. Eu lhe pedira que o fizesse. Ao sentir falta de mamãe, tive medo de que ela houvesse desaparecido [de minha vida], tal como acontecera com a velha, pouco tempo antes. Portanto, devo ter ouvido dizer que a velha fora trancafiada e, por isso,

devo ter achado que mamãe também fora trancafiada — ou melhor, “encaixotada” *|eingekastelt|* —, pois meu irmão Philipp, que tem agora 63 anos, gosta até hoje de fazer esse tipo de trocadilhos. O fato de eu ter recorrido a ele em particular prova que eu estava perfeitamente ciente de seu papel no desaparecimento da babá.

Desde então, consegui ir muito mais longe, mas ainda não cheguei a nenhum ponto de apoio real. Comunicar o que ainda não terminei é tão difícil e nos levaria a divagar tanto que espero que você me libere disso e se contente com o conhecimento dos elementos que estão estabelecidos com certeza. Se a análise trouxer o que espero dela, trabalharei nela sistematicamente e depois a exporei a você. Até o momento, não encontrei nada inteiramente novo, *|só|* todas as complicações a que já me acostumei. Não é nada fácil. Ser totalmente franco consigo mesmo é um bom exercício. Uma única idéia de valor geral despontou em mim. Descobri, também em meu próprio caso, *|o fenômeno de|* me apaixonar por mamãe e ter ciúme de papai, e agora o considero um acontecimento universal do início da infância, mesmo que não *|ocorra|* tão cedo quanto nas crianças que se tornam histéricas. (Semelhante à inversão da filiação *|romance familiar|* na paranóia — *|heróis: criadores da religião.|*) Se assim for, podemos entender o poder de atração do Oedipus Rex, a despeito de todas as objeções que a razão levanta contra a pressuposição do destino; e podemos entender porque o “teatro da fatalidade” estava destinado a facassar tão lastimavelmente. Nossos sentimentos se rebelam contra qualquer compulsão arbitrária individual, como se pressupõe em *Die Ahnfrau*(2) e similares; mas a lenda grega capta uma compulsão que todos reconhecem, pois cada um pressente sua existência em si mesmo. Cada pessoa da platéia foi, um dia, um Édipo em potencial na fantasia, e cada uma recua, horrorizada, diante da realização de sonho ali transplantada para a realidade, com toda a carga de recalçamento que separa seu estado infantil do estado atual.

Passou-me fugazmente pela cabeça a idéia de que a mesma coisa estaria também na base do *Hamlet*. Não estou pensando na intenção consciente de Shakespeare, mas creio, ao contrário, que um acontecimento real tenha estimulado o poeta a criar sua ~~representação no sentido de que seu inconsciente compreendeu o inconsciente de seu herói.~~ Como é que Hamlet, histérico, justifica suas palavras: “E assim a consciência nos torna a todos covardes”? Como explica sua hesitação em vingar o pai através do assassinato do tio — ele, o mesmo homem que manda seus cortesãos para a morte sem nenhum escrúpulo e que é positivamente precipitado ao assassinar Laertes?(3) Como *|explicá-lo|* senão pela tortura que ele sofre em vista da obscura lembrança de que ele próprio havia contemplado praticar a mesma ação contra o pai, por paixão pela mãe, e — “a se tratar cada homem segundo seu merecimento, quem ‘escapara do açoite’”? Sua consciência *|moral|* é seu sentimento inconsciente de culpa. E não será sua alienação

sexual, no diálogo com Ofélia, tipicamente histérica? E sua rejeição do instinto que visa a gerar filhos? E, por fim, sua transferência da ação de seu próprio pai para o pai de Ofélia? E não pune ele a si próprio, no final, do mesmo modo maravilhoso que fazem meus pacientes histéricos, sofrendo destino idêntico ao do pai, ao ser envenenado pelo mesmo rival?

Tenho concentrado meu interesse tão exclusivamente na análise que ainda nem sequer tentei experimentar, em vez de minha hipótese de que o recalçamento parte, em todas as situações, do aspecto feminino, e se volta contra o masculino, a hipótese contrária proposta por você. Em algum momento, porém, tratarei disso. Infelizmente, mal participo de seu trabalho e seu progresso. Nesse aspecto isolado, estou em melhores condições do que você. O que consigo dizer-lhe sobre as fronteiras da alma [*Seele-nende*] neste mundo encontra em você um crítico compreensivo, e o que você sabe dizer-me sobre suas fronteiras celestiais [*Sternenende*] evoca em mim apenas uma admiração improdutiva.

Com saudações cordiais a você, sua prezada esposa e meu novo sobrinho,

Seu,
Sigm.

(1) *Kasten* (caixa), na Austria, equivale a *Schrank* e quer dizer guarda-roupas ou armário. Essa mesma história aparece na *Psicopatologia da Vida Cotidiana*.

(2) *Die Ahnfrau* foi a primeira peça publicada de F. Grillparzer (1817). Diz respeito ao incesto entre irmãos e ao parricídio.

(3) Na verdade, Hamlet mata Polônio, e não Laertes.

Viena, 27 de outubro de 1897
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Parece que não consigo “aguardar”⁽¹⁾ sua resposta. Com certeza, você não pode oferecer para seu silêncio a explicação de ter sido impelido de volta por uma força primitiva até a época em que ler e escrever eram afazeres maçantes para você, tal como me aconteceu no domingo, quando eu quis celebrar seu quase quadragésimo aniversário com uma carta; mas espero que tenha sido alguma coisa igualmente inofensiva. Quanto a mim, não tenho nada para lhe contar, salvo a análise, que acho que será a coisa mais interessante a meu respeito também para você. A clínica vai irrecupe-

ravelmente mal; em geral, aliás, até para os profissionais mais renomados, de modo que tenho vivido somente para o "trabalho interno". Sou apri-sionado e arrastado por priscas eras⁽²⁾ numa rápida associação de idéias; meus estados de ânimo se alteram como as paisagens vistas de um trem por um viajante; e, como diz o grande poeta, usando sua prerrogativa de dignificar (sublimar).

*Und manche liebe Schatten steigen auf;
Gleich einer alten, halbverklungenen Sage,
Kommt erste Lieb' und Freundschaft mit herauf.*⁽³⁾

E também o primeiro medo e a discórdia. Muitos dos tristes segredos da vida são aqui rastreados até suas raízes primevas; muito orgulho e privilégio tomam consciência de suas origens humildes. Tudo o que experimentei com meus pacientes, na qualidade de terceiro, torno a encontrar aqui: dias em que me arrasto, desanimado, por não ter entendido nada do sonho, da fantasia, do estado de espírito do dia; e depois, dias em que uma centelha fulgurante ilumina as inter-relações e me permite compreender o passado como um preparativo do presente. Estou começando a perceber, nos fatores determinantes, algumas motivações amplas, gerais e modelares, como gostaria de chamá-las, e outras motivações substitutas, que variam de acordo com as experiências do indivíduo. Ao mesmo tempo, diversas dúvidas sobre minha concepção da neurose, embora não todas ainda, vão sendo desfeitas. Uma idéia sobre a resistência permitiu-me re-colocar no rumo certo todos os meus casos que estavam um pouco à deriva, de modo que eles agora progridem a contento. A resistência, que acaba por levar o trabalho [analítico] à paralisação, não é nada além do caráter anterior da criança, o caráter degenerativo, que se desenvolveu cu se desenvolveria como resultado das experiências que costumamos encontrar como lembranças conscientes nos chamados casos degenerativos, mas que, aqui, fica encoberto pela ação do recalçamento. Desenterro [esse caráter] com meu trabalho; ele luta; e a pessoa que era, a princípio, um ser humano tão bom e nobre torna-se mesquinha, mentirosa ou obstinada — alguém que se finge de doente — até que lhe digo isso e, dessa forma, torno-lhe possível superar esse caráter. Assim, a resistência transformou-se em algo real e palpável para mim, e eu gostaria que, em vez do conceito de recalçamento, eu já dispusesse também do que se oculta por trás dele.

Esse caráter infantil se desenvolve durante o período de "anseio", depois de a criança ter sido afastada das experiências sexuais. O anseio atual é o principal traço de caráter da histeria, assim como a anestesia atual (ainda que apenas potencial) é seu principal sintoma. Durante essa mesma

fase de anseio, formam-se as fantasias e a masturbação é praticada (regularmente?) depois cedendo lugar ao recalamento. Quando ela não cede, a histeria também não aparece; a descarga da excitação sexual afasta, na maioria dos casos, a possibilidade de histeria. Tornou-se claro para mim que vários movimentos compulsivos representam substitutos dos movimentos abandonados da masturbação.

Basta por hoje; maiores detalhes em outra ocasião, quando eu tiver recebido notícias boas e novas de você. Que não há nada de errado eu sei, felizmente, por informação de Oscar e Melanie — que talvez já tenham sido informados de algo novo enquanto escrevo, talvez não.

Com as mais cordiais saudações a você, esposa e filho,

Seu,
Sigm.

(1) "*Auswarten*", coloquialismo austríaco.

(2) Leitura duvidosa; é provável que o texto diga *alte Zeiten*, ou, possivelmente, *alle Zeiten* (o tempo todo).

(3) Da Dedicatória do *Fausto*, de Goethe:

E surgem muitas sombras amadas;

Com elas, qual uma antiga e semi-esquecida lenda,

Vêm o primeiro amor, a primeira amizade.

31 de outubro de 1897

IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Estou tão contente em receber novamente uma carta sua (a terceira desde Berlim) que afastei todas as idéias de retaliação. E o fato de uma coisa completa estar tomando forma para você, e de os tipos biológicos começarem a aparecer, bem como seu paralelo entre o nascimento e o adoecimento, tudo isso me parece encantador e traz a promessa de muito mais num futuro bem próximo.

Seu sobrinho — supostamente chamado Georg, pois ainda não falei com o pai dele — é um Rie da cabeça aos pés: comprido, esguio, com todos os traços da família paterna ainda não mascarados pelas gordurinhas dos bebês. Você deve saber tanto ou mais do que eu sobre os detalhes do nascimento dele. Dizem os boatos que você sabia a data e o sexo antecipadamente. Tranqüilizou-me saber que hoje a temperatura dela em 36,4 [°C]. Devido à minha primeira aula (onze alunos), não pude ir lá ontem à noite; aliás, é possível que eles tenham ficado gratos por eu não ter ido visitá-los naquele horário.

O Dr. G.⁽¹⁾ é o que você diz dele e, principalmente, ainda indigno de confiança quanto a seu caráter, feito de material familiar muito pre-

cário. Tentei cumprir na íntegra minhas obrigações como seu professor. Ele aprendeu muito, compreende com grande facilidade e vai progredindo bem. Torna tudo fácil demais de acreditar — atira-se de corpo e alma. Em vista desses prós e contras, sinto-me em relação a ele como diante de um filho transviado. Desejo-lhe o que há de melhor e tenho que aceitar sua desonra como minha.

Os negócios por aqui vão de tal maneira que prevejo que teremos de enfrentar tempos muito ruins, o que vem acontecendo em outros campos há muito tempo. Como estou com tempo livre, deixei-me convencer a aceitar dois casos em tratamento sem cobrar honorários. Incluindo eu mesmo, isso soma três análises que não rendem nada.

Minha análise prossegue e continua a ser meu principal interesse. Tudo é ainda obscuro, até mesmo os problemas, mas há um sentimento reconfortante de que basta que se vasculhe a própria despensa para retirar dela aquilo de que se precisa num determinado momento. A parte mais desagradável são os estados de ânimo, que, muitas vezes, escondem completamente a realidade. Também a excitação sexual já não tem serventia para alguém como eu.⁽²⁾ Mas ainda a busco alegremente. No que concerne aos resultados, agora mesmo está havendo mais uma calmaria.

Você acredita que o que as crianças dizem durante o sono faça parte dos sonhos? Se assim for, posso apresentar-lhe o mais recente sonho de realização de desejo: Annerl, de um ano e meio. Ela teve que ficar em jejum por um dia, em Aussee, por ter vomitado pela manhã, o que foi atribuído a uma refeição composta de morangos. Na noite seguinte, recitou um cardápio completo enquanto dormia: “Molangos, molangos silvestres, ovo mexido, pudim.” Talvez eu já lhe tenha contado isso.

Sob a influência da análise, meus sintomas cardíacos são agora substituídos com muita frequência por sintomas gastro-intestinais.

Perdoe a conversa fiada de hoje, que visa apenas a sublinhar a continuidade de nossa correspondência.

Muito cordialmente,

Seu,
Sigm.

(1) Freud se refere a Felix Gattel.

(2) Diz o texto em alemão: “Auch die sexuelle Erregung ist für einen wie ich nicht mehr zu brauchen.” É possível que Freud se esteja referindo à excitação sexual no contexto de sua auto-análise. Ao prosseguir dizendo “Ich bin aber noch immer freudig dabei”, a frase é ambígua e poderia referir-se, quer à sexualidade (no sentido de que ainda retira prazer dela), quer, mais provavelmente, à análise.

Viena, 5 de novembro de 1897
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Não tenho nada para escrever, de fato; isso só acontece num momento em que a gente precisa de diálogo e de incentivo.

Quando escrevi pela última vez, não sabia coisa alguma sobre os pormenores do resguardo de Mela. De lá para cá, ele [Oscar] falou comigo sobre o assunto. Lamentei muito por ele; estava terrivelmente abalado e, mais uma vez, assumiu o ar de falsa autoridade por meio do qual silencia o que há de neurótico nele. Nesse meio tempo, ficou mais calmo, porém a necessidade da laparotomia ou de renunciar a outros filhos sem dúvida anuviará seu estado de espírito por algum tempo. Dizem que a jovem mãe está agora muito animada e bem-disposta; naturalmente, ainda não a vi. Falei rapidamente com a Srta. Marie, que está enamoradíssima de meu novo sobrinho — que, como pude observar, vai conquistando cada vez mais até mesmo seu frio coração paterno. É curioso que a literatura se esteja voltando tanto agora para a psicologia das crianças. Hoje recebi outro livro sobre o assunto, da autoria de James Mark Baldwin.⁽¹⁾ Portanto, sempre se é filho da época em que se vive, mesmo naquilo que se considera ter de mais próprio.

A propósito, sinto calafrios ao pensar em toda a psicologia que terei que ler nos próximos anos. No momento, não consigo nem ler, nem pensar. Estou completamente esgotado pela observação. Minha auto-análise está novamente parada, ou melhor, prossegue lentamente num filete, sem que eu entenda nada sobre o rumo que vai tomando. Nas outras análises, minha última idéia sobre a resistência tem continuado a me ajudar. Recentemente, tive oportunidade de retomar uma idéia antiga e já publicada sobre a escolha da neurose, a saber, que a histeria está ligada à passividade sexual; a neurose obsessiva, à atividade. No mais, a coisa prossegue muito, muito devagar. Como não sei fazer nada além de analisar e não estou inteiramente ocupado, fico entediado à noite. Minhas aulas⁽²⁾ são freqüentadas por onze alunos, que ficam lá sentados com lápis e papel e ouvem uma quantidade execravelmente pequena de coisas positivas. Desempenho diante deles o papel de um caipira⁽³⁾ da neuropatologia e teço comentários sobre Beard, mas meu interesse está em outro lugar.

Você não disse nada sobre minha interpretação de *Oedipus Rex* e de Hamlet. Como não falei com mais ninguém a esse respeito, pois bem posso imaginar antecipadamente a rejeição atônita, gostaria de receber de você um comentário sucinto sobre ela. No ano passado, você rejeitou muitas de minhas idéias, com boas razões.

Recentemente, fui convidado para uma noite estimulante por meu amigo Emmanuel Löwy, que é professor de arqueologia em Roma. Ele é um estudioso tão criterioso quanto honesto e é um ser humano decente,

que me faz uma visita por ano e, em geral, me mantém acordado até as três da manhã. Está passando férias de outono aqui, onde mora sua família. Quanto à Roma dele...

10 de novembro. Estou tremendamente alegre com o modo como você tem-se saído — com o fato de seus números se estarem combinando harmoniosamente para formar uma estrutura. Mas também o invejo porque, mais uma vez, não tenho a menor idéia de onde estou e ando muito amolado comigo mesmo. Vou forçar-me a escrever o livro sobre o sonho para sair disso. As datas da família Bernays (datas de nascimento) estão sendo compiladas para você. Ainda estamos à espera de uma resposta de Mama, que está em Merano. Temo que algumas delas sejam datas judias.

Algo se despedaçou em Oscar em consequência do triste período da espera. Temo que ele se transforme agora num completo filisteu e desista de qualquer esperança de outros filhos. Mas não o deixe perceber nada (no seu caso, um lembrete supérfluo).

Estou pensando muito seriamente em voltar a explorá-lo por um dia; a coisa só funciona quando conversamos, e sinto uma falta imensa do prazer intelectual de entender algo novo. Com vistas à economia, gostaria de saber se você tem planos de vir aqui no Natal.

Com minhas saudações cordiais a você, mulher e filho,

Seu,
Sigm.

P.S. Oli está ficando malcriado e exuberante, tem-se saído pior na escola e perdeu o primeiro dente (19 de fev. de 1891).⁽⁴⁾

(1) *Mental Development in the Child and the Race* (Nova York: Macmillan, 1895).

(2) Ver nota 3 da carta de 17 de janeiro de 1897.

(3) *Anfänge* registra *Naturforscher*, o que é uma leitura incorreta de *Naturburschen*.

(4) Essa era a data de nascimento de Oliver Freud.

Viena, 14 de novembro de 1897

Querido Wilhelm,

“Era o dia 12 de novembro de 1897; o sol estava precisamente no quadrante leste; Mercúrio e Vênus estavam em conjunção...” Não, os anúncios de nascimento já não começam assim. Foi a 12 de novembro, um dia dominado por uma enxaqueca do lado esquerdo, em cuja tarde Martin sentou-se para escrever um novo poema* e em cuja noite Oli perdeu o segundo dente, † que, após as pavorosas dores de parto das últimas semanas, dei à luz um novo conhecimento. Não totalmente novo,

para dizer a verdade já havia aparecido e tornado a se retrair repetidamente; ‡ mas, desta vez, ficou e viu a luz do dia. Estranhamente, costume ter um pressentimento desses acontecimentos um bom tempo antes. Por exemplo, escrevi-lhe certa vez, durante o verão, que iria descobrir a fonte do recalçamento sexual normal (moralidade, vergonha e assim por diante) e depois, por muito tempo, não consegui encontrá-la. Antes da viagem de férias, eu lhe disse que o paciente mais importante para mim era eu mesmo; e então, de repente depois que voltei das férias, comecei minha auto-análise, da qual não havia nenhum sinal na época. Há poucas semanas veio meu desejo de que o recalçamento pudesse ser substituído por meu conhecimento da coisa essencial que está por trás dele; e é disso que estou tratando agora. Muitas vezes, tive uma suspeita de que algo de orgânico desempenhava um papel no recalçamento; certa vez, cheguei a lhe dizer que era uma questão do abandono das zonas sexuais anteriores, e pude acrescentar que me agradara deparar com uma idéia semelhante em Moll. (Confidencialmente, não cedo a ninguém a prioridade pela idéia; em meu caso, essa noção estava ligada ao papel modificado desempenhado pelas sensações do olfato: a adoção do andar erecto, o nariz levantado do chão e, ao mesmo tempo, a transformação de diversas sensações que antes despertavam interesse, ligadas à terra, em sensações repulsivas — por um processo que ainda me é desconhecido.) (Ele torce o nariz = ele se considera particularmente nobre.) Ora, as zonas que não mais produzem uma descarga da sexualidade nos seres humanos normais e maduros devem ser as regiões do ânus e da boca e garganta. Isso pode ser entendido de duas maneiras: primeiro, a visão e a imaginação dessas zonas já não produzem um efeito excitante e, segundo, as sensações internas que provém delas não fazem nenhuma contribuição para a libido, da maneira como o fazem os órgãos sexuais propriamente ditos. Nos animais, essas zonas sexuais continuam a vigorar em ambos os aspectos; quando isso persiste também nos seres humanos, o resultado é a perversão. Devemos pressupor que, na primeira infância, a liberação da sexualidade ainda não é tão localizada quanto depois, de modo que as zonas que são abandonadas mais tarde (e talvez também toda a superfície do corpo) também provocam algo que é análogo à liberação posterior da sexualidade. A extinção dessas zonas sexuais iniciais teria seu equivalente na atrofia de certos órgãos internos ao longo do desenvolvimento. A liberação da sexualidade (como você sabe, tenho em mente uma espécie de secreção que é justificadamente sentida como o estado interno da libido) é promovida, portanto, não só (1) através da estimulação periférica dos órgãos sexuais, ou (2) através das excitações internas provenientes desses órgãos, mas também (3) das idéias, ou seja, dos traços mnêmicos — logo, também por intermédio da ação retardada. (Você já está familiarizado com essa linha de raciocínio. Quando os órgãos genitais da criança são excitados por alguém, a lembrança disso produz, anos depois, por

ação retardada, uma liberação da sexualidade que é muito mais intensa do que na época, porque, nesse meio tempo, o aparelho definitivo e a quota de secreção aumentaram.) Assim, existe uma ação retardada não-neurótica, que ocorre normalmente e que gera a compulsão. (Comumente, nossas outras lembranças só funcionam por terem funcionado como experiências.) Esse tipo de ação retardada também ocorre em conexão com a lembrança de excitações das zonas sexuais abandonadas. O efeito, porém, não é uma liberação da libido, e sim um desprazer, uma sensação interna análoga à repulsa no caso dos objetos.

Dito de modo grosseiro, a lembrança realmente fede, da mesma forma que, no presente, o objeto cheira mal; e, do mesmo modo que afastamos nosso órgão sensorial (a cabeça e o nariz), enojados, o pré-consciente e o sentido da consciência desviam-se da lembrança. Isso é o *recalcamento*.

Mas, então, o que é que o recalcamento normal nos proporciona? Algo que, se estiver livre, pode levar à angústia; se estiver psiquicamente ligado, à rejeição — em outras palavras, é a base efetiva para uma multiplicidade de processos intelectuais do desenvolvimento, tais como a moral, a vergonha e coisas similares. Portanto, tudo isso surge à custa da sexualidade (virtual) extinta. Daí constatamos que, com as ondas sucessivas do desenvolvimento, a criança se reveste de piedade, vergonha e coisas dessa ordem, e vemos como a não-ocorrência dessa extinção das zonas sexuais pode produzir *moral insanity* [insanidade moral]⁽¹⁾ como uma inibição do desenvolvimento. É provável que esses impulsos de desenvolvimento tenham uma ordenação cronológica diferente nos sexos masculino e feminino. (A repugnância aparece mais cedo nas meninas do que nos meninos.) Mas a distinção principal entre os sexos surge na época da puberdade, quando as meninas são tomadas por uma repugnância *sexual não-neurótica*, e os meninos, pela libido. Isso porque, nesse período, extingue-se nas meninas (total ou parcialmente) uma outra zona sexual que persiste nos meninos. Refiro-me à zona genital masculina, a região do clitóris, na qual, durante a infância, verifica-se que a sensibilidade sexual se concentra, também nas meninas. Daí a onda de vergonha que a menina exhibe nesse período — até que a nova zona vaginal seja despertada, espontaneamente ou por ação reflexa. Daí também, quem sabe, a anestesia nas mulheres, o papel desempenhado pela masturbação nas crianças predispostas à histeria, e a interrupção da masturbação quando sobrevém a histeria.

E agora, quanto às neuroses! As experiências infantis que afetam apenas os órgãos genitais nunca produzem neurose nos homens (nem nas mulheres masculinas), mas tão-somente compulsão à masturbação e libido. Contudo, uma vez que, em regra geral, as experiências da infância afetam também as duas outras zonas sexuais, permanece em aberto também para os homens a possibilidade de que a libido, ao ser despertada por ação retardada, leve ao recalcamento e à neurose. Na

medida em que a memória depara com uma experiência ligada à genitália, o que ela produz por ação retardada é libido. Na medida em que depara com uma experiência ligada ao ânus, à boca, e assim por diante, produz uma *repulsa interna* retardada, e o resultado final, conseqüentemente, é que uma quota de libido não consegue, como ocorre comumente, forçar passagem para a ação ou a tradução em termos psíquicos, sendo obrigada, ao contrário, a prosseguir numa direção *regressiva* (como acontece nos sonhos). A libido e a repulsa parecem estar associativamente ligadas. Devemos à primeira o fato de a lembrança não conseguir levar a um desprazer generalizado e coisas semelhantes, e sim encontrar emprego psíquico; e devemos à segunda o fato de esse emprego não proporcionar nada senão sintomas, em vez de idéias orientadas para o objetivo. O lado psicológico disso não seria difícil de apreender; o fator orgânico é se o abandono das zonas sexuais ocorre de acordo com o tipo de desenvolvimento masculino ou feminino, e se de fato ocorre.

É provável, portanto, que a escolha da neurose — a decisão quanto à emergência de histeria, neurose obsessiva ou paranóia — dependa da natureza do ímpeto de desenvolvimento (ou seja, de sua localização cronológica) que permite a ocorrência do recalçamento, isto é, que transforma uma fonte de prazer interno numa fonte de repulsa interna.

Foi esse o ponto a que cheguei até agora — com todas as obscuridades intrínsecas. De agora em diante, portanto, resolvi encarar como fatores separados aquilo que provoca a libido e aquilo que provoca a angústia. Também desisti da idéia de explicar a libido como fator masculino e o recalçamento como fator feminino. Essas, de qualquer modo, são decisões importantes. A obscuridade está principalmente na natureza da mudança pela qual a sensação interna de necessidade se transforma na sensação de repulsa. Não preciso chamar sua atenção para outros pontos obscuros. O valor principal da síntese está em ela vincular o processo neurótico e o processo normal. Portanto, há agora uma necessidade premente de elucidação rápida da angústia neurastênica comum.

Minha auto-análise continua interrompida. Apercebi-me da razão por que só posso me analisar com o auxílio de conhecimentos objetivamente adquiridos (como uma pessoa de fora). A verdadeira auto-análise é impossível, caso contrário, não haveria doença [neurótica]. Visto que ainda estou lutando com alguma espécie de enigma em meus pacientes, isso está fadado a me deter também em minha auto-análise.

* Supostamente, eu não deveria saber disso. Parece que as amígdalas poéticas dele foram cortadas.

† De fato, o primeiro foi arrancado na noite de 9 de novembro pela babá; talvez tivesse durado até o dia 10.

†† Só homens altos para *Sa Majesté le Roi de Prusse*.⁽²⁾

(1) Em inglês, no original.

(2) Freud se refere à guarda de Potsdam no reinado de Frederico Guilherme I, que era inteiramente recrutado entre gigantes.

15 de novembro de 1897

Querido Wilhelm,

Cartas unilaterais com maior frequência; elas me permitem esquecer a distância. Ademais, você só está fazendo o que sempre fiz — escrevendo sobre aquilo em que está absorto e deixando de lado aquilo a que não sabe reagir. Nossas conversas costumavam ser assim: cada qual, por sua vez, começava a falar do que tinha a dizer e não se sentia obrigado a responder ao que tinha ouvido.

Minha capacidade de participar integralmente de seus resultados aumenta à medida que eles atingem a perfeição, quanto mais a lei e a idéia [por trás deles] resplandecem. Nos números ainda não interpretados, eu, como leigo, não consigo descobrir o que lhe parece tão promissor; em sua comunicação atual, cheguei até a encontrar alguns elos com fantasias de minha autoria, com as quais, em certa época, eu tinha querido esclarecer suas descobertas (a de que o 12, como fator de 23, representa o fator 10 de 28, tendo o primeiro um caráter masculino, e o segundo, feminino). Como você deve estar lembrado, também comecei pela identidade aproximada do produto.

$12 \times 23 = 10 \times 28$ (período de gestação),

mas não soube, admito, o que fazer com a diferença, a qual, para você, tornou-se ponto de partida para novas soluções. É claro que você não acreditou que eu levasse essas tentativas brincalhonas a sério, ou que esperasse vê-lo fazer isso, mas fico contente com o parentesco distante [entre elas] e seus resultados atuais.

Bem posso imaginar o esforço que foi necessário para deixar que os dados da observação falassem na linguagem de A e F;⁽¹⁾ reprimo cuidadosamente outros palpites. Tomou-se o cuidado de assegurar que a comunicação dos resultados nada ensinará a alguém em quem não haja permanecido nenhuma indicação do trabalho mental anterior. Estou cheio de esperanças de que, em nosso próximo encontro, eu tenha facilidade em entendê-lo.

Se você não puder vir a Viena — ainda estou indo tão mal que não ousou tirar mais do que um dia ou um dia e meio do trabalho no Natal, e você sabe que estou longe da sovinice provinciana —, poderemos encontrar-nos em Graz, Reichenau ou coisa parecida. Mas refreio minhas propostas porque não posso, como em outras ocasiões, encontrá-lo a meio caminho e aguardar alegremente para ver se e o que você conseguirá

fazer. A vida se tornará mais fácil se eu puder esperar com interesse por uma coisa tão próxima.

Da próxima vez, perguntarei de que lado está o tumor de M[elanie]. Em minha última visita, Norbert fez-me lembrar vividamente de Ramsés II, que foi encontrado *in persona* muitos anos atrás. Mas ele parece estar mentalmente alerta, ativamente atento a tudo e, afinal, ainda dispõe de tempo para melhorar a aparência antes que alguns ímpetos femininos se apossam dele.

Todos vão bem em minha família. Mathilde está tendo uma infância curta, crescendo rapidamente, tornando-se totalmente feminina no caráter e na aparência, e já exhibe também os primeiros sinais da puberdade. Anexo as datas de nascimento da família para você. Você não conseguirá usá-las. Graças ao calendário judaico, as datas de nascimento de mamãe, Martha e Minna são incertas. As mulheres afirmam que não se podem esperar datas judaicas bem definidas nem mesmo de Mama, em Merano, e não quiseram escrever para ela, embora eu tivesse lhe prometido isso. Elas têm uma inclinação totalmente desfavorável a qualquer coisa que vise a penetrar nos segredos do crescimento, quer em relação a seus assuntos, quer aos meus.

Agora, gostaria de receber logo uma carta sua, com notícias igualmente boas sobre seu trabalho e sua família. Felizmente, não tenho mais o hábito de perguntar como você mesmo tem passado.

Muito cordialmente,

Seu,
Sigm.

(1) Álgebra e física, ou anatomia e fisiologia, ou astronomia e física. A primeira é, provavelmente, a alternativa correta, como indica a carta de 22 de julho de 1899.

18 de novembro de 1897
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

O tumor de Mela é do lado direito; Fleischmann, segundo ouvi dizer, acredita que possa ser extraído pela vagina.

Hoje de manhã tive uma sensação agradável, como se tivesse alcançado êxito em alguma coisa importante. Mas não sei o que poderia ser. Estava ligada, de alguma forma, à idéia de que seria preciso começar a análise da histeria pela descoberta dos motivos atuais em ação que levam à aceitação da doença, alguns dos quais eu conheço. (Pois a doença só se instaura quando a libido aberrante, tendo-se aliado a esses motivos, encontra, por assim dizer, um desdobramento real.) Mas não pode ser só isso.

Estou lhe contando tudo o que aconteceu porque as sensações desse tipo, passado algum tempo, costumam mostrar que eu estava certo, e porque hoje foi um dia suavemente acentuado (cabeça cansada, aula particularmente ruim).

Minhas mais cordiais saudações.

Seu,
Sigm.

Viena, 3 de dezembro de 1897

Querido Wilhelm,

Ontem à noite, sua querida esposa, radiante como sempre, veio visitar-nos, trazendo a ilusão efêmera de estarmos todos juntos e felizes, e tornando a levá-la embora em sua partida. Essas interrupções da solidão têm um efeito salutar, ao recordar-nos como é difícil a renúncia e como é errado nos acostumarmos com ela.

5 de dezembro. O dia crítico me impediu de prosseguir. Em homenagem à prezada visitante, ocorreu-me parte de uma explicação, que ela deveria ter levado para você. Provavelmente, porém, não era um dia auspicioso; a idéia nova que me ocorreu em minha euforia retrocedeu, deixou de me agradar e, agora, está à espera de renascer. Volta e meia, passam-me pela mente, como um raio, idéias que prometem realizar tudo, aparentemente ligando o normal e o patológico, o sexual e o problema psicológico, e depois se vão outra vez, e não faço nenhum esforço para retê-las porque, na verdade, sei que nem seu desaparecimento, nem seu aparecimento na consciência são expressão real de seu destino. Em dias calmos como ontem e hoje, porém, tudo em mim fica muito silencioso, terrivelmente solitário. Não consigo conversar com ninguém a esse respeito, nem consigo forçar-me a trabalhar, deliberada e voluntariamente, como conseguem fazer os outros trabalhadores. Preciso aguardar até que algo se agite em mim e que eu me conscientize disso. E assim, muitas vezes, passo dias inteiros a devanear. Tudo isso é apenas uma introdução a nosso encontro — em Breslau, como propôs Ida, se as conexões ferroviárias lhe forem convenientes. Você certamente sabe que o que aconteceu em Praga mostrou que eu estava com a razão. Quando nos decidimos em favor de Praga da última vez, os sonhos tiveram uma grande parcela nisso. Você não queria ir a Praga, e ainda sabe porquê, e, ao mesmo tempo, sonhei que estava em Roma, andando pelas ruas e me sentindo surpreso diante do grande número de placas de rua e letreiros de lojas em alemão. Acordei e pensei, de imediato: com que, então, essa era Praga (onde as placas em alemão, como todos sabem, são necessárias). Portanto, o so-

nho havia realizado meu desejo de ir a seu encontro em Roma, e não em Praga. Aliás, meu anseio por Roma é profundamente neurótico. Está ligado a minha idolatria ginásiana pelo Aníbal semita e, de fato, este ano, também eu não cheguei até Roma, assim como ele não conseguiu atingi-la partindo do Lago Trasimeno. Desde que comecei a estudar o inconsciente, tornei-me muito interessante para mim mesmo. É uma pena que sempre se fique de boca fechada sobre as coisas mais íntimas.

Das Beste was Du weisst,
Darfst Du den *Buben* doch nicht sagen.⁽¹⁾

Breslau também desempenha um papel em minhas lembranças infantis. Aos três anos de idade, passei por essa estação quando estávamos de mudança de Freiberg para Leipzig, e as chamas de gás que então vi pela primeira vez fizeram-me lembrar de espíritos ardendo no inferno. Conheço um pouquinho das conexões. Minha angústia de viajar, agora superada, também está ligada a isso. Hoje não estou servindo para nada. Tudo o que ainda consigo fazer é "*Feilen packen*",⁽²⁾ como dizia o falecido Dubois Raymond.

Até breve, e mande logo uma resposta sensata a esta carta *meschug-gene*.⁽³⁾

Seu,
Sigm.

É verdade que Robert não tem passado bem?

(1) Goethe, *Fausto*, Parte I, cena 4, onde o texto diz: "Das Beste was Du wissen kannst" [O que há de melhor não podes conhecer]. Aqui, o sentido é "O que se sabe de melhor não pode ser dito aos *meninos*".

(2) O sentido da citação é obscuro.

(3) Termo iídiche que significa "maluca", "biruta".

Viena, 12 de dezembro de 1897

Querido Wilhelm,

Só quem sabe estar de posse da verdade escreve como você. Assim, espero com imensa curiosidade por Breslau e serei todo ouvidos. Quanto a mim, não estarei levando nada. Passei por um período desolador e nebuloso e agora estou sofrendo dolorosamente de supuração e oclusão [nasais]; raro sentir-me bem disposto. Se isso não melhorar, vou pedir-lhe que me cauterize em Breslau.

De minha parte, contemplo nossa viagem a Breslau da seguinte maneira: partirei na manhã de sábado, às 8h, para chegar às 14h 30min. Não creio que seja possível encontrar uma boa conexão noturna. Além

disso, viajar à noite num compartimento hiperaquecido certamente me custará [a lucidez] mental no dia seguinte. Avise-me quando você poderá viajar. Do modo como as coisas estão funcionando, teremos que dedicar dois dias, sábado e domingo, a essa excursão, o que só faz ampliar meu prazer. Um [dia], afinal, é muito pouco. Será extremamente estimulante para mim conversar com você, sem nenhuma preocupação e a sério, depois de ter mais uma vez abrigado na mente, por meses a fio, as questões mais *meschugge*, sem esvaziá-la e sem ter, por outro lado, uma única pessoa sensata com quem falar. Mais uma vez, um gole de ponche do Letes.⁽¹⁾

Você consegue imaginar o que sejam “mitos endopsíquicos”? São o último produto de meu esforço mental. A tênue percepção interna do [nosso] próprio aparelho psíquico estimula ilusões do pensamento, que, naturalmente, são projetadas para o exterior e, tipicamente, para o futuro e o além. A imortalidade, a recompensa e todo o além, tudo são reflexos de nosso [mundo] psíquico interno. *Meschugge?* Psicomitologia.

Permita-me recomendar-lhe um livro de Kleinpaul, *Die Lebendigen und die Toten* [Os vivos e os mortos].⁽²⁾

Gostaria de pedir-lhe que leve para mim, em Breslau, os exemplos de sonhos que lhe mandei (desde que estejam em folhas separadas). Na terça-feira passada, fiz uma palestra sobre os sonhos em minha sociedade judaica (uma platéia de leigos). Foi entusiasticamente recebida. Na próxima terça-feira, a continuação.

Minha confiança na etiologia paterna⁽³⁾ aumentou enormemente. Eckstein tratou deliberadamente a paciente dele de maneira a não lhe dar o menor indício do que iria emergir do inconsciente e, nesse processo, obteve dela, entre outras coisas, as cenas idênticas com o pai.⁽⁴⁾ A propósito, a mocinha está passando muito bem.

Recentemente, o *Meistersinger* proporcionou-me um estranho prazer. Impôs-se a mim um paralelo entre Breuer e H. Sachs, pelo fato de ele também estar no teatro. Fiquei solidariamente comovido com a “melodia da interpretação do sonho matinal”;⁽⁵⁾ gostaria de acrescentar o “*Parnosse*”⁽⁶⁾ a “paraíso” e “Parnaso”. Além disso, mais do que em qualquer outra ópera, algumas idéias reais são musicadas, e os tons sentimentais ligados [à música] persistem enquanto se reflete sobre elas.

Adeus até Breslau.

Seu,
Sigm.

Mas espero ter notícias suas e escrever-lhe antes disso.

(1) A mesma frase foi usada antes, na carta de 6 de setembro de 1897.

(2) Rudolf Kleinpaul, *Die Lebendigen und die Toten in Volksglauben, Religion und Sage* (Leipzig : G. J. Gröschel, 1898). No prefácio, escrito em Leipzig

e datado de 25 de setembro de 1897, Kleinpaul frisa estar escrevendo o livro de um ponto de vista psicológico e, temporariamente, agindo como um psiquiatra que tenta enxergar o ponto de vista de seu paciente, mesmo que isso signifique aceitar as idéias fixas dele.

(3) Expressão idêntica à usada na carta de 28 de abril de 1897, claramente no sentido (tanto aqui como lá) de o pai ser a fonte da neurose; em outras palavras, trata-se da teoria da sedução.

(4) Quanto ao significado desse importante trecho, ver Masson (1984, p. 114).

(5) "*Morgentraumdeutweise*" foi o nome dado por Hans Sachs, no libreto de *O Mestre Cantor*, de Wagner (3.º Ato), à canção premiada de Walther von Stolzing.

(6) Termo iídiche com o significado de "ganhar a vida, alimento, sustento".

Viena, 22 de dezembro de 1897

Querido Wilhelm,

Estou novamente de bom humor e esperando ansiosamente por Breslau, isto é, por você e suas belas novidades sobre a vida e a dependência que tem dos rumos tomados pelo mundo. Sempre me senti curioso a esse respeito, mas, até o momento, não encontrei ninguém que pudesse dar-me uma resposta. Se existem agora duas pessoas, uma das quais é capaz de dizer o que é a vida, enquanto a outra é (quase) capaz de dizer o que é a mente — e se, ainda por cima, as duas se gostam muito —, nada mais justo do que elas se verem e conversarem uma com a outra com mais frequência. Só quero rabiscar rapidamente algumas novidades, para que eu mesmo não tenha que dizer nada e possa escutar, impertubável.

Despontou em mim a descoberta intuitiva de que a masturbação é o grande hábito, o "vício primário", e de que é apenas como substitutos e sucedâneos dela que os outros vícios — o álcool, a morfina, o fumo e coisas parecidas — passam a existir. O papel desempenhado por esse vício na histeria é imenso, e talvez seja aí que se encontra, no todo ou em parte, meu grande obstáculo ainda por superar. E nesse ponto, é claro, surge a dúvida entre saber se um vício dessa espécie é curável, ou se a análise e a terapia devem deter-se nesse ponto e contentar-se em transformar a histeria em neurastenia.

Com respeito à neurose obsessiva, encontrei uma confirmação de que o local em que irrompe o recalcado é a *representação de palavra*, e não o conceito ligado a ela. (Mas precisamente, na memória da palavra.) Daí serem as coisas mais díspares prontamente reunidas numa idéia obsessiva, sob a égide de uma só palavra de sentidos múltiplos. A tendência à irrupção se vale dessas palavras ambíguas, como se matasse vários coelhos de uma só cajadada. Veja o seguinte caso, por exemplo: uma moça que está numa aula de costura prestes a terminar é atormentada por uma idéia obsessiva: "Não, você não deve ir embora; você ainda não acabou; ainda precisa *fazer* mais; ainda precisa aprender todo tipo de

coisas.” Por trás disso está a lembrança de cenas infantis em que ela era colocada no vaso, não queria continuar lá e experimentava a mesma compulsão:⁽¹⁾ “Você não pode sair; você ainda não *acabou*, ainda precisa *fazer* mais.” A palavra “fazer” permite que a situação posterior seja ligada à infantil. As idéias obsessivas freqüentemente se revestem de uma *indefinição verbal* característica, a fim de permitir esse desdobramento múltiplo. Quando se examina isso mais de perto (conscientemente), encontra-se ao lado a frase “você ainda precisa aprender mais”, que talvez venha a transformar-se, mais tarde, na idéia fixa obsessiva, e que surge por um desses tipos de interpretação errônea por parte da consciência.

Isso não é inteiramente arbitrário. A própria palavra “fazer” passou por uma transformação análoga de sentido. Uma antiga fantasia minha, que eu gostaria de recomendar a sua sagacidade lingüística, versa sobre a derivação de nossos verbos a partir desses termos originalmente copro-eróticos.

Mal posso enumerar-lhe todas as coisas que, para mim, se transformam em... excremento (um novo Midas!). Isso se harmoniza perfeitamente com a teoria do mau-cheiro interno. Acima de tudo, o próprio dinheiro. Creio que isso se dá através da palavra “sujo” como designar “avarento”. Da mesma forma, tudo o que se relaciona com o parto, o aborto espontâneo e o ciclo menstrual remonta à palavra *Abort* [latrina] (*abortus* [aborto]). Isso é realmente fantástico, mas é inteiramente análogo ao processo pelo qual as palavras assumem sentidos transferidos [para elas] tão logo surgem novos conceitos que requerem designação.

A autenticidade intrínseca do trauma infantil é confirmada pelo seguinte [pequeno incidente], a que a paciente afirma ter assistido aos três anos de idade. Ela entra num cômodo escuro onde a mãe está procedendo uma situação⁽²⁾ e fica bisbilhotando. Tem boas razões para se identificar com essa mãe. O pai pertence à categoria dos *homens que esfaqueiam mulheres*,⁽³⁾ para quem os ferimentos sangrentos são uma necessidade erótica. Quando [a paciente] tinha dois anos, ele a deflorou brutalmente e a infectou com gonorréia, em decorrência do quê ela adoeceu e correu risco de vida por causa da perda de sangue e da vaginite. *Agora*, a mãe fica em pé no meio do aposento e grita: “‘Seu’ criminoso depravado, o que você está querendo comigo? Não vou tomar parte nisso. Quem você pensa que está na sua frente?” Em seguida, arranca as roupas do corpo com uma das mãos, enquanto, com a outra, pressiona-as junto ao corpo, o que cria uma impressão muito peculiar. Depois, olha fixamente para certo ponto da sala, com o rosto contorcido pela fúria, cobre a genitália com uma das mãos e empurra algo com a outra. Depois, ergue as duas mãos, enfia as unhas no ar e morde. Gritando e praguejando, verga-se muito para trás, torna a cobrir a genitália com a mão e, nesse momento, verga-se para a frente, de modo que a cabeça quase encosta no chão; por fim, cai

silenciosamente de costas no chão. Depois disso, crispa as mãos, senta-se num canto e, com as feições deformadas pela dor, chora.

Para a menina, a fase mais visível é quando a mãe, de pé, é vergada para a frente. Ela observa que a mãe fica com os dedos dos pés firmemente virados *para dentro*!

Quando a menina tinha seis a sete meses (!!), a mãe esteve de cama, esvaindo-se em sangue quase até a morte, em decorrência de uma lesão causada pelo pai. Aos dezesseis anos, ela tornou a ver a mãe com um sangramento proveniente do útero (carcinoma), o que acarretou o começo de sua neurose. Esta irrompeu um ano depois, quando a moça ouviu falar numa operação de hemorróidas. Pode-se duvidar de que o pai forçou a mãe a submeter-se ao coito anal? Não se reconheceriam no ataque da mãe as fases isoladas dessa agressão — primeiro, a tentativa de se aproximar dela pela frente; depois, a pressão pelas costas, fazendo-a vergar-se, e a penetração entre as pernas, que a obrigou a virar os pés para dentro? Por fim, como sabe a paciente que, nos ataques, o indivíduo costuma representar ambas as pessoas (*autoferimento*, *auto-assassinato*), como ocorreu aqui no fato de a mulher rasgar e arrancar as roupas com uma das mãos, como o atacante, e com a outra agarrar-se a elas, tal como fez, ela própria, na ocasião?

Você já viu alguma vez um jornal estrangeiro que tenha passado pela censura russa na fronteira? Palavras, expressões e frases inteiras são riscadas, de modo que o restante se torna ininteligível. Uma *censura russa* dessa natureza se dá nas psicoses e produz os *delírios* aparentemente sem sentido.

Um novo lema:

“Que fizeram com você, pobre criança?”⁽⁴⁾

Chega de minha conversa obscena.

Até breve.

Seu,

Sigm.

Partirei no sábado, às oito horas, como planejado.

(1) A *Zwang* (compulsão) aqui empregada refere-se, sem dúvida, ao mundo externo; por exemplo, a babá forçando a menina a permanecer no troninho.

(2) Sentido obscuro. O texto alemão diz *ihre Zustände abmacht*.

(3) Ver Richard von Krafft-Ebing, *Psychopathia Sexualis*, org. de Alfred Fuchs, 15.^a ed. (Stuttgart: Ferdinand Enke, 1918), p. 85.

(4) A citação é da *Mignon*, de Goethe. Ver Eissler (1963, 2:751-764) e Mason (1984, pp. 117-119).

Viena, 29 de dezembro de 1897

Querido Wilhelm,

De volta a casa e outra vez preso aos arreios, ainda saboreando o gosto delicioso de nossos dias em Breslau. A bi-bi [bissexualidade-bilateralidade] ressoa em meus ouvidos, mas ainda estou me sentindo bem demais para qualquer trabalho sério. A primeira terça parte do artigo para Paschkis já está feita — um ensaio tipo *Gartenlaube*, nada além disso.⁽¹⁾

Por outro lado, marchei lenta e resolutamente pela *dreckologia*.⁽²⁾ Deparei com uma pequenina interpretação logo nos primeiros dias [após meu retorno]. O Sr. E., que você conhece, teve um ataque de angústia aos dez anos, ao tentar apanhar um besouro negro que se recusava a deixar-se pegar. Até pouco tempo, o sentido desse ataque permanecera obscuro. Agora, ao abordar o tema de “ser incapaz de tomar decisões”, ele repetiu uma conversa entre sua avó e sua tia a respeito do casamento da mãe dele, já morta nessa ocasião, da qual emergiu a informação de que ela não tinha conseguido decidir-se por bastante tempo; depois, de repente, ele trouxe à baila o besouro negro, que não mencionava há meses, e daí passou para joaninha [*Marienkäfer*] (o nome da mãe dele era Marie); depois disso, deu uma gargalhada e explicou seu riso, de modo insatisfatório, pela afirmação de que os zoólogos chamam esse inseto de *septem punctata* ou o equivalente, conforme o número de pontos [no dorso], embora se trate sempre do mesmo animal. Em seguida, interrompemos e, na vez seguinte, ele me disse que, antes da sessão, o sentido do besouro [*Käfer*] lhe havia ocorrido, a saber: *qué faire?* = não conseguir tomar uma decisão⁽³⁾. . . *meschugge!*

Talvez você saiba que, aqui em Viena, é possível referir-se às mulheres como lindas “joaninhas”. A babá e primeiro amor dele, era francesa; na verdade, ele aprendeu a falar francês antes de aprender o alemão. Você deve estar lembrado de nossas discussões sobre o uso das palavras “enfiar”, “privada” e semelhantes.

Minha segunda e última palestra sobre os sonhos terminou e foi entusiasticamente aclamada pelos judeus. Depois dela, um membro ávido da platéia perguntou-me se os sonhos completamente absurdos poderiam ser interpretados da mesma maneira. Eis aí o valor das palestras populares. Um médico e colega não teria conseguido formular uma pergunta mais imbecil.

Bild mir nicht ein, ich könnte was lehren

Die Menschen zu bessern und zu bekehren.⁽⁴⁾

O que quero agora é uma profusão de material para um teste impietosamente severo da teoria do sinistrismo; estou com a agulha e a linha na mão.⁽⁵⁾ A propósito, a questão decorrente dela foi a primeira, em

muito tempo, em que nossos palpites e inclinações não seguiram o mesmo curso.

Ainda não tive tempo de trocar nenhuma palavra com meu lado feminino.

Meu nariz tem-se portado bem e transmite seus agradecimentos.

E agora, Feliz Ano-novo e muitos encontros em 1898!

Seu,
Sigm.

(1) O *Gartenlaube* era uma publicação popular de leitura leve. Freud faz referência a seu trabalho "Sexualidade na Etiologia das Neuroses", publicado em 1898.

(2) Escrito em grego no original; trocadilho com a palavra alemã *Dreck* (merda).

(3) A expressão francesa *que faire* (que fazer?) é aqui assemelhada ao som de *Käfer*, donde o acento no *qué*.

(4) *Fausto*, de Goethe, 1.º Ato, Cena 1: "Não me interessa mais, do direito, a ciência, / Nem tampouco a tarefa árdua de ensinar, aos homens converter e tanto doutrinar" (trad. de Sílvio Meira).

(5) Referência a um teste para verificar se uma pessoa é canhota. Fliess acreditava que as pessoas canhotas exibiam as características psicológicas (e físicas) do sexo oposto. Em seu livro *Der Ablauf des Lebens*, um longo capítulo intitulado "Sobre o Significado da Simetria Ambidestra" contém 67 casos clínicos sucintos. Ao final dele, há um trecho notável que muito revela sobre a psicologia de Fliess (tradução minha): "Uma cena de dias remotos reemerge em minha memória. Ouço uma cantiga que me comove o coração. Folheio um livrinho com poemas encantadores. Vejo uma psique imersa em pensamentos desesperados. E a criadora de todo esse esplendor é uma mulher cuja singular beleza feminina estava nos lábios de todos e cuja imagem fora gravada na tela por um dos maiores mestres do pincel. Mas vejo também como os dedos de sua mão *esquerda* guiam a tesoura com que ela corta o tecido para um vestido longo de lindo caimento, e como a agulha que pesponta logo passa de sua mão direita para a *esquerda*. Quantas vezes, por implicância, proibi-a de fazer isso! Só hoje sei como interpretar essas chamadas pequenas falhas, cuja presença acabou por causar-lhe o mais grave desgosto" (grifo no original).

Viena, 4 de janeiro de 1898

Querido Wilhelm,

A caracterização respeitosa da fotografia de Annerl por Robert é mesmo uma delícia. Ele é um sujeito encantador, caso você não saiba.

Hoje lhe envio o número 2 dos relatórios "dreckológicos"⁽¹⁾, uma publicação interessantíssima editada por mim mesmo para um único leitor. O n.º 1, que estou conservando comigo, contém sonhos desviados ~~que~~ ^{que} dificilmente seriam de seu interesse; eles fazem parte de minha auto-análise, que ainda continua tateando na mais total escuridão. Gostaria ~~que~~ ^{que} você me devolvesse esse texto para exame futuro, mas certamente, não de imediato. Como sempre, a primeira semana após nossas conversas foi muito produ-

tiva para mim. Depois vieram alguns dias de desolação, com um estado de espírito detestável e dores deslocadas da cabeça (ou do coração) para as pernas. A partir da manhã de hoje, desaparecimento completo. Continuarei lutando e errando.

É de grande interesse para mim o fato de você se sentir tão afetado por minha atitude ainda negativa quanto a sua interpretação do sinistismo. Tentarei ser objetivo, pois sei quanto isso é difícil.

A mim me parece que é assim:(2) abracei literalmente sua ênfase na bissexualidade e considero essa sua idéia a mais significativa para minha matéria desde a da "defesa". Se eu tivesse má vontade por motivos pessoais, por seu eu mesmo parcialmente neurótico, essa má vontade certamente ter-se-ia voltado contra a bissexualidade, a qual, afinal de contas, responsabilizamos pela tendência ao recalamento. Parece-me que só faço objeção à entremeação da bissexualidade com a bilateralidade, exigida por você. A princípio, não tomei nenhuma posição acerca dessa idéia porque ainda me sentia afastado demais do assunto. Na segunda tarde em Breslau, sentia-me como se tivesse levado uma pancada na cabeça, em consequência da reação nasal; de outro modo, sem dúvida teria podido transformar a dúvida que tive numa objeção, ou melhor, teria podido dominá-la [a idéia] quando você mesmo disse que cada uma das duas metades contém, provavelmente, as duas espécies de órgãos sexuais. Mas onde fica então, por exemplo, a feminilidade da metade esquerda de um homem, se ela contém um testículo (e os correspondentes órgãos sexuais masculinos/femininos interiores), exatamente como a direita? Seu postulado de que, em todos os resultados, o masculino e o feminino precisam estar unidos já está satisfeito, afinal, numa só metade!

Tive a impressão, além disso, de que você me considera parcialmente canhoto; se é assim, gostaria que me dissesse, pois não há nada capaz de me magoar nesse autoconhecimento. É culpa sua não conhecer todos os detalhes íntimos a meu respeito; você decerto me conhece há bastante tempo. Pois bem, não estou ciente de nenhuma preferência pela mão esquerda, seja no presente, seja na infância; ao contrário, eu poderia dizer que, anos atrás, tinha duas mãos esquerdas. Há apenas uma coisa que gostaria que você considerasse: não sei se é sempre óbvio para as outras pessoas quais são a mão direita e a esquerda delas, e onde ficam a direita e a esquerda nos outros. Em meu caso (em épocas mais remotas), a questão era ter que pensar em qual era a minha direita; nenhuma sensação orgânica me dava essa informação. Eu costumava verificar isso fazendo alguns movimentos de escrever com a mão direita. No que concerne às outras pessoas, até hoje preciso calcular a posição delas e assim por diante. Talvez isso combine com sua teoria; talvez esteja ligado ao fato de que tenho uma capacidade vergonhosamente pequena de visualizar relações espaciais, o que me tornou impossível o estudo da geometria e de todas as cadeiras derivadas dela.

É assim que me parece. Mas sei perfeitamente bem que, apesar disso, talvez seja outra coisa, e que a aversão que experimentei até agora por sua concepção do sinistristmo pode assentar-se em razões inconscientes. Se forem históricas, certamente não terão nada a ver com o assunto em questão, prendendo-se apenas a alguma deixa vocabular; por exemplo, de que eu teria andado fazendo alguma coisa que só se pode fazer com a mão esquerda. Nesse caso, a explicação aparecerá algum dia, Deus sabe quando.

Só tomei conhecimento da verdade sobre Q. J. depois de minha volta. Se há realmente alguma coisa com ele, ele não será impedido por essa aberração de chegar a ser alguém algum dia, assim como Meynert não foi prejudicado por beber clorofórmio. Ah, o vício originário *|Ur-sucht|*! O pobre rapaz é a complementação necessária do provincianismo e da hipocrisia do círculo inteiro.

Você precisa prometer-me não esperar nada do *Gartenlaube*.⁽³⁾ Será mesmo um bate-papo informal, suficientemente bom para o público, mas indigno de uma só palavra entre nós.

Na quarta-feira, iremos com sua família inteira (Bondy, Rie) assistir a uma peça judaica de Herzl⁽⁴⁾ no Teatro Carl — uma noite de estréia, que já desempenhou um papel em meus sonhos.

Onde você conseguiu a citação sobre os professores e as orelhas? Gostaria de apropriar-me dela. Recentemente, numa fantasia diurna (da qual ainda não estou livre, de modo algum), desfechei as seguintes palavras contra S.Exa., o Ministro da Educação: “O senhor não me intimida. Sei que ainda serei lente da universidade muito depois que o senhor tiver deixado de ser chamado de ministro.”

Até breve, então, e torne a escrever logo, antes que eu produza o N.º 3. Em meu lado do túnel está muito escuro, mas, para você, o sol e as estrelas estão brilhando também para essa tarefa.

Muito cordialmente,

Seu,
Sigm.

(1) Freud usa o termo *Dreckologisch*, ou seja, pertinente a uma coleção de merdas; parcialmente grafado em grego.

(2) *Wie ich mir erscheine* — literalmente, tal como apareço a mim mesmo. Provavelmente, trata-se de um modo incomum de dizer *wie es mir erscheint* (tal como me parece).

(3) Ver nota 1 da carta de 29 de dezembro de 1897.

(4) A peça foi *Das neue Ghetto*, mencionada em *A Interpretação dos Sonhos* (S.E. IV:442). Ver em Grinstein (1980, pp. 318-333) uma discussão dessa peça e dos sentimentos de Freud sobre a bilateralidade.

16 de janeiro de 1898

IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Lastimo que, desta vez, nossas condições não tenham continuado paralelas. Tenho estado bem-disposto e animado. Espero que, a esta altura, isso também se aplique a você.

Anexo o N.º 3 do RD [relatório dreckológico]. Há toda sorte de coisinhas proliferando; o sonho e a histeria se encaixam com perfeição cada vez maior. Os detalhes são agora obstáculos no caminho dos grandes problemas mencionados em Breslau. É preciso aceitar as coisas tal como vão surgindo e ficar contente por surgirem. Acrescento a definição de "felicidade" (se é que ainda não lhe falei sobre ela há muito tempo):

A felicidade é a realização retardada de um desejo pré-histórico.

É por essa razão que a riqueza traz tão pouca felicidade. O dinheiro não foi um desejo da infância.

Toda espécie de outras coisas continua a despontar em mim e tudo o que veio antes é sempre esquecido. É cedo demais para resumir.

Recentemente, Breuer fez outra proeza brilhante. Penso que não devemos deixar que a inteligência dele nos iluda quanto a sua estreiteza mental. O que estou escrevendo agora é uma loucura completa. Ainda devo dinheiro a ele, de meus tempos de estudante (2.300 florins, calculo). Nunca pude reembolsá-lo; somente este ano consegui mandar-lhe, com algumas palavras de desculpa, a primeira parcela de 500 florins. Foi então que chegou uma carta para minha mulher, devolvendo 350 florins. Primeiro, ele não sabia que essa soma ainda não fora paga. Segundo, há dois anos, tratei de sua pobre sobrinha B., calculei o custo do tratamento em 500 florins e aceitei apenas 150. Daí a devolução do restante, agora, com um recibo de 500 florins. Ao que, é claro, numa carta muito polida, que se gabava um pouco de minha renda, provei-lhe que ele nada tinha a ver com o caso B., que a soma, naquele caso, era completamente diferente, e assim por diante. Então, foi a vez dele: enquanto eu não havia pago, ele não pensara em pagar tampouco; mas, já que eu havia começado, ele não poderia ficar para trás. Conservaria o dinheiro e me mandaria um recibo de 850 florins. Tudo isso com extrema falta de lógica, com uma condescendência desdenhosa e com profunda mágoa, além de uma necessidade inabalável de fazer o bem. Basta ampliar um pouco essa [descrição] abreviada [do] episódio. É um Breuer autêntico. E é o bastante para que uma pessoa se torne extremamente ingrata diante das boas ações.

Estou reparando que começou um dia maçante e, por isso, encerro por aqui. Sua última referência ao pé esquerdo alterou consideravelmente

minha disposição acerca da teoria contestada. Ainda não disponho de nenhum material inédito, pois tenho visto muito poucas caras novas.

Saúdo-o muito cordialmente e anuncio aqui uma nova edição.

Seu,
Sigm.

Viena, 22 de janeiro de 1898
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Mela está passando muito bem; está bem-humorada, com uma aparência radiante — o que não é uma coisinha à toa no quarto dia depois de uma laparotomia — e parece ter vencido todas as preocupações. Você sabe que sempre tive certa afeição por ela, creio que desde a época em que, em sua homenagem, ela fez o papel da donzela velhusca que se surpreende com as neo-rosas reflexas.⁽¹⁾ Oscar também vai-se recuperando gradativamente; estava arrasado;⁽²⁾ aparentemente, as duas noites que antecederam a operação foram muito ruins por causa do nervosismo. Não faz nenhum sentido que o destino submeta nosso amigo Oscar a provações tão graves; ele ficará enrijecido muito prematuramente. É só.

Bem, meu bom humor terminou numa terrível enxaqueca na quinta-feira. Guarde os dois números dos RD; não sei quanto tempo levará para que se produza mais um. Tudo se evaporou. Esse hábito detestável de minha organização [mental] de me roubar, de repente, todos os meus recursos, é para mim a coisa mais difícil de suportar na vida. O negócio dos botões, que recebeu meu total reconhecimento, destaca-se como um oásis no deserto. Já na carruagem eu me havia convencido, ao desabotoar minha roupa, de que você estava com a razão.⁽³⁾ Minha clínica não é conducente a outras verificações [de sua teoria da bilateralidade]. Recientemente, tive um total de *dois* pacientes em *três* horários de consultório! De modo geral, este tem sido um ano abominavelmente ruim.

Os comentários de Ida sobre João Batista me pareceram não apenas inteligentes, mas também acertados. Mas será justa a rejeição que ela baseia nisso? Não estará ela, desse modo, cedendo demais a sua aversão instintiva a tudo o que é neurótico? João tem, sem dúvida, *les vertus de ses défauts* [as virtudes de seus defeitos] e vice-versa; a psicose indubitavelmente mostrará ser, em geral, o inverso das grandes realizações psíquicas da concentração. O próprio Cristo, sem dúvida, foi um visionário virginal e abstinente. É digno de nota que as idéias obsessivas e as fobias (como o remorso pelos antigos pecados) sejam invariavelmente insociáveis; só a abstinência atrai as pessoas, como se elas estivessem esperando pela [repartição final do] que foi armazenado. Música do futuro!

A propósito, João Batista deixou para trás todas as suas ações (enquanto pecador); é incapaz de qualquer ação nova (salvo pelas medidas de proteção e arrependimento).

Minha raiva de Breuer é constantemente realimentada. Recentemente, fiquei perturbado ao saber por um paciente que alguns conhecidos comuns tinham dito que Breuer cortou relações comigo por desaprovar a maneira como conduzo minha vida e as questões financeiras — um homem que ganha tanto dinheiro deve economizar parte dele e pensar no futuro. Esse último comentário foi ouvido do próprio Breuer, que é médico da família deles. Se você quiser entender toda a extensão da desonestidade neurótica [de Breuer], basta juntar o que está acima com a observação da carta dele de que ele supunha que minha dívida já estivesse paga. Será que ele pensou, realmente, que eu começaria a economizar dinheiro *antes* de saldar dívidas antigas de minha instrução? Nisso tudo, sempre se pode presumir que ouvimos apenas uma pequena parte dos boatos que estão sendo espalhados.

Da próxima vez, uma troca de cartas mais agradáveis de um lado e de outro.

Seu,
Sigm.

(1) A palavra usada por Freud é *Reflexneu-rosen*, um trocadilho entre *neuroses reflexas* e *rosas novas*.

(2) *Zusammengerissen*: literalmente, rasgado junto.

(2) Sem dúvida, referência a um "teste" do sinistrismo. Talvez Freud pretenda dizer que, como não consegue sabotar a roupa com a mão esquerda, é um canhoto latente e, portanto, na opinião de Fliess, também um homossexual latente. Ver nota 5 da carta de 29 de dezembro de 1897.

Viena, 30 de janeiro de 1898
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Como supôs tão acertadamente sua bela citação, sua carta me encontrou ontem num dia de alegria desmedida, embora, infelizmente, apenas interna; porque não há razões externas. Essas alterações de humor em mim estão relacionadas com os sonhos e com minha auto-análise; tenho pouca compreensão deles. Hoje, estou novamente sóbrio. O sonho com que você me presenteou agradou-me enormemente; será uma contribuição valiosa para mim. Posso publicá-lo?

Hoje pela manhã duas coisas me pareceram estar fora de esquadro. Li sua carta mais atentamente e tive que substituir minha primeira impressão — a de que você, como eu, estaria alegre demais para trabalhar — por uma outra: a de que você não tem passado nada bem.

“Nestes últimos dias, tive ânimo para tudo, menos o trabalho, e é certo que vou desabar” — ou será que estou errado outra vez e você está falando, afinal, numa euforia depois da qual acontecerá alguma coisa?(1) Mas será que você está realmente bem demais para trabalhar? Ou, como acaba de me ocorrer, haverá mais alguma coisa por trás disso que eu deva adivinhar? Será que conheço a grávida sonhadora?(2) Hip, hurra?!

O segundo item — que agora, no entanto, perdeu grande parte de sua importância (isto é, se não me enganei) — é o comportamento de Gattel. Ele me enviou um grande tratado(3) que versa sobre a teoria da histeria, a substância sexual e coisas semelhantes, quando eu esperava dele um laudo sobre as anamneses que obtive de neurastênicos. É muito constrangedor eu ter que dizer a ele que, mesmo que ele tivesse investigado essas questões ainda mais, não teria possibilidade de publicá-las como um trabalho seu; e é ainda mais constrangedor que eu não concorde, em absoluto, com a exposição dele. Mas farei isso [dizer a ele]. “Assoberbar-se de tolos, etc.”(4)

Uma parte do RD está em processo de crescimento, a fim de informar-lhe, no devido tempo, os pequenos resultados destas últimas semanas.

Eu não tinha nenhuma intenção de lhe escrever sobre Schenk.(5) Talvez você saiba que Arthur Schiff(6) está agora repetindo seus experimentos com a cocaína em casos de dismenorréia e que confirmou cada um dos detalhes. Estou convencido de que, um dia, eles se aperceberão de que você é completamente digno de confiança.

Em nosso próximo congresso, escutarei com extrema devoção; de fato, está ficando cada vez mais compensador.

A simetria dos planos e os índices numéricos das relações de nascimento são, é claro, altamente impressionantes. Uma vez que você tenha reunido essas ocorrências isoladas, assim formando uma estrutura, os viajantes ficarão muito assombrados.(7)

A maior de todas as venturas,(8) parece-me às vezes, é o bom humor, ou então uma mente límpida. Preciso agora escrever a última parte de meu artigo do *Gartenlaube*.

Não seja tão avarento com essas cartas reanimadoras e torne as alusões obscuras mais claras para o

Seu,
Sigm.

(1) Fliess acreditava, misteriosamente, que a euforia era um sinal de desastre iminente. Ver a citação de seu livro *Zur Periodenlehre* na nota 6 da carta de 27 de novembro de 1893.

(2) Isto é, a mulher grávida que teve o sonho, sem dúvida uma referência à gravidez de Ida Fliess.

(3) Referência ao livro de Felix Gattel de 1898, *Über die sexuellen Ursachen der Neurasthenie und Angstneurose*.

(4) Citação do Fausto, de Goethe, II Parte:

*Da habt ihr's nun!**Mit Narren sich beladen**Das kommt zuletzt dem Teufel selbst zu schaden!*

(5) Quanto ao livro de Schenk, ver nota 1 da carta de 1.º de maio de 1898.

(6) Arthur Schiff, "Über die Beziehungen zwischen Nase und weiblichen Sexualorganen", *Wiener klinische Wochenschrift*, 14 (1901), pp. 57-65. Ver nota 2 da carta de 30 de janeiro de 1901. Vale notar que Schiff traduziu um artigo de Freud em francês, "Obsessions et phobies (leur mécanisme psychique et leur étiologie)", no *Wiener klinische Rundschau*. Ver também "Aus der Diskussion über die Vorträge des Herrn Siegmund", de Fliess.

(7) Essa é, possivelmente, uma referência ao *Fausto*, V Ato, cena 1. Filêmon diz sobre o viajante, que retorna ao cenário de sua juventude e encontra a terra roubada no oceano (tradução de Sílvio Meira):

*Lass ihn rennen, ihn erschrecken,**Denn er glaubt nicht, was er sieh.*

(Deixa-o correr e assombrar-se!

Ele ficará aturdido.)

(8) Citação de *Braut von Messina*, de Schiller: "Das Leben ist der Güter höchstes nicht."

Viena, 9 de fevereiro de 1898

IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Com que então meu palpite estava certo; congratulo-me com você pelo aumento de seu material de observação e pela oportunidade de pre-determinar toda sorte de coisas — além de tudo o mais. Espero que Ida fique igualmente feliz quando tiver deixado para trás o período atual de sofrimento. Mela está muito bem e é mesmo adorável; sou decididamente parcial em relação a ela. Seus últimos experimentos de A e F⁽¹⁾ soam simplesmente misteriosos. Provavelmente, não foi apenas a sorte de você ter-se casado com alguém dessa família, mas também as outras fornecem resultados similares.

A redução de nossa viagem da Páscoa corresponde ao declínio geral deste ano. Afinal, só posso entrar num estado de verdadeira exultação bem longe de Madri! O essencial, porém, que é passarmos algumas horas juntos, continua certo.

No domingo, estive na Hungria para dar uma consulta. Uma senhora de cinquenta e dois anos afirmou que se estava movimentando sobre patins de madeira, que seus *membros* estavam bambos como os de uma boneca desconjuntada e que ela logo estaria andando de quatro. A propósito, sem nenhuma razão que o justifique, estou num estado de ânimo esplêndido e reencontrei meu interesse pelas horas diurnas. Estou profundamente imerso no livro dos sonhos, escrevendo-o com fluência, e gosto da idéia de todas as "cabeças balançando"⁽²⁾ por causa das indiscrições e ousadas que contém. Se ao menos não fosse necessário ler tanto! Já

estou farto da escassa literatura que existe. A única idéia sensata ocorreu ao velho Fechner,⁽³⁾ em sua sublime simplicidade: o processo do sonho se desenrola num território psíquico diferente. Farei um relato sobre o primeiro mapa grosseiro desse território.

Estou-lhe remetendo hoje uma edição longa e completa do RD, que talvez lhe peça para devolver logo, por causa do belo exemplo de sonho. Quanto ao mais, tudo se acha ainda em estado de latência. Minha auto-análise está em repouso, em prol do livro dos sonhos. Os casos de histeria vão prosseguindo de maneira especialmente precária.⁽⁴⁾ Não concluirei um só caso este ano, tampouco; e, no que diz respeito ao próximo, estarei completamente desprovido de material vindo dos pacientes. Terminei hoje o artigo do *Gartenlaube*. É bastante impertinente e essencialmente feito para insultar, no que sem dúvida terá êxito. Breuer dirá que causei muitos prejuízos a mim mesmo. Corre um boato de que estamos prestes a ser investido no título de professor, no jubileu do imperador, a 2 de dezembro. Não creio nisso, mas tive um sonho delicioso a respeito, o qual, infelizmente, não pode ser publicado, pois seu pano de fundo, seu segundo sentido, desloca-se entre minha babá (mamãe) e minha mulher e, a rigor, não se pode submeter publicamente a própria esposa a essa espécie de recriminação [como recompensa] por todo o trabalho e os esforços árduos dela. Dito de maneira genérica: o que de melhor se sabe, etc.⁽⁵⁾

Zola nos deixa num grande suspense. É um bom sujeito, alguém com quem a gente se poderia comunicar. O comportamento nojento⁽⁶⁾ dos franceses fez-me lembrar o que você disse na ponte de Breslau sobre a decadência da França, observações aquelas que, a princípio, considere muito desagradáveis.

A apresentação de Schweninger,⁽⁷⁾ aqui no circo dos tagarelas, foi um verdadeiro desastre! Não compareci, é claro; em vez disso, presenteei-me com uma audição do nosso velho amigo Mark Twain⁽⁸⁾ em pessoa, o que foi um deleite absoluto.

Até breve e dê minhas saudações a toda a sua família, presente e futura.

Seu,
Sigm.

(1) Ver nota 1 da carta de 15 de novembro de 1897.

(2) Referência a *Bilder zur Jobsiade*, de Wilhelm Busch. O herói Hieronymus Jobs, candidato ao ingresso no sacerdócio, evoca repetidas *Schütteln des Kopfes* (sacudidelas da cabeça) por parte de seus examinadores.

(3) S.E. IV:48.

(4) O texto diz "Die Hysteriefälle gehen sogar schlecht : oraus". O sentido é obscuro. Provavelmente, Freud pretendeu dizer *schlecht voran*.

(5) Goethe, *Fausto*, I Parte, cena 4, citação freqüentemente usada por Freud: "O que de melhor se sabe não se pode dizer aos *meninos*."

(6) Freud usa o termo alemão *lausig*.

(7) Afirma Kris (*Origins*, p. 245, n. 4): "No dia 5 de fevereiro de 1898, Schweninger, o famoso médico de Bismarck, proferiu uma palestra sob a forma de diálogo, juntamente com Maximilian Harden, na qual defendeu o niilismo médico. Atacou a especialização na medicina, teceu comentários depreciativos sobre o valor dos raios X para o diagnóstico e confessou invejar os veterinários, pois os pacientes deles não sabiam falar. O clímax de sua palestra foi a frase: 'O mundo pertence aos bravos, inclusive os doentes corajosos.'"

(8) Freud comentou essa palestra numa nota de rodapé em *O Mal-Estar da Civilização* (S.E. XXI:126).

Viena, 23 de fevereiro de 1898
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

As interrupções de suas cartas têm como efeito deixar-me duplamente descontente: primeiro, porque passo então a sentir ainda mais falta do Outro do que de hábito; segundo, porque passo a suspeitar de que a razão seja alguma coisa ruim. Eu não sabia, no entanto, que desta vez seu silêncio fora duplamente determinado.

Agradeço-lhe por ler e devolver os RD, onde agora deposito minhas novidades. Para não chegar de mãos inteiramente vazias ao congresso da Páscoa, para não ser sempre aquele que recebe, guardarei as folhas que se seguirem. Não creio que surja nada de essencial antes da Páscoa. Estou um pouco desgastado demais para isso. Depois, minha clínica finalmente melhorou; estou mais cansado do que nos anos anteriores, quando o trabalho não conseguia esgotar-me de forma alguma.

Segue anexo o artigo do *Gartenlaube*; faça-me o favor de não me dizer *nada* sobre ele.

Diversos capítulos do livro dos sonhos já estão completos; ele está saindo primorosamente e me leva muito mais a fundo na psicologia do que eu havia imaginado. Todas as novas formulações estão no extremo filosófico; não surgiu absolutamente *nada* no orgânico-sexual.

As crianças progridem esplendidamente. Um dia desses, Annerl queixou-se de que Mathilde havia comido todas as maçãs e exigiu que a barrega dela [de Mathilde] fosse aberta (como aconteceu com o lobo no conto de fadas do cabritinho). Ela está-se tornando uma criança encantadora.

Meus melhores votos de pronta recuperação a vocês dois.

Seu,
Sigm.

5 de março de 1898
IX., Berggasse 19.

Querido Wilhelm,

Não recebi nenhuma notícia sua e, infelizmente, posso imaginar o que isso significa — um ou ambos |estão doentes|, o que é uma razão muito forte para se ficar aborrecido. Nós vamos indo bem, mas estou cansado das dez a onze horas de trabalho rigoroso, como você pode verificar por minha letra. Terminei uma seção inteira do livro dos sonhos, a mais bem escrita delas, sem dúvida, e estou curioso sobre o que mais me ocorrerá. Afora isso, nenhuma novidade científica; os RD foram interrompidos, já que não os tenho escrito mais para você.

Visto que o sofrimento de Ida tem ao menos uma boa finalidade, ao passo que o seu, caso esteja ocorrendo agora, não tem finalidade alguma, insisto em que recupere depressa seu bom humor e então me escreva.

Muito cordialmente,

Seu,
Sigm.

Viena, 10 de março de 1898
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Sua sonolência agora me explica meu próprio estado simultâneo. Nosso protoplasma atravessou com dificuldade o mesmo período crítico. Como seria bom se essa estreita harmonia⁽¹⁾ entre nós fosse total; eu sempre saberia como você está e nunca esperaria cartas sem uma decepção.⁽²⁾ Espero que sua *Kück*⁽³⁾ tenha previsto corretamente a data em que Ida poderá levantar-se; caso contrário, sua viagem da Páscoa será duvidosa; fiquei satisfeito em vê-lo repetir que ela estava firme. Casualmente, sua mãe e Marie nos visitaram exatamente no mesmo dia; mas a única |pessoa| da família que está desabrochando inquestionavelmente é Melanie. Tenho visto Oscar (meu O.) muito pouco; ele parece pressentir que está ficando cada vez mais afastado de mim. A essa altura, sem dúvida já deu o pequenino passo que o impedia de ser um completo filisteu.

Ad vocem Kück |quanto a sua visão|: não foi uma proeza nada insignificante de sua parte ver o livro dos sonhos concluído diante de você. Ele deu uma parada, nova, e, nesse meio tempo, o problema se aprofundou e se ampliou. Parece-me que a teoria da realização de desejos trouxe apenas a solução psicológica, e não a biológica — ou melhor, metapsíquica. (A propósito, vou perguntar-lhe a sério se posso usar o nome de metapsicologia para minha psicologia que se estende para além da consciência. Biologicamente, a vida onírica me parece derivar inteiramente

ramente dos resíduos da fase pré-histórica da vida (entre um e três anos de idade) — o mesmo período que é fonte do inconsciente e que contém, sozinho, a etiologia de todas as psiconeuroses, período este normalmente caracterizado por uma amnésia análoga à amnésia histórica. A seguinte fórmula me é sugerida: aquilo que é visto no período pré-histórico produz os sonhos; o que é ouvido nele produz as fantasias; o que é sexualmente experimentado produz as psiconeuroses. A repetição do que foi experimentado nesse período é, em si mesma, a realização de um desejo; um desejo recente só leva a um sonho quando consegue ligar-se a algum material proveniente desse período pré-histórico, quando o desejo recente é derivado de um [desejo] pré-histórico, ou quando consegue ser adotado por um destes. Resta ainda examinar até que ponto poderei ater-me a essa teoria extremada e até que ponto poderei expô-la claramente no livro dos sonhos.

Meu seminário foi particularmente animado este ano; até um assistente de Erb⁽⁴⁾ o freqüentou. Durante o período de interrupção involuntária em que a universidade esteve fechada, continuei a dar aulas em meu consultório, com canecos de cerveja e charutos. Quanto ao próximo período escolar, já tenho duas novas matrículas além dos alunos que já freqüentam [o curso].

Recentemente, abri um livro publicado por Janet, *Hystérie et idées fixes*,⁽⁵⁾ com o coração batendo descompassado, e tornei a colocá-lo de lado com a pulsação tranqüila. Ele não tem a mínima idéia da chave.

E assim vou continuando a envelhecer, satisfeito na maior parte do tempo, vejo-me ficando rapidamente grisalho enquanto os filhos crescem, aguardo com interesse os feriados da Páscoa e vou exercitando minha paciência à espera da solução do problema das neuroses.

Ouvi um boato de que R. W. também virá com você este ano. Devemos então fazer com que ele seja apresentado às crianças?

Com os votos mais cordiais de uma recuperação extremamente rápida,

Seu,
Sigm.

(1) *Verwandtschaftliche Übereinstimmung*: literalmente, acordo de parentes.

(2) Sem dúvida, Freud pretendeu escrever que nunca se decepcionaria.

(3) Ver nota 1 da carta de 31 de outubro de 1895.

(4) Wilhelm Erb (1840-1921), professor de medicina da Universidade de Heidelberg. Freud faz uma referência interessante a Erb em seu "Estudo Autobiográfico" (S.E. XX:16).

(5) Presumivelmente, referência a Pierre Janet, *Névroses et idées fixes*, 2 vols. (Paris: Felix Alcan, 1898). O trabalho inclui muitas citações da literatura psiquiátrica francesa, alemã e inglesa, mas traz apenas uma referência a Freud (I:124, n. 2, onde Janet menciona o "Obsessions et phobies", de Freud). Quase não se faz menção à sexualidade, que talvez seja a "chave" a que Freud se refere. Mais adiante, porém, Janet (2:186-188) descreve a sedução de uma menina de sete anos e explica as tentativas de suicídio e os ataques histéricos de uma adolescente de 14 anos como devidos a uma tentativa de estupro.

A Interpretação dos Sonhos

Viena, 15 de março de 1898
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Se algum dia subestimei Conrad Ferdinand, há muito fui convertido por você através da leitura do "Himmelstor",⁽¹⁾ de autoria dele.

Queira, por favor, ceder-me aquele trecho para o [livro] mais recente [sobre a] histeria.

E também não subestimo nem um pouco a bissexualidade; tenho esperado que ela forneça todos os esclarecimentos adicionais, especialmente desde aquele momento, no mercado de Breslau, em que nos descobrimos dizendo a mesma coisa. Só que, neste momento, sinto-me muito distante dela, pois, enterrado num poço profundo, não enxergo mais nada. Minha produtividade no trabalho parece estar em função da distância de nossos congressos. No momento atual, estou simplesmente embotado; durmo em minhas análises vespertinas; não me ocorre mais absolutamente nada de novo. Creio realmente que meu estilo de vida, com as oito horas⁽²⁾ de análise ao longo de oito meses do ano, me é devastador. Infelizmente, meu espírito descontraído, que me aconselharia a tirar férias de vez em quando, não consegue manter-se firme em face dos magros vencimentos dos tempos atuais e da perspectiva de outros ainda piores. Assim, continuo a trabalhar como um cavalo de tálburi, como costumamos dizer em Viena. Ocorreu-me a idéia de que talvez lhe agradasse ler meu estudo sobre os sonhos, mas que você é discreto demais para pedi-lo. É desnecessário dizer que eu o teria enviado a você antes de mandá-lo para o prelo. Entretanto, já que ele tornou a sofrer uma paralisação, bem posso remetê-lo a você em fragmentos. Eis algumas explicações sobre eles. Este

é o segundo capítulo. O primeiro, sobre a literatura, ainda não foi escrito. Será seguido por:

- | | |
|-----------------------|------------------------------------|
| 3. O Material Onírico | 5. Os Processos Psíquicos no Sonho |
| 4. Sonhos Típicos | 6. Os Sonhos e as Neuroses |

Voltarei aos dois sonhos aqui descritos em capítulos posteriores, onde será concluída a interpretação ainda incompleta deles. Espero que você não faça objeções aos comentários francos no sonho sobre o cargo de professor. Os burgueses daqui se rejubilarão com a possibilidade de dizer que, com isso, ultrapassei os limites. O elemento do sonho que talvez lhe pareça estranho encontrará uma explicação mais adiante (minha ambição). Os comentários sobre *Oedipus Rex*, o conto de fadas do talismã e, possivelmente, *Hamlet*, hão de encontrar seu lugar. Primeiramente, preciso estudar a lenda de Édipo⁽³⁾ — ainda não sei onde.

Embora eu hesite em sobrecarregá-lo numa ocasião em que você se sente pouco inclinado a trabalhar, contraponho a isso a idéia de que essa coisa, com seu teor especulativo mínimo, provavelmente só fará diverti-lo de maneira inócua.

No que concerne à histeria, estou, no momento, completamente desorientado. É claro que quero muito saber se suas esperanças a respeito da data especial se realizaram e se podemos ater-nos a nossas expectativas para a Páscoa, *sem modificações*. Está absolutamente fora de questão desistir delas.

Com as mais cordiais saudações,

Seu,
Sigm.

(1) Referência a Conrad Ferdinand Meyer (1825-1898), autor suíço frequentemente citado por Freud. Ver William G. Niederland, "First Application of Psychoanalysis to a Literary Work", *Psychoanalytic Quarterly* 29 (1960), pp. 228-235. O artigo de Niederland contém uma tradução do poema "Himmelstor", de quatro estrofes, que descreve uma compulsão a lavar os pés.

(2) O manuscrito diz 8, e não 9, como em *Anfänge*.

(3) Na biblioteca de Freud, em Maresfield Gardens, há um livro erudito de L. Constans, *La Légende de l'Oedipe: Étudiée dans l'antiquité, au moyen âge et dans les temps modernes, en particulier dans le Roman de Thèbes, texte français du XIIe siècle* (Paris: Maisonneuve, 1881). Freud assinalou os trechos da obra que se relacionavam com o incesto (pp. 35-42).

Viena, 24 de março de 1898
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Você não há de ficar surpreso por eu lhe escrever hoje sobre sua avaliação de meu manuscrito sobre os sonhos, que chegou a minhas mãos. Sem dúvida, você não gostaria que eu o comparasse a Breuer em ne-

nhum sentido; |mas| a comparação se impõe. Penso na insinceridade com que ele distribuía parcimoniosamente seus elogios — por exemplo, o estilo é maravilhoso, as idéias são extremamente engenhosas — e na consideração que o levava a expressar suas objeções detalhistas aos aspectos essenciais a outras pessoas, por meio de quem eu tomava conhecimento delas posteriormente. Muitas vezes, alegro-me por estar livre dele.

Felizmente, posso responder a suas objeções fazendo referência aos capítulos posteriores. Acabo de me deter antes de um desses capítulos, que versará sobre os estímulos somáticos dos sonhos. Tocará também nos sonhos de angústia, sobre os quais se voltará a lançar luz no último capítulo, sobre “Os Sonhos e a Neurose”. Na exposição que você leu, porém, incluirei algumas remissões, para evitar a impressão que ela lhe causou de que o autor simplifica demais as coisas nesse ponto.

De modo algum penso nessa versão como final. Primeiro, quero colocar minhas próprias idéias em ordem, depois estudar detalhadamente a literatura, e então fazer inserções ou revisões onde isso for recomendado por minhas leituras. Não posso fazer a leitura antes de haver concluído o que eu mesmo tenho a dizer, e só sei compor os detalhes no processo de escrever. Até o momento, foram terminadas mais vinte e quatro páginas, mas desconfio de que nenhuma outra seção se revelará tão divertida e tão bem acabada⁽¹⁾ quanto a que você leu.

Espero que você me fale mais sobre muitos aspectos específicos quando nos encontrarmos. Não irá recusar-me as obrigações de primeira platéia e juiz supremo. Gostaria de me apropriar de seus comentários sobre os sonhos de enxaqueca; não estou familiarizado com tais sonhos por minha própria experiência pessoal e, portanto, tê-los-ia omitido.

Nosso congresso da Páscoa vai adquirindo um valor ainda maior para mim também nesse aspecto, e fico contente em saber que você está aderindo aos planos. Se, ao mesmo tempo, for possível combiná-lo com meu deplorável anseio pela natureza e pela folhagem verdejante, haverá mais uma realização de desejo. Sei, no entanto, que tudo depende do estado de sua diletta esposa e, se ela não quiser ficar sem você ou não puder viajar com você, afinal, é claro que abrirei mão de nosso congresso. Temos ainda três semanas até lá; decerto posso esperar que ocorra uma mudança drástica nesse intervalo.

Em minha família, as meninas — Mathilde, Sophie e Anna — recuaram para um estado de doença, com uma gripe. Os meninos ainda estão resistindo. Mathilde nos assusta quando suas glândulas começam a inchar; não tem nenhum outro sintoma. Quando Ida estiver boa outra vez, eu gostaria de realizar um projeto que envolve Martha e Mathilde, em maio. Já que minha irmã Marie está agora morando em Berlim, elas não precisarão abusar de sua hospitalidade.

Recentemente, Martin descreveu num poema a sedução de um ganso por uma raposa. As palavras de persuasão foram:

Eu o amo do fundo do coração.
 Venha, dê-me um beijo;
 Você poderia ser meu favorito
 Dentre todos os animais.

Você não acha que a estrutura é digna de nota? Ocasionalmente, ele compõe versos que despertam a indignação da platéia, como, por exemplo:

Disse o Papai Raposa: Iremos a Aussee;
 Os filhos esperam por isso, ansiosos, e tomam café.

Para nos apaziguar, diz ele então: "Quando invento essas coisas, é como fazer caretas."

E Robert Wilhelm? Você pretende trazê-lo quando você e Ida vierem a Viena?

No aguardo de melhores notícias,

Seu,
 Sigm.

(1) O manuscrito diz *gerundet*, e não *gründlich* (profundo), como consta em *Anfänge*.

Viena, 3 de abril de 1898
 IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Que Páscoa lastimável! Também não posso pensar em ir a Berlim, pois o estado de Ida e o fato de sua mãe estar ocupando o quarto de hóspedes não são os únicos empecilhos. Minha própria mãe também está aí agora, com minha irmã, e eu teria, necessariamente, que dedicar a ela parte do tempo já curto. Irei a algum lugar, resmungando, talvez com meu cunhado, onde ansiarei desesperadamente por arvoredos e flores que ainda não existem, e não poderei ouvir ou dizer o que queria. Após cada um de nossos congressos, sinto-me revigorado por semanas a fio, as idéias vão-se apinhando em mim, o gosto pelo trabalho árduo se restabelece e a trêmula chama da esperança de que seja possível encontrar o caminho pelo matagal arde serena e radiante por algum tempo. Instrutiva é que não me é esta privação; eu sempre soube o que nossos encontros significam para mim.

At odd hours [em horários irregulares],⁽¹⁾ continuo a escrever o livro sobre os sonhos; mais uma seção, que versa sobre as fontes dos sonhos e os sonhos típicos, está quase terminada, mas é muito menos satisfatória do que a primeira e é provável que precise de revisão. Afora isso,

a ciência não me diz absolutamente nada; tampouco há em mim qualquer interesse vivo por outra coisa que não o sonho.

A gripe encerrou seu ciclo, tendo causado poucos danos e não mostrando nenhuma predileção pelo sexo masculino. As crianças estão lépidas e divertidas, as mulheres vão bem e o homem da casa está irritadíssimo.

Estou devolvendo hoje ao Dr. G. o trabalho dele, sem que tenha exercido qualquer influência sobre este. [O texto] me foi repugnante, após minha última experiência com a teoria dele, que me deixou ainda mais apático. Estou ciente de tê-lo imposto a você; espero que você se defenda. Basicamente, você é de índole muito melhor do que a minha.

Stricker faleceu ontem;⁽²⁾ era um homem importante, uma personalidade dura que teve êxito em identificar sua inclinação essencialmente mesquinha e fanática com as aspirações científicas. Era-me pessoalmente hostil. Recordo-me de uma colocação dele, da época em que eu trabalhava em seu laboratório — o conselho de que nunca me envolvesse com detalhes insignificantes, mas, ao contrário, ousasse abordar um dos grandes problemas da vida. Gartner,⁽³⁾ discípulo dele, ilustra a observância desse conselho.

As crianças querem que eu brinque hoje com elas de um jogo agradável de viagens, “Cem Expedições pela Europa”. Vou fazê-lo, porque o ânimo para trabalhar nem sempre está presente.

Minhas palestras têm-me entediado; não tenho vontade de lecionar sobre a histeria, pois falta-me o veredicto decisivo sobre dois aspectos importantes.

Eu adoraria retornar a nossa bela Itália este ano, mas os vencimentos foram precários. Preciso economizar.

Portanto, o congresso está morto; viva o próximo! Para esse fim, é absolutamente essencial que vocês dois melhorem, finalmente.

Com meus mais cordiais votos de que venha esse resultado,

Seu,
Sigm.

(1) Em inglês, no original.

(2) Solomon Stricker (1834-1898), professor de patologia experimental na Universidade de Viena. Parte do trabalho de Freud sobre a cocaína foi realizada no laboratório dele.

(3) Gustav Gartner (1855-1937) aparece no sonho de Freud sobre a “Monografia de Botânica” (ver S.E. IV:171, 175-176).

Viena, 14 de abril de 1898
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Penso que uma boa norma para um correspondente é não fazer menção ao que o destinatário já sabe e contar-lhe, em vez disso, algo de novo.

Assim, passarei por cima de ter sabido que você andou atravessando maus momentos na Páscoa; de qualquer modo, você já sabe disso. Prefiro falar-lhe sobre minha viagem de Páscoa, que comecei de má vontade, mas da qual voltei refeito.⁽¹⁾

Partimos (Alex e eu) da Estação Sul na noite de sexta-feira e, na manhã de sábado, às dez horas, chegamos a Gorizia, onde caminhamos em plena luz do sol por entre casas caiadas de branco, vimos árvores cobertas de botões brancos e comemos laranjas e frutas cristalizadas. Enquanto o fazíamos, colecionamos lembranças — a vista da fortaleza, que faz lembrar Florença; a própria *fortezza*, San Pietro in Verona, e o castelo de Nuremberg. A primeira impressão da paisagem italiana que nos surpreende — a de sentir falta das pradarias e bosques — foi, naturalmente, muito vívida, como acontece em todas as transições. O Isonzo é um rio magnífico. No caminho, passamos por três cadeias dos Alpes Julianos. Na manhã de domingo, tivemos que levantar cedo para seguir pela ferrovia local de Friuli até as imediações de Aquiléia. A antiga metrópole é uma pocilga; o museu, porém, exhibe uma profusão inesgotável de achados romanos: lápides, ânforas, medalhões dos deuses do anfiteatro, estátuas, bronzes e jóias. Várias estátuas priápicas: uma Vênus que desvia o olhar, indignada, do filho recém-nascido, depois que o pênis dele lhe é mostrado; Priapo como um velho cuja genitália é coberta por um sileno e que, a partir de então, pode entregar-se à bebida; um ornamento priápico em pedra, representando o pênis como um animal alado com um pequenino pênis no lugar natural, enquanto as próprias asas terminam em pênis. Priapo representava a ereção permanente, uma realização de desejo que representa o inverso da impotência psicológica.

Às dez horas, um vaporzinho foi puxado por um estranho rebocador para o Canal de Aquiléia, bem na hora em que a maré estava mais baixa. O rebocador tinha um cabo ao redor do casco e, durante o funcionamento, soltava fumaça por uma chaminé. Eu gostaria de ter trazido o pequeno vapor para as crianças, mas, visto que ele era o único elo entre a cidade de veraneio de Grado e o mundo, não se pôde prescindir dele. Uma viagem de duas horas e meia pelas mais sombrias lagoas levou-nos a Grado, onde enfim pudemos outra vez apanhar conchas e ouriços-do-mar nas praias do Adriático.

Voltamos a Aquiléia na mesma tarde, depois de usar nossos mantimentos e um vinho istriano selecionado para fazer uma refeição a bordo do navio. Centenas das mais lindas moças de Friuli tinham acabado de se congregar na catedral de Aquiléia para a missa do feriado. O esplendor da velha basílica romanesca era reconfortante em meio à pobreza dos tempos modernos. No caminho de volta, vimos um trecho de uma antiga estrada romana que fora desobstruída em meio a uma campina. Um bêbado moderno estava deitado sobre as antiqüíssimas pedras do calçamento. Na mesma noite, chegamos a Divaça, às margens do Carso, onde pernoitamos para visitar as cavernas no dia seguinte e último, segunda-

feira. Pela manhã, fomos à Caverna de Rodolfo, a quinze minutos da estação; estava repleta de todos os tipos de estranhas formações de estalactites: cavalinhas gigantes,⁽²⁾ bolos em pirâmide,⁽³⁾ presas de animal crescendo de baixo para cima, cortinas, espigas de milho, toldos ricamente pregueados, pernis e aves pendendo do alto. Mais estranho do que tudo era nosso guia, em profundo estupor alcoólico, mas com o andar totalmente firme e uma grande disposição. Fora o descobridor da caverna — obviamente, um gênio extraviado; falava constantemente em sua morte, seus conflitos com os padres e suas conquistas naqueles reinos subterrâneos. Quando afirmou que já tinha estado em trinta e seis “buracos” no Carso, dei-me conta de que era neurótico e de que suas explorações de conquistador eram um equivalente erótico. Poucos minutos depois, ele confirmou isso, pois, quando Alex lhe perguntou até onde se poderia penetrar na caverna, ele respondeu: — É como se faz com as virgens; quanto mais se entra, mais bonito é.

O sonho do homem é vir a Viena um dia, de modo a coletar idéias nos museus para dar nome a suas estalactites. Gratifiquei em excesso o “maior patife de Divaça”, como ele se referia a si próprio, dando-lhe alguns florins para que ele possa acabar mais depressa com a vida, de tanto beber.

As cavernas de São Cangiano, que visitamos à tarde, são um tenebroso milagre da natureza, um rio subterrâneo que atravessa arcos magníficos, quedas-d'água, formações de estalactites, uma escuridão negra como o breu e trilhas escorregadias, protegidas por corrimãos de ferro. Era o próprio Tártaro. Se Dante viu alguma coisa assim, não precisou de grandes esforços da imaginação para [criar] seu inferno. Ao mesmo tempo, o mestre de Viena, *Herr Dr. Karl Lueger*, esteve conosco na caverna, a qual, passadas três horas e meia, tornou a vomitar-nos a todos em plena luz.

Na noite de segunda-feira, iniciamos a viagem de volta. No dia seguinte, quando tornaram a me ocorrer idéias para meu trabalho, percebi que o repouso fizera bem ao aparelho.

Estou anexando uma carta cuja história é a seguinte: o último número do *Wiener klinische Rundschau* trouxe uma crítica a seu livro, feita por um certo Ry,⁽⁴⁾ um exemplo do tipo de impertinência que caracteriza a ignorância absoluta. Escrevi uma carta áspera a Paschkis, pedindo uma explicação. Aqui vai a resposta leal, mas estéril. Não farei mais nada sem antes consultar você. O que gostaria que fosse feito? Há diversas possibilidades de se obter uma satisfação.

Meu interesse em mim mesmo ainda exige saber quando você virá a Viena, para que eu possa verificar quando deverei mandar-lhe Mathilde, com Martha, para tratamento. Minha primeira opção seria depois de Pentecostes, pois a menina está em vias de prestar exames de admissão. Mas tudo depende de você. Elas certamente não se hospedarão em sua casa desta vez, pois têm minha irmã em Berlim e o estado de sua mulher nos impede de sobrecarregá-las.

Pois bem, mande-me enfim alguma notícia boa sobre você e ela. Estou aguardando impacientemente.

Seu,
Sigm.

(1) Ver S.E. IV:464, "Um Castelo à Beira-Mar", onde há um sonho ligado a essa viagem.

(2) Planta do gênero *Aquisetum*.

(3) Bolos feitos de massa lentamente derramada sobre um espeto giratório.

(4) A crítica de Ry foi publicada no *Wiener klinische Rundschau* (tradução minha; as duas observações entre colchetes foram inseridas por Ry):

"A Relação entre o nariz e os Órgãos Sexuais Femininos", do Dr. Wilhelm Fliess. Verlag von Franz Deuticke, 1897.

"Depois de se ter aberto caminho, arduamente, por esse trabalho — que, em vista de seu conteúdo escasso, é bastante volumoso —, retém-se na memória apenas uma afirmação positiva — a de que é possível eliminar as dores do parto através da cocainização de certas partes da mucosa nasal. Este crítico, depois de fazer indagações em clínicas obstétricas, soube que os experimentos a esse respeito — que, na ocasião, foram também amplamente discutidos na imprensa — não levaram a resultados positivos; com isso, elimina-se qualquer necessidade de continuar a abordar esse aspecto da obra de Fliess. O restante do que contém o livro nada tem a ver com a medicina ou a ciência natural, pois, se fizermos hoje uma tentativa de interpretar esses absurdos místicos, que aspiram a uma discutível riqueza intelectual, a tentativa fracassará diante do reconhecimento de que não é mister da ciência embarcar numa crítica das criações fantasiosas de cada autor, pois tais pesquisas inúteis não podem ser nem refutadas, nem confirmadas. Caso alguém venha a pensar que, por essa razão, o autor foi injustamente tratado, havendo uma recusa a levá-lo a sério, cito aqui ao acaso uma única frase para satisfazer esses generosos incrédulos: 'Vi uma criança estrábica de dois anos e meio ficar com os olhos perfeitos após uma intervenção desse tipo [a saber, raspagem das amígdalas com a unha; como sei [sic!]] que os músculos oculares do bebê tornam-se funcionais em períodos críticos, de modo que o estrabismo inicial que é característico dos bebês desaparece em impulsos súbitos, gostaria de interpretar a observação acima no sentido de que, nesse caso, as amígdalas enfermas inibiram essa maturação periódica dos músculos oculares' (p. 235). É realmente um palavrório revoltante! Não surpreende que não sejam poucos os lugares em que o leitor desse livro tem a impressão de que o autor está-se divertindo à sua custa.

"Em vista do fato de que a extensa relação dos editores contém também bons produtos científicos, não lhes deverá ser difícil eliminar essa vergonha."

Viena, 27 de abril de 1898
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Foi inoportuno de minha parte querer esperar até que o assunto com Paschkis estivesse resolvido. Agora, ele ficou acertado, através do rompimento de minha afiliação ao *klinische Rundschau* e da retirada de meu nome da relação de colaboradores que aparece na capa.⁽¹⁾ Intencional-

mente, não lhe mandei a crítica em questão. Creio que agora podemos esquecer o assunto.

Seu canto de sereia naufraga em meus ouvidos tampados e minhas mãos atadas. No momento, minha renda é tão precária que não devo afastar-me daqui nem por um dia, exceto nos feriados. Parece-me engraçado eu ser tão cumpridor dos deveres e tão parcimonioso. Deve ser um sinal de velhice.

Mas precisamos ver-nos durante o Pentecostes. O efeito restaurador da viagem da Páscoa, que teve apenas um êxito parcial em contribuir para minha recuperação, evaporou-se rapidamente. Estou muito bem, mas sinto-me embotado e me acho agora, diante de um trabalho pelo qual tanto havia esperado, como se estivesse diante de uma parede. Quer que eu lhe mande o capítulo terminado sobre o material onírico? Ele deve ser considerado muito menos definitivo do que o primeiro.

Quanto à histeria, tenho várias coisas a lhe dizer, que representam um esclarecimento e uma confirmação de minha conjectura — que, a princípio, defini a etiologia de modo demasiadamente estreito; a parcela da fantasia nela é muito maior do que eu havia pensado no começo.

Minha mãe voltou hoje; ainda não estive com ela, e soube apenas que você cuidará da pobre *Mizi*,⁽²⁾ o que é muito gentil de sua parte. Nunca recomendei que ela o procurasse porque ela nunca me perguntou nada a respeito. Nenhum de nós mantém relações com ela; *Mizi* sempre foi isolada e bastante peculiar. Nos anos da maturidade, isso se manifestou numa avareza patológica, enquanto nós outros somos todos perdulários. As três meninas são histéricas; a mais nova, que é uma criança muito bem-dotada, tem uma histeria grave. Duvido que o pai seja inocente também nesse caso; ele é meio asiático e sofre de pseudologia fantástica, embora, no mais, seja bom para a família. Todos nós (com exceção de mamãe, é claro) ficamos muito aliviados quando a família se mudou para Berlim.

Todos enviamos nossos votos mais cordiais à aniversariante de hoje e supomos que esta data coincida com a recuperação dela. Desta vez, R. W. certamente dará os parabéns verbalmente.

Com as mais cordiais saudações,

Seu,
Sigm.

(1) No número do *Wiener klinische Rundschau* de 1.º de maio de 1898, o nome de Freud não mais aparece no conselho editorial.

(2) Em 1886, Marie Freud (1861-1942) casou-se com Moriz Freud (1857-1920), um parente distante. Por “meio asiático”, presumimos que Freud se esteja referindo ao fato de que Moriz era originário da Europa Oriental (Bucareste).

Viena, 1.º de maio de 1898
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

O que você disse sobre os dois ponteiros do relógio da vida torna a me soar tão familiar e evidente que deve ser uma novidade fabulosa e uma verdade maravilhosa. Maio é chegado e, portanto, ao final de maio terei notícias a esse respeito. Sinto-me ressequido; alguma nascente secou dentro de mim e todas as sensibilidades estão murchando. Não quero lhe dar uma descrição detalhada demais, para que não soe muito como uma reclamação. Você pode me dizer se é velhice ou apenas uma das muitas flutuações periódicas.

Tenho a impressão de que você talvez haja determinado o sexo de seu próximo filho, de modo que é bem possível que, dessa vez, Paulinchen se transforme numa realidade.

Aparentemente, o livro de Schenk já foi publicado;⁽¹⁾ espero tão pouco dele que não tentei lê-lo. Segundo algumas pistas dadas em minha presença, trata-se de uma bobajada míope.

Imaginei que eu soubesse a data do aniversário melhor do que as pessoas que me disseram qual era — o que prova que não consigo guardar nenhum número.

Sou-lhe muito grato por ter sido tão generoso com minha velha. Como resultado, ela voltou em excelente estado de ânimo. Eu sempre soube que, apesar de toda a sua visível energia, você é um dos mais bonachões dentre todos os filhos do homem. Você não precisa mesmo pensar no Paschkis. O assunto não merece nada além disso. Também não creio que eu venha a lamentá-lo jamais. A propósito, Oscar também seguiu meu exemplo, espontaneamente.

Anexo vai o “Caput 3” do sonho. Você me achará um tanto intragável; estou completamente empenhado no livro do sonho e completamente estúpido no que diz respeito a ele. Escrevi agora a parte sobre psicologia em que me achava emperrado, mas não gosto dela, nem ela ficará como está. O capítulo que você está recebendo agora ainda está muito cru em termos estilísticos e ruim em algumas partes, isto é, escrito sem muita vivacidade. Deixei algumas lacunas no tocante aos estímulos somáticos, que ainda precisam ser destacados com maior nitidez. Naturalmente, espero que você faça vários pronunciamentos vigorosos sobre ele quando nos encontrarmos outra vez. As conclusões, creio eu, estão corretas.

Gostaria de receber um pouco de estímulo vigoroso. Sou, como ouvi alguém dizer recentemente a meu respeito, um motor projetado para funcionar com uma pressão de 10 atmosferas e, com uma pressão de 2 atmosferas, fico superaquecido. Até aqui, este ano, mal cheguei a ponto de me sentir cansado, quando, em geral, por essa época, estou há muito arfando por umas férias. Não tenho muitas coisas, e o que tenho me perturba menos.

Nunca fui capaz de dirigir meu trabalho intelectual; assim, minhas horas de folga, não sendo usadas, são desperdiçadas.

Como me serão revigorantes os dias de Pentecostes! Martha não quer mesmo ir a Berlim; ela acha que você pode examinar a menina aqui, no [feriado de] Pentecostes, e que talvez possa recomendar, nessa ocasião, a operação de garganta necessária, que Hajek poderá fazer aqui mesmo. Estou deixando isso a critério seu e dela, é claro. As outras crianças, com a Tia Minna, já estarão em Aussee quando você chegar. Annerl está-se transformando numa criança encantadora; tem o mesmo tipo de Martin, física e mentalmente. Os ensaios de poesia de Martin, com sua auto-ironia, são altamente divertidos.

Cordiais saudações, e ainda espero ter notícias suas várias vezes antes de Pentecostes.

Seu,
Sigm.

(1) Samuel Leopold Schenk (1842-1902) era diretor do Instituto Embriológico de Viena. Ver seu livro *Determination of Sex* (tradução autorizada, Londres: Werner Co., 1898), p. 173: "Se uma mulher for submetida a uma dieta de acordo com nosso método, poderá chegar a um estágio em que se tornará sexualmente superior ao homem e seus filhos serão meninos, de acordo com a lei da hereditariedade cruzada do sexo".

Viena, 18 de maio de 1898
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Refreei-me porque, incentivado por seus comentários generosos, quis enviar-lhe outro capítulo do livro do sonho antes de você sair de Berlim. Vejo, porém, que não consigo terminá-lo. Para minha alegria, o tempo passou depressa. Fui informado de que você virá dentro de dez dias.

Modificarei o que você quiser e aceitarei de bom grado as contribuições. Estou imensamente feliz por você me estar oferecendo a dádiva do Outro, do crítico e leitor — e, ainda por cima, [um Outro] de sua categoria. Não consigo escrever inteiramente sem platéia, mas não me importo nem um pouco em escrever só para você.

Meu interesse pelo que você vai trazer será despertado, sem dúvida, quando você estiver aqui. Entregue a mim mesmo, é claro, fico exclusivamente mergulhado no [livro do] sonho e não desejo nada melhor por algum tempo. A tarefa mais difícil — a elucidação do processo psíquico do sonho — ainda está a minha espera e só será abordada depois que eu tiver sido revivificado por nosso congresso.

Você não verá as crianças; elas partirão para Aussee na segunda-feira. Martha ficará aqui com Mathilde, para que você possa examiná-la.



Vistas da parte externa e da entrada de IX., Berggasse 19, onde Freud morou e trabalhou de 1891 a 1938.





A família Freud por volta de 1898, no jardim da casa de Berggasse. Só Mathilde não está presente, supostamente por estar na escola. Da esquerda para a direita: primeira fila, Sophie, Anna e Ernst; fila do meio: Oliver, Martha e a irmã de Martha, Minna Bernays; terceira fila: Martin e Sigmund.

Eu as pouparia de bom grado da viagem a Berlim, porque estou com muito pouco dinheiro este ano. Se você achar que ela não precisa da operação — também o tique mal chega a ser perceptível —, elas irão para Aussee logo depois de Pentecostes. Caso isso lhe agrade, nós dois poderemos ir a Graz, uma cidadezinha muito adequada para um congresso. Tudo depende do tempo que você passará aqui e da disposição de sua família vienense de fazer sacrifícios.

Recebi ontem o trabalho de Gattel. Minha impressão não foi, de modo algum, inteiramente desfavorável. Eu não tinha feito nenhuma correção antes e agora preciso lê-lo com cuidado.

Se nós dois estamos atravessando simultaneamente os mesmos períodos da vida, como pareceu ser o caso em certas ocasiões, você deve estar, no momento, numa fase melhor. Agora, posso suportar qualquer coisa. O hábito de trabalhar no [livro do] sonho tem sido — depois da tortura da histeria — extremamente bom para mim.

Aguardo com enorme interesse outras notícias sobre seus planos específicos; afinal, já se passaram quase cinco meses desde o Natal.

Com as mais cordiais saudações a I. F., R. W. F. e W. F.,

Seu,
Sigm.

Viena, 24 de maio de 1898
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Estou pronto agora. O capítulo seguinte (formação dos sonhos) foi concluído; meu interesse está novamente liberado. Não me importa nem um pouco onde você quer desfrutar de minha surpresa diante de seus *primeurs*(1) — em meu egoísmo habitual, não considerarei a longa viagem de trem até Graz. É claro que você poderia ser meu hóspede no apartamento da cidade nesses dois dias, mas você realmente não sabe o quanto detesto a cidade de Viena. Um pouquinho de atmosfera e paisagens verdes, em combinação com ele [o congresso], seria muito bom para meu humor, não? Por essa razão, pergunto-lhe ainda se você gostaria de subir o Kahlenberg, ou pegar um barco até Bratislava, ou ir ao Thalhof, em Reichenau. Infelizmente, não disponho de um balão postal, caso contrário, não teria passado cinco meses sem você.

As crianças partiram para Aussee ontem. Martha e Mathilde ficarão aqui no Pentecostes.

Nestes últimos dias houve mais coisas a fazer e algo que aprender. Nada que possa ser servido em nosso próximo congresso, para o qual

não tenho nada além do sonho, o sonho. Raramente me senti tão inibido. Não tenho escrito mais porque sei que agora faltam apenas mais alguns dias para que eu possa ouvi-lo.

Muito cordialmente, até nosso encontro.

Seu,
Sigm.

(1) Primeiros vinhos da safra; aqui, novos trabalhos.

Viena, 9 de junho de 1898
IX., Berggasse 19

Meu querido Wilhelm,

Muito obrigado por sua bela fotografia! Meu irmão fez a observação astuta de que o fotógrafo deve ser seu conhecido; e é isso mesmo, segundo você me disse. Ela terá o lugar de honra em minha escrivaninha, o lugar que você ocupa em minha amizade.

Muito obrigado, também, por sua crítica. Sei que você empreendeu uma tarefa ingrata. Sou suficientemente razoável para reconhecer que preciso de sua ajuda crítica, pois, nessa situação, eu mesmo perdi o sentimento de vergonha que se exige de um autor. Portanto, o sonho está condenado.⁽¹⁾ Agora que a sentença foi proferida, porém, eu gostaria de derramar uma lágrima por ela e confessar que a lamentação e que não tenho nenhuma esperança de encontrar um [sonho] melhor que o substitua. Como você sabe, um lindo sonho e nenhuma indiscrição... não coincidem. Diga-me ao menos a qual dos tópicos você fez objeção e onde foi que temeu um ataque por algum crítico malicioso. Seria minha angústia, ou Martha, ou a Dalles,⁽²⁾ ou o fato de eu estar sem pátria? Desse modo, poderei omitir o que você indicar num sonho substituto, pois posso encomendar outros sonhos desse tipo.

Martha e Mathilde viajaram ontem à noite; desde então, isto aqui está desolado. A menina teve febre por um dia e meio e suas amígdalas foram pinceladas, mas, no final, ela estava alegre e bem-humorada. Robertchen, a propósito, é adorável.

Com a continuação do [livro do] sonho, há qualquer coisa que não funciona⁽³⁾ (Ida lhe explicará essa palavra). Certo, já cheguei à página 14, mas é impossível publicá-lo, talvez até mostrá-lo a outra pessoa. Um simples ensaio experimental. É terrivelmente difícil expor a nova psicologia no que tange ao sonho; ela é necessariamente fragmentada, e todas as partes obscuras que, num estado de inércia, fui adiando até o momento, reclamam elucidação. Preciso de muita paciência, de um estado de espírito elevado e de algumas boas idéias. Estou emperrado na relação entre os dois sistemas de pensamento; preciso abordá-los com afinco. Mais uma

vez, durante algum tempo, não terei serventia para ninguém. A tensão da incerteza responde por um estado abominavelmente desagradável, que se chega a sentir quase fisicamente.

Meus agradecimentos mais cordiais a sua querida esposa pelas preocupações dela com a ceia — em meu caso, substituída desde longa data por outras similares. A propósito, caso isso lhe interesse em termos de diagnóstico, existe uma relação extremamente tocante de substituição entre minha enxaqueca e meus sintomas cardíacos e coisas parecidas. Desde Reichenau, fiquei novamente sem saber se tenho um *cor* [distúrbio cardíaco]; em vez dele, estou com coriza e a cabeça muito instável. Antes, era o inverso. Portanto, ambas as coisas terão que continuar por algum tempo.

Estou lendo C. F. Meyer com grande prazer. Em *Gustav Adolfs Page*, encontrei duas vezes a idéia de ação retardada: no célebre trecho que você descobriu, que tem o beijo sonolento, e no episódio que envolve o jesuíta que se insinua como professor de Cristininha. Em Innsbruck, eles chegam até a mostrar a capela onde ela se converteu ao catolicismo! Por outro lado, no entanto, não consigo dar o menor sentido à arbitrariedade da pressuposição em que se baseia o enredo. A semelhança das mãos e da voz entre o pajem e Lauenburger, em si mesma, é extremamente improvável e não lhe é dada nenhuma outra razão plausível.

Da próxima vez, um pequeno ensaio sobre *Die Richterin*.⁽⁴⁾

Minhas mais cordiais saudações.

Seu,

Sigm.

(1) Essa é a primeira referência ao único sonho *completamente* analisado n'A *Interpretação dos Sonhos*, que Freud acabou retirando numa deferência às objeções de Fliess. Schur foi o primeiro a assinalar esse fato e a corrigir o engano de Strachey (que se deu porque Strachey não sabia que o sonho fora omitido). Ver Schur (1966, pp. 75-76). O sonho volta a ser mencionado nas cartas de 20 de junho e 23 de outubro de 1898, e também na de 1.º de agosto de 1899. Há algumas esperanças de que ainda exista, embora Anna Freud o considerasse definitivamente perdido. De acordo com o caderno de notas de Marie Bonaparte, quando ela falou com Freud sobre as cartas a Fliess, "ele assinalou que havia cartas faltando: todas as referentes ao rompimento com Fliess ... e uma sobre um sonho relacionado com Martha Freud".

(2) *Dalles* é uma palavra iídiche que significa "pobreza" ou "miséria".

(3) *Es hapert*, um coloquialismo vienense.

(4) Um pequeno romance de C. F. Meyer, datado de 1882.

Viena, 20 de junho de 1898
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Como compensação, algumas coisinhas para você. Martin tornou a ter um sangramento nasal, exatamente no vigésimo oitavo dia, segundo Martha. Também estou-me tornando interessante. Minha cabeça e a sua, evidentemente, apesar de instáveis, são duas cabeças muito diferentes, pois a minha, a despeito de toda a sua labilidade, não me impediu de atravessar uma fase boa. Mas sei fazer uma coisa que você não sabe — substituir as dores de cabeça ou as dores cardíacas por ridículas dores nas costas, que são enganadoramente parecidas com as dores cardíacas, precipitadas pelas mesmas provocações ligeiras, são penetrantes e queimam, e se estendem por várias áreas cutâneas das pernas, do mesmo modo que as dores cardíacas se estendem pelo braço esquerdo. É uma excelente troca, porém!

Voltei esta manhã de Aussee, onde encontrei meus pobres familiares resfriados e totalmente enregelados. Não querem mais voltar a Aussee, apesar das belezas locais. Verifico que há bastante trabalho por aqui até o fim do mês.

Ainda não parei de chorar o sonho perdido. Como que por pirraça, tive recentemente um sonho substituto, no qual uma casa construída com blocos maciços desmoronou (Tínhamos construído uma casa *staatlíches*)(1) e que, por causa dessa conexão, não pôde ser usado.

DIE RICHTERIN |A JUÍZA|

Não há dúvida de que |esse texto| está relacionado com uma defesa poética contra a lembrança de um caso |sexual| com a irmã. É estranho, porém, que esta |defesa| se dê *exatamente* como na neurose. Todos os neuróticos criam o chamado romance familiar (que se torna consciente na paranóia); ele atende, de um lado, à necessidade de auto-enaltecimento e, de outro, |serve| como defesa contra o incesto. Quando a própria irmã não é filha da mesma mãe, fica-se isento de qualquer responsabilidade. (O mesmo se aplica |à situação em que| se é filho de outras pessoas.) De onde vem o material para criar o romance — adultério, filhos ilegítimos e coisas semelhantes? Em geral, os círculos sociais inferiores das criadas. Essas coisas são tão comuns entre elas que nunca nos falta material, e são especialmente propensas a ocorrer quando a própria sedutora foi uma empregada |da casa|. Em todas as análises, portanto, ouve-se duas vezes a mesma história: uma vez como fantasia sobre a mãe; a segunda, como lembrança real da criada. Isso explica por que, em *Die Richterín* — que é, de fato, a mãe —, a mesma história aparece duas vezes, sem modificações, numa composição que dificilmente se encararia como uma boa realização literária. No fim, patroa e empregada jazem mortas, lado

a lado. No fim, a empregada sai da casa, que é como costumam terminar as histórias das criadas, mas, no romance, esse é também o castigo da criada. Essa parte do romance atende ainda à finalidade de vingar-se da rígida *Frau Mama*, por quem se foi possivelmente surpreendido no ato e repreendido. No romance [familiar], como no romance literário, é a mãe que é surpreendida, julgada e desmascarada. O roubo da trombeta⁽²⁾ é uma causa de queixa verdadeiramente infantil e seu reencontro nada mais é do que uma realização de desejo infantil. O estado da irmã, sua anorexia, é precisamente a consequência neurótica do relacionamento [sexual] das crianças, embora, no romance, não seja ao irmão, e sim à mãe, que cabe a culpa. O veneno, na paranóia, corresponde exatamente à anorexia da histeria — e, desse modo, à perversão mais comum entre as crianças. Existe nela até mesmo o pavor de um “espancamento” (o medo do espancamento, como fobia, significa que a criança foi surrada). As lutas, que nunca estão ausentes do amor de uma criança, são também retratadas no romance quando a irmã é atirada de encontro às pedras, mas o motivo disso, em contraste [com o que acontece em outras situações], é a virtude, porque a menininha era insolente demais. O papel do professor é desempenhado pela pessoa de Alcuin. O pai aparece na pessoa do Imperador Carlos, que em sua grandeza está imensamente distante dos impulsos infantis e, numa outra encarnação, [aparece] como a pessoa cuja vida é envenenada pela mãe e que é invariavelmente eliminado no romance familiar, pois é um obstáculo no caminho do filho. (Sonho do desejo da morte do pai.) As brigas entre os pais fornecem o material mais frutífero para os romances da infância. O ressentimento contra a mãe se expressa, no romance, pela transformação dela numa madrasta. Assim, em cada um dos aspectos essenciais, ele é idêntico aos romances de vingança e perdão que meus históricos, quando meninos, inventam sobre suas mães.

A psicologia vai prosseguindo de maneira estranha; está quase concluída, composta como que num sonho e, certamente, com essa forma, nem adequada para publicação, nem feita com esse fim, como mostra o estilo. Sinto-me muito tímido a respeito dela. Todos os seus temas provêm do trabalho com a neurose, e não do trabalho com os sonhos. Não farei mais nada de definitivo antes das férias.

O verão logo se tornará muito maçante. Dê-me notícias depressa sobre você e sua família. Realmente detesto os 25.600 anos.⁽³⁾

Muito cordialmente,

Seu,
Sigm.

(1) Diz Schur (1966, p. 75): “As palavras entre parênteses representam uma das associações de Freud. A palavra ‘staatliches’ é um trocadilho que combina duas palavras: ‘stattlich’ — majestosa, imponente, grandiosa — e ‘staatlich’ —

pertinente ao Estado, às questões públicas, à política.” Mais adiante, Schur afirma que o “trocadilho indica que o principal ponto de desavença no sonho rejeitado deve ter sido alguma coisa ‘política’, provavelmente ligada à alusão de Freud, na carta anterior, a ‘estar sem pátria’”.

No entanto, a frase é, de fato, um jogo de palavras, refrão de uma canção estudantil “entoada em Jena no dia 26 de novembro de 1819, quando da dispersão da associação dos estudantes”. A canção se intitula “Wir hatten gebaut” e o refrão em pauta diz: “Havíamos construído uma casa imponente, e ali colocamos nossa confiança em Deus, apesar do tempo, da tormenta e do medo.” Ela foi citada em Georg Büchmann, *Geflügelte Worte*. Extrai a citação do *Allgemeines deutsches Commersbuch*, de Friedrich Silcher e Friedrich Erk, 16.ª ed. (Estrasburgo: Moritz Schauenberg, 1873), p. 125.

(2) A trombeta da família do conde, que se dizia ter o poder de obrigar os pecadores a confessar.

(3) Sentido obscuro.

Viena, 7 de julho de 1898
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Aqui está. Foi difícil eu me decidir a deixar que saísse de minhas mãos. A intimidade pessoal não teria sido uma razão suficiente; foi preciso também nossa honestidade intelectual um com o outro. Ele segue completamente os ditames do inconsciente, segundo o célebre princípio de Itzig, o viajante dominical: “— Itzig, para onde você vai? — E eu sei? Pergunte ao cavalo.” Não iniciei um só parágrafo sabendo onde ele iria terminar. É claro que [o livro] não foi escrito para o leitor; depois das duas primeiras páginas, desisti de qualquer tentativa de cuidar do estilo. Por outro lado, é claro que acredito nas conclusões. Ainda não tenho a mínima idéia da forma que finalmente assumirá o conteúdo.

Tenho vivido agora numa cômoda preguiça e estou colhendo alguns dos frutos da familiaridade com as coisas históricas. Tudo se vai tornando fácil e transparente. Domingo e segunda, como consultor, vi à distância o campo de batalha de Königgrätz. Ainda não estou indo para Aussee. Finalmente, todos vão bem por lá. Ao menos por uma vez, estou livre das dores; quando me sinto bem, fico terrivelmente preguiçoso.

Não me saí bem com a [obtenção da] fotografia do Arquiduque Francisco Ferdinando [para você]. Não existe nenhuma de perfil; provavelmente, ele não tem nenhuma — deformação. O único consolo é que uma semelhança familiar clara com o velho Este está fora de cogitação. Ele é forçado a usar o título de Este porque a herança de certos Habsburgos, que em dada época reinaram na [Casa de] Este como um ramo paralelo, coube a ele; e se desfará do título e da herança tão logo se torne imperador e, com isso, também o chefe da família. Por outro lado, ele é o sobrinho mais velho do imperador. Se essa informação ge-

nealógica não constituir novidade para você, e se você também puder usar o parvo rosto dele *en face*, avise-me depressa.

O romance mais belo de nosso autor [C. F. Meyer] — e também o mais afastado das cenas infantis — me parece ser *Die Hochzeit des Mönches* [O casamento do monge], que ilustra magnificamente o processo que ocorre nos anos posteriores na formação das fantasias: as novas experiências, na fantasia, são reprojctadas no passado, de modo que as pessoas novas alinham-se com as velhas, que se transformam em seus protótipos. A imagem especular do presente é vista num passado fantasiado, que então se transforma profeticamente no presente.⁽¹⁾ O tema secreto é, sem dúvida, a vingança insatisfeita e a punição inevitável, a que Dante deu prosseguimento na eternidade. No primeiro plano⁽²⁾ — um ligeiro erro de interpretação da consciência, por assim dizer — fica o tema da instabilidade, que passa a predominar quando a pessoa desiste de seus apoios seguros. É provável que seja comum ao tema manifesto e ao latente a característica de passar de um embuste a outro, como se *Die Richterin* fosse a reação às más ações descobertas no passado, enquanto este romance [O casamento do monge] é o eco das más ações que permaneceram não identificadas. O monge é um “frate”, um irmão. É como se ele tivesse construído uma fantasia antes do casamento e quisesse dizer: um *frater* como eu não deve casar-se, para que meu amor da infância não venha a se vingar, mais tarde, em minha mulher.

Minhas mais cordiais saudações a vocês três e 3/4.

Seu,
Sigm.

(1) Essa frase foi erroneamente omitida em *Anfänge e Origins*.

(2) Lottie Newman chama atenção para o fato de Freud ter usado a palavra *vorgeschoben* e, com ela (depois repetida várias vezes), evocado a imagem e a idéia de uma coisa que é transposta (como um cenário móvel) para a frente de alguma outra, que fica assim encoberta.

Aussee, 30 de julho de 1898

Viena

IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Decididamente, você é uma companhia boa demais para mim. Não mereço que me dêem nem mesmo um vislumbre dessas perspectivas. Embora tenha decorrido menos de uma semana desde que me encantei com o Kepler da biologia, já me transformei num completo campônio. Infelizmente, ainda não há nenhum cogumelo, como me convenci numa caminhada de quatro horas e meia pelos bosques do Salzberg; pelo contrário, tem

chovido e estamos congelando — para gáudio de nossos corações! A ciência toda está — quase escrevi “estava” — infinitamente longe de mim, e a minha, é claro, é a mais distante. Com a capacidade de transformar tudo em algo desejável — e ainda possuo alguns remanescentes dessa faculdade —, fico dizendo a mim mesmo |que| isso é bom e comprova a flexibilidade de minha natureza. (Mal consigo escrever, está muito frio).

Robert está com toda razão; ele desconfia de que o dinheiro seja um meio de desacorrentar os escravos; de que se consegue a liberdade em troca de dinheiro, assim como, por outro lado, sacrifica-se a liberdade pelo dinheiro.

Será que você já sabe calcular a data em que o velho Bismarck deve morrer?

Duas viagenszinhas começam a despontar para mim: uma de Landeck, via Engadine, até Chiavenna, e a outra para uma estada em Ragusa. A primeira, dentro em breve; a segunda, em setembro; a primeira, com Minna; a segunda, com Martha. Na verdade, a primeira viagem inspirou-se em seu comentário de que você conhece muito bem a terra onde se passa o *Jürg Jenatsch*. Mas já não consigo lembrar qual é. Graubünden? Certamente, não é o Engadine. Logo, houve um certo deslocamento; caso eu venha a descobrir os nomes certos ao folhear o guia da Suíça, modificarei o roteiro e desfarei o deslocamento. Estou pensando em partir na quinta-feira.

Não se deixe impedir de me escrever sobre as elipses,⁽²⁾ ainda que, no momento, eu mesmo esteja atravessando uma fase tão absurda |de elipses|. Pois cada um deve dar o que tem, sem consideração para com o outro. Estou fazendo a mesma coisa; a falta de constrangimento é o principal atrativo de nossa correspondência..

Gostaria muitíssimo de lhe dar o que você não tem: uma cabeça livre |de dores de cabeça|; mas você sabe que isso não é possível. A incompletude de suas descobertas não me perturba nem um pouco; você bem sabe que não reflito: recebo, desfruto, deslumbro-me e tenho grandes expectativas.

O período de gestação logo estará terminado; em vista do estado de Ida, isso é sem dúvida um consolo para você. Infelizmente, as férias também |terminarão logo|.

Minhas mais cordiais saudações a você e a ela.

Seu,
Sigm.

(1) Cantão de Graubünden, onde o patriota suíço Graubünden teve participação ativa na Guerra dos Trinta Anos. Trata-se, sem dúvida, de uma referência ao romance *Jürg Jenatsch*, de C. F. Meyer.

(2) Ver Schur (1972, p. 151, n. 53).

que eu o veja em setembro e, quanto a escrever sobre o assunto, você só pode dar algumas indicações sob a forma de esboço. Logo, isso terá que esperar por nosso próximo congresso, no qual você fará a primeira tentativa de ensinar a nova ciência, dentro do contexto, a alguém que — falando sério — “é completamente estúpido e esqueceu tudo”. Se eu não estiver em muito má forma no próximo outono, e se as preocupações com minha renda e as análises não me roubarem por completo a exaltação interior, esse congresso deverá ser longo o bastante para permitir que o *Herr* Professor tenha um intervalo para a dor de cabeça entre suas aulas.

Que ando fazendo por aqui? Ficando um tanto entediado em Aussee, onde conheço bastante bem todas as trilhas. Não consigo ficar totalmente desprovido de material. Outorguei a mim mesmo a tarefa de construir uma ponte entre minha metapsicologia embrionária e a que está contida na literatura especializada e, por conseguinte, mergulhei no estudo de Lipps,⁽¹⁾ que suspeito ter a mente mais lúcida entre os escritores filosóficos da atualidade. Até aqui, as coisas vão indo muito bem no tocante à compreensão e à aplicação a minhas próprias hipóteses. Naturalmente, este é um período de poucas explicações. Estou ficando cada vez mais inseguro quanto ao trabalho sobre a histeria; seu valor me parece menor, como se eu tivesse deixado de fora diversos fatores fundamentais, e abomino realmente a idéia de ter que retomá-lo.

Compreendi, finalmente, um pequeno aspecto que eu havia conjecturado que assim fosse há algum tempo. Você sabe como se pode esquecer um nome e substituí-lo por parte de um outro; poder-se-ia jurar que é o nome certo, mas, invariavelmente, está errado. Isso me aconteceu recentemente com o nome do poeta que escreveu *Andreas Hofer* (“Zu Mantua in Banden”). Achei que seria qualquer coisa com *au* — Lindau, Feldau. O nome do homem, é claro, é *Julius Mosen*; o “Julius” não havia escapado a minha lembrança. Pois bem, pude comprovar (1) que eu tinha recalçado o nome Mosen por causa de certas ligações; (2) que o material infantil desempenhou um certo papel nesse recalçamento; (3) que os nomes substitutos empurrados para o primeiro plano foram formados, tal como os sintomas, a partir desses dois grupos de material. A análise foi completa, sem que restasse nenhuma lacuna; infelizmente, não posso expô-la ao público, da mesma forma que não posso expor meu grande sonho. Com respeito ao esquecimento, tivemos uma experiência desse tipo em Berlim (Emil Hammerschlag).

Adeus. Quanto tempo falta para que Paulinchen apareça?

Seu,

Sigm.

(1) Em seu exemplar de *Grundtatsachen des Seelenlebens* (Bonn: Max Cohen, 1883), de autoria de Theodor Lipps (1851-1914), Freud assinalou com dois traços a seguinte linha da página 146: “Wir nehmen vielmehr an, dass unbewusste Vorgänge

Ao que parece, afastado de todas as buscas intelectuais e mal sendo capaz, por exemplo, de entender suas lindas explicações sobre a duração da vida das pessoas idosas, estou basicamente ocupado, no momento, em lamentar que uma parte tão grande das férias já tenha passado. Meu agudo pesar pelo fato de vocês dois estarem presos à cidade neste período é temperado pela idéia de que vocês fizeram uma viagem e de que Ida tem pela frente um belo substituto.

É, eu próprio também andei folheando o Nansen; a família inteira está cheia de entusiasmo por ele; para Martha, os escandinavos (vovó, que está passando uns dias conosco, ainda fala sueco) revivem, obviamente, um ideal juvenil que não se concretizou na vida dela; para Mathilde, que esteve até agora deslumbrada com os heróis gregos, fez-se a transição para os Vikings; e Martin, como de praxe, reagiu aos três volumes de aventuras com um poema nada mau.

Poderei usar a contento os sonhos de Nansen;⁽¹⁾ eles são completamente transparentes. Sei por experiência própria que o estado psíquico dele é típico de quem ousa fazer uma coisa nova e se apóia em sua confiança, e que, por tomar um caminho errado, provavelmente descobre alguma coisa original, mas muito menos do que havia antecipado. Felizmente, a harmonia segura de sua natureza mantém você distante disso.

Escrevi para Chiavenna. Minhas cordiais saudações a você e sua esposa. Ainda não me reconciliei com a distância que nos separa durante a época em que estamos trabalhando e que é tão raramente eliminada durante nossas férias.

Seu,
Sigm.

(1) Ver *A Interpretação dos Sonhos* (S.E. IV:191).

Aussee, 26 de agosto de 1898

Querido Wilhelm,

Ontem chegou de Chiavenna a alvissareira notícia do desvendamento dos mistérios do universo e da vida, de sucessos intelectuais mais lindos do que se poderia sonhar. Quer o caminho até esse objetivo venha a ser curto ou longo — sua intenção de invocar a matemática em seu auxílio parece apontar para a segunda alternativa — sinto que a estrada está aberta para você, e me regozijo mais uma vez por ter-me apercebido, já há onze anos passados, de que era necessário que eu o amasse para enriquecer minha vida. Agora, como vou saber quais elementos se transformaram nos novos elos de ligação? Dificilmente haverá possibilidade de

que eu o veja em setembro e, quanto a escrever sobre o assunto, você só pode dar algumas indicações sob a forma de esboço. Logo, isso terá que esperar por nosso próximo congresso, no qual você fará a primeira tentativa de ensinar a nova ciência, dentro do contexto, a alguém que — falando sério — “é completamente estúpido e esqueceu tudo”. Se eu não estiver em muito má forma no próximo outono, e se as preocupações com minha renda e as análises não me roubarem por completo a exaltação interior, esse congresso deverá ser longo o bastante para permitir que o *Herr* Professor tenha um intervalo para a dor de cabeça entre suas aulas.

Que ando fazendo por aqui? Ficando um tanto entediado em Aussee, onde conheço bastante bem todas as trilhas. Não consigo ficar totalmente desprovido de material. Outorguei a mim mesmo a tarefa de construir uma ponte entre minha metapsicologia embrionária e a que está contida na literatura especializada e, por conseguinte, mergulhei no estudo de Lipps,⁽¹⁾ que suspeito ter a mente mais lúcida entre os escritores filosóficos da atualidade. Até aqui, as coisas vão indo muito bem no tocante à compreensão e à aplicação a minhas próprias hipóteses. Naturalmente, este é um período de poucas explicações. Estou ficando cada vez mais inseguro quanto ao trabalho sobre a histeria; seu valor me parece menor, como se eu tivesse deixado de fora diversos fatores fundamentais, e abomino realmente a idéia de ter que retomá-lo.

Compreendi, finalmente, um pequeno aspecto que eu havia conjecturado que assim fosse há algum tempo. Você sabe como se pode esquecer um nome e substituí-lo por parte de um outro; poder-se-ia jurar que é o nome certo, mas, invariavelmente, está errado. Isso me aconteceu recentemente com o nome do poeta que escreveu *Andreas Hofer* (“Zu Mantua in Banden”). Achei que seria qualquer coisa com *au* — Lindau, Feldau. O nome do homem, é claro, é *Julius Mosen*; o “Julius” não havia escapado a minha lembrança. Pois bem, pude comprovar (1) que eu tinha recalcado o nome Mosen por causa de certas ligações; (2) que o material infantil desempenhou um certo papel nesse recalçamento; (3) que os nomes substitutos empurrados para o primeiro plano foram formados, tal como os sintomas, a partir desses dois grupos de material. A análise foi completa, sem que restasse nenhuma lacuna; infelizmente, não posso expô-la ao público, da mesma forma que não posso expor meu grande sonho. Com respeito ao esquecimento, tivemos uma experiência desse tipo em Berlim (Emil Hammerschlag).

Adeus. Quanto tempo falta para que Paulinchen apareça?

Seu,

Sigm.

(1) Em seu exemplar de *Grundtatsachen des Seelenlebens* (Bonn: Max Cohen, 1883), de autoria de Theodor Lipps (1851-1914), Freud assinalou com dois traços a seguinte linha da página 146: “Wir nehmen vielmehr an, dass unbewusste Vorgänge

allen bewussten zu Grunde liegen und sie begleiten" (Ao contrário, supomos que os processos inconscientes estão na raiz de todos os processos conscientes e que os acompanham.) No alto da página, Freud sublinhou o título: "Wirkungen unbewusster Erregungen im Traume" (Os efeitos dos sentimentos inconscientes nos sonhos).

Aussee, 31 de agosto de 1898

Querido Wilhelm,

Hoje, ao meio dia, partirei com Martha para o Adriático; se vamos ficar em Ragusa, Grado, ou algum outro lugar, será decidido no caminho. "A maneira de enriquecer", segundo um provérbio aparentemente excêntrico, mas sábio, "é vender a última camisa". O segredo dessa inquietação é a histeria. Na inatividade daqui e na ausência de qualquer novidade fascinante, todo esse negócio passou a me oprimir pesadamente a alma. Agora, meu trabalho me parece ter muito menos valor e minha desorientação parece completa; o tempo — mais um ano inteiro se passou sem nenhum progresso palpável na teoria — parece desproporcional àquilo que o problema exige. Além disso, esse é o trabalho em cujo sucesso apostei minha sobrevivência. Claro, os resultados têm sido bons, mas talvez apenas indiretamente, como se eu tivesse usado a alavanca num sentido que realmente cede à linha de clivagem do material;⁽¹⁾ qual é essa alavanca, porém, ainda não sei. Por isso, estou fugindo de mim mesmo para reunir o máximo de energia e objetividade possíveis, porque, na verdade, não posso abrir mão desse trabalho.

As coisas estão indo melhor com respeito à psicologia. Encontrei a essência de meus entendimentos muito claramente explicitada em Lipps, talvez mais até do que eu gostaria. "Quem procura acha, freqüentemente, muito mais do que deseja!"⁽²⁾ A consciência é apenas um órgão sensorial; todo o conteúdo psíquico é apenas uma representação; todos os processos psíquicos são inconscientes. A correspondência entre nossas idéias é estreita também no que concerne aos detalhes; talvez a bifurcação de onde poderão partir minhas próprias idéias novas surja mais adiante. Até o momento, desbravei menos de um terço [do livro dele]. Parei nas "relações sonoras". Isso sempre me aborreceu, porque, nesse ponto, falta-me o conhecimento mais elementar, graças à atrofia de minha sensibilidade acústica. A grande novidade do dia, o manifesto do czar, também me comoveu pessoalmente.⁽³⁾ Anos atrás, diagnostiquei que o rapaz — felizmente para nós — sofre de idéias obsessivas, é excessivamente generoso e "incapaz de suportar a visão de sangue", como Koko na *Mikado*,⁽⁴⁾ que é, ao mesmo tempo, o carrasco-mor. Duas pessoas seriam beneficiadas, se ele e eu nos pudéssemos aproximar: eu passaria um ano na Rússia, retiraria dele apenas o suficiente para ele não sofrer mais e lhe deixaria o

bastante para que não começasse uma guerra. A partir de então, teríamos três congressos por ano, *exclusivamente* em solo italiano, e eu trataria de todos os meus pacientes de graça. A propósito, creio que ele também está agindo por motivos dúbios e que o lado egoísta do manifesto corresponde à intenção de gratificar-se, garantindo a divisão pacífica da China nessa conferência.

A coisa mais inesquecível no manifesto é sua linguagem revolucionária. Se aquelas colocações sobre o militarismo aparecessem em editoriais de jornais democráticos, eles seriam imediatamente confiscados na Áustria; e, na própria Rússia, |o autor| seria enviado à Sibéria.

Cordiais saudações a você, Ida, Robert e Paulinchen, e prometo mandar-lhe outras notícias sobre nossa viagem.

Seu,
Sigm.

(1) A imagem é a de quebrar madeira ou pedra.

(2) Freud usa a mesma expressão numa carta anterior, de 27 de novembro de 1893. Ver a nota 5 da referida carta.

(3) Ver *Origins*, pp. 263-264, n. 1.

(4) Opereta de Gilbert e Sullivan.

Viena, 22 de setembro de 1898

Querido Wilhelm,

Já era tempo, sem dúvida, de eu voltar para casa, mas voltei há apenas três dias e todo o mau humor do estar em Viena já se abateu sobre mim. É um perfeito martírio viver aqui, e isso não é clima em que possa sobreviver a esperança de se concluir alguma coisa difícil.

Gostaria que você fizesse menos caso de minhas habilidades de mestre e que estivesse mais à mão, para que eu pudesse ouvir suas críticas mais amiúde. Não estou de modo algum em desacordo com você, nem tenho a menor inclinação a deixar a psicologia suspensa no ar, sem uma base orgânica. No entanto, à parte essa convicção, não sei como prosseguir, nem teórica, nem terapeuticamente, de modo que preciso comportar-me como se apenas o psicológico estivesse em exame. Porque não consigo encaixá-los |o orgânico e o psicológico| é algo que nem sequer comecei a imaginar.

Um segundo exemplo de esquecimento de nomes resolveu-se com facilidade ainda maior.⁽¹⁾ Não conseguia descobrir o nome do célebre pintor que fez o *Juízo Final* em Orvietto, o maior que já vi até hoje. Em vez dele, ocorreram-me Botticelli e Boltraffio; mas eu tinha certeza de que

estavam errados. Finalmente, descobri o nome — Signorelli — e soube de imediato, sozinho, o primeiro nome, Luca — como prova de que tinha sido apenas um recalçamento, e não um esquecimento genuíno. Foi clara [a razão] por que apenas Boticelli deslocou-se para primeiro plano: só o *Signor* tinha sido recalçado; o Bo, nos dois nomes substitutos, é explicado pela lembrança responsável pelo recalçamento; ela se referia a algo que se passara na Bósnia e que começava pelas palavras: “*Herr* [*Signor*, Senhor], o que se pode fazer a respeito?” Esqueci o nome de Signorelli durante uma viagem curta a *Herzegovina*, que fiz, partindo de Ragusa, em companhia de um advogado de Berlim (Freyhau), com quem comecei a conversar sobre fotografias. Na conversa, que despertou lembranças que obviamente causaram o recalçamento, falamos sobre a morte e a sexualidade. A palavra *Trafio* é, sem dúvida, um eco de Trafoi, que conheci na primeira viagem! Como posso tornar isso crível aos olhos de outrem?

Ainda estou sozinho; o “grupo familiar”, do qual já estou sentindo uma saudade enorme, volta no fim do mês. Uma carta de Gattel, procurando estabelecer contato, insiste em que eu vá a Berlim por causa de um paciente de quem ele irá tratar. É uma dessas situações de concessão que eu poderia usar para visitar você (e a filha nova) outra vez. Mas não se pode conciliá-la com minha dignidade médica e não devo provocar os deuses e os homens com outras viagens, e sim esperar aqui, pacientemente, até que as ovelhinhas se reúnam.

Espero saber de você, dentro em breve, como está-se portando sua filha e — o que me interessa especialmente — como Robert está reagindo à irmã. Soube por aqui que a mamãe tem passado muito bem.

Com as mais cordiais saudações,

Seu,
Sigm.

(1) Ver S.E. III:287-297 e S.E. VI:2-7.

Viena, 27 de setembro de 1898

Querido Wilhelm,

Sua carta exala uma sensação realmente contagiante de bem-estar, que acho que você merece. Com Paulinchen e um pouco de trabalho que vai indo bem, você se esqueceu por completo de escrever sobre sua cabeça, o que, afinal de contas, também me interessa. Se eu tivesse suspeitado de que você poderia valorizar de algum modo a oportunidade que me foi oferecida de ir a Berlim com as despesas parcialmente pagas, não teria recusado. Eu nem sequer sabia que você estava a par do assunto. A situação de não poder hospedar-me com vocês, com Ida confinada ao leito

e a pequerrucha, talvez, exigindo sua atenção, não me deixou nenhum espaço; por outro lado, não me sinto nem um pouco inclinado a facilitar essas meias medidas médicas. Além disso, tive que dizer a mim mesmo que o caso não teria necessariamente nenhum valor para aquelas pessoas e que a probabilidade de Gattel influenciar um velho em sua melancolia não seria aumentada por meu prognóstico. No momento, é-me impossível abandonar o campo de batalha.

Gattel pode contar com meus melhores votos de êxito material; isso há de aprimorá-lo, pois ele me parece ser uma daquelas pessoas que consideram a *noblesse* em primeiro lugar, e só depois a honestidade, como um artigo de luxo, desde que elas tenham atingido um nível de renda mais alto; tais artigos, considerados de custo proibitivo, precisam ser deixados de lado quando a renda delas é mais baixa. Não me parece que você deva contar-lhe tantos de seus assuntos mais íntimos. Além do mais, eu o invejo por isso.

Não estou propriamente só em meu *Katzenjammer(T)* pela viagem adorável, que, a propósito, foi basicamente destinada às mulheres; ao contrário, esta cidade realmente fere a alma e torna a expor tudo aquilo que começara a cicatrizar em dois meses. Entretanto, vou adotar a norma de não mencionar certos assuntos levemente; deve ser muito desagradável ouvir alguém reclamar o tempo todo. Tampouco deixa de me aborrecer o fato de eu não conseguir reagir de nenhum outro modo.

Transformei Signorelli num pequeno ensaio, que enviei a Ziehen (Wernicke). Se eles o rejeitarem, acho que vou retomar uma antiga idéia sua e oferecê-lo ao *Deutsche Rundschau*.

Fiquei encantado com o símile do caminho pedregoso; aceito-o, informando a você que, no momento, estou como um boi numa montanha.⁽¹⁾

Continuo sem ter nada que fazer, isto é, duas horas [de tratamento] em vez de dez. Comecei um caso novo, de modo que o estou abordando sem nenhuma preconceção. No início, é claro, tudo se ajusta lindamente. Um sujeito de 25 anos que mal consegue andar, por causa de rigidez nas pernas, câibras, tremores e assim por diante. Uma salvaguarda contra qualquer erro de diagnóstico é fornecida pela angústia concomitante, que o faz agarrar-se às saias da mãe como o bebê que um dia foi. A morte do irmão e a morte do pai numa psicose precipitaram o aparecimento dos sintomas, que estão presentes desde os 14 anos. Ele se sente envergonhado quando alguém o vê andar dessa maneira e considera isso normal. Protótipo: um tio tabético com quem ele já se identificava aos 13 anos, por causa da etiologia aceita [de tabes] (levar uma vida dissoluta). A propósito, fisicamente, o sujeito é um urso!

Queria observar que a vergonha é apenas acoplada aos sintomas e deve corresponder a outros fatores precipitantes. Ele chegou até a permi-

tir|-me| esclarecer que o tio, afinal, não se envergonha nem um pouco do andar que tem. A ligação entre a vergonha e o andar estava certa anos atrás, quando ele teve gonorréia, a qual, é claro, era perceptível no andar, e também numa época ainda anterior, quando as ereções constantes (sem objetivo) interferiam no seu andar. Além disso, a causa da vergonha estava num nível mais profundo. Ele me contou que, no ano passado, quando eles moravam à margem do rio Wien (no interior), este começou repentinamente a subir; ele foi tomado de um medo terrível de que a água chegasse até sua cama, ou seja, de que inundasse seu quarto, e isso, durante a noite. Faça o favor de reparar na ambigüidade da expressão; fiquei sabendo que o homem tinha o costume de urinar na cama quando menino. Cinco minutos depois, ele me disse espontaneamente que, quando estava na escola, ainda molhava regularmente a cama, e que a mãe o havia ameaçado de contar isso ao professor e a todos os seus colegas de classe. |O rapaz| havia sentido uma angústia terrível. É com isso que se relaciona a vergonha. Toda a história da juventude dele, por um lado, tem seu clímax nos sintomas das pernas e, por outro, libera o afeto relativo a ela, e agora⁽²⁾ os dois se estão juntando em sua percepção interna. Toda a história submersa da infância precisa ser inserida entre os dois.

Ora, uma criança que molha habitualmente a cama até os sete anos (sem ser epilética ou coisa parecida) deve ter experimentado alguma excitação sexual em época mais precoce da infância. Espontânea ou por sedução? Aí está, e isso deve conter também a determinação mais específica no tocante às pernas.

Como vê, se houver necessidade, posso dizer a mim mesmo: "É verdade que sou mais esperto do que todos os pretensiosos...", mas a triste frase que vem a seguir também não deixa de se aplicar a mim: "Vou levando minha gente a me seguir às cegas e vejo que não sabemos coisa alguma."⁽³⁾

Quem é Lipps? Um professor de Munique; em sua terminologia, ele diz exatamente aquilo a que cheguei em minhas especulações sobre a consciência, a qualidade e assim por diante. Eu estava estudando os *Grundtatsachen des Seelenlebens* [Fundamentos da vida da alma], de autoria dele, antes de começar a viajar; agora, preciso reencontrar meu caminho para |o livro|.

Esperamos que as crianças voltem de Aussee nos próximos dias.

Martha está com colite, o que a incomoda muito; está em boas mãos, creio eu, com o Dr. Bloch, por quem tenho grande apreço.

Para concluir, um poema de Martin sobre o festival da igreja em Aussee (mercado):

Entre as belas visões do festival da igreja
Há coisas realmente risíveis!
Um rato verde que corre para trás,
Um macaco com as duas mãos faltando;
Um relógio de estanho que está sempre parado,

Uma peteca com o couro descascado;
 Balas insossas, pequenas e grandes,
 Nas caixas mais encantadoras.
 É, há coisas num festival de igreja;
 E aquele que as possui pode rir-se a valer.

Cordiais saudações a você, Ida, Robert e Paulinchen.

Seu,

Sigm.

- (1) Expressão alemã corriqueira, denotando desamparo.
 (2) A carta original diz *nun*, e não *nur*, como em *Anfänge*.
 (3) Do solilóquio do início do *Fausto*, de Goethe.
 (T) Enjôo, enfado (N. da T.).

Viena, 9 de outubro de 1898

Querido Wilhelm,

O bem-estar que transborda de suas cartas faz bem à gente e é contagiante. Observe como Paulinchen logo se transformará numa reencarnação de sua irmã, ainda que, pelo nome, você a tenha alinhado à outra família.

Meu humor, minha faculdade crítica e as idéias secundárias — em suma, todos os acessórios mentais — foram enterrados sob uma avalanche de pacientes que desabou sobre mim há uma semana. Estando despreparado para isso e depois de ficar mal-acostumado por causa das férias, senti-me, a princípio, como se tivesse sido nocauteado; agora, estou refeito, mas não me resta nenhuma energia. Todas as minhas forças estão concentradas no trabalho com meus pacientes. Os tratamentos começam às nove horas — antes disso, duas visitas breves — e vão até uma e meia; daí até as três, intervalo para horários de consultório, ficando a sala alternadamente vazia e cheia; das cinco às nove, tratamentos outra vez. Estou definitivamente à espera de um novo caso — dez a onze psicoterapias por dia. Naturalmente, fico sem fala e meio surdo à noite. Mas os domingos são quase livres. Mexo com as coisas de um lado para outro, verifico-as e faço alterações aqui e ali; não estou inteiramente desprovido de pistas novas. Caso venha a esbarrar em alguma coisa, você será informado. Metade de meus pacientes compõe-se agora de homens de todas as idades, dos quatorze aos quarenta e cinco anos.

Martha está melhor em termos locais, porém cansada, e não tem uma aparência particularmente boa. Durante o verão inteiro houve um colapso da atividade intestinal, com uma constipação que, ocasionalmente, terminava numa evacuação explosiva, tanto no final, em Aussee, quanto depois, na viagem. As cólicas ocorrem com maior frequência e são mais dolorosas; o apetite dela só fica perturbado nesses períodos; entre eles, é bom. Durante os ataques de cólicas, as fezes são alterna-

damente duras, de aspecto transparente e diarréicas. Agora, ela está bebendo água de Karlsbader e deverá permanecer numa dieta rigorosa, receber enemas de óleo e assim por diante, mas nunca foi uma boa paciente. Não obstante, desde que iniciou o tratamento, não teve nenhum ataque de cólicas.

Mathilde irá para uma escola (particular) este ano. Os menorezinhos vão muito bem.

Ziehen aceitou o pequeno artigo⁽¹⁾ de forma amistosa: o conselho que você me deu parece muito bom; entretanto, antes de pô-lo em prática, preciso de algumas observações novas para esclarecer diversos pontos fundamentais.

Leonardo — não se tem notícia de nenhum caso amoroso dele — talvez seja a mais célebre das pessoas canhotas. Você pode usá-lo?

Minhas mais cordiais saudações.

Seu,
Sigm.

(1) "O Mecanismo Psíquico do Esquecimento".

Viena, 23 de outubro de 1898
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Esta carta pretende chegar a você em sua data mais importante de todas, atravessando a distância para levar-lhe votos de felicidade, meus e de minha família. Esses votos, que — como requer sua natureza, e não a má utilização humana — estão relacionados com o futuro, tem como conteúdo a preservação e o desenvolvimento dos bens atuais, bem como a aquisição de novas riquezas sob a forma de filhos e discernimento; [e] por fim, a evitação de qualquer vestígio de sofrimento e doença que não aqueles de que o homem precisa urgentemente para estimular-lhe os poderes e contrastar com as coisas boas.

Estes são, sem dúvida, bons tempos para você, e sobre eles não é preciso dizer muito. O mesmo aconteceria comigo se, durante a última epidemia de gripe, não me tivesse restado uma infecção que está-me privando de meu bom humor e dificultando a respiração pelo nariz, e cujos efeitos posteriores tenho que recear, sem dúvida.

Martha tem passado muito bem; Mathilde está tolerando e gostando mais da escola do que havíamos esperado. Meus recursos já não estão sendo sobrecarregados pelo trabalho, que vai das nove da manhã às nove da noite; de fato, quando tenho um horário livre, sinto-me desocupado. Mais uma vez, há um tênue lampejo no horizonte, como que a indicar que, neste ano, ficarei em condições de reencontrar meu caminho para

verdade, saindo de erros graves.⁽¹⁾ Até agora, porém, não há nenhuma luz — e não quero falar sobre isso, para não me esgotar antes de nosso encontro, com o qual venho contando há algum tempo.

Não estou suficientemente recomposto, é claro, para fazer qualquer coisa além de, possivelmente, estudar a topografia de Roma, pela qual meu ansio se vai tornando cada vez mais torturante. O [livro do] sonho está inerte, imutavelmente; falta-me o incentivo para terminá-lo para publicação, e o hiato na psicologia, assim como a lacuna deixada pela [retirada da] amostra [de sonho] totalmente analisada, são obstáculos a sua conclusão que não consegui superar até agora. Em outros aspectos, estou completamente só; este ano, desisti até mesmo de dar aulas, para não ter que falar sobre nada que eu mesmo ainda tenho esperança de aprender.

Minha irmã Rosa deu à luz uma menina no dia 18 de outubro; as duas estão passando bem.

Aprendi uma lição, porém, que faz de mim um velho. Se a discriminação dos poucos aspectos necessários à explicação das neuroses implica tanto trabalho, tempo e erro, como posso ter esperança de obter, um dia, a compreensão de toda a atividade mental, que foi em certa época minha orgulhosa expectativa?

Dentro da perspectiva desse reconhecimento, recebi o primeiro volume da *Allgemeine Biologie* de Kassowitz com um sorriso tristonho e invejoso. Não compre o livro; eu lhe mandarei um exemplar.

Com as mais cordiais saudações,

Seu,

Sigm.

(1) Em *Anfänge*, a palavra *zurück*, de importância crucial, foi omitida. Diz o manuscrito: "von schweren Irrtümern den Weg zurück zur Wahrheit zu finden". Freud fala em encontrar o caminho *de volta* à verdade, com a implicação clara de que já dispusera dessa verdade no passado. Da maneira como o texto foi impresso, poder-se-ia supor que Freud estivesse falando da hipótese da sedução como o erro grave, e de sua esperança de ser levado a novas descobertas ao abandoná-la. A tradução de *Origins* contém um erro adicional, dizendo: "Tenho um lampejo de esperança de que, no decorrer do ano vindouro, estarei em condições de encontrar a saída de graves erros em direção à verdade." Entretanto, com o acréscimo da palavra omitida, *zurück*, torna-se mais provável que Freud se esteja referindo à teoria da sedução como correta e esperando que, *neste* ano (e não no ano *seguinte*), possa voltar a essa teoria. Contrariando minha interpretação, porém, existe a carta de 7 de novembro de 1899: "A conquista do ano passado, as fantasias, resistiu ao teste esplendidamente."

Viena, 30 de outubro de 1898
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Depois de ter enviado minha última carta, com os votos de felicidade a você, repreendi-me por me haver desviado da fórmula tradicional,

que visa a erradicar qualquer vestígio final de sofrimento ou doença. Quis parecer racional e dar um lugar e uma função positiva àquilo que, afinal de contas, não se pode evitar. Isso foi absurdo, porque desejar não se torna razoável por nenhuma retificação dessa espécie. Em minha leitura desatenta, passou-me despercebida sua primeira insinuação — a de que você estava planejando entregar-se a novas torturas experimentais — e, por conseguinte, fiquei muito surpreso ao receber a notícia de sua operação logo depois. Agradeço de coração o cuidado que você teve de certificar-se de que as mesmas notícias enviadas a seus familiares também chegassem a mim. A propósito, falei hoje com sua cunhada Marie em pessoa, pois hoje é o primeiro aniversário do pequeno Norbert (que é muito meigo). Agora, espero saber em quanto tempo você superou tudo e, com toda certeza, hei de me convencer de que isso o levou a uma melhora considerável. Se você precisasse de algo além de repouso e eu estivesse com um humor melhor e em melhores condições físicas em geral, teria aproveitado os feriados para fazer uma viagem a Berlim; no entanto, como estou resfriado e absorto em minhas próprias expectativas, não lhe estaria levando nem estímulo, nem satisfação. Estou completamente concentrado num só assunto; felizmente, existe o trabalho e quero saber o que sairá disso. Suas palavras envaidecedoras derramaram raios de sol sobre a situação por um dia, mas logo me pareceram falsas, por causa de sua afeição pessoal por mim e de sua intenção de me consolar.

Não vou perturbá-lo com os assuntos do Gattel e espero que ele também o poupe.

Sem dúvida, você logo estará em condições de ler. O livro de Kassowitz lhe será remetido amanhã. Escreverei cartas breves com maior frequência.

Com as mais cordiais saudações de todos nós a todos vocês,

Seu,
Sigm.

Viena, 6 de novembro de 1898
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Em consequência da solidariedade biológica secreta de que você fala frequentemente, ambos sentimos a faca do cirurgião em nosso corpo aproximadamente ao mesmo tempo e, precisamente nos mesmos dias, gememos e resmungamos por causa da dor; eu, em decorrência de uma dor menor — evidentemente, porque não poderia suportar uma dor maior, como me provou essa amostra. Aprendi que existe aqui uma esfera de sensibilidade

tão rica e diversificada em seus elementos e construção quanto a dos sons ou das cores, embora haja poucas perspectivas de se usar esse material das sensações de maneira semelhante; dói demais.

Em meu caso, tratou-se de um grande furúnculo na rafe escrotal, que me fez lembrar de meu parentesco com você. Mesmo assim, trabalhei o dia inteiro. O número de pacientes continua a aumentar; espera-se que a gente seja bondoso, superior, espirituoso e original, e isso é um tanto difícil neste momento.

Desde ontem, estou passando bem, ou andando bem, e tenho razões para presumir que o mesmo tipo de mudança tenha ocorrido também com você. Espero que me informe, dentro em breve, que sua recente decisão firme, trouxe de fato a melhora desejada. Sei também que, depois de um período de sofrimento, pode-se esperar de você uma nova, grandiosa e bela descoberta.

Meu melhor e mais cordial agradecimento a sua querida esposa e enfermeira. Um dia, preciso ver as crianças e revê-las.⁽¹⁾

E agora, um progresso acelerado!

Seu,
Sigm.

(1) É provável que Freud pretendesse dizer "preciso ver a nova filha e rever o outro".

16 de novembro de 1898
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Já de pé? Há algum tempo, espero. Não tenho visto nem ouvido ninguém; a última carta, a que veio de sua prezada esposa, deixou-me extraordinariamente feliz; causou a impressão de que o pior já teria passado. Acho muito conveniente que os cirurgiões nunca levem em conta a dor que provocam; se o fizessem, é óbvio que não encontrariam coragem para muitas coisas. Ainda estremeço — um eco — diante de seu heroísmo na fase inicial de nossa amizade. Eu não conseguia tolerar coisa alguma.

Passei por uma fase difícil; hoje é o primeiro dia satisfatório, talvez apenas um *intervallum lucidum*. E, em termos comparativos, essas são coisinhas menores que não se devem sequer mencionar. Também não fiquei impedido de trabalhar.

Anseio muito por notícias.
Muito cordialmente,
Seu,
Sigm.

30 de novembro de 1898
IX., Berggasse 19

Meu querido Wilhelm,

É muito irracional de minha parte, e também não o compreendo integralmente, [mas] relato-lhe, como um fenômeno, que estou visivelmente aborrecido com você pelo fato de você estar passando mal. Gostaria muitíssimo de criticar a operação, mas sou incapaz de fazê-lo, pois entendendo muito pouco do assunto; além disso, com minha "raison", é provável que dissesse que você estava certo. Portanto, retire-me dessa situação ridícula, dizendo-me *de verdade* que você está bem e melhorando progressivamente. No Natal, caso você não tenha visitas melhores, quero ir a seu encontro — mas inofensivamente, sem nenhum manuscrito, até mesmo sem qualquer curiosidade de minha parte, simplesmente para vê-lo e conversar com você. Posso hospedar-me com minha irmã, que não mora longe de vocês. Falaremos então sobre tempos melhores, em que poderemos voltar a viajar. Espero que você compreenda que meus furúnculos foram alardeados daquela maneira apenas como coisas deprimentes.

Minhas mais cordiais saudações a você e sua querida esposa.

Sigm.

5 de dezembro de 1898

Querido Wilhelm,

Foi uma surpresa agradável que sua resposta cruzasse com minha carta. É claro, sou partidário da idéia. Tomara que não surja nada que a impeça. Voltaremos então a ventilar mais uma vez, de maneira adequada, o homem interno; em meu caso, ele está precisando; está exibindo algumas *Knetscher*.⁽¹⁾ Quanto ao resto, onde quer que lhe agrade ir, desde que não seja o mesmo lugar em que estivemos antes. Não faço nenhuma proposta hoje pela simples razão de que não tenho conhecimento de nada especial.

Estou com muito trabalho também neste mês, e ele me cansa da mesma forma. Toda sorte de dúvidas sobre a "constituição", que você também levantou. Em vista de sua doença, também abri mão, como você observou, de nossa troca de idéias, em que tantas coisas foram colocadas: um novo sinal de resignação. Vez por outra, tenho ansiado por uma gota forte e doce do sumo das uvas — mesmo que não possa ser um "ponche do Letes"⁽²⁾ — mas fiquei com vergonha de adquirir um novo vício.

A literatura (sobre o sonho) que estou lendo no momento deixa-me completamente embotado. É uma punição terrível para aqueles que escrevem. Nesse processo, tudo o que se tem de próprio se esvai. Muitas vezes, não consigo lembrar-me o que foi que descobri de inédito, já que tudo nessa descoberta é inédito. A leitura vai-se estendendo para diante, sem que haja um fim à vista. Chega disso! Comemorarei a liberação |o fa-

lecimento| de nosso querido C. F. Meyer com a compra dos volumes que me faltavam — *Hutten*, *Pescara* e *Der Heilige*. Creio que agora me equiparo a seu entusiasmo por ele. Mal consegui afastar-me de *Pescara*. Gostaria muitíssimo de saber alguma coisa sobre a história da vida dele e também sobre a sequência de suas obras, da qual preciso para a interpretação.

É bom, porém, saber que você está bem outra vez e fazendo planos, assim como faço “projetos”. A dor é logo esquecida, afinal.

Portanto, até nosso reencontro! Ainda trocaremos algumas cartas antes disso; uma minúscula separata minha chegará a você em Berlim, sem dúvida.

Seu,
Sigm.

Rechnitzer⁽³⁾ não quis que eu recomendasse um rinologista vienense; quer ver você.

(1) Termo iídiche que significa “rugas”.

(2) Ver cartas de 6 de setembro de 1897 e 24 de abril de 1899.

(3) Possivelmente, Leopold Rechnitzer, cujo nome aparece numa relação de membros da Sociedade Psicanalítica de Viena de 1910.

7 de dezembro de 1898

Querido Wilhelm,

Para evitar um terceiro cruzamento [das cartas], estou respondendo pela volta do correio. Acredito em você, como sempre — em que você está diante da perspectiva de tempos melhores — e minha “zanguice”⁽¹⁾ está diminuindo a olhos vistos. Logo, se você vier, e já que obviamente não quer viajar para muito longe, em breve teremos feito a escolha de um local para o congresso. Em Berlim, teríamos menos um do outro; eu me beneficiaria *quo ad* [no tocante a] Paulinchen e minha irmã doente. Quanto a meu lastimável estado de ânimo, que provavelmente não consigo esconder de você, dois outros fatores são responsáveis, além do anteriormente mencionado, que me deixou aborrecido: a monotonia da pesada sobrecarga de trabalho e o tédio pavoroso da literatura sobre os sonhos, que, mesmo assim, precisa ser lida. Pelo menos, ela é uma quebra da rotina. As crianças estão desabrochando e o grupo doméstico passa bem. Viena e as condições daqui são-me quase fisicamente repulsivas. Sem dúvida, isso significa, simplesmente, que a gente está envelhecendo, ficando nervoso, e que a constituição está afrouxando. Ela sempre foi muito passível de revigoramento pelas impressões psíquicas. Por isso, estou *tremendamente* ansioso pelo Natal.

Cumprimente sua esposa e filhos por mim!

Seu,
Sigm.

20 de dezembro de 1898

Querido Wilhelm,

Espero que você me procure ao meio-dia de domingo e me informe quando estará livre. O que mais me agradaria, é claro, é que os dois pudéssemos fugir de Viena, mesmo que [para um local a] apenas meia hora daqui (Baden). Advertido por vários indícios, porém, não ousei propor um "programa" fixo. Sua cabeça, suas preferências e a consideração por sua família serão decisivas. Minha mulher espera ter vocês dois aqui na quarta-feira à noite para uma pequena reunião. Sou mais modesto: tudo o que peço é que você esteja livre na segunda-feira, porque, na terça e daí em diante, suponho que terei que recolocar a cangalha para ganhar os 70 florins que agora precisam ser arrançados todos os dias.

Foi raro três meses de separação que me pareceram tão longos quanto estes últimos. Você não escreveu nada sobre seu estado de saúde, aparentemente para não me magoar. Lá vou eu no hábito de ser menos atencioso.

Ficarei contente em saber de seus planos de demolição e reconstrução; os meus, na verdade, tornaram-se mais modestos. Toda sorte de coisas me desagradam na vida. O *zoon politikon* [animal político] está insatisfeito. Viena é absolutamente intolerável e não consigo suportá-la. É uma tolice todas essas coisas me ocorrerem quando enfim tenho, mais uma vez, uma oportunidade de alegrar-me.

Minha bagatelazinha, "O Quadro de Signorelli" [publicado como "O Mecanismo Psíquico do Esquecimento"], foi publicada em letra de forma, embora ainda não como separata.⁽¹⁾

Não descobri em mim mesmo nenhuma inclinação adicional a trabalhar.

Você vai receber um dos novos poemas de Martin, dedicado ao mês de maio, que começa por versos que a gente pode até cantar:

Os besouros de maio voam num céu azulado,
As flores a espalhar para sempre o mais doce dos aromas...

Ver-nos-emos dentro de poucos dias.

Seu,
Sigm.

(1) S.E. III:289-297.

citar Gattel. No final, retira parte de seu louvor. Mas ainda resta alguma coisa, e não se consegue mais apagar a boa impressão. Devo preparar-me para avisar nosso Oscar, ou será que ainda convém esperarmos um pouco?

Agora, veja só o que acontece. Cá estou eu, vivendo mal humorado e nas trevas, até que você chega; faço meus desabafos; reavivo minha chama vacilante em sua chama sempre firme e volto a me sentir bem; e, depois de sua partida, eis que torno a ter olhos para ver, e o que vejo é belo e bom. Será apenas porque a data especial ainda não chegou? Ou será que um dos muitos dias disponíveis para qualquer fim não poderia ser ajustado à data especial, por meio das influências psíquicas que afetam aquele que espera? Não se deveria reservar um lugar para isso, para que a força |dinâmica| não fosse excluída pelo |elemento do| tempo?

Minhas mais cordiais saudações a você e aos seus.

Seu,
Sigm.

(1) Kris (*Origins*, p. 271, n. 1) sugere que essa seja uma referência ao artigo de Freud de 1899, "Lembranças Encobridoras".

(2) A chapa (ou caderno) impressa tinha, na época, dezesseis páginas.

Fantasia ou Realidade ?

Viena, 16 de janeiro de 1899
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Você há de compreender de imediato o que ocasionou esta carta. Meu trabalho e o siroco deixaram-me em tão mau estado que fui com as duas mulheres ao "Ancora Verde",⁽¹⁾ para buscar minha recuperação numa garrafa de barolo. Acabo de voltar. Todas as espécies de consolo me vieram do vinho e por isso lhe escrevo agora.

Se, depois de falar por dez horas, eu não tivesse tanta preguiça de escrever — como você pode perceber por minha letra irregular — eu realmente poderia compor para você um ensaiozinho sobre os pequenos avanços da teoria do desejo, porque, desde o dia 3 de janeiro, a luz não se extinguiu por completo, nem tampouco a certeza de que pus o dedo num importante ponto nodal. Mas talvez mais valha eu economizar e juntar, para que, em nosso congresso da Páscoa, não volte a me colocar diante de você como um pobre mendigo, sem nada para atraí-lo senão anúncios das coisas que estão por vir.

Umas outras coisinhas de menor importância também deram resultado — por exemplo, [a idéia de] que as dores de cabeça históricas se assentam numa analogia que, na fantasia, equaciona a parte superior do corpo com a inferior (cabelo nos dois lugares — bochechas [*Baken*] e nádegas [*Hinterbacken*]; literalmente, bochechas traseiras — lábios [*Lippen*] e lábios [*Schamlippen*]; literalmente, lábios da vergonha — boca = vagina), de tal modo que um ataque de enxaqueca pode ser usado para representar uma defloração à força, mas, ainda assim, a indisposição toda representa uma situação de realização de desejo. As condições necessárias do sexual vão-se tornando cada vez mais claras.⁽²⁾ Numa paciente (que endireitei com a chave da fantasia),⁽³⁾ havia estados constantes de desespero, com uma convicção melancólica de que ela não servia para nada, era incapaz de qualquer coisa, e assim por diante. Sempre achei que, na

primeira infância, ela havia testemunhado um estado análogo, uma genuína melancolia, na mãe. Isso estava de acordo com a teoria anterior, mas em dois anos não houve confirmação alguma. Agora, ficou constatado que, quando menina de 14 anos, ela descobriu que tinha *atresia hymenalis* [hímen imperfurado] e ficou desesperada [com a idéia de] que não serviria para nada como esposa. Daí a melancolia — medo da impotência. Os estados semelhantes, em que ela não consegue decidir-se pela escolha de um chapéu ou de um vestido, remontam à luta da época em que teve de escolher um marido.

Com uma outra paciente, convenci-me de que existe de fato uma coisa a que se pode chamar melancolia histérica e identifiquei suas características. Observei também como a mesma lembrança aparece nas mais numerosas traduções e tive um primeiro vislumbre de como a melancolia se dá por soma. Essa paciente, ademais, é totalmente anestésica — como seria esperável, segundo uma idéia que remonta ao período inicial de meu trabalho com as neuroses.⁽⁴⁾

Ouvi falar numa terceira mulher, da seguinte maneira interessante: um homem de posição elevada e vasta fortuna (um diretor de banco), com cerca de sessenta anos, veio consultar-se comigo e me falou das peculiaridades de uma moça com quem está tendo um romance. Arrisquei o palpite de que, provavelmente, ela era completamente anestésica. Ao contrário, ela tem quatro a seis orgasmos durante o coito. Mas, à primeira aproximação, é tomada de tremores e, imediatamente depois, cai num sono patológico, durante o qual fala como se estivesse em hipnose e chega a seguir sugestões pós-hipnóticas; [há] uma amnésia completa em relação a tudo isso. Ele pretende casar-se com ela, e ela certamente será anestésica com o marido. Esse cavalheiro idoso, por causa da possível identificação com o pai imensamente abastado da infância da moça, tem, evidentemente, o efeito de conseguir liberar a libido vinculada às fantasias dela. Esclarecedor!

Você recebeu o Palolowurm.⁽⁵⁾ São bons preparativos para o que você tem a dizer.

Finalmente, meus filhos e minha mulher estão bem outra vez. Annerl recuperou-se repentinamente numa dada manhã e, desde então, está adoravelmente atrevida.

Adeus, cumprimente cordialmente sua mulher e filhos e mande-me notícias suas dentro em breve.

Seu,
Sigm.

(1) Um restaurante italiano.

(2) "Die Bedingung des Sexuellen stellt sich immer schärfer und schärfer". Querera Freud dizer que a sexualidade é sempre o fator condicionante da neurose?

(3) A "chave da fantasia" refere-se à crença de Freud em ter descoberto que a chave da neurose não estava nos acontecimentos reais (como as sedução), e sim nas fantasias (por exemplo, de sedução pelo pai).

(4) A teoria primitiva de Freud enfatizava os acontecimentos reais. Aqui, ele diz ter acreditado que a menina havia testemunhado uma depressão real na mãe e se havia identificado com ela. Agora, porém, acha que as fantasias da puberdade (nesse caso, a de que ela não poderia ser esposa) procuram, através da racionalização, experiências anteriores que nunca aconteceram.

(5) Schröter assinala que Fliess menciona esse verme em seu livro de 1906, *Der Ablauf des Lebens* (pp. 308-311).

Viena, 30 de janeiro de 1899

Querido Wilhelm,

Pelo que ouvi dizer, você esteve em Varsóvia. Espero que isso lhe tenha feito bem e que tenha custado muito dinheiro a alguma outra pessoa. Minha demora em escrever explica-se da seguinte maneira: eu havia terminado uma carta dirigida a você há uma semana, pois acreditava ter feito uma verdadeira descoberta. Mas as dúvidas foram-se instalando enquanto eu escrevia; decidi aguardar e tive razão, porque a coisa não estava certa; em outras palavras, havia qualquer coisa ali, mas tinha que ser reinterpretada, com a aplicação a uma área inteiramente diferente.

É provável que você não saiba até que ponto sua última visita me elevou o moral. Ainda estou vivendo às custas dela. A luz não se apagou desde então; os fragmentos de compreensão vão despontando, ora aqui, ora ali — um revigoramento genuíno, comparado à desolação do ano passado. O que está emergindo do caos, desta vez, é a ligação com a psicologia contida nos *Estudos sobre a Histeria* — a relação com o conflito, com a vida: a psicologia clínica, como me agradaria chamá-la. A puberdade tem-se tornado cada vez mais central; a fantasia enquanto chave continua firme.⁽¹⁾ Entretanto, ainda não há nada de grande ou completo. Anoto diligentemente tudo o que vale a pena, de modo a apresentá-lo a você em nosso congresso. Preciso de você como minha platéia.

Para relaxar, estou lendo a *História da Civilização Grega*, de Burckhardt, que me está fornecendo paralelos inesperados. Minha predileção pelo pré-histórico em todas as suas formas humanas continua a mesma.

No dia 8, Mathilde teve outra infecção de garganta, depois da qual perdeu um dente; depois, voltou a crescer e... está péssima. A propósito, a mãe dela teve exatamente a mesma coisa antes do aparecimento de suas menstruações.

3 de fevereiro. Não consegui decidir-me a despachar esta carta, dando-a por encerrada, e estava à espera de algum material novo. Mas não surgiu nada. Tudo está indo agora para as páginas em que faço anotações para nosso congresso, e nem meu interesse, nem minha energia são sufi-

cientes para qualquer outra coisa. Hoje, após doze horas de trabalho e uma renda de 100 florins, estou novamente no fim de minhas forças. Todos os anseios da alma estão adormecidos, isto é, assim como a arte só viceja em meio à prosperidade, também os anseios só vicejam no lazer. Só faço antecipar o que você terá a dizer sobre minhas anotações, que lhe darão uma melhor compreensão do que nunca, embora não haja nelas nada de primeira categoria. De qualquer maneira, sei que você não gosta de fazer planos a longo prazo.

No mais, não há nada de novo por aqui. Aguardo boas notícias suas e de sua mulher e filhos.

Seu,
Sigm.

(1) Essa passou a ser a posição de Freud. A primeira referência publicada a sua mudança de opinião sobre a etiologia das neuroses ocorre numa carta que escreveu a Leopold Löwenfeld, que foi publicada num livro de autoria deste, *Die psychischen Zwangerscheinungen* (Wiesbaden: J. F. Bergmann, 1904), p. 297.

Viena, 6 de fevereiro de 1899
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Primeiro cruzamento! Experimentamos o sentimento que você expressa aproximadamente ao mesmo tempo.

Você não vai passar tão depressa da medicina para os empreendimentos industriais (usina de açúcar); o público há de certificar-se disso. Recebo a notícia com grande prazer. Você sem dúvida tem que conversar comigo sobre Varsóvia.

Não tenho examinado casos do tipo sobre o qual você indagou, simplesmente porque não tenho visto ninguém além de meus pacientes cotidianos, dos quais realmente conseguirei viver por um período inicial muito longo de trabalho.⁽¹⁾ Eles me fornecem o que há de típico; espero não mais precisar incomodar-me com os corolários. Na verdade, lembro-me de casos de tuberculose acompanhados de angústia, inclusive remontando a períodos anteriores, mas eles não me causaram nenhuma impressão especial.

O pobre Schiff, tal como você o apresenta, faz-me lembrar um dos aspectos mais aborrecidos de nossa medicina moderna. A arte de iludir os pacientes certamente não é muito necessária. Mas a que ponto chegou o indivíduo, quão desprezível deve ser a influência da religião da ciência, que teria, supostamente, tomado o lugar da antiga religião, se já não se ousa revelar que é a vez de este ou aquele homem morrer? O espírito de Breuer vive nessas artes. O cristão, pelo menos, recebe o último sacramento algumas horas antes. E Shakespeare diz: "Deves uma morte à Na-

tureza".(2) Espero que, ao chegar minha hora, eu possa encontrar alguém que trate de mim com maior respeito e me diga quando devo estar preparado. Meu pai teve plena consciência disso, não falou sobre o assunto e preservou sua bela compostura até o fim.

Há muito tempo não tínhamos um período tão desprovido de ocorrências externas como o atual. Isso é uma bênção no que tange aos assuntos de família, pois essas novidades raramente são desejáveis. O trabalho vai progredindo lentamente, nunca sem resultados, mas agora, já há bastante tempo, sem nenhuma virada surpreendente. O dossiê secreto está ficando cada vez mais grosso e anseia literalmente por ser aberto na Páscoa. Eu mesmo estou ficando curioso a respeito de quando será possível uma Páscoa em Roma.

Continuo a pensar, com toda a seriedade, numa mudança de profissão e de residência, a despeito de todas as melhoras em minha clínica e minha renda. De modo geral, as coisas estão realmente terríveis. É pena que esses planos sejam tão fantásticos quanto a "Páscoa em Roma". O destino, de resto tão pitoresco e tão ávido de proporcionar novidades e surpresas, simplesmente se esqueceu de seu amigo neste canto solitário.

Recentemente, fui a Spiegelgasse visitar Oscar. Só encontrei Norbert, que me contou uma história comprida que, infelizmente, não entendi; mas ele se portou de maneira muito inteligente, de modo que saí consolado.

Agora, espero que você não aguarde um novo cruzamento [de nossas cartas]. Cordiais saudações a você e toda a sua família.

Seu,

Sigm.

Estou mergulhando a fundo na *História da Civilização Grega*, de Burckhardt.

(1) A frase também poderia significar "que me manterão ocupado por um período bastante longo".

(2) Citado por Freud em alemão. O original diz "Why, thou owest God a death" (I *Henry IV*, 5.º Ato, cena 1).

Viena, 19 de fevereiro de 1899
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Bem, a mesma coisa está acontecendo com você, de modo que não preciso ficar envergonhado. Você também começa no dia 11 cartas que só consegue continuar no dia 16 e, no dia 16, não consegue escrever sobre nada além do trabalho enormemente grande, que é árduo demais para os poderes de um pobre ser humano, que exige cada pensamento que se agita e que consome, gradativamente, todas as outras faculdades e susceptibilidades — uma espécie de tecido neoplásico que se infiltra

no humano e, por fim, o substitui. Minha sina não é muito melhor — nem pior. No meu caso, o trabalho e as atividades lucrativas coincidem; transformei-me completamente num carcinoma. O neoplasma, em seus estágios de desenvolvimento mais recentes, gosta de beber vinho. Hoje, espera-se que eu vá ao teatro; mas isso é ridículo — como uma tentativa de fazer um enxerto num carcinoma. Nada consegue aderir a ele, de modo que, de agora em diante, a duração de minha vida será a do neoplasma.

Minha última generalização se manteve firme e parece inclinada a alcançar proporções imprevisíveis. Não apenas os sonhos, como também os ataques histéricos, são realizações de desejos. Isso se aplica aos sintomas histéricos, mas é provável que se aplique a todos os produtos da neurose, pois reconheci-o há muito tempo na insanidade delirante aguda. Realidade [e] realização de desejo: é desses opostos que emerge nossa vida mental. Creio saber agora o que determina a distinção entre os sintomas que abrem caminho para a vida de vigília e para os sonhos. Para o sonho, basta que ele seja a realização de desejo do pensamento recalcado, pois os sonhos são mantidos à distância da realidade. Mas o sintoma, inserido em meio à vida, precisa ser mais uma coisa: precisa também ser a realização de desejo do pensamento recalcador. O sintoma surge quando o pensamento recalcado e o recalcador se unem na realização de um desejo. O sintoma é a realização de desejo do pensamento recalcador, por exemplo, sob a forma de uma punição; a autopunição é o substituto final da autogratificação, que provém da masturbação.

Essa chave abre muitas portas. Você sabe, por exemplo, porque X. Y. sofre de vômitos histéricos? Porque, na fantasia, ela está grávida, porque é tão insaciável que não consegue suportar ser privada de ter um bebê também de seu último amante na fantasia. Mas também se permite vomitar porque, desse modo, ficará faminta e emaciada, perderá sua beleza e não será atraente para mais ninguém. Portanto, o sentido do sintoma é um par contraditório de realizações de desejo.

Você sabe porque nosso amigo E., a quem você conhece, enrubescer e transpira tão logo depara com alguém de uma determinada categoria de pessoas conhecidas, especialmente no teatro? Ele fica com vergonha, sem dúvida — mas, de quê? De uma fantasia em que aparece como o deflorador de todas as pessoas que encontra. Transpira enquanto deflora, esforçando-se muito nisso. Um eco do sentido [desse sintoma] encontra voz nele, como o ressentimento do derrotado, todas as vezes que ele sente vergonha na presença de alguém: “Ora, essa boboca acha que estou envergonhado. Se eu pudesse levá-la para a cama, ela ia ver só como é pequeno meu embaraço!” E a fase durante a qual ele transformou seus desejos nessa fantasia deixou sua marca no complexo mental que produz o sintoma. Foi a época em que ele estudava latim. O auditório do teatro

o faz lembrar da sala de aulas; ele sempre tenta conseguir o mesmo assento habitual na primeira fila. O intervalo entre os atos é o “respiro” |*Respirium*, recreio| escolar, e a “transpiração” representa o “*operam dare*”(1) daquela época. Ele teve uma discussão com o professor sobre essa expressão. Além disso, não consegue superar o fato de que, mais tarde, na universidade, não conseguiu passar em botânica; agora, leva isso adiante enquanto “deflorador”. Sem dúvida, ele deve a possibilidade de irromper em suores à infância, época em que o irmão derramou água com sabão no rosto dele, numa hora em que ele estava no banho (aos três anos de idade) — um trauma, embora não sexual. E porque será que em Interlaken, quando tinha quatorze anos, ele se masturbou numa posição tão estranha no banheiro? Apenas para poder ter a visão de Jungfrau;(2) e, desde então, nunca chegou a ver outra — pelo menos, *ad genitalia*. Evitou isso intencionalmente, é claro; porque outra razão procura ter romances somente com atrizes? Como isso é “engenhoso” e, não obstante, é bem “o homem com todas as suas contradições”!(3)

Muito cordialmente,

Seu,
Sigm.

(1) “Empenhar todos os esforços”.

(2) Uma montanha da Suíça cujo nome significa, literalmente, a virgem.

(3) Do *Hutten's letzte Tage*, de C. F. Meyer. Diz a citação:

Ich bin kein ausgeklügelt Buch,

Ich bin ein Mensch mit seinem Widerspruch.

A passagem também é citada por Freud em “Análise de uma Fobia num Menino de Cinco Anos”.

Viena, 2 de março de 1899
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

“Do escrever ele se esqueceu por completo”.(1) Porquê? E tendo uma teoria plausível do esquecimento fresquinha na memória, como advertência?

Será que nossas cartas estão-se cruzando novamente? Bem, esta carta ficará aqui mais um dia.

As coisas vão indo quase uniformemente bem para mim. Mal posso esperar pela Páscoa para lhe mostrar com detalhes a parte principal da história da realização de desejos e do pareamento dos opostos. Tenho tido muito prazer com os casos antigos e comecei dois novos, apesar de não serem os mais favoráveis. O terreno da incerteza ainda é enorme, os problemas proliferam e, teoricamente, compreendo apenas uma fração mínima do que estou fazendo. No entanto, a intervalos de poucos dias, as

coisas se tornam mais claras — ora aqui, ora ali; passei a ser modesto e conto com longos anos de trabalho e de uma coleta paciente, com a ajuda de algumas idéias úteis depois das férias e de nossos encontros.

Roma ainda está distante; você conhece bem meus sonhos romanos.

3 de março. Por outro lado, a vida está incrivelmente desprovida de conteúdo. O quarto das crianças e o consultório — nessas ocasiões, não há nada além disso; quando ambos vão bem, é porque se sacrificou o bastante à inveja dos deuses em outros aspectos. Annerl teve um resfriado intestinal e não se está recuperando; nenhuma outra vítima. O tempo muda a cada vinte e quatro horas, passando de tempestades de neve a insinuações de primavera. O domingo ainda é uma bela instituição, embora Martin afirme achar que os domingos estão ficando menos numerosos e mais distanciados. A Páscoa, na verdade, já não está tão longe. Seus planos já foram estabelecidos? Já estou em cócegas para viajar.

Pour revenir a nos moutons.(2) Consigo distinguir em mim, com muita clareza, dois estados intelectuais diferentes. Num deles, preservo muito bem tudo o que meus pacientes me dizem e até invento coisas novas no decorrer do trabalho, mas, fora deste, não consigo pensar nem trabalhar em qualquer outra coisa. No segundo, extraio conclusões, tomo notas e fico até interessado em outros assuntos, mas, na verdade, fico mais afastado das coisas e não presto uma atenção rigorosa ao trabalhar com os pacientes. Ocasionalmente, uma segunda parte do tratamento começa a despontar em mim — provocar os sentimentos deles, da mesma forma que suas associações, como se isso fosse totalmente indispensável. O principal resultado do trabalho deste ano me parece ser a superação das fantasias; elas de fato me atraíram para muito longe do que é real.(3) Ainda assim, todo esse trabalho tem sido muito bom para minha própria vida emocional; aparentemente, estou muito mais normal do que há quatro ou cinco anos.

Desisti de minhas aulas este ano, apesar das matrículas muito numerosas, e não planejo retomá-las em futuro próximo. Tenho pela adulação acrítica dos muito jovens o mesmo horror que costumava ter à hostilidade da geração mais velha. Além disso, a coisa toda não está madura — *nonum praematur in annum*!(4) Os alunos à la Gattel são fáceis de aparecer; no fim, acabam regularmente pedindo para ser tratados, eles próprios. Tenho também um segundo objetivo em mente — a realização de um desejo secreto que talvez amadureça aproximadamente ao mesmo tempo que Roma. Assim, se Roma se tornar possível, desistirei do magistério. Mas, como disse, ainda não estamos em Roma.

Sinto uma falta dolorosa de notícias suas. Será que tem que ser assim?

Muito cordialmente, e com saudações a sua querida esposa,
Seu,
Sigm.

(1) Referência obscura.

(2) Frase muito usada, extraída de *Pathelin*, comédia francesa de um só ato do século XV, de autor desconhecido. O enredo gira em torno de um julgamento que diz respeito a alguns carneiros furtados. O queixoso, que foi tapeado tanto pelo acusado quanto pelo advogado deste num outro incidente, confunde os dois problemas. É constantemente exortado pelo juiz com a frase “*Revenez donc à vos moutons!*” (Volte a falar em seus carneiros!) [Em português, popularizou-se uma locução equivalente, “voltar à vaca-fria” (N. do T.)].

(3) A tradução de Eric Mosbacher, em *Origins*, é: “O aspecto destacado do trabalho deste ano me parece ter sido a solução do problema da fantasia. Deixei-me atrair para muito longe da realidade” (p. 280). Isso é o que se espera que Freud pretendesse dizer (ver carta de 7 de novembro de 1899: “A conquista do ano passado, as fantasias, resistiu ao teste esplendidamente”). Mas o texto alemão não diz isso: “Die Überwindung der Phantasien scheint mir das Hauptergebnis der heurigen Arbeit zu sein; sie haben mich doch weit weg vom Wirklichen gelockt”.

(4) De Horácio: “Fique (o manuscrito) guardado até o nono ano”.

19 de março de 1899
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Terminou, felizmente, uma das três longas semanas que faltam para a Páscoa; ela drenou quase toda a minha reserva de energia. E agora, a expectativa ansiosa: [saber] se alguma coisa irá interferir. Inspecionei Mela hoje; ela parece radiante — e não segundo qualquer data especial. Todas as crianças estão com tosse e se queixam de dor de ouvido. Espero que a gripe não abra as portas para nenhuma outra epidemia. Interpreto o fato de você não escrever como prova de que não está bem; até lá, já se terá recuperado outra vez. Em meu trabalho, tudo está oscilando de um lado para outro, mas não tentarei nada de novo até que o encontro com você volte meus pensamentos para as leis do universo e que o feriado da Páscoa não [?] me torne mais capaz de considerar novos pontos de vista. Não faz muito tempo, assisti ao *Paracelsus*, de Schnitzler; (1) fiquei surpreso ao ver quanto sabe um poeta.

Com expectativa e com as mais cordiais saudações,

Seu,
Sigm.

(1) Referência a uma pequena peça de um só ato que descreve a volta de Paracelso à Basileia, no início do século XVI, e seu encontro com uma mulher, Justina, ainda bela, a quem amou quando estudante. Ela está casada com Cipriano. Paracelso a hipnotiza e, num estado alterado de consciência, ela conta ao marido, Anselmo (um jovem aristocrata prussiano), à irmã Cécilia e a Paracelso a verdade que sempre ocultara: que fora apaixonada por Paracelso e que teria partido com ele, caso ele tivesse voltado para buscá-la; além disso, ela estava prestes a dormir com Anselmo como despedida de sua juventude. A peça, que é um lindo trabalho, versa sobre sonhos, verdade, loucura e amor.

O *Paracelsus* foi publicado em Arthur Schnitzler, *Die dramatischen Werke* (Frankfurt: S. Fischer, 1962), 1:465-498.

Viena, 27 de março de 1899

Querido Wilhelm,

Com que então a segunda das três longas semanas que nos separam da Páscoa já se foi, para nunca mais voltar, e é possível esperar pelo número felizmente pequeno de dias que faltam para nos revermos. O bebê de Mela não é mais um obstáculo; hoje chegou um vento quente; a epidemia parece ter sido afastada; logo, tudo será favorável, sem dúvida. Partirei na sexta-feira à noite e estarei em Innsbruck às 9:30h., alugarei quartos no Sonne ou no Tirolerhof, que é mais elegante, como você preferir, e irei buscá-lo para o almoço, caso você chegue pelo trem expresso das 12:45h. E então dispostemos — e essa é a única sombra — de apenas quarenta e oito horas para nós. Eu conseguiria acrescentar a terça-feira, mas você não pode, por causa do barco em Gênova.

Tomara que o encontre tão bem quanto da vez passada, em Baden! Suas últimas notícias não me agradaram. Você realmente deveria passar os seis meses de seus tratamentos pós-operatórios num ambiente livre de germes.

Sinto-me morto de cansaço todas as noites, mas ainda perfeitamente capaz de me recuperar. Como consequência de chegar [a Innsbruck] algumas horas antes, irei a seu encontro totalmente refeito. Não sei se, nos próximos dias, conseguirei reunir forças para pôr em ordem o material separado para você, ou se, mais uma vez, você terá que se arranjar com fragmentos — a segunda alternativa, ao que me parece. Mas você confirmará, sem dúvida alguma, que começou a alvorecer o dia em minhas trevas desde o outono. Emergi de vários becos sem saída.

Sem dúvida você também ampliará meus horizontes, de modo que conseguirei mais uma vez compreender algo do céu e da terra, além do psicológico. Preciso muito disso.

Minha pequena Annerl está boa de novo, e os outros animais também estão crescendo e pastando adequadamente, mais uma vez. Meu irmão deu um grande passo adiante; tornou-se sócio da empresa da qual, até agora, fora editor.

Essas são as notícias mais importantes. Você se apercebe, sem dúvida, de que já mal consigo escrever. Estou à espera de outro cartão seu e, depois, do congresso de Páscoa em Innsbruck.

Muito cordialmente,

Seu,
Sigm.

13 de abril de 1899
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Faz-me bem imaginar que agora você está passando muito bem e pode desfrutar da lembrança de um belo passado, sem lamentar que ele tenha terminado. Não quero perturbar o idílio dando-lhe nenhuma notícia destoante, por exemplo, sobre minha luta árdua com um trabalho inflexível. Mas, por outro lado, não tenho nada mais a comunicar. Todos estamos bem; ainda estamos à procura de acomodações no campo; minha carga de trabalho não aumentou, como aconteceu antes da Páscoa; sinto-me preguiçoso e bem disposto. Em vista de minha renda decrescente, deixei de lado um plano secreto: o de investigar em setembro o que você me deixou de Nápoles. Se a sorte o desejar, você esbarrará de repente em meu irmão.

Espero receber notícias suas. Por favor, transmita minhas mais cordiais saudações a sua companheira de viagem.

Seu,
Sigm.

24 de abril de 1899
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Obrigado por seu anúncio sobre o néctar; seu lugar de origem, a hora em que foi comprado e a pessoa que o encomendou serão repetidamente apreciados. Já que beber sozinho é apenas um vício, você me permitirá esvaziar um copo por Wilhelm, um por Ida, um por Robert e um por Paulinchen.

Um cartão postal de conteúdo “misterioso” está a sua espera em Florença. Ele faz referência a Innsbruck, como você há de se lembrar. Desde então, tenho estado mal-humorado, aborrecido com meu trabalho e com tudo o que diz respeito a ele. Tempestade de primavera, de acordo com sua concepção certamente otimista — arautos do nascimento. Portanto, beberei alegremente o ponche do Letes.⁽¹⁾

Alexander voltou, também saturado de vinho. Como eu gostaria de escrever aqui sobre algum trabalho que significasse alguma coisa para mim!

Introite et hic dii sunt.⁽²⁾
Ou fui eu que cedi isso a você?

Continue a ter a mais feliz das viagens!

Seu,
Sigm.

(1) Ver nota 1 da carta de 6 de setembro de 1897.

(2) De fato, Fliess usa essa frase! Ver nota 2 da carta de 4 de dezembro de 1896.

Viena, 25 de maio de 1899
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Uma carta alegre vinda de você, contendo mostras de seu bem-estar e a promessa de que tentará fazer uma apresentação inicial de suas fórmulas sensacionais, foi um prazer há muito desejado e um bom presságio para a estação que se aproxima, na qual teremos que trocar cartas por um período de tempo indeterminado. Trago ainda no bolso as instruções sobre como lidar com o “vinho dos deuses”, de modo a poder executá-las fielmente quando chegar o momento.

E agora, minhas novidades. No domingo antes de Pentecostes — 6 semanas, $28 + \frac{2}{2}$ dias desde a enxaqueca em Innsbruck — a depressão branda que predominou no intervalo (incluindo uma nova enxaqueca) cessou por completo, repentinamente e sem nenhuma razão, e cedeu lugar a uma sensação infundada de bem-estar. Os negócios estão em declínio sistemático, descendo o bastante para justificar as mais negras apreensões de Oscar; três novos contatos já foram interrompidos; um quarto, de valor pouco maior, está prestes a fazer o mesmo; antevejo toda sorte de dificuldades, mas continuo no melhor dos estados de ânimo. No dia em que as coisas se modificaram, nós (isto é, Minna e eu) fomos convidados a visitar Oscar e Mela. Gostamos muito de seu amigo Dernburg e permitimos que nossa ira fosse despertada pela avaliação tolerante que ele fez de nosso Lueger.⁽¹⁾ Seu primeiro cunhado, Oscar, e eu o tratamos mal por isso. D. queria convencer-nos de que tudo aqui está indo muito bem, repleto das melhores “possibilidades”, e que estamos sendo injustos em nos queixarmos tão amargamente. Continuo a achar que estamos com a razão. O cardápio de Mela, infelizmente, foi mingüado — couve-flor e galinha, ambas as quais detesto de todo o coração; nenhuma das novas coisas animadoras da estação; meu mulherio sempre afirma que ela tem uma nítida inclinação à avaréza quando recebe visitas. Desde então, porém, voltei a saborear a vida. Usei a semana anterior a Pentecostes para escrever o ensaio sobre as “Lembranças Encobridoras”,⁽²⁾ que estou mandando hoje para Jena. Enquanto o produzia, gostei imensamente dele — o que não é um bom presságio para seu destino futuro. No domingo à noite, fui a

Reichenau, onde minha irmã Rosa⁽³⁾ está passando uns tempos, tendo Mathilde como convidada. Na segunda de manhã, em companhia do cunhado Heinrich, escalei o Rax como nos bons tempos; três horas e meia de subida, duas e meia para descer. Só que o Rax ficou muito mais alto desde a última vez que o escalei, pelo menos uns 500 metros. Meu coração suportou [a escalada] esplendidamente, mas não consegui comer nada no dia seguinte e, até hoje, minhas partes inferiores ainda estão parecendo chumbo, com alguns nós líquidos incandescentes.

Tive oportunidade de encontrar-me com o amigo Gärtner numa consulta com uma família há dez dias. Schiller o descreve apropriadamente (no “Ring des Polycrates”) como “Schaute mit vergnügten Sinnen”.⁽⁴⁾ Depois de ter-se portado lá de maneira incrivelmente tola, ele puxou da roupa seu mais novo punhal, a caminho de casa, e o colocou nas pontas dos dedos...⁽⁵⁾

Gostaria de imaginar que é possível introduzir o [livro do] sonho;⁽⁶⁾ ainda não sei como. Se as coisas continuarem como estão em junho e julho, com dois pacientes e meio por dia, terei que escrevê-lo. O que mais poderia fazer com meu tempo?

Os meninos estiveram doentes outra vez; agora, vestindo seus uniformes, estão brincando no jardim.

Minhas mais cordiais saudações a sua querida esposa e aos dois filhos.

Seu,
Sigin.

(1) Karl Lueger (1844-1910), prefeito de Viena, eleito em 1897.

(2) Publicado como “Über Deckerinnerungen” no *Monatsschrift für Psychiatrie und Neurologie*.

(3) Ver nota 1 da carta de 17 de maio de 1896.

(4) O verso citado por Freud (ele “fitou com prazer”) vem da primeira estrofe da balada de Schiller, escrita em 1797.

(5) Referência obscura.

(6) Na verdade, Freud escreveu “Den Traum will ich ihn [?] beginnen”, o que não faz sentido. É possível que o *ihn* seja *nun*.

Viena, 28 de maio de 1899
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Sim, de fato, ainda estamos vivos, apesar de todas as “cabeças sacudindo”,⁽¹⁾ e pretendemos tirar disso o máximo proveito. Sua exposição deve marcar em vermelho um dia do calendário, pois — e disso você não sabe — foi humanamente impossível lembrar de toda aquela coisa poderosa com base numa comunicação verbal, ou mesmo ter uma visão global

dela. As “Lembranças Encobridoras” estão em Jena, com Ziehen; o vinho chegou e está descansando, conforme suas instruções; mas o |livro do| sonho está tomando forma, de repente, sem nenhuma motivação especial, só que, desta vez tenho certeza dele.⁽²⁾ Decidi que não posso usar nenhum dos disfarces, nem dar-me o luxo de abrir mão de coisa alguma, pois não sou rico o bastante para guardar só para mim minha melhor descoberta e, provavelmente, a única duradoura. Nesse dilema, portei-me como o rabino na história do galo e da galinha. Você a conhece? Um casal que era dono de um galo e uma galinha resolveu celebrar os dias santos assando uma ave, mas marido e mulher não conseguiam decidir-se quanto a qual dos dois sacrificar e, desse modo, voltaram-se para o rabino: — *Rebbe*, que devemos fazer? Só temos um galo e uma galinha. Se matarmos o galo, a galinha vai definhar; e, se matarmos a galinha, o galo vai definhar. Mas queremos comer uma ave no dia santo; rabi, que vamos fazer? E o rabino: — Então, matem o galo. — Mas, nesse caso, a galinha vai definhar. — Sim, é verdade; então, matem a galinha. — Mas, rabi, aí o galo vai definhar. E o rabino: — Pois que definhe!

E assim será com o |livro do| sonho. O fato de que esta Áustria deverá perecer nas próximas duas semanas tornou minha decisão mais fácil. Porque deveria o sonho parecer com ela? Infelizmente, só para assustar, os deuses puseram a literatura |sobre o sonho| antes da exposição. Na primeira vez, fiquei emperrado nela. Desta vez, abrirei caminho à força até o fim; de qualquer maneira, não há nada de importante ali. Nenhum outro de meus trabalhos foi tão completamente meu, meu próprio monte de esterco, meu arbusto e, ainda por cima, uma *nova species mihi*. Depois da literatura, haverá cortes, inserções e coisas parecidas, e tudo deverá estar pronto para o editor no final de julho, quando irei ao interior. É possível que eu tente mudar de editor, caso ache que Deuticke não quer pagar muito pelo livro ou não está muito ansioso por consegui-lo.

As dez análises não têm a menor pressa |de chegar|. Tenho agora duas e meia! Quatro |pacientes| em potencial não se materializaram; no mais, silêncio mortal. Estranhamente, isso me deixa indiferente. Nestes últimos tempos, minha técnica tem sido quase perfeita.

Os meninos apareceram com uma ligeira infecção de garganta após dois dias de febre. Ernst ainda sente muita dor em sua suposta dilatação do estômago; será levado a Kassowitz. Na sexta-feira, elas (Minna e as crianças, exceto Mathilde) vão partir para Berchtesgaden.

Dei um presente a mim mesmo — o *Ilios*, de Schliemann⁽³⁾ — e gostei imensamente do relato da infância dele. O homem ficou feliz ao encontrar o tesouro de Príamo, porque a felicidade só vem com a realização de um desejo infantil. Isso me faz lembrar que não irei à Itália este ano. Até a próxima vez!

Com as mais cordiais saudações a você, mulher, filho e filha,

Seu,
Sigm.

(1) Ver nota 2 da carta de 9 de fevereiro de 1898.

(2) Não "sonhos" (como consta em *Origins*), mas sim "o sonho" -- ou seja, o livro de Freud de 1910, *A Interpretação dos Sonhos*.

(3) Heinrich Schliemann (1822-1890), *Ilios: Stadt und Land der Trojaner* (Leipzig: F. A. Brockhaus, 1881).

9 de junho de 1899
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Um sinal de vida! O "silêncio da floresta"⁽¹⁾ é o clamor de uma metrópole, comparado ao silêncio de meu consultório. É um bom lugar para "sonhar". A literatura contém alguns espécimens que, pela primeira vez, fazem-me desejar nunca ter tido nada a ver com isso. Um deles se chama Spitta (*to spit*⁽²⁾ = vomitar). Já ultrapassei a montanha. Naturalmente, penetra-se cada vez mais fundo nisso e se chega a um ponto em que é preciso interromper. Mais uma vez, a questão inteira se resolve para mim num lugar-comum. Invariavelmente, o sonho visa a realizar *um* desejo que assume diversas formas. É o desejo de dormir! Sonhamos para não ter que acordar, porque queremos dormir. *Tant de bruit...*⁽³⁾

As crianças foram para Berchtesgaden na quinta-feira à noite. Kasowitz não disse nada; disse apenas que não era nada. Depois de comer, Ernstl se queixa: "Dói"; e, nestes últimos dias, foi impossível induzi-lo a comer, porque aí "dói". Martha e Mathilde seguirão no dia 20 de junho. Como estive na Inglaterra e em Hamburgo, já vi um pouquinho do oceano, mas não o bastante.

Comecei a analisar uma amiga (Sra. A.), uma mulher de primeira classe — nunca a mencionei a você? — e, mais uma vez, posso convencer-me de novo de como tudo se ajusta esplendidamente. Afora isso, estou resignado. Tenho o bastante para me manter por mais alguns meses. Estive com Oscar, Mela e Oscar II pouco antes da partida de sua mãe. É estranho que eu não consiga ficar realmente irritado também com o segundo Oscar: é óbvio que ele se parece demais com Ida. Estou afundado na literatura psicológica — |e| isso tem um efeito deprimente em mim, dando-me a sensação de que não sei nada, quando eu pensava ter apreendido alguma coisa nova. Que essa atividade de leitura e abstração não possa ser suportada por mais de algumas horas por dia é outra lástima.

Assim, pergunto-me frequentemente se você de fato, me deu, um bom conselho, ou se devo amaldiçoá-lo por isso. Só há uma compensação possível: você precisa dar-me algo animador para ler em sua introdução à biologia.

Minhas mais cordiais saudações a você e todos os seus.

Seu,
Sigm.

(1) *Das Schweigen im Walde* é o nome de um quadro de Böcklin — uma cena na floresta, com uma mulher montada num unicórnio. A expressão *Dann ist Schweigen im Walde* refere-se à falta de reação a alguma coisa.

(2) *Tant de bruit pour une omelette* [Tanto barulho por uma omelete]. Segundo Voltaire, a frase foi enunciada pelo seu poeta francês Desbarreaux (falecido em 1675).

Viena, 16 de junho de 1899
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Ocasionalmente, de fato reajo com um humor sombrio a períodos como este, em que mal consigo ter duas sessões de trabalho por dia e, para embotar os sentidos, consumo literatura em demasia sobre o sonho, e depois fico sem saber onde estou. Foi por isso que não reagi de imediato a suas notícias alegres e interessantes. Ele é mesmo um italianinho; parte do fogo do vinho italiano há de circular-lhe nas veias — ou então, um toque de beleza grega repousará nos traços dela; em suma, as impressões causadas na mãe não deixarão de ter influência no desenvolvimento [do filho].

O marsala divino já está em nossa mesa, mas só o bebemos às gotas; Martha contou as garrafas e encarregou-se delas, para que, em minha solidão, eu não venha a sucumbir ao consolo da bebida. Mãe e filha partirão na quinta-feira, dia 20. Como todo ano, planejo permanecer aqui até 25 de julho; o dia seguinte é o aniversário de Martha. A perspectiva de encontrá-lo à beira-mar no próximo outono é bem agradável, embora eu receie que, neste ano, minhas asas estejam presas. Mas ainda há tempo até lá. Pela primeira vez, além disso, teremos que estar de volta a Viena no dia 14 de setembro, por causa das crianças que estarão indo para a escola.

O lema não serviu para você. Estou procurando outro. As contribuições de Robert serão aceitas de bom grado.

Fiquei muito surpreso com a carta de L. D.. Não conheço nenhum Dr. Noak, embora ele bem possa ser um “discípulo” meu. Se consegue promover tais mudanças em quatro meses, sabe mais do que seu mestre.

É possível que, em seu simplismo, ele tenha descoberto um caminho mais fácil, ou talvez esteja lidando com gente mais simples.

No domingo, haverá o casamento na casa dos Königsteins. A filha está-se casando com um médico do exército, vindo de Kaschau, na Hungria. Prestaremos assistência o dia inteiro. Eles são os únicos amigos calorosos que temos por aqui. Não quero aproximar-me muito de Oscar; ele se esforça demais por ser cordial em todas as ocasiões, mas é rígido, e você sabe como ele é em outros aspectos; às vezes, você chega até a ser duro demais com ele. Por falar nisso, recebi dele a notícia, que muito me agradou, de que seu tratamento tornou a fazer um grande bem a sua mãe. Sem dúvida, você tem razão sobre a "terapia dos mal-estares".⁽¹⁾ Será que o anúncio de que você está empenhado na pesquisa significa, talvez, em vez de [empenhar-se em] escrever? E um adiamento da data em que poderei ler alguma coisa sua?

Hoje, não pude mais suportar a leitura da *Coscienza nel Sonno*⁽²⁾ [Consciência no sono]. Fomos até o Prater — primeiro ao Urania, para ouvir uma palestra sobre o ferro, e depois ao Krieau para cear. Foi um dia glorioso de começo de verão, mas pouco ensolarado por dentro. Talvez o sonho realizador de desejo esteja sendo arrancado da escuridão.

Com as mais cordiais saudações a você e à pequena família que cresce e prospera,

Seu,
Sigm.

(1) *Beschwerdentherapie*. Sentido obscuro.

(2) Giovanni Dandolo, *La Coscienza nel Sonno: Studio di Psicologia* (Pádua: Angelo Droggi, 1889).

Viena, 27 de junho de 1899
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Muito obrigado pela longa carta, que mal chego a merecer. É minha sina esperar e, resignadamente, desisti de meu hábito de reclamar da distância insuplantável. Espero que o rumo tomado por você o leve ainda mais longe e mais fundo e que, como um novo Kepler, você desvende para nós as regras rígidas do mecanismo biológico. Você realmente tem uma vocação na vida.

Você não mencionou como está sua esposa. Já que é um otimista, e eu, um pessimista, é provável que eu deva extrair disso inferências desfavoráveis, não é? Mas quero adia-las por algum tempo. O fato de

sua sogra estar tão bem é, sem dúvida, um triunfo da razão e uma vergonha para a “aristocracia intelectual” vienense.

Estou cansado e aguardando com muita expectativa os quatro dias, de 29 de junho a 2 de julho, que passarei em Berchtesgaden. O negócio de escrever vai prosseguindo — numa ocasião, consegui escrever um *caderno* [inteiro] num só dia; o capítulo está ficando mais extenso e não será agradável, nem frutífero. Contudo, é um dever prepará-lo. Nesse processo, não passei a gostar mais do assunto.

No dia 25 de junho, Mathilde fez sua entrada na feminilidade adulta, um tanto prematuramente. Ao mesmo tempo, recebi de Martin um poema sobre a viagem — ou, pelo menos, ele chegou na mesma hora — mas é claro que, ao mesmo tempo, tive uma enxaqueca da qual pensei que fosse morrer.⁽¹⁾ Foi a terceira desse tipo, e é absolutamente terrível.

Estou-me acostumando gradativamente com o vinho; parece um velho amigo. Planejo bebê-lo muito em julho.

Amanhã enviarei os primeiros cadernos ao impressor; talvez os outros gostem mais deles do que eu. “Eu não gosto”, parafraseando o Tio Jonas.⁽²⁾ Meus próprios sonhos tornaram-se agora absurdamente complicados. Recentemente, fui informado de que, por ocasião do aniversário de Tia Minna, Annerl disse: “Nos aniversários, sou geralmente um pouco boazinha”. Depois disso, tive o conhecido sonho escolar em que estou na *sexta* [sexta série] e disse a mim mesmo: “Nesse tipo de sonho, a gente está geralmente na sexta série”. Única solução possível: Annerl é minha *sexta* [sexto filho]! Brr...

O tempo anda sórdido. Como vê, não tenho nada para escrever, não estou contente e não quero desviá-lo de suas lindas descobertas falando sobre meus pequenos interesses neuróticos. Portanto, um cordial até breve por hoje!

Seu,
Sigm.

(1) Freud tenta apoiar a teoria de Fliess de que os acontecimentos importantes, como esse (a primeira menstruação de uma mulher), são predeterminados e constituem “datas críticas” em que algo de significativo acontece também com outros membros da família. Freud parece um pouco cansado de todo esse esforço, pois, ao fornecer a Fliess a comprovação trazida pelo poema de Martin, parece aperceber-se, subitamente, de que a data da composição foi a data crítica, e não poderia estar relacionada com a menstruação de Mathilde; daí a substituição capenga por sua própria enxaqueca.

(2) Referência a uma anedota que diz: “— Como está sua mulher? — É uma questão de gosto. Pessoalmente, eu não gosto.” Freud torna a usá-la na carta de 11 de setembro de 1899.

3 de julho de 1899

Querido Wilhelm,

É assustador quando as mães ficam inseguras; elas se interpõem entre nós e nossa morte. Mas depois, a gente escreve e as coisas melhoram; para ambas as mães.

Eu e todos nós estamos especialmente alegres [com o fato de], desta vez, a mãe mais jovem estar passando melhor. A prática deve servir para alguma coisa.

O autor do “livro extremamente importante sobre os sonhos, que, infelizmente, ainda não foi suficientemente apreciado pelos cientistas”, sentiu-se maravilhosamente bem por quatro dias; em Berchtesgaden, *au sein de sa famille* [no seio da família], e apenas um resquício de vergonha o impediu de não lhe mandar *nenhum* cartão postal do Königsee. A casa é uma pequenina jóia de limpeza, solidão e paisagens; as mulheres e crianças sentem-se muito à vontade por lá e estão com uma aparência maravilhosa. Annerl está ficando absolutamente linda, só de malvadeza. Os meninos já são seres humanos civilizados, passíveis de serem apreciados. Martin é um sujeito estranho: sensível e de boa índole em suas relações pessoais, e completamente imerso num divertido mundo próprio de fantasia. Por exemplo, passamos por uma pequena caverna nas montanhas. Ele se abaixou e indagou: “O Sr. Dragão está em casa? Não, só a Sra. Dragão. Bom dia, Sra. Dragão! O Sr. Dragão voou para Munique? Diga a ele que logo virei visitá-lo e vou trazer algumas balas.” Isso foi provocado pelo nome Drachenloch [Cova do Dragão], que fica entre Salzburgo e Berchtesgaden. Oli vai classificando as montanhas daqui, assim como faz com as linhas de trens urbanos e de bondes em Viena. Os dois se dão muito bem, sem ciúme.

Martha e Minna estão agora lendo as cartas de Hehn a um certo Sr. Wichmann e, como você sabe tudo e também morou na Rua Wichmann, elas querem que lhes diga quem foi esse Sr. W. Dei-lhes a entender que você tem coisas mais importantes a fazer no momento.

Você sabe de que essa excursão me fez lembrar vividamente? De nosso primeiro encontro em Salzburgo, em '90 ou '91, e de nosso passeio a pé pelo Hirschbühel até Berchtesgaden, onde, na estação de trem, você foi testemunha de um de meus melhores ataques de angústia de viagens. No livro dos visitantes, no Hirschbühel, você foi descrito, em minha própria letra, como um “especialista universal de Berlim”. Entre Salzburgo e Reichenhall, como de hábito, você ficou cego para as belezas da natureza e, em vez delas, falou com extremo entusiasmo sobre as tubulações dos Mannesmanns.⁽¹⁾ Na época, fiquei um tanto oprimido por sua superioridade; foi algo que senti nitidamente. Além disso, pressenti vagamente uma coisa que só hoje posso expressar: uma vaga noção de que aquele homem ainda não tinha descoberto sua vocação, que, mais tarde, revelaria ser o enquadramento da vida em números e fórmulas. Tampouco havia, na-

quela época, nenhuma idéia da outra vocação, e, se eu tivesse começado a falar sobre a Srta. Ida Bondy, você teria perguntado: — Quem é ela? Queira dar os cumprimentos mais cordiais de minha família à dama em questão.

Seu,
Sigm.

(1) Tubos sem emendas inventados pelos irmãos Mannesmann, industriais alemães.

Viena, 8 de julho de 1899
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Havia em Aussee um poeta popular cujo provérbio ainda citamos freqüentemente: as coisas nunca saem como pretendemos, e sim como bem querem. Eu estava preparado para uma longa separação, depois de Innsbruck, e agora é provável que o veja dentro em breve, embora a ocasião seja altamente indesejável.

Você sabe que duas noites de viagem não são mais difíceis para mim do que, por exemplo, para seu sogro. O mais simples teria sido partir esta noite, se eu não tivesse prometido a Oscar visitá-lo hoje à noite em Hacking,⁽¹⁾ onde (a repetição de) um cancelamento certamente levantaria suspeitas nele. Já que o que está envolvido é algo que vai mudar, penso que não há nada mais justo do que você escolher ou designar o dia. Nem todos os dias serão igualmente adequados para você, ao passo que, para mim, faz muito pouca diferença que seja um dia de semana ou um domingo. Se a questão é de apenas um dia, posso escondê-lo tão bem por aqui que, salvo por Alexander, ninguém reparará em minha ausência.

Sei, é claro, que não poderei fazer muita coisa por você; além disso, o significado psiquiátrico do acontecimento fica diminuído pelo fato de ele ter menos a ver com novas formações psíquicas do que com o declínio físico. Mas estes não são argumentos contra [minha ida]; pelo contrário, você deve informar-me se e quando; afinal, todos os meios de comunicação lhe estarão abertos a partir de amanhã, domingo.

Permita-me agradecer sua participação no [livro do] sonho, anexoando a *prova* da primeira página. É uma sensação estranha, no caso desse filho da aflição! Tenho grandes dificuldades com ele; não consigo suportar mais de duas horas por dia sem convocar a ajuda do Amigo Marsala. "Ele"^(T) me dá a ilusão de pensar que, na verdade, as coisas não são tão sombrias quanto me parecem quando estou sóbrio. O sol também tornou a desaparecer; não me acompanhou na volta de Berchtes-

gaden. Como animal político, tenho na solidão todos os mesmos sintomas. A cada vez que alguma coisa se modifica, sinto-me melhor.

Até breve, então!
Muito cordialmente,

Seu,
Sigm.

(1) Um subúrbio de Viena.

(T) Em lugar do pronome neutro, Freud usa o pronome masculino, assim antropomorfizando o vinho (N. da T.)

13 de julho de 1899
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

No sábado, abençoei minha decisão de adiar [a viagem], quando encontrei o velho na casa de Rie e soube que ele ia viajar para Heringdorf e assim por diante. Minha ida naquele momento teria sido um verdadeiro transtorno para você. Desde então, já se passou muito tempo, e eu não soube de você se e quando devo ir. Naturalmente, estarei pronto a qualquer dia. Não posso acreditar que uma carta se tenha extraviado. Aguardando com impaciência suas notícias,

Muito cordialmente,

Seu,
Sigm.

Viena, 17 de julho de 1899(1)
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Sou realmente muito aberto à tese do *carpe diem*, (T) mas acho que não seguirei de imediato o rumo que você desejaria. Tudo fica diferente, uma vez que você não precisa de mim — e isso, olhado de outro ponto de vista, realmente me agrada. Tenho que levar em consideração que estou cansado e mal-humorado; que mal tenho condições de abrir os olhos e ouvidos tanto quanto certamente merecem suas novas descobertas; que a saudade de minhas “traças” [meus filhos] já está me incomodando imensamente; e que, entre a noite de domingo (ocasião de minha partida) e o aniversário de Martha (para o qual preciso tomar algumas providências em Salzburgo), não há tempo de folga suficiente para que eu passe mais do que um dia com você. Se a necessidade foi eliminada, posso facilmente adiar a viagem até setembro, época em que, mais alerta do que agora, precisarei queixar-me menos com você — pelo menos, vamos esperar que assim seja.

Portanto, não espere por mim agora, a menos — e espero que não seja esse o caso — que haja alguma mudança no estado da querida paciente, em cuja eventualidade você deve simplesmente convocar-me por telegrama.

Ainda preciso cuidar de uns 115 pequenos afazeres aqui; o grande, já terminei. O capítulo 1 do [livro do] sonho foi impresso em letra de forma e está aguardando a leitura da prova. E também minha parte do relatório anual segue hoje para Berlim.

Mais algumas visitas de despedida, arrumações, pagamentos de contas etc., e estarei arranjado. Grosso modo, foi um ano triunfante e que dissipou dúvidas; a única coisa surpreendente é que, quando as coisas há muito esperadas acontecem, já não sentimos prazer nelas. É claro, minha constituição está amolecendo, e quem sabe quão mais distante está Karlsbad⁽²⁾ — e Roma, diria eu. Além de meu manuscrito, estou levando comigo o Lasalle e algumas obras sobre o inconsciente para Berchtesgaden. Desisti — relutantemente — [da idéia de] viajar. Em meus bons momentos, entrego-me a fantasias sobre novas obras, grandes e pequenas. Não apareceu nenhum lema para o [livro do] sonho desde que você matou o [lema] sentimental de Goethe. A referência ao recalçamento é tudo o que vai restar.

Flectere si nequeo superos, Acheronta movebo.⁽³⁾

Os títulos de minhas fantasias são:

A psicopatologia da vida cotidiana

Recalçamento e realização de desejo

(Teoria psicológica das neuropsicoses)

Chega de falar de mim.

Vou a Hacking hoje para me despedir e lá espero receber alguma notícia sobre sua família. Por outro lado, há nisso uma pitada de desapontamento; eu me deixaria de bom grado ser forçado a rever você e seus familiares e, entre eles, a senhoritinha, pela primeira vez.

Os deuses da Antigüidade ainda existem, pois consegui alguns recentemente, entre eles um Jano de pedra que me olha com seus dois rostos com ar muito superior.

Aceite, portanto, minhas mais cordiais saudações, e espero encontrar notícias suas à minha espera em Berchtesgaden.

Seu,

Sigm.

(1) Freud escreveu, por engano, 17.IX.99.

(2) Referência a uma anedota, usada pela primeira vez na carta de 3 de janeiro de 1897.

(3) Lema usado na página-título d'A *Interpretação dos Sonhos*. Ver a carta de Freud de 4 de dezembro de 1896. "Se não posso dobrar os poderes mais altos, moverei as águas do Inferno" (*Eneida* VII:312).

(T) "Aproveita o dia de hoje", primeiras palavras de um verso de Horácio (N. da T.).

Viena, 22 de julho de 1899
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Parto esta noite. Com a aproximação da data especial, tornei-me jovial e alegre. É claro, repreendo-me por não ter ido a Berlim. Você não insistiu com firmeza suficiente. Mas setembro é definitivo, embora eu não esteja inteiramente de acordo com sua programação e preferisse muito mais travar conhecimento com sua geometria — que posso compreender com facilidade bem maior — antes de sua álgebra.

Respondendo a suas perguntas: o aniversário de Martha será na quarta-feira, 26 de julho. Com respeito ao [livro do] sonho, as coisas estão assim: faltava a ele um primeiro capítulo, uma introdução à literatura [especializada], que — a menos que eu esteja muito equivocado — você também me pediu, para que esclarecesse o restante. Ela foi escrita, constituiu uma tarefa amarga para mim e não saiu muito satisfatória. A maioria dos leitores ficará retida nesse matagal espinhoso e jamais chegará a ver a Bela Adormecida⁽¹⁾ por trás dele. O restante, com que você está familiarizado, será revisto, mas não muito drasticamente. Algumas seções que versam sobre a literatura serão retiradas; umas poucas referências específicas à literatura, em que acabei de esbarrar, ficarão espalhadas ao longo do texto; novos exemplos de sonhos serão inseridos a título de ilustração — nenhum deles é grande coisa. Depois, o capítulo psicológico final precisará ser reescrito: a teoria do desejo, que, afinal, fornece o vínculo com o que vem a seguir; algumas hipóteses sobre o sono; um acordo sobre os sonhos de angústia; a inter-relação entre o desejo de dormir e o recalcado. Tudo isso, talvez, sob a forma de alusões.

Agora, não entendo o que é que você quer ver, e quando. Devo mandar-lhe este primeiro capítulo? E depois as revisões sucessivas, antes de remetê-las ao editor? Você estaria assumindo um encargo enorme, sem nenhum prazer, se ainda se preocupasse com isso. Não houve nenhuma mudança quanto às condições de publicação. Deuticke não quis desistir do livro, de modo que decidi não trair de forma alguma a dificuldade que essa decisão representou para mim. De qualquer modo, uma parte do primeiro terço da grande tarefa terá sido cumprida: a de situar as neuroses e as psicoses na [esfera da] ciência, através da teoria do recalamento e da realização de desejo. (1) O orgânico-sexual; (2) o factual-clínico; (3) o metapsicológico nisso. O trabalho está agora no segundo terço; ainda precisamos discutir minuciosamente a primeira parte; quando a terceira (Roma, Karlsbad) tiver sido realizada, ficarei contente em descansar. A confiança que você expressa me é sempre extremamente benéfica e tem tido um efeito estimulante há muito tempo.

E agora, gostaria de receber logo notícias detalhadas sobre você e sua família. Escreverei de B. com a frequência a que me sentir inclinado, e não há de ser raramente.

Com as mais cordiais saudações,

Seu,
Sigm.

Diga a sua querida esposa que o talento observacional dela é brilhante. O pequeno Norbert, a quem voltei a ouvir chorar recentemente enquanto ele era alimentado, é intensamente histérico e apaixonado — mas pelo pai, e não pela mãe, como deveria; ao mesmo tempo, é angustiado, contido e está decididamente atrasado no desenvolvimento da fala. Por falar nisso, não está com uma aparência nada boa e tem sintomas de raquitismo.

(1) Freud usa as palavras *Dornengestrüpp* e *Dornröschen* (literalmente, rosa espinhosa).

Riemerlehen, 1.º de agosto de 1899⁽¹⁾
Viena
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Estou-lhe enviando as primeiras provas do capítulo introdutório (da literatura) em dois envelopes, ao mesmo tempo. Se houver alguma coisa a que você faça objeção, mande-me a página com seus comentários; ainda há tempo de usá-los, até a segunda ou terceira provas. É impossível dizer-lhe o bem enorme que me faz seu vivo interesse nesse trabalho. Infelizmente, esse capítulo se revelará uma dura prova para o leitor.

As coisas são incomparavelmente lindas por aqui; fazemos caminhadas longas e curtas e todos estamos passando muito bem, exceto por meus sintomas ocasionais. Tenho trabalhado na conclusão do livro do sonho num quarto amplo e silencioso do térreo, com vista para as montanhas. Meus deuses antigos e encardidos, de que você faz tão pouco caso, participam do trabalho como pesos de papel para meus manuscritos. A perda do grande sonho que você eliminou será compensada pela inserção de uma pequena coletânea de sonhos (sonhos inofensivos e absurdos; cálculos e discursos nos sonhos; afetos nos sonhos). Apenas o último capítulo, o psicológico, precisa ser reelaborado, e talvez eu cuide dele em setembro e o mande a você sob a forma de manuscrito, ou então... leve-o eu mesmo. Ele está ocupando todo o meu interesse

Por aqui também há alguns cogumelos, embora não muitos, ainda. Naturalmente, as crianças participam da procura deles. O aniversário da

dona da casa foi devidamente celebrado, entre outras coisas, com uma excursão da família a Bartholomäusse [Königssee]. Você devia ter visto Annerl no Königssee! Martin, que vive aqui inteiramente em seu mundo da fantasia, construiu para ele um *malepartus*⁽²⁾ no bosque e disse, ontem: “Na verdade, não acredito que meus chamados poemas sejam bons mesmo.” Não o perturbamos em seu momento de discernimento. Oli está praticando novamente a anotação exata das rotas, distâncias e nomes de lugares e montanhas. Mathilde é um ser humano completo e, é claro, totalmente feminina. Todos eles vão muito bem.

Presumo que você tenha tentado em vão convencer o Padre Pineles de que ambos somos profetas. Por outro lado, ele é um homem simpático, agradável e culto, que se tornou mais chegado a mim por ser parente de um velho amigo meu, o Professor *Herzig*. Ele inalou uma quantidade excessiva de ar clínico, que contém uma multiplicidade de toxinas poderosas. Ouvi dizer que Breuer comentou minha última obra (o esquecimento), dizendo, mais uma vez, que não ficava surpreso com o fato de ninguém fazer caso de meu trabalho, já que eu deixava lacunas daquele tipo. Ele achou que eu deixei de demonstrar como foi que visualizei as ligações entre a morte e a sexualidade. Quando o livro dos sonhos estiver pronto e publicado, ele poderá ficar atônito diante do oposto, pelas indiscrições abundantes. Somente se o acaso me conferir um título (o que é muito improvável) é que ele vai rastejar.

Quanto mais longe fica o trabalho do ano passado, mais satisfeito me sinto. Mas a bissexualidade! É claro que você tem razão quanto a ela. Estou-me acostumando a encarar cada ato sexual como um processo em que há quatro indivíduos envolvidos. Temos muito a discutir sobre esse tema.

Boa parte do que você diz em sua carta me deixa imensamente aflito. Gostaria de poder ajudar.

Dê minhas lembranças mais cordiais a sua família inteira e lembre-se de Riemerlehen, onde estou.

Muito cordialmente,

Seu,
Sigm.

(1) Aparentemente, enquanto esteve fora, em férias, Freud escreveu essa e algumas outras cartas ocasionais no papel timbrado com o endereço de sua casa.

(2) O covil da Raposa Reynard.

B|erchtesgaden|

Riemerlehen, 6 de agosto de 1899

Querido Wilhelm,

Quando é que você não tem razão? Mais uma vez, você pôs em palavras aquilo em que eu vinha pensando vagamente cá comigo: que esse primeiro capítulo é capaz de impedir que uma porção de leitores prosigam para os capítulos subseqüentes. Mas pouco se pode fazer quanto a isso — exceto colocar uma nota no prefácio, que elaboraremos quando todo o restante estiver pronto. Você não queria a literatura no corpo do texto, e estava certo; nem tampouco no começo, e está certo outra vez. Você se sente da mesma forma que eu a esse respeito, o segredo, provavelmente, é que não gostamos nem um pouco dela. Mas, se não quisermos entregar aos “cientistas” um machado com que massacrar o pobre livro, temos que suportá-la em algum lugar. A coisa está planejada segundo o modelo de um passeio imaginário. No começo, a floresta escura dos autores (que não enxergam as árvores), irremediavelmente perdidos nas trilhas erradas. Depois, uma trilha oculta pela qual conduzo o leitor — meu sonho exemplar, com suas peculiaridades, pormenores, indiscrições e piadas de mau gosto — e então, de repente, o planalto com seu panorama e a pergunta: em que direção você quer ir agora?

É claro que não há necessidade de você me devolver as provas que lhe estou mandando. Como você não fez objeção a coisa alguma no Capítulo 1, vou terminá-lo na prova definitiva. Nada mais foi impresso até o momento. Você receberá as provas tão logo elas cheguem, e as partes novas serão assinaladas. Inserir um grande número de sonhos novos, que espero que você não corte. *Pour faire une omelette il faut casser des oeufs.*⁽¹⁾ A propósito, só *humana* e *humaniora*;⁽²⁾ nada realmente íntimo, isto é, pessoalmente sexual. Breuer também foi mantido à distância, tanto quanto possível. Nestes últimos dias, tenho estado muito satisfeito com o trabalho. “Gosto dele”, diz o Tio Jonas,⁽³⁾ o que, segundo a experiência, é um mau presságio para seu sucesso. Com sua permissão, colocarei o sonho do cardápio de Annerl. Substituiremos “mútuo”⁽⁴⁾ por “travessura” |Unart|. Em algum ponto, é realmente preciso considerar a “grandeza” nos sonhos infantis; ela está relacionada com o ardente desejo das crianças de serem grandes, de poderem, ao menos uma vez, comer uma travessa cheia de salada, como o Papai: a criança jamais come o bastante, nem mesmo quando repete. A moderação é a coisa mais difícil para a criança, assim como para o neurótico.

As condições daqui são ideais para mim e me sinto correspondentemente bem. Só faço passeios de manhã e à noite; o restante do dia, sento-me para trabalhar. Um dos lados da casa está sempre deliciosamente ensombrecido, enquanto o outro arde de calor. Posso bem imaginar como estão as coisas na cidade, mas não como vão as “mães” que o estão mantendo acorrentado a Berlim. Seu trabalho parece ter-se transformado

numa pupa para mim; conseguirei apanhá-lo, como a uma borboleta, ou será que ela vai voar alto demais para mim?

Hoje, num domingo esplendoroso, maculado apenas por um cansaço de chumbo, preciso, infelizmente, ir a Reichenhall levar cumprimentos a alguns parentes de minha mulher, vindos de Munique. Afora isso, estou muito sedentário. É verdade, há cogumelos todos os dias. Mas, no próximo dia chuvoso, vagarei a pé até minha amada Salzburgo, onde, na verdade, desencavei algumas antiguidades egípcias da última vez. Essas coisas me deixam de bom humor e falam de épocas e países distantes.

J. J. David⁽⁵⁾ visitou-me diversas vezes em Viena; é um homem feliz e um poeta nada desprezível. Será que Ida conhece algum dos textos dele?

Com as mais cordiais saudações e agradecimentos por sua cooperação no livro *egípcio dos sonhos*,⁽⁶⁾

Seu,
Sigm.

(1) "Para fazer uma omelete, é preciso quebrar os ovos."

(2) "Sobre os homens e suas preocupações."

(3) Ver carta de 27 de junho de 1899.

(4) A leitura de *Mutuale* é duvidosa. N'A *Interpretação dos Sonhos*, Freud examina o egoísmo das crianças e sua ligação com o egoísmo dos sonhos. Inclui o sonho de Robert nessa seção. Aqui, indubitavelmente, há uma referência à frase "Am Abend des Traumtages war er aber unartig" (Na noite do dia em que ocorreu o sonho ele tinha feito uma travessura).

(5) Jacob Julius David (1859-1906) fez uma resenha d'A *Interpretação dos Sonhos* no *Die Nation*. Trata-se de um texto muito bem escrito e, diversamente das críticas mais "científicas", é extremamente favorável. David fala na "busca incumemente honesta da verdade [por Freud]" e no fato de ele produzir em cada pessoa o "estranho sentimento de estar, numa grande parte da vida, entregue a um poder obscuro que, arbitrariamente, faz o que quer de nós, transforma o mais puro dos homens num pecador e aflige a mais pura das mulheres com imagens à simples idéia das quais seu rosto enrubesce de vergonha".

(6) Esse é um chiste de Freud, comparando seu livro à interpretação dos sonhos no antigo Egito.

|Riemerlehen|

Viena, 20 de agosto de 1899

IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Já estou aqui há quatro semanas e lamento que esse tempo adorável esteja passando tão depressa. Dentro de mais quatro semanas, minhas férias terão terminado, e isso não me basta. Trabalho maravilhosamente bem aqui, em paz, sem outras preocupações, num estado de bem-estar

quase total; entre um trabalho e outro, dou uma saída rápida para um passeio e desfrute das montanhas e dos bosques. Você precisa ser indulgente comigo, porque estou completamente imerso em meu trabalho; não consigo escrever sobre mais nada. Estou bem adiantado no capítulo sobre "o trabalho do sonho" e substituí — com vantagem, penso — o sonho inteiro que você cortou por uma pequena coletânea de fragmentos de sonhos. No mês que vem, começarei o último capítulo, o filosófico, que me apavora, e para o qual mais uma vez terei que fazer outras leituras.

A passagem para letra de forma vai progredindo lentamente. Tudo o que chegou eu lhe mandei ontem. Por favor, devolva somente as provas a que você fizer objeções e escreva seus comentários na margem. Mais tarde, quando isso lhe for possível, corrija também quaisquer citações ou referências; não disponho de nenhuma fonte literária aqui, é claro.

Hoje, depois de cinco horas de trabalho, estou com uma espécie de cãibra do escritor na mão. Os molecotes estão fazendo uma barulheira infernal na campina — só que Ernst está acamado, com uma picada aguda de um inseto, como a que Ida sofreu quando estivemos em Reichenau. Desde então, o menino perdeu um dente da frente e vem-se machucando continuamente; está cheio de ferimentos, como Lázaro, mas, ao mesmo tempo, é totalmente imprudente e está como que anestesiado. Atribuo isso a uma ligeira histeria. Ele foi o único a quem a antiga babá tratou mal.

Martha e Minna, ambas muito bem (pelo menos alternadamente), estão no vilarejo neste momento. Alexander passou quatro dias aqui; dará aulas sobre tarifas alfandegárias na Academia de Exportação e receberá o título e a posição de professor adjunto depois de um ano — de fato, muito antes de mim. A bolha de sabão que estourou prematuramente para você teria sido a mais linda de todas. Imagine a alegria de nossas boas-vindas se, ao menos uma vez, pudéssemos ter vocês dois aqui inteiramente para nós, sem nenhum compromisso familiar em parte alguma para sobrecarregá-los! Mais uma vez, não tinha que ser assim. "Tomer doch?"⁽¹⁾ perguntam os judeus nesses casos.

Minha mão recusa-se a funcionar hoje. Mais, muito em breve, e muito cordiais saudações.

Seu,
Sigm.

(1) "Quem sabe, afinal?" em ídiche.

B., 27 de agosto de 1899

Querido Wilhelm,

Muito obrigado; acabo de receber as duas páginas de Harzburgo, que, naturalmente, serão copiadas com exatidão quando as provas revisadas

voltarem para mim. Você terá várias outras oportunidades de marcar em vermelho [alguns] exemplos similares de subjetividade supérflua. O fato de você estar examinando as provas é mesmo uma imensa tranquilidade para mim.

Estou completamente inútil em todos os outros aspectos, o que você compreenderá facilmente. Nada além do [livro do] sonho. Levei ontem para o correio uma pilha de papéis manuscritos (inclusive cinqüenta e seis páginas novas, interpretações de sonhos, exemplos), e já a necessidade do trabalho preparatório para o último e mais espinhoso capítulo, o psicológico, vai-se fazendo sentir; mas ainda não sei como esboçá-lo e organizá-lo. Também devo fazer algumas leituras para ele; os psicólogos, de qualquer modo, encontrarão o bastante para repreender, mas uma coisa como essa só vem à luz da maneira que bem quer. Qualquer tentativa de torná-la melhor do que ela vai saindo por si só lhe confere um caráter forçado. Logo, ela conterà 2.467 erros — que deixarei ficar.⁽¹⁾

Nunca lamentei tanto a brevidade de minhas férias quanto este ano. Dentro de três semanas, elas estarão terminadas; e então começam de novo as preocupações sobre algum negro [sic] aparecer ou não na hora certa para aplacar o apetite do leão, e lá se vai o ânimo de escrever. Além disso, o verão está tão adorável que não se consegue trabalhar o dia inteiro. Portanto, é certo que não vou terminá-lo, o que é uma idéia terrível.

Você encontrará o sonho de Robert mais adiante, na seção sobre o egoísmo nos sonhos. As coisas estão indo muito bem por aqui; é um verão camarada e ininterruptamente lindo. Um pouquinho da Itália seria um final agradável para ele, mas é provável que isso não aconteça.

Que acharia você de dez dias em Roma, na Páscoa (nós dois, é claro), se tudo correr bem, se eu puder arcar com a despesa e se não tiver sido trancafiado, linchado ou boicotado por causa do livro egípcio dos sonhos? Uma promessa de longa data! Travar conhecimento com as leis eternas da vida na Cidade Eterna, pela primeira vez, não seria uma combinação ruim.

Imagino que você já tenha voltado a Berlim; é bom que tenha tido ao menos alguns dias para uma visita a Harzburgo com todos os filhos.

Nenhuma outra correção poderia ter-me deleitado tanto quanto a primeira que você fez — sobre eu ter confundido as datas da supuração.⁽²⁾ Só que isso está narrado no presente; você quer mesmo que eu faça a correção numa nota? Esse me parece ser um excelente exemplo do que se consegue quando não se pára para interromper a cadeia de pensamentos antes de se chegar ao ponto a que leva a explicação. E, naturalmente, todos aqueles borra-tintas e pessoas impotentes nunca dizem uma única palavra a esse respeito.

Você terá que me deixar algum espaço para meu “veneno” nas interpretações dos sonhos. Faz bem à constituição desabafar o que está engasgado.

Minhas mais cordiais saudações; nas próximas semanas, terei que incomodá-lo mais do que o suficiente com minhas remessas postais.

Seu,
Sigm.

(1) Com base numa carta posterior (24 de setembro de 1900), sabemos que Freud pediu a Fliess que lhe devolvesse o *post scriptum* dessa carta (que explicava o número 2.467), razão por que a página não se encontrava entre as cartas guardadas por Fliess. Freud usou o conteúdo n'A *Psicopatologia da Vida Cotidiana* (S.E. VI:242).

(2) Michael Schröter sugere que isso se refere à uma passagem d'A *Interpretação dos Sonhos* (S.E. IV:117) em que Freud, ao analisar o "sonho exemplar" (o da injeção de Irma), menciona Fliess: "Mas ele próprio sofria de rinite supurativa, o que me causava angústia." No texto alemão (G.W. 2/3:122), Freud emprega o presente do indicativo: "Mas ele próprio sofre de supurações nasais" (*Er leidet aber selbst an Naseneiterungen*). Schröter acha que Fliess pediu a Freud que mudasse o verbo de "sofre" para "sofia", para mostrar que a rinite havia passado, que era algo de que ele já não sofria. Curiosamente (e corretamente, já que na época em que o texto foi escrito, isso ainda era verdade), Freud não fez a alteração.

B., 6 de setembro de 1899

Querido Wilhelm,

Hoje é o dia de seu aniversário de casamento, do qual me lembro muito bem. Mas seja paciente comigo por mais um pouco de tempo. Estou completamente mergulhado no [livro do] sonho, escrevendo oito a dez páginas por dia, e acabo de ultrapassar o pior da psicologia — foi mortificante. Não quero nem sequer pensar em como ficou. Você me dirá se pode permanecer como está, mas só nas provas definitivas; ler o manuscrito é um trabalho exaustivo demais e tudo ainda pode ser modificado. No final, acabei mesmo incluindo mais do que pretendia; sempre se faz isso, à medida que se desce mais fundo, mas receio que seja... besteira;(1) ou então, como diria você, *Quatsch* [absurdo]. E aí eles vão realmente cair em cima de mim! Quando a tempestade desabar sobre mim, fugirei para seu quarto de hóspedes. Você, de qualquer maneira, há de encontrar [no livro] algo que elogiar, pois está tão do meu lado quanto os outros estão *contra* mim.

Acabo de receber sessenta [páginas] de provas, que lhe estou mandando pela mesma mala postal. Chego quase a sentir vergonha de explorá-lo dessa maneira, e você não precisará de meus préstimos recíprocos na biologia, pois pode confiar em seu próprio senso de discriminação e está lidando com a luz, e não com as trevas; com o sol, e não com o inconsciente. Mas, por favor, não tente resolver o assunto todo de uma vez; mande-me as provas em que tiver exercido sua censura em diversas bateladas, para que eu receba suas correções antes de despachar as minhas; devolvarei o conjunto completo. Há um volume enorme de material novo,

que assinalarei para você a cores. Evitei a sexualidade, mas a sujeira é inevitável e pede para ser humanamente tratada. Não se incomode com os erros comuns de impressão, mas, se encontrar erros nas citações, problemas estilísticos ou símiles precários, assinale-os, por favor. Oxalá alguém me pudesse dizer se existe algum valor real nessa coisa toda!

Aqui tem estado adorável; talvez eu ainda consiga arranjar alguns dias livres. Meu estilo, infelizmente, tem estado ruim, porque me sinto bem demais fisicamente; tenho que estar-me sentindo um pouco mal para escrever bem. Mas, agora, vamos a outras coisas. Todos por aqui vão bem; crescem e progridem, a pequerrucha mais do que todos. Não gosto de pensar na estação vindoura.

Nada mais por hoje; o resto é sempre o mesmo. Cordiais saudações e obrigado.

Seu,
Sigm.

Você conhece David? E a história de 1859-1866, de Friedjung?(2)

(1) Stuss, coloquialismo iídiche.

(2) Heinrich Friedjung (1851-1920) é considerado por muitos o maior historiador da Áustria. *Der Kampf um die Vorherrschaft in Deutschland, 1859 bis 1866* foi publicado em alemão, pela primeira vez, em dois volumes, no ano de 1897. A. J. P. Taylor escreveu que é, "indubitavelmente, a maior obra de Friedjung, pois nela [o autor] combinou a precisão e o dom da narrativa vívida, que marca toda a sua obra, com uma profunda compreensão emocional de ambas as partes empenhadas na luta". Ver a introdução de Taylor em inglês, em um volume, intitulada *The Struggle for Supremacy in Germany, 1859-1866*, traduzida e sintetizada por Taylor e W. L. McElwee (Londres: Macmillan, 1935).

B., 11 de setembro de 1899

Querido Wilhelm,

Meus agradecimentos sinceros por seus esforços. Eu próprio já havia reparado em alguns trechos descuidados e em alguns que provocavam confusão, por causa de omissões, mas os outros aperfeiçoamentos serão fielmente transcritos. *Der Vierundzwanzigste Februar* [O 24 de fevereiro] é uma tragédia da fatalidade, de Houwald.⁽¹⁾ Infelizmente, mais um pacote contendo trinta [páginas de] provas está sendo despachado hoje, e de modo algum é o último.

Terminei, isto é, o manuscrito inteiro foi remetido. Você bem pode imaginar em que estado me encontro e o aumento de minha depressão normal depois da elação. Talvez você não leia o *Simplicissimus*, de que desfruto regularmente. Nele, há uma conversa entre dois amigos do exército: "— Então, companheiro, quer dizer que você ficou noivo; sua noiva,

sem dúvida, é encantadora, bonita, espirituosa e meiga, não é? — Bem, isso é uma questão de gosto; *eu não gosto dela.*” É exatamente assim que me sinto agora.⁽²⁾

No tocante à psicologia, vou confiar em seu julgamento |para saber| se devo revisá-la mais uma vez, ou correr o risco de deixá-la em sua forma atual. O material onírico em si, acredito eu, é inatacável. O que me desagrada nela é o estilo, que foi totalmente incapaz de uma expressão digna e simples e resvalou para circunlóquios espirituosos no esforço de buscar as metáforas. Sei disso, mas a parte de mim que o sabe e sabe como avaliá-lo é, infelizmente, a parte que não produz.

Certamente é verdade que o sonhador é arguto demais, mas isso não é culpa minha, nem contém nenhuma recriminação.⁽³⁾ Todos os sonhadores são igual e insuportavelmente argutos, e precisam sê-lo, porque estão sob pressão e porque a via direta lhes está barrada. Se você achar necessário, incluirei uma observação nesse sentido em algum lugar. A evidente argúcia de todos os processos está intimamente relacionada com a teoria do chiste e do cômico.

As notícias sobre sua mãe e seu trabalho me agradam muitíssimo. Quando poderei ouvir alguma coisa sobre o segundo? Ao que parece, dentro em breve, se você está de fato antevendo a conclusão do primeiro rascunho. Mas, nesse caso, desde o comecinho, sem fazer nenhuma presunção!

Devo ir a Berlim? Continuo hesitando. Estou profundamente deprimido e me revitalizaria de bom grado, mas não sei de coisa alguma que pudesse atrair-me, exceto Berlim. A Itália fica longe demais e o tempo é curto demais. Aqui, o outono já se instalou. Os contrafortes estão cobertos de neve. Sinto-me como costume ficar depois de uma partida sua após um encontro curto demais. Detesto Viena e a detestaria três vezes mais ao voltar de Berlim. *Meschugge*, como você está vendo; e, no momento, estou obviamente insuportável, só saberia falar de sonhos e ainda chegaria aí cedo demais para a revelação da vida.⁽⁴⁾ Portanto, deixe-me continuar hesitando por algum tempo. De qualquer forma, eu só poderia ir depois de 15 de setembro, por causa de nosso aniversário de casamento.

O resultado |do caso Dreyfus| na França também me entristeceu e amargurou. Há que se render homenagem à ação do governo alemão! Não há dúvidas quanto ao lado em que está o futuro.

Todos os Breuers estão aqui. Até o momento, só nos encontramos uma vez. Espero que seja só isso.

Transmita a sua querida esposa e filhos minhas mais cordiais saudações. Talvez nos vejamos, de fato.

Seu,
Sigm.

(1) Ernst Christoph von Houwald (1778-1845) escreveu várias dessas tragédias, nas quais alguém morre em decorrência de um crime do passado, que muitas vezes envolve incesto ou parricídio. Essas peças foram particularmente populares durante o movimento do Romantismo na Alemanha. A peça a que Freud se refere aqui foi escrita, na verdade, por Z. Werner, em 1809.

(2) Dialeto berlinense. Em *Anfänge*, o texto foi incorretamente impresso e omite o *jetzt*. Ver nota 2 da carta de 27 de junho de 1899.

(3) O manuscrito diz *involviert*, e não *motiviert*, como aparece em *Anfänge*.

(4) A expressão em alemão é *Enthüllung des Lebens*. Talvez se trate de uma referência às teorias de Fliess, ou então ao nascimento do filho dele.

B., 16 de setembro de 1899

Querido Wilhelm,

Não recebo notícias suas há muito tempo, mas não se pode dizer que a culpa seja sua. É provável que você também estivesse esperando notícias minhas, especialmente uma decisão sobre minha ida. Bem, você sabe o que aconteceu. Mais uma vez, ficamos completamente isolados do mundo por vários dias; agora, podemos pelo menos comunicar-nos por telegrama, mas não vimos nenhum jornal desde a manhã de quarta-feira e os trens continuam a circular com pouca frequência, e não sem riscos.

Posso revelar-lhe minha intenção, agora que se tornou impossível pô-la em prática. Em minha última carta, fiz com que minha ida parecesse mais duvidosa do que realmente a considerava. Na verdade, eu tinha feito planos de partir daqui para Munique na manhã de sexta-feira (quinta-feira era nosso aniversário de casamento) e de ir de Munique para Berlim no sábado, fazendo-lhe uma visita de surpresa no domingo. Ao mesmo tempo, Minna iria visitar a mãe dela em Hamburgo. Em Munique, ainda estaríamos juntos. E aí vieram os cinco dias de chuva, a notícia de que todas as conexões entre B. e Salzburgo, B. e Reichenhall, Reichenhall e Munique etc. etc. estavam interrompidas em vários lugares, e assim o lindo projeto teve de ser abandonado. Foi a segunda vez que as enchentes interferiram numa reunião nossa. Preciso levar em conta que só poderei chegar a Viena através de um longo desvio e quero tentar fazê-lo na terça-feira de manhã. Já fomos informados do primeiro acidente desde o reinício da operação dos trens, através de uma edição especial do *Berchtesgaden Anzeiger*.

Assim, este adorável verão teve um péssimo final. Naturalmente, não aconteceu nada conosco (o “naturalmente” se refere à localização de nossa casa); tampouco aconteceram muitas coisas em Berchtesgaden. Mas as estradas estão totalmente destruídas. Ontem, fui a pé (quatro horas; intransponível de carruagem) até Salzburgo, algumas partes da qual estão alagadas.

Na verdade, ainda não superei meu mau humor (que, desta vez, foi imenso, depois de concluir o manuscrito — e que decerto não foi sim-

plcsmente pretextado para facilitar a surpresa) — mas, como sempre acontece nessas situações, resignei-me e coloquei-o de lado. Também fui interrompido enquanto corrigia as provas. O outono começou mesmo, e Breuer está tão preso aqui quanto eu, de modo que estamos fadados a encontrar-nos diariamente, e nessas ocasiões as senhoras de ambos os lados dão grandes demonstrações mútuas de ternura. Mais uma razão para se querer estar em algum outro lugar. Se eu não previsse uma temporada precária e não estivesse ainda mais intolerante para com Viena, em vista dos dois fatores [?] da Alemanha, estaria ainda mais irritado com a extensão de minha permanência aqui.

Não sei prever quando você de fato receberá esta carta. Seja como for, não me escreva mais para cá e sim me avise, em Viena, se a melhora da saúde de sua prezada mãe prosseguiu e como estão você e toda a sua família. De Viena, logo terei que inundá-lo com mais outras remessas postais, entre as quais estará também uma nova separata (“Lembranças Encobridoras”), que espero receber em setembro.

Assim, mais uma vez, o viajante rumo a Roma-Karlsbad que espera encontrar-se com você em seu destino não está muito esperançoso. Mas você já está muito acostumado com isso em mim, assim como estou habituado a encontrar em você o estado de ânimo inverso.

Com as mais cordiais saudações,

Seu,
Sigm.

Viena, 21 de setembro de 1899
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Aqui estou eu, após uma viagem terrível de trinta e duas horas pela água, novamente sentado no lugar de costume, com sete cadernos de provas diante de mim e nenhuma novidade médica, e calorosamente recebido por sua amável carta e as boas notícias [que trouxe]. Encontro no reavivamento de nossa correspondência uma espécie de substituto para nosso encontro malogrado e espero que você também pense muitas vezes nos vivos enquanto escava os mortos. Como você conjecturou acertadamente meu mau humor me desertou — não depois de uma enxaqueca, e sim após uma agradável sucessão de estados similares. Não obstante, creio que minha autocrítica não foi totalmente injustificada. Em alguma parte dentro de mim há um gosto pela forma, uma apreciação da beleza como uma espécie de perfeição; e as frases tortuosas de meu livro do sonho, com seu desfile de orações indiretas e olhadelas oblíquas para as



Wilhelm Fliess na velhice,
ao aproximar-se a época de sua morte, em 1928.



Joseph Breuer e a esposa, Mathilde.
A primeira filha de Freud recebeu seu nome
em homenagem à Sra. Breuer.

idéias, ofenderam profundamente um de meus ideais. Tampouco estou inteiramente errado em encarar essa falta de forma como um indício de domínio insuficiente do material. Você deve ter sentido exatamente a mesma coisa, e sempre fomos francos demais entre nós para que qualquer um precise fingir diante do outro. O consolo está na inevitabilidade: |o livro| simplesmente não saiu melhor do que isso. Entretanto, lamento ter que sacrificar meu leitor favorito e melhor dentre todos entregando-lhe provas, pois como se pode gostar de uma coisa que se tenha que ler nas provas? Infelizmente, não posso prescindir de você como representante do Outro — e, mais uma vez, tenho outras sessenta páginas para você.

E agora, vamos a mais um ano desta vida estranha, em que o bom humor de uma pessoa é, sem dúvida, a única coisa de real valor. O meu é oscilante; mas, como vê, tal como diz o brasão de nossa querida Paris, |ele|

Fluctuat nec mergitur.⁽¹⁾

Uma paciente com quem venho combinando |um tratamento|, um “peixinho dourado”, acaba de se fazer anunciar — não sei se devo recusá-la ou aceitá-la. Meu humor também depende muito intensamente de minha renda. O dinheiro é gás hilariante para mim. Desde a meninice, sei que, uma vez laçados, os cavalos selvagens dos pampas preservam uma certa ansiedade pela vida afora. Assim, conheci o desamparo da pobreza e passei a temê-lo continuamente. Você verá como meu estilo vai melhorar e minhas idéias serão mais corretas se esta cidade me proporcionar um meio farto de subsistência.

Desta vez, você não se está dando o trabalho de verificar as citações e coisas semelhantes, não é? Disponho novamente de todos os auxílios literários necessários. Minha realização central na interpretação aparece na parcela |anexa|: os sonhos absurdos. É surpreendente a frequência com que você figura neles. No sonho *non vixit*, sinto-me deleitado por ter sobrevivido a você; não é terrível sugerir uma coisa dessas, isto é, ter que explicitá-la a todos aqueles que compreendem?

Minha mulher e as crianças vão ficar em Berchtesgaden até o fim de setembro. Ainda não fui apresentado a Paulinchen.

Minhas mais cordiais saudações.

Seu,
Sigm.

(1) “Oscila nas ondas, mas não afunda.”

Viena, 27 de setembro de 1899
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Para registrar:

11 de set.º — mau humor inexplicável
12 de set.º — debilidade cardíaca, com dor de cabeça branda
14-18 de set.º — dias ruins, humor instável; fadiga cardíaca
Terça-feira, 19 de set.º — dor de cabeça sem dor cardíaca (em viagem)
De lá para cá, dias bastante bons
Hoje, 27 de set.º, a princípio, um vestígio de dor de cabeça sem outras manifestações.

Aquilo a que você fez objeção significa que *curvar-se* diante de um superior é um remanescente da antiga representação.

Não consigo determinar se você quer que eu suprima a última frase, a tirada conclusiva, ou se quer que a enfatize, colocando-a em negrito. Deixar que desapareça está em consonância com minha necessidade.

No mais, não considero desagradável contar com alguém que tenha uma palavra de elogio quando ela é apropriada, em vez de dizer, invariavelmente, as coisas mais desagradáveis. Sou-lhe especialmente grato por isso.

Estou acelerando as provas porque soube que um rematado idiota, um tal de *Ch. Ruths*,⁽¹⁾ está na trilha de alguma coisa e, em 1898, já anunciou uma análise dos fenômenos do sonho. Espero que, por volta de outubro, tudo já se tenha arranjado. Por ora, não tenho quase nada para fazer, logo, disponho das horas de folga para concluí-lo.

Vou acompanhando à distância, com grande interesse, seus registros de óbitos. Sei que, no momento, sua teoria não se interessa pelos *país*; ^(T) caso contrário, seria realmente arriscado incluir nos cálculos qualquer um além dos filhos primogênitos das famílias nobres. Desde a ocasião em que você parou de escrever sobre suas descobertas, sinto falta de alguma coisa em suas cartas. Quanto a minha ciência, você será deixado em paz por algum tempo. Estou vazio e desgastado; desisti até da esplêndida teoria do desejo duplo nas neuroses, em prol do livro do sonho. Logo, logo, qualquer João, José ou Antônio estará em condições de saber tanto quanto eu a esse respeito.✓

Minha família ainda está em Berchtesgaden, sem se queixar muito do tempo, mas estará de volta no fim da semana. No jornal de ontem, 26 de setembro, é possível que você tenha visto o anúncio dos cursos que Alexander dará na Academia de Exportação como professor de tarifas [alfandegárias]. Tomara que nenhuma das infecções anteriores dele esteja dormitando no ventre do tempo! Sem dúvida, você há de ter adivinhado qual foi a parte da interpretação do sonho do "Autodidasker" que omiti.

O peixinho dourado (L. von E., que é S. de nascimento e, portanto, parenta distante de minha mulher) foi fisgado, mas ainda desfrutará de

metade de sua liberdade até meados de outubro, pois continua no interior. Além disso, tenho mais um paciente, que também só começará no final de outubro. Afora isso, estou livre, salvo por alguns pacientes desgarrados que aparecem no consultório, e estes nunca são muitos.

Torne a dar-me notícias suas dentro em breve. E agora, esqueça o trabalho árduo que teve com o livro do sonho, para que possa folheá-lo mais uma vez quando for publicado.

Com minhas mais cordiais saudações a sua mulher e filhos,

Seu,
Sigm.

(1) Christoph Ruths (1851-1922), autor de *Inductive Untersuchungen über die Fundamentalgesetze der psychischen Phänomene* (Darmstadt: H. L. Schlopp, 1898). Aparentemente, o trabalho a que Freud se refere nunca foi publicado.

(T) Aqui, trata-se exclusivamente do plural de *pai*, e não do termo usado em português para designar pai e mãe (N. da T.)

Viena, 4 de outubro de 1899
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Sua justificativa é inatacável; mas eu havia reclamado sem repreendê-lo. Sei muito bem que você costumava dar-me uma ligeira idéia de tudo, o que, na verdade, trazia sérias dificuldades para minha compreensão. Agora, só escreve sobre coisas grandiosas, muito grandiosas; claro, você me preparou para a qualidade delas e hei de conservar com elas uma relação pessoal, muito embora não possa apadrinhá-las como você fez com o livro do sonho, e sim jogar à distância: nas palavras de Nestroy, “primo-irmão de um evento histórico mundial”. Seu triunfo, no final das contas, será meu numa certa medida, pois meu bom senso acompanhou você e suas obras; |e| você sabe que não houve muitos outros seguidores naquela época.

Mas, em meu assombro, pergunto-lhe se você terá terminado tão depressa a ponto de seu Anônimo e meu livro do sonho poderem ver simultaneamente a luz do dia. E isso porque estou contando, no máximo, com |um prazo de| duas semanas; você terá o volume em sua escrivaninha no dia de seu aniversário. Só tenho que ler algumas provas *finais*, cerca de um terço do total. Talvez você não o esperasse tão cedo, mas, infelizmente, disponho de muito tempo. Estou tão desocupado que posso cuidar imediatamente de cada página.

Você descreveu com exatidão o sentimento doloroso da separação de algo que foi muito pessoal. Isso deve ter sido o que tornou esse trabalho tão insípido para mim. Agora, gosto dele — não muito, é claro, mas bem mais. Ele chegou até a ser aflitivo para mim, pois tive que ceder

não só minha propriedade intelectual, como também emocional. O livro sobre a histeria ainda está muito distante. Em ocasiões como essa, nenhum desejo de trabalhar se manifesta em mim.

No momento, meu filho Martin não está escrevendo nenhum poema. Creio ter-lhe relatado, de Berchtesgaden, que ele disse: “Na verdade, não acredito que meus chamados poemas sejam realmente bons.” Esse pronunciamento assinalou um afastamento do período criativo anterior. Agora, ele está inteiramente perdido e deprimido, desde que foi mandado para a quinta série escolar, onde é evidente a sua falta de aptidões práticas cotidianas. Para se familiarizar, ele perguntou ao menino que estava sentado a seu lado como era o nome dele. A resposta foi Marie; e um cutro apresentou-se como Minna. Isso deve ter dado a ele um primeiro indício de como é difícil entender-se com “o próximo”.

A vida e a doença se instalaram aqui mais uma vez. A primeira vítima foi Ernst, mas ele está bem novamente. Os outros ainda passam bem.

Meu estado de ânimo tem resistido bravamente. Comunicar-lhe-ei a data de meu próximo colapso para seus cálculos. Na verdade, o que está em jogo são flutuações periódicas primárias, pois duas semanas de inatividade e uma renda reduzida a 1/5 ou 1/4 certamente seriam suficientes enquanto etiologia externa.

Seu cunhado Oscar, a quem dei algumas páginas a pedido dele, encabeça a lista dos críticos. Tem os “mais sérios receios” acerca da publicação. Acho que, desta vez, devemos colher opiniões.

Posso contar-lhe, em segredo, que Gretel Breuer realmente ficou noiva de Arthur Schiff. Recebi essa notícia de um paciente em tratamento e, por conseguinte, tenho que tratá-la como um segredo; afora isso, não vejo nenhuma razão para fazê-lo.

Minhas mais cordiais saudações a você, mulher e filhos, e boa sorte em todas as expectativas para este ano.

Seu,
Sigm.

Viena, 9 de outubro de 1899
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Porque deveria eu evitar a oportunidade de uma nova carta? Você não tem que responder de imediato. Ccm que então, eu o entendi mal. Agora, porém, a probabilidade de sairmos [sermos publicados] juntos é

ainda menor. Seu livro sobre a duração da vida já terá sido proibido há muito tempo quando forem escritas as primeiras linhas sobre a histeria, pois esta nos manterá esperando por um longo tempo e é possível que outras coisas surjam primeiro.

Você não deve lamentar que isso lhe tenha dado uma oportunidade de voltar a falar sobre seu trabalho. Sei agora, melhor do que nunca, onde é que você está-se detendo. No próximo congresso, não falaremos nada sobre os sonhos e voltaremos a discutir os períodos biológicos. Onde e quando será ele? Você tem alguma idéia? Na Páscoa, outra vez? Estou mais afastado que nunca de Roma e Karlsbad.

Imagine você que fui impelido por obscuras forças interiores a ler textos psicológicos e me sinto mais à vontade com eles do que antes. Recentemente, tive a satisfação de encontrar parte de minha teoria hipotética do prazer-desprazer num autor inglês, Marshall.⁽¹⁾ Outros autores em que vou tropeçando, porém, são-me totalmente inescrutáveis. Meu humor também continua a resistir. Colocá-lo todo no livro do sonho deve ter-me feito bem. Uma enxaqueca branda com mau humor ocorreu em 6 de outubro. Em resposta a seus comentários a respeito da aceleração de minha prática clínica, eu gostaria de assinalar que existem também trens locais, linhas secundárias, como no *Fliegende Blätter*. Supõe-se que sejam especialmente comuns em Krähwinkel e cercanias. Eis como estão as coisas: mesmo que em novembro, por exemplo, eu esteja totalmente ocupado, minha renda deste ano, com o período magro de 1.º de maio até o final de outubro (seis meses), é insuficiente para cobrir nossas despesas. Tenho que sair à cata de alguma outra coisa e dei agora um passo numa direção clara. No verão, gostaria de me associar a algum estabelecimento hidropático e procurar acomodações próximas dele. Há um lugar a ser inaugurado no Kobenzl em 1900, segundo ouvi dizer, e o diretor me sugeriu, no ano passado, que, por essa razão, eu deveria certificar-me de conseguir acomodações em Bellevue (ambas ficam na área de Kahlenberg). Assim, tornei a escrever para esse homem. De qualquer maneira, a frequência escolar das crianças nos forçará a desistir das férias prolongadas de verão.

Nas promoções deste ano (um lote de cinco professores no final de setembro), nosso grupo (Königstein, eu e os outros) tornou a ser preterido.

Martin parece ter sido apresentado a mais um Margarethe; antes de ir para a escola, ele apareceu com um grande número de rituais de angústia, mas agora parece ter-se adaptado. Nossa casa está sendo assombrada por uma espécie de doença que se recusa a mostrar-se por completo. Oli é a vítima atual (a quarta).

Todas as folhas do livro dos sonhos, com exceção de três, já foram impressas. O prefácio que lhe mostrei em certa ocasião permanece. A última frase, concernente ao "futuro", à qual você objetou, foi aperfeiçoada, tornando-se assim inteligível.

Com as mais cordiais saudações a todos vocês,

Seu,
Sigm.

(1) Henry Rutgers Marshall, *Pain, Pleasure and Aesthetics: An Essay Concerning the Psychology of Pain and Pleasure, with Special Reference to Aesthetics* (Londres: Macmillan, 1894).

11 de outubro de 1899
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Aparelho psíquico Ψ Curiosamente, há alguma coisa em ação no piso
Histeria — clínica mais inferior. É possível que uma teoria da se-
Sexualidade. Orgânico xualidade seja a sucessora imediata do livro dos
sonhos. Hoje me ocorreram diversas coisas muito estranhas, que ainda
não entendo propriamente. No que me concerne, não há como cogitar de
uma deliberação. Esse método de trabalho funciona aos solavancos. Só
Deus sabe a data do próximo arranco, a menos que você já tenha desco-
berto minha fórmula. Se surgir mais alguma coisa, dificilmente poderemos
evitar a discussão e a colaboração. |São| coisas desvairadas, aliás, algu-
mas das quais eu já havia conjecturado durante a primeira era tempes-
tuosa de produtividade.

Apareceis de novo, oh formas oscilantes!(1)

Segundo um cálculo anterior seu, há um período produtivo — 1900-
1901 (a cada sete anos e meio) — adiante de mim.

Adeus.

Seu,
Sigm.

Oscar está começando a se mostrar entusiasmado.

(1) Da Dedicatória do *Fausto*, de Goethe: "Ihr naht Euch wieder, schwank-
ende Gestalten."

17 de outubro de 1899
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Que diria você se a masturbação se reduzisse ao homossexualismo e este, ou seja, o homossexualismo masculino (em ambos os sexos), fosse a forma primitiva do anseio sexual? (O primeiro objetivo sexual, análogo ao infantil — um desejo que não se estende para além do mundo interno.) E se, ainda por cima, a libido e a angústia fossem masculinas?

Cordialmente,

Seu,

Sigm.

Viena, 27 de outubro de 1899
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Obrigado pelas palavras amáveis em resposta a minha remessa do livro dos sonhos para você. Faz muito tempo que me reconciliei com a coisa e aguardo o destino dela com... resignado suspense. Se o livro não chegou a tempo de estar em sua mesa de aniversário, como eu queria que estivesse, a razão foi uma circunstância que não levei em conta: a de que o correio só o aceitaria como encomenda postal. Havíamos programado o tempo da remessa como se ele fosse uma carta registrada. Assim, é possível que ele tenha chegado a você tarde demais; em outros aspectos, certamente chegará cedo demais. A propósito, ele ainda não foi publicado; somente nossos dois exemplares viram a luz do dia até o momento.⁽¹⁾

Agora, quanto aos outros cinco livros que estou contemplando... teremos que ir devagar com eles. Uma vida longa,⁽²⁾ material, idéias, isenção de interferências graves — e sabe-se lá o que mais; até mesmo um vigoroso empurrão ocasional de uma "região amistosa". Por ora, o fio voltou a romper-se, donde a ausência de respostas a suas perguntas. Estou à procura do ponto de ataque certo. Os fenômenos patológicos são, em muitos casos, também formações de compromisso na esfera sexual, não se prestam à resolução.

Meu bom humor continua inabalado nesses tempos precários, mas estou novamente preguiçoso e sem nenhuma idéia. Em casa, uma epidemia de resfriados continua a fazer novas vítimas. Por fim, estamos realmente preocupados com Ernst, que, a intervalos de poucos dias, desde que chegou a Viena, tem tido febre sob uma variedade de pretextos, está com diarreia, com uma aparência horrorosa e, a despeito de tudo isso, tão animado que jamais admite estar doente.

28 de outubro. Ontem à noite, tornei a visitar Oscar e Melanie depois de muito tempo, quero dizer, para jogar uma partida de tarô; afora isso, apareço freqüentemente por lá durante o dia; meu fraco por esses dois seres humanos corriqueiros é bem conhecido seu. Felizmente, escapei do jantar — couve-flor e galinha, duas abominações. Oscar anunciou suas objeções a minha interpretação do *Hamlet*, que lhe ocorreram após uma noite no teatro. Sua cunhada Marie está começando a ficar com uma aparência empinada, como as moças que estão esperando. Além disso, faço visitas ocasionais a Norbert; lamento que ele ainda esteja repleto de angústia, apaixonado pelo pai e falando muito pouco. O pequerrucho não está progredindo, mas está bem disposto.

Tenho todas as razões para supor que Arthur Schiff esteja noivo de Gretel Breuer (um grande segredo, é claro). Mas fico imaginando toda sorte de coisas. Quer dizer que suas descobertas nasais poderão encontrar reconhecimento oficial num futuro não muito distante! Um casamento político.

Como você vê, tão logo não se quer falar sobre as próprias preocupações ou sobre a própria ciência não nascida, desliza-se para os mexericos. Chega disso.

Se alguma coisa recomendar a se agitar na teoria sexual, eu o surpreenderei com algumas linhas enigmáticas. Nesse meio tempo, desejo a vocês dois muitas felicidades no que este ano — e século (para o [filho] não-formado)⁽³⁾ — ainda lhes há de trazer. Em dezembro, suponho, não é?

Com as mais cordiais saudações,

Seu,
Sigm.

(1) O livro, que Robert, um dos filhos de Fliess, levou com ele para a América, veio a ser meu. Há muito poucas marcas feitas por Fliess, supostamente por ele já ter feito seus comentários nas provas que Freud lhe ia remetendo. Contudo, ele efetivamente assinalou dois pontos em que Freud usou construções gramaticais vieneses, em vez das construções alemãs padronizadas.

(2) A expressão alemã é *Lebenszeit* — literalmente, “por toda a vida”.

(3) *Für den Ungebildeten*. Presume-se que Freud se estivesse referindo ao filho que estava prestes a nascer.

5 de novembro de 1899
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Não se pode dizer que você seja excessivamente comunicativo. Não quero seguir seu exemplo, muito embora a uniformidade deprimente torne mais difícil a comunicação. O livro saiu, finalmente, ontem. O nome do pai de Aníbal — como eu sempre soube e de repente me lembrei, recen-

temente — era Amílcar, e não Asdrúbal. A clínica e os filhos estão igualmente adoentados. Tenho a comunicar-lhe um mau humor patológico no dia 3 de novembro e uma enxaqueca esplendorosa a 4 de novembro (isto é, o dia seguinte).

Gostaria de ter-lhe escrito sobre a teoria sexual, pois disponho de algo que é plausível e confirmado na prática, só que ainda não tenho a menor idéia do que fazer com o †††⁽¹⁾ aspecto feminino, e isso me faz desconfiar da coisa toda. Por outro lado, as explicações vão surgindo devagar, ora aqui, ora ali, como o dia permite — de modo geral, bem vagarosamente. Entre elas, um naco selecionado: compreendo agora como emergem os sonhos premonitórios e o que significam.⁽²⁾ No mais, gostaria de receber notícias suas em breve e também de saber como vão sua prezada esposa e filhos.

Cordialmente,

Seu,
Sigm.

(1) Freud desenhou três cruzeiros. Algumas vezes, esse símbolo era desenhado a giz na parte interna das casas dos camponeses para dar proteção contra o perigo.

(2) Ver o “Sonho Premonitório Realizado”, de Freud. O manuscrito traz a data de 10 de novembro de 1899.

Viena, 7 de novembro de 1899
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

|Fiquei| muito surpreso e muito agradecido por seu comunicado e sua carta, que elevaram o primeiro bom dia desta temporada à |condição de| um dia extraordinário. Eu faria de bom grado um desvio por um país estrangeiro a fim de adquirir renome. Uma |paciente| alemã será especialmente bem-vinda; seu diagnóstico e a idade dela, tudo parece altamente promissor. Mas ela precisa vir logo, porque — que coisa estranha! — exatamente no mesmo dia, duas outras pacientes em potencial entraram em contato comigo, uma delas uma mulher excepcionalmente exigente, de Varsóvia, que estava com Krafft-Ebing, e a outra, uma vienezense; é possível que ambas apareçam e é provável que cheguem a uma decisão no decorrer desta semana. Por outro lado, é possível que nenhuma das duas resulte em nada.

Uma questão de ordem prática: até o presente, tenho colocado os pacientes estrangeiros na Pensão Viena, na Praça Maximiliano (Frankgasse 8); ela é dirigida pela viúva de um médico, que é muito honrada e, quando necessário, chega até a prestar ajuda aos pacientes, numa certa medida. As pessoas têm ficado razoavelmente satisfeitas. Há também

homes(1) |mansões| mais elegantes na região, em minha vizinhança. Conforme a natureza do caso, contrata-se uma enfermeira simples ou mais refinada; |isso| é sem dúvida inevitável no caso de mulheres e moças. Fui informado sobre a Pensão Viena por D.F., alguns anos atrás. Suponho que se possa fazer mais aqui do que no |sanatório de| Binswanger(2) — quanto, porém, depende realmente do caso. Minhas especulações sobre a teoria sexual resultaram num novo e poderoso impulso na análise este ano, mas ainda há, em algum lugar, uma certa falta de clareza e a correspondente lacuna terapêutica. A conquista do ano passado — as fantasias — resistiu esplendidamente ao teste: deu-se muito maior alcance à predisposição, sem com isso fugir à análise. Há um enigma à espreita na região dos afetos.

O livro acaba de ser posto na praça. A primeira reação palpável foi o rompimento de uma amizade por uma amiga diletta, que se sentiu magoada com a menção ao marido dela no sonho *non vixit*.(3) Minna citou as condessas Wallenstein e Terczky após a recepção que tiveram na corte vienense: podemos esperar por um ostracismo ainda maior. J. J. David (o escritor) prometeu |fazer| uma resenha no *Nation*.

Nossas cartas se cruzaram. Seu silêncio me havia deixado atônito. Espero que em algum momento você também escreva, *no intervalo* entre duas cartas de encaminhamento.

O cerco dos resfriados terminou; apenas Ernst ainda está com uma ligeira febre. Meu irmão, que se tornou docente na Academia de Exportação, também está agora dando aulas na Academia Oriental e, em termos genéricos, parece ser encarado como a autoridade máxima no sistema tarifário austríaco. Isso lhe faz bem. Sua posição material ainda é instável.

Quero confidenciar-lhe que estamos começando a cogitar da idéia de abandonar nosso apartamento no centro da cidade e de nos mudarmos para um bairro da periferia. Talvez consigamos evitar isso. O problema do verão continua sem solução.

Na esperança de logo receber boas notícias sobre seus três filhos,

Muito cordialmente, seu,

Sigm.

(1) Em inglês no original.

(2) O seguinte comentário sobre Robert Binswanger e seu sanatório foi feito por Hirschmüller (1978, p. 152): "O sanatório de Bellevue, em Kreuzlingen, foi fundado por Ludwig Binswanger e, após sua morte, em 1880, assumido por seu filho, Robert Binswanger. Tinha a reputação de ser um dos melhores e mais modernos sanatórios particulares para doenças nervosas e dos estados de humor. A clientela era internacional e pertencia, primordialmente, às camadas mais altas da sociedade. Era rigorosamente dirigido segundo o princípio da não-coibição e ali se dava um enorme valor ao contato dos pacientes com pessoas sadias, tais como os familiares do diretor médico." Freud teve notícia do sanatório através de Breuer, que para lá enviara Anna O. e outros pacientes. O próprio Freud, mais tarde, para lá encaminhou pacientes seus.

(3) Essa é uma referência a Betty Paneth, mulher de Josef Paneth (1857-1890), que sucedeu Freud no cargo de assistente de Brücke no Instituto de Fisiolo-

gia de Viena. O trecho a que a Sra. Paneth teria feito objeções, provavelmente, ocorre n'A *Interpretação dos Sonhos* (S.E. V:484): "Houve época em que tive que repreender meu amigo Josef [Paneth] por uma atitude da mesma natureza: '*Ote-toi que je m'y mette!*' Ele havia seguido meus passos como demonstrador no laboratório de Brücke, mas ali, a promoção era lenta e entediante. Nenhum dos dois assistentes de Brücke estava inclinado a arredar pé de seu lugar, e a juventude era impaciente. Meu amigo, que sabia não ter esperança de viver por muito tempo, e a quem nenhum laço de intimidade o ligava a seu superior imediato, às vezes expressava de viva voz sua impaciência e, como esse superior [Fleisch] estava gravemente enfermo, é bem possível que o desejo de P. de vê-lo fora do caminho tivesse um sentido mais feio do que a simples esperança de promoção do homem.'

Viena, 9 de novembro de 1899
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Com que então eu estava certo, afinal, em ficar impressionado com seu silêncio e encará-lo como um mau sinal. Eu já estava a meio caminho de formular uma explicação para mim mesmo; descartei-a, porém, pois sei que você está livre de todas as *Schigan*⁽¹⁾ nervosas. Achei que algo no livro dos sonhos o havia desconcertado muito. Entretanto, acho que, entre amigos, não é necessário respeitar com demasiado rigor a estipulação de que cada um só deve notificar o outro dos acontecimentos favoráveis. Onde é que isso nos levaria quando o destino não se inclinasse favoravelmente? Sempre me comportei de modo diferente; há semanas que me venho queixando a você sempre que há razão para isso, correndo o risco de afastá-lo [de mim], mas com a expectativa de que você não se afaste, embora preferisse muito mais contar-lhe coisas alegres e esperançosas.

Quando se tratar de algo que você deseje manter em segredo de sua família e dos círculos mais amplos, é só dizer — como fez desta vez. Sei ficar em silêncio quando há razão para isso e não deixei de prová-lo nesta oportunidade.

Quer dizer que a pobre Paulinchen está sofrendo muito, e nem sequer a conheço! O caçula de minha irmã, que estava tão sofrido e prostrado há seis meses, está agora cheio de vigor e travessuras; portanto, num caso como esse, nossa primeira e principal idéia é que as crianças superam a maioria das coisas. Quando Mathilde teve difteria pela segunda vez, um colega de medicina da universidade veio até nossa casa, no número 19. Indagou, como nos disse depois a zeladora, se a menina Freud já havia morrido. Foi muito cristão da parte dele. Mas a menina ainda está viva e crescendo apropriadamente, tanto na altura quanto, felizmente, também na largura. Uma epidemia de resfriados febris assolou também todos os outros e alguns tiveram diarreia, além disso. O pior foi que alguns não se contentaram com um ataque só. Hoje mesmo, Sophie come-

çou mais uma vez a ter diarreia e febre, enquanto as gargantas inflamadas e os resfriados dos demais começam a dissipar-se. Nas duas últimas semanas, além disso, Ernst teve febre alta à tarde, sem nenhuma razão aparente. As duas mães insistem — só para me deixar angustiado — que ele se parece demais com Isaac, o irmão delas que morreu de tuberculose.

Quanto ao sonho premonitório que desvendi e ao pequeno fragmento da teoria sexual, eu ficaria contente em escrever-lhe sobre eles e certamente o farei, assim que sua cabeça estiver livre de novo e minha mão funcionar melhor. Porque, sem dúvida, estou numa fase de câibra branda do escritor, como você deve ter observado por minha letra, [câibra esta] que é intensificada por eu tomar nota dos resultados de minhas quatro análises todas as noites. Hoje, ser-me-ia quase completamente impossível escrever qualquer coisa com prazer.

Espero logo receber notícias suas, ainda que você escreva cartas curtas, e também saber que a esposa e o bebê estão passando muito bem.

Com as mais cordiais saudações e o pesar sempre presente por vivermos tão longe um do outro,

Seu,
Sigm.

(1) Termo iídiche que significa "loucura".

12 de novembro de 1899(1)
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Fico contente em saber que sua querida Paulinchen se restabeleceu. Como sou muito mais inclinado às expectativas pessimistas do que ao inverso delas, havia-me entristecido profundamente. Depois de ter sido dada como morta, ela agora há de chegar a uma idade bem avançada, como diz a sabedoria do antigo provérbio.

É claro que tomarei todas as providências necessárias quanto às acomodações e assistência para a Srta. G.,⁽²⁾ como faço com todos os pacientes estrangeiros. Nada mais parece ter surgido das outras duas; não tive mais notícia delas. As pessoas continuam a me apontar erros curiosos no livro dos sonhos. A terra natal de Schiller está indicada como Marburg,⁽³⁾ em vez de Marbach; já lhe falei sobre o pai de Aníbal, cujo nome indiquei como sendo Asdrúbal, em vez de Amílcar. Não se trata de lapsos de memória, porém, e sim de deslocamentos, sintomas. Os críticos não têm nada melhor a fazer senão destacar esses exemplos de descuido, que não são nada dessa natureza.

Finalmente, todos estão bem outra vez.

Agora que o perigo passou, sem dúvida você há de me dizer de que foi que a menina sofreu.

Muito cordialmente,

Seu,
Sigm.

(1) Freud escreveu, por engano, 12.IX.99.

(2) Na Biblioteca do Congresso há duas cartas de Freud à paciente mencionada nessa carta. A primeira, datada de 14 de agosto de 1911, começa por uma frase irônica: "Antes de mais nada, quero expressar-lhe meu respeito por você ter conseguido o seguinte absurdo: você tentou converter seus pais, cujas idades somam 150 anos, à literatura analítica!" A segunda carta está datada de 25 de março de 1914 e é um pedido de notícias da paciente. Termina com os dizeres "Seu velho amigo, Freud".

(3) Cf. S.E. VI:217-219.

Viena, 19 de novembro de 1899(1)
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

No domingo, dia 12, tornei a adoecer à tarde, por motivos que me são desconhecidos, com um mau humor que persistiu, intensificou-se com enxaquecas no coração e na cabeça, e terminou por completo com uma enxaqueca cefálica na terça-feira, de modo que, desde então, tenho estado não apenas bem disposto, mas positivamente alegre. Quero manter essa depressão periódica branda em observação; o sentido dela me é inteiramente obscuro. O ataque foi mais curto do que o anterior, que também lhe relatei fielmente.

Passei a quinta-feira em Budapest, a chamado de um paciente, mas acabou não sendo particularmente remunerativo. Voltei na manhã de sexta e encontrei a Srta. G., acompanhada pela Srta. E. Fiz-lhe hoje a primeira preleção. Naturalmente, ainda não sei coisa alguma sobre ela além do que me disse a Srta. E.. Ela é ainda um áspero amontoado de infelicidade, parece obstinada e retraída, e está recoberta por uma grossa pátina institucional que precisará ser raspada em primeiro lugar. A disparidade das condições de vida, comparadas à instituição, naturalmente a deixará muito insatisfeita, a princípio. Lá, eles tentaram curá-la com solidariedade comum e despertando seu interesse por fólios artísticos (coleção Hirth); no mais, deixavam-na entregue a suas fantasias. Bem, vamos ver. Se ela agüentar firme, você será informado de tudo a respeito desse caso, pelo qual lhe sou grato.

Ela alugou um quarto numa das hospedarias que mencionei, mas está descontente. Ficarei fora disso, pois me esgotaria na tentativa de satisfazer às exigências dela, que são, em parte, neuróticas e, em parte,

inadequadas em Viena. O melhor seria um sanatório de minha propriedade; mas isso é algo de que não disponho.

Gostei bastante da Srta. E.. Bem, vamos ver.

É uma tarefa ingrata esclarecer um pouquinho a humanidade. Ninguém me disse, até agora, que se sente grato a mim por ter aprendido algo novo no livro dos sonhos e por ter sido apresentado a um mundo de problemas novos.

“Muito interessante”; e depois encaram isso como condescendência.⁽²⁾ A única reação gratificante foi uma carta, que lhe envio em anexo, do Dr. Gomperz Jr.,⁽³⁾ que está agora estudando meu método de interpretação dos sonhos comigo, à noite. Basta eu lhe dizer que a primeiríssima tentativa produziu, de imediato, um material superabundante. Ele virá de novo amanhã. Estarei conseguindo nele um discípulo? Seria um tipo melhor do que os anteriores.

Em casa, todos vão bem, exceto que Annerl está resfriada e com coiza. Martin logo vai ficando mais resistente na escola e, até agora, não tem feito grandes progressos. Sua ortografia e aritmética tornam muito duvidosa a aceitação dele no ginásio no ano que vem. Por falar nisso, ele tece fantasias nos desenhos e está em pleno controle de seu humor.

A ciência está descansando, como sempre faz quando me preocupo com os pormenores do tratamento. No tocante à teoria sexual, ainda quero esperar. Um fragmento não nascido continua agarrado ao que já nasceu.

Agora, porém, quero ter notícias de Paulinchen e sua esposa e os outros dois filhos dentro em breve. É pena os negócios estarem tão precários a ponto de eu me achar imobilizado. Gostaria de ir a Berlim nem que fosse por um dia. Poderia contar-lhe toda sorte de coisas engraçadas sobre Viena.

E Roma? E Karlsbad? E nosso congresso há tanto prometido em solo clássico? Continuo a depositar novas camadas de resignação sobre meu anseio. Ficarei feliz em saber de você que, um dia, ele se transformará em realidade.

Muito cordialmente,

Seu,
Sigm.

(1) Freud escreveu, por engano, 19.IX.99.

(2) O texto alemão diz “*Sehr interessant, das halten sie dann für Herablassung*”.

(3) Freud manteve um relacionamento prolongado com a família Gomperz. Fora solicitado por Theodor Gomperz, um famoso professor de filologia em Viena, a traduzir John Stuart Mill e, em 1892, tratou da esposa do professor, Elise Gomperz. Numa carta ao filho, Heinrich Gomperz (1873-1943), que se tornou professor de filosofia, escreve o pai: “Mamãe parece, através da hipnose, estar real-”

mente a caminho da cura. Quisera que o próprio tratamento não fôsse tão estranho e tão pouco testado" (13 de novembro de 1892). Essa carta foi citada por Robert A. Kann em *Theodor Gomperz: Ein Gelehrtenleben im Bürgertum der Franz-Josefs-Zeit* (Viena: Österreichische Akademie der Wissenschaften, 1974), p. 234.

Com respeito ao relacionamento entre Heinrich Gomperz e Freud, ver seus comentários autobiográficos em *The Personalist*, 24 (1943) pp. 254-270. Gomperz ali escreve: "Conheci Sigmund Freud já nos tempos pré-analíticos e sempre admirei enormemente sua originalidade criativa e sua penetração psicológica, sem, contudo, ter jamais ficado inteiramente convencido da solidez de todas as suas colocações. Quando sua *Interpretação dos Sonhos* foi originalmente publicada, em 1899, ofereci-me como 'vítima' para verificar a teoria dele e, durante vários meses do segundo semestre daquele ano, tentamos interpretar meus sonhos de acordo com o método que ele acabara de elaborar. A experiência foi um completo fracasso. Pude assegurar-lhe, sinceramente, que todas as coisas 'pavorosas' que ele sugeria que eu teria ocultado de mim mesmo e 'reprimido' tinham sempre estado clara e conscientemente presentes em minha mente. Em suma, não ofereci nenhuma 'resistência' e, mais tarde, fiquei sabendo que Freud contou a um discípulo que só havia encontrado duas pessoas cujos sonhos não fora capaz de analisar, e que eu tinha sido uma delas. Não obstante, estou convencido de que muitos dos mecanismos psíquicos por ele descobertos realmente desempenham um papel notável em nossa vida e, em alguns casos, eu mesmo pude efetuar 'curas' surpreendentes através da utilização de alguns de seus métodos."

Tenho comigo uma carta de Gomperz a Freud, datada de 5 de maio de 1931 onde ele escreve: "Minhas recordações de você remontam, na verdade, a uma época anterior a 1899, e deparei recentemente com cartas que você escreveu a minha mãe em 1893, as quais encontrei na herança dela e que me deram esclarecimentos sobre um segredo de família em cuja trilha eu já estava, de qualquer modo."

Acha-se em Maresfield Gardens uma série de cartas entre Freud e Gomperz; muito embora algumas datem de 1899, elas não trazem nenhum detalhe adicional sobre a "experiência com os sonhos" que Gomperz descreve em sua autobiografia. Ao que parece, Freud não tratou realmente de Gomperz, tendo tido, antes, esperança de transformá-lo num aluno capaz de usar seu método de interpretação de sonhos.

Viena, 26 de novembro de 1899
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Ao menos uma vez, permita-me ser mais otimista do que você. Eu só queria saber se a doença de Paulinchen fora do tipo que, depois da recuperação, lançaria uma sombra sobre as perspectivas futuras [da menina]. Já que foi cólera infantil ou coisa parecida, tomo a liberdade de tratar essa coincidência com profundo desdém. Provido de sangue bom, também ela crescerá e progredirá. Aguardo com muita expectativa o momento de vê-la, em alguma ocasião, no quarto agora ampliado das crianças.

A Srta. G. é um osso duro de roer, mas o trabalho, é claro, não deixa de ser promissor, uma vez que descobri toda sorte de coisas novas. Estou mantendo uma espécie de diário a respeito dela, o qual, mais tarde, poderá proporcionar-lhe um vislumbre da técnica e da natureza do caso — numa

tentativa de lhe demonstrar minha gratidão. A rigor, meus próprios esforços de arrebancar |novos pacientes| não tiveram nenhum resultado. A pseudo-cura |realizada| pelo sanatório é atroz — eu preferiria vê-la doente e debilitada. Ela está começando a se entender e tem toda sorte de resistências em estado de alerta. Ainda não está propriamente empenhada |na análise|. É interessante que seja de origem judaica de ambos os lados.

O livro dos sonhos ainda não provocou nenhum clamor. Supostamente, as vendas são satisfatórias até o presente. Meu filósofo, Harry G.,⁽¹⁾ é muito engraçado. Presumivelmente, não acredita em coisa alguma, mas tem todo tipo de idéias belas e espirituosas e vai-se abrindo gradativamente; recentemente, perdeu aqui uma coroa |moeda da época| — isto é, numa ação sintomática, deixou-a aqui como um honorário, pois se sente embaraçado por me “explorar”. Seus sonhos citam freqüentemente os meus, que ele depois esquece, e assim por diante. Interpretar sonhos parece ser mais difícil para os outros do que eu havia sugerido.

O Dr. Seb. Löwy⁽²⁾ deve ter-se sentido diretamente citado em muitos trechos cuja carapuça lhe serviu. Para mim, seria muito interessante saber se uma pessoa não-neurótica é capaz de entender alguma coisa do livro.

Ainda não se decidiu nada sobre o verão. Estou considerando uma aproximação (de Winternitz), a qual, por ser um pedido, continuo adiado. A esperança de manter o *status quo* também continua a crescer. Neste país, é muito difícil promover mudanças.

Na verdade, tenho-me beneficiado de minhas depressões brandas desde que elas começaram a ocorrer periodicamente; durante os períodos intermediários, sinto-me mais sistematicamente bem do que nunca. Caso você esteja interessado nelas, eu lhe informarei as datas das ocorrências subseqüentes.

Afora isso, as coisas estão cochilando e se preparando. *Teoria Sexual e Angústia* será o nome de meu próximo trabalho, que, lá no fundo, deve ter progredido mais do que tenho notícia, pois me sinto extremamente confiante. Na verdade, tudo o que eu poderia relatar-lhe a esse respeito é um segmento muito incompleto.

Em contrapartida, fiquei encantado ao ler em suas cartas que seu trabalho está progredindo, límpida e lucidamente, em plena claridade; esse modo de trabalhar, porém, sem dúvida não se adequaria a meu assunto subterrâneo.

Os filhos e a mulher vão bem. A Srta. E., que foi hoje com eles ao Prater, certamente fará a você e sua esposa um relato detalhado.

Com as mais cordiais saudações do

Seu,
Sigm.

(1) Freud usa o nome em inglês, presumivelmente numa referência jocosa ao nome verdadeiro de Heinrich Gomperz.

(2) Schröter sugere Sebastian Levy, médico de Berlim e amigo de Fliess (ver *Ablauf des Lebens*, de Fliess, p. 77). O manuscrito também poderia ser lido como "Leb. Löwy".

Viena, 9 de dezembro de 1899
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Minha sede de dados pessoais a seu respeito foi um pouco aplacada por sua recente presença aqui. Assim, sinto-me à vontade para me voltar para as questões científicas.

É possível que eu tenha logrado êxito, recentemente, em ter um primeiro vislumbre de uma coisa nova. O problema que me confronta é o da "escolha da neurose". Quando é que uma pessoa fica histérica, em vez de paranóide? Em minha primeira tentativa grosseira, feita numa época em que eu ainda estava tentando tomar a cidadela à força, achei que isso dependia da idade em que ocorria o trauma sexual — da idade da pessoa na época da experiência. Disso, desisti há muito tempo; mas fiquei então sem nenhuma pista até poucos dias atrás, quando vi uma ligação com a teoria sexual.

A mais inferior das camadas sexuais é o auto-erotismo, que dispensa qualquer objetivo psicosssexual e visa apenas às sensações localmente gratificantes. Depois dele vem o alo-erotismo (homo ou hetero-erotismo), mas é certo que ele continua a existir como uma corrente subjacente. A histeria (e sua variante, a neurose obsessiva) é alo-erótica, já que sua via principal é a identificação com a pessoa amada. Já a paranóia dissolve a identificação, reinstaura todas as pessoas amadas da infância que foram abandonadas (comparar discussão sobre os sonhos exibicionistas) e dissolve o próprio ego nas pessoas externas. Assim, passei a encarar a paranóia como uma irrupção da corrente auto-erótica, um retorno a um estado anterior. A formação perversiva a ela correspondente seria a chamada insanidade idiopática. As relações especiais entre o auto-erotismo e o "ego" original lançariam uma luz clara sobre a natureza dessa neurose. Nesse ponto, o fio da meada se rompe novamente.

Dois de meus pacientes produziram, quase simultaneamente, auto-recrimações consecutivas ao tratamento e morte de seus pais, e me mostraram que meus sonhos a esse respeito foram típicos. A recriminação, em todas as situações, está fadada a ligar-se à vingança, ao júbilo rancoroso e à satisfação diante das dificuldades excretórias da pessoa enferma (urina e fezes). Sem dúvida, um canto esquecido da vida psíquica.

L. está progredindo, mas é provável que continue a trabalhar com lentidão. No entanto, não vejo motivo para temer que ocorra um fracasso em algum ponto.

14 de dezembro. É mesmo raro você escrever antes de mim. A desolação destes últimos dias me impediu de terminar. Uma época natalina em que se precisa abster-se de fazer compras rebaixa muito o estado de ânimo. Estamos perfeitamente cientes de que Viena não é o lugar certo para nós. A discrição exigiu que eu não o afastasse demais de sua família. A reivindicação mais antiga encontrou oposição por parte da mais íntima. Assim, minha despedida na estação serviu apenas como símbolo.

Sua notícia sobre a dúzia de leitores em Berlim me agrada enormemente. Preciso ter alguns leitores também por aqui; ainda não chegou o momento de |ter| seguidores. Há coisas novas e inacreditáveis em demasia, e muito poucas provas rigorosas. Não tive êxito sequer em convencer meu filósofo, embora ele me estivesse fornecendo o mais brilhante material comprobatório. A inteligência é sempre fraca e, para um filósofo, é fácil transformar a resistência interna em refutação lógica.

Mais uma vez, há uma perspectiva de um caso novo no futuro imediato. Salvo por meu resfriado, reina a saúde entre nós. Tornarei a escrever antes que ele/ela chegue a sua casa.

Minhas mais cordiais saudações a todos vocês.

Seu,
Sigm.

Viena, 21 de dezembro de 1899
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Mais um cumprimento cordial antes do Natal, que costuma ser uma de nossas épocas de congressos. Não deixo de ter ao menos *uma* perspectiva satisfatória. Você está familiarizado com meu sonho que promete obstinadamente o término do tratamento de E. (entre os sonhos absurdos), e bem pode imaginar quão importante se tornou para mim esse paciente persistente. Agora, parece que o sonho será realizado. Digo “parece”, cautelosamente, mas, na verdade, estou bastante seguro. Profundamente enterrada sob todas as fantasias dele, descobrimos uma cena de seu período primário (antes dos vinte e dois meses) que atende a todos os requisitos e para a qual convergem todos os enigmas remanescentes. Ela é tudo ao mesmo tempo: sexual, inocente, natural e todo o resto. Mal ousa acreditar ainda. É como se Schliemann tivesse mais uma vez escavado Tróia, que era até então considerada uma fábula. Ao mesmo tempo, o sujeito

está passando ultrajantemente bem. Demonstrou a realidade de minha teoria no meu próprio caso, fornecendo-me, numa reviravolta surpreendente, a solução de minha fobia anterior às ferrovias, que me passara despercebida. Por esse trabalho, cheguei até a presenteá-lo com um quadro de Édipo e a Esfinge. Minha fobia, portanto, era uma fantasia de empobrecimento, ou melhor, uma fobia à fome, determinada por minha voracidade infantil e evocada pela falta de dote de minha mulher (|coisa| de que sinto tanto orgulho). Você receberá maiores informações sobre tudo isso em nosso próximo congresso.

No mais, há poucas novidades. O livro recebeu uma única resenha, no *Gegenwart*;⁽¹⁾ como avaliação crítica, é vazia, e como resenha, insuficiente. É só um remendo mal feito de meus próprios fragmentos. Entretanto, estou disposto a perdoar tudo, por causa de uma única palavra: “pioneiro”. Por outro lado, a atitude das pessoas de Viena é muito negativa; não creio que eu tenha êxito em conseguir que uma resenha seja publicada aqui. Afinal, estamos terrivelmente à frente de nosso tempo.

O paciente novo que eu estava decididamente esperando tornou a desaparecer. Logo, sua mulher de Hamburgo continua a ser o único caso novo. Ela ainda é maçante a maior parte do tempo, mas, nos intervalos, é ocasionalmente brava. Respondi recentemente a uma carta do pai dela.⁽²⁾ Por enquanto, é um modo difícil de ganhar a vida.⁽³⁾

Ouvi dizer que Breuer falou a meu favor na casa de E.. Se as coisas correrem bem, ele terá tido uma participação nisso.

No momento, não me restam forças para o trabalho teórico, de modo que fico terrivelmente enfadado à noite. Este ano, também estou aprendendo o que é sentir-me congelado, coisa que conseguira evitar até agora. Mal consigo escrever por causa do frio em minha toca no porão.

Esta última página é dedicada à curiosidade: a como estão você e sua família, especialmente Paulinchen. Espero que se tenha iniciado para ela um período de franco progresso.

C.Q. ainda vai indo mal. Creio, porém, que ela tenha apenas uma histeria cardíaca. Testemunhei seu primeiro ataque, quando o pai dela ainda estava vivo, e sei o que vi.

A mulher de Gersuny, segundo dizem, está morrendo. Oscar tem visitado Mathilde todos os dias, por causa de um abscesso. Afora isso, os molecotes estão bem dispostos e animados. Martin tolera bem a escola e Oli está em seu apogeu, conseguindo tudo sem esforço.

E assim vou ficando mais velho, aguardando pacientemente outros avanços. Um congresso seria uma interrupção bem-vinda — mas, para variar, em solo italiano.

Cordiais saudações.

Seu,
Sigm.

(1) Essa resenha, de autoria de Carl Metzentin, apareceu no *Gegenwart* com o título de "Über wissenschaftliche Traumdeutung". Eis como termina o ensaio: "Ao término de seu trabalho pioneiro, ele próprio está longe de superestimar o valor do sonho para obter conhecimentos sobre o futuro e é de opinião que, naturalmente, não há nenhuma possibilidade disso. Mas os sonhos são úteis para nos dar conhecimento do passado."

(2) No tocante ao relacionamento de Freud com L.G. e o pai dela, ver nota 2 da carta de 12 de novembro de 1899.

(3) *Es bleibt derzeit ein saures Brot*: literalmente, "continua, no momento, [a ser] um pão amargo".

24 de dezembro de 1899
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Mais uma saudação natalina cordial! Com que então você está novamente com dor de cabeça, algo a que já não está habituado. Também ainda estou sendo atormentado por meu resfriado. Mathildchen está com uma febre que, segundo Oscar, não está ligada ao furúnculo, que já cedeu; isso está estragando a alegria do Natal para ela. Terei prazer em enviar um exemplar do livro a Carus Sterne⁽¹⁾ e fazer referência ao artigo dele no *Prometheus*, como você parece recomendar.

Com respeito à teoria sexual, seja paciente. Ela virá com toda certeza. Fora de contexto, soa muito absurda. Creio ter descoberto, mais uma vez, alguma coisa a respeito da angústia. (Ainda há estranhos fluxos e refluxos; por vezes, eles me elevam à crista da certeza, e depois tudo se escoia novamente para longe e me vejo de volta à terra seca. Realmente acredito, porém, que o mar esteja ganhando). Seguindo seu conselho, estou deixando que [a teoria] cresça naturalmente.

Mande-me notícias de Paulinchen, juntamente com o anúncio da nova chegada.

Melhores votos para a próxima semana!

Seu,

Sigm.

(1) Pseudônimo literário de Ernst Ludwig Krause (1839-1903), autor de *Die Krone der Schöpfung: 14 Essays über die Stellung des Menschen in der Natur* (Viena e Teschen: Karl Prochaska, sem data). Krause fala em "lembranças inconscientes". Ver, de sua autoria, *Gesammelte kleinere Schriften*, 2 vols. (Leipzig: Ernst Günther, 1885).

29 de dezembro de 1899
IX., Berggasse 19

Salve

O bravo filho que, ao comando do pai, surgiu no momento exato,

Para ser seu assistente e companheiro de trabalho na perscrutação da ordem divina.

Mas salve também o pai, que, pouco antes do acontecimento, descobriu em seus cálculos

A chave para restringir o poder do sexo feminino

E para arcar com seu fardo da sucessão legítima;

Não mais confiando em aparências sensoriais, como faz a mãe,

Ele invoca os poderes mais altos para reivindicar seu direito, sua conclusão, sua crença e sua dúvida;

E assim, no começo, eis que ali se ergue, vigoroso e são, à altura das exigências do erro, o pai,

Em seu desenvolvimento infinitamente maduro.

Que o cálculo esteja correto e, como legado do trabalho, seja transferido do pai para o filho e, mais além da separação dos séculos,

Conjogue na mente o que as vicissitudes da vida rompem e separam.

Viena, 8 de janeiro de 1900
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Fico contente em receber notícias de meu amigo Conrad.⁽¹⁾ Com base nessas poucas amostras do comportamento dele, é meu parecer⁽²⁾ que se trata de um bom menino. Quer ele adote o nome que carrega como princípio norteador de suas atividade futuras,⁽³⁾ quer adote as estranhas circunstâncias de seu nascimento celebradas por mim, creio que posso prever que há nele algo de competente e seguro e que ele terá êxito no que quer que se disponha fazer. Reservo-me o prazer de conhecê-lo pessoalmente quando ele tiver ultrapassado o pior.

O novo século, a respeito do qual a coisa mais interessante, para nós, talvez seja o fato de ele conter a data de nossa morte, nada me trouxe senão uma resenha estúpida no *Zeit*, de autoria de Burckhard,⁽⁴⁾ o ex-diretor do Burgtheater (que não deve ser confundido com nosso velho Jacob).⁽⁵⁾ Não é nada lisonjeira, é incomumente desprovida de compreensão e, pior que tudo, terá continuação no próximo número. Até Oscar Rie acha que aquele é o tipo de objeção que se faz *antes* de ler o livro.

Não conto com o reconhecimento, pelo menos, não durante minha vida. Oxalá você se saia melhor! Você, pelo menos, pode dirigir-se a uma platéia mais respeitável e instruída, familiarizada com as idéias. Já eu tenho que lidar, em questões obscuras, com pessoas de quem estou dez a quinze anos à frente e que se recusam a me alcançar. Assim, tudo o que almejo é paz e algum conforto material. Não estou trabalhando e, portanto, há silêncio em mim. Se a teoria sexual aparecer, eu a escutarei. Se não, não. À noite, leio [textos sobre] a pré-história e coisas similares, sem nenhuma

finalidade séria; afora isso, minha única preocupação é, com muito entusiasmo, aproximar meus casos de uma solução. L.G. está começando a andar e me dá grande prazer; é claro que o trabalho vai levar muito tempo. Ela estava numa atropaliação esplêndida. No caso de E., a segunda cena verdadeira está despontando, após anos de preparação; e é uma cena que talvez possa ser objetivamente confirmada, através de uma pergunta à irmã mais velha dele. Por trás dela, aproxima-se uma terceira cena, há muito suspeitada.

Ontem ao meio-dia, Martin caiu repentinamente de cama, com febre; hoje, está com otite média e, hoje, Oli está com... caxumba. Portanto, há toda sorte de coisas reservadas para nós. Mathilde se recuperou, mas está muito abatida. Em todos os outros aspectos, a molecada é muito gratificante. Meu resfriado dispara à minha frente; já se tornou imortal.

É triste |ver| que as coisas por aqui continuam decaindo. Imagine você que, no dia 1.º de janeiro, quando foi introduzida a coroa como moeda, não se conseguia obter um cartão postal; eles deveriam custar cinco *hellers*; o correio, no entanto, estava cobrando a taxa postal pelo uso dos |cartões| antigos, com o selo de dois *kreuzers*; e também não havia selos complementares de um *heller*. As novas moedas de cinco e dez coroas só serão postas em circulação ao final de março. Assim é a Áustria, em poucas palavras. Um dia, você terá que levar alguns de meus filhos para Berlim, em consideração a mim, para mandá-los para o mundo.

Agora, não deixe que aconteça novamente um intervalo tão longo (24 de dezembro a 7 de janeiro = 14 = 28/2) e dê nossos cumprimentos cordiais a sua querida esposa, como a feliz mãe de três filhos.

Seu,
Sigm.

(1) O novo filho de Fliess.

(2) *Urteilen*, e não *Mitteilen*, como em *Anfänge*.

(3) Conrad significa auxiliar ou conselheiro corajoso.

(4) Max Burckhard, "Ein modernes Traumbuch". O *Die Zeit* era um jornal diário popular, do qual Burckhard era editor. Kris (*Origins*, p. 307, n. 2) escreve que a resenha foi "uma distorção jornalística irônica e maliciosa das idéias de Freud." Ellenberger (1970, p. 784) diz que foi "uma resenha longa e erudita, se bem que um tanto prolixa. Na verdade, de modo algum foi negativa".

(5) Jacob Burckhardt, um dos autores prediletos de Freud, era um célebre estudioso, filósofo e historiador de Basel. Freud tinha seis dos livros de Burckhardt em sua biblioteca pessoal e menciona especificamente o prazer que teve ao ler *Griechische Kulturgeschichte*, em 4 volumes (Berlim: W. Spemann, 1898-1902), que levou com ele para Londres.

12 de janeiro de 1900
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Tudo o que quero fazer é responder a suas amáveis indagações. Martin escapou sem nenhuma perfuração; depois da otite e de uma dor de garganta, está animado outra vez. Oli está com uma aparência um tanto quadrangular, mas, em outros aspectos, alegre. Nenhum caso novo. Afora isso, desolação. Imagino que o período auto-erótico anterior à idade de um ano e meio deva ser o campo de recreação apropriado para a educação. Por esse motivo, não lamento por Conrad. Minha filha mais nova, L.G., está-se saindo bem.

Meus melhores votos para a ressurreição!

Seu,
Sigm.

Já devo ter-lhe dito que a "mania de cama" representa um aprisionamento histérico.

Viena, 26 de janeiro de 1900
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Presumo que, estando preocupado com três gerações de parentes consangüíneos, você disponha de pouco tempo para escrever e, por isso, não vou esperar mais. No meu caso, a escassez de material que precise ser comunicado opõe-se ao escrever. As crianças estão com sarampo ou prestes a contraí-lo. Martin está quase feito; Ernst, tal como seu antecessor, teve dor de garganta e febre por três dias; agora, está saltitante e pode ser considerado escalado para os próximos dias. A julgar pela aparência, Annerl será a seguinte. Mathilde está na casa da avó para não ter que faltar à escola. Assim, nossa vida é ainda mais solitária do que o normal.

Na verdade, não tem acontecido nada. Quando me lembro de que só tive um caso novo desde maio de 1899, o qual você conhece, e que, mais uma vez, estou em vias de perder quatro pacientes entre abril e maio, não fico exatamente radiante. Como é que vou conseguir, ainda não sei, mas estou determinado a agüentar firme até o fim. Não querer me queixar é outra razão para eu escrever com menos frequência. O livro não foi mencionado desde a resenha no *Zeit*,⁽¹⁾ à qual faltou compreensão, mas não, infelizmente, um desrespeito impertinente. Quanto ao verão, estamos novamente tentando conseguir acomodações em Bellevue, em Grinzing; desisti do projeto de arranjar trabalho no verão por considerá-lo inútil.

Os tratamentos analíticos⁽²⁾ vão indo bem e já não são tão desgastantes quanto costumavam ser. Estou muito satisfeito até mesmo com G.; trata-se, é claro, do início de um longo estirão de trabalho. Minhas dificuldades com os pais dela são, com certeza, uma conseqüência natural da minha falta de autoridade ou de um título. A própria paciente, segundo imagino, está fascinada a essa altura.

As idéias novas surgem lentamente, mas nunca há uma quietude total. No caso de F., há um novo atraso e uma região mais obscura, mas as descobertas anteriores ainda se mantêm. Estou colhendo material para a teoria sexual e esperando por uma centelha que inflame o material já acumulado.

Estamos agora lendo um livro (de Frey⁽³⁾) sobre a vida de nosso C. F. Meyer. Ele não conhece o lado interno [da vida de Meyer], ou então a discrição o impede de discuti-lo. Também não há muito que ler nas entrelinhas.

Agora, tudo o que resta é a curiosidade sobre como estão você e sua não mais pequena família. No aguardo de notícias deles, com minhas saudações cordiais,

Seu,
Sigm.

(1) Ver nota 4 da carta de 8 de janeiro de 1900.

(2) *Die Arbeiten*; literalmente, os trabalhos.

(3) Adolf Frey (1855-1920). O livro que escreveu foi *Conrad Ferdinand Meyer: Sein Leben und seine Werke* (Stuttgart: J.G. Cotta, 1900). Com respeito à irmã de Meyer, Frey afirma que "só ela está familiarizada com cada momento da vida dele".

Viena, 1.º de fevereiro de 1900
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Com que então minha premonição sobre alguma coisa nefasta estava certa. Acho triste que o intervalo tenha sido tão curto. Mas, talvez os dois ataques estejam relacionados e haja um bem-estar ininterrupto depois deles. É muito doloroso; também não sei mais nada a respeito.

Martin caiu de cama no dia 14 de janeiro,⁽¹⁾ tendo a doença um início agudo entre as duas e três horas da tarde. Ficou sendo o único caso e está bem de novo. Desta vez, a seqüência de observações se interrompe abruptamente. Numa outra ocasião, quem sabe.

Se morássemos na mesma cidade — mas teria que ser Berlim, e não Viena — muitas coisas teriam sido diferentes, e creio que nunca me teria metido em tais apuros (ou teria saído deles rapidamente). Eis porque tenho lamentado nossa separação com tanta freqüência. Infelizmente, isso

não muda nada. Talvez haja tempos difíceis pela frente, tanto para mim quanto para minha clínica. De modo geral, reparei que você costuma superestimar-me enormemente. A motivação desse erro, contudo, desarma qualquer reprimenda. Pois a verdade é que não sou, de modo algum, um homem de ciência, nem um observador, nem um experimentador, nem um pensador. Sou, por temperamento, nada além de um conquistador^(T) — um aventureiro, se você quiser que eu traduza — com toda a curiosidade, ousadia e tenacidade que são características de um homem dessa espécie. As pessoas desse tipo, costumeiramente, só são estimadas quando alcançam êxito, descubrem realmente alguma coisa; caso contrário, são descartadas à beira da estrada. E isso não é totalmente injusto. No presente momento, porém, a sorte me abandonou; já não descubro coisa alguma que valha a pena.

Uma resenha amável, perceptiva e um tanto difusa do livro dos sonhos foi publicada no número 17 do *Nation*; é de J. J. David,⁽²⁾ um conhecido pessoal. Prometi a Löwenfeld concluir um pequeno sumário do livro no verão, sob a forma de uma edição do *Grenzfragen des Nerven- und Seelenlebens*.⁽³⁾

Considero a ciência cada vez mais difícil. À noite, gostaria de ter algo que animasse, revigorasse e esclarecesse as coisas, mas estou sempre só.

A amostra de Hohenzollern é divertida. Naturalmente, o ignorante tem, de imediato, toda sorte de perguntas, que terão de esperar por um congresso ideal. Porque a regularidade legítima destaca a *diferença*? Imagino que minha participação em seu trabalho teria sido muito diferente se eu morasse em Berlim. Assim, estamos-nos distanciando um do outro através daquilo que nos é mais próprio.

L.G. está, no momento, numa fúria contínua, mas, ao mesmo tempo, muito engraçada. Compreendo-a muito bem, pois também eu poderia explodir de ódio. Acabo de adquirir um Nietzsche, em quem espero encontrar palavras para muito do que permanece emudecido em mim, mas ainda não o abri. Preguiçoso demais, por ora.

Lembre-se de que, habitualmente, surgem-me as mais tenebrosas expectativas quando suas cartas deixam de chegar, e escreva logo para o

Seu,
Sigm.

(1) Acima da data. Fliess escreveu "5 X 28² — 10 X 23".

(2) Ver nota 5 da carta de 6 de agosto de 1899.

(3) *Über den Traum*. Originalmente publicado como parte da série mencionada por Freud e, depois, separadamente, em 1911.

(T) Em espanhol no original (N. da T.).

Viena, 12 de fevereiro de 1900
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Se venho restando minha necessidade de uma troca de idéias mais freqüente com você, neste momento, é para poupá-lo de minhas queixas enquanto você está afetado pela doença prolongada de sua mãe. Os desejos de que ela melhore são, sem dúvida, inúteis; gostaria de poder ajudá-lo, se fosse possível ser de alguma serventia nessas questões. Trata-se, por certo, de uma forma de envelhecimento, mas é claro que não é menos dolorosa por essa razão. Ao mesmo tempo, os três netos vão desabrochando.

Estive perto de me repreender por só lhe escrever sobre mim mesmo. Muito do que se teria a dizer não pode ser escrito.

Minha clínica teve uma melhora durante a semana passada. O período em que eu examinava um único paciente em cinco horários de consulta (em todos os cinco) parece estar terminado. Hoje, cheguei até a começar um caso novo, embora, é claro, não saiba se vai durar. Hoje, também, minha depressão se dissipou. Se ao menos eu pudesse dizer-lhe das mudanças constantes que sofrem meus pensamentos em relação a meu trabalho, isto é, dos erros que ainda encontro por corrigir e de como tudo é difícil, você provavelmente faria uma concessão a minhas flutuações neuróticas de humor,⁽¹⁾ especialmente se também levasse em conta minhas preocupações financeiras.

Minna partiu para Hamburgo na noite de sábado para visitar a mãe, que completará setenta anos este ano e que, no momento, está acamada com uma gripe. Ela planeja ficar fora três semanas; se a velha senhora estiver bem, a última semana ficará reservada para Berlim. Naturalmente, ela não deixará de visitar vocês, para pôder dar-me notícias sobre as crianças e levar-lhes minhas cordiais saudações. Martha tem aproveitado muito a vida, assim como as crianças, que estão realmente tendo um bom desenvolvimento. Meu irmão, cujo renome como especialista tem crescido sistematicamente e que está sendo convocado pelo governo para trabalhar como assessor confidencial em todas as investigações oficiais e coisas semelhantes, está, apesar disso, começando a se aperceber de que tudo não passa de exploração. Nem sequer receberá o título de professor, que conquistou ao lecionar na Academia de Exportação; tampouco será integrado no serviço público. Tudo na Áustria é austríaco. Ele vem trabalhando demais, e você conhece meus temores em relação ao futuro dele. Está agora com trinta e quatro anos.

Não estou nem um pouco relutante em aprender mais com você sobre a terapia nasal, quando tivermos uma oportunidade para isso, um dia, mas é muito difícil fazer qualquer coisa nova por aqui e há também uma dificuldade em mim mesmo. Você não faz idéia de como me é árduo aprender alguma coisa e de como isso parece fácil quando se sabe como fazê-lo.

Grosso modo, estou mais distante de Roma do que em qualquer outra época desde que nos conhecemos, e o frescor da juventude está em declínio muito acentuado. A viagem é longa, as estações em que se é atirado para fora são muito numerosas, e nos resta o “se eu conseguir agüentar”.(2)

Adeus e torne a escrever logo para o

Seu,
Sigm.

(1) Freud usa a palavra *Eigenschwankungen* (autoflutuações).

(2) Ver nota 1 da carta de 3 de janeiro de 1897.

22 de fevereiro de 1900
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Você é um otimista; o destino o torna incorrigível!

Fico contente em saber que sua mãe está consideravelmente melhor. Minha sogra, em Hamburgo, não tem passado muito bem.

Uma esplêndida enxaqueca, no dia 18 de fevereiro, concluiu minha própria recuperação completa. O novo paciente logo se foi outra vez! Também ouvi falar no nome de W. James como uma autoridade. Não permitirei, por algum tempo, que os fantasmas me impressionem.

Há um rumor de que você virá a Viena em março. Sem dúvida, é prematuro falar nisso.

A Srta. G. está realmente engajada no trabalho, agora — um trabalho excelente, mas lento.

Com minhas mais cordiais saudações a todos vocês,

Seu,
Sigm.

1.º de março de 1900
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Os ventos acabam de soprar em minha mesa um estranho livro de E. Jonas. Intitulando-se *Symptomatologie und Therapie der nasogenen Reflexneurosen*,... (Liegnitz: Carl Seyffarth, 1900), ele parece ser monoto-

namente otimista e apresenta como novo e verdadeiro muito do que eu, surpreso e meio incrédulo, ouvi de você. De qualquer modo, falta-lhe uma compreensão sistemática e ele não cita nomes, nem mesmo o seu. Será que você estaria interessado?

Cordialmente,

Seu,
Sigm.

O Declínio da Amizade

Viena, domingo, 11 de março de 1900
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Enfim uma carta longa de você! Não tive notícias suas desde 15 de fevereiro; fui o último a escrever e, aparentemente, você não recebeu um cartão que lhe mandei no início de março, onde chamei sua atenção para um livro de Jonas sobre as neuroses reflexas nasogênicas.⁽¹⁾ Em vista de minha crescente falta de liberdade e de sua sobrecarga [de trabalho], e [também] do material desolador que sempre força passagem para minha pena; com a perspectiva de ser impelido para ainda mais longe de você e sua família pela breuerização iminente⁽²⁾ — seria extremamente absurdo tentar negar a influência dessas circunstâncias e a das mulheres, pelo menos, em nosso relacionamento; em suma, em vista de todas essas considerações, resolvi reduzir minhas reivindicações junto a você. Foi essa a razão de meu silêncio prolongado, que entendi como a espera de uma resposta sua.

Agora, estou contente em receber tantas notícias, pois imagino que você lamentaria tanto quanto eu que nossa correspondência minguas e que cessassem nossos encontros. Fiquei atônito ao ver que se haviam passado três semanas desde a ocasião em que lhe escrevi. O tempo se escoou imperceptivelmente, quase comodamente, em meu novo sistema, do qual você terá notícia. Todas as crianças vão bem, Martha tem-se sentido melhor do que de hábito e minha saúde tem estado excelente — regulada por uma leve enxaqueca dominical de recorrência regular. Tenho visto as mesmas pessoas todos os dias e, na semana passada, cheguei até a começar um caso novo, que ainda está no estágio de experiência e talvez, mais uma vez, não o ultrapasse. Fui praticamente isolado do mundo exterior; nem uma folha se agitou para revelar que *A Interpretação dos Sonhos* teve qualquer impacto sobre qualquer pessoa. Só ontem é que um

artigo bastante amistoso, no suplemento literário de um jornal, o *Wiener Fremdenblatt*, me apanhou de surpresa. L.G. está indubitavelmente melhor e plenamente engajada; consegue suportar companhia na parte da tarde, tolerou bem a primeira visita de G.R. e logo se deixará persuadir a ver mais gente. Minna ainda está em Hamburgo, ocupada em cuidar [da doente]; não voltará logo. Ainda é duvidoso que faça uma parada em Berlim.

Meus pacientes passam bem a maior parte do tempo. Este é meu período atarefado, [com] 70 a 80 florins por dia; cerca de 500 florins por semana. A julgar pela experiência passada, chegará ao fim na Páscoa. Não consegui arranjar nada para o verão. De modo geral, é impossível fazer qualquer coisa e tudo é um mero desperdício de energia. Essa é a síntese da situação.

Gostaria de me afastar por uns três dias na Páscoa e, acima de tudo, gostaria de vê-lo. Mas estou sofrendo de um caso grave de febre da primavera, ávido de sol, flores e um tantinho de águas azuis, tal como um rapazola. Odeio Viena quase pessoalmente e, ao contrário do gigante Anteu,⁽³⁾ acumulo forças renovadas no instante em que tiro os pés do solo materno. Pelo bem das crianças, terei que desistir da distância e das montanhas neste verão e terei que suportar constantemente a vista de Viena em Bellevue; ainda não sei se poderei arcar com uma viagem em setembro e, por conseguinte, gostaria muitíssimo de mordiscar os esplendores do mundo na Páscoa. Entretanto, Alexander, meu companheiro de viagem mais próximo e mais barato, depois de um catarro e uma gripe, já cedeu a sua saudade do sul neste mês; foi a Bolzano, Merano e Gries, onde esbanjou suas férias de Páscoa, e não vai querer me acompanhar. Assim, realmente ainda não sei se a Páscoa me trará alguma coisa.

Se você quer saber ainda mais a meu respeito, escute isto: depois da exultação do verão passado, quando, numa atividade febril, concluí o [livro do] sonho, como tolo que sou, fiquei mais uma vez embriagado de esperanças de que tivesse dado um passo em direção à liberdade e ao bem-estar. A recepção dada ao livro e o silêncio subsequente tornaram a destruir qualquer germe de relacionamento com meu meio. E isso porque meu segundo projeto ainda não realizado, afinal, é meu trabalho — a perspectiva de chegar a um fim em algum ponto, solucionar muitas dúvidas e então saber o que pensar das probabilidades de minha terapia. As perspectivas pareciam ser as mais favoráveis no caso de E. — e foi aí que sofri o golpe mais pesado. Exatamente quando eu acreditava ter a solução nas mãos, ela me escapou e vi-me forçado a virar tudo pelo avesso e montar tudo de novo e, nesse processo, perdi tudo aquilo que parecera plausível até então. Não consegui suportar a depressão que se seguiu. Além disso, logo descobri que era impossível prosseguir no trabalho realmente difícil no estado de depressão branda e das dúvidas que me assaltavam. Quando não estou bem-humorado e senhor de mim mesmo,

cada um de meus pacientes é um torturador. Cheguei até a acreditar que teria que desistir ali mesmo. Encontrei uma saída renunciando a qualquer atividade mental consciente, de modo a tatear às cegas entre meus enigmas. Desde então, tenho trabalhado, talvez, com mais habilidade do que nunca, mas realmente não sei o que estou fazendo. Em minhas horas de folga, tomo o cuidado de não refletir sobre isso. Entrego-me a minhas fantasias, jogo xadrez, leio romances ingleses; tudo o que é sério está proibido. Durante dois meses, não escrevi uma única linha do que aprendi ou conjecturei. Assim que me vejo livre de minhas tarefas, vivo como um burguês em busca do prazer. Você sabe quão limitados são meus prazeres. Não me é permitido fumar nada que preste; o álcool de nada me serve; parei de gerar filhos; e estou isolado do contato com as pessoas. Assim, vou vegetando inofensivamente, mantendo a atenção cuidadosamente desviada do assunto em que trabalho durante o dia. Dentro desse sistema, sinto-me animado e à altura de minhas oito vítimas e torturadores.

Nas noites de sábado, anseio por uma orgia de tarô, e passo uma terça-feira sim, outra não, entre meus irmãos judeus, para quem fiz outra palestra recentemente. Até a Páscoa, estarei seguro dessa maneira; depois, vários tratamentos serão interrompidos e terá início outro período de maior desconforto.

Bem, você já deve estar farto disso agora. Se algum dia nos encontrarmos em Roma ou Karlsbad, pedirei que você me perdoe pelos muitos queixumes que espalhei ao longo do caminho.

Mas cumprimente muito cordialmente sua mulher e filhos por mim, e venha você mesmo a Viena para o septuagésimo aniversário.

Seu,
Sigm.

(1) Mas Fliess realmente recebeu o cartão; ver a carta anterior, de 1.º de março de 1900.

(2) A segunda filha de Josef Breuer, Margarethe (1872-ca.1942), casou-se em 27 de maio de 1900 com Arthur Schiff (1871-1939). Essa informação provém de Hirschmüller (1978, p. 48). Ver nota 6 da carta de 30 de janeiro de 1898.

(3) Filho de Poseidon e da Terra, Anteu era um lutador que, a cada vez que era arremessado à Terra, sua mãe, recobrava suas forças.

Viena, 23 de março de 1900
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Preciso escrever-lhe longamente outra vez, afinal. Caso contrário, que pensaria você? Antes de mais nada, meus mais calorosos agradecimentos

por sua hospitalidade para com Minna. Finalmente disponho de informações apropriadas sobre seus familiares: sei que sua mãe está bem outra vez, o que contraria minhas expectativas e é, portanto, duplamente bem-vindo; como é linda e minúscula sua querida Paulinchen; e que aparência robusta tem Conrad, para não falar em nosso velho amigo Robert e seus *apta dicta* [ditos espirituosos]: agora, tenho mais uma vez um bom quadro de todos eles. Fiquei sabendo, com grande satisfação, que seu interesse por minha cria dos sonhos permanece indiminuto e que você está dando uma mãozinha para recomendá-la com insistência ao *Rundschau* e seus críticos indolentes.⁽¹⁾ Após grandes oscilações em minha mente, detive-me do lado que se sente muito grato a você por apadrinhá-la e considerá-la boa e autêntica. Tornou-se um consolo para mim, em muitas horas sombrias, poder deixar esse livro como legado. É verdade, a recepção dele — ao menos a recepção que teve até agora — por certo não me deu nenhuma alegria. A compreensão é escassa; os elogios são parcimoniosamente distribuídos, como esmolas; para a maioria das pessoas, ele é obviamente insípido. Ainda não vi o menor indício de alguém que tenha uma vaga idéia do que é significativo nele. Explico isso dizendo a mim mesmo que estou uns quinze a vinte anos à frente de minha época. Aí, é claro, aparecem os escrúpulos costumeiros, associados à formação de juízos sobre mim mesmo.

Nunca houve um período de seis meses em que eu ansiasse, tão constante e ardentemente, por morar no mesmo lugar com você e aquilo que é seu,⁽²⁾ como este que acaba de passar. Você sabe que venho atravessando uma profunda crise interior [e] poderia ver o quanto ela me envelheceu. Por isso, fiquei profundamente comovido ao ouvir sua proposta de nos reunirmos novamente nesta Páscoa. Quem quer que não compreendesse a determinação mais sutil das contradições consideraria incompreensível eu não me apressar a anuir a essa proposta. Na verdade, é mais provável que eu evite você — não só por causa de meu desejo quase infantil da primavera e das belezas da natureza, que eu sacrificaria de bom grado pela gratificação de ter você perto de mim por três dias. Mas é que há outras razões internas, um acúmulo de imponderáveis que, mesmo assim, pesam intensamente sobre mim (vindo do *habitat* natural da loucura,⁽³⁾ talvez diga você). Estou profundamente empobrecido por dentro; tive que demolir todos os meus castelos de areia e só agora estou reunindo coragem suficiente para começar a reconstruí-los. Durante o colapso catastrófico, você teria sido de um valor inestimável para mim; no estágio atual, mal conseguiria tornar-me inteligível a você. Dominei minha depressão com a ajuda de uma dieta especial de assuntos intelectuais e, agora, graças a essa digressão, ela se está curando lentamente. Se ficasse com você, eu não conseguiria evitar a tentativa de apreender tudo conscientemente e de descrevê-lo; conversaríamos sobre lógica e ciência; suas belas e positivas descobertas biológicas despertariam minha mais profunda inveja (impessoal!). O resultado final seria eu me queixar conti-

nuamente a você por cinco dias e retornar totalmente perturbado e insatisfeito para o verão, no qual provavelmente precisarei de toda a minha compostura. Não há ninguém que possa me ajudar minimamente no que me oprime; é minha cruz e devo carregá-la; e Deus sabe que, na adaptação a ela, minhas costas se tornaram visivelmente recurvadas.

Durante o verão ou o outono, o mais tardar, eu o verei, conversarei com você e lhe explicarei todos os enigmas do Conde Oerindur.⁽⁴⁾ Você poderá convencer-se de que o assunto é meramente complicado, e não *Meschugge* — embora o trabalho abominável com todas as suas exigências pudesse justificar um pouco disso. Aí então discutiremos também os prós e contras da terapia nasal, de preferência, diretamente no objeto. No momento, de qualquer modo, eu não poderia ir a Berlim. Os compromissos familiares não me deixariam um instante de sossego. Minha irmã mais velha, Anna, com os quatro filhos, acaba de chegar [a Berlim], proveniente de Nova Iorque. Não sei o que isso significa e suspeito de que não seja nada bom. Nunca tive nenhum relacionamento especial com ela, como tive, por exemplo, com Rosa, e o casamento dela com Eli B. não chegou exatamente a aprimorar isso. Só conheço um dos quatro filhos dela e, se não fosse um mendigo incurável e pudesse ser tio, aumentaria minha colônia de crianças aqui com mais algumazinhas.

Não sei o que significa essa viagem: alguma doença grave de Anna, riqueza, extravagância ou alguma catástrofe a ameaçar-lhe o marido? Basta; Mamãe foi para lá há dois dias. Rosa e o marido irão na semana que vem; Alexander não pôde resistir à tentação de ir a Berlim no fim-de-semana; e creio que todos estão fazendo isso por preocupação, tanto quanto por amor. Meus planos de Páscoa consistem em ir com Alexander a Trento e, de lá, ao Lago Garda, para ter alguns vislumbres agradáveis da primavera ao viajar por um percurso tão longo. Partiremos daqui a três semanas, se não houver nenhuma interferência, e viveremos quatro dias inteiros como estudantes e turistas, como sempre fazemos.

L.G. está, sem dúvida, muito melhor. Dificilmente se poderia esperar que ela admitisse isso para si mesma, mas sua capacidade de enfrentar problemas e as mudanças psíquicas não deixam nenhuma dúvida. Ela é passiva por natureza; é surpreendente ver como usa mal o tempo de que dispõe; ainda fica constantemente embriagada, tem enxaquecas, fadiga, imagens eróticas etc., mas está começando a falar; tem mantido o contato com G.R., veio visitar-me certa noite e será convidada regularmente. Uma pessoa de boa índole e agradável, ginecofílica numa camada mais profunda, e apegada à mãe [?];⁽⁵⁾ é por essa razão que as imagens masculinas podem ocorrer como sintomas.

Na semana passada, ouvimos uma palestra de G. Brandes sobre a leitura.⁽⁶⁾ O tema não era nada de especial, a palestra foi cansativa, a voz era desafinada e a pronúncia, estrangeira — mas o homem era revigorante. A coisa toda deve ter-se afigurado bem exótica aos ilustres vieneses; em essência, ele não disse nada além de afrontas à platéia. Uma visão

assim tão rígida da vida nos é desconhecida por aqui; nossa lógica mesquinha e nossa moral mesquinha são, afinal, muito diferentes das do norte. Deleitei-me ao escutá-lo; Martha, em quem a ambição é um traço muito importante, persuadiu-me a remeter um exemplar do livro dos sonhos ao hotel dele. Até o momento, ele não demonstrou nenhuma reação; talvez o leia realmente, quando estiver em casa.

Cordiais saudações a você, Ida e as crianças. Espero ter notícias suas dentro em breve e escrever-lhe várias vezes antes da Páscoa.

Sinceramente, seu,
Sigm.

(1) O *Deutsche Rundschau* não havia publicado nenhuma crítica d'A *Interpretação dos Sonhos*.

(2) O texto alemão diz *dem Deinigen*, e não *den Deinigen*, como consta em *Anfänge*. Provavelmente, trata-se de uma referência ao trabalho de Fliess.

(3) *Schigan*. Esse termo foi também usado na carta de 9 de novembro de 1899.

(4) Alexander Grinstein escreveu um artigo sobre o significado desse comentário — "Freud and Count Oerindur: A Preliminary Communication". O Conde Oerindur é o protagonista de uma peça escrita por Adolphus Müllner (1774-1829), intitulada *Guilt; or, The Gipsy's Prophecy; a Tragedy*, traduzida por W. E. Frye (Londres: 1819, edição particular). Segundo Schur (1972, p. 206), uma versão condensada de uma das estrofes da peça se havia transformado numa expressão idiomática: *Erklärt mir, Oerindur, diesen Zwiespalt der Natur* (Explicue-me, Oerindur, essa contradição da natureza), referindo-se à ambivalência. Presume-se que Freud esteja fazendo referência a alguns de seus próprios sentimentos contraditórios em relação a Fliess, dizendo que isso não é loucura (*meschugge*), mas pode ser explicado através de uma referência à idéia do Conde Oerindur sobre amar e odiar alguém ao mesmo tempo.

(5) *Mutterlieb*; sentido obscuro.

(6) Georg Brandes (1842-1927) foi um autor dinamarquês que também escrevia em alemão e tinha relações de amizade com Arthur Schnitzler e Theodor Gomperz. A correspondência entre Brandes e Schnitzler foi compilada e anotada por Kurt Bergel sob a forma de uma dissertação de doutoramento, com o título "Der Briefwechsel Georg Brandes und Arthur Schnitzler" (Universidade da Califórnia, 1948). Segundo Bergel (p. 220), Brandes disse a G. C. Moore-Smith que não se podia extrair nada dos sonhos e, como prova disso, afirmou ter sonhado duas vezes que era mulher! Quando estava com 83 anos, disse que as teorias de Freud eram "repulsivas", mas alterou sua opinião sobre a pessoa de Freud ao conhecê-lo, em 1925; ver *Living Age*, 332 (1927), p. 642. Não se sabe se a opinião de Brandes sobre os sonhos proveio da leitura do livro que Freud levou ao hotel em que ele estava; ele não o menciona em sua correspondência com Schnitzler.

Viena, 4 de abril de 1900
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

A expressão dos sentimentos pode ser adiada, mas é preciso cuidar dos assuntos de negócios. Assim, permita-me responder, imediatamente,

que não tenho nenhuma intenção de escrever um pequeno | livro do | sonho para o *Rundschau* — e por diversas razões: primeiro, porque, depois da obra extensa, essa seria uma tarefa muito desagradável; segundo, porque prometi um ensaio desse tipo a Löwenfeld e, por conseguinte, não posso remetê-lo para nenhum outro lugar; terceiro, porque isso violaria o princípio de diferenciação que se manifesta na redação de um livro por um homem e na resenha dele por outro, e que, além disso, dá ao leitor o benefício da crítica e, ao autor, a oportunidade de aquilatar o efeito de seu trabalho num estranho; quarto e último, o *Rundschau* não deve ser forçado a publicar uma crítica contra sua vontade. Um crítico a contragosto se transforma rapidamente num crítico odioso. Esse parece ter sido o segredo da resenha de Burckhard no *Zeit*,⁽¹⁾ a qual, em sua extrema estupidez, matou o livro em Viena. Quinto, quero evitar qualquer coisa que se assemelhe à propaganda. Sei que o que estou fazendo é odioso para a maioria das pessoas. Enquanto eu me portar de maneira perfeitamente correta, meus ilustres oponentes ficarão inseguros; somente quando eu fizer exatamente o que eles fazem é que se sentirão seguros de que não estou fazendo nada melhor do que eles. Foi por razões desse tipo que me abstive, há algum tempo, de fazer a resenha de seu livro, a qual, de outro modo, muito me agradaria fazer. Esses tipos não hão de dizer que nos estamos lisonjeando mutuamente em público. Assim, penso que a medida mais aconselhável é aceitar serenamente a recusa do *Rundschau* como um sinal inegável da opinião pública.

Mathilde está de cama com catapora e, por conseguinte, não muito doente; todos os outros vão bem. Graças à visita de Minna, estamos informados dos pequenos acidentes em sua casa. L. vai progredindo bastante bem. E. terminará o tratamento na Páscoa, tendo-se beneficiado enormemente, ao que espero. Ainda estou preguiçoso demais para elaborar as coisas por mim mesmo. Tive que mandar embora meu último caso novo depois de duas semanas — era um caso de paranóia.⁽²⁾

Com as mais cordiais saudações a você, esposa, filha e filhos,

Seu,
Sigm.

(1) Ver nota 4 da carta de 8 de janeiro de 1900.

(2) Ver nota 6 da carta de 25 de abril de 1900.

Viena, 16 de abril de 1900
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Aqui vai a saudação da terra do sol, como encomendada. Porque, mais uma vez, não cheguei lá. A viagem, planejada para nos levar a Trento e ao Lago Garda, teve que ser abreviada, para começar, porque

meu companheiro ficou com medo da viagem de volta, de vinte e duas horas, e tive de admitir que ele estava certo. Depois, soubemos que a região para onde queríamos ir tinha tido muita neve, quase tanta quanto tivemos em casa. Depois, a sexta-feira transformou-se num dia horrivelmente chuvoso. E depois, Martin adoeceu repentinamente, e decidi ficar. Por fim, no sábado, o tempo estava tolerável, mas todas as cinco crianças — acompanhando Mathilde — estavam de cama com catapora. Não é nada sério, é claro, mas, mesmo assim, é um acúmulo tão grande de desprazer que estou muito contente por ainda estar em casa.

Você está completamente certo: meus desejos não são muito flexíveis; assim, após uma renúncia parcial, logo paro de desfrutar do “funeral completo”. Foi o que aconteceu aqui também.

Nesse meio tempo, todos vocês estiveram em Dresden; problemas domésticos de natureza menor — felizmente, esquecidos mais depressa. É estranho como as coisas se distribuem. Toda espécie concebível de coisas tem acontecido conosco, mas nada que se pareça com isso. O grupo doméstico funciona com regularidade e as pessoas são dedicadas e permanecem aqui. Cada camada social tem suas queixas específicas.

E. concluiu finalmente sua carreira como paciente, comparecendo a um jantar em minha casa. O enigma dele está *quase* completamente solucionado; ele está em excelente forma, com a personalidade inteiramente mudada. No momento, resta um remanescente dos sintomas. Estou começando a entender que a aparente interminabilidade do tratamento é algo que ocorre regularmente e que está ligado à transferência. Espero que esse remanescente não desmereça o sucesso prático. Eu poderia ter continuado o tratamento, mas tive a sensação de que tal prolongamento seria um compromisso entre a doença e a saúde, que os próprios pacientes desejam, e o médico, portanto, não deve concordar com ele. A conclusão assintótica⁽¹⁾ do tratamento não faz, basicamente, nenhuma diferença para mim, mas é uma decepção a mais para as pessoas de fora. De qualquer modo, ficarei de olho no homem. Uma vez que ele teve que suportar todos os meus erros técnicos e teóricos, penso, de fato, que um caso futuro poderia ser resolvido em metade do tempo. Oxalá o Senhor agora envie esse próximo caso. L.G. está indo muito bem. Não há mais nenhuma possibilidade de fracasso.

Ocasionalmente, qualquer coisa se agita no sentido de uma síntese, mas eu a estou refreando.

A parte disso, *Viena é Viena, ou seja, extremamente repulsiva*. Se eu encerrasse com “Na próxima Páscoa, em Roma”, sentir-me-ia como um judeu devoto. Assim, em vez disso, digo: “Até nosso encontro no verão ou no outono, em Berlim ou onde você quiser.”

Minhas mais cordiais saudações.

Seu,
Sigm.

(1) No sentido de não atingir o objetivo final.

Viena, 25 de abril de 1900
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Bem, você se apercebe agora de que Roma não pode ser forçada! Tenho freqüentemente essa espécie de convicções fatalistas, que se ajustam muito bem a minha inércia. Na verdade, não estou fazendo nenhum progresso. Ao receber sua carta, a determinação de passar alguns dias com você junto ao oceano, em agosto, cruzou minha mente num relâmpago; um grande pagamento extraordinário da Srta. R. tinha-me enriquecido um pouco naquele dia. Mas, se o Senhor subtrair essas somas em algum outro ponto nos próximos momentos, isso não dará em nada, afinal. Tenho certeza de que você passou um período mais agradável com sua esposa, em Dresden, do que teria tido comigo em Weimar. É certo que eu não teria ido; a visão dos cinco filhos doentes foi penosa demais, por mais inócua que fosse a questão em termos gerais.

Ontem fiz uma palestra sobre o *Fécondité*, de Zola,⁽¹⁾ para minha sociedade.⁽²⁾ Estou sempre mal preparado; a rigor, só começo uma hora antes — exatamente como quem escreve uma composição em alemão na escola. Na noite de segunda para terça-feira, sonhei desmesuradamente com essa palestra.⁽³⁾ Explicava que tinha que ir em casa buscar o livro, não encontrava o caminho e me perdia; o tempo estava terrível e eu não fazia nenhum progresso; e, ao longo desses atrasos todos, elaborei parte da fala. Os obstáculos, portanto, eram apenas pretextos para ganhar tempo de trabalhar nela. Os irmãos, ademais, eram descorteses e desdenhosos para comigo — uma conduta que, com toda a certeza, tendia a reduzir meu interesse no sucesso da palestra. O “tempo terrível” foi tomado de empréstimo de uma paciente que, no momento, está despertando meu mais vivo interesse, porque, finalmente — na sexta temporada — estou na trilha do segredo dela. Os erros de técnica me impediram de descobri-lo mais cedo.

A primavera chegou também por aqui. As árvores em frente a minha janela têm delicadas folhas avermelhadas. Estou curioso em saber o que a primavera produzirá em você; quanto a mim, contento-me com um clima de equilíbrio e bem-estar físico. Esqueci de lhe escrever que meus temores de que a viagem de minha irmã mais velha, de Nova Iorque a Berlim, se devessem a alguma catástrofe iminente eram infundados; há alguma outra coisa imperscrutável por trás disso. Por outro lado, o marido de minha irmã mais nova (em Nova Iorque) está com uma doença fatal.

No último número do *Monatsschrift* de Weirnicke (para o qual também escrevo) acha-se a primeira parte de um artigo do Dr. Warda, de Blankenburg: “Um Caso de Histeria, Apresentado de Acordo com o Método Catártico de Breuer e Freud”.⁽⁴⁾ Ainda não o li cuidadosamente. É óbvio que o homem só conhece o pouco que está nos *Estudos* e trabalha muito arduamente com minhas criações conceituais do período de *Sturm*

und Drang(T) — retenção, defesa, conversão — e também como lastimável “hipnóide”(5) que me foi imposto.

A paciente de quem tratei durante duas semanas e que depois descartei como um caso de paranóia enforcou-se, nesse meio tempo, num quarto de hotel (Sra. Margit Kremzir).(6)

Não tive êxito em conseguir nenhum paciente novo. O último a deixar de aparecer foi um menino de doze anos, neto do pintor Alt. Embora tivéssemos combinado que ele viria semanas atrás, supõe-se que tenha adoecido no dia em que deveria começar.

Minhas mais cordiais saudações a toda a sua casa, e mais notícias tão logo haja alguma.

Seu,
Sigm.

(1) Émile Zola, *Les quatre Evangiles — Fecondité*, in *Les Oeuvres Complètes*, notas e comentário de Maurice Le Blond (Paris: François Bernouard, sem data). Na p. 62, “O Dr. Boutan ... sustenta que as mulheres não se estragam e envelhecem por causa das gestações, mas sim por causa das medidas tomadas para preveni-las.” E, na p. 18, Zola fala em “moças que foram seduzidas [mas] não podem denunciar o pai como o sedutor.”

(2) B'nai B'rith.

(3) Esse sonho não parece ter sido citado nos textos publicados de Freud.

(4) W. Warda, “Ein Fall von Hysterie, dargestellt nach der kathartischen Methode von Breuer und Freud”, *Monatsschrift für Psychiatrie und Neurologie*, 7 (1900), pp. 301-318, 471-489. O trabalho consiste num relato extenso e diário de 102 sessões de uma psicoterapia que se constituiu de ab-reação, hipnose e sugestão. O que Warda entendia por ab-reação era que devia perguntar à paciente o que lhe ocorria com respeito a cada um de seus muitos sintomas. Num dado momento, a paciente pergunta a ele: “Devo contar toda a minha infância lúgubre?” Warda tem muito pouco a dizer, mas algumas das “interpretações” da paciente são surpreendentes: por exemplo, a explicação que ela fornece de que as sensações de *pressão* física provêm da falta de liberdade na infância e do enorme desejo de se afastar das pressões daquele período da vida (p. 315). Warda parece ter tido dificuldade em acompanhá-la. A compreensão que tinha de Freud era, por certo, muito limitada, mas o material que forneceu foi incomum na época.

(5) Para uma discussão dessa idéia nos *Estudos sobre a Histeria* e concepções posteriores de Freud a esse respeito, ver Hirschmüller (1978, pp. 221-224) e a introdução de Strachey a S.E. II:25. No caso Dora (S.E. VII:27 n.), escreve Freud: “Gostaria de aproveitar esta oportunidade para afirmar que a hipótese dos ‘estados hipnóides’ — que muitos críticos se mostraram inclinados a encarar como a parte central de nosso trabalho — provém inteiramente da iniciativa de Breuer. Considero supérfluo e enganoso o emprego desse termo, pois ele interrompe a continuidade do problema quanto à natureza do processo psicológico que acompanha a formação dos sintomas histéricos”. Já nos *Estudos* (S.E. II:286) Freud havia começado a ver com ceticismo a teoria dos estados hipnóides. Finalmente, nas *Cinco Lições* (S.E. XI:20), diz Freud: “A teoria de Breuer sobre os estados hipnóides revelou-se impeditiva e desnecessária e foi agora abandonada pela psicanálise”.

(6) No *Neue freie Presse* de 20 de abril de 1900, na sessão “Kleine Chronik”, há uma pequena nota: “Cansada da Vida. Hoje de manhã, uma mulher da Hungria, que aqui estava para consultar vários catedráticos em decorrência de uma grave

enfermidade estomacal, enforcou-se num hotel da cidade, por desespero diante de seu estado incurável". No dia seguinte, sábado, o mesmo jornal publicou, na p. 4, a notícia da morte de Margit Kremzir (sobrenome de solteira: Weiss de Szurda).

(T) Impetuosidade (N. da T.).

Viena, 7 de maio de 1900
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Muito obrigado pelas palavras tão cordiais! São tão lisonjeiras que eu quase poderia acreditar em parte delas — se estivesse em sua companhia. Entretanto, vejo as coisas de modo um pouco diferente. Eu não faria nenhuma objeção à realidade do *splendid isolation*⁽¹⁾ [esplêndido isolamento], se ele não chegasse a tais extremos e não se interpusesse também entre mim e você. De modo geral — salvo por um ponto fraco, meu medo da pobreza — tenho juízo demais para me queixar e, no momento, sinto-me bem demais para fazê-lo; sei o que tenho e sei, em vista das estatísticas da miséria humana, a quão pouco se tem direito. Mas ninguém pode substituir, para mim, o relacionamento com um amigo, que é exigido por um lado especial — talvez feminino —, e as vozes internas que estou acostumado a escutar sugerem uma avaliação muito mais modesta de meu trabalho do que a que você proclama. Quando seu livro⁽²⁾ for publicado, nenhum de nós será capaz de julgá-lo em sua verdade, a qual, como acontece com todas as grandes novas conquistas, está reservada à posteridade. A beleza de sua concepção, porém, a originalidade de suas idéias, sua coerência simples e a certeza de seu autor hão de criar uma impressão que dará a você a primeira compensação por sua batalha árdua com o demônio. Comigo, as coisas são diferentes. Nenhum crítico (nem mesmo o estúpido Löwenfeld,⁽³⁾ o Burckhard da neuropatologia⁽⁴⁾) consegue sentir mais claramente do que eu a disparidade entre os problemas e as respostas a eles fornecidas; e será uma justa punição para mim que nenhuma das regiões inexploradas da vida psíquica em que fui o primeiro mortal a pôr os pés receba meu nome ou obedeça a minhas leis. Quando me pareceu que me faltaria o fôlego no combate travado, pedi ao anjo que desistisse; e isso foi o que ele fez desde então. Mas não me sai como o mais forte, embora, desde essa época, venha mancando visivelmente. Sim, na verdade, estou agora com quarenta e quatro anos, um judeu velho e meio surrado, como você verá por si mesmo no verão ou no outono. Minha família, apesar disso, quis celebrar a data. Meu próprio maior consolo é que não a privei de todas as realizações futuras. [Meus familiares] poderão ter suas experiências e conquistas, na medida em que elas estejam a seu alcance. Deixei-lhes uma base de onde começarem, mas não os estou conduzindo ao cume de onde não mais poderiam alcançar-se.

No sábado, começo a lecionar sobre os sonhos. Dentro de dez dias, vamos mudar-nos para Bellevue. Dizem os boatos que sua esposa logo virá a Viena.

Meu estado de saúde é agora tolerável. De repente, Viena tornou-se desagradavelmente quente. L.G. foi muito boa durante o mês passado. Logo, o jogo foi ganho, afinal. Um caso novo: um homem psiquicamente impotente, provavelmente só para o verão. Há algumas outras perspectivas que ainda não amadureceram.

Em geral, as coisas estão-se agitando um pouco.

Com as mais cordiais saudações a todos vocês,

Seu,
Sigm.

(1) Em inglês, no original.

(2) Ou o *Über den ursächlichen Zusammenhang von Nase und Geschlechtsorgan*, publicado em 1902, ou, mais provavelmente, *Der Ablauf des Lebens*, publicado em 1906.

(3) Com referência a Leopold Löwenfeld e seu relacionamento com Freud, ver a carta de 8 de outubro de 1895. Em Masson (1984), discuti a influência de Löwenfeld no pensamento de Freud sobre a teoria da sedução. Depreende-se com clareza dos livros de Löwenfeld que os dois se empenharam numa correspondência animada (que não chegou até nós). Recentemente, fui informado de que, na segunda edição (1899) do livro de Löwenfeld intitulado *Sexualleben und Nervenleiden: Die nervösen Störungen sexuellen Ursprungs* (Wiesbaden: J. F. Bergmann), Löwenfeld escreveu: "Casualmente, um dos pacientes com quem Freud usou o método analítico veio a ser observado por mim. O paciente me disse com certeza que a cena sexual infantil que a análise aparentemente havia revelado era pura fantasia e nunca havia realmente acontecido com ele" (p. 195). É possível que esse trecho tenha desempenhado algum papel no abandono da teoria da sedução por Freud.

(4) Ver nota 4 da carta de 8 de janeiro de 1900.

Viena, 16 de maio de 1900
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Já que não me escreve há uma eternidade, você não me deixa nenhuma alternativa senão tentá-lo com uma carta fora da ordem. De qualquer modo, houve um ligeiro intervalo: uma paciente noturna me abandonou — meu caso mais difícil, e [também] o mais certo no que concerne à etiologia. Durante quatro anos, não consegui chegar perto dele. Ademais, esse foi o único caso que Breuer me mandou. Estava sempre a reencaminhar a moça para mim a cada vez que eu a afugentava no mais absoluto desespero. No ano passado, comecei finalmente a me relacionar com ela em bons termos e, neste ano, tive êxito, enfim. Descobri as cha-

ves, ou seja, pude convencer-me de que as chaves encontradas em outro lugar ajustavam-se a ela e, tanto quanto permitiu esse curto espaço de tempo (dezembro até agora), influenciei profunda e essencialmente o estado dela. Ela se despediu de mim hoje com as palavras “O que o Sr. fez por mim é de valor inestimável”. Contou-me que, quando confessou a Breuer sua melhora extraordinária, ele bateu palmas e exclamou repetidamente: “Então ele está certo, afinal!” Nessa pequenina cena você pode reconhecer o adorador do sucesso, que professa sua fé numa das religiões mais populares do mundo, da qual são adeptos todos os que têm o caráter fraco. Porque é que ele proclamou, durante anos, que eu estava errado? É mesmo muito agradável para alguém poder-se comprazer duas vezes com cada erro — a primeira, por ter estado errado, o que confere um sentimento de superioridade, e a segunda ao se admitir que se estava errado, o que faz com que se pareça nobre diante de si mesmo e de outrem. Os pobres-diabos tolos e empedernidos como nós saem perdendo no que tange a esses prazeres. Entretanto, depois de ter-me queixado com você tantas vezes, não quero privá-lo da notícia de meu pequeno triunfo.

Apenas três alunos estão assistindo às minhas aulas — Hans Königstein, a Srta. Dora Teleky⁽¹⁾ e um certo Dr. Marcuse, de Breslau. O livreiro queixou-se de que *A Interpretação dos Sonhos* está “saindo devagar”. O *Umschau* de 10 de março trouxe uma resenha curta, amistosa e desprovida de compreensão.⁽²⁾ Para mim, porém, nada importa senão meu trabalho, e estou disposto a ficar inteiramente voltado para um só propósito, se puder levá-lo até o fim.

O marido de minha irmã mais nova faleceu em Nova Iorque no dia 6 de maio. Ainda não recebemos carta da viúva. Nunca cheguei a conhecê-lo; dizem que era muito generoso. Foi um casamento curto e feliz.

E quanto a você? Ainda está no Capítulo 1? Será que admitiria um primeiro lugar provisório em seus planos de verão para a possibilidade de passarmos uns dias juntos no Mar do Norte? Você sabe que só uma completa falta de fundos ou uma doença me impediria de levar a cabo essa intenção. Está ciente de algum obstáculo de sua parte?

Ficarei imensamente feliz em encontrar sua prezada esposa aqui. Dê meus cumprimentos aos três pequeninos. Mela está com uma aparência gratificadamente boa, faltando apenas alguns dias para a hora [do parto]. Estive lá hoje.

Muito cordialmente,

Seu,
Sigm.

(1) Com referência a Dora Teleky, ver Masson (1984, pp. 249-250).

(2) Essa resenha, da autoria de C. Oppenheimer, afirma que *A Interpretação dos Sonhos* é um “livro altamente interessante, para não dizer estranho!” e declara que, a princípio, as associações parecem ser artificiais, ou então piadas antiquadas (Kalauer).

Viena, 20 de maio de 1900
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Naturalmente, jamais voltarei a mencionar o Mar do Norte, já que você se dá tão mal com ele; eu não fazia a menor idéia disso. Gostaria que fosse o Mediterrâneo, mas será como você quiser, desde que possa acontecer. Agora vai chegando o período morto de que tenho medo — isto é, em que tenho medo de mim mesmo. Ontem, a quarta paciente disse adeus nos termos mais cordiais, com os *Quadros Seleccionados* de Böcklin como presente de despedida.⁽¹⁾ Esse caso foi o que me deu maior satisfação e talvez esteja completo. Logo, as coisas correram bem este ano. Venci, finalmente. Mas, o que vou fazer agora? Tenho ainda três pessoas e meia — isto é, três sessões e meia — por dia. Não são brinquedos suficientes para a baleia.⁽²⁾ Ai de mim quando fico entediado! Todo tipo de coisas pode dar errado. Não consigo trabalhar. Fico permeado pela preguiça; o tipo de trabalho que venho fazendo deste outubro até agora é muito diferente do que leva a escrever e muito desfavorecedor disso. Não comecei o pequeno panfleto sobre o sonho para Löwenfeld. Não me atenho firmemente nem mesmo a meus *allotriis* [passatempos], alternando entre o xadrez, a história da arte e a pré-história; nada tem permissão de prosseguir por muito tempo. Gostaria de desaparecer por umas semanas para algum lugar onde não existisse nada como a ciência — isto é, longe do congresso com você. Ah, se eu tivesse dinheiro ou um companheiro de viagem para a Itália!

Meu cunhado parece ter sucumbido a um problema cardíaco de origem desconhecida, possivelmente ligado a um problema renal latente. Era um homem incomumente bem apessoado, grande e forte, que dizem nunca ter adoecido antes. Nasceu em Zwittau, na Morávia, e foi para a América há treze anos. Conheci a família dele; são gente pobre, mas capaz e generosa. Farão o melhor que puderem para assistir a viúva e a filha. Restará também alguma coisa a ser feita por nós.

Tive medo de que você também viesse a Viena no Pentecostes, pois meu irmão mais velho, de Manchester, escreveu [dizendo] que nos fará uma visita nessa época. Ele já não é jovem; acho que tem sessenta e oito (!) anos, embora tenha uma aparência meio juvenil.

Tenho perguntado a mim mesmo porque não consigo romper de vez com Breuer, e um episódio recente de esquecimento forneceu-me a resposta. Eu havia prometido à Srta. L. que lhe compraria um pequeno cofre de ferro onde ela pudesse guardar seus objetos de valor, mas me esquecia disso continuamente. Ela acabou por me lembrar o assunto e saí para comprar [o cofre]. Lembrei-me de uma loja, a Tanczos, e tive a mais nítida recordação visual de uma vitrine em que se podia ver um pequeno cofre. Devia ser em algum ponto facilmente localizável no centro da cidade. Mas fui absolutamente incapaz de achar o lugar em minhas

andanças. Assim, decidi consultar o catálogo telefônico ou o registro das firmas comerciais antes de minha caminhada seguinte. Só que voltei então a me esquecer do assunto por cinco dias consecutivos. Finalmente, forcei-me a recordar e verifiquei o endereço. E onde é o lugar dessa vitrine com o cofre de ferro? Na [rua] Brandstatte, bem em frente a Breuer, onde devo tê-la visto milhares de vezes. Isso é fácil de interpretar.(3)

Minhas mais cordiais saudações. Até agora, na noite de 22 de maio, ainda não sei nada sobre o Rie 3.º.(4)

Seu,
Sigm.

(1) No texto em alemão, não fica claro se a paciente deu esse livro de reproduções a Freud ou se ele o deu a ela. A primeira hipótese parece mais provável.

(2) *Dem Walfisch die rote Tonne hinwerfen* (Atirar um barril vermelho à baleia) é um antigo provérbio alemão, com o sentido de dar alguma coisa a alguém para que não faça diabruras. Ver K. F. W. Wander, *Deutsches Sprichwörter-Lexikon* (Leipzig: F.A. Brockhaus, 1867).

(3) Ver *Psicopatologia da Vida Cotidiana* (S.E. VI:137-138) onde Freud também descreve esse incidente, mas afirma que a loja era no prédio em que Breuer ("M.") morava.

(4) Marianne Rie Kris nasceu no dia 27 de maio de 1900.

26 de maio de 1900
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Como isso se encaixa em seus cálculos, comunico-lhe que, após um período bom e prolongado, tive uma enxaqueca terrível na quinta-feira, dia 24 de maio, e tenho estado cansado e infeliz desde então. Estou tão mal-humorado que ando considerando a idéia de desistir da viagem diária até Bellevue, onde estamos desde a quarta-feira, e recolher-me a minha solidão em Berggasse. Essa não seria a primeira congruência temporal, se não houvesse outras razões gerais para ela desta vez.

Bellevue é XIX/5, mas aguardo suas cartas no endereço antigo. É muito gratificante que Paulinchen tenha reagido positivamente ao impulso.

Cordiais saudações.

Seu,
Sigm.

Viena, 12 de junho de 1900
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Recebemos visitas da família. Meu irmão mais velho, Emanuel, chegou na véspera de Pentecostes com o filho mais novo, Sam, que já tem mais de trinta e cinco anos, e ficou até a quarta-feira à noite.⁽¹⁾ Trouxe um verdadeiro sopro de revigoramento, pois é um homem maravilhoso, vigoroso e mentalmente incansável, apesar de seus sessenta e oito ou sessenta e nove anos, que sempre significou muito para mim. Seguiu para Berlim, que é agora o quartel-general da família, com Dolfi, que havia trazido as três menininhas novaioquinas (filhas de Anna) para Viena, de onde irão (esta noite) com Rosa para o Lago Ossiach, para passar o verão. As três meninas têm treze, oito e seis anos e são crianças encantadoras, verdadeiras beldades, precoces como as meninas norte-americanas e muito cativantes. Vez por outra, portanto, tem-se uma boa impressão da própria família. Naturalmente, a tristeza vem logo atrás. Pauline, a jovem viúva, embarcou anteontem (?) no *Pretoria* rumo a Hamburgo.

Ernst esteve adoentado outra vez, com garganta inflamada e febre durante quatro dias. A energia dele é inesgotável. Mesmo quando está com febre de 38,5°C, ainda grita: "Ninguém poderia se sentir melhor; quero me levantar!" O molequinho só se torna dócil e obediente quando a temperatura sobe para os 39,5°C. Essa vivacidade e impetuosidade maníacas parecem-me estranhas, às vezes, como as de um tuberculoso.

Afora isso, a vida em Bellevue tem-se mostrado muito agradável para todos. As noites e manhãs são encantadoras; o aroma dos lilases e laburnos foi sucedido pelo das acácias e jasmims; as rosas silvestres estão desabrochando e tudo, como também eu observo, acontece subitamente.

Você acha que, algum dia, será possível ler numa placa de mármore nesta casa,

"Aqui, no dia 24 de julho de 1895,
o segredo do sonho
se revelou ao Dr. Sigm. Freud"?⁽²⁾

Até o momento, as perspectivas são pequenas. Mas, quando leio os livros mais recentes de psicologia (*Analyse der Empfindungen*, de Mach, 2.^a ed., *Aufbau der Seele*, de Kroell, e similares⁽³⁾), todos os quais têm uma orientação semelhante à de meu trabalho, e vejo o que eles têm a dizer sobre o sonho, fico realmente satisfeito, como o anãozinho do conto de fadas, porque "a princesa não sabe."⁽⁴⁾

Não consegui outro caso novo, ou melhor, quero dizer que, em troca do último, perdi um que havia começado em maio, de modo que estou de volta ao ponto em que estava antes. Mas este é lindo — uma menina

de treze anos, que se supõe que eu deva curar instantaneamente e que, para variar, me mostra na superfície o que costumo esforçar-me por desencavar por baixo de camadas superpostas. Discutiremos a menina em agosto; a menos que ela seja prematuramente arrancada de mim. E isso porque, em agosto, definitivamente irei vê-lo, a menos que me decepcione em minha expectativa de 1.500 coroas no dia 1.º de julho. E, o que é mais importante, posso pelo menos ir a Berlim — se Pauli não me custar dinheiro demais — e conseguir algum ar puro e energias renovadas para 1900-1901 nas montanhas ou na Itália. O mau humor não é mais produtivo do que fazer economia.

Ouvi falar no acidente de Conrad e no desfecho feliz. Agora, tenho direito, novamente, a receber notícias de você e dos seus.

Minhas mais cordiais saudações a você e a eles.

Seu,
Sigm.

(1) Ver nota 2 da carta de 30 de maio de 1896.

(2) Com efeito, essa placa foi ali colocada no dia 6 de maio de 1977.

(3) Ernst Mach (1838-1916), *Die Analyse der Empfindungen und das Verhältnis des Physischen zum Psychischen*, 2.ª ed. (Jena: Gustav Fischer, 1900; 1.ª ed., 1886). Breuer é mencionado, mas não Freud. A referência relativa a Kroell diz respeito a *Der Aufbau der menschlichen Seele, eine psychologische Skizze* (Leipzig: Wilhelm Engelmann, 1900).

(4) Sem dúvida, esta é uma referência a *Rumpelstilzchen*, dos irmãos Grimm. Ver nota 3 da carta de 16 de maio de 1897.

Viena, 18 de junho de 1900
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Minha última carta versou apenas sobre mim mesmo e, agora, você me obriga a escrever novamente a meu respeito, porquanto retém as informações mais detalhadas sobre sua família. Tenho alguma idéia de suas dificuldades com a “Srta.”⁽¹⁾ [mas] você não diz nada sobre Conrad. Assim, fica tudo para agosto, quando certamente falarei com você, e devo outra vez escrever sobre mim mesmo, como se não mais estivesse interessado em nenhuma outra coisa.

Depois de Ernst, que se recuperou depressa, a epidemia de infecções de garganta reclamou Martin, que hoje começa a cambalear pela casa como uma sombra. Mathilde parece ser a próxima, mas está sem febre; os outros ainda estão florescendo. Naturalmente, nossa estada em Bellevue carece de tudo o que torna tão deliciosa a distância da metrópole. Simplesmente não existe degelo seco.

No entanto, autentiquei a data de 24 de julho de 1895. O sonho é datado da mesma maneira no livro — 23-24 de julho — e sei que essa foi a primeira vez em que apreendi o princípio geral, tal como sei que analisei o sonho no dia seguinte. Será que a data pode ter alguma serventia para você?

É claro que fiquei contente com a resenha no *Berliner Tageblatt*.⁽²⁾ É a primeira voz de alguém que se impressiona e demonstra um certo entendimento, apesar de incompleto, porque a última observação — a de que não se pode basear nele uma técnica científica e de que o método não pode ser ensinado — é incorreta. Pelo menos dois de meus pacientes o aprenderam tão bem quanto eu. Muito me agradaria saber quem é o crítico. Não pode ser, realmente, alguém muito distante dos círculos médicos.

A vida aqui é muito maçante e estou perdendo gradativamente meu ouvido apurado e a serenidade de que preciso. Mais um paciente de Zitonir, na Rússia, de onde veio uma paciente dois anos atrás, anunciou sua vinda; mas é muito difícil que eu continue a trabalhar depois de 1.º de agosto por causa dele. A garotinha de treze anos é muito interessante e nos dará muito que discutir. L.G. vai indo de modo excelente; no último domingo, ela passou a tarde inteira conosco em Bellevue, ficou para três refeições e se comportou magnificamente. Espero poder começar, gradualmente, a orientar minha atenção para os problemas e dificuldades restantes, mas só depois do intervalo das férias, com certeza.

Tenho diante de mim o anúncio [da publicação] de:
Sexuelle Osphresiologie, do Dr. Alb. Hagen.⁽³⁾

O capítulo I é um “Levantamento Geral”, incluindo as “zonas genitais” do nariz (o comportamento do nariz na puberdade, na menstruação etc.). Espero que ele mostre reconhecer a fonte de seus conhecimentos. Também deparei com seu nome no texto do recém-publicado *Mimik auf Grund voluntarischer Psychologie*. (Esqueci o nome do autor.)

Espero que este verão termine logo. Preciso afastar-me mais uma vez e ver alguma coisa. A gente se resseca tão facilmente com a inevitável restrição dos interesses próprios ao longo do ano! Claro, ainda não é Roma — ah, otimista! — mas é, pelo menos, Berlim, e talvez também alguma parte das montanhas com minha mulher. *Vederemo!* [Vamos ver].

Todas as minhas saudações mais cordiais a você e todos os seus familiares.

Seu,

Sigm.

(1) Pauline, a filha de Fliess, ou então a governanta.

(2) A breve resenha do *Berliner Tageblatt und Handels-Zeitung* de 6 de junho chama o livro de “estranho e maravilhoso”.

(3) Alb. Hagen, *Die sexuelle Osphresiologie. Die Beziehung des Geruchsinnes und der Gerüche zur menschlichen Geschlechtstätigkeit* (Charlottenburg: H. Barsdorf, 1901).

Viena, 1.º de julho de 1900
IX, Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Com que então, está mesmo alvorecendo! Mas não sou tão indiferente a isso quanto você. Seu caso sempre me pareceu muito mais deprimente. Em meu caso, posso explicar prontamente a resistência das pessoas em termos do incômodo evocado pelo assunto. Mas sua matéria é limpa e impessoal, e a única explicação possível está na aversão das pessoas a qualquer coisa nova que possa ser verdadeira, e tal explicação é, realmente, muito desoladora. Levemos em consideração um fator adicional. Quando as publicações que hão de rotular suas descobertas como clássicas vierem a público e a comunidade científica demonstrar sua famosa natureza de cordeirinho, no sentido de aceitar genericamente o que antes rejeitou, será que você não vai experimentar um certo sentimento de satisfação, ao imaginar o *Hofrat* Chrobak e seus assistentes clínicos a se esforçarem por ver apenas o que viram originalmente, e depois negá-lo a eles próprios e a outrem? Esse júbilo pirracento, essa sede satisfeita de vingança desempenha um papel importante em meu caso; até o momento, saboreei muito pouco desse delicioso acepipe. Assim, alio-me a você, beliscando uma colherada de sua refeição. Há um fator adicional que explica porque, confrontados com o mesmo julgamento, portamo-nos de maneira tão diferente. É provável que ambos atribuamos uma importância igualmente pequena à aprovação de nossos ilustres contemporâneos, mas você não depende dela, pois também arranca dentes, corta narizes e faz outras coisas que eles remuneram sem entrar em conflito com você. Já eu devo ganhar a vida precisamente com base na opinião das mesmas pessoas cuja opinião desprezo. É provável que eu fosse tão despreocupado quanto você, se fosse igualmente independente.

Com toda certeza eu o verei nessas férias, e no lugar que você designar. O que ainda é questionável para mim é se isso será possível no início de agosto. Provavelmente, irei a Trafoi com minha mulher por uma semana, em agosto, e precisarei evitar o período em que ela fica incapacitada de se divertir. Não recebi, afinal, o dinheiro com que havia contado, mas não deixarei que isso me impeça de viajar. Já me tornei muito embotado, irritável e rabugento, e reajo a tudo o que não corre serenamente, como acontece com meus casos principais, com uma ressonância excessivamente intensa. Além disso, o calor desses dias tem sido mortal. É hora de parar. Ainda poderemos combinar a ocasião de nosso encontro. As coisas em sua casa hão de se acomodar, e então poderei perguntar-lhe sobre seus planos de verão.

Este é o ano das reaparições! Meu velho amigo Lustgarten, de Nova Iorque, está aqui outra vez; foi muito bondoso para com minha pobre irmã e quer que eu vá encontrá-lo nas montanhas em agosto. Minha irmã chegou no dia 1.º de julho, ainda sob o impacto do | choque que antecede-

de o luto, triste e abatida, com uma garotinha exuberantemente rebelde de quatro anos e meio. Muitas coisas fazem sentido, quando se pensa no assunto.

Escreva logo.

Muito cordialmente,

Seu,

Sigm.

Viena, 10 de julho de 1900

IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

É fácil de explicar e resolver, afinal. Como você não pôde, naquela ocasião, indicar-me uma data definitiva, e eu tinha uma, adiei nosso congresso para um período posterior durante as férias. Agora que você revelou seus planos, posso apenas responder que eles me convêm esplendidamente. Posso estar em Innsbruck no dia 31 de julho e lá permanecer com você até 4 de agosto; as mulheres poderão seguir no dia 4 de agosto, e então irei a Landeck com Martha, de onde poderemos pegar uma caruagem para Trafoi. Se nenhuma criança adoecer, nenhuma ponte ruir e não houver nenhum outro percalço, é assim que vai ser. Tenho que superar um ligeiro sentimento de desgosto por, mais uma vez, não ter a oportunidade de ver as crianças, e pelo fato de que você me encontrará no auge da exaustão e do mau humor, mas o principal é que vamos estar juntos; qualquer adiamento implica riscos. Você não me disse nada sobre seus planos ulteriores, de modo que não sei se alguma outra coisa seria possível durante essas férias. Portanto, isso fica acertado e eu o aguardo ansiosamente, depois de ter passado um longo período sem ter nada que aguardar.

Continuo muito curioso sobre os detalhes de sua reabilitação e sobre tudo o mais que você me promete, embora não possa prometer reciprocidade. Estou totalmente esgotado por meu trabalho e tudo aquilo que, associado a ele, está germinando, atraindo e ameaçando. O verão, por falar nisso, não foi tão ruim. A questão de conseguir trabalho no verão, que parecia ser um problema há um ano, agora se resolveu por si mesma. Por um lado, isso não é necessário; por outro, eu não teria forças. Os grandes problemas permanecem ainda totalmente insolúveis. Tudo está fluindo e alvorecendo, num inferno intelectual, camada após camada; no âmago mais escuro, vislumbres dos contornos de Lúcifer-Amor.

O fato de as pessoas gostarem ou não do livro do sonho está começando a ser indiferente para mim, e começo a deplorar-lhe o destino. Obviamente, essa gota d'água não tornou a pedra menos dura. Além

disso, não tive nenhuma notícia de outras resenhas e o reconhecimento ocasional que recebo nos contatos pessoais mostra-se mais ofensivo do que a habitual condenação silenciosa. Eu mesmo, até o presente, não descobri nada que precisasse de correção. Ele é verdadeiro e sem dúvida permanece verdadeiro. Adiei para outubro o ensaio sucinto sobre o sonho.

De qualquer modo, nosso encontro no dia 31 de julho ou 1.º de agosto, no máximo, é um raio de luz. Vamos agarrar-nos a ele. Ainda podemos discutir os detalhes. Talvez seja possível encaixar outro lugar que não Innsbruck na mesma rota. Mas isso realmente não tem importância.

Com meus cumprimentos cordiais a sua querida esposa e filhos.

Seu,
Sigm.

[cartão-postal mostrando uma placa comemorativa a Goethe]
Tarbole su lago di Garda
5 de setembro de 1900
Para variar, um cartão-postal em homenagem ao velho, do seu Sigm.

Viena, 14 de setembro de 1900
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Estou surpreso por vocês terem ficado fora mais tempo do que nós. Já estou em Viena desde 10 de setembro. Fico muito contente que se tenham divertido tanto. Foi extremamente agradável para mim também. Vou condensar meu relato sobre as seis semanas. Depois de nos despedirmos [Fliess e Freud], fomos [Martha e Freud] para Trafoi. A viagem foi fria e ruim até chegarmos lá. Mas Trafoi nos recompensou amplamente; a *Gasthaus zur schönen Aussicht*⁽¹⁾ era confortável e [a comida], farta. Tomamos repetidamente a bela estrada Stölz. Depois disso, viajamos — todas as nossas viagens intermediárias se deram em meio a temporais e outras circunstâncias agravantes — para Sulden, onde dois dos mais gloriosos dias vieram a nosso encontro, exatamente quando havíamos perdido a esperança de bom tempo. A cabana de Schaubach para onde caminhamos sobre “gelo escorregadio” era imponente. Hoje, já não sei porque não levei a cabo minha intenção de lhe agradecer de lá por tê-la recomendado. Prosseguimos então via Merano para uma parada em Mendola, onde encontramos Lustgarten e outros amigos vienenses. Fazia um

calor sufocante e [ficamos] preguiçosos. Para variar, fizemos um passeio de charrete de um dia pelo Vale do Nons (Clès), um tesouro de antiguidades. Martha viajou então para casa, via Bolzano, e insistiu peremptoriamente em que eu acompanhasse Lustgarten até Veneza para lhe servir de guia. Assim fiz, mas lá, para minha surpresa, encontrei meu cunhado Heinrich e Rosa, que, depois de um dia e meio em Veneza, levaram-me com eles para Berghof, no Lago Ossiach. Em Berghof encontrei minha irmã Anna, com as meninas americanas, que se parecem muito com meus filhos, e, um dia depois, o Tio Alexander chegou inesperadamente. Por fim — estamos agora no dia 26 de agosto — veio o alívio. Minna, quero dizer, com quem viajei pelo Vale do Puster até Trentino, fazendo diversas paradas curtas pelo caminho. Só quando estava totalmente no sul fci que comecei a me sentir realmente à vontade; sob o gelo e a neve, faltava alguma coisa, embora, naquele momento, eu não a pudesse definir. O sol foi muito camarada em Trentino, em nada tão intolerável quanto em Viena. De Trentino fizemos uma excursão ao extraordinariamente belo Castelo Toblino. É lá que cresce o *vino santo* selecionado, que só é prensado no Natal. Ali reví também minha amada oliveira. Minna quis ter o gostinho da estada num lugar de grande altitude, e assim seguimos por uma estrada espetacular na montanha até Lavarone (1.200 metros), um planalto elevado na encosta do Valsugano, onde deparamos com a mais magnífica floresta de coníferas e com uma solidão jamais sonhada. As noites começaram a ser frias, porém, de modo que rumei diretamente para o Lago Garda, como você deve ter sabido pelo cartão enviado de Tarbole. Finalmente, passamos cinco dias em Riva, divinamente hospedados e alimentados, regalando-nos sem nenhum pesar e sem perturbações — a menos que a reunião da Sociedade de Professores no Hotel du Lac possa ser encarada como uma “perturbação”. Presentes: Sigm. Mayer (de Praga), de quem eu deveria ter sido assistente, Tschermak, Jodl, Felsenreich, de Viena, Dimmer, de Graz, e Hildebrand, de Innsbruck. Mantivemo-nos à distância. Duas longas viagens de barco nos levaram, uma vez, a Salò, e outra, a Sirmione, onde escalei as ruínas do que se diz ter sido a vila de Catulo.

No dia 8 de setembro, levei Minna até Merano, onde ela deverá ficar por algumas semanas ou meses para curar sua apicite [inflamação] pulmonar. Creio ter-lhe dito que a recorrência dessa enfermidade, pela qual ela fora mandada para a Sicília aos dezessete anos, lança uma sombra sobre o futuro imediato. Cheguei a Viena sentindo-me escandalosamente bem e feliz, encontrei minha família bem-humorada e, no mesmo dia, estava de volta à rotina do dia a dia. Contrariando as expectativas, havia trabalho; os primeiros 200 florins foram rapidamente ganhos. Vamos ver o que virá a seguir.

Até o momento, só dois de meus casos mais importantes estão de volta: F e L., esta última depois de ter-se conduzido esplendidamente com os pais, o que me rendeu uma carta muito amável do pai dela, G.

O restante envolve toda sorte de afazeres. No que concerne à psicose de um de meus pacientes de longa data, preciso preparar-me para um bocado |de trabalho|.

Infelizmente, fiquei sabendo que Mela esteve seriamente enferma. Encontrei Oscar em mau estado e estou realmente contente que amanhã, sábado, terá lugar a mudança de Brühl para o apartamento no centro da cidade. Não há também nada de bom a contar sobre os dois velhinhos, como você já sabe. Oscar tem um ano difícil pela frente. Ainda encontrou tempo para se indignar com o fato de eu ter sido preterido novamente, pois, com efeito, num certo dia de agosto, todos os |nomes| propostos foram elevados ao |cargo de| professor, com a única exceção de seu humilde criado. Fui tão pouco atingido por isso que só me lembrei |do assunto| através de Oscar. Mas, pelo menos, Königstein conseguiu.

O primeiro dia trouxe também uma pequenina idéia acerca das raízes (ou de uma das raízes) psicológicas da superstição.⁽²⁾ Eis como isso me ocorreu: aluguei uma carruagem e pedi ao cocheiro que me levasse a Ditrichsteingasse. Eu queria ver se a velha senhora que já chegou aos noventa e um anos e que, afinal, não chegará aos cem, já estava de volta à Viena. O cocheiro levou-me à rua errada, muito embora me tivesse levado antes ao lugar certo em numerosas ocasiões. Então, disse eu: "Se eu fosse supersticioso, entenderia isso como um sinal indicando que ela vai morrer este ano. Mas, como nada tenho a ver com o erro do cocheiro, isso é um acidente no que me diz respeito". Agora estou em guarda contra a interpretação do acidente como psicologicamente significativo. Se eu mesmo me tivesse perdido, em vez do cocheiro, isso seria chamado de "acidente" por outra pessoa. Eu sabia que queria expressar alguma coisa com esse erro. Ao atribuímos importância à ocorrência de um acidente externo, projetamos no exterior nosso conhecimento de que nossos acidentes internos são invariavelmente intencionais (inconscientemente). Logo, esse conhecimento tenebroso é a fonte de nossa crença na justeza dos acidentes, e portanto, da superstição.

Afora isso, estou muito preguiçoso. Estou à espera de que Martha e as crianças voltem para casa amanhã. Hoje foi o primeiro dia em que não estive em Bellevue.

Com as mais cordiais saudações e esperando ter notícias suas dentro em breve,

Seu,
Sigm.

(1) Literalmente, "a pousada com uma vista linda".

(2) Esse incidente é narrado na *Psicopatologia da Vida Cotidiana* (S.E. VI:256-258).

24 de setembro de 1900

Querido Wilhelm,

Muito obrigado pela carta e o recorte anexo; estou respondendo a esta hoje. Afinal, *preciso* interessar-me pela *realidade* da sexualidade, da qual só se toma conhecimento a duras penas. Estou escrevendo lentamente a “Psicologia da Vida Cotidiana” (estar errado — loucura).⁽¹⁾ Para minha tristeza, terei até mesmo que lhe pedir que me devolva uma carta [enviada] de Berchtesgarden: a que traz a análise de um número escolhido ao acaso.⁽²⁾ Faço menos objeções à maneira como os teólogos tratam do assunto do que às introduções indignadas de nossos autores, inclusive von Krafft-Ebing. Posso recomendar-lhe a *Castração*, de C. Rieger, em contrapartida.⁽³⁾

Estou em estado lastimável com um resfriado sinusal.

Cordiais saudações.

Seu,

Sigm.

(1) Freud pretende dizer que o som de *irren* (errar), em alemão, o faz lembrar-se de *Irre* (loucos).

(2) Ver nota 1 da carta de 27 de agosto de 1899, onde há uma referência a isso.

(3) Conrad Rieger foi professor de psiquiatria na Universidade de Würzburg. O livro aqui mencionado é *Die Castration in rechtlicher, sozialer und vitaler Hinsicht* (Jena: Gustav Fischer, 1900). Ver nota 3 da carta de 2 de novembro de 1896.

Dora e a Psicopatologia da Vida Cotidiana

Viena, 14 de outubro de 1900

IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Agora você está novamente com mulher e filho de volta a casa e decerto já sabe que os vi e falei com ambos por um momento. Robert estava magnífico e, com sua franqueza divinamente crua — não dirigida a mim — fez-me lembrar de Paul Hammerschlag.⁽¹⁾ *Si parva licet componere magnis.*⁽²⁾ Que ele possa conservá-la por muito tempo. Sua esposa, é óbvio, ficou muito preocupada com as dificuldades da mãe doente. Isso é mesmo uma coisa indescritivelmente aflitiva e, quando tomei conhecimento de que havia razões não explicitadas opondo-se à viagem a Berlim, fiquei imaginando se não seria melhor convencer você a não ter mais nenhuma participação no tratamento. Ela não perderá nada com isso, pois o que você quer não pode acontecer. E talvez tenha algo a ganhar, porque Breuer talvez faça por conta própria o que jamais faria se solitado. Eu o conheço; não se pode influenciá-lo e não é possível romper com ele.

Entretanto, estou envolvido demais, pessoalmente, para ter uma opinião fidedigna. Como você mesmo disse, você agora me pede perdão por toda a sorte de idéias que teve sobre meu relacionamento com ele, e em nenhuma ocasião anterior Ida se mostrou tão rápida e freqüentemente pronta a concordar comigo em todo tipo de coisas — o que, internamente, deve ser um deslocamento da única retificação não admitida. Quisera que houvesse uma ocasião mais inofensiva para se provar que eu estava certo. Assim, preciso fazer grandes esforços para não parecer um agitador. De fato, sofri muito até me afastar dele; um fator adicional foi a dificuldade que tive em lograr alguma compreensão do comportamento dele, o que você agora pode fazer sem problemas.

Sua esposa, com a perspicácia que tem, frisou uma observação que Breuer fez diretamente a ela: Mamãe disse que gosta de tomar digitalina

quando ele a administra a ela. Isso é mesmo o essencial para ele. Por uma cartada de sorte, e não através de conhecimentos ou habilidade, ele ganhou o jogo da vida e fez fortuna. Ai daquele que ousar atacá-lo!

Chega disso. Espero ter notícias suas sobre o que está acontecendo. Quanto a mim, estou escrevendo o [ensaio sobre o] sonho sem nenhum prazer real e vou-me transformando em professor por distração, enquanto recolho material para a “Psicologia da Vida Cotidiana”.⁽³⁾ Esse tem sido um período animado e me trouxe uma nova paciente, uma jovem de dezoito anos que se abriu suavemente com a coleção existente de gazuas.⁽⁴⁾

Para a “Psicologia do Cotidiano”, gostaria de lhe pedir emprestado aquele ótimo lema, *Nun ist die Welt von diesem Spuk so voll...*⁽⁵⁾ No mais, tenho lido arqueologia grega e me deleitado com viagens que nunca farei e tesouros que jamais possuirei.

As crianças vão bem; as notícias de Merano são favoráveis.

Com as mais cordiais saudações,

Seu,

Sigm.

P.S. Houve uma resenha idiota do [livro do] sonho no *Münchener allgemeine Zeitung* de 12 de outubro.⁽⁶⁾

(1) Paul Hammerschlag era filho de um professor de Freud, Samuel Hammerschlag, sobre quem Freud escreveu um obituário interessante. Em 1893, o jovem Hammerschlag casou-se com Bertha Breuer (1870-1962), filha mais velha de Josef e Mathilde Breuer. Ver Hirschmüller (1978, p. 48).

(2) Ver nota 2 da carta de 4 de outubro de 1892.

(3) Em algum momento, Freud modificou o título desse artigo, passando-o de “Psicologia da Vida Cotidiana” para “Psicopatologia da Vida Cotidiana”. O trabalho foi posteriormente publicado diversas vezes sob a forma de livro.

(4) Esse foi o caso Dora, publicado em 1905 como “Fragmento da Análise de um Caso de Histeria”.

(5) Essa citação (O mundo está tão repleto de coisas fantasmagóricas...) foi efetivamente usada como lema. Ela provém do *Fausto*, de Goethe, II Parte, cena 5. Como assinalou Schonau (1968, p. 85), as associações de Freud devem ter incluído o restante da estrofe (tradução inglesa de Bayard Taylor):

Ere in the obscure I sought it, such was I, —
Ere I has cursed the world so wickedly,
Now fills the air so many a haunting shape,
That no one knows how best he may escape.
What though one day with rational brightness beams,
The night entangles us in webs of dreams.

(Antes na escuridão eu buscava, assim era eu —
Antes de maldizer tão perversamente o mundo.
Agora enchem o ar tantas formas assombradas
Que ninguém sabe o melhor meio de escapar.
Mesmo que o dia reluzia com brilho racional,
A noite nos enreda em teias de sonhos) [Trad. livre].

(6) Essa resenha, de Ludwig Karell, foi publicada no *Beilage zur Münchener allgemeinen Zeitung*. Não é crítica e compõe-se quase que inteiramente de citações do livro. O autor comenta que as crianças desejam com frequência a morte dos pais por “causas banais, como recusar-lhes uma vontade.”

23 de outubro de 1900
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Apenas meus melhores votos, o aperto de mão de um amigo cruzando a distância Berlim-Viena; nenhum presente como no ano passado, quando me foi possível cumprimentá-lo com o [exemplar] primogênito do livro do sonho. Que tudo e todos a seu redor possam florescer e recompensá-lo pelo declínio inevitável das gerações mais velhas. Seu trabalho, como uma variação que cresce organicamente, está incluído neste voto!

Ando vivendo tempos mais calmos, ativados pela infecção de garganta de Martin e pelo retorno de Minna.

Muito cordialmente,

Seu,
Sigm.

21 de novembro de 1900
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Você encontrará vários aspectos de interesse no recém-publicado *Geschlechtstrieb und Schamgefühl*, de Havelock Ellis; [por exemplo], na p. 113:(1) “É um tanto curioso, porém, que, ao mesmo tempo que Fliess, embora com aparente independência e de um ponto de vista diferente, outro investigador também tenha sugerido a existência de um ciclo fisiológico de 23 dias (John Beard, *The Span of Gestation and the Cause of Birth*, Jena, 1897.) Beard aborda a questão do ponto de vista embriológico e afirma existir o que ele denomina de ‘unidade de ovulação’, com aproximadamente 23 dias e meio, no intervalo que vai do término de uma menstruação até o início da seguinte. Duas ‘unidades de ovulação’ compõem uma ‘unidade crítica’, e a duração da gravidez, segundo Beard, é sempre um múltiplo da ‘unidade crítica’; no homem, o período de gestação corresponde a seis unidades críticas”.

Faz um tempo infinitamente longo que não recebo notícias suas e dos seus. Quanto a mim, nada além de monotonia, [mas] não sem preocupações.

Saudações cordiais.

Seu,
Sigm.

(1) Fiz aqui uma substituição pela passagem original em inglês, em vez de retraduzir o alemão. Ver Havelock Ellis, *Studies in the Psychology of Sex*, vol. 1, *The Evolution of Modesty*,... (Filadélfia: J. A. Davis, 1900). A citação é também

da p. 113 no original em inglês. A frase que a antecede diz: "Embora Fliess apresente diversos casos minuciosamente observados, não posso dizer que já esteja convencido da realidade de seu ciclo de 23 dias."

Viena, 25 de novembro de 1900
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Minha suspeita de que seu silêncio prolongado significava más notícias estava certa, afinal. Estou habituado a isso pelas ocasiões no passado em que isso costumava significar que você próprio estava passando muito mal. Felizmente, já não é mais esse o caso!

Eu próprio não teria esperado tanto tempo com minha indagação, se não tivesse prometido a mim mesmo, no começo da troca de cartas deste ano, abster-me em todas as circunstâncias de me queixar demasiadamente com você. Veja com que rapidez perdemos então de vista um ao outro; afinal, você mesmo escreve: "Não respondi porque não tinha nada a contar, pelo menos, nada de agradável". Como se fosse preciso esperar por isso! Logo, talvez haja qualquer coisa intermediária: só um pouquinho de reclamação, mas escrevendo com maior frequência.

Suas notícias me causaram uma grande dor. Significa que ela não cede, fica indo e vindo periodicamente, e é provável que acrescente alguma coisa a cada nova fase de avanço. Creio que isso sempre acontece na paranóia. Não há cura para ela senão seu abrandamento, com a preservação do recalçamento. Comparada a isso, sua natureza periódica é uma bênção.

Com respeito ao outro assunto, que proporciona motivos igualmente pequenos de bom humor (o lado materno da outra parte), tenho tomado conhecimento da maior parte dele *au fur et à mesure* [à medida que vai acontecendo]. Tenho visto Oscar com muita frequência, porque Minna o escolheu para ser seu médico. Você o conhece nesse aspecto — e concordamos sobre ele nesse aspecto: o de que sua confiabilidade e dedicação nada deixam a desejar. Assim, nós o estamos realmente explorando por completo agora. Nem tudo está perfeitamente claro quanto ao estado dela, nem é claro o grau em que as preocupações se justificam. Não quero encher esta carta de detalhes; afinal, logo teremos a resposta. A característica mais notável é que o pulso dela está em 130 ou mais.

Em meu trabalho, não estou exatamente paralisado; num nível subterrâneo, é provável que ele esteja prosseguindo bastante bem, mas este por certo não é um tempo de colheita, de domínio consciente. É provável que não haja mais nenhuma descoberta surpreendente. Os pontos de vista [principais] foram provavelmente reunidos. Tudo o que falta é a organização e a elaboração detalhada. Não vejo nenhuma perspectiva de abreviar substancialmente a duração do tratamento; dificilmente será possível ampliar o âmbito das indicações.

É totalmente incerta a data em que chegarei à apresentação, se é que o farei. Desta vez, não deve haver nenhum erro, nada de provisório; assim, seguirei a regra de Horácio: *Nonum prematur in annum*.⁽¹⁾ Além disso, quem está interessado? Quem a está pedindo? *Cui bono* [em benefício de quem] devo empreender esse trabalho? Já me resignei a viver como quem falasse uma língua estrangeira, ou como o papagaio de Humboldt.⁽²⁾ Ser o último membro da própria tribo, ou o primeiro e talvez único, são situações bem semelhantes.

Não deixarei de dar as boas-vindas a sua prezada esposa aqui, em dezembro. Mande-me mais notícias suas e [receba as] cordiais saudações do

Seu,
Sigm.

(1) Da *Ars Poetica*: "Fique (o manuscrito) guardado até o nono ano."

(2) Num capítulo do *Ansichten der Natur* intitulado "Über die Wasserfälle des Orinoco", Alexander von Humboldt se refere à história de um papagaio. Segundo uma antiga lenda dos índios Guareca, os índios Aturi, ameaçados por uma tribo de canibais, buscaram refúgio numa escarpa e pereceram. O único sobrevivente, um papagaio velhíssimo, não conseguia fazer-se entender, pois falava a língua da tribo extinta. A lenda tornou-se tema de um poema de Ernst Curtius. Freud talvez tenha tido em mente os seguintes versos:

*Einsam ruft er, unverstanden,
in die fremde Welt hinein.*
(Solitário, ele clama, incompreendido,
pelo estranho mundo afora.)

Viena, 1.º de janeiro de 1901
IX., Berggasse 19

Meu querido,

Estou pondo de lado a "Psicopatologia da Vida Cotidiana" para lhe responder de imediato, agora que sua carta enfim rompeu o silêncio alarmante. Não consegui decidir-me a pressioná-lo mais uma vez por notícias, uma vez que você havia demonstrado tão claramente que escrever lhe era um fardo pesado e que você não estava movido pela necessidade de se comunicar. Expliquei corretamente para mim mesmo esse fenômeno, que seria inexplicável de outro modo, e assim tolerei minha profunda solidão com relativa calma. Posso bem imaginar quão enormemente deve tê-lo afetado a doença de sua mãe — a despeito de toda a lógica, pois sei que vocês não tinham um contato estreito há muito tempo; mas, precisamente por essa razão, você foi afetado de maneira ainda mais profunda.

Agora, estou muito contente por não ter ido a Berlim no Natal.

De bom grado eu o porei em dia com o que for possível relatar daqui. Não é muita coisa. A monotonia é interrompida pela redação do "Cotidiano", que tem progredido otimamente e reúne toda sorte de assuntos particulares. Meus poucos pacientes vão bem. As crianças estão em franco progresso, com excessão de um ou outro poema ocasional de Martin, um dos quais envio em anexo, já que você sempre foi um dos admiradores dele. Nenhuma alteração marcante em Minna. Vez por outra, há perturbações do estado geral dela através de ligeiras flutuações da temperatura. À parte isso, ela se sente bem quando descansa e fica com uma bolsa de gelo. A mesma taquicardia e dor quando se levanta; nenhum outro sintoma neurótico. Oponho-me firmemente ao diagnóstico de Basedow, mesmo em suas *formes frustissimes*.⁽¹⁾ Oscar funciona como um observador cuidadoso, que também não sabe qual é o problema. E isso é tudo.

Por certo não consigo esquecer com facilidade a visita de sua esposa e as poucas conversas de quinze minutos que tive com ela. Por isso, é ainda mais triste que eu tenha de fundamentar minha esperança de revê-la num "infelizmente." Deixe-me fazer-lhe uma pergunta: será que devemos fazer com que nosso intercâmbio de cartas espere até uma ocasião em que nenhum de nós tenha nenhuma dificuldade? E não seria isso pedir demais e mostrar muito pouca amizade?

Cordiais saudações a você, esposa e filhos, de toda a minha família, que tem partilhado de minhas preocupações nestas últimas semanas.

Seu,
Sigm.

Inverno(2)

As ruas brilham, muito fofas e brancas,*
E as praças estão recobertas de neve;
O chafariz, a piscina e o lago
Estão congelados num gelo reluzente.
O vento sopra, misterioso e frio,
sopra do leste e do norte.
Choram muitas crianças pobres pelo frio intenso
E buscam abrigo e refúgio.
Vou alegremente† para a escola,
E não estou indo hoje pela primeira vez.
Em minhas costas repousa a mala
E entre meus braços está a régua.

* A primeira neve do ano, é claro, só caiu ontem à noite.

† Uma mentira, é claro. Ele detesta ir à escola.

(1) As formas frustras são formas atípicas de uma doença.

(2) Em alemão, o poema de Martin é rimado.

10 de janeiro de 1901
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

A carta de agradecimento anexa, que, a propósito, ganhei honestamente, merece ser posta em suas mãos, porque sua participação nesse assunto foi decisiva. Muito lhe agradeço por ela.

Não ando muito ocupado [e estou] mentalmente muito animado, razão por que estou escrevendo dois ensaios simultaneamente, isto é, fazendo um competir com o outro: além do "Cotidiano", "Sonhos e Histeria: Fragmentos de uma Análise". Ainda não resolvi onde publicá-lo.⁽¹⁾

Quando as nuvens tiverem passado, espero voltar a ter notícias suas.

Wenn auch die Wolke die verhüllt...⁽²⁾

Muito cordialmente,

Seu,

Sigm.

(1) Ver nota 4 da carta de 14 de outubro de 1900.

(2) "Ainda que as nuvens o obscureçam..." Gerhard Fichtner assinalou-me que essa é uma adaptação do libreto de Friedrich Kind para a ópera *Der Freischütz*, de Carl Maria von Weber, escrita em 1817. A citação é da ária de Agathe:

Und ob die Wolke sie verhülle,
Die Sonne bleibt am Himmelszelt!
Es waltet dort ein heiliger Wille,
Nicht blindem Zufall dient die Welt!
Das Auge, rein und ewig klar,
Nimmt aller Wesen liebend wahr!

(Ainda que as nuvens o obscureçam,
O sol permanece no firmamento.
Reina ali uma vontade sacra;
O mundo não é escravo do acaso cego!
O olhar de Deus, puro e sempre claro,
Percebe com amor todas as criaturas.)

Viena, 25 de janeiro de 1901
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Ê, agora você se tornou um grande homem em Viena e povoados adjacentes. Arthur Schiff⁽¹⁾ o transformou nisso e chega quase a ser maior do que você, pois está pronto a dar explicações do que você apenas descobriu. Ê claro que não compareci às reuniões, mas ouvi falar nelas e li a esse respeito. Só que, a essa altura, você já tem conhecimento disso tudo por outras fontes. Deuticke dispôs lado a lado sete exemplares de

seu antes desprezado *Beziehungen*, para avivar a memória do público leitor quando este fita a vitrine da loja.

Se foram necessários três anos e meio para que as pessoas publicassem seu experimento com a cocaína na dismenorréia, você tem agora uma unidade de medida para calcular quando verificarão o produto de 28 X 23. Nesse ponto, não lhe escrevi mais, isto é, quero dizer que, a essa altura, já terei sido liberado dessa obrigação.

Um véu se ergueu da doença de Minna. Associada a uma diarreia [induzida por] estrofantina, ela apresentou dor abdominal e de estômago na semana passada; numa das noites seguintes, teve um ataque particularmente agudo de dor localizada à esquerda, no cólon transversal, de modo que a coisa toda me fez lembrar de um caso terrível de embolia da artéria mesentérica que vi certa vez num paciente cardíaco. No dia seguinte e desde então, houve sangue nas fezes dela — e agora, além disso, pequenas porções de muco e algo que se assemelha a fragmentos de tecido. Não há dúvida da existência de uma úlcera intestinal. Mas terá sido mesmo uma embolia? Rie afirma ter observado sons cardíacos impuros em todos aqueles dias. Agora, ela só está ingerindo leite; a dor domina seus dias. Tenho toda espécie de temores sobre o que trará o futuro.

Terminei ontem “Sonhos e Histeria”, e hoje já estou sentindo falta de um soporífero. Ele é um fragmento da análise de um caso de histeria em que as complicações se agrupam em torno de dois sonhos; assim, na verdade, é uma continuação do livro do sonho. Além disso, contém resoluções de sintomas histéricos e vislumbres dos fundamentos organo-sexuais do conjunto. É a coisa mais sutil que escrevi até agora e vai desconcertar as pessoas ainda mais do que de hábito. O ensaio já foi aceito por Ziehen, que não se dá conta de que logo lhe infligirei também a “Psicopatologia da Vida Cotidiana”. Por quanto tempo Wernicke suportará esses ovos de cuco é problema dele.

Minhas cordiais saudações, e espero logo ser informado de que a pressão sobre você se dissipou.

Sinceramente,
Sigm.

(1) Ver nota 2 da carta de 30 de janeiro de 1901.

Viena, 30 de janeiro de 1901
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Tenho muitas coisas a que responder, o que não acontece há muito tempo. Quanto ao estado de Minna, sei o seguinte: sem dúvida, há uma úlcera; mas nada em absoluto indica que seja duodenal. Em vista do sangue e da dor, o assistente de Oscar, B. Hammerschlag (que, aliás, está confuso com isso tudo), quis até induzir-nos a localizá-la no reto. Acredito que esteja no cólon (*flexus*). Começou com uma embolia, mas, ao que parece, pode-se excluir uma úlcera por tb [tuberculose]. Em todos esses dias, Oscar ouviu sons impuros; poucos dias antes, tinha havido uma ligeira elevação não aferível da temperatura. Esse é todo o material de que dispomos. Ninguém tem realmente um quadro claro, mas está começando a evidenciar-se para nós que talvez seja um distúrbio cardíaco cuja origem e significado ainda são desconhecidos, mas que poderia envolver alterações endocárdicas. Diversas amostras típicas de fezes se perderam por causa de acidentes domésticos, mas, depois disso, Oscar identificou coágulos de fibrina nas misturas [amostras de fezes] em questão.

O estado geral dela melhorou muito nestes últimos dias e, por conseguinte, estamos mais animados. Certamente não se pode diagnosticar uma doença funcional ou neurótica. A coisa toda é estranha.

"Sonhos e Histeria", se possível, não deverá desapontá-lo. O principal nele é, mais uma vez, a psicologia, a utilização dos sonhos e algumas peculiaridades dos processos inconscientes de pensamento. Há apenas vislumbres [de elementos] do orgânico, isto é, das zonas erógenas e da bissexualidade. Mas a bissexualidade é mencionada e especificamente reconhecida de uma vez por todas, e está preparado o terreno para um exame pormenorizado dela em outra ocasião. Trata-se de uma histeria com tosse nervosa e afonia, ambas as quais podem ser rastreadas até o caráter da sucção do bebê, e a questão principal nos processos de pensamento conflitantes é o contraste entre uma inclinação para os homens e uma inclinação para as mulheres.

Enquanto isso, meio terminado, o "Cotidiano" andou tendo um descanso, mas logo terá prosseguimento. Até tenho em mente um terceiro [ensaio], uma coisa pequena; disponho de muito tempo livre neste momento e preciso ocupar-me. Este ano, tenho três a quatro sessões a menos por dia e, portanto, sinto-me muito melhor,⁽¹⁾ mas sofro de um certo mal-estar financeiro.

Não cometi um erro grande demais quanto à data. Fui suficientemente tolerante para atribuir ao público apenas o tempo decorrido desde a publicação do *Beziehungen*, que indiquei como sendo 1897, quando, do, afinal, ele foi publicado no Natal de 1896 (?). Logo, foram mais de quatro anos. A segunda discussão em Viena, segundo ouvi dizer, foi ainda mais vergonhosa do que a primeira.⁽²⁾ Essa gente é incorrigível. No mesmo fôlego com que deveriam envergonhar-se de ter que admitir

que descartaram tão erradamente o que se poderia facilmente provar, e que, ainda assim, era extraordinário em seu livro, eles agora zombam de sua parte mais difícil; e nenhuma autocrítica lhes diz que, se viessem a mostrar-se errados e o autor, certo, haveria até alguma coisa na outra parte sobre a qual eles deveriam refletir primeiro.⁽³⁾ Incorrigíveis; e, portanto, basta!

O Grossmann de Viena⁽⁴⁾ é tão repulsivo quanto G. em Berlim. O assunto é correto, muito antigo, e não tem *nenhuma* ligação com suas descobertas. Certa vez, ele me exibiu um cunhado epilético que não conseguia respirar porque o nariz estava obstruído, e eu lhe recomendei que ele desobstruísse o nariz, para ver se isso não teria uma influência positiva também nos ataques. Tive permissão de observar as operações (!) em diversas oportunidades e fiquei atônito diante do desajeitamento, desamparo e falta de visão dele.

Você não acha que este seria o momento certo de reunir numas três páginas os poucos acréscimos que tem |a fazer| ao tópico atual — zonas da cabeça, o efeito do herpes zoster e qualquer outra coisa de que disponha — e fazer com que sejam publicadas? Afinal, manter seu nome diante dos plebeus seria um modo de garantir uma certa dose de atenção, mais tarde, para as grandes coisas biológicas que são mais importantes para você. As pessoas, afinal, só seguem a autoridade, e esta só pode ser adquirida em se fazendo algo que esteja ao alcance da compreensão delas.

Em meio à depressão presente e material, estou atormentado pela tentação de passar a semana da Páscoa deste ano em Roma. Não há a menor justificativa para isso — nada foi conquistado e é provável que as circunstâncias externas também o tornem impossível. Esperemos por tempos melhores. Desejo ardentemente que você logo disponha desses tempos para relatar.

Muito cordialmente,

Sigm.

(1) O texto alemão de *Anfänge* diz *psychisches*, mas na carta original se lê, claramente, *physisches*.

(2) Essa é uma referência a um artigo de Arthur Schiff, "Über die Beziehungen zwischen Nase und weiblichen Sexualorganen", lido perante a Sociedade de Medicina de Viena no dia 25 de janeiro de 1901 e reproduzido no *Wiener klinische Rundschau* de 27 de janeiro. A primeira discussão inclui comentários de Emil Redlich, Moriz Weil, Benjamin Gomperz e Michael Grossmann. A discussão a que Freud se refere foi relatada por Ottokar von Chiari no n.º 5, p. 76, e é crítica. Chrobak, porém, ficou "completamente convencido das observações de Schiff". O artigo de Schiff apoiava as opiniões de Fliess e, em especial, seu livro de 1897,

Die Beziehungen, donde o comentário de Freud. Ver nota 6 da carta de 30 de janeiro de 1898.

(3) A complexidade dessa frase resulta, sem dúvida alguma, da tentativa de Freud de dizer algo positivo a Fliess.

(4) Michael Grossmann (1848-1927), laringologista vienense. Ver Lesky (1978, pp. 561-563).

Viena, 15 de fevereiro de 1901
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Também eu não chegarei a Roma na Páscoa, tal como você. Foi somente seu comentário que explicou o sentido do que, de outro modo, seria para mim uma interpolação ininteligível em minha última carta. Por trás dela havia, sem dúvida, um lembrete da promessa feita por você em tempos melhores, de realizar um congresso comigo em solo clássico. Eu sabia muito bem que tal lembrete seria totalmente impróprio naquele momento. Estava apenas fugindo do presente em direção à mais bela de minhas fantasias interiores, e eu mesmo observei de qual se tratava. Entretanto, os próprios congressos se tornaram relíquias do passado; eu mesmo não tenho feito nada de novo e, como você escreve, fiquei totalmente distanciado do que você está fazendo.

Tudo o que me resta é rejubilar-me à distância quando você anuncia que a apresentação das grandes soluções está próxima e expressa satisfação com o progresso de seu trabalho. Logo, você está absolutamente certo em reservar todas as comunicações adicionais sobre as relações naturais para esse contexto mais amplo listo é. o livro de Fliess.

A “Psicologia da Vida Cotidiana” também será terminada dentro de poucos dias, e então os dois ensaios serão corrigidos, despachados etc. Tudo foi escrito com uma certa apatia surda,⁽¹⁾ alguns traços da qual não será possível ocultar. O terceiro texto que comecei é algo bastante inócuo — na verdade, uma sopa rala dos pobres. Estou colecionando minhas anotações sobre os neuróticos que atendi em meus horários de consultório, para mostrar o que revela até mesmo essa observação necessariamente superficial sobre as ligações entre a *vita sexualis* e a neurose e para comentá-las. Em outras palavras, estou fazendo aproximadamente a mesma coisa que fez Gattel na época em que se tornou tão impopular em Viena. Visto que preciso de casos novos e minha clínica é mesmo muito escassa, tenho apenas seis exemplos em minha coleção até agora, e não são os melhores. Introduzi também testes para verificar o sinistrismo — com o dinamômetro [para testar a força das mãos] e agulhas de costura.

Não tenho como fornecer-lhe nenhuma explicação adicional sobre a doença de Minna; não surgiu nenhum novo entendimento; a úlcera intestinal parece haver cicatrizado apropriadamente; ela voltou a comer ali-

mentos sólidos; seu estado geral oscila; o pulso é ainda muito variável e pode elevar-se até 130 apenas com a fala. Não percebo nenhum traço de qualquer coisa neurótica. De modo geral, houve uma melhora clara em relação às últimas semanas.

Não fiz a palestra anunciada na segunda-feira passada no *Neue freie Presse*. Mais uma vez, essa foi uma boa ação de Breuer, que, apoquentado pela Sociedade Filosófica, colocou-os no meu encalço. Concordei com muita relutância e, posteriormente, enquanto me preparava para [a palestra], apercebi-me de que teria que apresentar toda sorte de assuntos íntimos e sexuais, o que seria muito impróprio para uma platéia heterogênea de pessoas que me eram estranhas. Assim, escrevi uma carta cancelando-a (primeira semana). Vieram então dois representantes procurar-me e insistir para que eu a fizesse, afinal. Fiz veementes recomendações em contrário e os convidei a virem eles próprios a minha casa uma noite, para que ouvissem a palestra (segunda semana). Na terceira semana, entreguei aos dois a palestra e fui informado de que ela era maravilhosa, de que a platéia [da Sociedade] seria capaz de enfrentá-la sem nenhuma objeção, e assim por diante. Desse modo, a aula foi marcada para a quarta semana. Poucas horas antes, porém, recebi uma carta expressa indicando que, afinal, alguns membros haviam feito objeções. Fui solicitado a começar por ilustrar minha teoria com exemplos inofensivos, depois anunciar que iria entrar em assuntos delicados e então solicitar um intervalo, para que as senhoras pudessem retirar-se do salão. É claro que cancelei de imediato, mas, pelo menos, a carta em que o fiz foi picante e salgada. Assim é a vida científica em Viena!

Esperando logo receber boas notícias suas,

Sinceramente,
Sigm.

(1) Freud usa *Dumpfheit*, palavra que tem muitas conotações e evoca associações como ranço, lugubridade, bolor, rabugice e torpor.

Viena, 3 de março de 1901
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Na semana passada, Oli foi-se deitar com uma coisa qualquer que logo revelou ser sarampo; ontem caíram Ernst e Sophie, e hoje foi a vez de Anna, de modo que temos agora um belo hospitalzinho. Oli saiu-se muito bem; quanto aos outros, teremos que esperar para ver. Mandamos Martin imediatamente para a casa da Sra. A., uma amiga e paciente muito querida cujo único filho frequenta o mesmo ginásio, para que Martin não

tenha que faltar às aulas por semanas a fio. Ele tem-se saído muito melhor na escola ultimamente. Mathilde precisa ficar em casa. Minna está nitidamente melhor; anda pela casa durante algumas horas por dia sem que o pulso se eleve muito acima de 100; depois, costuma ter dores cardíacas e intercostais acentuadas.

Acabo de completar o segundo tratado, poderei corrigir e emendar os dois nas próximas semanas e, em seguida, tratarei de providenciar a publicação simultânea. A pedido dele, permiti que Oscar lesse "Sonhos e Histeria", mas extrai pouco prazer disso.⁽¹⁾ Não farei nenhuma outra tentativa de romper meu isolamento. No mais, este é um período muito sombrio, extraordinariamente sombrio!

Há uma vaga perspectiva de que eu chegue a Berlim no próximo domingo para examinar um paciente de Viena que está num sanatório particular a cerca de meia hora da cidade. Planejo ficar dois dias. Assim, espero passar algumas horas com você à noite e enfim ver as crianças que ainda não conheci. Não disporei de tanto tempo livre quanto nas visitas anteriores a Berlim. Terei que ir ao sanatório também no segundo dia, para fazer jus adequadamente a meus honorários de consulta. Minha irmã, com quem ficarei hospedado, também tem reivindicações a me fazer. Consequentemente, sobrá pouco tempo para nós dois e peço que você não deixe que seu trabalho e outros compromissos sejam perturbados por minha causa. Ainda assim, antevejo essa visita como algo muito agradável. Mas é ainda muito incerta; o pai do paciente ainda não tomou nenhuma decisão, e o problema do negócio todo, como um *proton pseudos*,⁽²⁾ é que minha intervenção médica é bastante supérflua. Estou escrevendo sobre o assunto precisamente por causa da incerteza que o cerca; se eu tivesse certeza, gostaria de lhe fazer uma surpresa. Assim, permito-lhe o prazer da antecipação, com o qual também estou disposto a me contentar. Se eu só lhe falasse nessa perspectiva depois de ela não dar em nada, não haveria mais do que desapontamento. Caso ela se materialize, é claro que lhe mandarei outros pormenores.

Minhas cordiais saudações a você e sua prezada esposa, no aguardo do futuro próximo

Seu,
Sigm.

(1) Referência ao Caso Dora. Ver nota 1 da carta de 11 de março de 1902.

(2) Ver "Projeto para uma Psicologia Científica" (S.E. I:352), onde Strachey afirma: "Essa expressão ocorre nos *Analíticos Primeiros*, de Aristóteles (livro 2, cap. 18, 661, 16), obra que versa sobre a teoria do silogismo, posteriormente incluída no que se veio a chamar *Organon*. O capítulo discorre sobre premissas falsas e conclusões falsas, e a frase específica afirma que uma declaração falsa resulta de uma falsidade anterior ('*proton pseudos*')."

Viena, 9 de março de 1901
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Muito obrigado por sua amável oferta, mas a oportunidade parece haver passado. Desde aquela ocasião, não tive mais nenhuma notícia da pessoa em questão.

O sarampo piorou muito. Anteontem, ao meio-dia, Sophie apresentou manifestações tóxicas alarmantes, com uma enorme aceleração do pulso, dispnéia cardíaca, arritmia e confusão séptica. Melhorou muito ontem à tarde, salvo por uma espécie de mania tóxica que alterou imensamente essa criança meiga. Os outros dois, Ernst e Anna, estão hoje começando a se recuperar de seu esgotamento. Em seguida virão as dores de ouvido e coisas similares.

Mathilde, além disso, está de cama e atravessa hoje seu pior dia. Ontem contratei uma enfermeira para nos ajudar. Mais uma vez, Oscar tem sido maravilhoso. Minha dívida para com ele está-se tornando muito onerosa.

Acabo de saber de Ziehen, em Utrecht, que ele aceitará ambos os trabalhos. Na quinta-feira, concluí que minha viagem [a Berlim] não daria em nada e, na noite seguinte (quinta/sexta-feira), sonhei que estava em Berlim e conhecia seus filhos, misturando, é claro, toda sorte de coisas de minha casa.

Minhas mais cordiais saudações.

Seu,

Sigm.

24 de março de 1901
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Foi você, é claro, que me enviou o *Tag* [Dia], não foi?(1) Depois do *Zeit* [Tempo] e do *Tag*, estou agora com esperanças no *Woche* [Semana]. A propósito, o crítico é um homem que sabe tecer um símile e dar-lhe certo efeito. Fiquei muito surpreso, porque nem um único jornal, muito menos um periódico científico, havia prestado a menor atenção ao livro de um ano e meio desde que foram publicadas as críticas de que você tem conhecimento. Será que isso significa que o "dia" dele chegou? A experiência que você teve com o *Deutsche Rundschau* deixou-me, realmente, com o espírito muito resignado.(2)

Estamos tendo uma primavera fria. Mathilde e Sophie ainda continuam a sofrer bastante; os outros voltaram a ficar animados e estão melhores do que antes. Minna irá a Edlach fazer hidroterapia, no começo de abril, para apressar sua recuperação. Gradativamente, a gente vai-se acos-



Duas das três filhas de Freud: Anna, à esquerda, e Sophie, com idades aproximadas de quatro e seis anos. De acordo com uma legenda no verso da foto, essa foi a primeira tentativa de trabalho “feminino” de bordado.



Os três filhos homens de Freud. Da esquerda para a direita, Ernst (nascido em 1892), Martin (nascido em 1889) e Oliver (nascido em 1891). É provável que a fotografia tenha sido tirada por volta de 1900.

tumando a uma nova percepção da natureza da “felicidade”: tem-se que pressupor a felicidade quando o destino não cumpre, simultaneamente, todas as suas ameaças.⁽³⁾ Ouvi rumores de uma breve visita sua a Viena. Aguardo, esperançoso, outras notícias.

Com meu muito obrigado,

Seu,
Sigm.

(1) O *Der Tag* de 22 de março trouxe uma crítica intitulada “Eine neue Theorie des Traumes”, de Fr. Mero. Era uma crítica positiva, que se referia ao trabalho de Freud como “uma das mais engenhosas teorias psicológicas da atualidade” e afirmava que ele fora escrito num estilo altamente elegante. Diz o trecho que Freud talvez tivesse em mente: “O que resta da atenção crítica age então apenas como um guardião da moral, que se esforça por pendurar uma folha de figueira nos impulsos assustadoramente nus e brutais, através da condensação e do disfarce.”

(2) Ver a carta de 23 de março de 1900, que indica que Fliess dissera a Freud que tentaria fazer com que o livro deste último fosse criticado no *Rundschau*.

(3) Possivelmente, referência a Alphonse Karr (1808-1890), extraída do *Les Guêpes* de janeiro de 1842: “Des malheurs évités le bonheur se compose” (É de infortúnios evitados que se compõe a felicidade).

Viena, 8 de maio de 1901
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Você decerto pode usar meu aniversário como uma oportunidade para desejar a si próprio a continuação de seu estado de ânimo empreendedor e a repetição desses períodos revitalizantes nos intervalos, que eu darei meu apoio integral a esse desejo. Sua carta ficou sobre a mesa de aniversário, ao lado de outros presentes que me deram prazer e que estavam parcialmente relacionados com você, embora eu tivesse pedido que passassem por cima do lamentável número meio-idade [de meus aniversários]. É pequeno demais para um jubileu e grande demais para um garotinho aniversariante. Sua carta foi das coisas que me deram maior prazer, exceto pela parte referente à mágica, à qual faço objeção como uma capa supérflua para encobrir suas dúvidas sobre a “leitura do pensamento”. Continuo fiel à leitura do pensamento e continuo a duvidar da “mágica”.

Lembro-me de ter ouvido em algum lugar que só a necessidade extrema faz aflorar o que há de melhor no homem. Assim, recuperei minha calma, como você desejava — na verdade, aconteceu algumas semanas antes de você o desejar — e fiz as pazes com minha situação. Uma cesta de orquídeas me dá a ilusão de esplendor e sol luminoso; um fragmento de uma parede de Pompéia, mostrando um centauro e um fauno, transporta-me para minha ansiada Itália.

Fluctuat nec mergitur!(1)

Minha cunhada está passando melhor em Edlach. As alterações cardíacas são agora facilmente perceptíveis, mas ela está animada e consegue andar um pouco. Até o momento, fui visitá-la duas vezes, uma delas com Oscar, que é realmente um amigo nas horas de sofrimento. As crianças resolveram perder por algum tempo o hábito de ficar doentes, o que traz a perspectiva de uma mudança muito agradável. No momento, estou corrigindo as primeiras páginas do "Cotidiano", que acabou ficando com umas boas sessenta páginas. Ele me *desagrada* tremendamente e imagino que *desagrade* ainda mais a outrem. O ensaio é inteiramente desprovido de estrutura e contém toda sorte de coisas proibidas †††.(2) Ainda não me decidi a despachar o outro ensaio. Uma nova paciente, uma jovem que teve um noivado rompido, preencheu a lacuna deixada pela partida da Srta. R., e é claro que o tratamento dela vai-se resolvendo exatamente como se poderia desejar. Também em outras aspectos, as coisas já não estão muito serenas quanto há algumas semanas. Dentro de uma a duas semanas, estou esperando uma visita dos pais de G., que deverão ficar muito satisfeitos com a filha.

Aparentemente, só se pode esperar que o progresso em meu trabalho se dê pela repetição das mesmas impressões mais de mil vezes, e estou perfeitamente preparado para submeter-me a elas. Até o momento, tudo tem-se mostrado correto, mas ainda não consigo fazer um levantamento completo da extensão das riquezas e não consigo dominá-las intelectualmente.

O artigo de Bresgen(3) encontrará em mim um leitor atento. Você não pode ter evitado a inclusão de algumas coisas novas.

Cordiais saudações do

Seu,
Sigm.

(1) "Oscila nas ondas, mas não afunda". Expressão usada também na carta de 21 de setembro de 1899.

(2) Freud finge fazer o sinal da cruz três vezes, para se proteger do mal. Ver carta de 5 de novembro de 1899.

(3) Maximilian Bresgen era editor da publicação mensal *Sammlung zwangloser Abhandlungen aus dem Gebiete der Nasen, Ohren, Mund und Halskrankheiten*.

Viena, 9 de junho de 1901
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Estou usando este domingo estranho para lhe escrever mais uma vez. É o primeiro domingo em que fico totalmente livre, sem nada a me lembrar que, em outras ocasiões, sou médico. Minha velhinha idosa, a quem tenho visitado regularmente duas vezes por dia, foi ontem levada

para o interior, e olho o relógio a cada quinze minutos para ver se não a estou fazendo esperar demais pela injeção. Portanto, continuamos a sentir nossos grilhões mesmo depois de eles serem retirados e, na verdade, não sabemos desfrutar de nossa liberdade.

Respondendo a suas perguntas: ainda não decidimos onde vamos passar o verão. Acho que será em algum lugar perto de Salzburgo. As negociações com a pensão no Salzberg, perto de Berchtesgaden, ficaram um tanto atrasadas, por causa da lentidão daquela boa gente. No [fe-
riado de] Pentecostes, fui com meu irmão procurar um lugar em Voralberg. A proximidade da Suíça e os preços moderados eram tentadores, mas não se conseguiu nada. O custo da viagem até lá anularia o que viéssemos a economizar na pensão, e o que a paisagem tem a oferecer não justifica a despesa. De qualquer modo, foi mais um pretexto para uma excursão de Pentecostes do que uma intenção séria; passamos um dia no Bodensee.

O "Cotidiano" saíra na edição de julho do *Monatsschrift*. Se eu me abstivesse de formar uma opinião sobre meus trabalhos, restaria apenas sua opinião favorável sobre eles. "Sonhos e Histeria" foi despachado e é provável que só chegue à atenção do público atônito no outono.

Seu artigo de Bresgen será certamente bem-vindo.

Minha cunhada saiu ontem do sanatório de Edlach e irá amanhã de manhã para a casa da mãe, em Reichenall. Está passando melhor, isto é, consegue andar cerca de três-quartos de hora sem dificuldade. Tem ataques intermitentes de dores da úlcera; segundo o relatório de seus médicos (Oscar e o Dr. Konried), a deficiência tornou-se agora evidente. Sei que isso tem que ser encarado como um desfecho favorável. Como eu não o considerava certo, estou muito satisfeito.

Minha mulher e filhos vão passando bem. O calor tem sido insuportável. Hoje, estamos literalmente ansiando por um temporal ou uma chuva. Devemos passar a noite com Oscar e Mela antes da mudança deles, juntamente com a Srta. G., cujos pais chegarão amanhã de manhã e também pairam sobre mim como uma nuvem de tempestade — só que não uma nuvem pela qual eu anseie.

Você me fez lembrar daquela bela e difícil época em que tive razões para crer que estava muito perto do fim de minha vida, e foi sua confiança que me fez continuar a seguir em frente. Decerto não me portei nem com muita bravura, nem com muita sabedoria. Eu era jovem demais, com os instintos ainda famintos demais e a curiosidade ainda grande demais para que eu conseguisse ficar indiferente. Mas sempre me faltou seu otimismo. Certamente, é tolice querer banir o sofrimento e a morte deste mundo, como fazemos em nossos votos de Anonovo; não foi para isso que nos livramos de nosso querido Senhor Deus, apenas para afastá-los de nós e dos que nos são caros e lançá-los sobre os estranhos.

Assim, estou agora mais humilde e mais disposto a suportar o que está por vir. Não há dúvida de que nem todos os desejos podem ser realizados. Algumas coisas pelas quais me esforcei fervorosamente já se tornaram impossíveis; porque não teria eu que enterrar uma nova esperança a cada ano? Caso você não concorde, talvez esta seja uma tentativa de apaziguamento. É possível que seja também uma opinião desvirtuada pela amizade.

É verdade que é difícil suportar os resmungões. Também disso aprendi a me aperceber. Tenho estado muito satisfeito com minha disposição há muitas semanas.

Espero receber logo boas notícias suas e da família. Cordiais saudações.

Seu,
Sigm.

Viena, 4 de julho de 1901
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Uma vez que meu interesse por você e seus familiares já não vem sendo plenamente satisfeito por nossa correspondência, costumo fazer perguntas na casa de Oscar, e foi assim que fiquei sabendo da ameaça de sarampo. Espero que ele passe tranqüilamente. Não faço rigorosamente nenhuma objeção a que meu otimismo, dificilmente sustentável na teoria, venha a se mostrar tão freqüentemente acertado na prática quanto possível.

Você me faz tantas perguntas que esta resposta está fadada a ser longa. Portanto, minha hora de consulta será uma hora de redação de cartas.

Ainda não sei dizer-lhe ao certo para onde iremos. Depois que uma multiplicidade de planos malogrou, esbarramos em algo de improviso que *provavelmente* dará resultado. No feriado de dois dias ao final de junho, visitei Mama e Minna em Reichenhall, fiz um passeio de charrete até a cidade vizinha de Thumsee e me apaixonei pelo lugarejo: rosas alpinas que descem bem até à beira da estrada, um laguinho verde e bosques gloriosos por toda parte, com morangos, flores e (ao que espero) também cogumelos. Assim, indaguei sobre a possibilidade de conseguir acomodações na única estalagem existente. Eles estão alugando quartos pela primeira vez este ano, porque o dono, um médico e proprietário de Bad Kirchberg que costumava morar lá, faleceu. E agora, as negociações estão sendo conduzidas de Reichenhall e é provável que tenham uma conclusão satisfatória. À parte os atrativos do lugar, é especialmente impor-

tante para mim ficar perto de minha querida paciente [Minna], que provavelmente irá ao Salzberg, perto de Berchtesgaden, quando Reichenhall ficar quente demais.

Em minha viagem de volta, no domingo à noite, entrei em contato inesperadamente íntimo com Robert Breuer: dividimos um compartimento no vagão-dormitório. Ele ficou muito embaraçado, mas se portou de modo perfeitamente correto.

5 de julho. Acabo de enviar um telegrama para confirmar nossos arranjos em Thumsee. Ainda lhe mandarei um cartão-postal no dia de nossa partida.

L. G. está com excelente disposição e se revelou um sucesso extraordinário. Ainda tem sensações e visões, mas esse “remanescente surrado” não a incomoda nem um pouco. Você sabe que, durante minha terapia, o estado geral dos pacientes se altera em todos os aspectos; nesse processo, os sintomas, que exigem um certo grau de atenção para subsistir, começam gradativamente a se reduzir. Os pais dela estiveram aqui e se comportaram amistosamente. O pai é um tipo complicado demais para se acertar em cheio em cada situação; a mãe é dura de tragar, mas é uma “figura” no sentido pleno da palavra.

Papai G. me envia assiduamente recortes e artigos de jornal em que são mencionados meu nome ou o livro dos sonhos; entre eles havia um ensaio sobre “O Sonho e o Conto de Fadas”, publicado no *Lotse*, que o autor, um professor de Munique, também me enviou posteriormente.⁽¹⁾ Agora, ele [o Sr. G.] está-se correspondendo comigo a respeito do que se pode divulgar sobre o tratamento à guisa de “propaganda”. Quer isso resulte em muita coisa, pouco, ou nada, tudo remonta, de qualquer forma, ao momento em que você mencionou meu nome a ele.

O Sr. L. foi fácil de diagnosticar: *nenhuma* causa sexual real; não é um caso psicológico, e sim neurastenia; logo, as realidades anteriores devem ter sido preservadas por meio das alterações do nariz. Um viés, é claro, não seguiria a orientação à qual ele há de dever sua recuperação. Mas esse é apenas um presente modesto em troca de G.

Meus outros clientes estão indo extremamente bem este ano, embora tenha havido um número menor do que no ano passado. Graças ao menor volume de trabalho enfadonho, sinto-me incomparavelmente melhor do que nessa mesma época [no ano passado], mas, mesmo assim, meu cérebro está muito cansado. Já não tenho nenhuma idéia nova, nem tampouco sei, na verdade, como preencher minhas horas de folga.

O Dr. von der Leyen, de Munique, chamou-me a atenção para um livro de L. Laistner, *O Enigma da Esfinge* (1889), que sustenta muito vigorosamente que os mitos remontam aos sonhos.⁽²⁾ Até o momento, li o delicioso prefácio, mas minha preguiça me impediu de continuar a ler. Percebo que ele não sabe nada sobre o que está *por trás* dos sonhos; por outro lado, parece examinar apropriadamente o sonho de *angústia*.

Não haverá nenhuma "viagem ao sul" este ano; falta-me um companheiro de viagem para isso — a doença de Minna obriga Martha a ficar imobilizada aqui também.

O "Cotidiano" verá a luz do sol dentro de poucos dias, mas é provável que nasça apenas metade dele, de modo que só lhe poderei mandar uma separata em agosto. É longo demais para uma única edição do *Monatsschrift*.

Martin tem escrito poucos poemas agora, mas está desenhando e pintando, principalmente fantasias sobre animais, com um humor bonachão, e está começando a representar o movimento e coisas semelhantes. O mais importante, talvez, é que passou para a segunda série escolar com um boletim relativamente bom. O exame de admissão de Oli nos reterá por aqui até o dia 15 deste mês. Todos os meus filhos crescidos terão também que esperar até lá.

É claro que estou bem a par das tristes mudanças em Kaltenleutgeben.⁽³⁾ Iremos até lá na semana que vem e, ao mesmo tempo, visitaremos Königstein, cuja filha está esperando o primeiro bebê. "Nascimento e morte..."⁽⁴⁾

Sua mãe deve estar realmente atravessando uma agonia. Imagino, pelos indícios que você dá, que sua exposição sobre porque algumas pessoas morrem subitamente, no auge de seus poderes, enquanto outras se deterioram até o finzinho, será muito interessante. Estranhamente, ficamos insatisfeitos com qualquer desses rumos.

Terá você lido que os ingleses escavaram um palácio antigo em Creta (Knossos), que declaram ser o verdadeiro labirinto de Minos? Zeus parece ter sido um touro, originalmente. ~~Afirmo-se que~~ também nosso velho deus foi adorado como touro antes da sublimação imposta pelos persas. Isso dá margem a toda sorte de idéias, que são prematuras demais para serem escritas.

Cordiais saudações a você e melhores votos de um período calmo para você e seus filhos nesses dias de doença iminente. O caçulinha, espero, ainda está sendo poupado da infecção, não é?

Sinceramente,

Seu,
Sigm.

(1) O artigo, de F. von der Leyen, é uma discussão enfadonha, "germânica" e romanceada dos sonhos, com poucas referências ao livro de Freud. Para conhecer uma versão diferente, ver Decker (1977, pp. 285-287), que dá um resumo do trabalho de von der Leyen. Ver também *Origins*, p. 332, n. 1.

(2) Ludwig Laistner, *Das Rätsel der Sphinx: Grundzüge einer Mythengeschichte*, 2 vols. (Berlim: Wilhelm Hertz, 1889). Leyen, que escreveu a crítica anteriormente citada nessa carta, menciona esse livro na resenha.

(3) Residência de verão dos sogros de Fiess.

(4) Fausto, de Goethe, Parte I, cena I.

Thumsee, 7 de agosto de 1901⁽¹⁾

Querido Wilhelm,

Pela primeira vez em três semanas, o tempo está desagradável hoje e impede qualquer outra atividade; amanhã iremos a Salzburgo assistir a uma apresentação do *Don Giovanni*, para a qual Ferstel nos conseguiu ingressos; eis como passei a responder a você hoje, de imediato, ou pelo menos começar a responder.

Primeiro, os negócios; depois, uma coisa séria; e o prazer no final.

A Sra. D. seria uma excelente substituta para L. G.. A julgar por seus laudos anteriores, ela certamente seria uma pessoa apropriada para este tratamento e, por conseguinte, poder-se-ia antecipar um sucesso acima da média. Mas não voltarei à rotina antes de 16 de setembro por causa de paciente algum, conhecido ou desconhecido, e, a essa altura, é possível que ela já não tenha seu paroxismo. Não conto com ninguém enquanto não ponho as mãos nele. Meus clientes são pessoas doentes e, portanto, especialmente irracionais e sugestionáveis. Por falar nisso, a próxima temporada tem um interesse especial para mim. Tenho apenas um paciente, um jovem com uma neurose obsessiva que é, por assim dizer, certo; e minha boa velhinha, que era uma fonte de renda pequena, porém segura, faleceu durante as férias.

Estou anexando uma carta de recomendação do Papai G. por desejo explícito de Martha, que me viu escrevendo para você.

Winternitz⁽²⁾ é um oportunista, um completo vira-casaca e, portanto, [é] especialmente interessante do ponto de vista sintomático. Sempre me causou enorme espanto que só se alcance aquele grande sucesso que deslumbra as pessoas *depois dos quarenta*. Na verdade, ele poderia ter chegado mais cedo para você, sem lhe causar nenhum dano psíquico. Gostaria de tê-lo eu mesmo, por causa dos lucros materiais, mas ele não apareceu e, ao que suspeito, acabará não aparecendo [para mim].

Venho acompanhando continuamente e com interesse o triste estado de coisas em Kalt[enleutgeben] através da correspondência com Oscar. Sempre temi que vocês dois tivessem muito poucas coisas em comum depois da morte dos pais; mas, a rigor, não posso tomar seu partido, isto é, o partido de vocês dois [Fliess e Ida]. Oscar e Mela mostram-se tocantemente dispostos a fazer sacrifícios e têm sido muito desprendidos nesta fase da doença; Oscar, que conheço há mais tempo, foi sempre assim, e acaba de me demonstrar isso mais uma vez. Não posso menos-prezar minha dívida para com ele e, por isso, perdo-o pela maior parte de sua falta de compreensão por minhas descobertas — uma atitude em que ele não é o único, afinal. Tampouco as coisas precisariam ser assim entre você e ele. “Eles não são mesmo seres humanos” me parece uma caracterização que simplesmente não se aplica àqueles dois, pois na verdade, eles se portam corretamente e bem como seres humanos.

— Não há como esconder o fato de que nós dois nos distanciamos numa certa medida. Num ou noutro aspecto, chego a ver quanto. O mesmo ocorre no tocante à opinião sobre Breuer. Eu já não o desprezo, e não o tenho feito há algum tempo; pude sentir a força dele. Se ele está morto no que diz respeito a você, então está exercendo seu poder postumamente. O que está fazendo sua esposa senão pôr em prática, numa compulsão atroz, uma idéia que Breuer lhe plantou na mente certa vez, quando lhe disse como era grande a sorte dela por eu não morar em Berlim e não poder interferir em seu casamento? Também nisso você chegou ao limite de sua perspicácia; toma partido contra mim e me diz que “o leitor de pensamentos lê apenas seus próprios pensamentos nas outras pessoas”, o que invalida todos os meus esforços.

— Se é isso o que pensa de mim, jogue meu “Cotidiano” na cesta de papéis sem mesmo lê-lo. Ele está repleto de referências a você — manifestas, para as quais você forneceu o material, e ocultas, cuja motivação remonta a você. À parte qualquer outra coisa que possa restar do conteúdo, você pode encará-lo como um testemunho do papel que você desempenhou para mim até agora. Depois de anunciá-lo dessa maneira, sinto que posso enviar-lhe o ensaio, quando chegar a minhas mãos, sem maiores comentários.

Quanto a Breuer, você com certeza está inteiramente certo sobre o irmão, mas não compartilho de seu desdém pela amizade entre os homens, provavelmente porque sou adepto dela em grau elevado.⁽³⁾ Em minha vida, como você sabe, a mulher nunca substituiu o companheiro, o amigo. Se a inclinação masculina de Breuer não fosse tão bizarra, tão tímida e tão contraditória — como tudo o mais em sua constituição mental e emocional — ela proporcionaria um belo exemplo das realizações em que é possível sublimar a corrente andrófila dos homens.

Prometi que também lhe escreveria sobre “prazer”. Thumsee é realmente um pequeno paraíso, especialmente para as crianças, que são desregradamente alimentadas aqui e brigam entre si e com os outros hóspedes pelos barcos em que então desaparecem do olhar ansioso dos pais. Fazer companhia aos peixes já me deixou completamente embotado, mas, apesar disso, ainda não estou com o espírito des preocupado que costume ter nas férias, e tenho um palpite de que não será possível passar sem uns oito a doze dias de azeite e vinho. Talvez meu irmão seja meu companheiro de viagem. Não posso comunicar nenhuma melhora real em minha cunhada, mas, pelo menos, ela vai mantendo o *status quo*. Não circula muito; está de humor instável e deprimida. A úlcera intestinal provoca um desconforto contínuo.

E agora, o principal! Tanto quanto posso perceber, meu próximo trabalho se chamará “A Bissexualidade Humana”. Descerá à raiz do problema e dirá a última palavra que me seja facultado dizer — a última e a mais profunda. Por ora, tenho apenas uma coisa para ele: a compreensão primordial que, já há muito tempo, ergueu-se sobre a idéia de que

o recalçamento, meu problema nuclear, só é possível através da reação entre duas correntes sexuais. Precisarei de aproximadamente seis meses para reunir o material e espero descobrir que agora é possível executar esse trabalho. Mas, nesse caso, vou precisar de uma discussão longa e séria com você. A idéia em si é sua. Você se recorda de eu lhe ter dito, anos atrás, quando você ainda era especialista e cirurgião nasal, que a solução estava na sexualidade. Muitos anos depois, você me corrigiu, dizendo que estava na bissexualidade — e vejo que tinha razão. Assim, talvez eu precise tomar ainda mais coisas de empréstimo a você; talvez meu senso de honestidade me obrigue a pedir-lhe que seja co-autor do trabalho comigo; desse modo, a parte anátomo-biológica ampliaria seu alcance — a parte que, se eu fizesse sozinho, seria minguada. Eu me concentraria no aspecto psíquico da sexualidade e na explicação do neu-rótico. Esse é, portanto, o próximo projeto para o futuro imediato, que espero torne a unir-nos adequadamente também nos assuntos científicos.

Minhas mais cordiais saudações a você e sua família. Mande-me alguma notícia.

Seu,
Sigm.

(1) Marie Bonaparte anotou em seu diário que, ao mostrar essa carta a Freud, ele lhe disse que era uma "carta muito importante".

(2) Provavelmente, Wilhelm Winternitz (1834-1917). Ver Lesky (1965, p. 336).

(3) *Weil ich in hohem Grade Partei bin.*

O Fim do Relacionamento

19 de setembro de 1901

IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Recebi seu cartão poucas horas antes de minha partida. Deveria agora escrever-lhe sobre Roma, mas é difícil. Ela foi esmagadora também para mim e, como você sabe, foi a realização de um desejo há muito acalentado. Como acontece com tais realizações quando se espera demais por elas, essa ficou ligeiramente diminuída, mas, ainda assim, foi um ponto alto em minha vida. No entanto, embora ficasse total e inteiramente absorto na Antigüidade (poderia ter adorado os restos aviltados e mutilados do Templo de Minerva, perto do fórum de Nerva), verifiquei que não conseguia desfrutar livremente da segunda Roma [a medieval, cristã]; a atmosfera me perturbou. Tive dificuldade em tolerar a mentira sobre a redenção do homem, que eleva sua cabeça aos céus, pois não pude afastar a idéia de meu próprio sofrimento e de todos os outros sofrimentos de que tenho notícia.

Achei a terceira Roma, a italiana, repleta de promessas e simpática.

Fui frugal em meus prazeres, porém, e não tentei ver tudo em doze dias. Não só subornei [a fonte de] Trevi, como fazem todos, mas também — e isso eu mesmo inventei — mergulhei a mão na Bocca della Verità, em Santa Maria Cosmedin, e jurei voltar. O tempo estava quente, mas bastante tolerável, até que, um belo dia — por sorte, somente o nono — apareceu o siroco e me derrubou. Não consegui me recuperar. Depois de voltar para casa, apareceu-me uma gastro-enterite que acredito ter adquirido no dia da viagem e da qual ainda estou sofrendo, embora sem me queixar. Minha família voltou para casa uma noite antes de mim; ainda estou minimamente ocupado.

Na verdade, sua última carta me fez um certo bem. Agora consigo entender a atitude que você expressou em suas cartas ao longo do ano

passado. A propósito, essa foi a primeira vez em que você não me disse nada além da verdade.

Em meu íntimo, sei que o que você disse sobre minha atitude perante seu grande trabalho é injusto. Sei quantas vezes pensei nele com orgulho e vibração e como fiquei perturbado quando não consegui acompanhar uma ou outra conclusão sua. Você sabe que me falta todo e qualquer talento matemático e que não tenho memória para números e medidas; isso talvez lhe tenha dado a impressão de que não retenho nada do que você me diz. Tudo o que se pode depreender dos números em termos de pontos de vista e qualidades, penso eu, não foi desperdiçado em mim. Talvez você tenha sido apressado demais em desistir de mim como confidente. Um amigo que tem o direito de contradizer e que, por sua ignorância, dificilmente se tornaria perigoso, não deixa de ter valor para alguém que trilha rumos tão obscuros e que se associa com tão poucas pessoas, todas as quais o admiram incondicional e acriticamente.

A única coisa que me magoou foi outro mal-entendido em sua carta: o de você ter ligado minha exclamação “Mas você está minando todo o valor de meu trabalho!” com minha terapia. Nesse contexto, eu realmente não estava pensando em encobrir falhas! Estava lamentando perder minha “única platéia”, como a denominou nosso Nestroy. Para quem continuo a escrever? Se, no instante em que uma interpretação minha o deixa pouco à vontade, você fica pronto a concordar em que o “leitor de pensamentos” não percebe nada no outro,⁽¹⁾ meramente projetando seus próprios pensamentos, você também já não é mais minha platéia e deve encarar todo o meu método de trabalho como tão imprestável quanto os outros o consideram.

Não compreendo sua resposta a respeito da bissexualidade. Obviamente, é muito difícil nos entendermos. Decerto não tive nenhuma intenção de fazer coisa alguma senão elaborar minha própria contribuição para a teoria da bissexualidade, aperfeiçoando a tese de que o recalçamento e as neuroses, e portanto, a independência do inconsciente, pressupõem a bissexualidade.

A essa altura, você já terá verificado, pela referência destacada a sua prioridade no “Cotidiano”, que não tenho nenhuma intenção de ampliar meu papel nessa descoberta. Mas o estabelecimento de alguma ligação com os aspectos biológicos e anatômicos gerais da bissexualidade seria, afinal, indispensável em qualquer trabalho dessa natureza. Uma vez que quase tudo o que sei a esse respeito provém de você, tudo o que posso fazer é citá-lo ou obter essa introdução diretamente de você. Neste exato momento, não estou nem um pouco ansioso por ser publicado. Enquanto isso, sem dúvida teremos uma oportunidade de discutir o assunto. Não se pode dizer, simplesmente, “A consciência é dominante e o inconsciente é o fator sexual subjacente”, sem com isso fazer uma super-simplificação grosseira de uma questão muito mais complexa, ainda que esse seja, é claro, o fato básico. Estou trabalhando num ensaio mais

psicológico, “Esquecimento e Recalcamento”, o qual, no entanto, também conservarei comigo por muito tempo.⁽²⁾

A data de sua palestra para [o jornal de] Bresgen já passou. Aguardo-a ansiosamente; será que foi adiada?

Saúdo-o cordialmente e fico na expectativa de boas notícias de você e dos seus.

Seu,

Sigm.

(1) Freud usa o singular, *am anderen*. Poderia estar-se referindo aos pacientes em geral ou a Fliess em particular.

(2) De fato, este artigo nunca foi publicado.

20 de setembro de 1901
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Tableau! [Surpreendente!] Nossas cartas se cruzaram! Ontem mesmo indaguei sobre seu ensaio, e aqui está ele. Li-o por inteiro de uma só vez e me alegra dizer que você nunca produziu antes nada tão claro, tão conciso e tão rico em substância. E que bênção não haver nenhuma dúvida quanto à verdade dele! Obrigado também por reservar um lugar para mim.⁽¹⁾ Fiquei ainda muito satisfeito a propósito do herpes. E, ao longo de todo o texto, pode-se sentir que você dispõe ainda de mais material, mas é capaz de pôr de lado sua riqueza e sabe limitar-se. Creio que isso caracteriza o estilo clássico.

Você não acha que o título fica estranhamente aquém da conexão “causal” entre o nariz e o órgão sexual? [Será] uma abreviação de “Alterações no Nariz e no Órgão Sexual”? Mas isso realmente não importa; não quero ser pedante.

Meu cordial obrigado.

Seu,

Sigm.

(1) Referência ao trabalho de Fliess intitulado *Über den ursächlichen Zusammenhang von Nase und Geschlechtsorgan*. Há um trecho que diz: “A causa típica da neurastenia nos jovens de ambos os sexos é a masturbação (Freud), que, no caso das pessoas mais velhas, é freqüentemente substituída pela masturbação conjugal [mútua]” (1.ª ed., p. 7).

Viena, 7 de outubro de 1901
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Há três semanas a Sra. D., que você me encaminhou, chegou aqui; logo, eu deveria ter-lhe feito um relatório sobre ela há algum tempo.

É claro que ela é exatamente a pessoa de que preciso: um caso constitucional difícil em que todas as chaves se encaixam e todas as cordinhas respondem. Difícilmente será possível [realizar] um trabalho indolor com ela; quanto a isso, ela gosta demais de sentir e causar dor, mas imagino que o sucesso seja certo e duradouro.

Infelizmente, há outros obstáculos no caminho. O marido dela, que, a despeito de todo o seu talento artístico, parece ser seriamente *meschugge* (esteve aqui com ela), ainda não concordou. Liberou-a apenas por três meses, o que, obviamente, recusei, mas nem mesmo essa concessão foi real, pois ele queria mandá-la embora na mesma noite e ela está cotidianamente à espera de que ele venha buscá-la. Se vier, ela irá com ele. Já não consegue suportar [o fato de] estar sem ele.

Se essa é a situação em relação ao tempo, as coisas também não parecem mais seguras em relação ao dinheiro. Será que tudo é mesmo tão desfavorável, ou *ela* já teve êxito em me confundir? Em suma, não é nada impossível que, dentro em breve, eu declare que é melhor não começar a construir nada sobre bases tão instáveis. É muito improvável que ela venha a conseguir qualquer coisa de valor em três meses, apesar de sua inteligência. Mas o marido me abordou com uma desconfiança tão visível e ciumenta que não posso ter esperanças de lhe causar nenhuma impressão favorável através da discussão desse ponto.

Talvez tudo ainda acabe bem. Quis apenas prepará-lo para a possibilidade de que você a reveja mais cedo do que esperava e justificar-me antecipadamente, se é assim que devo reagir ao imenso esforço que você fez.

Visto que agora nos escrevemos tão raramente, não pude agradecer-lhe antes.

Com meus cumprimentos cordiais,

Seu,
Sigm.

Viena, 2 de novembro de 1901
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Você certamente tem direito a saber, de tempos em tempos, como vão as coisas com sua paciente, e fico ainda mais contente em escrever sobre ela porque não tenho ânimo para nenhuma outra coisa.

Você realmente selecionou para mim um caso feito de encomenda para essa terapia. Posso dizer que, até agora, ele tem corrido extremamente bem — talvez também por ser fácil para mim interessar-me por esse tipo de caráter. Sem dúvida, eu lhe darei mais detalhes verbalmente, em algum momento em que possa violar a discricção com impunidade. Mais uma vez, porém, tudo se enquadra nos devidos lugares, pelo menos de acordo com minha conceituação mais recente, e o instrumento responde de bom grado ao toque seguro do instrumentista. Não que ela não faça tentativas suficientes de dificultar minha vida; já as fez e voltará a fazê-las. Minha carta acabrunhada, à qual você respondeu com informações válidas, foi consequência de eu ter sido tomado pelas montanhas de dificuldades que ela empilhou diante de mim. Não serei tão facilmente feito de tolo uma segunda vez — ou, pelo menos, essa é minha intenção. De qualquer modo, ela é uma pessoa interessante e que vale a pena.

Fico contente em poder dizer-lhe isso e cumprimento-o cordialmente.

Seu,
Sigm.

Viena, 7 de dezembro de 1901
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

A Sra. D. acaba de dizer adeus. As preocupações que expressei a você depois das primeiras duas semanas não foram totalmente injustificadas. Como sabe, o marido dela interferiu poderosamente no tratamento, indicando para isso considerações de tempo e dinheiro, embora — em total acordo com suas explicações — isso talvez tenha sido usado apenas para mascarar o ciúme dele. Por fim, ele mandou uma carta que tornou impossível utilizar a extensão que havia concedido até o dia 19 deste mês. Eu próprio recomendei que ela voltasse imediatamente para casa. Em geral, o homem se portou de maneira tão ofensiva para comigo que foi necessária uma boa dose de esforço de minha parte para levar [o tratamento] adiante pelo tempo que levei.

O tratamento foi tão curto — dez semanas — que qualquer cura permanente está fora de cogitação. Tampouco posso prever como correrão as coisas com a paciente no futuro imediato. Por outro lado, tudo

transcorreu tão esplendidamente que não é possível que o trabalho deixe de trazer alguns frutos. Quando a tempestade agora desencadeada chegar ao fim, haverá possibilidade de aferir o resultado alcançado.

De qualquer modo, ela foi a paciente mais adequada e mais interessante que você me encaminhou e eu lhe sou grato por isso. Não é culpa de nenhum de nós que as coisas não tenham corrido melhor. O Professor D. simplesmente não conseguiu transferir para mim a confiança que tem em você. Estou atravessando uma sucessão difícil de eventos fortuitos em que me têm acontecido, predominantemente, coisas desagradáveis. Tenho praticado continuamente a capacidade de suportar.

Mais uma vez, portanto, meu cordial obrigado.

Seu,
Sigm.

Viena, 17 de janeiro de 1902
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Obrigado por sua indagação, à qual respondo de imediato. A febre escarlatina atingiu Ernst e Anna no primeiro dia do Natal, ainda muito branda, e, até o momento, tem seguido seu curso sem complicações. Examinando os pacientes pela manhã, antes de tomar meu banho, e os encontro animados, embora pálidos e submissos.

Não foi possível retirar as outras crianças de casa, por causa das famosas incertezas. Assim, isolamo-as tanto quanto possível em casa e, até agora, não há suspeita de nenhuma doença nova. Como não têm permissão de ir à escola, elas estão gozando a vida e progredindo magnificamente.

Também minha irmã está gravemente enferma. O clima tem sido altamente anormal e, grosso modo, vimos atravessando uma fase peculiarmente ruim.

Mais uma vez, obrigado pelo Lubarsch.⁽¹⁾ A Srta. G. R. já me havia remetido os dois números. Até o momento, achei apenas duas resenhas em publicações especializadas, o *Zeitschrift für Psychologie und Physiologie der Sinnesorgane*⁽²⁾ e o *Monatsschrift für Neurologie und Psychiatrie* [sic]; naturalmente, ambas se mostram chocadas com a intromissão na ciência⁽³⁾

Não tenho nenhuma notícia sua e espero poder presumir que tudo esteja bem.

Cordiais saudações.

Seu,
Sigm

(1) Uma resenha/artigo positivo, intitulada "Schlaf und Traum", de O. Lubarsch, que foi publicada em *Die Woche* ("Não há dúvida de que o trabalho de Freud é extraordinariamente rico para a compreensão dos sonhos".) Lubarsch concluiu dizendo que o sonho é, como reconhece Freud, de grande valor na terapia e na compreensão dos sintomas, e "reconhecemos que nada nos comove nos sonhos que não tenha algum significado para nós na vida" [real]. Assim, o sonho "permite um vislumbre dos recônditos mais profundos de nosso coração."

(2) Essa resenha, de W. Stern, de Breslau, foi publicada em 1901. Seu tom é particularmente desagradável: "Uma tendência especial, qual seja, a de ver um sentido sexual em todos os conteúdos possíveis e impossíveis dos sonhos, é tão alardeada no livro que não teria nenhuma serventia citar um exemplo isolado: é provável que o fato de o material provir primordialmente de histéricos seja responsável [por isso]. A inaceitabilidade dessa espécie de interpretação dos sonhos como método científico deve ser enfaticamente frisada, pois é grande o perigo de que as mentes acríticas se comprazam nesse interessante jogo da fantasia e, desse modo, arrastem-nos para um completo misticismo e uma arbitrariedade caótica — já que assim se pode provar qualquer coisa com qualquer coisa."

(3) Essa resenha foi de um certo Herr Liepmann, de Berlim, também publicada em 1901. É igualmente desagradável e termina com as seguintes palavras: "Em suma, nesse trabalho, o astuto manipulador do pensamento triunfa sobre o pesquisador científico. Há um perigo de que, em mentes menos dotadas, o exemplo dele desencadeie uma fantástica psicologia do ânus, que, chafurdando nas alegrias da interpretação, venha a entocar-se nos recessos sombrios da vida emocional e atire ao vento os entendimentos penosamente alcançados da pesquisa psicológica científica."

8 de março de 1902
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Fico contente em poder informar-lhe que, finalmente, saiu o tão sonogado e, recentemente, tão desejável cargo de professor. Na próxima semana, o *Wiener Zeitung* o anunciará ao público, que, suponho eu, há de honrar esse selo de aprovação oficial. Faz muito tempo que você não recebe de mim nenhuma notícia que possa ser associada com expectativas prazerosas.

Cumprimento-o cordialmente,

Seu,
Sigm.

Viena, 11 de março de 1902
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Imagine só o que pode conseguir uma "excelência"! Pode até fazer com que eu ouça novamente sua querida voz numa carta! Mas, visto

que você liga coisas tão agradáveis à notícia — reconhecimento, mestria e coisas similares — minha ânsia habitual e nociva de honestidade me obriga a lhe dizer exatamente como foi que isso enfim se deu.

Na verdade, foi obra minha. Quando voltei de Roma, meu gosto pela vida e pelo trabalho estava um tanto aguçado, enquanto o gosto pelo martírio fora um pouco diminuído. Verifiquei que minha clínica se havia quase desvanecido; retirei de publicação meu último trabalho,⁽¹⁾ porque, pouco antes, perdera em você minha última platéia.* Previ que a espera do reconhecimento poderia consumir boa parcela de minha vida e que, nesse meio tempo, nenhum de meus semelhantes se importaria comigo. E eu realmente queria rever Roma, cuidar de meus pacientes e manter meus filhos com o moral elevado. Assim, tomei a decisão de romper com a virtude rígida e tomar medidas apropriadas, como fazem os outros seres humanos. É preciso procurar a salvação em algum lugar, e eu escolhi o título como meu salvador. Durante quatro anos inteiros eu não dissera uma única palavra sobre ele, mas, nessa ocasião, visitei meu antigo professor, Exner. Ele foi tão desagradável quanto possível, quase rude, não quis revelar nada sobre as razões de eu ter sido preterido e assumiu por completo o papel do funcionário. Só depois de eu tê-lo realmente sacudido com alguns comentários depreciativos sobre a atividade dos altos funcionários do ministério foi que ele deixou escapar qualquer coisa obscura sobre influências pessoais que estariam trabalhando contra mim junto a Sua Excelência, e recomendou que eu procurasse uma contra-influência pessoal. Pude dizer-lhe que teria a possibilidade de entrar em contato com minha velha amiga e ex-paciente, a esposa do Hofrat Gomperz. Ele pareceu gostar da idéia. *Frau* Elise foi muito gentil e abraçou calorosamente a causa. Fez uma visita ao ministro e recebeu como resposta uma expressão de surpresa: “Quatro anos! E quem é ele?” A velha raposa agiu como se eu lhe fosse desconhecido. De qualquer modo, era preciso que se fizesse uma nova proposta. Assim, escrevi a Nothnagel e Krafft-Ebing, que estava prestes a se aposentar, e lhes pedi que renovassem sua proposta anterior. Ambos reagiram maravilhosamente. Nothnagel escreveu-me alguns dias depois: “Falei com K. E.”, e este último escreveu, passados alguns dias: “*Encaminhamos a proposta*”. Mas o ministro evitou Gomperz obstinadamente e, mais uma vez, parecia que a coisa não ia dar em nada.

Foi então que uma outra força foi aplicada. Uma de minhas pacientes, Marie Ferstel (que se mudará para Berlim em poucas semanas com o marido, que foi nomeado cônsul geral), ouviu falar do assunto e começou a agitar as coisas por conta própria. Não sossegou enquanto não foi apresentada ao ministro numa festa, caiu em suas boas graças e arrancou dele a promessa, através de um amigo mútuo, de que ele daria um cargo de professor ao médico que a havia curado. Entretanto, estando perfeitamente ciente de que uma promessa inicial dele não significava absolutamente nada, ela o encostou pessoalmente na parede, e creio que, se

um certo Böcklin estivesse em poder dela, e não no de sua tia, Ernestine Thorsch, eu teria sido nomeado três meses antes. Do modo como estão as coisas, Sua Excelência terá que se contentar com uma pintura moderna para a galeria que pretende fundar — não para ele mesmo, naturalmente. No final das contas, ao jantar na casa de minha paciente, o ministro a informou gentilmente de que os documentos formais tinham sido enviados ao imperador e de que ela seria a primeira a saber quando fossem assinados, consumando-se a nomeação.

Um dia, ela chegou radiante para sua sessão, sacudindo uma carta expressa do ministro. Foi assim que se conseguiu. O *Wiener Zeitung* ainda não publicou a nomeação, mas a notícia de que ela era iminente se espalhou depressa, saindo dos centros oficiais. A aclamação pública foi imensa. As congratulações e flores já estão chovendo em profusão, como se o papel da sexualidade tivesse recebido o súbito reconhecimento oficial de Sua Majestade, o significado do sonho tivesse sido atestado pelo Conselho de Ministros, e a necessidade da terapia psicanalítica da histeria, aprovada por uma maioria de dois terços no Parlamento.

Obviamente, tornei-me novamente um homem de boa reputação; meus mais relutantes admiradores cumprimentam-me à distância nas ruas.

Quanto a mim, ainda trocaria de bom grado cada cinco congratulações por um caso decente e adequado para tratamento extenso. Descobri que o Velho Mundo é regido pela autoridade, tal como o Novo o é pelo dólar. Fiz minha primeira reverência à autoridade e, desse modo, espero ser recompensado. Se o efeito nos círculos mais amplos for tão grande quanto é nos mais próximos, talvez eu tenha boas razões de estar esperançoso.

Nessa história toda, há uma pessoa de orelhas muito compridas que não foi suficientemente apreciada em sua carta, e essa pessoa sou eu. Se tivesse tomado essas poucas providências três anos atrás, eu teria sido poupado de toda sorte de coisas. Outros têm essa esperteza sem precisarem primeiro ir a Roma. Esse é, portanto, o glorioso rumo dos acontecimentos ao qual, entre outras coisas, devo também sua amável carta. Por favor, guarde para você o conteúdo desta carta.

Eu lhe agradeço e o saúdo cordialmente.

Seu,
Sigm.

(*) Afirma-se que Nestroy, espiando por um buraco antes de uma apresentação beneficente e vendo apenas duas pessoas no teatro, exclamou: "Ali está a 'platéia' que conheço; tem um convite de cortesia. Não sei se a outra 'platéia' também tem um".

(1) Sem dúvida é uma referência ao caso Dora ("Fragmento da Análise de um Caso de Histeria"), que terminou em 1901, mas apenas publicada em 1905. Strachey (S.E.VII:4) observa que Freud escreveu em 9 de junho de 1901, que o caso clínico

seria publicado no outono. Strachey acrescenta, "Não temos conhecimento de como e porque Freud tenha mudado de idéia e protelado a publicação por outros quatro anos." (Maiores detalhes inclusive o fato de que Freud, em 1909, contou a Ferenczi que o editor da *Monatsschrift für Psychiatrie und Neurologie* originalmente negligenciou o trabalho, pode ser encontrado em Jones, *Life* 2: 286-287).

A presente passagem, especialmente a opinião da referência anterior da aversão de Rie ao artigo (carta de 3 de março de 1901) nos permite compreender a razão real porque Freud não queria o artigo publicado: com a perda da amizade de Fliess e o interesse dele pelo seu trabalho, Freud sentiu que não havia alguém que pudesse criticar o que estava escrevendo.

|cartão-postal mostrando o Templo de Netuno, em Pesto|

10 de setembro de 1902

Cordiais saudações do ponto alto da viagem.

Seu,
Sigm.

7 de dezembro de 1902
IX., Berggasse 19

Querido Wilhelm,

Soube, com profundo pesar, do infortúnio que se abateu sobre sua família, e posso apenas esperar que você supere rapidamente a tristeza.⁽¹⁾ Dentre todos os tipos terríveis de calamidades, essa é, afinal, a provação menos severa de todas.

Cordiais saudações.

Seu,
Sigm.

(1) Michael Schröter me informou que, no dia 28 de novembro, Ida Fliess dera à luz uma filha natimorta. Ver Fliess, *Der Ablauf des Leben*, p. 34.

Conclusão

As cartas que se seguem são o triste saldo de uma amizade apaixonada. É difícil reconstituir, a partir desses documentos escassos, o que realmente aconteceu. Mas parece claro que o impulso de pôr termo ao relacionamento partiu de Fliess e que só lentamente Freud se apercebeu de que o amigo se estava afastando dele. Sem as cartas de Fliess, é impossível saber se Freud ignorou os primeiros sinais de ruptura, ou se Fliess não deu nenhuma indicação do que estava por vir.

Há um documento relevante que veio à tona recentemente. Na Biblioteca do Congresso acham-se várias páginas de um artigo de Fliess que nunca foi publicado. Intitula-se “Die Entdeckung der dauernden Doppelgeschlechtigkeit: Eine geschichtliche Darstellung”. Fliess cita um trecho de uma carta que escreveu a Freud, infelizmente sem data, mas que obviamente pertence à época do rompimento — e portanto, na opinião de Fliess, a 1900. A parte da carta que Fliess reproduz em seu artigo diz: “Nesse caso, em minha opinião, você é tão pouco responsável pela recaída quanto por seu rápido e brilhante sucesso, pois tenho observado, com frequência, que um período de euforia de muitos meses de duração antecede o aparecimento dos tumores malignos. Durante esse período, os sintomas neuróticos também se atenuam. Mais tarde, voltam com uma subitaneidade impressionante, simultaneamente aos primeiros sintomas do neoplasma”. E Fliess continua: “Freud ficou atônito diante dessa comunicação”. Sem dúvida que ficou. Ela significava, muito simplesmente, que não havia nenhuma necessidade de Freud se empenhar na psicoterapia; os pacientes melhoravam ou pioravam de acordo com períodos estritamente biológicos. A opinião de Fliess solapava toda a obra de Freud. O afastamento era inevitável.

Outra faceta do rompimento é que, a princípio, Freud não apenas compartilhou das opiniões de Fliess sobre a importância deste para a biologia, como também concordou em que ele, Freud, havia tentado roubar

a proeminência de Fliess. Freud reconheceu isso abertamente numa passagem da *Psicopatologia da Vida Cotidiana* (S.E. VI: 143-144):

Certo dia, no verão de 1901, fiz esta observação a um amigo com quem, na época, costumava ter um intercâmbio ativo de idéias científicas: “Esses problemas das neuroses só poderão ser solucionados se nos basearmos total e completamente no pressuposto da bissexualidade original do indivíduo”. Ao que ele retrucou: “Isso foi o que eu lhe disse em Br[eslau] há dois anos e meio, quando fizemos aquele passeio à noite. Mas, na ocasião, você se recusou a ouvir falar no assunto”. É doloroso ser solicitado dessa maneira a renunciar à própria originalidade. Não consegui recordar nenhuma conversa desse tipo, nem o tal pronunciamento de meu amigo. Um de nós devia estar errado e, com base no princípio do “*cui prodest?*”,^(T) devia ser eu mesmo. Com efeito, no decorrer da semana seguinte, lembrei-me de todo o incidente, que fora exatamente como meu amigo me havia tentado relembrar; recordei-me até da resposta que lhe dei na ocasião: “Ainda não aceitei isso; não estou inclinado a discutir essa questão”. Desde então, porém, tornei-me um pouco mais tolerante quando, ao ler a literatura médica, deparo com uma das poucas idéias às quais meu nome pode ser associado e constato que meu nome não foi mencionado.

Esse trecho, juntamente com as últimas cartas de Freud a Fliess, comprova os sentimentos de culpa de Freud perante o colega e sua convicção de ter sido legitimamente acusado de uma indiscrição. Talvez a posteridade seja mais gentil com Freud do que ele foi consigo mesmo, e mais inclinada a admirar-lhe a honestidade nessa situação embaraçosa. Vista em retrospectiva, a opinião severa de Freud sobre seu próprio comportamento não parece ser nada além de um remanescente de sua super-valorização inicial das realizações científicas de Fliess. Ele emerge do episódio da bissexualidade como o indivíduo mais generoso, tanto emocional quanto intelectualmente.

T. “A quem isso beneficia?” (N. da T.)

26 de abril de 1904⁽¹⁾

Caro Wilhelm,⁽²⁾

Se volto a lhe escrever após um intervalo tão longo, você decerto há de presumir que não sou movido por um impulso emocional, e sim por um motivo de ordem prática. E assim é. Gostaria que voltássemos a ter notícias um do outro da seguinte maneira: diversos médicos jovens e competentes, que — não quero lhe fazer segredo disso — pertencem

ao círculo de meus alunos, estão planejando tentar, no futuro próximo, a publicação de um jornal científico que será dedicado à “investigação biológica e psicológica da sexualidade”. Eles lhe pedirão que colabore e, antecipando-me a eles, gostaria de pedir-lhe que não lhes negue seu nome e suas contribuições. Eles acreditam que esse é o momento certo, pois aumentam por toda parte os sinais de concordância com minhas colocações. Recentemente, deparei com um reconhecimento absolutamente surpreendente de meu ponto de vista na resenha de um livro no *Münchener medizinische Wochenschrift*,⁽³⁾ feita por um psiquiatra oficial de Zurique, Bleuler. Imagine só, um catedrático de psiquiatria e meus estudos †††⁽⁴⁾ sobre a histeria e o sonho, que, até aqui, eram rotulados de repulsivos! Já não parece impossível, agora, que eu mesmo venha ainda a testemunhar parte da mudança. Nunca duvidei da vitória póstuma.

Você deve ter recebido um trabalho do Dr. Swoboda,⁽⁵⁾ do qual sou, em mais de um aspecto, o inspirador intelectual, embora não desejasse ser seu autor. Gênero: Gattel.⁽⁶⁾ Mas creio que estou começando a dispor de melhor material estudantil.

É claro que estou aguardando, tão avidamente quanto antes, as explicações que você nos dará em seu novo livro.

Com minhas saudações cordiais,

Seu,
Sigm.

(1) Essa carta, bem como as de 23 de julho e 27 de julho de 1904, foi parcialmente incorporada por Fliess a seu panfleto *In eigener Sache*. Aqui publicadas pela primeira vez em sua íntegra, as cartas originais acham-se na Biblioteca Nacional e Universitária Judaica, em Jerusalém.

(2) Freud usa o “Lieber Wilhelm”, mais costumeiro, em lugar de “Teurer Wilhelm”.

(3) Numa resenha do livro de L. Löwenfeld, *Die psychischen Zwangsercheinungen*, publicada no *Münchener medizinische Wochenschrift* n° 51, de 1904, p. 718, Eugen Bleuler escreve: “Freud, em seus estudos sobre a histeria e os sonhos, mostrou-nos parte de um mundo novo, embora de modo algum a totalidade dele. Nossa consciência vê em seu teatro apenas as marionetes; no mundo freudiano, muitos dos cordões que movem as figuras foram revelados”.

Ao que parece, Freud não sabia que Bleuler já havia criticado seus *Estudos sobre a Histeria* no *Münchener medizinische Wochenschrift*, em 1896. Essa resenha, que foi primordialmente um resumo do livro, terminava com as seguintes palavras positivas: “Seja como for, o fato de o livro trazer uma visão inteiramente nova do funcionamento da psique faz desse livro uma das contribuições mais importantes dos últimos anos no campo da psicologia normal e patológica”.

Outra resenha de Bleuler, de 1904, teria dado a Freud tanto prazer quanto essa a respeito da qual escreveu a Fliess. A discussão de Bleuler do livro de Emil Ralmann, *Die hysterischen Geistesstörungen* (Leipzig: Deuticke, 1904), no *Münchener medizinische Wochenschrift*, termina com as seguintes palavras: “É verdade que este crítico não acredita no significado exclusivo da sexualidade, que tem uma

compreensão insuficiente do conceito de conversão, etc.; não obstante, ele considera o método de Freud indispensável a uma compreensão mais profunda tanto da psique sadia quanto da enferma".

É provável que essas sejam as primeiras avaliações positivas da obra de Freud feitas por um eminente psiquiatra acadêmico.

(4) Ver cartas de 5 de novembro de 1899 e 8 de maio de 1901.

(5) Hermann Swoboda, *Die Periode des menschlichen Organismus in ihrer psychologischen und biologischen Bedeutung* (Leipzig e Viena: Franz Deuticke, 1904).

(6) *Gattung* significa tipo, categoria, gênero; Gattel foi o primeiro discípulo de Freud. Freud faz aqui um trocadilho intraduzível.

Berlim, 27 de abril de 1904(1)

Caro Sigmund,

Fiquei muito contente em receber notícias suas, muito embora, segundo sua própria afirmação, suas linhas não tenham sido motivadas por um impulso emocional. Fiquei especialmente satisfeito com a notícia de que você está conquistando maior reconhecimento.

Bleuler não me é desconhecido. Guardei uma lembrança favorável do belo estudo sobre a visão de cores após as impressões acústicas, feito por ele há muitos anos com Lehmann. Por ora, não poderei escrever absolutamente nada para o novo jornal (recusei também todos os outros convites), pois estou de mãos cheias com a redação de meu livro. E, até que o último trecho seja levado a sua conclusão, não posso dedicar-me a outras tarefas.

Que você figure como inspirador intelectual do livro de Swoboda é algo que realmente lastimo — não porque o autor não tenha a mínima idéia de onde se situa o problema dos períodos, nem por causa dos muitos erros factuais, mas sim pelo traço de profunda desonestidade que perpassa todo o livro. Você mesmo insinua isso ao referir-se a Gattel. Só observei isso ao ler [o texto] mais atentamente; de outro modo, meu bilhete de agradecimento ao autor por remeter-me o livro teria sido escrito num tom diferente. Swoboda não revelou nem por uma vez o ano em que fez suas observações e no qual tomou conhecimento de meu livro. A propósito, você já terminou o *Chiste*, para o qual me mostrou o material há exatamente um ano?(2)

Eu preferiria responder-lhe verbalmente, mas não estamos indo a Viena agora (conforme os boatos de fontes não fidedignas), de modo que lhe envio este aperto de mão com minhas melhores saudações!

Seu,
Wilhelm.

(1) Encontrei essa carta, com a letra de Fliess, em Maresfield Gardens. Ela não foi publicada anteriormente.

(2) Freud efetivamente publicou esse livro em 1905, sob o título de *O Chiste e suas Relações com o Inconsciente*.

15 de julho de 1904

IX., Berggasse 19

Caro Wilhelm,

Utilizo esta data para cumprimentá-lo pelo casamento iminente de sua cunhada Marie. Sua presença em Viena nada me trará, pois estarei viajando em férias para Königsee na noite anterior. Desejando a você e aos seus os melhores votos para o verão,

Seu,
Sigm.

Hotel Meissl & Schadn

Viena, 20 de julho de 1904

Caro Sigmund,

Deparei com um livro de Weininger⁽¹⁾ em cuja primeira parte, biológica, encontrei, para minha consternação, uma descrição de minhas idéias sobre a bissexualidade e a natureza da atração sexual dela decorrente: homens femininos que atraem mulheres masculinas e vice-versa. Com base numa citação [do livro], constatei que Weininger conhecia Swoboda — seu discípulo — (antes da publicação do livro) e fui informado aqui de que os dois homens eram *intimi*. Não tenho nenhuma dúvida de que Weininger tomou conhecimento de minhas idéias através de você e abusou da propriedade alheia. Que sabe você sobre o assunto? Tenha a bondade de me fornecer uma resposta franca (para meu endereço de Berlim, pois estarei partindo de Viena na noite de 23).

Com meus cumprimentos cordiais,

Seu,
Wilh.

(1) Otto Weininger, *Geschlecht und Charakter: Eine prinzipielle Untersuchung* (Viena: Wilhelm Braumueller, 1903).

V. Sonnenfels
23 de julho de 1904
IX., Berggasse 19

Caro Wilhelm,

Também sou de opinião que o falecido Weininger era um ladrão com uma chave que apanhou por aí.

Eis tudo o que sei a esse respeito. Swoboda, que era amigo íntimo dele e que soube da bissexualidade (que é tema de discussão em todos os tratamentos) por meu intermédio, mencionou a palavra “bissexualidade” — segundo afirma — ao verificar que Weininger estava preocupado com problemas sexuais. Ao que Weininger deu com a mão na testa e correu para casa para escrever seu livro. Não estou em condições de julgar se esse relato é correto.

Além do mais, acredito que Weininger, que supostamente se matou por medo de sua natureza criminosa, poderia ter obtido a idéia da bissexualidade em outro lugar, pois ela tem aparecido na literatura há algum tempo. A correspondência dos detalhes é explicável, sem nenhuma dúvida, da seguinte maneira: uma vez apresentado à idéia, ele deduziu corretamente algumas das inferências — e uma parcela maior, é claro, incorretamente. E isso porque Swoboda afirma que não lhe deu nenhuma informação adicional; e nem tampouco teria nenhuma para dar, pois não soube de mim mais do que aquilo que emerge do tratamento: que uma forte corrente homossexual é encontrada em todos os neuróticos.

Swoboda não é, como escreve você, *meu discípulo*. Veio procurar-me como paciente gravemente enfermo, recebeu a mesma ajuda e aprendeu as mesmas coisas que todos os outros [pacientes]; não tenho participação alguma na descoberta dele, que versa mais sobre suas idéias. Não li o livro dele antes da publicação; quando o li, fiquei muito surpreso com o tipo de gratidão neurótica ali exibida, isto é, com a maneira como ele utiliza suas descobertas para atacar minha teoria dos sonhos. Ele simplesmente me explorou, até mesmo, finalmente, para que eu lhe arranjassem um editor, o que fiz; e, em vista das qualidades dele como investigador, explicitamente abstenho-me de qualquer responsabilidade por seu trabalho. Estou sempre disposto a fazer esse tipo de coisas, com a intenção de jamais lamentá-las mais tarde.

No momento, estou concluindo os “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade”, onde evito o tópico da bissexualidade tanto quanto possível. Há dois pontos em que não posso fazê-lo: na explicação da inversão sexual — nesse ponto, vou até onde permite a literatura (Krafft-Ebing e predecessores, Kiernan, Chevalier e os outros) — e ao mencionar a corrente homossexual nos neuróticos. Nesse ponto, planejo acrescentar uma nota [no sentido] de que fui alertado para a necessidade dessa descoberta por certas observações suas. Ou talvez você queira propor-me uma formulação equiparável.

O resto versa sobre a vida sexual infantil e os componentes dos impulsos sexuais.

Com minhas cordiais saudações,

Seu,
Sigm.

(1) Ver nota 1 da carta de 26 de abril de 1904.

Berlim, 26 de julho de 1904

Caro Sigmund,

Com que então o que Oscar Rie me disse, com toda inocência, quando mencionei Weininger, estava errado: disse ele que Weininger foi procurar você com o manuscrito e que, depois de examiná-lo, você o desaconselhou a publicá-lo, pois o conteúdo era absurdo. Creio que, nesse caso, você deveria ter chamado a atenção dele e a minha para o “furto”. É óbvio que o próprio Weininger não acreditava — como você — que *pudesse* conseguir em outro lugar a idéia da bissexualidade persistente e inevitável de todos os seres vivos (e não apenas de uma predisposição à bissexualidade). E isso porque, na página 10, ele afirma que a idéia, nessa formulação, é inteiramente nova. Eu lhe ficaria muito grato se você pudesse relacionar para mim as outras fontes sobre as quais escreveu — Krafft-Ebing, Kiernan, Chevalier etc. — de tal modo que eu pudesse localizá-las com facilidade, pois não estou bem familiarizado com a literatura.

Além disso, em seu arrenoplasma e teleplasma, Weininger furtou também a idéia de que a substância viva é feminina e masculina em todos os seres vivos — uma idéia que deduzi da ocorrência regular de 28 e 23 nos homens e nas mulheres.

Até agora, eu não tinha conhecimento do que soube em sua carta — de que você está usando [a idéia da] bissexualidade persistente em seus tratamentos. Conversamos sobre isso pela primeira vez em Nuremberg, quando eu ainda estava deitado e você me contou a história clínica da mulher que sonhava com cobras gigantescas. Na ocasião, você ficou muito impressionado com a idéia de que as correntes subjacentes da mulher pudessem provir da parte masculina de sua psique. Por essa razão, fiquei ainda mais intrigado com sua resistência, em Breslau, à pressuposição da bissexualidade na psique. Em Breslau, também lhe falei sobre a existência de um grande número de maridos canhotos entre meus conhecidos e, a partir da teoria do sinistrismo, elaborei para você uma explicação que corresponde *nos mínimos detalhes* à de Weininger (que não sabe nada sobre o sinistrismo). Naturalmente, você rejeitou o sinistrismo em si e,

como você próprio admitiu com toda a franqueza, esqueceu-se por algum tempo da nossa discussão [sobre a] bissexual [idade].

Como não soubesse que seu tratamento requer a menção à bissexualidade, não suspeitei de que o amigo íntimo de Weininger, o Dr. Swoboda, fosse seu paciente — menos ainda quando você o comparou a Gattel em sua carta e acrescentou: “Mas creio que estou começando a dispor de melhor material estudantil”.

Sem dúvida, ambos desejaríamos ter tido uma razão melhor para nos correspondermos do que discutir um *ladrão*. Oxalá o futuro possa trazê-la para nós.

Com saudações cordiais,

Wilhelm

27 de julho de 1904
IX., Berggasse 19(1)

Caro Wilhelm,

Vejo que tenho de reconhecer-lhe mais direitos do que estava disposto a fazer originalmente; estou atônito diante de meu esquecimento do quanto me havia queixado de meu discípulo Swoboda e de ter encoberto a visita que Weininger me fez (da qual, no entanto, não me esqueci). Esta última foi precisamente como Rie lhe relatou; o manuscrito que me foi mostrado, porém, tinha uma redação inteiramente diferente da do livro impresso; fiquei também muito alarmado com o capítulo sobre a histeria, que fora escrito *ad captandam benevolentiam meam* [para captar minha benevolência], mas é claro que o tema subjacente da bissexualidade era reconhecível, e devo ter lamentado, na ocasião, que através de Swoboda, como já sabia, eu tivesse passado sua idéia a ele. Em combinação com minha própria tentativa de furtar-lhe sua originalidade, compreendo melhor meu comportamento para com Weininger e meu esquecimento subsequente.

Não creio, por outro lado, que devesse ter gritado “Pega ladrão!” naquele momento. Antes de mais nada, isso não teria tido nenhuma serventia, pois um ladrão pode perfeitamente alegar que a idéia é dele, e as idéias não são patenteadas. Pode-se guardá-las para si — e é recomendável que se aja desse modo quando se atribui grande importância ao direito de propriedade. Uma vez deslanchadas, elas seguem seu próprio rumo. Ademais, naquela ocasião, eu já estava familiarizado com as referências da literatura em que a idéia da bissexualidade é usada para explicar a inversão. Você há de admitir que uma mente talentosa consegue facilmente, por si só, dar o passo que vai da predisposição bissexual de alguns indivíduos para a extensão dela a todos os indivíduos, embora esse

passo seja seu *novum*. Para mim, pessoalmente, você sempre foi (desde 1901) o autor da idéia da bissexualidade; receio que, ao examinar a literatura, você constate que muitos chegaram pelo menos tão perto quanto você. Os nomes que lhe mencionei estão em meu manuscrito; não trouxe livros comigo, de modo que não posso fornecer-lhe uma documentação mais precisa. Você certamente a encontrará na *Psycopathia sexualis* de Krafft-Ebing.

Além disso, eu tinha certeza (e ainda tenho) de que não dei a Swoboda nenhum detalhe de suas comunicações. A universalidade da predisposição bissexual é tudo o que se menciona no tratamento, e disso eu preciso nele. Desde a experiência que narrei com franqueza no “Cotidiano”, tenho suspeitado de que um de nós poderia vir a lamentar nosso antigo intercâmbio irrestrito de idéias e tenho-me esforçado com êxito por esquecer os pormenores de suas comunicações. Naquela ocasião, é evidente que me recriminei vagamente, como hoje faço com completa clareza, por minha generosidade ou meu descuido com sua propriedade. Agora, posso presumir que o dano causado a você por Weininger foi muito superficial, pois ninguém há de levar a sério o trabalho ordinário dele e você poderá, se isso lhe valer a pena, esclarecer as circunstâncias. Furtar não é tão fácil quanto Weininger imaginou — é com isso que me consolo, e gostaria que você também se consolasse.

Você não é o único a lamentar, pois também eu o faço, que esse incidente em que você me reprova tenha redespertado uma correspondência há muito adormecida. Não é culpa minha, porém, que você só encontre o tempo e a inclinação para se corresponder comigo novamente por ocasião desses incidentes mesquinhos. A verdade é que, nestes últimos anos — o “Cotidiano” é a linha divisória — você não mais demonstrou nenhum interesse em mim, nem em minha família, nem em meu trabalho. Agora, já superei isso e tenho pouco desejo [desse interesse]; não o estou recriminando e peço que você não responda a esse ponto.

Tenho um outro pedido. Ao longo de minha vida, tenho espalhado sugestões livremente, sem indagar o que resultará delas. Posso admitir, sem me sentir diminuído, que aprendi isto ou aquilo com outras pessoas. Mas nunca me apropriei de algo que pertencesse a outrem — só as pessoas como Gartner podem afirmar isso. Agora, portanto, com respeito à bissexualidade, também não quero ficar nessa posição diante de você, menos ainda considerando que, precisamente da mesma maneira, você resolveu expressar sua apreciação por um outro [e] sua reprovação a mim (o caso de Swoboda). Confio em que ainda terá a gentileza de me ajudar a sair de meu apuro atual através da leitura dos comentários sobre a bissexualidade nas provas de meus recém-concluídos “Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade”, modificando-os a seu contento. Seria mais fácil adiar a publicação até que você tivesse entregue sua biologia ao público. Mas não sei quando isso se dará. Você dificilmente se apressaria para me favorecer. Nesse meio tempo, não posso fazer nada, nem sequer terminar

o *Chiste*, que, num ponto crucial, está parcialmente baseado na teoria da sexualidade. Também não ganho nada com a espera de sua publicação, pois, nesse caso, não teria possibilidade de evitar o tópico da bissexualidade, como faço agora; eu teria que assumir uma posição e acabaria por preparar novos trabalhos. Por outro lado, há tão pouco de bissexualidade ou de outras coisas emprestadas por você no que digo que, com alguns comentários, posso fazer justiça a sua participação. Preciso apenas ter certeza de que você concorda com eles e não encontrará neles justificativas para recriminações posteriores.

Peço-lhe que responda a isso.
Com meus cumprimentos cordiais,

Seu,
Sigm.

P.S. Möbius dedicou um panfleto, "O Sexo e a Imodéstia",⁽²⁾ ao livro de Weininger; naturalmente, também não o trouxe comigo. Ele alega que várias das idéias de Weininger são dele [Möbius]. Você decerto se interessará em saber quais são.

(1) Ver nota 1 da carta de 26 de abril de 1904.

(2) Paul J. Möbius, *Geschlecht und Unbescheidenheit* (Halle a.S.: Carl Marhold, 1904).

Apêndice

Principais Obras Citadas

Índice

Apêndice

Relação Comparativa de Documentos Incluídos

A tabela que se segue indica quais das cartas deste volume foram anteriormente publicadas em *Anfänge* ou em *Origins*, na íntegra ou com cortes, e quais são aqui apresentadas pela primeira vez. Uma cruz (†) na coluna "Em parte" indica que o material novo aqui incluído acrescenta apenas uma oração, ou, no máximo, uma frase curta à versão anterior; um asterisco (*) indica que pelo menos metade do documento fora previamente omitido.

Data da carta ou nome do documento	Publicado em		Novo aqui	Página
	Na íntegra	Em parte		
24.11.87	•			15
28.12.87	•			16
04.02.88		†		18
28.05.88		•		21
29.08.88	•			23
21.07.90			•	26
01.08.90		†		27
11.08.90	•			27
02.05.91	•			28
17.08.91			•	29
				473

Data da carta ou nome do documento	Publicado em <i>Anfänge e Origins</i>		Novo aqui	Página
	Na íntegra	Em parte		
11.09.91			•	29
25.05.92			•	30
28.06.92		•		31
12.07.92			•	31
04.10.92		•		33
21.10.92			•	33
24.10.92			•	35
31.10.92			•	35
03.11.92			•	36
18.12.92	•			36
Rascunho A	•			37
05.01.93			•	39
Rascunho B	•			39
Rascunho C		•		45
14.05.93			•	47
15.05.93			•	48
30.05.93		*		49
10.07.93		•		50
24.07.93			•	52
13.08.93			•	53
20.08.93			•	53
14.09.93			•	55
29.09.93			•	56
06.10.93		•		57
18.10.93			•	59
27.11.93		*		60
(data corrigida, antes 17.11.93)				
11.12.93			•	62
04.01.94			•	64
16.01.94			•	64
30.01.94			•	65
07.02.94		•		65
19.04.94		•		67
25.04.94			•	69
06.05.94			•	70
21.05.94		•		73
Rascunho D	•			76
Rascunho E	•			78
22.06.94		*		83
sem data			•	86

Data da carta ou nome do documento	Publicado em <i>Anfänge e Origins</i>		Novo aqui	Página
	Na íntegra	Em parte		
14.07.94			•	87
25.07.94			•	88
07.08.94			•	89
18.08.94		*		89
Rascunho F		†		90
(parte previamente, com carta de 23.08.94)				
23.08.94			•	91
29.08.94		*		95
13.09.94			•	97
17.12.94			•	98
Rascunho G		•		98
		(texto comple- to; uma figura nova)		
24.01.95			•	107
Rascunho H	•			108
25.02.95			•	113
04.03.95		*		114
08.03.95			•	117
13.03.95			•	120
23.03.95			•	122
28.03.95			•	123
11.04.95			•	124
20.04.95			•	126
26.04.95			•	127
27.04.95		•		128
25.05.95		•		129
12.06.95		*		132
17.06.95			•	133
22.06.95			•	134
13.07.95			•	134
24.07.95			•	135
06.08.95		†		135
16.08.95		•		136
28.08.95			•	138
15.09.95			•	138
23.09.95		†		140
08.10.95		•		141
Rascunho I	•			143
15.10.95		†		145

Data da carta ou nome do documento	Publicado em <i>Anfänge e Origins</i>		Novo aqui	Página
	Na íntegra	Em parte		
16.10.95		•		146
20.10.95		•		147
31.10.95		•		148
02.11.95	•			150
08.11.95	•			151
29.11.95		•		153
03.12.95	•			154
08.12.95		•		155
Rascunho J	•			156
01.01.96		•		159
Rascunho K	•			163
06.02.96		•		170
13.02.96		•		172
23.02.96			•	174
01.03.96		•		174
07.03.96			•	177
16.03.96		•		179
29.03.96			•	180
02.04.96		•		180
16.04.96			•	181
26.04.96			•	184
04.05.96		*		186
17.05.96		*		187
	(como parte da carta de 4.5.96)			
30.05.96		•		188
04.06.96		*		192
09.06.96			•	193
30.06.96		•		194
15.07.96			•	195
12.08.96			•	196
17.08.96			•	198
29.08.96			•	198
(cartão postal)				
29.09.96			•	199
09.10.96			•	200
26.10.96		•		202
02.11.96		•		203
22.11.96			•	204
04.12.96		•		205
06.12.96		•		208

Data da carta ou nome do documento	Publicado em <i>Anfänge e Origins</i>		Novo aqui	Página
	Na íntegra	Em parte		
17.12.96		*		216
22.12.96			•	219
03.01.97		•		220
11.01.97		†		222
12.01.97			•	224
17.01.97		•		225
24.01.97	↗	•		227
08.02.97		•		230
07.03.97			•	233
29.03.97			•	234
06.04.97		*		235
12.04.97			•	236
28.04.97	•			237
02.05.97		*		239
Rascunho L			•	241
16.05.97		•		244
25.05.97		*		246
Rascunho M	•			247
31.05.97		•		250
Rascunho N	•			251
18.06.97			•	253
22.06.97		†		254
(data corrigida, antes 12.06.97)				
07.07.97		•		255
20.07.97			•	257
05.08.97			•	258
08.08.97			•	259
14.08.97		*		260
18.08.97		•		262
06.09.97			•	264
21.09.97		•		265
27.09.97			•	268
03.10.97		•		268
15.10.97		•		271
27.10.97		•		274
31.10.97		•		276
05.11.97		•		278
14.11.97	•			279
15.11.97			•	283
18.11.97		†		284

Data da carta ou nome do documento	Publicado em <i>Anfänge e Origins</i>		Novo aqui	Página
	Na íntegra	Em parte		
03.12.97		•		285
12.12.97		•		286
22.12.97		•		288
29.12.97		•		291
04.01.98		•		292
16.01.98		*		295
22.01.98			•	296
30.01.98			•	297
09.02.98		•		299
23.02.98			•	301
05.03.98			•	302
10.03.98		•		302
15.03.98		•		304
24.03.98		•		305
03.04.98		*		307
14.04.98		•		308
27.04.98			•	311
01.05.98		*		313
18.05.98			•	314
24.05.98			•	315
09.06.98		•		316
20.06.98		•		318
07.07.98		•		320
30.07.98			•	321
01.08.98			•	323
20.08.98		†		323
26.08.98		•		324
31.08.98	•			326
22.09.98	•			327
27.09.98		•		326
09.10.98		•		331
23.10.98		†		332
30.10.98			•	333
06.11.98			•	334
16.11.98			•	335
30.11.98			•	336
05.12.98		•		336
07.12.98			•	337
20.12.98			•	338
03.01.99		•		339
16.01.99		•		341

Data da carta ou nome do documento	Publicado em <i>Anfänge e Origins</i>		Novo aqui	Página
	Na íntegra	Em parte		
30.01.99		•		343
06.02.99		•		344
19.02.99		•		345
02.03.99		†		347
19.03.99			•	349
27.03.99			•	350
13.04.99			•	351
24.04.99			•	351
25.05.99			•	352
28.05.99		•		353
09.06.99		•		355
16.06.99			•	356
27.06.99		*		357
03.07.99		•		359
08.07.99			•	360
13.07.99			•	361
17.07.99		•		361
22.07.99		•		363
01.08.99		•		364
06.08.99		•		366
20.08.99		•		367
27.08.99		•		368
06.09.99	•			370
11.09.99		•		371
16.09.99			•	373
21.09.99		†		374
27.09.99			•	376
04.10.99			•	377
09.10.99		•		378
11.10.99		†		380
17.10.99			•	381
27.10.99		•		381
05.11.99		•		382
07.11.99			•	383
09.11.99			•	385
12.11.99		•		386
19.11.99			•	387
26.11.99			•	389
09.12.99		•		391
21.12.99		•		392
24.12.99			•	394

Data da carta ou nome do documento	Publicado em <i>Anfänge e Origins</i>		Novo aqui	Página
	Na íntegra	Em parte		
29.12.99			•	394
08.01.00		•		395
12.01.00			•	397
26.01.00		•		397
01.02.00			•	398
12.02.00		•		400
22.02.00			•	401
01.03.00			•	401
11.03.00		•		403
23.03.00		•		405
04.04.00		†		408
16.04.00		•		409
25.04.00			•	411
07.05.00			•	413
16.05.00		*		414
20.05.00		*		416
26.05.00			•	417
12.06.00		•		418
18.06.00			•	419
01.07.00			•	421
10.07.00		•		422
05.09.00			•	423
(cartão-postal)				
14.09.00			•	423
24.09.00			•	426
14.10.00		*	•	427
23.10.00			•	429
21.11.00			•	429
25.11.00			•	430
01.01.01			•	431
10.01.01			•	433
25.01.01		*		433
30.01.01		*		435
15.02.01		•		437
03.03.01			•	438
09.03.01			•	440
24.03.01			•	440
08.05.01		•		441
09.06.01			•	442
04.07.01		•		444

Data da carta ou nome do documento	Publicado em <i>Anfänge e Origins</i>		Novo aqui	Página
	Na íntegra	Em parte		
07.08.01		•		447
19.09.01		†		450
20.09.01	•			452
07.10.01		†		452
02.11.01	•			454
07.12.01		†		454
17.01.02			•	455
08.03.02	•			456
11.03.02		•		456
10.09.02	•			459
(cârtão-postal)				
07.12.02			•	459
26.04.04			•	461
27.04.04			•	463
(Fliess a Freud)				
15.07.04			•	464
20.07.04			•	464
(Fliess a Freud)				
23.07.04			•	465
26.07.04			•	466
(Fliess a Freud)				
27.07.04			•	467

Principais Obras Citadas

As obras de Freud são aqui listadas em ordem alfabética pelo título em alemão e pela tradução dos títulos em inglês, com a indicação completa dos dados de publicação nas entradas em alemão. Nos casos em que a obra foi separadamente publicada em inglês, esses dados de publicação são fornecidos na entrada em inglês; as obras incluídas na *S.E.* são identificadas pelo número do volume e das páginas daquela edição. Nos casos em que não houve publicação em inglês, é aqui fornecida uma tradução do título em inglês com uma referência cruzada para a entrada em alemão. As obras de Fliess são listadas em ordem alfabética de acordo com os títulos em alemão, fornecendo-se entre parênteses a tradução [para o português]. As resenhas dos trabalhos de ambos aparecem em ordem cronológica, abaixo da entrada em alemão do texto criticado. As obras de outros autores são indicadas por autor em ordem alfabética.

Obras de Sigmund Freud

Todas as obras psicológicas de Freud, em português, encontram-se publicadas pela IMAGO EDITORA LTDA. sob o título de EDIÇÃO "STANDARD" BRASILEIRA DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE SIGMUND FREUD.

"Abstracts of the Scientific Writings of Dr. Sigmund Freud, 1877-1897", *S.E.* III: 225-257. Ver também "Inhaltsangaben der wissenschaftlichen Arbeiten des Privatdozenten Dr. Sigm. Freud, 1877-1897".

"Abwehr-Neuropsychoosen, Die", *Neurologisches Centralblatt*, 13 (1894), pp. 362-364, 402-409.

"Analyse der Phobie eines fünfjährigen Knaben", *Jahrbuch für psychoanalytische und psychopathologische Forschungen*, I (1909), pp. 1-109.

"Analysis of a Phobia in a Five-Year-Old Boy", *S.E.* X: 5-149. Ver também "Analyse der Phobie eines fünfjährigen Knaben".

"Autobiographical Study", *S.E.* XX: 7-70. Ver também "Selbstdarstellung".

"Beobachtung einer hochgradigen Hemianaesthesia bei einem hysterischen Manne", *Wiener medizinische Wochenschrift*, 36 (1886), pp. 1633-38.

Beyond the Pleasure Principle, *S.E.* XVIII: 7-64. Ver também *Jenseits der Lustprinzips*.

- "Bruchstück einer Hysterie-Analyse", *Monatsschrift für Psychiatrie und Neurologie*, 18 (1905), pp. 285-310, 408-467.
- "Charcot", obituário, *Wiener medizinische Wochenschrift*, 43 (1893), pp. 1513-20; S.E. III: 9-23.
- Civilization and its Discontents*, S.E. XXI: 59-145. Ver também *Das Unbehagen in der Kultur*.
- "Clinical Study in Hemiplegia in Children, A", com Oscar Rie. Ver "Klinische Studie über die halbseitige Cerebrallähmung der Kinder".
- "Contribution to the Knowledge of Cerebral Diplegias in Childhood (in Connection with Little's Disease)", resumo, S.E. III: 245. Ver também "Zur Kenntnis der cerebralen Diplegien des Kindesalters (im Anschluss an die Little'sche Krankheit)."
- "Critical Introduction to the Pathology of the Nervous System." Ver "Kritische Einleitung in die Nervenpathologie."
- Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, Leipzig e Viena: Franz Deuticke, 1905.
- "Entwurf einer Psychologie", *Anfänge*, 373-456.
- "Erfüllte Traumahnung, Eine", *G.W.* 17: 21-23.
- Five Lectures on Psycho-Analysis*, S.E. XI: 3-56. Ver também *Über Psychoanalyse*.
- "Forgetting and Repressing." Ver "Vergessen und Verdrängen."
- "Fragment of an Analysis of a Case of Hysteria", S.E. VII: 3-122. Ver também "Bruchstück einer Hysterie-Analyse."
- "Further Remarks on the Neuro-Psychoses of Defence", S.E. III: 159-185. Ver também "Weitere Bemerkungen über Abwehrneurosepsychosen."
- Group Psychology and the Analysis of the Ego*, S.E. XVIII: 67-143. Ver também *Massenpsychologie und Ich-Analyse*.
- "L'hérédité et l'étiologie des névroses", *Revue Neurologique*, 4 (1896), pp. 161-169.
- "Heredity and the Aetiology of Neuroses", S.E. III: 142-156. Ver "L'hérédité et l'étiologie des névroses."
- "Hysteria", S.E. I: 39-57. Ver também "Hysterie".
- "Hysterie", in *Handwörterbuch der gesamten Medizin*, org. de Albert Villaret, I: 886-892, Stuttgart, 1888.
- "Infantile Cerebrallähmung, Die", in *Specielle Pathologie und Therapie*, org. de Hermann Nothnagel, vol. 9, parte 2, seção 2. Viena: Alfred Hölder, 1897.
- Resenha de Mann: *Monatsschrift für Psychiatrie und Neurologie*, 2 (1897), pp. 247-251.
- "Infantile Cerebral Paralysis", ver "Die infantile Cerebrallähmung."
- "Inhaltsangaben der wissenschaftlichen Arbeiten des Privatdozenten Dr. Sigm. Freud, 1877-1897", edição particular de Franz Deuticke.
- Interpretation of Dreams, The*, trad. de James Strachey. Nova York: Basic Books, 1955; S.E. IV, V. Ver também *Die Traumdeutung*.
- Introductory Lectures on Psycho-Analysis*, S.E. XV, XVI. Ver também *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*.
- Jenseits des Lustprinzips*, Leipzig, Viena e Zurique: Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1920.

- Jokes and their Relation to the Unconscious*, S.E. VIII: 3-238. Ver também *Der Witz und seine Beziehung zum Unbewussten*.
- "Klinische Studie über die halbseitige Cerebrallähmung der Kinder", com Oscar Rie. In *Beiträge zur Kinderheilkunde*, org. de M. Kassowitz, vol. 3, Viena: Perles, 1891.
- "Kritische Einleitung in die Nervenpathologie", 1887 (não publicado).
- Letters of Sigmund Freud*, 1873-1939, org. de Ernst L. Freud, tradução de Tania Stern e James Stern. Londres: Hogarth Press, 1961. Ver também *Sigmund Freud Briefe, 1873-1939*.
- Massenpsychologie und Ich-Analyse*, Leipzig, Viena e Zurique: Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1921.
- Neue Studien über Hypnotismus, Suggestion und Psychotherapie*, de Hippolyte Bernheim. Traduzido do francês por Freud. Leipzig e Viena: Franz Deuticke, 1892. Originalmente publicado como *Hypnotisme, suggestion, psychothérapie: Etudes nouvelles*, Paris, 1892.
- Neue Vorlesungen über die Krankheiten des Nervensystems insbesondere über Hysterie*, de Jean Martin Charcot. Traduzido do francês por Freud. Leipzig e Viena: Töplitz & Deuticke, 1886. Originalmente publicado como *Leçons sur les maladies du système nerveux*, Paris, 1887.
- "Neuro-Psychoses of Defence, The", S.E. III: 45-61. Ver também "Die Abwehr-Neuropsychosen."
- New Lectures on Diseases of the Nervous System, Especially Hysteria*. Ver *Neue Vorlesungen über die Krankheiten des Nervensystems insbesondere über Hysterie*, prefácio, S.E. I: 19-22.
- New Studies on Hypnotism, Suggestion and Psychotherapy*. Ver *Neue Studien über Hypnotismus, Suggestion und Psychotherapie*.
- Obituário de Samuel Hammerschlag, *Neue freie Presse*, 11 de novembro de 1904, 8; S.E. IX: 255-256.
- "Observation of a Severe Case of Hemi-anaesthesia in a Hysterical Male", S.E. I: 24-31. Ver também "Beobachtung einer hochgradigen Hemianaesthesia bei einem hysterischen Manne".
- "Obsessions and Phobias: Their Psychological Mechanism and Their Aetiology", S.E. III: 71-82. Ver também "Obsessions et phobies (leur mécanisme psychique et leur étiologie)."
- "Obsessions et phobies (leur mécanisme psychique et leur étiologie)", *Revue Neurologique*, 3 (1895), pp. 33-38.
- On Aphasia*. Ver *Zur Auffassung der Aphasien: Eine kritische Studie*.
- "On a Symptom Frequently Accompanying Nocturnal Enuresis." Ver *Über ein Symptom, das häufig die Enuresis nocturna der Kinder begleitet.*
- "On Bernhardt's Disturbance of Sensibility in the Thigh." Ver "Über die Bernhardt'sche Sensibilitätsstörungen am Oberschenkel."
- On Dreams*, S.E. V: 631-686. Ver também *Über den Traum*.
- "On Hemianopsia in Early Childhood." Ver "Über Hemianopsie im frühesten Kindesalter".
- "On the Aetiology of Hysteria", S.E. III: 189-221. Ver também "Zur Ätiologie der Hysterie."

- "On the Grounds for Detecting a Particular Syndrome from Neurasthenia under the Description 'Anxiety Neurosis'", S.E. III: 87-117. Ver também "Über die Berechtigung, von der Neurasthenie einen bestimmten Symptomen-Komplex als 'Angsneurose' abzutrennen."
- "A Reply to Criticisms on My Paper on Anxiety Neurosis" (tradução da resposta de Freud à resenha de Löwenfeld sobre "Über die Berechtigung"), S.E. III: 121-139.
- "On the History of the Psycho-Analytic Movement", S. E. XIV: 3-66. Ver também "Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung."
- "On the Mechanism of Obsessional Neuroses and Phobias." Ver "Über den 'Mechanismus der Zwangsvorstellungen und Phobien'."
- "On the Psychical Mechanism of Hysterical Phenomena: A Preliminary Communication", com Josef Breuer. S.E. II: 3-17. Ver também "Über den psychischen Mechanismus hysterischer Phänomene: Vorläufige Mitteilung."
- Origins of Psycho-Analysis, The: Letters to Wilhelm Fliess, Drafts and Notes, 1887-1902*, by Sigmund Freud. Org. de Marie Bonaparte, Anna Freud e Ernst Kris; tradução de Eric Mosbacher e James Strachey; introdução de Ernst Kris. Nova York: Basic Books; Londres: Imago Publishing Co., 1954.
- "Premonitory Dream Fulfilled, A", S.E. V: 623-625. Ver também "Eine erfüllte Traumahnung."
- "Project for a Scientific Psychology", S.E. I: 283-387; *Origins*, 347-445. Ver também "Entwurf einer Psychologie."
- "Psychical Mechanism of Forgetfulness, The", também denominado por Freud "The Painting by Signorelli", S.E. III: 289-297. Ver também "Zum psychischen Mechanismus der Vergesslichkeit."
- Psychopathology of Everyday Life*, S.E. VI: 1-279. também "Zur Psychopathologie des Alltagslebens."
- "Quelques considérations pour une étude comparative des paralysies motrices organiques et hystériques", *Archives de Neurologie*, 26 (1893), pp. 29-43.
- Resenha de L. Camuset em *Annales Médicopsychologiques*, 54 (1896), p. 265.
- Resenha de Freud sobre Paul J. Möbius, *Migraine*, no *Wiener klinische Rundschau*, 9 (1895), pp. 140-141.
- "Screen Memories", S.E. III: 301-322. Ver também "Über Deckerinnerungen."
- "Selbstdarstellung", in *Die Medizin der Gegenwart in Selbstdarstellungen*, org. de L. R. Grote, 4, pp. 1-52. Leipzig: Meiner, 1925.
- "Sexualität in der Ätiologie der Neurosen, Die", *Wiener klinische Rundschau*, 12 (1898), pp. 21-22, 55-57, 70-72 e 103-105.
- "Sexuality in the Aetiology of the Neuroses", S.E. III: 261-285. Ver também "Die Sexualität in der Ätiologie der Neurosen."
- Sigmund Freud, *Aus den Anfängen der Psychoanalyse. Briefe an Wilhelm Fliess, Abhandlungen und Notizen aus den Jahren 1887-1902*. Org. de Marie Bonaparte, Anna Freud e Ernst Kris; introdução de Ernst Kris. Londres: Imago Publishing Company, 1950.
- Sigmund Freud *Briefe, 1873-1939*, Frankfurt: S. Fischer Verlag, edição revista e ampliada, 1980 (1.ª ed., 1960).
- Sigmund Freud, *Gesammelte Werke*, 18 vols. Org. de Anna Freud, com a colaboração de

- ração de Marie Bonaparte, E. Bibring, W. Hoffer, E. Kris e O. Isakower. Londres: Imago Publishing Company, 1940-1952.
- "Some Elementary Lessons in Psycho-Analysis", *S.E.* XXIII: 281-286; *G.W.* 17: 141-147.
- "Some Points for a Comparative Study of Organic and Hysterical Motor Paralyses", *S.E.* I: 157-172. Ver também "Quelques considérations pour une étude comparative des paralysies motrices organiques et hystériques".
- Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud, The*, 24 vols. Org. de James Strachey; traduzida em colaboração com Anna Freud, com a assistência de Alix Strachey e Alan Tyson. Londres: Hogarth Press e the Institute of Psycho-Analysis, 1953-1974.
- Studien über Hysterie*, com Josef Breuer. Leipzig e Viena: Franz Deuticke, 1895.
- Resenha de Adolf von Strümpell no *Deutsche Zeitschrift für Nervenheilkunde*, vol. 8 (1895-1896), p. 159-161.
- Resenha de Alfred Freiherr von Berger: "Chirurgie der Seele", *Morgenpresse*, 2 de fevereiro de 1896. Parcialmente reproduzida em *Psychoanalytische Bewegung*, 4 (1932), pp. 73-76.
- Resenha de Eugen Bleuler. *Münchener medizinische Wochenschrift*, 43 (1896), 524-525.
- Resenha de Eugen Bleuler sobre Emil Raimann. *Die hysterischen Geistesstörungen*, no *Münchener medizinische Wochenschrift*, 51 (1904), p. 2241. Inclui algumas discussões dos *Studien über Hysterie*.
- Studies on Hysteria*, com Josef Breuer, *S.E.* II. Ver também *Studien über Hysterie*.
- Suggestion and its Therapeutic Effects*. Ver *Die Suggestion und ihre Heilwirkung*. Prefácio, *S.E.* I: 73-87.
- Suggestion und ihre Heilwirkung, Die*, de Hippolyte Bernheim. Traduzido do francês por Freud. Leipzig e Viena: Franz Deuticke, 1888. Originalmente publicado como *De la suggestion et de ses applications à la thérapeutique*, Paris, 1886.
- Three Essays on the Theory of Sexuality*. *S.E.* VII: 125-245. Ver também *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*.
- Traumdeutung, Die*. Leipzig e Viena: Franz Deuticke, 1900.
- Resenha de Carl Metzentin, "Über wissenschaftliche Traumdeutung", *Gegenwart*, 50 (1899), pp. 386-389.
- Resenha de Jacob Julius David, *Die Nation*, 17 (1900), pp. 238-239.
- Resenha de Max Burckhard, "Ein modernes Traumbuch", *Die Zeit*, 22 (1900), n.º 275, p. 911, e n.º 276, pp. 25-27.
- Resenha de C. Oppenheimer, *Umschau*, 4 (1900), pp. 218-219.
- Resenha no *Berliner Tageblatt und Handels-Zeitung*, 6 de junho de 1900, p. 19.
- Resenha de Ludwig Karell, *Beilage zur [Münchener] allgemeinen Zeitung*, 12 de outubro de 1900, pp. 4-5.
- Resenha de Paul J. Möbius, "Über den Traum", *Schmidt's Jahrbücher der in-und ausländischen gesamten Medizin*, 269 (1901), p. 271.
- Resenha de Fr. Mero, "Eine neue Theorie des Traumes", *Der Tag*, 22 de março de 1901, pp. 5-6.

- Resenha de W. Stern, *Zeitschrift für Psychologie und Physiologie der Sinnesorgane*, 26 (1901), pp. 131-133.
- Resenha de O. Lubarsch, "Schlaf und Traum", *Die Woche*, 3 (1901), pp. 2243-46; 4: pp. 17-19.
- Resenha de Liepmann, *Monatsschrift für Psychiatrie und Neurologie*, 10 (1901), pp. 237-239.
- Artigo de F. von der Leyen, "Traum und Märchen", *Der Lotse: Hamburgische Wochenschrift für deutsche Kultur*, 1 (1901), pp. 382-390.
- "Über Deckerinnerungen", *Monatsschrift für Psychiatrie und Neurologie*, 6 (1899), pp. 215-230.
- Über den 'Mechanismus der Zwangsvorstellungen und Phobien', *Wiener klinische Wochenschrift*, 8 (1895), p. 496. Ver também versão ampliada com o título "Obsessions et phobies (leur mécanisme psychique et leur étiologie)."
- "Über den psychischen Mechanismus hysterischer Phänomene: Vorläufige Mitteilung", com Josef Breuer. *Neurologisches Centralblatt*, 12 (1893), pp. 4-10, 43-47.
- Resenha de Paul J. Möbius no *Schmidt's Jahrbücher der in- und ausländischen gesamten Medizin*, 239 (1893), p. 236.
- Über den Traum, in *Grenzfragen des Nerven- und Seelenlebens*, org. de L. Löwenfeld e H. Kurella, pp. 307-344. Wiesbaden: J. F. Bergmann, 1901.
- "Über die Berechtigung, von der Neurasthenie einen bestimmten Symptomen-Komplex als 'Angstneurose' abzutrennen", *Neurologisches Centralblatt*, 14 (1895), pp. 50-66.
- Resenha de Leopold Löwenfeld, "Über die Verknüpfung neurasthenischer und hysterischer Symptome in Anfallsform nebst Bemerkungen über die Freudsche Angstneurose", *Münchener medizinische Wochenschrift*, 42 (1895), pp. 282-285.
- "Zur Kritik der 'Angstneurose'" (resposta de Freud à crítica acima). *Wiener klinische Rundschau*, 9 (1895), pp. 417-419, 435-437, 451.
- "Über die Bernhardts'sche Sensibilitätsstörungen am Oberschenkel", *Neurologisches Centralblatt*, 14 (1895), pp. 491-492.
- "Über ein Symptom, das häufig die Enuresis nocturna der Kinder begleitet", *Neurologisches Centralblatt*, 12 (1893), p. 735-737.
- "Über Hemianopsie im frühesten Kindesalter", *Wiener medizinische Wochenschrift*, 38 (1888), pp. 1081-86, 1116-21.
- Resenha de Höltzke, "Über Hemianopsie im frühesten Kindesalter", *Archiv für Kinderheilkunde*, 12 (1891), pp. 444-445.
- Über Psychoanalyse, Leipzig e Viena: Franz Deuticke, 1910.
- Unbehagen in der Kultur, Das, Viena: Internationaler Psychoanalytischer Verlag, 1930.
- "Vergessen und Verdrängen", 1901 (presumivelmente, nunca foi publicado).
- Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse, Leipzig e Viena: Heller, 1916-1917.
- "Weitere Bemerkungen über die Abwehrneurosepsychosen", *Neurologisches Centralblatt*, 15 (1896), pp. 434-448.

- Witz und seine Beziehung zum Unbewussten, Der, Leipzig e Viena: Franz Deuticke, 1905.
- "Zum psychischen Mechanismus der Vergesslichkeit", *Monatsschrift für Psychiatrie und Neurologie*, 4 (1898), pp. 436-443.
- "Zur Ätiologie der Hysterie", *Wiener klinische Rundschau*, 10 (1896), pp. 379-381, 395-397, 413-415, 432-433 e 450-452.
- Zur Auffassung der Aphasien: Eine kritische Studie*, Leipzig e Viena: Franz Deuticke, 1891.
- "Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung", *Jahrbuch der Psychoanalyse*, 6 (1914), pp. 207-260.
- "Zur Kenntnis der cerebralen Diplegien des Kindesalters (im Anschluss an die Little'sche Krankheit)", *Beiträge zur Kinderheilkunde, Neue Folge* 3 (1893), pp. 1-158. Leipzig e Viena: Franz Deuticke.
- "Zur Psychopathologie des Alltagslebens", *Monatsschrift für Psychiatrie und Neurologie*, 10 (1901), pp. 1-32 e 95-143.
- "Zwangsvorstellungen und Phobien: Ihr psychischer Mechanismus und ihre Ätiologie", traduzido do francês por Arthur Schiff. *Wiener klinische Rundschau*, 9 (1895), pp. 262-263, 276-278.

Obras de Wilhelm Fliess

- Ablauf des Lebens, Der: Grundlegung zur exakten Biologie* (O Curso da Vida: Fundamentos para uma Biologia Exata), Leipzig e Viena: Franz Deuticke, 1906; 2.ª ed., 1923.
- "Aus der Diskussion über die Vorträge des Herrn Siegmund: Heads Felder und weibliche Geschlechtsorgane, und des Herrn Koblanck: Über nasale Reflexneurosen", (Da discussão sobre o artigo de Siegmund: Zonas cefálicas e órgãos sexuais femininos, e o artigo de Koblanck: Sobre as neuroses reflexas nasais). *Zeitschrift für Geburtshilfe und Gynäkologie*, 43 (1900), pp. 601-604.
- Beziehungen zwischen Nase und weiblichen Geschlechtsorganen, Die: In ihrer biologischen Bedeutung dargestellt* (A relação entre o nariz e os órgãos sexuais femininos: apresentada do ponto de vista de sua significação biológica). Leipzig e Viena: Franz Deuticke, 1897.
- Resenha de Ry, no *Wiener klinische Rundschau*, 12 (1898), p. 240.
- Resenha (ensaio) de Arthur Schiff, "Über die Beziehungen zwischen Nase und weiblichen Sexualorganen", *Wiener klinische Wochenschrift*, 14 (1901), pp. 57-65.
- "Entdeckung der dauernden Doppelgeschlechtigkeit, Die: Eine geschichtliche Darstellung" (A descoberta da bissexualidade permanente: apresentação histórica). Manuscrito não publicado, conservado na Biblioteca do Congresso.
- In eigener Sache: Gegen Otto Weininger und Hermann Swoboda* (Em minha própria defesa: contra Otto Weininger e Hermann Swoboda), Berlim: Emil Goldschmidt, 1906.
- "Megenschmerz und Dysmenorrhöe in einem neuen Zusammenhang" (As dores de estômago e a dismenorréia num novo contexto), *Wiener klinische Rundschau*, 9 (1895), pp. 4-6, 20-22, 37-39, 65-67, 115-117, 131-133 e 150-152.

Nasale Fernleiden (Sintomas distantes atribuíveis ao nariz), Leipzig e Viena: Franz Deuticke, 1926. Ver também *Über den ursächlichen Zusammenhang von Nase und Geschlechtsorgan*.

"Nasale Reflexneurose, Die" (A neurose reflexa nasal), *Verhandlungen des Congresses für innere Medizin*, 12. Congress, pp. 384-394. Wiesbaden: J. F. Bergmann, 1893.

Resumo em francês por Fliess: "Les réflexes d'origine nasale" (Travail lu au Congrès de médecine interne de Wiesbaden), *Archives de Laryngologie* (também conhecida por *Archives Internationales d'Otologie et de Rhinologie*), 6 (1893), pp. 266-269.

Neue Beiträge zur Klinik und Therapie der nasalen Reflexneurosen (Novas contribuições para a teoria e terapia das neuroses reflexas nasais), Leipzig e Viena: Franz Deuticke, 1893.

Resenha de Arthur Schnitzler no *Internationale klinische Rundschau*, 7 (1893), p. 1098.

Resenha de O. Chiari no *Wiener klinische Wochenschrift*, 6 (1893), p. 462.

Resenha de Schech no *Münchener medizinische Wochenschrift*, 41 (1894), p. 55.

Über den ursächlichen Zusammenhang von Nase und Geschlechtsorgan: Zugleich ein Beitrag zur Nervenphysiologie (Sobre a ligação causal entre o nariz e o órgão sexual, bem como uma contribuição para a fisiologia do sistema nervoso), Halle a.S.: Carl Marhold, 1902; 2.ª ed., 1910; 3.ª ed., como *Nasale Fernleiden*, Leipzig e Viena: Franz Deuticke, 1926.

"Über Dysmenorrhöe und Wehenschmerz" (Sobre a dismenorréia e as dores do parto), *Zeitschrift für Geburtshilfe und Gynäkologie*, 36 (1897), pp. 356-371.

Vom Leben und Tod: Biologische Vorträge (Sobre a vida e a morte: ensaios biológicos), Jena: Eugen Diederichs, 1909.

Zur Periodenlehre: Gesammelte Aufsätze (Da periodicidade: ensaios completos), Jena: Eugen Diederichs, 1925.

Obras de Outros Autores

Becker, Hortense Koller, "Carl Koller and Cocaine", *Psychoanalytic Quarterly*, 32 (1963), pp. 309-373.

Bernfeld, Siegfried, "Sigmund Freud, M.D., 1882-1885", *International Journal of Psycho-Analysis*, 32 (1951), pp. 1-14.

Bernfeld, Siegfried, "Freud's Studies on Cocaine, 1884-1887", *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 1 (1953), pp. 581-613.

Bernfeld, Siegfried e Suzanne Cassirer Bernfeld, "Freud's First Year in Practice, 1886-1887", *Bulletin of the Menninger Clinic*, 16 (1952), pp. 37-49.

Brückner, Peter, "Sigmund Freuds Privatlektüre", *Psyche*, 15 (1961-62), pp. 881-902; 16 (1962-63), pp. 721-743.

Decker, Hanna, *S. Freud in Germany: Revolution and Reaction in Science, 1893-1907*. Nova York: International Universities Press, 1977.

- Eissler, Kurt R., *Goethe: A Psychoanalytic Study*, 2 vols.: Detroit, Michigan: Wayne State University Press, 1963.
- Eissler, Kurt R., Sigmund Freud und die Wiener (Universität: Über die Pseudo-Wissenschaftlichkeit der jüngsten Wiener Freud-Biographik, Berna e Stuttgart: Hans Huber, 1966.
- Ellenberger, Henri F., *The Discovery of the Unconscious: The History and Evolution of Dynamic Psychiatry*, Nova York: Basic Books, 1970.
- Gicklhorn, Josef e Renée Gicklhorn, *Sigmund Freuds akademische Laufbahn im Lichte der Dokumente*, Viena e Innsbruck: Urban & Schwarzenberg, 1960.
- Grinstein, Alexander, *On Sigmund Freud's Dreams*, Nova York: International Universities Press, ed. rev., 1980; 1.ª ed., 1968.
- Grinstein, Alexander, "Freud and Count Oerindur: A Preliminary Communication", não publicado; apresentado à Associação de Psicanálise de Michigan no dia 23 de setembro de 1980.
- Hirschmüller, Albrecht, *Physiologie und Psychoanalyse im Leben und Werk Josef Breuers*, Bern: Hans Huber, 1978.
- Jones, Ernest, *Sigmund Freud: Life and Work*, 3 vols., Nova York: Basic Books, 1954-1957.
- Krüll, Marianne, *Freud und sein Vater: Die Entstehung der Psychoanalyse und Freuds ungelöste Vaterbindung*, Munique: C. H. Beck, 1979.
- Lebzeltern, G., "Sigmund Freud und Theodor Meynert", *Wiener klinische Wochenschrift*, 85 (1973), pp. 417-422.
- Lesky, Erna, "Die Entwicklung der wissenschaftlichen Kosmetik in Österreich", *Ästhetische Medizin*, 9 (1960), pp. 199-210.
- Lesky, Erna, *Die Wiener medizinische Schule im 19. Jahrhundert*, Graz e Colônia: Hermann Böhlau, 1965; 2.ª ed., 1978.
- Masson, Jeffrey Moussaieff, *The Assault on Truth: Freud's Suppression of the Seduction Theory*, Nova York: Farrar, Straus and Giroux, 1984.
- Meynert, Dora Stockert, *Theodor Meynert und seine Zeit: Zur Geistesgeschichte Österreichs in der 2. Hälfte des 19. Jahrhunderts*, Viena e Leipzig: Österreichischer Bundesverlag, 1930.
- Prevost, Claude M., Janet, *Freud et la psychologie clinique*, Paris: Petite Bibliothèque Payot, 1973.
- Psyhyrembel, Willibald, *Klinisches Wörterbuch mit klinischen Syndromen*, Berlim: Walter de Gruyter, 1964.
- Sablik, K., "Sigmund Freud und die Gesellschaft der Ärzte in Wien", *Wiener klinische Wochenschrift*, 80 (1968), pp. 107-110.
- Sajner, Josef, "Sigmund Freuds Beziehungen zu seinem Geburtsort Freiberg und zu Mähren", *Clio Medica*, 3 (1968), pp. 167-180.
- Schönau, Walter, *Sigmund Freuds Prosa: Literarische Elemente seines Stils*, Stuttgart: J. B. Metzler, 1968.
- Schur, Max, introdução do editor, "Marie Bonaparte, 1882-1962", in *Drives, Affects, Behavior*, org. de Max Schur, 2: 9-20, Nova York: International Universities Press, 1965.
- Schur, Max, "Some Additional 'Day Residues' of the Specimen Dream of Psychoanalysis", in *Psychoanalysis, A General Psychology: Essays in Honor of Heinz Hart-*

- mann, org. de Rudolph M. Löwenstein, Lottie M. Newman, Max Schur e Albert J. Solnit, pp. 45-85, Nova York: International Universities Press, 1966.
- Schur, Max, *Freud: Living and Dying*, Nova York: International Universities Press, 1972.
- Sulloway, Frank J., *Freud, Biologist of the Mind: Beyond the Psychoanalytic Legend*, Nova York: Basic Books, 1979.
- Vogel, Paul, "Eine erste, unbekannt gebliebene Darstellung der Hysterie von Sigmund Freud", *Psyche*, 7 (1952-53), pp. 481-500.
- Zilboorg, Gregory, *A History of Medical Psychology*, Nova York: W. W. Norton, reimpressão, 1967; 1.ª ed., 1941.
-

Índice

- Ablauf des Lebens*, 200n, 202n, 292n, 343
- Aborto, 71n
- Ab-reação, 31, 37n, 252, 412n
- Abstinência sexual, 54, 79, 81, 296
- "Abwehr-Neuropsychosen", 64n, 65n
- Ação retardada, 281, 517
- Alfasia, 28, 74, 208
- A Flauta Mágica*, 258
- Agorafobia, 218-219, 249
- Ahnfrau*, 273, 274n
- Albrecht, Arquiduque e Marechal de Campo, 115, 116n
- Além do Princípio do Prazer*, 148n
- "Alguns 'Restos Diurnos' Adicionais", 12-13
- Alienist and Neurologist*, 339
- Allgemeine Biologie*, 332
- Alo-erotismo, 391
- Alt, neto de, 411
- Alunos de Freud, 34-35, 226, 227n, 278, 303, 348, 415, 462; os Breuers como, 61, 147n; Gattel como, 245, 246n, 254, 256, 266, 276, 348, 463
- Amizade entre homens, 448
- Amnésia, 302
- Anatomia, 70, 71; cerebral, 16, 17, 24
- Anatomia cerebral, artigo de Freud sobre, 16, 17, 24
- Andreas Hofer*, 324
- Anestesias, 37, 61, 224, 275, 281; com melancolia, 43, 80, 98, 100-103, 342; e neurose de angústia, 78, 79-81
- Anfänge*, 11, 12n, 332
- Angústia de viagens de Freud, 263, 268, 285, 359
- Anorexia nervosa, 99
- Anseio sexual, 157-158, 275, 381; melancolia proveniente da, 80, 99; de Eckstein, 184, 187
- Anseio, ver Anseio sexual
- Anteu, 404, 405n
- Archives de Neurologie*, 22n, 23n, 52n, 153
- Argúcia dos que sonham, 372
- Aristóteles, 89, 95, 205, 438n
- Arquivos de Bernfeld, 3, 33n
- Arquivos de Freud, 5
- Arquivos de Jones, 6n
- Arquivos de Marie Bonaparte, 6n
- Artigo de Fliess no Bresgen, 442, 443, 452
- Associação livre, 21n
- Auden, W. H., 22n
- Áustria, situação da, 396
- Auto-análise de Freud, 2, 202n, 261, 269-286 passim, 292, 300, 338
- Autogratificação, 346
- Autopunição, 251, 252, 273, 346
- Auto-recriminação, 242, 391; e paranóia, 110, 168, 169; na neurose obsessiva, 145, 155, 163, 165-66, 167
- Aventureiro, Freud como, 399
- Baldwin, James Mark, 278
- Banco Rothschild, 11
- Beard, John, 429
- Behring, Dr., 232
- Beilage zur (Müchener) allgemeinen Zeitung*, 428n
- Bellevue, sanatório de, 131n
- Bellevue, vila de, 131n, 418, 419
- Bergel, Kurt, 408n
- Berger, Alfred Feiherr, von, 171, 172n
- Berliner Klinische Wochenschrift*, 55n ..
- Berliner Tageblatt und Handels-Zeitung*, 420
- Bernays, Anna Freud, 36n, 407, 411, 418, 424
- Bernays, Eli, 35n, 407

- Bernays, Emmeline, 200, 201, 400, 401
 Bernays, Isaac, 386
 Bernays, Judith, 36n
 Bernays, Lucia, 36n
 Bernays, Martha, *ver* Freud, Martha Bernays
 Bernays, Minna, 73, 140, 153, 284, 409, 429; emprego em Frankfurt, 178; e as cartas de Hehn, 359; e o livro dos sonhos, 384; em Hamburgo com a mãe, 400, 404; viagem com Freud, 433-424; saúde de, 423-424, 429-448 *passim*
 Bernays, Siegfried, 3, 20n, 71n
 Bernfeld, Suzanne Cassirer, 20n
 Bernhardt, Dr., 128, 129n
 Bernheim, Hippolyte, 17, 20n, 22, 24, 25n
Beziehungen zwischen Nase und Weiblichen Geschlechtsorganen, 129n, 143, 177n, 200n, 202n, 433-434, 435-436, 437n
 Biblioteca do Congresso: Arquivos de Bernfeld, 3, 33n; Arquivos de Marie Bonaparte, 6n; cartas de Freud, 10, 11, 387n; artigo de Fliess, 460
 Biblioteca Nacional e Universitária Judaica, Jerusalém, 5n, 12, 30n, 462n
 Biblioteca Sigmund Freud Haus, Viena, 227n
 Bilateralidade, *ver* Sinistrismo,
 Billroth, Christian, 107n
 Billroth, Theodor, 66
 Binswanger, Robert, 219, 384
 Bismarck, Otto von, 202n, 323
 Bissexualidade, 3, 213, 293, 304, 365, 435, 448-449; e discordância entre Freud e Fliess, 4, 451, 461, 464, 465, 467-468, 469.
Ver também Homossexualismo
 Bleuler, Eugen, 462-463
 Bloch, Dr., 330
 Bonaparte, Marie, 3, 4, 6-11, 197n, 317n, 449n
 Bondy, Marie, 219n, 334, 382, 464
 Bondy, Pauline (sogra de Fliess), 62-63, 400, 405, 426, 430, 445
 Bondy, Philipp (sogro de Fliess), 31, 52, 53, 61, 86
 Brandes, Georg, 407
 Bresgen, Maximilian, 442
 Breslau, 286
 Breuer, Bertha, 428n
 "Breurização", 403
 Breuer, Josef, 37n, 120-121, 171, 201, 232n, 344, 393; apresentação de Freud a Fliess, I; e dedicatória de Freud no livro de Charcot, 19n; escritos sobre histeria com Freud, 31, 32, 36, 40, 51, 63, 66, 74, 83, 97n, 115, 125, 176, 412n; no seminário com Freud, 34; afastamento de Freud, 56, 86, 182, 192, 234, 235n; e a família Fliess, 57, 134, 135n; 173, 176, 197, 198, 427-428, 448; dívida financeira de Freud com, 59, 60n, 295, 297; nas aulas de Freud, 67, 69, 84, 85; pacientes de Freud encaminhados por, 109, 250, 414, 415; e teoria do nariz criada por Fliess, 114, 115, 130-131; e a etiologia sexual das neuroses, 131, 152, 174, 176; sobre os escritos de Freud, 230, 300, 305, 365, 366; no *Meistersinger*, 287; em Berchtesgadenm, 372, 374; filhos, 378, 382, 405n; e o sanatório de Binswanger, 384n; e o incidente do esquecimento de Freud, 416, e a palestra na Sociedade Filosófica, 438; discordância entre Freud e Fliess sobre, 448
Ver também Estudos sobre a histeria
 Breuer, Leopold Robert, 145, 146n, 214, 444, 445
 Breuer, Margareth (Gretel), 378, 382, 405n
 Brückner, Peter, 150n
 Bruxas, 97n, 226, 226n, 227
 Bunge, Gustav, 244, 246n
 Burckhart, Jacob, 343, 345, 395, 396n
 Burckhard, Max, 395, 396n, 408
 Busch, Wilhelm, 300n
 Cécilie M., 20n, 26n, 32n, 62n, 232n
 Camuset, L., 22-23n
 Cargos de professor adjunto, 424; de Konigstein, 64n, 379, 425; de Freud, 229-231, 232-233n, 244, 254, 294, 300, 379, 456, 457-458; Alexander Freud e, 368, 376, 384, 400
 Caso Dora, 116n, 412n, 48n, 439n, publicação, 28n, 29n, 458-459n
 Caso Dreyfus, 372
 Caso Katharina, 55n
 Casos dos pés, 15, 34, 35
 Castração, 426
 Cenas primárias, 239, 242n
 Charcot, Jean Martin, I, 2, 18, 31, 35; e a teoria da histeria, 19-20n, 22n, 23n, 52n, 97n, 219; e Bernheim, 20n, 24, 25n; e Cécilie M., 20n, 26n, 32n; obituário de, 56, 57; sucessor de, 74
 Chevalier (predecessor de Krafft-Ebing), 465, 466
 Chiari, Ottokar von, 51, 52n, 436n

- Chrobak, Rudolf, 240; e os pacientes de Freud, 18, 19n, 158; e o experimento de Fliess sobre dores do parto, 113n, 114, 120, 123, 130; e artigo de Schiff, 436n
- Circuncisão feminina, 228
- Clownismo, 219
- Cocaína: usada por Freud, 49, 107, 127, 128, 133, 202, 308n; experimentos de Fliess, 113-114n, 298, 311n, 434
- Coito interrompido, 57-58, 93; neurastenia masculina proveniente do, 41, 43; neurose de angústia feminina vinda do, 61, 78, 79, 81
- Coitus reservatus, 18, 37, 81. *Ver também* Condom, uso do
- Colégio de Medicina de Viena, 146, 152
- Compulsões, 193, 210, 214, 217, 276, 281
- Concepção da filha e infecção da mãe, 269. *Ver também* Contracepção
- Condom, uso do, 37, 42, 91, 92, 93, 94
- Conflagração, 74, 75
- Conflito, nas neuroses, 74, 75, 155, 156n, 163
- Congresso Internacional de Psicologia, III, 171n
- Consciência, 147, 186, 190-191, 208-209 270n, 451-452; na neurose obsessiva, 165; e crença, 252; Lipps sobre, 326
- Conscientização, 165, 166
- Constância, teoria da, 77, 153, 156
- Constans, L., 305n
- Contracepção, 41, 42, 44, 179n, 242. *Ver também* Coito interrompido; *Coitus reservatus*
- Conversão, 74, 82, 83, 189
- Convulsões, 223, 224-225, 227
- Coscienza nel Sonno*, 357
- "Cotidiano", *ver* "Psicologia do Cotidiano"
- Crença, 168, 252
- Creta, escavação de, 446
- Cristo, 296
- Curabilidade das neuroses, 146, 167, 181, 288, 430
- Curtius, Ernst, 431n
- Czar russo, 326-327
- Dandolo, Giovanni, 357n
- David, Jacob Julius, 367, 371, 384, 399
- Decker, Hanna, 171n
- Defesa, 131, 135, 137, 163-70, 179, 209, 243; paranóide, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 160, 163, 168-169, 189-190, 229; na formação de sintomas, 164-65, 166, 168, 169, 252, 256; com excedente de sexualidade, 189, 190; tiques e, 193; perversão e, 211; preferência feminina pela, 213; *Richterin* como, 318. *Ver também* Recalcamento
- Deficiência cardíaca de Freud, 69-70, 134, 192, 200-201; nariz e, 4, 68, 117, 126, 127, 133n, 205; fumo e, 60, 67, 68, 69, 84, 85, 86, 87, 88, 128; e episódio de Eckstein, 125; e enxaquecas, 148, 153, 317, 376, 387; auto análise e, 277; dores nas costas substituindo a, 318
- Degeneração, 74-75, 92, 223, 275
- Delírios, 108-109, 110-112, 113, 166, 168, 229, 251
- "Delírios de morte" de Freud, 68, 69, 85, 182, 443
- Delorme, Marion, 74, 76n
- Depressão periódica branda, 37, 38, 43, 94, 227, 240-241; de Freud, 67, 69, 352, 387, 390, 404-405. *Ver também* Melancolia
- Dernburg (amigo de Fliess), 352
- Desejo de morte, 251
- Deuticke, Franz, 206; e o livro de Fliess, 174, 180, 203, 433-434; e as obras de Freud, 246n, 354, 363
- Deutsche Rundschau*, 329, 406, 408n, 409, 440
- Deutsche Zeitschrift für NervenheilKunde*, 171
- Difteria, dos filhos de Freud, 232, 236-237, 385
- Diplegias, livros sobre, 74
- Dismenorréia, Fliess sobre, 70, 71n, 96, 97n, 298, 434
- Disposição, *ver* Predisposição
- Desconfiança, na paranóia, 168
- Doce arrebatamento, 252
- Doença de Basedow, 181, 432
- Doença de Erb-Goldflan, 199
- Doença de Little, 178
- Don Carlos*, 132, 133n
- Don Giovanni, 247n, 447
- Dores de cabeça, 132, 340; de Fliess, 56, 66, 68, 86, 87-88, 91, 95, 142, 179, 322, 394; de Freud, 131, 318, 376. *Ver também* Enxaquecas
- Dores de parto, teoria de Fliess, 113-114n, 123, 130, 311n
- "Dores estomacais". estudos de Fliess sobre, 70, 71n, 96, 97, 298, 434
- Dores nas costas de Freud, 318
- Dreckologia (RD), 291-302 *passim*
- Eckstein, Emma, 121, 127, 131, 225-226; Gersuny e, 108n, 114-115, 117, 119, 122, 126; operações no nariz, 108n, 116n, 117-119, 122-123, 125, 126, 229n;

- hemorragias de, 114, 117-118, 122, 125, 126, 182, 184, 187, 192-193, 229n; atitude perante Fliess e Freud, 120, 123; recaídas, 121-122, 124-125, 129; paciente dela e teoria de sedução, 287
- Egito antigo, 367
- Eleição (1985), 141
- Ellenberg, Henri F., 20n, 171n, 396n
- Ellis, Havelock, 339, 429
- Enigma da Esfinge*, 445-446
- "Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade", 465, 468
- "Entdeckung der daudernder Doppelgeschligkeit", 459
- "Enurese", 61
- Enxaquecas de Freud, 49, 147, 149, 153, 163, 173, 182, 296, 317, 358, 383, 387, 401, 403, 417; Moebius sobre, 96; teorias de Freud, 115, 143-145, 149, 151, 161-162, 341
- Epilepsia, 223, 225, 227
- Erb, Wilhelm, 303
- "Esquecimento de nomes", 325, 326-327
- "Esquecimento e Recalcamento", 452
- "Esquema Normal", 106
- Estado nasal de Freud, 61, 63, 130, 133, 182, 286; e deficiência cardíaca, 4, 67-68, 117, 126, 127, 133n, 205; tratamento com cocaína, 49, 107, 127-128, 133, 202, 308n
- "Estudo Autobiográfico", 20n
- Estudos sobre a Histeria*, 37n, 175, 339, 343, 412; Charcot e, 20n, 21n; casos, 20n, 26n, 32n, 55n, 62n, 232n; resenhas sobre, 171n, 462
- Etiologia das neuroses, *ver* Etiologia sexual das neuroses
- Etiologia sexual das neuroses, 37-49 *passim*, 74-82 *passim*, 90-103 *passim*, 185-191 *passim*, 232n; no coito interrompido, 41, 43, 57-58, 61, 78, 79, 81, 93; Löwenfeld e, 124n, 344n, 414n; Breuer e, 131, 152, 174, 176; da enxaqueca, 144, 161, 341n. *Ver também* Experiências infantis; Fantasias; Recalcamento
- Euforia, 299, 460
- Excitação: endógena, 80, 82, 140; exógena, 80
- Excedente de sexualidade, 188-189, 190
- Excremento, 228, 231, 289
- Exner, Sigmund, 17n, 71n, 457
- Experiências infantis, 176, 271, 347, 391; de sedução, 43, 150, 213-232 *passim*, 238-239, 241n, 243n, 246, 253, 265, 280-282, 287, 288n, 303n, 330, 412n; apenas testemunhadas, 49, 235, 289-290; de prazer ou desprazer, 142-156 *passim*, 163-170 *passim*, 163-170 *passim*, 209-214; sexuais (não especificadas), 163, 186n, 188-190, 200n, 303, 330; de Eckstein, 186, 192-193, 229n; periodicidade e fases do desenvolvimento, 188-190, 210-213, 229, 230, 235-236, 280-282, 303, 391; representações de palavra, 190, 288-289; apenas fantasiadas, 226n, 265-266, 333n, 339, 341-343, 414n; fantasias fabricadas, 235-249 *passim*, 303, 318-19; de Freud, 269-273 *passim*, 286, 339; saudade surgida depois das, 275-276; realização de desejo, 295, 303, 319, 354. *Ver também* "Paralisias Cerebrais Infantis"; Lembranças
- Experimentos de Fliess com raios-X, 174
- Família Bondy, 32n. *Ver também* Fliess, Ida Bondy; Rie; Melanie Bondy
- Família Breuer, 215, 372, 374, 405n, 428n
- Família Konigstein, 357, 446
- Fantasias, 251, 252-253, 276, 312, 341; *versus* acontecimentos reais, 225n, 255, 265-266, 217, 321, 333n, 339-349 *passim*, 384, 414n; provenientes de coisas ouvidas e vivenciadas, 235-252 *passim*, 303, 318-319, de Freud, 294, 339
- Fechner (predecessor de Freud), 230
- Fécondité*, 411, 412n
- Ferenczi, Sándor, 3n, 4, 459n
- Ferstel, Marie, e marido, 447, 457
- Fichtner, Gerhard, 433n
- Ficção, 252
- Fleishl von Marxon, Ernst, 20n, 60n, 70, 71-72
- Fleischl von Marxon, Otto, 71n
- Fleischmann, Carl, 154, 284
- Fliess, Conrad, 395, 406
- Fliess, Elenore, 16n, 65n, 219n
- Fliess, Ida Bondy, 2, 238, 259n, 360, 459n; ciúme, 3, 196-197n; coleção de cartas, 5, 6, 9; irmão de, 12n, 55n, 219n; casamento de, 30, 31, 32; Martha Freud e, 32, 50, 134; visitas de Freud, 62-63, 233, 285, 427-428; e Breuer, 197-198n, 427-428, 448; sobre S. João Batista, 296
- Fliess, Pauline, 30n, 328, 331, 385, 386, 389, 406
- Fliess, Robert Wilhelm, 3, 177n, 316, 322, 406, 427; coleção particular de cartas de, 12, 65n, 383n; nascimento e primeira infância, 159, 170, 178, 200n, 260; sonho de, 366, 367n, 369
- Fobias, 218-219, 248, 249, 296, 393

- Foceus, 138, 140n
 Formações de compromissos, 190, 218, 240, 381
 Formação de sintomas, 164-170 passim, 190-191, 216n, 248-256 passim, 339, 346-347
 Formação médica de Freud, 23
 "Fragmento da Análise de um Caso de Histeria", 28n, 116n, 428n, 458n. *Ver também* Caso Dora.
 França, situação da, 300, 372
 Frankl-Hochwart, L., 229n, 230
 Francisco Ferdinando, Arquiduque, 320-321
 Freud, Adolfe (Dolfi), 136, 173, 196, 418
 Freud, Alexander, 143, 173, 350, 351, 360; viagens com, 136, 137-138, 309-310, 404, 417, 424; e a família Fliess, 137-138, 141, 143; e o cargo de professor adjunto, 368, 376, 384, 400
 Freud, Amalie (mãe), 212-273, 284, 307, 312
 Freud, Anna (filha), 4, 88n, 155, 182, 267n; e coleção de cartas, 2n, 6n, 9, 10n, 11-12; nascimento, 154, 176, 177; personalidade na infância, 174, 301, 314, 342, 359; primeiro dente, 185, 186, 196, 197; sobre palestra de Freud na sociedade de psiquiatria, 185-186n; sobre Zajic, 271n; sonhos, 277, 366; comentários infantis, 301, 323, 358; doenças de, 306, 348, 388, 438, 440, 445; e o sonho "perdido", 317n
 Freud, Anna (irmã), *ver* Bernays, Anna Freud
 Freud, Emanuel, 191, 416, 418
 Freud, Ernst, 178, 368, 378; doenças de, 174, 354, 355, 381, 384, 386, 397, 418, 419, 438, 440, 456
 Freud, Jacob (pai), 63, 197, 269, 323; morte, 194, 195, 196, 200, 201, 345; funeral de, 212, 203; perversão de, 231-232, 265
 Freud, John, 191n
 Freud, Maria (Mizi), 306, 312
 Freud, Martha Bernays, I, 178, 324, 359, 408, 446; atitude diante do relacionamento Freud-Fliess, 3, 197n; sonho de Freud sobre, 10-11, 317n; e de Ida Fliess, 32, 50, 134; viagens com, 53-54, 95, 200, 258, 422-423; sobre Fleischl, 71n; saúde de, 86, 171, 176, 177, 331-332, 343; notas de periodicidade sobre, 176-177, 182, 186, 284, 343; aniversário de, 356, 363
 Freud, Martin, 10, 318, 348, 359; doenças de, 173, 174, 178, 198, 236-237, 241, 246-247, 396, 397, 398, 419, 429; poemas de, 237, 245, 247, 279, 306-307, 314, 324, 330-331, 338, 358, 365, 378, 432, 446; e escola, 378, 379, 388, 446
 Freud, Mathilde, 18, 21, 197, 284, 365; doenças de, 171, 173, 233, 234, 235, 306, 316, 343, 385, 393, 394, 396, 409, 440; e a escola, 185, 393, 394, 396, 409, 440; e a escola, 185, 332; assuntos de interesse de, 245, 324; sonho de Freud sobre, 249; menstruação, 358
 Freud, Moriz, 312n
 Freud, Oliver, 28, 245, 279, 393, 446; comentários divertidos de, 137, 185, 196, 237; interesses intelectuais de, 196, 359, 365; doenças de, 379, 396, 397, 438
 Freud, Pauline (sobrinha), 190n
 Freud, Philipp, 272-273
 Freud, Rosa, *ver* Graf, Rosa Freud
 Freud, Sam, 190n, 417
 Freud, Sophie, 188, 197, 306, 385-386, 438, 440
 Freud: *Vida e Agonia*, 13
 Freud, C. S., 153
 Frey, Adolf, 398
 Friedjung, Heinrich, 371
 Fumo, de Freud, 61, 63, 88, 132, 134, 182; abstinência do, 59-60, 67, 68, 69, 70n, 84, 86-87, 146, 151, 173, 206, 405
 Gartenlaube, 291, 292n, 294, 298, 300, 301
 Gärtner, Gustav, 308, 353, 468
 Gattel, Felix, 328, 329, 334, 339, 437; como aluno de Freud, 245, 246n, 254, 256-257, 267, 276-277, 348, 463; escritos de, 246n, 298, 308, 315; Swoboda comparado com, 462, 463, 466
 Gegenwart, 393, 394n
 Gersuny, 108, 120, 393; e Eckstein, 108n, 114-115, 117-119, 122, 126
 Geschlechtstrieb und Schamgefühl, 429
 Gicklhorn, Josef, 227n, 233n
 Gicklhorn, Renée, 227n, 233n
 Goethe, J. W. von, 22n, 33n, 151n, 270, 362, 423; citações de, 55n, 207n, 222n, 276n, 286n, 290n, 292n, 299n, 300n, 331n, 380n, 428n; *Werther*, 251
 Gomperz, Benjamin, 436n
 Gomperz, Elise, 31, 387n, 451
 Gomperz, Heinrich, 388, 389n, 390, 391n

- Gomperz, Rudolf, 31
 Governo alemão, 372
 Gripe, 114, 119; de Freud, 48, 67, 199, 332
 Histeria, 267, 284-285, 305, 325, 378; artigos de Freud, 17, 18n, 22-23, 28n, 36-37n, 49, 51, 52, 114, 115, 171n, 191, 428, 433-443 passim, 458; Charcot sobre, 20n, 22n, 23n, 52n, 97n, 219; hipnose e, 20n, 21n, 25n, 26n; Meynert e, 20n, 26n, 33n; colaborações de Breuer sobre, 31, 32, 36, 40, 51, 63, 66, 74, 83, 97n, 114, 125, 176, 412n; e funcionamento sexual, 38, 42, 58, 74, 169, 184, 275-276, 278, 281, 289, 342, 391; casos, 47-48, 55n, 57-58, 62n, 74, 116n, 149, 300, 346-347; Janet sobre, 51, 52n, 97n; e neurose de angústia, 78, 82, 83n; Moebius e, 96-97n; comparada com a paranóia, 112, 113, 163, 189, 210, 229, 240, 244, 249; cenas sexuais infantis como causa, 142-156 passim, 163, 169, 189, 191, 210, 212-213, 227-249 passim, 275; aulas de Freud, 145, 148, 149, 184, 185, 190, 308; curabilidade da, 146, 181, 288; lemas para os escritos, 206; "mania de cama", 214, 397; fantasias, 235-252 passim, 312, 341, 346; como punição, 251, 274, 346; de Freud, 262, 270, 326; de Hamlet, 273-274; e *Richterin*, 319; Ellis sobre, 339; sonhos e, 330, 346, 434; melancolia, 342; artigo de Warda, 411-412; bissexualidade como, 435. *Ver também* Cécilie M.; caso Dora; *Estudos sobre a Histeria*
 Histeria do pânico, 162
História do Movimento Psicanalítico, 184n
 Homens: neurastenia, 38, 40-41, 42, 43, 82, 217; angústia, 79, 81, 82, 83n, 381; histeria, 169, 247; menopausa, 175; menstruação, 200n, 271; bissexualidade, 213; recalçamento, 247, 281; e libido, 281, 380; amizade entre, 448
Hystérie et idées fixes, 303
 Idéia limitrofe, 170
 Idéias obsessivas e neuroses, 65-66, 74, 169, 248, 277, 295; casos, 66, 156-159; e paranóia, 107, 111, 112-113, 189; curabilidade de, 146, 167, 181; explicação pelo prazer-dor, 142, 145, 146, 149, 165-166, 167-168; auto recriminações, 144, 145, 163, 165-66, 167, 168; idade das lembranças recalcadas nas, 189, 210; impulsos do passado, 240, 251, 253; representação de palavra, 288-289; alo-eróticas, 391
Ilios, 354, 355
 Impulsos, 240, 248, 250, 253, 256
 Incesto, 253, 305n, 318-319. *Ver também* Sedução na infância
 Inconsciente, 209, 252-253, 303, 320, 326, 451, 452; periodicidade e, 218; recalçamento, 249, 253; irrealidade, 265-266; na auto-análise de Freud, 286; humor no, 372
In eigener Sache, 462n
 Infecção da mãe e concepção da filha, 269
Internationale Klinische Rundschau, 37n
 "Inhaltsangaben der Wissenschaft lichen Arbeiten des Privadozenten Dr. Sigm. Freud 1877-1897", 247n
 Interpretação, delírios de, 229
Interpretação dos Sonhos, 33n, 221n, 243, 266, 408, 434; sonho omitido da, 10, 316, 317n, 318, 320n, 364; e a morte do pai de Freud, 201n, 203n; redação de, 299-308 passim, 313-317 passim; 339, 362-370 passim; literatura pesquisada para, 300, 336, 354, 355, 356, 357, 366; publicação, 360-380 passim; reações a, 367n, 384-397 passim, 403-404, 406, 409, 415, 420, 423, 428, 441, 455-456n; exemplar de Fliess, 381, 382
 Isolamento de Freud, 121, 181-185 passim, 206, 333, 413, 439
 Itália, 262, 264, 309-310. *Ver também* Roma
 Itália (Helm), 200
 Jacobsen, Jens Peter, 146, 147n
 Jacobsohn, Pauline Fliess, 30n. *Ver também* Fliess, Pauline
 James, William, 401
 Janet, Pierre, 51, 52n, 97n, 303
 Jerusalém, W., 130
 João Batista, S., 296, 297
 Jonas, E., 400-401, 403
 Jones, Ernest, 6n, 11, 13, 17n, 19n, 22n; e o relacionamento Freud-Fliess, 3n; sobre os parentes de Freud, 35-36n; e o relacionamento Freud-Fleischl, 71n; e o relacionamento Freud-Breuer, 235n; e a publicação do caso Dora, 459n
jürg fenatsch, 322
 Kann, Robert A., 389n
 Karell, Ludwig, 428n
 Karplus, P., 245n

- Karr, Alphonse, 236n, 441n
 Kassowitz, Max, 233, 234n, 333, 334, 354, 355
 Katan, Anny, 55n
 Kaufmann, Pepi, 205
 Kaufmann, Rudi, 115
 Keiler, Allan, 133n
 Keller, G., 175
 Kierman (predecessor de Kraft-Ebing), 465, 466
 Kleinpaul, Rudolf, 287-288n
 Keller, Karl, 51, 52n
 Königstein, Hans, 415
 Königstein, Leopold, 63, 64n, 379, 425, 446
 Konried, Dr., 443
 Krafft-Ebing, Richard von, 121, 383, 426, 465, 466, 468; e histeria, 185, 232n; perversões descritas por, 220; e cargo de professor adjunto, 230, 232n, 236, 456
 Krause, Ernst Ludwig, 394n
 Kremzir, Margit, 412, 413n
 Kris, Ernst, 11, 12, 16n, 19n, 46n, 55n, 148n; sobre os escritos de Freud, 18n, 22n, 39n, 59n, 340n; sobre Schweninger, 301n; sobre resenha do livro dos sonhos por Burckhard, 396n
 Kris, Marianne Rie, 12n, 417n
 Kundt, August, 85, 86n
 Lacuna, na psique, 170
 Laistner, Ludwig, 445-446
Lancet, 257, 258n
 Lang, Eduard, 114, 115n
 Laufer, Dr., 59, 236, 237, 241
Lebendigen und die Toten, 287-288n
 Lebzelter, G., 20n
 Legação Dinamarquesa, II
 Leitura do pensamento, 441, 448, 451
 Lemas para os textos de Freud, 206-207, 221, 222n, 362, 428, 448
 Lembranças, 163, 188-189, 208-210, 226n, 229, 251, 256; histeria e, 145, 189, 210, 240, 241, 248; neurose obsessiva e, 145, 165-166, 189, 210, 288-289; paranóia e, 168-169, 189-190, 210; sonhos de Freud e, 270n, 271; ação retardada e, 280-282. *Ver também* Recalcamento
 "Lembranças Encobridoras", 29n, 340n, 352, 334, 374
 Letes, 264, 287, 336, 351
 Levy, Sebastian, 391n
 Leyen, F. von der, 445-446, 447n
 Libido, 280-281, 380; psíquica, 80, 81; melancolia e, 99; histeria e, 243, 284; e formação de sintomas, 252, 253
 Lichteim, Dr., 28
 Liébault, Ambroise, 25n
 Limbeck, R., 229n
L'intelligence, 173
 Lipps, Theodor, 325-326, 330
 Liszt, Franz, 133n
 Livro do Sonho, *ver* *Interpretação dos Sonhos*
 Lotse, 445
 Löwenfeld, Leopold, 141, 142, 175, 413, 462n; e artigo sobre neurose de angústia, 124, 128-129; e etiologia das neuroses, 124n, 344n, 414n; preocupação de Fless com, 188, 192, 202n; ensaio sobre sonhos para, 399, 409, 416
 Löwy, Emanuel, 278-279
 Löwy, Seb., 390
 Lubarsch, O., 455-456n
 Lueger, Karl, 151, 310, 352, 353n
 Lustgarten (amigo de Freud), 421, 424
 Luitó, 99, 163, 251
 Mágica, 441
 Magnetismo, 25n
 Malleus maleficarum, 228
 Mania, 217, 218
 Mann (crítico), 268n
 Marcuse, Dr., 415
 Maresfield Gardens, 9, 19n, 305n, 389n; cartas de Freud em, 2n, 10, 12, 60n; cartas de Fliess em, 6n, 12, 464n
 Marie, Pierre, 16
 Marshall, Henry Rutgers, 379, 380n
 Masturbação, 176, 346; neurastenia e, 40-41, 50, 82, 94, 98, 99, 288, 452n; anormalidades nasais causadas pela, 48n; e melancolia, 94; e histeria, 276, 281, 288; e homossexualismo, 381
 Maupassant, Guy de, 218, 219n
 Mayer, Sigmund, 424
 "Mecanismo Psíquico do Esquecimento", 332n, 338
Meistersinger, 287, 288n
 Melancolia, 74, 98-106, 168, 217, 218; anestesia e, 43, 80, 98, 100-103, 342; casos, 92-93, 94, 341-342; recalcamento do impulso e, 250, 252
 Mendel, Emanuel, 65, 128, 170
 Menopausa masculina, 174
 Menstruação: dismenorréia na, 70, 71n, 96, 97n, 298, 433; periodicidade e, 175, 176-177, 186, 200n, 217, 343, 358n, 429; masculina, 200n, 271
 Mero, Fr., 441n
 Metapsicologia, 173, 181, 217, 267, 302-303
 Metnitz, Josef Ritter O., 233n

- Metzentin, Carl, 394n
 Meyer, Conrad Ferdinand, 336-337, 398;
 escritos de, 304, 305n, 317, 318-319,
 321, 322n, 337, 347n
 Meynert, Dora, 20n
 Meynert, Theodor, 20n, 24, 26n, 28,
 32-33n, 97n, 294
*Mimik auf Grund voluntarischer
 Psychologie*, 420
 Mitos, endopsíquicos, 287
 Moebius, Paul J., 96-97n, 111, 246n, 469
 Moll (autor), 280
*Monatschrift für Psychiatrie und
 Neurologie*, 443, 446; publicação do
 caso Dora, 28n, 29n, 458-459n;
 resenha do trabalho sobre paralisias
 infantis, 268n; artigo de Warda,
 411-412; resenha do livro dos sonhos,
 455
 Moralidade, 164, 167, 250, 280, 281
 Moore, Thomas, 47n
Morganpresse, 171, 172n
 Mosbacher, Eric, 349n
 Mortificação na paranóia, 163
 Mosen, Julius, 325
 Mozart, Wolfgang, 159n, 247n, 258
 Mulheres: anestesia sexual, 37, 38, 79,
 98, 101-103, 281, 342; neurastenia, 38,
 41-42; histeria, 42, 169, 247; angústia,
 61, 78, 79, 81, 217; sexualidade, 152n;
 Bissexualidade, 213n; circuncisão,
 228; repressão, 247, 281, 282
 Multatuli (Eduard Dowes Dekker), 150n
Müchener allgemeine Zeitung, 428
Müchener medizinische Wochenschrift,
 124, 218, 462
Nation, 367n, 384, 399
 Neuroses de angústia, 37, 74-83 passim,
 164, 282, 381, 394; e neurastenia, 15,
 42-43, 44, 79, 82, 83, 181, 213;
 depressão como, 38, 44; decorrente do
 pavor premonitório da sexualidade,
 49; casos, 49, 58, 59n, 61, 90-91, 92-93;
 e melancolia, 93, 98, 99-100, 102, 253;
 artigo de Freud, 124, 127-128, 175;
 auto-recriminação nas, 166; excedente
 de sexualidade, 189; periodicidade e,
 217, 218; de Freud, 220, 263, 269,
 286, 359; formação de sintomas, 248,
 253; e tuberculose, 344
 Neurastenia, 37, 38, 39-42, 45, 232n;
 casos, 15, 17, 18, 75, 94; e angústia,
 15, 42-43, 44, 79, 82, 83, 181, 213;
 masturbação e, 40-41, 50, 82, 94, 98,
 99, 288, 452n; e melancolia, 94, 98, 99,
 105; periodicidade e, 99, 127; manual
 de Biswanger, 219
Neurologische Beiträge, 96-97n
Neurologisches Centralblatt, 36, 65n,
 171n, 185n
 Neurônios, 140-141, 159-162, 184, 186,
 208-209
 Neuroses, 74-82 passim, 130, 147, 148,
 153, 155, 156, 176, 179, 244, 251-253,
 437; ocupacionais, 43; Moebius sobre,
 96-97n, 111; periodicidade nas, 99,
 188-189, 210-221 passim, 227, 229, 303,
 460; escolha das, 164, 229, 278, 282,
 391; perversões como negativo das,
 213, 214, 216n, 228; de Freud, 220,
 255, 256, 262-273 passim, 286, 293,
 326, 359; em escalada para a psicose,
 223; realização de desejos nas, 252,
 303, 319, 341, 346; dúvidas de Freud
 sobre, 265-266, 267, 268, 275; ação
 retardada e, 280-281; homossexualismo
 nas, 465. *Ver também* Neuroses de
 angústia; Neuroses reflexas nasais;
 Idéias obsessivas e neuroses; Etiologia
 sexual das neuroses
 Neuroses reflexas nasais, 45, 46, 49, 51,
 55-56n, 64. *Ver também* Teorias e
 experimentos sobre o nariz
 Nevralgias, 144-145
 Newman, Lottie, 152n, 321n
 Niderland, William G., 305n
 Nietzsche, Friedrich, 399
Nils Lyhne, 147n
 Noak, Dr., 356-357
 Nothnagel, Hermann, 139; e artigos
 sobre paralisias infantis, 129, 149, 196,
 205, 221, 230; e cargo de professor
 adjunto de Freud, 457
*Os Chistes e suas Relações com o
 Inconsciente*, 150n, 463, 464n, 469
Oedipus Rex, 273, 278, 305
 Oerindur, Conde, 407, 408n
O Juízo Final, 327-328
 Olfato, sentido do, 223, 280
 Operação de furúnculos de Freud,
 334-335, 336
 Operações no nariz, 48n, 114-115, 117,
 118, 122-123, 125, 436
Ver também Eckstein, Emma
 Oppenheimer, C., 415n
 "O Quadro de Sigmorelli", 329, 328
 Organoterapia, 199, 200n
 Origins of Psycho-Analysis, 11-12, 33n,
 349n
 Oser, Leopold, 88, 89n
 "Paralisias Cerebrais Infantis", trabalho
 sobre, 33, 129, 141, 147-153 passim, 182,
 192, 194, 196; publicação, 230;
 resenha do, 268

- Palestras na Sociedade de Psiquiatria, 120, 182, 185-186n
 Pal, J., 229n, 232n
 Palolowurm, 342
 Paneth, Betty, 384, 385n
 Paneth, Josef, 17n, 60n, 383n, 384n
 Paracelsus, 349-359n
 Paralisias histéricas, artigo de Freud sobre as, 22-23n, 49, 51, 52. *Ver também* "Paralisias Cerebrais Infantis"
 Paranóia, 107, 249, 391, 430; como neurose de defesa, 109, 110, 111, 112, 113, 160, 163, 168-169, 189, 190, 299; alucinações, 113, 169, 244; idade das lembranças recalcadas na, 189-190, 210; Rieger sobre, 203, 204n; e impulsos, 240, 251
 Paschkis, Heinrich, 98, 108n, 115, 201; respostas de Freud a Lowenfeld em, 124n, 129; palestra sobre histeria escrita para, 191; recomendação para o cargo de professor adjunto por, 232n; e resenha do livro de Fliess, 310, 312, 313
 Passividade sexual, 102, 165, 169, 278
 Pathelin, 349n
 Pensão Viena, 383-384
 Percepções, 208-209
 Pé chato, 34
 Periodicidade, 236; trabalho de Fliess, 3, 175, 179, 200n, 201, 204-205, 234-235n, 255, 267, 283, 358n, 375, 377, 380, 451, 460; trabalho de Freud, 99, 188-189, 210-221 *passim*, 227, 229, 230, 271, 303; anotações sobre a família de Freud, 246-247, 284, 343, 358; Beard sobre, 429; Ellis sobre, 429-430n. *Ver também* Depressão periódica branda; períodos de gestação
 Períodos de gestação, 212, 216-217, 246, 283, 428
 Perversões, 211, 253, 256, 391; neuroses como negativo das, 213, 214, 216n, 228; do sedutor da infância, 213, 214, 219, 220, 265n; e zonas erógenas, 224, 280; do pai de Freud, 231-232, 265. *Ver também* incesto
 Pescara, 337
 Pessoas virgens, angústia das, 79, 81
 Pietsch, Ludwig, 61, 62n
 Pineles Padre, 365
 Posseção, teoria da, 225
 Prazer-desprazer, 101, 142-156 *passim*, 163-170 *passim*, 191, 209-218 *passim*, 281-282, 279
 Pré-consciente, 209, 218
 Predisposição, 163-164, 384; à neurastenia, 40, 41, 94; à neurose de angústia, 43; à melancolia, 92, 93, 94, 101; à paranóia, 109; à histeria, 281. *Ver também* Hereditariedade
 Preyer, Wilhelm Thiery, 45, 46n
Progrès médical, 52
 Projeção, 110-111, 169
 "Projeto de uma Psicologia Científica", 12, 171n, 439n
Prometheus, 394
 Psicanálise, uso do termo pela primeira vez em texto impresso, 171n
 Psicologia clínica, 343
 "Psicologia do Cotidiano", 426, 427, 436. *Ver também* *Psicopatologia do Cotidiano*
 Psicologia infantil, literatura sobre, 278
 "Psicologia para Neurologistas", 128
 Psicomitologia, 287
 Psiconeuroses, 111, 188, 210, 217, 296, 303; uso do termo em texto impresso pela primeira vez, 171n. *Ver também* Neuroses
 Psicopatas, 94-95n
Psicopatologia da Vida Cotidiana, 370n, 426n, 427n, 431-434 *passim*; e tradução de Charcot, 20n; histórias narradas em, 274n, 416n; publicação, 434, 441, 442, 445; e influência de Fliess, 448, 451, 461, 468
 Psicoses, 15, 113, 190-191, 222-223, 225, 227, 266
Psychopatia sexualis, 468
 Pudicos, angústia dos, 79, 81
 Punição, 251, 252, 274, 346
 Raimann, Emil, 462-463n
 Raymond, Dubois, 280
 Raymond (sucessor de Charcot), 74
 Realização de desejo, 252, 302, 319, 341; nos sonhos, 141, 243, 244, 250, 256, 286, 303, 346, 355; felicidade proveniente da, 295, 354
 Recalcamento, 141, 148, 149, 152n, 194, 346; e desprazer, 163-170 *passim*, 209-210; na neurose obsessiva, 165, 166, 167, 210, 288; na paranóia, 168, 169, 210; na histeria, 169, 210, 247, 249, 275-276; excedente de sexualidade, 188, 190; dos impulsos, 251, 253, 256; das fantasias, 253, 256; bissexualidade e, 274, 292, 449; zonas sexuais e, 280-282; de Freud, 325, 328
 Rechnitzer, Leopold, 337
 Redlich, Emil, 436n

- Representações de palavra, 190, 192, 209, 288-289
- Resistência, 167, 275
- Revue Neurologique*, 64, 170
- Richter, 318-319, 321
- Rie, Alfred, 55n
- Rie, Marianne, 11n, 417n
- Rie Melanie Bondy, 55n, 215, 219n, 299, 302, 350, 447-448; saúde e gestação de, 71n, 278, 284, 296, 349, 415, 425; casamento de, 201; jantares em casa de, 352, 382
- Rie, Norbert, 284, 334, 345, 364, 382
- Rie, Oscar, 4n, 55n, 215, 302, 357, 360, 382, 447-448; viagens de Freud com, 53, 125; casamento de, 201; e as teorias do desenvolvimento infantil de Freud, 230, 235-236; serviços médicos de, 233, 236, 393, 394, 430, 432, 434, 435, 440, 442, 443; e o estado de Melanie, 278, 279, 296, 424; e resenha do livro de Fliess, 313; e Dernburg, 352; e os escritos de Freud, 378, 395, 439; e o cargo de professor adjunto Freud, 424; e o livro de Weininger, 465, 467
- Rie, Oscar II, 355
- Rieger, Conrad, 203, 426
- Roma, 286, 333, 347, 369, 450
- Romance familiar, 249, 318-319
- Rosanes, Ignaz, 117-118, 119n, 125, 126
- Rosenberg, Ludwig, 55
- Rosenthal, Moriz, 132, 133n
- Ruths, Christoph, 376, 377n
- Ry (crítico), 310, 311n
- Sablick, K., 20n
- Sachs (aluno de Wernicke), 153
- Sachs, Hans, 287, 288n
- Sajner, Josef, 271n
- Schauta, Friedrich, 114, 116n
- Scheinmann, J., 55-56n, 63
- Schenk, Samuel Leopold, 298, 313, 314n
- Schiff, Arthur, 299n, 344; e teorias nasais de Fliess, 298, 382, 433, 436-437n; e Gretel Breuer, 378, 382, 405n
- Schiller, Friedrich von, 133n, 299n, 353
- Schleswig-Holstein, Duque Günther von, 139
- Schliemann, Heinrich, 354, 355n
- Schnitzler, Arthur, 51n, 55n, 349-350n, 408n
- Schnitzler, Johann, 51
- Schnitzler, Julius, 51n, 55n
- Schönauf, Walter, 207n, 428n
- Schröter, Michael, 46n, 55n, 459n; sobre interpretação de textos, 30n, 48n, 64, 148n, 187n, 370n; nomes identificados por, 31n, 88n, 391n; sobre escritos de Fliess, 129n, 143, 343n
- Schröter Ritter von Kristelli, Leopold, 51, 52n, 59, 60n
- Schüler, Arthur, 227n
- Schur, Max, 6n, 183n, 227n; traduções de, 12, 60n, 118-119n, 319-320n; e o sonho "perdido", 317n, 319-320n
- Schweninger, Dr., 300, 301n
- Sedução na infância, 170n, 414n; real, 43, 149, 213-232 passim, 238-239, 241n, 243n, 246n, 253, 264, 280-282, 287, 288n, 303n, 330, 412n; fantasiada, 226n, 265-266, 333n, 339, 341-343, 414n. *Ver também* Fantasias; Perversões
- Senilidade acústica de Freud, 326
- "Sexo e Imodéstia", 469
- Sexuelle Osmoseologie*, 420
- Shakespeare, William, 128n, 252, 253n, 394; *Hamlet*, 266, 273-274, 278, 282
- Siebert (amigo de Fliess), 236
- Sigmund Freud, *Aus den Anfängen der Psychoanalyse*, 11, 12n, 333n
- "Significado das Primeiras Descobertas de Freud", 11n
- Signorelli, Luca, 328, 329, 338
- Simplissimus*, 371-372
- Sinistrismo, 292, 293-294, 295-296, 297n, 332, 437, 466-467
- Sintomas gastrointestinais de Freud, 277, 450
- "Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Históricos", 37n
- Sociedade Filosófica, 438
- Sociedade de Psiquiatria e Neurologia de Viena, 121, 182, 184-185n
- Sociedade Vienense de Medicina, 20n, 26n
- Sonambulismo, 231
- Sonho de angústia, 446
- Sonhos de enxaqueca, 306
- "Sonho e Conto de Fadas", 445
- "Sonhos e Histeria", 433, 434, 435, 439, 443
- Sonhos, 339, 392-393, 446; como realizações de desejos, 141, 243, 244, 250, 255, 285, 303, 346, 355; aulas de Freud sobre, 186, 287, 291; de Anna, 277, 366; enxaqueca, 306; de Nansen, 324n; escola de Freud, 358; de Robert Fliess, 365, 367n, 369; premonitórios, 383; de Gomperz, 389n, 390; ensaios de Freud sobre, 399, 409, 416, 423, 428, 433, 434, 435, 439, 443

- Sonhos de Freud: sonho "perdido", 10, 316, 317n, 318, 320n, 364; da injeção de Irma, 55n; com primeira apreensão dos processos psicológicos, 135, 420; após a morte do pai, 203, 391; relacionados com Fliess, 237-238, 285-286, 375, 440; sobre Mathilde, 250; sobre experiências infantis, 270-271, 272-273; sobre cargo de professor adjunto, 300, 305; da "Monografia de Botânica", 308n; sobre o tratamento de E., 392; sobre a palestra sobre o *Fecondité*, 411
- Songs of Many Wars*, 55n
- Stahl, Reinhold, 6, 7, 9
- Stampfl, Peter, 227n
- Stern, W., 456n
- Sterne, Carus, 394
- Stolzing, Walthen von, 288n
- Strachey, James, 17n, 25n, 317n, 439n, 458-459; traduções de, 12, 37n, 44n, 226n; 249n, 267n
- Stricker, Salomon, 308
- Strümpell, Adolf von, 171, 171n, 172
- Subjugação do ego, 165-166, 169-170, 223
- Substituição, 111, 166
- Sugestão, 17, 22, 24, 25-26n
- Suloway, Frank J., 171n, 200n, 204n
- Superstição, 425-426
- Swales, Peter, 30n
- Swoboda, Hermann, 462, 463, 464, 465, 467, 468
- Symptomatologie und Therapie der nasogenen Reflexneurosen*, 401-402
- Tag, 440, 441n
- Taine (autor), 173
- Taylor, A. J. P., 371n
- Teleky, Dore, 415
- Teleky, Ludwig, 227n
- Teorias e experimentos sobre o nariz, 116, 126, 132, 162-163, 280; de Fliess, 4, 45-51 passim, 64, 71n, 97n, 113-132 passim, 142, 173, 174-175, 226, 257, 311n, 382; no *Progrès médical*, 52; sobre Scheinmann, 55-56n; Breuer e, 114, 115, 130-131; de Hagen, 419. *Ver também Beziehungen zwischen Nase und weiblichen; Cocaína*
- Teoria sexual, 383, 384, 388, 391, 399; no relacionamento (geral)
Freud-Fliess, 4, 173; Charcot e, 25n; Breuer e, 131, 152; Binswanger e, 219; escritos de Freud, 380, 390, 465, 468, 469. *Ver também Etiologia sexual das neuroses*
- Teoria Sexual e Angústia*, 390
- Thomas, Th., 25n
- Thorsch, Ernestine, 457
- Thumsee, 444-445, 448
- Tilgner, Victor, 182, 183n
- Tiques, 131, 193, 223
- "Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade", 465, 468
- Tuberculose, 344
- Twain, Mark, 300
- Über den ursächlichen Zusammenhang von Nase und Geschlechtsorgan*, 452n
- Umschau, 415
- Urteilsfunktion, 130
- Vergonha, 163, 165, 166, 167, 280, 281, 329-330
- Vícios, 288
- Vida sexual, 66, 149, 152n, 166-167, 217, 341-342, 391; de Freud, 54, 277, 426; periodicidade, 99, 188-189, 210-218 passim, 303; Ellis sobre, 339
- Viena: horror de Freud a, 315, 327, 337, 338, 403, 410; reação ao livro dos sonhos em, 393
- Vierundzwanzigste Februar*, Der, 371
- Villaret, Albert, 18n, 22, 24
- Violência sexual na infância, *ver* Sedução na infância
- Virgílio, 33n, 207
- Vogel, Paul, 18n, 22n
- Warda, W., 411-412
- Weil, Moriz, 59-60, 124, 126, 127n, 436n
- Weininger, Otto, 464, 465, 466, 467, 468, 469
- Werner, Z., 373n
- Wernicke, Carl, 28-29n, 48n, 153n, 203n, 268, 329, 411, 434
- Wertheim, Ernst, 233n
- Werther, 252
- Wiener allgemeine Zeitung*, 113
- Wiener klinische Rundschau*, 97n, 98n, 310, 311-312
- Wiener medizinische Presse*, 37n
- Wiener Zeitung, 456, 458
- Winternitz, Wilhelm, 26n, 447
- Zajic, Monika, 271n
- Zeit, 395, 396n, 397, 409
- Zeitschrift für Psychologie und Physiologie der Sinnesorgane, 268, 455
- Zens, 446
- Ziehen, Theodor, 28n, 329, 332, 354, 434, 440
- Zilboorg, Gregory, 25n
- Zola, Émile, 299, 411, 412n
- Zonas erógenas, 213, 224, 280, 281-282
- Zonas sexuais, 213, 224, 280, 281-282

Este livro contém 538 páginas compostas e
impressas nas oficinas gráficas da
IMAGO EDITORA IMPORT. EXPORT. LTDA.
Rua Santos Rodrigues, 201-A
Rio de Janeiro — RJ

ção dos colegas de ciência e vivenciar seu isolamento profissional. À medida que a amizade com Fliess cresce e se aprofunda, os dois homens se encontram periodicamente para trocar idéias e apoiar-se mutuamente em seus esforços. Freud se volta cada vez mais para o amigo enquanto “platéia de uma só pessoa”, mas, no final, é desdenhado também por Fliess.

Entremeados nas atividades intelectuais de Freud acham-se trechos referentes aos acontecimentos do cotidiano — as artimanhas de seus filhos, suas férias de longas caminhadas, suas preocupações financeiras e seus esforços para deixar de fumar. Nenhuma biografia conseguiria retratar tão integralmente o homem multifacetado que ganha vida no texto dessas cartas.

Jeffrey Moussaïef Masson é ex-Diretor de Projetos dos Arquivos Sigmund Freud. Suas publicações anteriores incluem *The Assault on Truth*.

Foto da capa posterior: Sigmund Freud e Wilhelm Fliess na década de 1890 (cortesia de Sigmund Freud Copyrights).



Viena, 4 de março de 1895

Caríssimo Wilhelm,

Deixei-o sem resposta por um tempo exorbitantemente longo; agora, muitas coisas se acumularam. Para começar, a fotografia: foi a única foto digna de consideração. Já a encomendei. Bonitos é que não somos (ou não somos mais), porém meu prazer em tê-lo bem a meu lado depois da operação transparece claramente.